Eder Luis Monegat

AÇÃO LITÚRGICA E O MATRIMÔNIO COMO SÍMBOLO DO AMOR DE DEUS E DO AMOR HUMANO

EM DIÁLOGO COM ROMANO GUARDINI E COM PAPA FRANCISCO

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Sampaio Costa

Coorientador: Prof. Dr. Washington Paranhos

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2026

Eder Luis Monegat

AÇÃO LITÚRGICA E O MATRIMÔNIO COMO SÍMBOLO DO AMOR DE DEUS E DO AMOR HUMANO

EM DIÁLOGO COM ROMANO GUARDINI E COM PAPA FRANCISCO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Sampaio Costa

Coorientador: Prof. Dr. Washington Paranhos

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Monegat, Eder Luis
M742a Ação litúrgica e o matrimônio como símbolo do amor de Deus e do amor humano: em diálogo com Romano Guardini e com Papa Francisco / Eder Luis Monegat. - Belo Horizonte, 2026.
405 p.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Sampaio Costa.
Coorientador: Prof. Dr. Washington Paranhos
Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Liturgia. 2. Matrimônio. 3. Guardini, Romano. 4. Francisco, Papa. I. Costa, Alfredo Sampaio. II. Paranhos, Washington da Silva. III. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. IV. Título.

CDU 264

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

Eder Luís Monegat

AÇÃO LITÚRGICA E O MATRIMÔNIO COMO SÍMBOLO DO AMOR DE DEUS E DO AMOR HUMANO

EM DIÁLOGO COM ROMANO GUARDINI E COM PAPA FRANCISCO

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 20 de outubro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alfredo Sampaio Costa / FAJE (Orientador)

Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos / FAJE (Coorientador)

Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque / FAJE

Prof. Dr. César Andrade Alves / FAJE

Documento assinado digitalmente
gov.br CESAR AUGUSTO KUZMA
Data: 28/10/2025 08:49:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. César Augusto Kuzma/ PUC PR

Documento assinado digitalmente
gov.br CREOMENES TENORIO MACIEL
Data: 21/10/2025 12:03:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Creômenes Tenório Maciel / UNICAP

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela fé, pela vida, pela família e pelo sacerdócio. Um agradecimento especial a minha mãe, Inês Brunetto Monegat, que sempre me incentivou nessa caminhada. Também, um agradecimento a Marianne Sobreira, pelas considerações e correções pertinentes no texto. Uma lembrança aos amigos e familiares que motivaram na caminhada do doutorado, os quais já gozam da presença de Deus.

Agradeço em especial ao Prof. Dr. Alfredo Sampaio e ao Prof. Dr. Washington Paranhos, meus orientadores, pela paciência e prontidão no acompanhamento da pesquisa. Também, agradeço à FAJE por ter-nos dado a oportunidade de fazer o doutorado em teologia. Sempre me senti apoiado e acompanhado pela Instituição.

Obrigado, ainda, a todos que rezaram ou contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento desta obra. De modo carinhoso, aos paroquianos da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe em Brasília. Aprendo muito, antes como Vigário Paroquial e agora como Pároco, a colocar esses escritos do matrimônio e da família em prática.

Por fim, agradeço a minha Congregação dos Legionários de Cristo, em particular a minha Comunidade Religiosa em Brasília, que me apoiou nessa iniciativa acadêmica. Sou grato, também, aos membros leigos da Federação *Regnum Christi*, minha família espiritual, que contribuíram com exemplo e testemunho de vida matrimonial e familiar.

"*Devemos dar-nos conta de quão profundamente ainda estamos enraizados no individualismo e no subjetivismo, de até que ponto nos desabituamos do apelo das grandezas e de como é pequena a medida da nossa vida religiosa. Deve despertar-se de novo o sentido do alto estilo da oração, a vontade de implicar também nela a nossa existência. Mas o caminho para estas metas é a disciplina, a renúncia a um sentimentalismo mole; um trabalho sério, feito em obediência à Igreja, em relação com o nosso ser e com o nosso comportamento religioso*" (Romano Guardini - DD, n. 50).

RESUMO

Pesquisa de Doutorado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia na área de concentração: Teologia Sistemática, com a temática da linha de pesquisa interpretação cristã no horizonte atual. Objetivo desta pesquisa é a apresentação e análise do rito aprovado pela Igreja para a celebração do matrimônio sem missa e algumas apreciações referentes ao seu uso dentro da missa presente no Ritual do Matrimônio. Pretende-se oferecer um caminho a todos os que lidam com a preparação do sacramento do matrimônio e sua celebração litúrgica, contribuindo com a formação litúrgica e uma reflexão da prática pastoral a partir do que o Ritual apresenta. Também, seguir dando a conhecer o autor Romano Guardini, principalmente as suas noções de liturgia e ética, que chegaram às reflexões do Papa Francisco. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica. Na seção do sacramento, seus efeitos e da sacramentalidade do matrimônio serão abordados os documentos da Igreja e também alguns autores de relevância. Na parte histórica, serão analisados alguns livros, que mostram a conservação das propriedades e dos bens do matrimônio ao longo do tempo, enfatizando a celebração matrimônio. Na parte sacramental do rito, a pesquisa descreverá o Ritual do Matrimônio, e sua teologia, às vezes, pouco conhecida, especialmente na celebração no matrimônio sem Missa; Romano Guardini estará presente com alguns trechos do livro - *Os sinais sagrados* - neste capítulo e no seguinte. Na parte da formação litúrgica e o matrimônio propõe o diálogo entre Romano Guardini os escritos - *O Espírito da Liturgia* e *Formação Litúrgica* - e o Papa Francisco com - *Desiderio Desideravi*, ambos preocupados com a formação litúrgica para o Povo de Deus. No capítulo sobre o caminho do catecumenato se falará sobre a preparação e vivência do matrimônio, e assim, serão tocados os elementos do Magistério da Igreja, em concreto - *Amoris Laetitia* e *Itinerários catecumenais para a vida matrimonial* - unindo aos conceitos de Guardini, sobre a ética d*As idades da vida* humana.

PALAVRAS-CHAVES: Liturgia. Matrimônio. Símbolo. Comunidade. Acompanhamento.

ABSTRACT

This is a Doctoral research project in Theology from the Jesuit Faculty of Philosophy and Theology, specializing in Systematic Theology, focusing on Christian Interpretation in the Current Horizon. The objective of this research is to present and analyze the rite approved by the Church for the celebration of marriage, found in the Rite of Marriage, celebrated without Mass, with some considerations regarding its use within the Mass. The aim is to offer a study to all those involved in preparing for the sacrament of marriage, as well as its liturgical celebration, to contribute robustly to liturgical formation based on what the Ritual genuinely presents, thus fostering reflection on pastoral practice. Furthermore, it aims to further promote the knowledge of the author Romano Guardini, revived by Pope Francis, especially his notions of liturgy and ethics, applying them to marriage and the family. The methodology used will be bibliographical research. The section on the sacrament and its effects and the sacramentality of marriage will cover Church documents and some relevant authors. The historical section will analyze several books that demonstrate the preservation of matrimonial properties and assets over time, with an emphasis on the celebration of marriage. In the sacramental part of the rite, the research focuses on the Rite of Marriage and its theology, which is sometimes little known, especially in the celebration of marriage without Mass. In the section on liturgical formation and marriage, the writings of Romano Guardini - The Spirit of Liturgy and Liturgical Formation - and also of Pope Francis - Desiderio desideravi - will be analyzed. The chapter on the journey of the matrimonial catechumenate will discuss the preparation for and experience of marriage, and thus, elements of the Church's Magisterium will be touched upon, specifically - Amoris Laetitia and Catechumenal Itineraries for Married Life - combining them with Guardini's concepts on the ethics of the ages of human life.

KEYWORDS: Liturgy. Marriage. Symbol. Community. Accompaniment.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Cor = Primeira Epístola aos Coríntios

1Jo = Primeira Epístola de São João

1Pd = Primeira Epístola de São Pedro

1Tim = Primeira Epístola a Timóteo

1Ts = Primeira Epístola aos Tessalonicenses

2Cor = Segunda Epístola aos Coríntios

AA = Apostolicam Actuositatem

AL = Amoris Laetitia

Ap = Apocalipse de São João

CB = Cerimonial dos Bispos

CCIO = Código dos Cânones das Igrejas Orientais

CDC = Código de Direito Canônico

CDSI = Compêndio da Doutrina Social da Igreja

ChV = Christus Vivit

CIC = Catecismo da Igreja Católica

Cl = Epístola aos Colossenses

CNBB = Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Ct = Cântico dos Cânticos

DCE = Deus Caritas Est

DD = Desiderio Desideravi

DH = Denzinger-Hünermann

DHo = Diretório Homilético

DLFV = Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

DP = Dignitas Personae

Dt = Deuteronômio

DV = Dei Verbum

Ec = Eclesiastes

Eclo = Eclesiástico

EE = Ecclesia de Eucharistia

Ef = Epístola aos Efésios

EG = Evangelii Gaudium

EO = Ecclesia in Oceania

EV = Evangelium Vitae

Ex = Êxodo

Ez = Ezequiel

FC = Familiaris Consortio

Fl = Filipenses

GE = Gravissimum Educationis

GExt = Gaudete et Exsultate

Gn = Gênesis

GS = Gaudium et Spes

GSa = Gratissimam Sane

He = Hebreus

HV = Humanae Vitae

IGLH = Introdução Geral da Liturgia das Horas

IGMR = Instrução Geral do Missal Romano

IL = Introdução ao Lecionário

Jo = Evangelho de João

Jr = Jeremias

Lc = Evangelho de Lucas

LG = Lumen Gentium

LF = Lumen Fidei

Mc = Evangelho de Marcos

MD = Mediator Dei

MR = Missal Romano

MS = Musicam Sacram

Mt = Evangelho de Mateus

OCM = Ordo Celebrandi Matrimonium

Os = Oséias

PCF = Pontifício Conselho para a Família

PR = Pontifical Romano

Pr = Provérbios

RB = Ritual do Batismo

RDIA = Ritual de Dedicação de Igreja e de Altar

RM = Ritual do Matrimônio

RPr = Ritual da Profissão Religiosa

Rm = Romanos

RS = Redemptionis Sacramentum

SC = Sacrosanctum Concilium

SCa = Sacramentum Caritatis

Sl = Salmos

Tb = Tobias

VC = Vita Consecrata

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17

1. CASAR-SE "NO SENHOR": SACRAMENTALIDADE DO MATRIMÔNIO 30

1.1 Definição de sacramento e seus efeitos 32

1.2 O sacramento do matrimônio 36

1.3 Unidade e indissolubilidade matrimonial 51

1.4 Matrimônio e família: vocação e realização do amor 55

1.5 Espiritualidade conjugal e familiar no amor 60

1.6 Sexualidade matrimonial 67

1.7 Educação dos filhos 76

2. PERCURSO HISTÓRICO DO MATRIMÔNIO 83

2.1 Matrimônio na criação: intervenção de Deus 84

2.2 Matrimônio no Novo Testamento: Jesus e Paulo 89

2.3 Matrimônio na Igreja Antiga 95

2.4 Matrimônio na Idade Média 101

2.5 Matrimônio na Idade Moderna: a forma canônica 105

2.6 Matrimônio na Época Contemporânea 113

3. A CELEBRAÇÃO DO MATRIMÔNIO: ANÁLISE DO RITO E SUA TEOLOGIA 122

3.1 Ritos Iniciais 133

3.1.1 Procissão de Entrada 135

3.1.2 Sinal da cruz e saudação ao povo 140

3.1.3 Alocução aos noivos e aos presentes 143

3.1.4 Oração do dia ou Oração coleta 145

3.1.5 Considerações sobre o ato penitencial e o Glória 146

3.2 Liturgia da Palavra 147

3.2.1 Primeira leitura 150

3.2.2 Salmo responsorial 152

3.2.3 Segunda leitura 154

3.2.4 Aleluia e versículos antes do Evangelho 157

3.2.5 Evangelho 159

3.2.6 Homilia 162

3.3 Rito sacramental do matrimônio 163
3.3.1 Alocução aos noivos 164
3.3.2 Diálogo antes do consentimento 166
3.3.3 Consentimento 166
3.3.4 Aceitação do consentimento 169
3.3.5 Bênção e entrega das alianças 170
3.3.6 Preces dos fiéis 175
3.3.7 Benção nupcial 176
3.3.8 Sagrada Comunhão 180
3.3.9 Oração após a Comunhão 182
3.3.10 Conclusão da celebração 184
3.2.11 Bênção dos esposos e do povo no fim da celebração 184
3.3.12 Assinatura da ata 188
4. A FORMAÇÃO LITÚRGICA E O MATRIMÔNIO 191
4.1 Matrimônio e ética em Romano Guardini 193
4.2 Liturgia: o lugar do encontro com Cristo na vida conjugal litúrgica 211
4.3 Liturgia: sacramento do corpo de Cristo e a importância de permanecer com Cristo na vida matrimonial 216
4.4 Sentido teológico da liturgia para o matrimônio 223
4.5 A liturgia como antídoto contra o veneno da mundanidade espiritual que ataca o matrimônio e a família 228
4.6 Redescobrir a cada dia a beleza da verdade da celebração litúrgica na vivência matrimonial 236
4.7 Assombro pelo mistério pascal no matrimônio: parte essencial do ato litúrgico 240
4.8 Implicações pastorais para o matrimônio e a liturgia 245
4.8.1 A importância de uma séria e vital formação litúrgica para uma autêntica vida conjugal……..245
4.8.2 Aprender da *Ars celebrandi* a celebrar o matrimônio……...259
5. INICIAÇÃO AO MATRIMÔNIO: UM CATECUMENATO MATRIMONIAL..... 278
5.1 O que é um novo caminho catecumenato matrimonial? 283
5.2 Fase pré-catecumenal: preparação remota 297
5.3 Fase intermediária: acolhimento dos candidatos 313
5.4 Fase catecumenal 319
5.4.1 Primeira etapa: preparação próxima 322
5.4.1.1 Encontros de preparação dos noivos para o matrimônio 332

5.4.2 Terceira etapa: os primeiros anos de vida matrimonial..... 355
5.5 Acompanhar os casais em crise 367
CONCLUSÃO 380
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 389

INTRODUÇÃO

Ação litúrgica e o matrimônio devem ser símbolo do amor de Deus e do amor humano. É interessante pensar: *Como poderemos observar concretamente essa interrelação entre esses binômios ação litúrgica/ o sacramento do matrimônio e o amor de Deus/ o amor humano*?

Sem dúvida, isso acontece por meio de ritos, símbolos e gestos que existem durante a celebração religiosa. Essa cerimônia eleva o amor humano ao plano divino, tornando-se um sinal visível da aliança indissolúvel entre Cristo e a Igreja. A celebração como manifestação da aliança divina e humana. A liturgia, enquanto celebrações e ritos, preza para que o casal e os filhos façam uma autêntica experiência do amor de Deus, e depois, se amem cada vez mais. O amor de Deus e o amor humano devem caminhar juntos no matrimônio e na família. Deus há de se fazer presente na vida do casal e dos filhos.

Assim, faz-se necessário destrinchar o passo a passo do que acontece na celebração abordando desde o momento do rito da entrada, consentimento mútuo, bênção nupcial, a liturgia da Palavra, a Eucaristia, sacramento do corpo de Cristo (a Comunhão fortalece a união dos noivos com Cristo e entre si).

Com esse percurso do rito e a teologia, o objetivo é colocar a importância da conscientização dos nubentes sobre o significado da celebração para que assumam a vivência de tudo que acontece nesse momento. Ir além de algo meramente formal e passar a vivenciar o dom que recebem de Deus. É interessante dizer que a celebração é um momento que se reverbera acontecendo a vivência do amor divino no cotidiano do casal.

Em outras palavras, a ação litúrgica não se restringe à cerimônia, ultrapassa os átrios e, estende-se à vida diária do casal, onde o amor humano reflete o divino. A família é chamada de ‘Igreja doméstica’, o lugar onde o amor de Deus é vivido e transmitido aos filhos. Tarefas cotidianas, como cuidar dos filhos, apoiar-se mutuamente nas dificuldades e perdoar, são transformadas em oferendas de amor abençoadas por Deus.

Faz-se a Comunhão de amor, onde há uma experiência de amor, na qual os esposos se doam mutuamente, como a Trindade se doa em amor e unidade perfeita. Esse amor, fortalecido pela graça sacramental, leva o casal a uma busca contínua pela santidade. Amor fiel e fecundo: a união indissolúvel e aberta à fecundidade é um aspecto central que espelha o amor de Deus.

Ao estarem abertos à vida e educarem seus filhos na fé, os cônjuges participam da obra criadora de Deus. Dessa forma, o casamento na tradição cristã é uma ação litúrgica que santifica a união humana, mas também a vivência cotidiana dessa união, que se torna um constante sinal

do amor de Deus para o mundo. Escolhemos dois autores para dialogar sobre liturgia e matrimônio: Romano Guardini e Papa Francisco, ambos com contribuições e conceitos valiosos.

Um dos autores nesse dialogar é Romano Guardini (1885-1968) que ajudou a renovar o conceito de Liturgia, sendo um nome emblemático do Movimento Litúrgico. Sem dúvida, foi um fenômeno eclesial e histórico-cultural, em ordem a tornar eficaz a ação da Igreja no mundo e a mover cada cristão a uma participação no mistério de salvação realizado plenamente em Cristo. Um dos maiores teólogos de sua geração cuja reflexão nos mais variados campos exerceu influência direta sobre o magistério de Bento XVI e sobre o de Francisco.

A figura de Guardini, porém, ultrapassa as fronteiras da confessionalidade católica. Pensador de grande envergadura, ele se debruçou também sobre temas ligados à antropologia, à educação e à arte, compondo uma obra ao mesmo tempo vasta e permeada de uma profunda unidade. No campo da liturgia, suas principais obras que iremos dialogar são: no aspecto litúrgico - *O Espírito da Liturgia*, Formação Litúrgica e Os sinais sagrados; no campo ético, se falará de um trecho do livro que reflete sobre o matrimônio - *Ética: lecciones en la Universidad de Múnich* - e principalemente, - *As idades da vida*: o seu significado ético e pedagógico.

Algumas considerações sobre o livro - *O Espírito da Liturgia* (1942) traduzido do original - em alemão - *Der Geist der Liturgie (*1918) que é uma das obras mais influentes do teólogo Romano Guardini. No livro se trata da natureza da liturgia, onde a religiosidade não é somente subjetiva, mas objetiva, que pertence à Igreja como comunidade; nela, a presença de Deus interage com as pessoas e não apenas rito externo a se cumprir. No livro se aborda a ação simbólica, destacando o papel dos símbolos e gestos na liturgia, comunicando assim verdades profundas e não meras palavras; isso exige uma disposição interna para acolher essas verdades. Também, no livro se comenta sobre a centralidade de Deus; a liturgia não se trata de uma construção humana, mas, de uma resposta livre e consciente à salvação de Cristo. Guardini defende que a liturgia não é o rito pelo rito, vazio, mas uma ação formadora da pessoa, que integra as diversas dimensões da vida humana. Nesse aspecto está alinhado com o que o Papa Francisco fala de uma fé vivenciada e engajada, que se manifesta na vida cotidiana e não se restringe apenas ao templo. É o sair dos átrios da igreja, é o colocar em prática a liturgia, é a pessoa se formando pela liturgia, a igreja em saída, implicando num dinamismo missionário em lugar de um modelo estático e autocentrado. Por fim, nesse livro se fala da beleza e ordem na liturgia são tratadas; deve existir uma harmonia nos ritos, na música e na arquitetura, de modo

que a alma se possa elevar a Deus. Francisco fala da *ars celebrandi* em *Desiderio desideravi* (2023) reforçando o pensar de Guardini.

Outro livro de Guardini que iremos tratar é - *Formação Litúrgica* (2023). Em 1923, um teólogo de 38 anos publicava um ensaio que marcaria a história da liturgia desde então, tanto que, quase cem anos depois, o Papa Francisco retomou-o como referência fundamental ao escrever a carta apostólica *Desiderio desideravi*, sobre a formação litúrgica. Francisco não apenas faz citações de Guardini, no entanto, houve uma influência na sua abordagem teológica e sua visão da realidade. A influência guardiniana juntamente com a formação de jesuíta o levou a uma abordagem hermenêutica e exegética diferenciada, podendo ser notada nas obras do Papa que serão utilizadas nesse trabalho. Francisco destaca ainda que a prática dos gestos e atitudes litúrgicas alinha o fora e o dentro, onde tanto o corpo quanto a alma se envolvem na celebração. O tema, que consta no cabeçalho do documento, remete diretamente ao texto centenário do pensador ítalo-alemão Romano Guardini, *Liturgische Bildung* (1923), no original alemão.

O interesse de Guardini, que dedicou sua vida ministerial ao acompanhamento dos jovens, era outro, ou seja, entender como a liturgia pode atuar na formação do ser humano. Numa época em que a espiritualidade se caracterizava por um intimismo desencarnado enquanto a liturgia era entendida como um cerimonial puramente externo associado a algumas explicações abstratas, Guardini defendeu a unidade do ser humano em sua delicada articulação entre corpo e interioridade e em sua relação com o mundo ao seu redor. Compreendeu, assim, a força da ritualidade, uma linguagem para a qual o homem moderno tinha se tornado analfabeto. Novamente, os dois autores dialogam, pois Francisco consegue absorver os conceitos apresentados por Guardini ressaltando que uma celebração que não conduz à evangelização não é autêntica.

No livro - *Os sinais Sagrados* (1993) - Romano Guardini explora o significado profundo dos símbolos e gestos litúrgicos na experiência religiosa do católico. Ele argumenta que esses sinais, como o sinal da cruz, a água benta e o incenso, não são simples formalidades, mas expressões da verdade divina que ajudam a encaminhar o homem a Deus. É uma visão diferenciada onde o sagrado não se restringe aos espaços e celebrações litúrgicas, vai além é o permear na existência cristã. Os sinais sagrados na liturgia refletem a crença que Deus se manifesta na concretude do dia a dia, não se restringe a uma realidade, atingem a todos até mesmo nas mais simples e humildes realidades, como na vida dos pobres, cuja preocupação de Franciso se faz notar. Guardini matiza a importância de uma compreensão simbólica da liturgia, na qual a ação litúrgica se torna um meio de interação com o sagrado. Assim, percebe-

se uma integração entre o espiritual e o material, e a sacralidade da vida. Essa visão mexe com a abordagem pastoral de Francisco, em que deseja uma teologia mais envolvida com as realidades sociais e culturais dando atenção aos mais vulneráveis, destinatários preferenciais da ação evangelizadora.

Um livro de destaque sobre a ética do matrimônio que usaremos será - *Ética: lecciones en la Universidad de Múnich* (1999), mesmo que seguiremos a versão de 2010 citada no texto. Publicado originalmente em duas partes (1993 e 1995). A preocupação com as questões éticas está presente em toda a vida e obra de Guardini, que sempre colocou seus melhores dons a serviço da formação ética dos jovens, desde seus primeiros escritos curtos para associações juvenis até suas últimas palestras universitárias em Munique. Este é o trabalho que agora é disponibilizado aos leitores espanhóis (a tradução do espanhol ao português é nossa). Sua ideia central vem dos anos de ensino em Bonn (1920-1922) e foi desenvolvida durante a frutífera permanência em Berlim (1923-1943). A exposição concreta e detalhada foi forjada em Tübingen (1945-1948) e em Munique (especialmente durante 1950-1962).

Outro livro de Guardini como referência será - *Idades da vida*: o seu significado ético e pedagógico (1990). Publicado originalmente em 1958. O conceito das - *Idades da vida* - é uma reflexão filosófico-teológica sobre as diferentes fases da existência humana, tanto do ponto de vista biológico quanto espiritual e existencial. Guardini propõe que cada etapa da vida tem seu valor próprio, suas tarefas e sentidos específicos, sendo todas importantes no desenvolvimento da pessoa. Guardini trata essas idades não apenas como fases cronológicas, mas como experiências existenciais. Ele destaca que cada etapa tem seu próprio valor diante de Deus, e que a maturidade espiritual envolve aceitar e viver cada fase com profundidade.

O outro autor não menos importante que manteremos o dialogar é Jorge Mario Bergoglio - Papa Francisco (1936-2025). Iremos captar seus conceitos como Papa Francisco, como guia da Igreja católica. Estudou e diplomou-se em Engenharia Química. Pertence à Ordem religiosa dos Jesuítas. Possui licenciatura em Filosofia e doutorado em Teologia. Foi Pároco e Provincial dos Jesuítas. Bispo auxiliar e Arcebispo de Buenos Aires (Argentina). Também foi escolhido Cardeal da Igreja. Como Papa, seus principais documentos relacionados ao matrimônio, família e liturgia: Exortação apostólica *Amoris Laetitia* (2016). Carta apostólica *Desiderio desideravi (*2023). Itinerários catenumenais para a vida matrimonial (2022), prefácio do Papa Francisco.

Iremos interagir com a obra - *Amoris Laetitia: o amor na família. Amoris Laetitia* - a alegria do amor - é uma exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco, 19 de março de 2016, dedicada à família cristã. Sua elaboração foi fruto de um processo sinodal longo,

marcado pela escuta global da Igreja e por debates intensos sobre a pastoral familiar. *1º Sínodo - Extraordinário (2014)* cujo tema: *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização (Relatio synodi).* Grande escuta das Igrejas particulares do mundo inteiro (através de questionários enviados às dioceses), onde surgem temas delicados como: separações, recasados, coabitação, ideologia de gênero, educação dos filhos. Também, *2º Sínodo - Ordinário (2015)* cuja tema: *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo (Relatio finalis).* Nesse, com base no Relatório final de 2014, discutiu-se o acompanhamento pastoral, o discernimento e a integração de casais em situações irregulares. Papa Francisco participou ativamente, incentivando o diálogo entre fidelidade doutrinal e misericórdia pastoral. É importante dizer o porquê da escolha dessa obra como parte do diálogo de Guardini e o Papa Francisco.

Papa Francisco aborda o sacramento do matrimônio de forma central e aprofundada onde há uma visão antropológica e pastoral. Aborda como Guardini as relações do "Eu-Tu" e a dignidade da pessoa. É importante haver o outro capaz de conhecer, amar e dialogar criando uma vida plena e construindo um mundo harmônico de convivência e respeito. Em *Amoris Laetitia* essa abordagem é realizada tendo como foco a família e o amor vivenciado entre seus membros que constitui uma força para a vida da Igreja e ampliando para a sociedade. Papa Francisco utiliza a ideia de Guardini sobre a diversidade na unidade, ou seja, há um ideal de sociedade ou de Igreja onde cada pessoa é única, mas faz parte um todo coeso.

Outra obra a - *Desiderio desideravi (*2023) - é uma carta apostólica do Papa Francisco, 29 de junho de 2022. Não é um documento que trata especificamente do sacramento do matrimônio em si, mas sim, destaca o sentido da liturgia na vida da Igreja, especialmente à luz da reforma do Concílio Vaticano II. A expressão latina *Desiderio desideravi* vem de Lucas 22,15, onde Jesus diz: "Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes de padecer." A frase expressa o profundo desejo de Cristo de estar unido a nós na Eucaristia. A carta foi publicada um ano após o *motu proprio Traditionis custodes (*2021), no qual o Papa Francisco restringiu o uso da liturgia pré-Vaticano II (Missa Tridentina), reafirmando a centralidade da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II.

É um chamado à unidade e à formação litúrgica do Povo de Deus, não um texto legal, mas pastoral e teológico, voltado a aprofundar a compreensão do mistério litúrgico e a reafirmar a beleza e a importância da liturgia. A *Desiderio desideravi* visa combater dois perigos: Formalismo ritualista**,** que vê a liturgia apenas como um conjunto de normas externas, e outro: Subjetivismo individualista**,** que transforma a celebração em uma performance pessoal. A carta incentiva a formação litúrgica como meio de encontro com Cristo.

Sem dúvida, em ambos os documentos *Amoris Laetitia* e *Desiderio desideravi* é evidente a preocupação de Francisco com a necessidade de uma fé vivida e engajada, que se manifesta na vida cotidiana e não se restringe apenas ao templo.

Mesmo que não se trate diretamente de uma obra do Papa Francisco os - Itinerários catecumenais para a vida matrimonial (2022), tem o prefácio dele. Além do mais, foi o Papa Francisco quem solicitou o texto. A ideia surgiu no contexto da renovação da pastoral familiar impulsionada por diversos documentos do Magistério da Igreja, especialmente a partir do Concílio Vaticano II**.** Essa proposta se desenvolve como resposta às transformações culturais, sociais e religiosas que impactam o matrimônio cristão, propondo uma preparação progressiva, integral e mistagógica dos casais rumo à vida matrimonial.

É importante esclarecer já na introdução o termo mistagógico (a) ou mesmo mistagogo que se repetirá em alguns momentos durante esse trabalho. Tanto Guardini como o Papa Franciso se utilizam desse termo em suas reflexões. Os casais devem ser introduzidos, guiados para aprofundar os Mistérios de Cristo e da fé. Através da vivência da Liturgia e dos sacramentos, perceberão pelos sinais visíveis (ritos, gestos, símbolos) a realidade invisível e transformadora que a graça de Deus os conduz pelos sacramentos. Assim, principalmente, no sacramento do matrimônio, os nubentes receberão e encontrarão um caminho salutar para viverem a vocação e a missão as quais se propuseram assumir. Haverá um conduzir dos noivos para além de um aprofundar intelectual será necessário a experiência do mistério de Deus e de Cristo, que se manifesta na vida diária do casal e da liturgia nas ações litúrgicas. A liturgia é a chave, pois utiliza os próprios ritos, gestos e símbolos da celebração (água, pão, vinho, luz) como meios para desvendar o sentido profundo da fé. Um ‘novo olhar’ que reconhece a presença de Deus nos ritos, gestos e símbolos litúrgicos. Não significa que seja fácil apreender o significado da liturgia. É um caminhar progressivo. Partindo das ações litúrgicas vivenciadas como o mistério celebrado se aplique à vida fora dos átrios da igreja, em seu trabalho, pensamentos, afetos na existência como um todo. Não se pode tratar a liturgia como um evento isolado, mas como uma experiência que dá forma e ritmo em toda existência do cristão.

A seguir, colocaremos um esquema para ilustrar os livros e os autores com quem iremos conversar na tese. Com respeito a Romano Guardini, colocaremos a obra *O Espírito da Liturgia* em português, mesmo originalmente tendo sido escrita em alemão. Sobre o Papa Francisco, além dos seus documentos, colocaremos a obra do Dicastério devido a sua importância, pois foi o próprio Papa que a solicitou e a prefaciou.

A celebração do sacramento do matrimônio cristão resulta do desejo dos noivos cristãos ou, pelo menos de um deles, de viverem o casamento como vínculo e aliança conjugal em

comunhão com a Igreja. É preciso analisar e refletir sobre o matrimônio, pois, a compreensão do matrimônio cristão ultrapassa a dimensão jurídico-contratual da união entre homem e mulher da qual emergem direitos e deveres recíprocos. Assim, essa união entre batizados passa a ser sinal da aliança de Deus com seu povo, de Cristo com sua Igreja, sendo o enlace dos noivos seu sinal sensível no qual são abençoados para serem fecundos na graça do amor que receberam como dom.

Uma hipótese de pesquisa é pensar e preparar a celebração do matrimônio saindo do aparato cerimonial, isto é, de seu aspecto meramente exterior e estético, para mergulhar na linguagem ritual da Igreja por meio da qual se expressa a teologia do sacramento e sua realização. A ideia central é a 'formação pela liturgia'. A própria liturgia ensinando, ou seja, ao participar da ação litúrgica os partícipes da ação litúrgica são moldados e transformados. Quando se vivencia o sacramento com a devida preparação e reverência, a ação litúrgica tem um poder formativo intrínseco. Após vivenciar um sacramento, ninguém pode sair como antes. A graça como efeito do sacramento realiza-se. Pode-se até não ser percebida, mas o Espírito Santo age e flui na existência de cada um. Num diálogo entre Romano Guardini e o Papa Francisco, ambos colocam a importância da formação para e pela liturgia. A formação para a liturgia implica educar os participantes (fiéis, sacerdotes, seminaristas) para os sinais sacramentais, símbolos, gestos e palavras, para que possam apreender a realidade profunda que eles veiculam. Mas não se pode ficar apenas na teoria e no intelectual, é, sem dúvida, uma mudança de olhar, que vai além do que é visto, o sensível, a matéria, é o tocar a alma, o coração. Esse binômio se complementa levando, da superficialidade ao profundo, levando à sabedoria (saber saborear) os mistérios divinos.

Segundo Guardini, o símbolo do amor Deus na liturgia e no amor humano se faz presente através da realidade espiritual manifesta por elementos corpóreos e concretos presentes A liturgia é expressão do amor divino de forma sacramental e ritual. Assim, ao participar dos sacramentos, mais especificamente, no sacramento do matrimônio, abordado nesse trabalho, o casal, ao assumir a graça recebida na ação litúrgica, permanecendo em Cristo, reflete esse amor divino na realidade terrena. Para o Papa Francisco, a liturgia, sobretudo a Eucaristia é símbolo do amor profundo de Deus, que se manifesta e nos leva para o amor humano, concretizado pela doação e pelo servir, o que caracteriza o sacramento do matrimônio como um sacramento de serviço. Por isso há o desencadear de reflexão de *Amoris Laetitia* chegando à obra *Desiderio desiderave.* Afinal, participando e permanecendo na Eucaristia, o casal se configura e se une a Cristo que é o centro desse amor divino e humano. Na visão do pontífice, a liturgia não é apenas

um símbolo, mas espaço e tempo para um verdadeiro encontro com Cristo presente nos sinais sacramentais, que nos conduz a penetrar nos mistérios sagrados.

Enfim, é possível perceber a influência de Guardini sobre o pensar do Papa Francisco em especial em sua compreensão sobre a liturgia e a importância dos símbolos sagrados na vida de fé.

O foco será o sacramento do matrimônio. Não é algo recente a preocupação do Papa Francisco a respeito da formação ao sacramento do matrimônio. Vários discursos feitos pelo pontífice se referem à necessidade sobre a formação antes da celebração do sacramento, mas deve haver uma contínua assistência aos casais mesmo depois da celebração, na vida matrimonial. Perceber a importância da comunidade eclesial presente dando suporte nas necessidades, nas dificuldades, mas também, nos momentos de alegrias, nas diferentes fases da vida conjugal. Desde 2017 o Papa Francisco em seus discursos vem enfatizando o tema. Durante um discurso à Rota Romana, o tribunal de apelação do Vaticano para casos matrimoniais, especificamente, em 30 de novembro de 2019, pode-se destacar a frase exata proferida 'o matrimônio não se improvisa'.

É preciso se preparar. Uma preparação séria e aprofundada que não pode ser reduzida a 'três ou quatro conferências na paróquia', o que seria algo muito superficial, uma simulação. Trata-se de uma vocação para toda a vida e não se deve levar como brincadeira. O amor é para se levar a sério. O Papa usa o termo "catecumenato" para essa preparação, pois existem etapas a serem seguidas, sendo similar ao catecumenato realizado para o batismo. Assim, o trabalho a ser desenvolvido é um processo de reflexão que começa em Exortação apostólica *Amoris Laetitia* (2016), em seguida há um progredir para a Carta apostólica *Desiderio desideravi (*2023) e culmina com o desenvolvimento da prática pastoral em Itinerários catecumenais para a vida matrimonial (2022), texto solicitado pelo Papa Francisco. É, sem dúvida, o agir do Espírito Santo inspirando o Papa Francisco, e simultaneamente, inspirando-nos com o trabalho realizado na tese de doutorado apresentada.

Uma problemática que reside nos tempos hodiernos na sociedade brasileira é pela observação pastoral, na busca pelo casamento no religioso, isto é, pela celebração do matrimônio na Igreja, em não poucos casos, vem carregada de fantasias, desejos pessoais e subjetivos, sonho de casamento de filmes e novelas transportado para o âmbito da celebração litúrgica. Desta forma, constata-se uma tendência a buscar o matrimônio em razão de uma realização pessoal desprovida da consciência eclesial da qual o rito é portador e protetor.

Criou-se uma visão deturpada do sacramento do matrimônio onde as redes sociais e a sociedade como um todo incentivam ser um espetáculo a celebração do matrimônio. A saber,

corre o risco de ser um elemento do dia do casamento para ser visto e apreciado pelas outras pessoas como status, poder e prestígio. Por exemplo, o rito da celebração ganha mais entradas de pessoas (e de animais) e outros elementos ‘criativos’ em nome dos noivos, familiares ou cerimonialistas para ‘embelezar’ e ‘personalizar’ a celebração, além do que o Ritual dispõe. Se o assistente eclesiástico – seja sacerdote, diácono ou leigo autorizado – não ceder aos desejos dos noivos e, às vezes, dos familiares para a ocasião da celebração, os conflitos em torno da celebração surgem e passam a desgastar as relações pastorais e pessoais.

Outra questão dessa visão sobre a celebração pode ser a justificativa de que o dia do casamento é um dia especial para os noivos e que se deve deixar realizar o casamento de seus sonhos. Ora, ao menos idealmente, pode-se dizer que se trata de um dia especial e marcante em sua história de vida. Entretanto, a celebração do matrimônio não pertence aos noivos e nem aos ministros ordenados para que introduzam elementos ‘criativos’ e ‘personalizados’ não condizentes à natureza da celebração litúrgica, como cantos e músicas seculares que os recordem algum momento significativo de sua vida e votos elaborados por eles mesmos para expressar o que um sente pelo outro. Efetivamente, essa mentalidade não expressa a eclesialidade da celebração do matrimônio e sinaliza a fragilidade ou mesmo a ausência de uma catequese que contribua verdadeiramente com a preparação da celebração e forme consciência dos noivos e da comunidade.

Também, a problemática aumenta quando se verifica que o casamento se torna um mercado, impulsionando oferta de serviços profissionais para dar assistência aos noivos, desde a escolha do local, a realização da recepção até mesmo a organização da celebração litúrgica. Um personagem que cada vez mais se destaca na preparação e no andamento das celebrações matrimoniais é o ‘cerimonialista’. Acontece que há grupos de cerimonialistas que não são católicos. Não tendo formação e compreensão da liturgia do matrimônio, preparam folhetos e livretos ordenando a celebração. Leituras bíblicas e orações, muitas vezes, são assumidas pelo assistente oficial em detrimento do que é disposto pelo livro litúrgico. Assim, algumas celebrações tornam-se um verdadeiro show de músicas e desfiles, marcadas por fotografias e reações da ‘plateia’ durante ‘a cerimônia’. Com efeito, será que os noivos e a comunidade presentes mergulham no sacramento da Igreja viverem, por meio dos ritos e das orações, a graça de Cristo que lhes é comunicada? A celebração é verdadeiramente fonte de espiritualidade de seu início ao seu término?

Nesse contexto, é urgente levantar a questão sobre a formação e a própria celebração do matrimônio, pois é um elemento que integra a celebração como um todo e expressa seu caráter festivo. Desse modo se justifica o estudo sobre matrimônio, pois existe uma enorme lacuna na

preparação, celebração e vivência do matrimônio, especialmente no campo concreto da liturgia, onde ele é símbolo do amor de Deus e do amor humano. A pesquisa se torna relevante principalmente aos jovens na preparação e vivência do matrimônio, algo muito caro a Guardini e ao Papa Francisco.

O objetivo desta pesquisa é apresentar e analisar o rito aprovado pela Igreja para a celebração do matrimônio presente no Ritual do Matrimônio, seja na forma celebrada sem missa, seja com algumas apreciações referentes ao seu uso dentro da missa. É necessário enfatizar que o sacramento do matrimônio é um manifestar de Cristo. Não significa apenas uma ação litúrgica, a formalidade de um desejo dos noivos de se apresentarem à Igreja, à sociedade. Mas, sim, é símbolo da manifestação de Deus e o reverberar esse amor na vida do casal, a graça recebida na bênção sacramental.

Sendo o matrimônio um ato sagrado que reflete o amor de Deus pela humanidade, é importante trazer a ideia de sacralidade. A sacralidade da união humana aconteceu desde o momento que Deus se manifestou e a abençoou, dessa forma, se perpetuou nos diferentes momentos da humanidade. Observa-se que o conceito de sacralidade e o de sacramentalidade se misturam muitas vezes, pois sem ter sido formalizado como um rito, o matrimônio já acontecia através de celebrações. Havia nas celebrações a qualidade do sagrado. Porém, com Cristo, Verbo Encarnado, o matrimônio foi instituído como sacramento e o próprio Cristo o delegou à Igreja. A sacramentalidade implica a existência de um sinal (material, visível) que concretiza a ação do Espírito Santo, a realidade espiritual, a graça recebida no sacramento. Pode-se dizer que a sacralidade é o fundamento, enquanto a sacramentalidade é o modo específico que a sacralidade se manifesta como sinal eficaz de salvação e graça especialmente na liturgia e nos sacramentos instituídos por sacramentalidade.

É o amor de Cristo pela Igreja, amor fiel, total e indissolúvel. Na celebração, num ato de fé, o casal se manifesta, há a troca de votos e a bênção nupcial concretizam de forma visível e sensível do amor de Cristo pela Igreja. Nesse ato litúrgico o amor humano é abençoado e consagrado como um reflexo do amor fiel, sacrificial e duradouro de Deus. Sim, os noivos manifestam a vontade de um compromisso por toda a vida, envolvido pela fidelidade, pelo perdão - misericórdia. Enfim, uma demonstração concreta do amor duradouro e sacrificial de Deus.

A delimitação do tema de pesquisa resulta na abordagem teológica de tipo doutrinal, para depois dar uma aplicação fecunda no âmbito pastoral. Quando se fala de doutrina, a abordagem é no Magistério, guiado pela Tradição e pela Sagrada Escritura (incluindo o Ritual aprovado pela Igreja). Ao se falar de pastoral, considera-se a aplicação da doutrina nas questões

práticas das dioceses e paróquias (ou em qualquer âmbito eclesial), de modo especial as pastorais, os grupos, assim como os movimentos de uma paróquia que lidam com o matrimônio e a família.

Com isso, pretende-se oferecer um estudo a todos os que lidam com a preparação do sacramento do matrimônio, bem como de sua celebração litúrgica, para contribuir robustamente com a formação litúrgica a partir do que o Ritual genuinamente apresenta, de modo a fomentar a reflexão da prática pastoral. Também, seguir dando a conhecer o autor Romano Guardini, resgatado pelo Papa Francisco, principalmente, as suas noções de liturgia e ética, aplicando-as ao matrimônio e à família. Desse modo, se propõe um manual de preparação e vivência da celebração do matrimônio para as dioceses, paróquias ou realidades eclesiais.

Na realidade, leigos, sacerdotes, diáconos e bispos precisam de formação no campo matrimonial e familiar. Não serão comentados os dispositivos canônicos para a validade e licitude da celebração, pois, embora sejam relevantes desde a preparação para a celebração, não constituem o propósito desta pesquisa. O foco está, pois, na teologia do rito do matrimônio cristão expressada na celebração, além da formação, preparação e vivência do sacramento do matrimônio.

É preciso ter presente que, ao empreender esse estudo, tratar-se-á das orientações que o rito prescreve. Precisamos questionar e superar uma mentalidade de ojeriza às rubricas que classifica como rubricismo ou farisaísmo a obediência ao rito com suas prescrições para justificar escolhas subjetivas, ideológicas, românticas ou piedosistas, com finalidades ‘pastorais’ quaisquer que sejam. Da mesma forma, é preciso cuidar para não cair num formalismo ritual que se agarra apenas nas prescrições e não atinge aquela vivência do mistério de Cristo celebrado por meio do rito.

É urgente e necessária uma educação litúrgica mistagógica, consciente, dócil e obediente ao que a Igreja orienta e deseja que seus fiéis vivam quando celebram o mistério de Cristo no sacramento do matrimônio e o torne frutuoso na vivência de sua vocação.

O objetivo do primeiro capítulo é apresentar o matrimônio cristão como sacramento da Igreja e as implicações decorrentes desta compreensão para a sua preparação, celebração e vivência, tendo por base os ensinamentos da Igreja. O propósito dessa reflexão não é esgotar todos os elementos inerentes ao sacramento do matrimônio de forma sistemática, mas apresentar, de forma geral, elementos essenciais contribuindo assim com a compreensão do matrimônio como sacramento.

O escopo do segundo capítulo é mostrar a evolução do rito do matrimônio na história da Igreja, dentro de cada período, até chegar aos ritos atuais aprovados pela Igreja. Durante essa

abordagem serão tomados elementos essenciais de cada etapa. Apesar de que, dentro desse caminho, se abordarão temas relacionados ao ritual, aspectos pastorais e canônicos do matrimônio.

O propósito do terceiro capítulo é analisar a celebração do matrimônio, considerando a forma celebrada sem missa, com algumas observações quanto à forma celebrada com missa. Será usado o método estrutural do rito, seguindo a lógica própria da celebração, para analisar a teologia da celebração do matrimônio, visando levar uma melhor compreensão dos ritos em vista da participação dos fiéis pedida pelo Concílio Vaticano II, de modo a se prepararem de forma consciente, piedosa e ativa.

A finalidade do quarto capítulo é trazer a formação litúrgica se baseando na visão guardiniana e seus elementos propostos, dando ênfase em sua aplicação para o sacramento do matrimônio. Juntamente com essa finalidade, o capítulo desenvolve o entendimento do agir simbólico na formação litúrgica. A questão fundamental é de recuperar a capacidade de viver em plenitude a ação litúrgica. Trata-se de refletir nos princípios e valores da formação liturgia segundo o pensamento de Romano Guardini, resgatado pelo Papa Francisco na *Desiderio desideravi.*

O intuito do quinto capítulo é mostrar um novo catecumenato que inclua todas as etapas do caminho sacramental: os tempos de preparação para o Matrimônio, da sua celebração e dos anos seguintes. Serão tratados os documentos recentes da Igreja sobre matrimônio e a família, especialmente no Pontificado de Francisco. Basicamente esse percurso é dividido em três etapas, segundo o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, com alguns acréscimos para o capítulo: fase pré-catecumenal: preparação remota; fase intermediária: acolhida aos candidatos; fase catecumenal: preparação próxima e imediata, os primeiros anos de vida matrimonial, acompanhamento nos primeiros anos da vida matrimonial e acompanhar casais em crise. Entre a preparação próxima e imediata se propõe um roteiro de encontros para os noivos.

A pesquisa se baseia numa fundamentação teológica e eclesial utilizando uma metodologia bibliográfica. Na seção do sacramento e seus efeitos e da sacramentalidade do matrimônio acontecerá uma interlocução entre os temas abordados e os documentos da Igreja, a Sagrada Escritura, como também, alguns autores de relevância. Na parte histórica, serão analisados alguns livros que mostram a conservação das propriedades e dos bens do matrimônio ao longo do tempo, colocando ênfase na celebração matrimônio. Na parte sacramental do rito, a pesquisa reside no Ritual do Matrimônio, e sua teologia, às vezes, pouco conhecida, especialmente na celebração no matrimônio sem Missa; Romano Guardini estará presente com alguns trechos do livro - *Os sinais sagrados* - neste capítulo e no seguinte. Na parte da formação

litúrgica e o matrimônio serão analisados os escritos de Romano Guardini - *O espírito da Liturgia e Formação Litúrgica* – bem como do Papa Francisco - *Desiderio desideravi.* No capítulo sobre o caminho do catecumenato matrimonial se falará sobre a preparação e vivência do matrimônio, e, assim, serão tocados os elementos do Magistério da Igreja, em concreto - *Amoris Laetitia* e *Itinerários catecumenais para a vida matrimonial* - unindo aos conceitos de Guardini, sobre a ética das idades da vida humana.

1. CASAR-SE “NO SENHOR”: SACRAMENTALIDADE DO MATRIMÔNIO

A sacramentalidade do matrimônio refere-se à compreensão do matrimônio como um dos sete sacramentos na tradição cristã-católica. No contexto católico, o matrimônio é considerado não apenas uma união humana, mas, também, uma união espiritual abençoada por Deus, que reflete o amor de Cristo pela Igreja.

No primeiro momento a análise vai para a noção de sacramento, que pode ser algo básico, porém, importante dentro da aplicação do sacramento ao matrimônio. Os sacramentos são sinais visíveis da graça de Deus, e o matrimônio, como sacramento, é um meio de santificação para os cônjuges. Além disso, se abordará o sacramento na visão de alimento da fé em Cristo e na Igreja a todos os fiéis, especialmente aos casais do matrimônio.

Ao se falar da teologia do matrimônio e, tendo em consideração a Sagrada Escritura, o Magistério e a Tradição da Igreja, se tratará do matrimônio como algo natural, pois Deus o estabeleceu desde a ordem da criação. Ao mesmo tempo, observa-se que o matrimônio passa da realidade natural à dignidade de sacramento por Cristo. A naturalidade do matrimônio é uma reflexão antropológica, doutrinal e filosófica. Essas reflexões colocam a base para a compreensão teológica do sacramento do matrimônio.

Depois, se abordará o matrimônio enquanto definição, noção e esclarecimento. De fato, sua validade é considerada como algo que vai além da simples união de duas pessoas, não é simplesmente um contrato, mas envolve uma relação sagrada. Ponderando os aspectos da sacralidade do matrimônio surge a ideia central, isto é, que o matrimônio é instituído por Deus. No Antigo Testamento, é dito que “por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão uma só carne” (Gn 2, 24)[1]. Jesus, no Novo Testamento, reforçou essa visão em Mateus 19, 4-6. Outro ponto da sacralidade do matrimônio é a união de Cristo e a Igreja. O amor de Cristo pela Igreja é um modelo para o amor conjugal. Na carta de São Paulo diz: “Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” (Ef 5, 25). Dessa forma, o matrimônio é visto como um reflexo do amor divino, onde, o amor é visto como doação, entrega e serviço.

Um aspecto de suma importância para atestar a sacralidade do matrimônio é a unidade e indissolubilidade. Na Igreja católica, unidade é fidelidade e indissolubilidade é permanência.

[1] BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

O matrimônio é indissolúvel, ou seja, não pode ser desfeito, exceto em casos muito específicos, como a nulidade matrimonial, que é um processo eclesiástico.

O tema da vocação ao amor dentro do matrimônio deve ser abordado. Dentro do âmbito cristão, o matrimônio é uma vocação, um chamado de Deus ao amor e ao serviço. O matrimônio deixa de ser apenas um contrato civil ou uma convivência afetiva, mas uma vocação para viver segundo a vontade de Deus, um chamado à santidade, à doação mútua e ao serviço. A união dos cônjuges deve refletir o amor incondicional e sacrificial, como exemplificado por Cristo. O casamento é um caminho para a santidade, onde os cônjuges ajudam um ao outro a crescer na fé, na virtude e na união com Deus. A santificação do casal é um ponto importante para assegurar a sacralidade do matrimônio.

Sem dúvida, outro aspecto a ser tratado é o amor dentro do matrimônio. Em geral, pouco abordado por ser algo tão elementar. Sem amor nada sou, dizia São Paulo. Portanto, o hino à caridade pode ser um itinerário completo de características do amor sacrificado e frutífero dentro do matrimônio.

Um dos pontos onde o matrimônio mostra que é sagrado é a sexualidade unida a fecundidade. A abertura à vida é um aspecto fundamental. O matrimônio é percebido como a vocação à procriação e à educação dos filhos, que devem ser recebidos com amor e responsabilidade.

A própria cerimônia do matrimônio atesta algo sagrado, como se verá no capítulo III. A cerimônia do matrimônio na Igreja Católica tem um carácter sacramental. Durante a missa ou cerimônia, os cônjuges trocam votos de amor e fidelidade, e o sacerdote abençoa o matrimônio. A presença de Deus é invocada, e a graça divina é pedida para que o casal viva sua união de maneira santa. Valorizar a graça do sacramento do matrimônio expressa como Deus está presente. Ao celebrar o matrimônio, os cônjuges recebem a graça sacramental que os ajuda a cumprir seu compromisso de amor, fidelidade e respeito, tanto no contexto individual quanto social. Essa graça, também, ajuda a superar as dificuldades naturais que surgem no casamento e a manter a união sólida e fiel.

Portanto, a sacramentalidade do matrimônio é um conceito profundo que vai além do aspecto social ou legal do casamento. É uma expressão do amor divino e uma vocação à santidade, que convida os cônjuges a viverem sua união de maneira que reflita o amor de Deus pela humanidade. Quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do matrimônio, Deus, por modo de dizer, ‘espelha-se’ neles, imprime neles os seus traços e o carácter permanente do seu amor. O matrimônio é o ícone do amor de Deus por nós.

1.1 Definição de sacramento e seus efeitos

Na perspectiva cristã católica, o matrimônio não se resume a um contrato realizado entre um homem e uma mulher do qual resultam responsabilidades recíprocas. Essa dimensão jurídica integra a compreensão do matrimônio cristão, mas não o exaure. Sendo o matrimônio cristão um sacramento dotado de leis próprias para sua celebração e validade, é importante definir e ter uma noção do sacramento em geral. Em consequência disso, colocar uma reflexão dos ritos relacionados ao sacramento aumenta o conhecimento e a compreensão do ato sacramental.

Acerca da definição de sacramento, o Catecismo da Igreja Católica afirma:

> Os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, por meio dos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis sob os quais os sacramentos são celebrados significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. Produzem fruto naqueles que os recebem com as disposições exigidas (CIC, n. 1131).

Os sacramentos são sinais eficazes da graça[2]. A realização do sacramento não consiste em uma ideia, mas em elementos sensíveis e eficazes. De fato, uma vez que são ministrados os sacramentos, ocorre uma mudança na condição humana de quem os recebem. De fato, são tocados pela realidade divina. Os sacramentos não são invenções de homens e mulheres em vista de si próprios, mas são de origem divina, revelados e ordenados por Jesus Cristo e confiados à sua Igreja como fiel dispensadora da graça santificante a todos aqueles que os procuram de coração sincero. É a história da salvação que continua acontecendo na vida dos homens e mulheres de hoje. Por isso, o rito litúrgico, que faz acontecer a celebração do sacramento, sempre guarda e expressa sua relação na história da salvação com as referências bíblicas, da qual a liturgia da Palavra é altamente propositiva. Esse aspecto impede aos participantes de compreender o sacramento como uma coisa mágica ou supersticiosa.

Os ritos visíveis sob os quais os sacramentos são celebrados significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. É por meio da ação litúrgica, realiza-se o sacramento e sua graça santificante chega aos que os recebem. Conforme ensina o Concílio Vaticano II (1962-

[2] No que diz respeito à definição de sacramento enquanto sinais eficazes, Matias Augé aponta o conceito de símbolo como mais apropriado à realidade da compreensão de sacramento. "O ponto essencial de toda a simbologia litúrgica é constituído pelos sacramentos propriamente ditos. Ora a teologia clássica define os sacramentos como 'sinais' eficazes daquilo que significam (*significando causant*). Por causa disso alguns autores preferem falar de sinais litúrgicos. A própria *Sacrosanctum Concilium*, ao descrever a liturgia, fala de 'sinais sensíveis' (n. 7). Os autores, em sua grande maioria, pensam que, com mais propriedade, se adapta aos sacramentos a noção de símbolo do que de sinal: os sacramentos não são coisas, simples instrumentos que significam a graça, mas ações simbólicas que, além de evocar, realizam" (AUGÉ, Matias. *Liturgia*: história, celebração, teologia, espiritualidade. 4. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013, p. 113).

1965), “a Liturgia é tida como o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo. Nela, cada um a seu modo, os sinais sensíveis, significam e realizam a santificação da pessoa humana e, assim, o Corpo Místico de Cristo, isto é, Cabeça e membros, executa integralmente o culto público” (SC, n. 7)[3]. Desse modo, o sacramento é realizado por meio dos ritos, que são sinais sensíveis que realizam o que significam na vida dos fiéis, isto é, eles não apenas representam a realidade divina, mas a contêm e a comunicam, performando[4] a vida dos fiéis[5]. Cada sacramento possui seu rito próprio a ser celebrado, guardando e comunicando nessa linguagem de sinais sensíveis a graça de Cristo, a fé e a identidade da Igreja.

Os sacramentos produzem frutos próprios decorrentes da graça sacramental naqueles que os recebem com as disposições exigidas. É próprio do sacramento celebrado comunicar a graça de Cristo na vida daqueles que o celebram. É importante destacar que esses frutos não acontecem de forma automática na vida dos fiéis, mas exige-se que os fiéis estejam dispostos a viver a graça recebida no sacramento, ou melhor, tomar posse dessa graça. De forma que a celebração do sacramento supõe dos participantes uma certa consciência, advinda de um tempo de evangelização, iniciação cristã e catequese, não bastando uma participação “santa e piedosa”,

---

[3] CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição conciliar Sacrosanctum Concilium.* Roma: 1963, n. 7. Disponível em: Sacrosanctum Concilium. Acesso em: 20 jul. 2025. *Sacrosanctum Concilium* significa ‘Concílio Sacrossanto’ e é o nome oficial da Constituição do Vaticano II que renovou a liturgia da Igreja para aproximá-la mais dos fiéis, promovendo a participação ativa e uma melhor compreensão dos mistérios celebrados.

[4] “O conceito de *performance* provém da filosofia da linguagem e foi cunhado por John L. Austin. Pelo ato da fala se realiza uma ação, concretiza-se, portanto, uma realidade extralinguística. Na medida em que o juiz ou seu representante, por exemplo, pronuncia as palavras de enlace, realiza-se um matrimônio. Uma pessoa autorizada para esse fazer realiza um ato em referência a um sujeito, aqui um casal, admitido para essa ação, ato que instaura uma realidade. Formulações como ‘eu te prometo fidelidade’, ‘eu te amo’, ‘eu te perdoo’ criam uma nova situação que não existia antes de elas serem expressas. O celebrar a liturgia, sobretudo os sacramentos, conhece inúmeros momentos de tal *performance*. Para a liturgia do matrimônio, por exemplo, a declaração de que estão casados (*Feier der Trauung*, n. 51, p. 19-23) ou a bênção festiva do matrimônio (ibid., p. 37), no acontecer doxológico da liturgia, podem ser chamados de momentos centrais. Não são textos que devem ser compreendidos como lógico-linguísticos (ato locucionário), trata-se antes da execução de uma ação (ato ilocucionário) e da evocação de uma efetivação (ato perlocucionário)” (GERHARDS, Albert; KRANEMANN, Benedikt. *Introdução à liturgia*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 234). Os mesmos autores fazem outra consideração sobre a linguagem performática na liturgia: “[.] na ação representativa da liturgia (acontecimento que se dá na linguagem e nos sinais) comunica-se a atuação do Espírito Santo, testemunhada pela Bíblia e pela liturgia. A ação representativa é um acontecimento simbólico que na liturgia é concebido como algo possibilitado e sustentado por Deus. Na liturgia, quando se fala de ação do Espírito, para os fiéis isso é um acontecimento performativo que se realiza fundamentalmente de forma sensível” (GERHARDS; KRANEMANN, 2012, p. 177-178).

[5] Cipriano Vagaggini comenta a respeito da definição de liturgia e *sacramentum*: “Deve-se notar que a definição de liturgia proposta [pelo Concílio Vaticano II] não é senão certo alargamento da clássica definição dos sete sacramentos em geral, que, depois de Santo Tomás, são definidos como *sinais sensíveis e eficazes (ex opere operato) da graça que significam*. A extensão é obtida em dois pontos essenciais: antes de tudo, por sinais eficazes se entendem não somente aqueles eficazes *ex opere operato*, mas também aqueles eficazes *ex opere operantis Ecclesiae*. Em segundo lugar, por sinais sensíveis se entendem não somente aqueles que significam diretamente e produzem a graça por meio da qual Deus santifica os homens, e só indiretamente o culto que os homens prestam a Deus, mas também aqueles que significam diretamente o culto que os homens prestam a Deus e só indiretamente a graça pela qual Deus santifica os homens. Ademais, se exprime que o sujeito direto da santificação que Deus opera e do culto que lhe é prestado é a Igreja como tal” (VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 47-48).

mas sobretudo consciente, ativa e frutuosa, conforme expressou o Concílio Vaticano II[6]. A *Sacrosanctum concilium* ensina que:

> Sacramentos têm como finalidade a santificação da pessoa humana, a edificação do Corpo de Cristo e, em suma, prestar culto a Deus. Sendo sinais, têm também a função de instruir. Não apenas supõem a fé, mas também, através das palavras e ritos, alimentam, revigoram e exprimem a fé; por essa razão são chamados sacramentos da fé (SC, n. 59).

Essa afirmação expressa a que se destinam os sacramentos, correspondendo à própria finalidade da liturgia, que consiste na santificação dos homens e na glorificação de Deus, por meio de quem a comunidade dos fiéis é edificada (GS, n. 7). Deus vem ao encontro da pessoa humana, convida-a a participar de sua vida divina; a pessoa humana, por sua vez, responde a esse chamado e, por meio da celebração do sacramento, entra em profunda comunhão com Deus. Enfim, pode realizar-se como ser humano à imagem e semelhança de Deus revelado por Jesus Cristo, o protótipo do homem novo (GS, n. 22). Por isso, a celebração dos sacramentos não pode ser restringida a uma visão puramente social e cultural,[7] mas carece propriamente de uma evangelização que transmita a fé da Igreja, razão pela qual se busca a vivência sacramental.

Os sacramentos destinam-se à instrução dos fiéis na fé. A dimensão formativa e educativa dos sinais sensíveis (ritos) é de significativa relevância para a comunidade de fé. A própria comunidade é instruída, educada e formada pela celebração dos sacramentos. O rito forma a comunidade, pois enquanto norma da oração, guarda a fé que a comunidade professa, e, ao mesmo tempo, a educa, confirmando sua identidade e transmitindo a fé professada.

Diante disso, torna-se imprescindível mergulhar na lógica da própria linguagem ritual proporcionada pela celebração litúrgica para ser educado a partir dela. Urge superar a lógica do mínimo necessário do sacramento, isto é, sua lógica verbal do conteúdo, o necessário para sua validade, e alcançar a lógica do máximo gratuito por ele oferecida, que supõe a lógica do equilíbrio entre forma e conteúdo. Exige-se, com isso, que para a realização do sacramento haja

---

[6] A *Sacrosanctum Concilium* ensina: "Mas, para assegurar toda esta eficácia, é necessário que os fiéis participem da sagrada Liturgia com reta intenção e boa disposição de ânimo, que coloquem sua alma em sintonia com as palavras que pronunciam, e colaborem com a graça de Deus a fim de não a receber em vão (2 Cor 6,1). Por esta razão, os pastores da Igreja devem vigiar para que, nas ações litúrgicas, não só se observem as leis que lhe assegurem a válida e lícita celebração, mas também que os fiéis possam participar delas de forma consciente, ativa e frutuosa" (SC, n. 11).

[7] Acerca dessa realidade, Alberto Beckhäuser comenta: "Infelizmente, nos nossos dias o aspecto social do rito começou a ser colocado em grande destaque. E, muitas vezes, quase se reduz ao aspecto social. Nas celebrações do Matrimônio no Brasil, sobrou pouco do aspecto religioso e talvez menos ainda do caráter cristão da celebração. Cada família inventa seu rito, um mais pomposo que outro, expressão de competição de *status* social entre famílias" (BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium*: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012b, p. 102).

o cuidar de todos os elementos que compõem o rito e, assim, deixar que eles comuniquem aquilo que significam e que sejam verdadeiros sinais sacramentais[8].

A vivência dos sacramentos exige a fé, sem a qual a sua celebração não passa de um conjunto de cerimônias (aparato externo e estético). Nesse sentido, o Catecismo ensina:

> A fé da Igreja é anterior à fé do fiel, que é convidado a aderir a ela. Quando a Igreja celebra os sacramentos, confessa a fé recebida dos apóstolos. Daí o adágio antigo: *lex orandi, lex credendi* ("a lei da oração é a lei da fé") (ou então: *legem credendi, lex statuat supplicandi* – a lei do que suplica estabeleça a lei do que crê, segundo Próspero de Aquitânia século V). A lei da oração é a lei da fé, ou seja: a Igreja traduz em sua profissão de fé aquilo que expressa em sua oração. A liturgia é um elemento constitutivo da santa e viva Tradição (CIC, n. 1124).

Sem dúvida, a evangelização, em especial no tempo da iniciação cristã ou pelo menos em tempo oportuno de formação em vista da preparação para os sacramentos, é *conditio sine qua non* para uma frutuosa vivência sacramental, porque oferece aos fiéis os fundamentos da fé para acolher a graça sacramental que são chamados a viver, conscientes da fé professada. Todos devem ter consciência de que a celebração litúrgica não é construída a partir de ideias subjetivas e de gostos pessoais que a incrementam, mas é a linguagem que traduz de forma sensível a fé celebrada da Igreja. "É por isso que nenhum rito sacramental pode ser modificado ou manipulado ao arbítrio do ministro ou da comunidade. Nem mesmo a suprema autoridade da Igreja pode alterar a Liturgia a seu arbítrio, mas somente na obediência da fé e no religioso respeito do mistério da Liturgia" (CIC, n. 1125).

A linguagem litúrgica, sempre expressão da *lex orandi* e *lex credendi*,[9] está contida nos livros litúrgicos e, por isso, não deve ser substituída arbitrariamente por leituras não bíblicas, orações espontâneas, poesias, cantos diversos, votos singulares – elementos cabíveis em locais

---

[8] O teólogo Andrea Grillo discute essas noções de mínimo necessário e máximo gratuito. Conforme Grillo: "Os ritos mesmo quando são simples, não se deixam jamais reduzir ao seu mínimo necessário. A sua 'simplicidade' consiste não na 'essencialidade', mas na 'elementaridade': têm a simplicidade do 'gesto', não a do 'conceito'; têm a atuação imediata do 'tato' e do 'gosto', não a da ideia. Melhor, se reduzirmos os ritos a conceito, perdem a sua qualidade ritual e acabam ou em ritualismo ou em intelectualismo. A lógica das ações rituais é, portanto, a do *máximo gratuito*, não a do mínimo necessário. A superabundância da ação ritual é constitutiva da experiência que o rito proporciona. É claro que não tem sentido uma superabundância 'mínima'. Essa superabundância, que chamamos de 'máximo gratuito', põe o ser humano e o cristão em uma relação forte com os outros, com o espaço e com o tempo. Dizemos uma relação forte para entender que, por tal relação interpessoal, espacial e temporal, a pessoa pode encontrar a sua verdadeira identidade" (GRILLO, Andrea. *Ritos que educam.* Os sete sacramentos. Brasília: CNBB, 2017, p. 48).

[9] Acerca do axioma *lex orandi e lex credendi* (norma da oração e norma da fé), Goffredo Boselli comenta: "[.]. Desde o início, a Igreja sempre sentiu que o conteúdo de sua oração estava em estreita relação com sua fé, que aquilo que rezava expressava aquilo que acreditava [.]. Se a Igreja estabeleceu um cânon das Escrituras, não menos fixou o cânon da oração, através da progressiva criação e seleção dos textos litúrgicos." (BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 135). Conquanto Boselli esteja tratando diretamente sobre o Missal, tal reflexão se estende naturalmente a todos os livros litúrgicos.

e momentos fora do contexto da celebração – em contraposição e detrimento aos seus textos oficiais.

Desse modo, a celebração dos sacramentos conduz os fiéis para a participação plena da salvação, enquanto a realiza de forma sacramental no hoje da história. A celebração litúrgica, com a qual a graça sacramental é comunicada aos fiéis, partícipes, é o céu vivido na terra de forma antecipada (SC, n. 1111). Pela força do Espírito Santo, presente em cada celebração, os fiéis podem experimentar e viver as realidades divinas que um dia, existencialmente, viverão em plenitude no convívio dos santos, de forma que vivendo a graça recebida na terra, alcance a glória oferecida por Deus a todos os filhos e filhas seus.

1.2 O sacramento do matrimônio

Após refletir sobre a noção de sacramento e aplicá-lo ao matrimônio, convém falar da teologia do matrimônio. Mas, antes disso, vem a propósito explorar a sua naturalidade. A ideia de que o matrimônio é algo natural está enraizada na tradição filosófica, teológica e jurídica da Igreja, bem como na reflexão antropológica mais ampla. Isso serve de base para fundamentar a teologia do matrimônio.

No sentido mais antropológico o matrimônio é entendido, inicialmente, como uma instituição natural, ou seja, que decorre da própria natureza humana[10]. O ser humano, criado homem e mulher, é chamado à comunhão. Não simplesmente a comunhão física, mas a comunhão emotiva, psicológica, afetiva e, podemos dizer, espiritual. O fato do homem e da mulher serem biologicamente opostos pode ser uma razão de tal complementaridade e conexão natural, ou seja, de se sentirem atraídos pela beleza e amor. Além disso, há a sexualidade humana que mostra a capacidade de gerar vida levando a uma união estável e fecunda, que é o matrimônio. A referência bíblica onde se enxerga tal complementariedade: "Por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão uma só carne" (Gn 2, 24). Jesus confirma essa visão em Mt 19, 4-6.

O Catecismo assinala também a naturalidade do matrimônio. A doutrina da Igreja mostra: "A vocação ao matrimônio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, enquanto saíram da mão do Criador" (CIC, n. 1603). Também, no escrito: "Mesmo que o matrimônio seja afetado pelo pecado, ele continua a ser, desde a criação, uma realidade natural querida por Deus" (CIC, n. 1604). Independentemente da cultura, língua e religião o

[10] O conceito de natureza humana, na filosofia, é central para entender o que é o ser humano em sua essência, finalidade e dignidade. Ele foi profundamente desenvolvido desde os filósofos antigos até os pensadores cristãos, especialmente no tomismo (Tomás de Aquino), e permanece fundamental nas discussões éticas, antropológicas e teológicas.

matrimônio faz parte da estrutura da natureza humana, que depois foi elevado por Cristo à dignidade de sacramento (CIC, n. 1601).

A sacramentalidade do matrimônio é algo natural e profundo, ao decorrer da história da Igreja, ela mesma entendeu que foi sacramento desde o início. Somente com o tempo a Igreja ratificou a realidade do matrimônio como sacramento, porém, na constituição interna e natural sempre foi uma realidade sagrada.

> Mas essa "sacramentalidade" se entendia tão diferenciadamente no discurso da História que o dito não representa nenhum enunciado inequívoco. Se o matrimônio só começa a fazer parte dos sete sacramentos por volta do século XIII, e a Igreja só reconhece desde o concílio de Trento como pertencendo aos setes sacramentos, nem mais nem menos estamos diante duma novidade à fase da muita dúbia conceituação antiga de sacramento, que nos coloca diante da questão, se a analogia pode afinal ainda estabelecer uma ponte entre as várias conceituações ventiladas no decurso da história[11].

Verifica-se no Direito Canônico claramente o posicionamento da Igreja sobre o matrimônio como Sacramento. Inclusive desde o ponto de vista contratual, a Igreja eleva o acordo entre duas pessoas em comunhão íntima de vida e de amor completo ao grau de Sacramento. Os números do CDC abaixo explicam, de forma concisa, a importância da união carnal entre os batizados da Igreja.

> O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os batizados foi elevado por Cristo Nosso Senhor à dignidade de sacramento. Pelo que, entre batizados não pode haver contrato matrimonial válido que não seja, pelo mesmo facto, sacramento (CDC, cân. 1055, 1, 2).

Está bem claro no CDC "foi elevado por Cristo Nosso Senhor à dignidade de sacramento" (CDC, cân. 1055, 1, 2), ou seja, o matrimônio passa da sacralidade, da realidade natural no início da criação, à sacramentalidade, dignidade superior e sobrenatural, conferindo-lhe a característica da indissolubilidade e a graça santificante. Na realidade, não é difícil compreender a razão pelo qual Jesus Cristo fez do matrimônio um Sacramento: "Já desde o começo da humanidade o matrimônio era uma união sagrada. Era o instrumento divino para engendrar, criar e educar as sucessivas gerações de seres humanos" (TRESE, 1999, p. 427-428).

[11] LAURENTIN, René. *Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica:* vida e estruturas na Igreja. vol. IV/6. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 97.

O matrimônio é geralmente definido como a união conjugal do homem com a mulher, ou seja, entre pessoas legítimas que mantém uma comunidade de vida individual. Nesta definição, tirada de Pedro Lombardo e inspirada no direito romano, a união do homem com a mulher se torna constitutiva para a própria essência do matrimônio. Essa união é descrita como conjugal, porque implica um exercício de sexualidade, e que a distingue especificamente de qualquer outra união possível. Mas o termo, *maris*, é o princípio gerador; as palavras *inter legitimas personas* indicam que a união deve ser feita de acordo com a lei, natural ou positiva, e que possa proibir certas pessoas para o matrimônio. Dentro da comunidade de vida individual está presente a estabilidade e exclusividade, características dessa união que a tornam uma verdadeira parceria entre os dois[12].

A sacramentalidade se entende na realidade de criaturas feitas para o matrimônio, na aliança com Deus e na perspectiva de nossa fé cristã. Isso culmina na união de Cristo com a Igreja, e visa à realização do Reino de Deus. No meio do caminho encontraram-se dificuldades que provêm da distância entre o ideal cristão e a vida das pessoas batizadas. Nessa situação, o batismo é com frequência uma obrigação social e um desejo religioso da proteção de Deus para a criança. Às vezes, a fé não passa à vida ou não se torna o eixo articulador da existência. Muitas outras visões do mundo, insufladas pelos meios de comunicação e pela convivência na sociedade são mais decisivas do que a vida nova em Cristo. É difícil concretizar a graça batismal no dia a dia. A pressão social e familiar para um matrimônio apressado são elementos que não contribuem para uma maturidade cristã e humana do jovem casal que procura unir-se nesse estado sacramental[13]. O sacramento cristão do matrimônio não é uma bênção sobrenatural, de carácter neutro, sobre uma instituição natural, mas contém em si o verdadeiro sentido e a verdadeira sustância do matrimônio, entre o Senhor e sua Igreja[14].

Importante falar da sacramentalidade do matrimônio no sentido da realidade cotidiana do homem e da mulher:

> Matrimônio não é somente lugar de esforço comum e comunicação espiritual, e sim, de um encontro físico que abrange o ser humano em seu todo. Matrimônio não significa apenas comunhão limitada de interesses, e sim comunhão de destino "em dias bons e maus." Matrimônio não significa uma aliança para breve tempo, e sim uma proposta para toda vida. Por isso falamos de aceitação em amor para uma comunhão de vida abrangente[15].

[12] Conferir em ADNÈS, Pierre. *El Matrimonio.* 3ed. Barcelona: Herder, 1979, p. 137.
[13] Conferir em TABORDA, Francisco. *Matrimônio - Aliança - Reino:* para uma teologia do matrimônio como sacramento. 2a. ed. Loyola: São Paulo, 2005, p. 101-102.
[14] Conferir em BALTHASAR, Hans Urs Von. *Teologia da História.* São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 72.
[15] SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática.* vol. II. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 334.

O dom do sacramento do matrimônio está enraizado no sacramento do batismo pois através desse sacramento a pessoa passa a ser membro da família de Deus unindo-se ao Corpo Místico de Cristo, a Igreja. Com a graça do sacramento do matrimônio é possível cumprir os compromissos próprios assumidos, fidelidade e abertura à vida. É Cristo quem acompanha o casal e dá força para carregar a cruz e a se levantar após as quedas. Do mesmo modo que Cristo ama a Igreja, assim, deve ser o amor entre o casal, aliança de Cristo e a Igreja. Quando o casal se une numa só carne, também se simboliza a união de Cristo com a natureza humana, dando um antegozo do que será as núpcias do Cordeiro (AL, n. 73). Trata-se de relação intermatrimonial, Cristo-Igreja e homem-mulher, não simplesmente uma relação alegórica, porém real e eficaz, exemplar e constitutiva, da qual dependem o sentido e o conteúdo do matrimônio cristão[16].

Do ponto de vista natural, o matrimônio e a família têm um dinamismo intrínseco. A família tem o seu fundamento na livre vontade dos cônjuges de unir-se em matrimônio, no respeito dos significados deste instituto, que não depende do homem, mas do próprio Deus. "A família tem o seu fundamento na livre vontade dos cônjuges de unir-se em matrimônio, no respeito dos significados e dos valores próprios deste instituto, que não depende do homem, mas do próprio Deus" (CDSI, n. 215). "Nenhum poder tira o direito natural ao matrimônio nem lhe modifica as características e a finalidade" (CDSI, n. 219). O matrimônio tem como traços característicos: a totalidade, em força da qual os cônjuges se doam em todas as componentes da pessoa, nas dimensões físicas e espirituais; a unidade que os torna uma só carne; a indissolubilidade e a fidelidade que a doação recíproca definitiva exige; a fecundidade à qual ela naturalmente se abre (CDSI, n. 217). "O matrimônio, na sua verdade objetiva, está ordenado à procriação e à educação dos filhos" (CDSI, n. 218). Há três bens no matrimônio: o sacramento, por causa do vínculo indissolúvel; a fidelidade, por causa do cumprimento do débito conjugal; e os filhos, como efeito que se segue a ambos[17].

> A realidade humana e originária do matrimônio é vivida pelos batizados, por instituição de Cristo, na forma sobrenatural do sacramento, sinal e instrumento de graça [.]. Do amor esponsal de Cristo pela Igreja, que mostra a sua plenitude na oferta consumada na cruz, promana a sacramentalidade do matrimônio, cuja graça conforma o amor dos esposos ao amor de Cristo pela Igreja. O matrimônio, enquanto sacramento, é uma aliança de um homem e uma mulher no amor. (CDC, cân. 219)

[16] Conferir em PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. Deus no matrimônio. IN: D. BOROBIO. Matrimonio, o.c., p. 555-557. *Dicionário teológico o Deus Cristão.* São Paulo: Paulus, 2014, p. 821-822.
[17] SÃO BOAVENTURA. *Obras escolhidas.* Porto Alegre: Sulina, 1983, p. 139-140.

No direito romano, conforme a expressão de Ulpiano, mostra que a essência do matrimônio era o consentimento mútuo dos cônjuges e não a consumação, *nuptias enim non concubitus, sed consensus facit.* No entanto, não se pode dizer que isso foi decisivo para a concepção cristã do matrimônio, tanto porque o próprio direito romano exigia, além de consenso, outras celebrações que o tornaram oficial. Na lei semita e judaica, o consentimento era proferido, pelo menos em parte, através dos pais[18]. Sendo o consentimento a parte mais importante do sacramento do matrimônio, o código da Igreja trata isso com exatidão.

> Origina o matrimônio o consentimento entre pessoas hábeis por direito, legitimamente manifestado, o qual não pode ser suprido por nenhum poder humano. O consentimento matrimonial é o ato da vontade pelo qual o homem e a mulher, por pacto irrevogável, se entregam e recebem mutuamente, a fim de constituírem o matrimônio (CDC, cân. 1057).

Os ministros do matrimônio são o homem e a mulher, na tradição latina, no consentimento e na entrega corpórea. Mas, existe um questionamento com relação a essa afirmação: *"Quem é o ministro do casamento? Os casados eles mesmos ou o ministro ordenado que preside a celebração?"* Assim, destaco a autora Hélène Bricout,[19] que numa tese em teologia sacramental cristaliza o debate entre duas elaborações teológicas respectivamente de Melchior Cano e Robert Bellarmin. O primeiro teólogo dá maior importância à celebração litúrgica. Pode-se resumir dizendo que Melchior Cano defendia o casamento dentro da estrutura dogmática da Igreja Católica da sua época, como uma união sagrada, permanente e sacramental. Enquanto o segundo teólogo se coloca numa tradição que vê o casamento sobretudo como contrato entre os esposos e associa estreitamente à sacramentalidade na troca de consentimentos. Por meio desse debate fica evidente as teologias que se confrontam. O texto mostra notadamente a reflexão dos teólogos que se desenvolveu no ocidente na dependência jurídica e tem, de fato, muita dificuldade em aceitar a validade de outras lógicas, principalmente àquelas que a liturgia sugere. Enfim, a autora toma a posição no sentido da escola de Melchior Cano, propondo ver o sacramento do matrimônio onde há a consagração da união entre os esposos como uma maneira particular de seguir a Cristo.

---

[18] Conferir em MIRALLES, Antonio. *Il matrimonio:* teologia e vita. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1996, p. 4850.
[24] BRICOUT, Hélène. *Le mariage entre consentiment et bénédition*: le sacrement et son ministre. Paris. Les Editions du Cerf, 2015.

Com relação a esse ponto será abordada a união conjugal como um reflexo terreno e visível do amor fiel e inseparável de Cristo e sua Igreja. A celebração litúrgica, e, então, o ministro, são por isso indispensáveis. Uma das consequências possíveis dessa reflexão, no entanto pouco explicitada pela autora, é de permitir considerar um casamento entre cristãos que seja tanto legítimo quanto não sacramental, elemento precioso retomado nos debates do sínodo sobre a família. FRANCISCO (2016) aborda as diferentes formas de união e a necessidade de discernimento pastoral cuidadoso para cada situação, pois mesmo de forma imperfeita é possível perceber 'sinais do sacramento' em algumas delas.

O consentimento e a união corpórea dos cônjuges tornam uma só carne. Direito canônico reconhece a validade de alguns matrimônios sem o ministro ordenado. Nesses casos extremos e excepcionais o matrimônio é válido se for contraído apenas perante duas testemunhas. Mas a base do sacramento nesses casos reside no consentimento legítimo e livre dos próprios nubentes, sendo as testemunhas a prova da manifestação pública desse consentimento. A Igreja pede as testemunhas e as condições para o matrimônio, mas isso não anula em nada o consentimento do homem e da mulher que recebem o vínculo matrimonial (AL, n. 75). Para que haja verdadeiro matrimônio, faz-se necessário o consentir dos noivos para uma união definitiva, ou seja, é um ato de vontade pelo qual o homem e a mulher fazem uma aliança irrevogável, livremente, se doam e se recebem mutuamente. O 'sim' é sinal do amor entre Cristo e a Igreja. Nesse ato, o casal assume a imagem do amor fiel irrevogável de Cristo à Sua Igreja. Consentimento livre entre batizados selado por Deus, é um pacto de amor do divino e amor humano. É o ponto alto da celebração, onde não apenas os noivos se unem, mas se tornam os próprios ministros do sacramento. A falha do consentimento pode ser no conhecimento e na inteligência, ou no querer e na vontade. A rigor, podemos dizer que existe incapacidade para consentir e vício do consentimento[20].

No Catecismo da Igreja Católica (CIC): O parágrafo 1623 (em algumas edições o 1621 ou 1623 dependendo da numeração específica) e o parágrafo 1625 afirmam explicitamente que os protagonistas da aliança matrimonial são um homem e uma mulher batizados, e que o consentimento deles é o elemento indispensável que 'constitui o Matrimônio'. Eles se dão e se recebem mutuamente, sendo este ato o que realiza o sacramento.

A família é reflexo da Trindade, uma comunhão de pessoas. A família humana é restituída à imagem e semelhança da Trindade, pela bênção matrimonial Cristo se faz presente e o casal recebe o Espírito Santo para testemunhar o evangelho do amor de Deus. O sacramento

[20] Conferir em HORTAL, Jesús. *Casamentos que nunca deveriam ter existido*: uma solução pastoral. 16a. ed. São Paulo: Loyola, 2016, p. 20.

do matrimônio não é um rito vazio. Ao receber a bênção, há a invocação da graça de Deus para que o casal possa assumir os votos morais e viver uma vocação específica, uma consagração que investe os esposos de uma missão. Sem dúvida, a decisão pelo sacramento do matrimônio faz-se por um discernimento vocacional (AL, n. 72).

A reflexão de que a família cristã é um reflexo da Santíssima Trindade entra na perspectiva teológica, que enfatiza a união e a comunhão entre os membros da família, cada pessoa está voltada para a outra. Da mesma forma que o amor entre pais e filhos, e a união de um casal, espelham a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Na Trindade, as três Pessoas - Pai, Filho e Espírito Santo - são distintas, mas coexistem em perfeita unidade, amor e harmonia. Existe uma relação de reconhecimento e dependência mútua entre os pais e os filhos que se pode dizer ser um eco da relação entre as Pessoas divinas. Vêm o amor que une os membros da família, formando um 'elo de amor' que cria a unidade familiar é comparado com o Espírito Santo, visto como o amor unitivo entre o Pai e o Filho. É a família como mistério da Santíssima Trindade, comunidade de unidade, fidelidade e respeito mútuo, experimentando Vida e Amor santificados. Essa relação perfeita de amor mútuo e comunhão é vista como um modelo para a vida familiar. O Papa São João Paulo II, em sua carta *Familiaris Consortio*, afirmou que a família é uma "comunidade de pessoas" (FC, n. 18)[21], onde, assim como na Trindade, há distinção entre as pessoas, mas também uma unidade profunda e uma interdependência mútua, a respeito da família a relação das pessoas da Trindade pode ajudar na reflexão. O Pai é o princípio e a origem, assim como Deus Pai é o Criador e o Sustentador do universo. O Filho fala da revelação do amor de Deus, e na família, o Filho é visto como aquele que traz a continuidade e a herança. O Espírito Santo é colocado como o vínculo de amor e harmonia, assim como o Espírito Santo une e santifica a relação entre o Pai e o Filho. Na família, o Espírito Santo age para fortalecer a união entre os membros da casa.

Essa dimensão sugere que, assim como na Trindade, a vida familiar deve ser marcada por um amor recíproco, respeito e unidade. O amor entre os membros da família, pai, mãe e filhos é uma expressão de um amor mais profundo que mostra o relacionamento divino entre as Pessoas da Santíssima Trindade. A família 'igreja doméstica' busca viver em unidade trinitária e reflete essa comunhão divina em seus relacionamentos quotidiano. A graça recebida no sacramento do matrimônio que possibilita a família a viver a missão assumida pelo casal e ser sinal da Trindade tornando-se uma fonte de amor e vida para a sociedade como um todo.

[21] "A família, fundada e vivificada pelo amor, é uma comunidade de pessoas: dos esposos, homem e mulher, dos pais e dos filhos, dos parentes. A sua primeira tarefa é a de viver fielmente a realidade da comunhão num constante empenho por fazer crescer uma autêntica comunidade de pessoas".

Jesus reconciliou todas as coisas em si mesmo, incluindo a família. Ela foi redimida por Cristo, voltou a sua forma original. A família foi restaurada à imagem da Santíssima Trindade como mistério e relação de amor: "E nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, nele acreditamos. Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele" (1Jo 4, 16). "O matrimônio e a família recebem de Cristo, através da Igreja, a graça para testemunhar o amor de Deus e viver em comunhão" (AL, n. 63). Por isso, se entende o que São Paulo fala sobre a relação de Cristo com a Igreja, onde ele a compara com marido e mulher em uma entrega mútua de amor (Ef 5, 21-32). Além da Santíssima Trindade e da restauração de Cristo, a família de Nazaré apresenta como Jesus, Maria e José se interagiram na convivência familiar. A Sagrada família de Nazaré pode iluminar as famílias.

Vivida de modo humano e santificada pelo sacramento, a sexualidade é caminho de graça para o casal. O mistério da união dos corpos está expresso nas palavras do consentimento. Essas palavras trazem um significado à sexualidade tirando a ambiguidade. Toda vida do casal se reflete na Encarnação do Verbo com a humanidade, onde expressou seu amor. Nunca o casal estará só, pode invocar o Espírito Santo, que desceu no sacramento, para auxiliá-lo (AL, n. 74). A expressão bíblica *et erunt duo in carne una* e serão dois numa só carne, não tem só um significado físico e moral, porque o termo carne indica em hebraico não só o corpo, mas are pessoa humana na sua unidade entre os esposos. Dessa forma, essa unidade deve ser plena e completa, isto é, compreendendo as dimensões do pensamento, sentimento, vontade, sobretudo, o espiritual. Enfim, é importante haver uma integridade dos cônjuges, onde a vida sexual equilibrada, harmoniosa e dignificante é fundamental no casamento e referência da vida afetiva e emocional do casal.

Assim, o teólogo Taborda tem uma visão mais ampla da sexualidade não a considerando como apenas algo funcional e biológico[22]. Ainda seguindo o pensamento do autor, a sexualidade expressa a concretude da aliança indissolúvel entre o homem e a mulher, que na sequência reflete aliança de amor e fidelidade entre Cristo e a Igreja. O autor percebe a sexualidade no matrimônio sob uma perspectiva de aliança e reino, em outras palavras, consiste num dom de Deus e, pela graça do sacramento, é caminho de santificação para o casal. O sacramento conduz o casal à redenção transformando uma união natural em uma união sobrenatural. Igualmente, Taborda observa que o ato sexual é indissociável das finalidades de procriação e união (amor mútua e doação), e buscar o prazer pelo prazer seria considerado desordenado[23]. Mesmo o

[22] TABORDA, 2005, p. 80.
[23] Conferir em SÃO BOAVENTURA, nota 22, 1983, p. 115.

matrimônio, levando consigo a doença da concupiscência dentro da sexualidade, foi introduzido antes de todos os demais sacramentos, já no paraíso, antes do pecado: “Deus abençoou-os e disse-lhes: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1, 28). O dom sacramental de sanar a raiz concupiscente do matrimônio traz a tarefa de conversão a ser vivida a dois[24]. Enfim, o sacramento não elimina a concupiscência, mas faz com que o casal receba os meios (a graça) para que viva os princípios cristãos, amando-se como Cristo amou a Igreja. Segundo Taborda, a sexualidade é um elemento fundamental e santificador dentro do sacramento do matrimônio, onde se manifesta a profundidade da aliança conjugal entre os cônjuges e Deus. Desta forma, o sacramento do matrimônio é símbolo do Amor de Deus e do amor humano.

Existem três níveis nos quais a fé atua no sacramento do matrimônio; o nível de ministério dos cônjuges; o nível de recepção do sacramento e o nível de implementação do sinal sacramental. Nos dois primeiros níveis, a falta de fé não seria significativa, bastaria querer fazer o que faz a Igreja. A dúvida surge no terceiro nível. A falta de fé não torna objetivamente impossível a percepção do matrimônio, pois existe com os patrocínios de Cristo e da Igreja, mas, subjetivamente, sim, uma vez que essa conexão é testemunhada pela Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja[25]. Fé cristã ativa infere na recepção do sacramento, com razão no matrimônio, pois a salvação em Cristo vem da fé, como dom e resposta. Sem uma fé ativa, o homem e a mulher, mesmo batizados, não podem participar da vida em Cristo para criar um matrimônio sacramental válido. No sacramento do matrimônio cristão, o contrato não pode ser dissociado do sacramento, toda união legítima entre cristãos é um sacramento[26]. Em outras palavras, segundo Lawler, há uma integração entre a realidade teológica dos sacramentos, como ações de Cristo objetivas e eficazes, com a prática de normas legais (direito canônico) que governa na administração dos sacramentos e os torna válidos na vida da comunidade eclesial. Faz-se necessário as fórmulas e matéria elementos essenciais, procedimentos e ministros autorizados para garantir que o sinal externo produza o efeito espiritual desejado. Portanto, o rito do matrimônio é fundamental e indispensável para a realização do sacramento do matrimônio. Certas palavras pronunciadas por uma autoridade criam assim uma realidade jurídica, por exemplo, a declaração de” eu vos declaro unidos em Matrimônio, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

---

[24] Conferir em TABORDA, 2005, p. 95.
[25] Conferir em ROCCHETTA, Carlo. *Il sacramento della coppia*, Bologna: EDB, 1996, p. 198-200.
[26] Conferir em LAWLER, Michael. Faith, Contract, And Sacrament In Christian Marriage: A Theological Approach. Creighton University, Omaha: *Theological Studies*, n. 52, p. 52, 1991. Disponível em: http://cdn.theologicalstudies.net/52/52.4/52.4.6.pdf. Acesso em: 16 jul. 2020.

O Código Canônico de 1983 leva um pouco em consideração essa problemática de relação entre fé e sacramento do matrimônio e dá uma solução jurídica para os casos extremos, excluindo da obrigação da forma canônica quem tiver sido batizado católico e tenha saído da Igreja por um ato formal (CDC, cân. 1117). Tais pessoas, apesar do batismo, são consideradas na prática como não católicas. Mas é necessário um ato formal. A exigência do ato formal é inteligível do ponto de vista jurídico, porque o jurista precisa constatar algum fato[27].

Se surgirem dúvidas sobre a validade do matrimônio sacramental contraído se passa a verificação. Para resolver essas questões, existem os tribunais eclesiásticos com seu carácter pastoral, a sua atividade correta e pressurosa. Convém ter, em cada diocese e paróquias, um número suficiente de pessoas preparadas para o solícito funcionamento e acessível aos fiéis. É preciso evitar que a preocupação pastoral esteja em contraposição com o direito, ou seja, deve existir entre direito e pastoral o amor pela verdade.

> Nos casos em que surjam legitimamente dúvidas sobre a validade do Matrimónio sacramental contraído, deve fazer-se tudo o que for necessário para verificar o fundamento das mesmas. Há que assegurar, pois, no pleno respeito do direito canónico, a presença no território dos tribunais eclesiásticos, o seu carácter pastoral, a sua atividade correta e pressurosa; é necessário haver, em cada diocese, um número suficiente de pessoas preparadas para o solícito funcionamento dos tribunais eclesiásticos. Recordo que "é uma obrigação grave tornar a atuação institucional da Igreja nos tribunais cada vez mais acessível aos fiéis." No entanto, é preciso evitar que a preocupação pastoral seja vista como se estivesse em contraposição com o direito; ao contrário, deve-se partir do pressuposto que o ponto fundamental de encontro entre direito e pastoral é o amor pela verdade: com efeito, esta nunca é abstrata, mas "integra-se no itinerário humano e cristão de cada fiel." Enfim, caso não seja reconhecida a nulidade do vínculo matrimonial e se verifiquem condições objetivas que tornam realmente irreversível a convivência, a Igreja encoraja estes fiéis a esforçarem-se por viver a sua relação segundo as exigências da lei de Deus, como amigos, como irmão e irmã; deste modo poderão novamente abeirar-se da mesa eucarística, com os cuidados previstos por uma comprovada prática eclesial. Para que tal caminho se torne possível e dê frutos, deve ser apoiado pela ajuda dos pastores e por adequadas iniciativas eclesiais, evitando, em todo o caso, de abençoar estas relações para que não surjam entre os fiéis confusões acerca do valor do matrimônio (SCa, n. 29).

A renovação da liturgia decretada pelo Concilio Vaticano II (1962- 1965). ordenou a revisão de todos os ritos que chamamos de sacramentos. A renovação da nossa vida sacramental abrange não só a elaboração e a implantação de novos Rituais, mas, também, a reformulação dessas ações básicas que definem a nossa identidade na Igreja. Os padres conciliares propuseram a renovação dos ritos sacramentais no primeiro documento que o Concílio promulgou, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, em 1963.

[27] Conferir em TABORDA, 2005, p. 89.

O Catecismo da Igreja Católica apresenta o sacramento do matrimônio como sacramento do serviço e ordenado à salvação dos outros, de forma que a graça de Cristo santifica o fiel – salvação pessoal – à medida que se dispõe ao serviço aos outros – edificação do povo de Deus, especialmente no que concerne ao cônjuge e à prole. “Dois outros sacramentos, a Ordem e o Matrimónio, são ordenados para a salvação de outrem. Se contribuem também para a salvação pessoal, é através do serviço aos outros que o fazem. Conferem uma missão particular na Igreja, e servem a edificação do povo de Deus” (CIC, n. 1534).

Em que consiste o matrimônio? A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* declara:

> A íntima comunidade de vida e de amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de suas leis, é instituída pela aliança conjugal ou pelo irrevogável consenso pessoal. Desse modo, do ato humano pelo qual os cônjuges se doam e recebem mutuamente, origina-se uma instituição firmada por uma ordenação divina também diante da sociedade [.]. Na verdade, o próprio Deus é o autor do matrimônio, que é dotado de vários bens e fins [.]. Mas, por sua índole natural, o instituto do matrimônio e o amor conjugal estão ordenados à procriação e educação da prole, que constituem como que sua coroa. Por isso, o homem e a mulher, que pela aliança conjugal “já não são dois, mas uma só carne,” (Mt 19,6) pela íntima união das pessoas e atividades, prestam-se recíproca ajuda e serviço, experimentam e realizam cada dia mais plenamente o sentido de sua unidade. Sendo mútua doação de duas pessoas, esta união íntima como também o bem dos filhos exigem a total fidelidade dos cônjuges e sua indissolúvel unidade (GS, n. 48).

Em *Gaudium et Spes*, vê-se a família como de suma importância para o mundo. Decerto, a família é descrita como” célula mãe da sociedade", influenciando a todos que estão ao seu redor. A família, saindo do “lar”, das quatro paredes, expande e manifesta o amor de Deus chegando à sociedade. Pelo amor conjugal, pela generosa fecundidade, união e fidelidade, o casal é reflexo da presença viva de Cristo e da natureza da Igreja. Um casal que vive seu compromisso assumido no momento do rito sacramental contribui com seu exemplo para transformar positivamente a sociedade. É pela família que as crianças são formadas e aprendem as virtudes e valores cristãos. Elas serão adultas e, com seu modo de agir, farão toda a diferença na Igreja, na sociedade, na humanidade. Em síntese, para a GS, o matrimônio é uma instituição divina e sagrada, que edifica a comunidade eclesial e a sociedade por meio do amor, da fidelidade e da procriação responsável.

O matrimônio é a realidade da íntima comunidade de vida e de amor do casal que forma uma família instituída por meio de um contrato matrimonial a partir do consentimento mútuo dos cônjuges. Contudo, o autor dessa instituição não é o próprio ser humano, mas Deus mesmo, haja vista que “a vocação para o matrimônio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, conforme saíram da mão do criador” (CIC, n. 1603).

A dimensão comunitária do matrimônio vem à tona, pois ele é também um ato público de valores e de fé. O testemunho do casal diante da comunidade onde frequenta mostra como é possível uma vida de doação e entrega. O matrimônio é um sinal, e por ser sinal, não pode estar escondido, mas manifestado ao mundo. Por isso, esse encontro entre o que é humano e divino se dá na celebração e na vida do casal. A Igreja e o mundo necessitam desse testemunho matrimonial visível[28].

Acerca da dimensão sacramental, na Introdução Geral do Ritual do Matrimônio encontra-se a seguinte afirmação:

> Na verdade, fazendo nova criatura e novas todas as coisas, o Cristo Senhor quis o matrimônio reconduzido à sua forma e santidade primitivas, de tal modo que o que Deus uniu, o homem não separe; e, ainda mais, elevou este pacto conjugal indissolúvel à dignidade de Sacramento para que significasse mais claramente e exprimisse mais facilmente a imagem da sua própria aliança com a Igreja (GS, n. 48).

Entre os batizados, a aliança matrimonial foi elevada à dignidade de sacramento por Cristo Senhor (CIC, n. 1601). Nesse sentido, considerando a prática celebrativa da Igreja primitiva, quando ainda não havia um rito cristão próprio e o matrimônio era realizado conforme as leis civis ou costumes sociais, evitando práticas cultuais pagãs, a sacramentalidade do matrimônio resultava elementarmente da dimensão batismal dos nubentes. Assim relata Henriques:

> A expressão de origem paulina "casar-se no Senhor" tornou-se importante na teologia matrimonial cristã dos séculos I a III. O facto de o matrimónio cristão ser realizado "no Senhor" é o seu distintivo logo desde o início da Igreja. A expressão "no Senhor", quer em São Paulo, quer na patrística, evidencia claramente que o matrimónio entre cristãos, mesmo quando realizado apenas segundo a lei civil e os costumes sociais gerais, sem qualquer contexto ritual cristão, não é apenas um matrimônio terreno, mas uma realidade especificamente cristã, um matrimónio "no Senhor." Tal como não era aplicado o termo "sacramento" ao matrimónio, também não havia uma celebração litúrgica do matrimónio, mas os primeiros cristãos sabiam que o seu matrimónio era diferente, por ter uma dimensão marcadamente baptismal[29].

Embora não houvesse um rito litúrgico por meio do qual se realizava o matrimônio cristão na Igreja primitiva, não significa dizer que tal celebração se trata de uma invenção tardia empreendida pela Igreja. A prática e a vivência dos cristãos desde os primórdios apontam que o sacramento era uma realidade, uma vez que era vivido pelos primeiros esposos cristãos, ainda que a teologia e a liturgia fossem embrionárias. De fato, havia consciência de que o matrimônio

---

[28] Conferir em ABAD, José Antonio; GARRIDO, Manuel. *Iniciación a la liturgia de la Iglesia.* Madrid: Editora Palavra, 1988, p. 567-606.

[29] HENRIQUES, Orlando José Guerra. *Matrimónio. A sacramentalidade de um sacramento diferente.* Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa. Porto, 2014, p. 65.

dos cristãos possuía carácter eclesial e batismal e, com decorrer do tempo, se desenvolveria sua estruturação e organização ritual.

É reducionista e sem fundamentação a ideia de que o matrimônio é abençoado em decorrência do lugar onde foi celebrado ou da simples presença do padre ou diácono. A sacralidade do matrimônio resulta de sua dimensão sacramental celebrada, assumida e vivida na fé entre homem e mulher batizados, não apenas por ser uma "cerimônia" realizada dentro de um templo religioso ou por ser assistida por um ministro ordenado da Igreja, elementos relevantes para a validade da celebração, mas não autossuficientes.

Percebe-se que a celebração do matrimônio é momento oportuno, único que marcado no tempo se torna um acontecimento especial, memorável, onde o casal, o ministro ordenado e o próprio Cristo celebram o sacramento, vivenciando e concretizando a eternidade no tempo. Para Joseph Ratzinger o tempo é sagrado porque nele se encontra a Cristo, ponte entre o tempo e eternidade. Somente Deus pode conectar o tempo com a eternidade, no caso, somente Jesus mediador entre Deus e os homens e mulheres da terra. Por isso, que as cerimônias litúrgicas, pelo menos a maioria, se fazem no templo, consagrado a Deus, pois Deus está em sua habitação, presença concreta. Desse modo, existe a conexão de Deus com o casal, onde a celebração litúrgica é canal da bênção:

> Se ora nos perguntarmos sobre o significado dos tempos sacros no desenvolvimento da liturgia cristã, devemos considerar adquirido tudo aquilo que foi objeto de nossa reflexão no primeiro capítulo desta parte, a respeito do significado de espaço e tempo na liturgia cristã. Todo o tempo é tempo de Deus. A palavra eterna, acolhendo a existência humana em sua Encarnação, também acolheu a temporalidade, traçou o tempo dentro do espaço da eternidade. Cristo é, Ele próprio, a ponte entre o tempo e a eternidade. Se em um primeiro momento não parece que possa existir alguma relação entre o "sempre" da eternidade e o tempo que transcorre, ora é o Eterno que traça para si o tempo; no Filho, o tempo coexiste com a eternidade. A eternidade de Deus não é simplesmente ausência de tempo, negação do tempo, mas é poder sobre o tempo, que se realiza como estar-com e estar dentro do tempo. No Verbo Encarnado, que permanece sempre homem, esse estar-com se torna corpóreo e concreto[30].

O matrimônio celebrado de forma válida entre homem e mulher batizados é sempre um sacramento pelo qual "os cônjuges cristãos exprimem o mistério da unidade e do amor fecundo entre Cristo e a Igreja, e dele participam" (CIC, n. 1661). Esta é uma clara referência ao ensinamento do apóstolo Paulo aos Efésios.

> E vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante,

[30] RATZINGER, Joseph (Bento XVI). *Introdução ao Espírito da Liturgia*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 81.

> mas santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes alimenta-a e dela cuida, como também faz Cristo com a Igreja, porque somos membros do seu Corpo. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e sua Igreja. Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido. (Ef 5,25-33).

O matrimônio é sacramento porque a união indissolúvel dos cônjuges cristãos passa a ser sinal visível da unidade e do amor fecundo de Cristo com a Igreja à medida que eles fazem são parte desta mesma unidade e deste mesmo amor. O sacramento do matrimônio, a ser vivido todos os dias na graça de Deus recebida, marca essa união, essa aliança que deverá ser expressão da aliança de Cristo com a Igreja, de Deus com seu povo (FC, n. 20).

Concernente a essa compreensão, o Papa Francisco afirma na *Amoris lætitia*:

> O Sacramento do Matrimônio não é uma convenção social, um rito vazio ou o mero sinal externo de um compromisso. O sacramento é um dom para a santificação e a salvação dos esposos, porque "a sua pertença recíproca é a representação real, através do sinal sacramental, da mesma relação de Cristo com a Igreja. Os esposos são, portanto, para a Igreja a lembrança permanente daquilo que aconteceu na cruz; são um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação, da qual o sacramento os faz participar." O matrimônio é uma vocação, sendo uma resposta ao chamado específico para viver o amor conjugal como sinal imperfeito do amor entre Cristo e a Igreja. Por isso, a decisão de casar e formar uma família deve ser fruto de um discernimento vocacional (AL, n. 72).

A celebração do sacramento do matrimônio significa essa realidade sacramental indicada pela linguagem litúrgica das orações e dos sinais sensíveis e eficazes (gestos simbólicos-sacramentais) e marcada na vida dos cônjuges, cabendo-lhes assumi-la e confirmá-la todos os dias na vivência do amor. De forma que o sinal sacramental não se encerra na troca do consentimento, por meio do qual se realiza o sacramento, mas se manifesta na vida cotidiana dos esposos. Acerca disso, Taborda comenta:

> Todo sacramento está ligado à vida cristã. É a celebração da vida (práxis históricas) "no Senhor." O sacramento do matrimônio, como sacramento permanente, é diferente. Tem um momento de celebração: a troca de consentimento, o selar da aliança, mas o gesto simbólico sacramental permanece para além da celebração. Nesse sentido apresenta analogia com a eucaristia. [.] No matrimônio o gesto simbólico é a vida conjugal: num primeiro momento (celebração), essa vida enquanto promessa; num segundo momento, a própria vida enquanto realidade do dia a dia. [.][31].

[31] TABORDA, 2005, p. 81.

É relevante considerar que a aliança matrimonial entre homem e mulher batizados realizada na troca de consentimento, na ratificação, exige a sua consumação pela força do sinal da aliança ratificada, expressão forte e íntima da unidade dos esposos que se abre à vivência e geração do amor, à família, à comunidade, e, portanto, à cooperação do amor de Deus criador. Por isso, quando se fala da presença de Deus na humanidade, na Igreja e no casal se remete a bênção de Deus. O rito litúrgico de bênção - *nuptial blessing* - representa a expressão litúrgica do que o matrimônio pode ser, quando, em verdade, se leva e o oferece diante de Deus, e não apenas se concentra na promessa de casar-se[32]. Podemos dizer que o matrimônio não é algo simplesmente ritual, mas, por meio do rito, o casal é oferecido a Deus para ser sinal visível do seu amor na terra.

Uma abordagem profunda da união divina e humana do matrimônio há de ser explorada. Dentro da liturgia do rito do sacramento do matrimônio, essa união se faz presente mediante as palavras, gestos e atitudes. Podemos dizer que Deus vem ao encontro da humanidade mediante o rito cheio de significado. O matrimônio cristão é o sacramento através do qual o amor mútuo dos dois torna-se imagem do amor absoluto e indefetível com que Deus ama o homem. O amor humano é assumido no amor divino, e através dele é restaurada a unidade entre Deus e a humanidade, pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus que é amor (1Jo 4, 8-16). A presença de Deus não fica reduzida ao momento da celebração do sacramento, mas se perpetua no dia a dia da convivência do casal e filhos com generosidade, perdão e misericórdia. Muitos se perguntam como Deus ama seu povo, e uma das respostas podemos encontrar é no matrimônio entre homem e mulher, onde a criação é mantida e novos filhos são gerados, onde o amor entre duas pessoas é mantido estável[33]. A bênção do sacerdote simboliza a aprovação de Deus sobre a união e invoca a proteção e a orientação divinas sobre o amor e a vida do casal, presença do Espírito Santo conduzindo a vida familiar.

Não se deve esquecer dentro do matrimônio que o Espírito Santo movimenta as ações da Igreja. A família como 'igreja doméstica' a família precisa invocá-lo fazendo parte do dia a dia de seus membros. A família procura viver a unidade trinitária e refletir a comunhão divina em seus relacionamentos. Por isso se faz necessária a bênção sacramental, pois pela graça recebida a família é capacitada para a missão de ser sinal da Trindade no mundo e marcar no

[32] Conferir em STEVENSON, Kenneth W. *Nuptial Blessing: A Study of Christian Marriage Rites*. Londres: Alcuin Club/SPCK, 1982, p. 67.
[33] Conferir em SCHMEMANN, Alexander. *For the Life of the World:* Sacraments and Orthodoxy. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 2004, p. 84-99.

tempo e espaço a obra redentora de Deus, tornando-se uma fonte sendo reflexo fonte de amor e vida reflexo do Criador. Mais adiante se falará da perspectiva trinitária e a família humana.

Dessa forma, a missão do Espírito Santo é fundamental. A dimensão pneumática-trinitária deve estar presença na aliança conjugal. O Espírito faz com que nasça, cresça e se cure o amor na aliança conjugal de Deus com a humanidade, de Cristo com a Igreja. Do mesmo modo, o Espírito cura o amor entre marido e mulher. O amor de Cristo é perfeito, mas o amor entre os esposos é limitado, por isso a graça do Espírito vem em seu socorro. Essa união de Deus com a humanidade e de Cristo com a Igreja é sinal escatológico nessa vida e na eternidade, como, de fato, se verá mais adiante. É o Espírito que dá o dom e graça do matrimônio, sem isso, o cumprimento das propriedades e bens do matrimônio ficam limitados à ação da natureza (que é forte, pois, na natureza do homem e da mulher estão as disposições ao matrimônio natural). Aqui se pretende ir além, que o matrimônio seja imagem de Deus, imagem da Trindade e Igreja doméstica[34].

Todo esse amor conjugal é natural, ou seja, está dentro do homem e da mulher como capacidade de conexão, generosidade, sexualidade. A Igreja simplesmente confirma e atesta que o matrimônio é sacramento naturalmente. Porém, o batismo dá uma elevação a toda essa análise, pois o homem e a mulher entram a formar parte da Igreja como filhos de Deus e recebem graças especiais para desenvolver o sacramento. Além do mais, a Igreja considera de digna reflexão a aliança matrimonial como aliança de Deus com seu povo, onde a fidelidade é para sempre. Todas essas reflexões de naturalidade, definição, reflexo da Trindade Santa, aliança e encontro do amor divino com o humano ratificam que se necessita averiguar as propriedades essenciais do matrimônio, onde elas constituem a essência da convivência humana matrimonial.

1.3 Unidade e indissolubilidade matrimonial

A unidade e indissolubilidade matrimonial são propriedades essenciais do matrimônio cristão, especialmente, segundo a doutrina da Igreja Católica. Elas estão profundamente enraizadas na Sagrada Escritura, na Tradição e no Magistério da Igreja. A unidade significa que o matrimônio é a aliança exclusiva entre um homem e uma mulher. Não admite a poligamia nem outras formas paralelas de vínculo conjugal. “Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne” (Gn 2,24; Mt 19,5-6). “O amor conjugal exige dos esposos uma fidelidade inviolável. Esta é consequência do dom de si que

[34] Conferir em PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. Deus no matrimônio. In: T. D’EYPERNON. La Sainte Trinité et les Sacraments. Bruxelas, 1949; E. VOLK. Das Sakrament der Ehe Munstrer, 1959. *Dicionário teológico o Deus Cristão.* São Paulo: Paulus, 2014, p. 821-822.

eles se fazem mutuamente" (CIC, n. 1646). A indissolubilidade significa que a união matrimonial é permanente e não pode ser desfeita por vontade humana, pois é obra de Deus. "Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe" (Mt 19,6b). O vínculo matrimonial sacramental, entre batizados, é irrevogável, e só se desfaz pela morte de um dos cônjuges. O matrimônio é indissolúvel: Deus mesmo o selou. [.] A Igreja não tem o poder de ir contra esta disposição da sabedoria divina (CIC, nns.1614-1615; 2382).

A unidade consiste na união de um só homem com uma só mulher, com um só vínculo matrimonial, que consiste na monogamia, que se difere da poligamia em suas formas: poliandria (união de vários homens com uma só mulher) e poligenia (união de várias mulheres com um só homem) [35]. A unidade exclui, por conseguinte, a infidelidade, que é sua consequência direta,[36] já que a base da unidade é a fidelidade um ao outro. Um dos argumentos do direito natural é que tanto a poliandria e a poligenia vão em contra os fins do matrimônio, pois dificulta a procriação e educação dos filhos, além de incentivar a concupiscência[37]. A unidade matrimonial tem suas raízes profundas na dignidade e respeito pela pessoa humana. De fato, deve existir justiça e respeito, tanto pelo homem, como pela mulher. Nunca se deve colocar a desigualdade e inferioridade entre homem e mulher, por isso se preza pela unidade do matrimônio[38].

No caso da indissolubilidade trata-se da impossibilidade da dissolução do vínculo conjugal feito da celebração válida do matrimônio, a não ser pelo óbito de um dos cônjuges. É um elemento constitutivo da comunhão completa para toda vida matrimonial. A indissolubilidade do matrimônio pertence ao direito natural, que emerge da mesma natureza humana, que, sem vivê-lo dificulta a educação dos filhos[39]. De fato, a indissolubilidade destaca a união conjugal de um homem com uma mulher para sempre, essa característica esteve presente na consciência humana e nas comunidades cristãs[40].

A unidade dentro do matrimônio é entrega exclusiva do amor um a outro, já a indissolubilidade é a permanência no tempo. Mas, as duas características estão unidas, uma com amor exclusivo e outra com duração para toda a vida. O que é indissolúvel e o que é exclusivo no matrimônio se unem na dinâmica do amor[41]. Pode-se dizer que as propriedades do

---

[35] Conferir em CHIAPETTA, Luigi. *Il matrimonio nella nuova legislazione canonica corcordataria*. Roma: Ed. Dehoniane, 1990, p. 24-25.
[36] Conferir em D´OSTILIO, Francesco. *Prontuario del codice de diritto canonico: tavole sinotiche.* Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994, p. 397.
[37] Conferir em FORNÉS, Juan. *Derecho matrimonial canónico*. Madrid: Tecnos, 2018, p. 36.
[38] *Ibidem.*
[39] Conferir em AMIGO REVUELTO, Francisco. *Los capítulos de nulidad matrimonial en el ordinamiento canónico vigente*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1987, p. 25.
[40] *Ibidem.*, p. 37.
[41] Conferir em SARMIENTO, Augusto Franco. *El matrimonio cristiano.* Pamplona: EUNSA, 1997, p. 291.

matrimônio estão intimamente ligadas uma à outra: perfeição absoluta da união conjugal. A indissolubilidade é a plenitude da unidade, é a unidade continuada no tempo[42].

As propriedades do matrimônio são essenciais porque a ordem jurídica da Igreja assim o dispõe. Para o direito canônico os bens essenciais do matrimônio são suas propriedades. "As propriedades essenciais do matrimônio são a unidade e a indissolubilidade, que, no matrimônio cristão, adquirem uma firmeza especial em virtude do sacramento" (CDC, cân. 1056). Além disso, as propriedades do matrimônio são essenciais pelo fundamento na Sagrada Escritura e no direito natural do ser humano.

As propriedades do matrimônio não são algo imposto externamente, mas derivam dele naturalmente. Inclusive para os não batizados na Igreja católica as propriedades lhes são inerentes. Claro que para os batizados é fonte de graça sacramental que lhes ajuda no caminho da santidade matrimonial[43]. Ademais, existem fontes onde o matrimônio, por natureza, é monogâmico e indissolúvel[44]. Mesmo que o matrimônio tenha uma incidência forte no âmbito social, o regimento dele é na jurisdição natural[45]. A unidade e a indissolubilidade do matrimônio contribuem para o desenvolvimento do casal e da própria família. O progresso da família depende do cumprimento das propriedades do matrimônio[46].

Após refletir sobre o ato jurídico do matrimônio dentro da Igreja é preciso desenvolver como se continuam as propriedades em perseverança. Pode-se dizer que o matrimônio é um processo iniciático, onde se aceitam as fragilidades e se ponderam as qualidades. Para que o matrimônio seja um processo em construção, a partir das diretrizes da Igreja, é conveniente meditar sobre a escatologia: "segundo o biblista Silvio Barbaglia, nos Evangelhos, a indissolubilidade absoluta vale apenas para os casais que vivem como irmão e irmã 'pelo reino dos céus'"[47]. Não se trata de colocar em questionamento as palavras do evangelho sobre a permanência do matrimônio, nem sequer o processo de nulidade da Igreja, mas ver como agir diante de realidade superior. Quando se fala de vida eterna já se pensa na morte, mas a vida eterna tem uma incidência na pastoralidade do cotidiano. Tampouco, o discernimento da *Amoris Laetitia* desvirtua a indissolubilidade matrimonial, porém dá um sentido escatológico de

[42] Conferir em CHIAPETTA, 1990, p. 25.
[43] Conferir em LLANO CINFUENTES, Rafael. *Novo direito matrimonial canónico.* Rio de Janeiro: Marcos Saraiva, 1990, p. 92.
[44] Conferir em FERNÁNDEZ CASTAÑO, José Manuel. *Legislación matrimonial de la Iglesia.* Salamanca: San Esteban, 1994. p. 72.
[45] *Ibidem.*, p. 70.
[46] Conferir em CHIAPETTA, 1990, p. 27.
[47] MAGISTER, Sandro. *Matrimônio indissolúvel? Sim, mas para uns poucos escolhidos.* Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2016. Reportagem de Andrea Tornielli. Disponível em: Matrimônio indissolúvel? Sim, mas para uns poucos escolhidos - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 30 jun. 2025.

apreciação da realidade do matrimônio. Por isso é importante discernir sobre todas as situações irregulares do matrimônio para que essa realidade escatológica seja cumprida.

> De fato, segundo o cardeal Christoph Schönborn – exegeta oficial da exortação pela posse do Papa Francisco –, as exceções que surgem aqui e ali interessam apenas ao "discernimento pessoal e pastoral dos casos particulares", porém não afetam de nenhuma maneira a doutrina, nem sequer põem em dúvida a permanente absolutividade das palavras de Jesus contra o divórcio: "O que Deus uniu, não separe o homem" (Mt 19, 6)[48].

Na escatologia cristã, o matrimônio terreno é compreendido como um sinal passageiro de uma realidade eterna, de uma realidade que há de vir. Essa perspectiva é a união plena entre Cristo e a Igreja (Ef 5, 25-32). Como se diz na Escritura: "Na ressurreição, nem eles se casam e nem elas se dão em casamento, mas são todos como os anjos no céu" (Mt 22, 30). Por conseguinte, o matrimônio aponta seu cumprimento escatológico: ele é sinal e caminho para a comunhão definitiva com Deus. O amor conjugal é sacramental, mas está a serviço do Reino, está para uma realidade humana e divina. Existe, portanto, um matrimônio entre Deus e a humanidade, mas não se trata da humanidade em abstrato, mas em cada matrimônio. Do mesmo modo que se falar das coisas que hão de vir, na eternidade, é preciso falar do está acontecendo na realidade do matrimônio, pois sem Deus o matrimônio não se fundamenta[49].

O amor dos esposos é uma profecia do Céu: a doação total dos cônjuges, em corpo e alma, antecipa o dom total e definitivo que será vivido na vida eterna, quando a comunhão dos santos será plena. A entrega e doação no sacrifício do amor conjugal é visto como antecipação da vida eterna, pois o matrimônio é um sacramento que prefigura a união eterna com Deus. (CIC, n. 1612-1619). É caminho de santificação e preparação para a glória futura. O amor dentro do matrimônio, embora vivido no tempo e no espaço físico, tem um valor duradouro porque é expressão do amor divino. A abertura à vida, própria do matrimônio cristão, ou seja, os filhos que Deus há de mandar tem uma dimensão escatológica, porque colabora com Deus na obra da criação e ao mesmo tempo, no servir para a salvação: os filhos são chamados à vida eterna. A fecundidade, contudo, não se restringe à geração biológica: há fecundidade espiritual, missionária, eclesial. É importante que o casal tenha firmeza na fé e sejam testemunhas da sua participação como membros da igreja, ou melhor, assumam ser igreja. Se o casal já tem uma vivência na fé, fazendo orações em família, indo à igreja seguindo os preceitos e visitando os sacramentos, sem dúvida, os filhos perceberão a coerência no falar e agir, nos comportamentos

[48] MAGISTER, Sandro. *Matrimônio indissolúvel? Sim, mas para uns poucos escolhidos.* Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2016. Reportagem de Andrea Tornielli. Disponível em: Matrimônio indissolúvel? Sim, mas para uns poucos escolhidos - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 30 jun. 2025.

[49] Conferir em RUSH, Alfred C. *Death as a Spiritual Marriage: individual and ecclesial eschatology.* Vigiliae Christianae, Leiden: Brill, v. 26, n. 1-4, jan. 1972, p. 81–101.

e atitudes. Os pais em especial assumem o papel de administrar os sacramentos, proclamar a palavra e ser serviço, dar aos filhos não apenas o desenvolver material, mas espiritual. Os pais levam algo a mais para seus filhos, sempre em busca da santificação, concretizando em atitudes para melhor educar ética e moralmente seus filhos para o eterno. Haverá consequências para a eternidade. Não ficar e fixar os sentidos no externo desviando muitas vezes o pensamento, a atenção para o fora e sim, ter experiência da presença de Deus, o mistério como a própria origem da palavra sacramento. Os pais têm como missão ensinar os filhos e as pessoas que estão em seu entorno a serem celestiais. Assim, a prole seguirá esse testemunho e farão parte da missão de evangelizar A missão da família não se restringirá a um espaço fechado. Segundo o FRANCISCO (2016) a fecundidade se expande além dos limites do lar traduzindo de diferentes maneiras o amor de Deus na sociedade.

Ao falar sobre a permanência e durabilidade no tempo do matrimônio, é importante estabelecer que o amor está atrelado ao vínculo matrimonial. Enquanto o amor não morre, a união canônica segue. Além disso, surge um amor conjugal mais forte após cada crise ultrapassada no matrimônio.

> No que diz respeito à doutrina da indissolubilidade, na verdade, já são muitos os que teorizam que o amor esponsal pode "morrer", dissolvendo-se também o vínculo sacramental. Isso sem falar na difundida práxis de dar a comunhão aos divorciados que voltam a casar, o que também desmente, de fato, a indissolubilidade do matrimônio[50].

Falar sobre resgatar o amor, pode parecer belo e romântico, mas permanecer no amor conjugal requer a graça de Deus, dedicação e parceria. De fato, colocar os meios para que o amor do casal não se esfrie ou se acabe é uma tarefa excelente dentro da Igreja e do próprio matrimônio. Unidade e indissolubilidade matrimonial são sinônimo de graça de Deus e esforço pessoal para que essas propriedades se considerem como algo essencial.

1.4 Matrimônio e família: vocação e realização do amor

Analisar a importância e vivência da fidelidade e permanência do matrimônio é fundamental para realização do plano de Deus na vida do casal. Tanto a fidelidade quanto a permanência no amor conjugal se podem aplicar a todos os matrimônios, incluindo quem não é católico. É interessante que quando se vivencia verdadeiramente o primeiro sacramento, o

[50] MAGISTER, Sandro. *Matrimônio indissolúvel? Sim, mas para uns poucos escolhidos.* Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2016. Reportagem de Andrea Tornielli. Disponível em: Matrimônio indissolúvel? Sim, mas para uns poucos escolhidos - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 30 jun. 2025.

batismo, o matrimônio toma outra dimensão, torna-se um chamado, uma vocação. Esse sacramento significa o servir, o doar-se, reflete um amor sem restrições.

A realização do matrimônio para os cristãos não diz respeito meramente a uma regularização e reconhecimento de uma união conjugal por parte da comunidade eclesial – que não diferenciaria em nada, por exemplo, de um casamento civil – mas remete à vivência de uma comunidade de vida e de amor conjugal fundamentado e a serviço da fé batismal. A fé batismal é o grande distintivo do matrimônio cristão e, em decorrência disso, a celebração do matrimônio e sua vivência pelos esposos terão como referência o plano de amor de Deus para com a humanidade, manifestado, sobretudo, no Evangelho.

O Papa São João Paulo II, na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, recorda que Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher, criados à sua imagem e semelhança, a vocação, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão, de modo que homem e mulher são chamados por amor ao amor. Nesse sentido, o Papa São João Paulo II afirma:

> Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a a sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano (FC, n. 11).

Os dois modos específicos pelos quais na revelação cristã se realiza a vocação da pessoa humana na sua totalidade ao amor é o matrimônio e a virgindade. Tratando-se do matrimônio, esse amor não se reduz a um amor carnal e erótico, algo puramente biológico, nem se limita a uma relação de conveniências, mas tende ao chamado de viver um amor doação, total, oblativo, como o amor de Cristo por sua Igreja, sem deixar desintegrado o amor carnal[51]. O matrimônio e a família não são instituições meramente humanas, apesar das muitas mudanças que conheceram ao longo dos séculos têm seu fundamento no próprio Deus, que é amor e nos criou por amor, para amar (GS, n. 48; AL, n. 61).

No plano da realização da vocação ao amor entre os cônjuges e na família não são poucos os desafios e, para superá-los decorre a importância da consciência de assumir o matrimônio como um verdadeiro projeto de vida e de realização vocacional. A fé batismal deve iluminar o testemunho de vida, amor e comunhão dos esposos e, ao mesmo tempo, em que deve

[51] O Papa Bento XVI, em sua Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, trata acerca da compreensão que envolve a palavra "amor" e reflete acerca da diferença e unidade entre o amor, considerando as raízes etimológicas gregas "eros" e "ágape" (conferir em BENTO XVI, 2005, n. 3-8) e indica que "quanto mais os dois encontram a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral." (BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est.* Disponível em: Deus caritas est (25 de dezembro de 2005) | Bento XVI. Acesso em: 20 mar. 2025).

impulsionar a busca dos esposos em progredir na perfeita caridade, alimentando sua fé na Palavra e na Eucaristia.

São João Paulo II reflete que a comunhão de amor entre Deus e os homens é conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fé de Israel e que, na aliança nupcial instaurada entre homem e mulher, encontra significativa expressão. Nesse sentido, São João Paulo II escreve:

> É por isso que a palavra central da Revelação, "Deus ama o seu povo", é também pronunciada através das palavras vivas e concretas com que o homem e a mulher se declaram o seu amor conjugal. O seu vínculo de amor torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo. E o mesmo pecado, que pode ferir o pacto conjugal, torna-se imagem da infidelidade do povo para com o seu Deus: a idolatria é prostituição, a infidelidade é adultério, a desobediência à lei é abandono do amor nupcial para com o Senhor. Mas a infidelidade de Israel não destrói a fidelidade eterna do Senhor e, portanto, o amor sempre fiel de Deus põe-se como modelo das relações do amor fiel que deve existir entre os esposos (FC, n. 12).

Quando o pecado venha a ferir a aliança conjugal e a vida familiar, é necessário que os esposos se firmem no amor restaurador e santificador dado como graça e dom desde o batismo e que deve ressoar vivamente no matrimônio. O amor de Deus não é descartável e a promessa de amor entre os esposos, sinal vivo do amor de Deus para com a humanidade, não deve ser um fardo insuportável. Ao contrário, esse amor deve motivá-los a encontrar a força para a vivência da mútua doação, numa consciência justa, grave e discernida da vocação matrimonial, em vista sempre da felicidade. A fidelidade pura e perene do amor de Deus é sempre fonte e força, modelo e motivação para a vivência da fidelidade do amor dos esposos.

O Papa Francisco reafirma o amor de Cristo como fundamento do amor matrimonial, capaz de sustentar a aliança conjugal, como aquela casa construída sobre a rocha resistente às tempestades (Mt 7, 24-25). Acerca disso, o Papa Francisco pondera:

> Na mútua recepção e com a graça de Cristo, os noivos prometem-se entrega total, fidelidade e abertura à vida, e também reconhecem como elementos constitutivos do matrimônio os dons que Deus lhes oferece, levando a sério o seu mútuo compromisso, em nome de Deus e perante a Igreja. [.] O sacramento não é uma "coisa" nem uma "força", mas o próprio Cristo, na realidade, "vem ao encontro dos cônjuges cristãos pelo sacramento do matrimônio. Permanece com eles, concede-lhes a força de segui-lo levando sua cruz e de levantar-se depois da queda, perdoar-se mutuamente, carregar o fardo uns dos outros. O matrimônio cristão é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos (AL, n. 73).

Somente o amor de Cristo pode dar sustento ao amor entre marido e mulher, como afirma Cardeal Angelo Scola. Na realidade, o amor de Cristo é importante para todos, cristãos ou não, contudo, no matrimônio cristão, o amor a Cristo se torna indispensável para dar o tom,

é o doar-se do que se espera do amor conjugal. Esse convite vai especialmente aos jovens do tempo de hoje que perderam a sustentação do amor dentro do casamento[52].

O pleno e definitivo cumprimento da comunhão entre Deus e os homens é encontrado em Jesus Cristo, "o Esposo que ama e se doa como Salvador da humanidade" (FC, n. 13), que a une a si como seu corpo. O amor prodigioso de Cristo na cruz, ápice da realização plena do amor que frutifica em vida plena a sua Esposa, a Igreja, deve inspirar e fundamentar a relação matrimonial da vocação e da realização do amor entre os esposos. Considerando a sacramentalidade do matrimônio na história da salvação, o matrimônio é memorial, atualização e profecia, conforme expressou o Papa São João Paulo II:

> Sendo memorial, o sacramento dá-lhes a graça e o dever de fazerem memória das grandes obras de Deus e darem testemunho delas junto dos próprios filhos; sendo actualização, dá-lhes a graça e o dever de executarem no presente, um para com o outro e para com os filhos, as exigências dum amor que perdoa e resgata; sendo profecia, dá-lhes a graça e o dever de viverem e testemunharem a esperança do futuro encontro com Cristo[53].

O amor conjugal não se esgota no interior do próprio casal visto que está aberto à geração de vida nova, por meio da qual se torna cooperador com Deus no dom da vida a uma nova pessoa humana. Ademais, a fecundidade não se restringe somente à procriação dos filhos, mas "alarga-se e enriquece-se com todos aqueles frutos da vida moral, espiritual e sobrenatural que o pai e a mãe são chamados a doar aos filhos e, através dos filhos, à Igreja e ao mundo" (FC, n. 28). No seio familiar, os esposos devem educar na fé os seus filhos com carinho e cuidado, como parte do testemunho de sua aliança matrimonial. Tornam-se, assim, verdadeira igreja doméstica.

Concernente àqueles a que a procriação não é possível, afirma São João Paulo II, "nem por isso a vida conjugal perde seu valor," (FC, n. 14) e sim, impulsiona a vivência do amor, como se explicita: "A esterilidade física, de fato, pode ser para os esposos ocasião de outros serviços importantes à vida da pessoa humana, por exemplo a adoção, as várias formas de obras educacionais, a ajuda a outras famílias, às crianças pobres ou deficientes" (FC, n. 14).

A realização do amor e a vivência da felicidade é inerente à vida matrimonial e familiar a qual os esposos devem sábia e pacientemente viver em sua rotina, cada um sendo o suporte

---

[52] Conferir em SCOLA, Angelo. "*Tra la fede e il matrimonio riflessione ferma da secoli. Ora é urgente ripensarla."* Entrevista de Luciano Moia. Catholica 21. 20 settembre 2015. Disponível em: Avvenire 20 09 15 Scola tra fede e matrimonio riflessione ferma da secoli ora e urgente ripensarla.pdf. Acesso em: 09 ago. 2025.

[53] JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II a dois grupos internacionais de cientistas.* 3 de nov. de 1979, n. 3. Disponível em: Aos membros de dois Grupos Internacionais de Pesquisas (3 de novembro de 1979) | João Paulo II. Acesso em: 04 mar. 2025.

do outro. Ninguém consente o matrimônio para viver a infelicidade, o desprezo e o ódio, sinais visíveis de profundo desvio da fé batismal que impedirá a vivência da vocação ao amor. Com efeito, se não houver um desejo honesto e real dos dois esposos a assumir e viver seu matrimônio, no respeito, diálogo, perdão, acolhida e, especialmente, no amor, as consequências para a relação conjugal e familiar serão dolorosas e, sem conversão, impossibilitará a vivência da aliança assumida no matrimônio.

Desse modo, na alegria própria do amor que brota de Deus e que foi derramado na aliança matrimonial, os esposos, de forma confiante, devem sempre recorrer à graça divina em cada situação, conforme recorda o Papa Francisco:

> Os esposos nunca estarão sós, com as suas próprias forças, enfrentando os desafios que surgem. São chamados a responder ao dom de Deus com o seu esforço, a sua criatividade, a sua perseverança e a sua luta diária, mas sempre poderão invocar o Espírito Santo que consagrou a sua união, para que a graça recebida se manifeste sem cessar em cada nova situação (AL, n .74).

Os esposos têm como defensor e guia o Espírito Santo, sendo auxiliados pela graça divina e sustentados em cada situação. Assim, abertos à ação do Espírito, com docilidade, reconhecendo as fragilidades e apoiando-se mutuamente, fundados e alimentados pela Palavra e pela Eucaristia, seguirão sua vocação ao amor. Vocação essa que se realizará de forma plena e fecunda na vida conjugal e familiar e os homens e as mulheres verão brilhar a luz do amor de Deus nos esposos e em suas boas obras e Deus mesmo será glorificado (Mt 5, 16).

O *Instrumentum laboris* da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos sobre "Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização", de 2014, recorda o matrimônio como imagem da vida trinitária e declara: "A experiência do amor recíproco entre os esposos ajuda a compreender a vida trinitária como amor: através da comunhão vivida em família as crianças podem divisar uma imagem da Trindade" (SÍNODO DOS BISPOS, 2014, p. 35). O *Instrumentum laboris* cita um excerto de uma catequese do Papa Francisco acerca dos sacramentos em que ele fala sobre o matrimônio e o relaciona com a comunhão e unidade da Trindade, a saber:

> Recentemente, o Santo Padre Francisco recordou nas suas catequeses sobre os sacramentos que "quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do matrimônio, Deus, por assim dizer, 'espelha-se' neles, imprime neles os seus lineamentos e o caráter indelével do seu amor. O matrimônio é o ícone do amor de Deus por nós. Com efeito, também Deus é comunhão: as três Pessoas do Pai, Filho e Espírito Santo vivem desde sempre e para sempre em unidade perfeita. É precisamente nisto que consiste o mistério do matrimônio: dos dois esposos Deus faz uma só existência (SÍNODO DOS BISPOS, 2014, n. 35).

A Santíssima Trindade, Deus amor e comunhão, revela a relação de amor e de unidade que gera vida. Assim, os esposos cristãos, consagrados no amor de Deus, deverão dar testemunho da sua escolha de vida de maneira que o matrimônio verdadeiramente seja o ícone do amor de Deus pelo seu povo.

A vocação ao amor dentro do matrimônio se realiza com a espiritualidade conjugal e familiar. Vocação é chamado e resposta que se dá a uma pessoa concreta, que exige uma resposta concreta todos os dias. Dado que o marido e a mulher são uma só carne, o chamado e a resposta se realizam plenamente como casal, como filhos, enfim como família. Quando o casal, desde antes da preparação ao matrimônio, vive na presença de Deus, fica mais fácil realizar o seu plano na vida.

1.5 Espiritualidade conjugal e familiar no amor

O Concílio Vaticano II falou que a espiritualidade dos leigos brota no âmbito familiar, onde "deverá assumir características especiais" (AA, n. 4). A espiritualidade familiar fica diretamente aos cuidados dos leigos na sociedade e na Igreja. Por isso, é importante dar algumas características dessa espiritualidade. No final, se colocará um pensamento de Guardini sobre a graça e o dom de Deus, onde o matrimônio e a família estão chamados a exercer no mundo.

A espiritualidade se dá na comunhão sobrenatural com Deus. Dar glória a Deus é tarefa de seu povo reunido na terra como diz o salmista em Sl 22/21, 4, pois apesar de sofrimento há uma história de libertação e confiança em Deus que está presente na vida do povo. Os binômios abandono-fé e sofrimento-esperança existem culminando em um louvor a Deus, fiel a seu povo. Na vida concreta do casal, com alegrias e tristezas, é necessário não colocar máscaras para esconder a realidade familiar, pois na autenticidade está a paz. As mentiras não podem existir na vida familiar. Para isso o encontro entre humano e divino ajuda a unir marido e mulher juntamente com os filhos (GS, n. 49). A força conjugal vem do alto, de Deus. A comunhão bem vivida na família é causa de santificação pessoal. A união com Deus se faz mais intensa com a sua glorificação diária no amor ao semelhante. O amor ao próximo dentro do matrimônio e da família se torna essencial. Bento XVI fala que "o fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus" (DCE, n. 16).

O casal deve se unir em oração à luz da Páscoa. O envolvimento e associação à cruz de Cristo tem toda relevância para a família: "Com a graça do Espírito Santo, a sua santidade através da vida matrimonial, participando também no mistério da cruz de Cristo, que transforma as dificuldades e os sofrimentos em oferta de amor" (SÍNODO DOS BISPOS, 2015, n. 87). Os momentos de festa na família são vividos com a ressurreição de Cristo, assim: "espaço

teologal, onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado" (VC, n. 42). Quando se trata de rezar em família, o mistério da Páscoa é refeito. A oração em família é um meio privilegiado para exprimir e reforçar essa fé pascal. A oração em família, sob intercessão de Maria, mãe de Deus, tem uma eficácia maior. Também, os laços familiares se unem na Eucaristia, ou seja, na Celebração Eucarística, vivida em união familiar. Assim, constatamos os laços íntimos que existem entre a vida conjugal e a Eucaristia[54].

O matrimônio é um chamado à espiritualidade do amor exclusivo e libertador. O casal visa envelhecer juntos, onde isso reflete a fidelidade entre si e com Deus. De fato, a experiência interna da fidelidade e amor conjugal sempre foi opção, é um estilo de vida: "exigência interior do pacto de amor conjugal" (FC, n. 11), pois quem se decide amar para sempre deve amar por um dia[55]. Cada manhã, o casal renova o amor primeiro. No íntimo do coração de quem está casado se definem as motivações para a entrega e sacrifício na família: "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!" (Mt 28, 20). Um ponto importante é o desapego do que é humano e apego a Deus. O único centro da vida do ser humano, mesmo casado, é Deus, mostrado como Cristo. Não se pode colocar demasiada expectativa no outro, pois é falho e humano. Somente Deus é o perfeito e todo-poderoso. Por isso, como justamente indicava Dietrich Bonhoeffer, o ajude a "desiludir-se" do outro,[56] a deixar de esperar dessa pessoa aquilo que é próprio apenas do amor de Deus.

O casal deve experimentar a espiritualidade da solicitude, da consolação e do estímulo. Importante cuidar um do outro na família. O cuidado não significa controle, mas atenção e diálogo. É necessário abordar o conceito de que a família é um hospital[57]. Cada palavra, gesto, atitude, carícia ou silêncio corresponde ao amor conjugal conveniente para a família. Por isso, "através das palavras vivas e concretas com que o homem e a mulher se declaram o seu amor conjugal" (FC, n. 12). Dentro desse caminho de espiritualidade e construindo a história ninguém deve se sentir só[58]. O pastoreio dentro da família tem um gosto especial, onde a misericórdia deve falar mais alto. Cada família tem uma história, mas essa história é Deus que escreve: "Nossa carta sois vós, carta escrita em nossos corações [.] não com tinta, mas com o

---

[54] Não esqueçamos que a Aliança de Deus com o seu povo se exprime como um desposório (Ez 16, 8.60; Is 62, 5; Os 2, 21-22), e a nova Aliança é apresentada também como um matrimónio (Ap 19, 7; 21, 2; Ef 5, 25).
[55] Conferir também na catequese: JOÃO PAULO II. *Homilia em Córdoba (8 abr. 1987*), n. 4: *Insegnamenti* 10/1 (1987), 1161-1162; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa, 8/V/1987), 6.
[56] Conferir em BONHOEFFER, Dietrich. *Gemeinsames Leben*. München (Munique) : Chr. Kaiser Verlag, 1973, p. 18.
[57] Conferir em FRANCISCO. *Catequese (10 de junho de 2015).* In: *L'Osservatore Romano* (edição semanal portuguesa de 11/VI/2015), p. 16.
[58] Conferir em FRANCISCO. *Discurso na Festa das Famílias e Vigília de Oração.* Filadélfia, 26 set. 2015. *L'Osservatore Romano* (edição semanal portuguesa de 08/X/2015), p. 2.

Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações!" (2Cor 3, 2-3). Cada um é um "pescador de homens" (Lc 5, 10) que, em nome de Jesus, lança as redes (Lc 5, 5), para os outros, ou um lavrador que trabalha nesta terra fresca que são os seus entes queridos, incentivando o melhor deles. (AL.322). Ser fecundo no matrimônio é "amar uma pessoa é esperar dela algo indefinível e imprevisível; e é, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe de alguma forma os meios para satisfazer tal expectativa"[59]. Jesus olhava a todos com amor, nisso consiste a vivência do evangelho em cada família: "Jesus era um modelo, porque, quando alguém se aproximava para falar com Ele, fixava nele o seu olhar, olhava com amor" (Mc 10, 21). Ninguém se sentia transcurado na sua presença, pois as suas palavras e gestos eram expressão desta pergunta: "Que queres que Eu te faça?" (Mc 10, 51). Vive-se isto na vida quotidiana da família (AL, n. 323). Por fim, cada família deve transmitir o amor de Deus também aos outros, existe, assim, uma dimensão social de hospitalidade a ser vivida (FC, n. 44).

Jesus, ao instituir a nova aliança, ensina aos seus discípulos: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13, 34-35). Todos os cristãos, incluindo em específico os que vivem a vocação matrimonial, recordem-se: a lei é o amor!

A partir de tudo o que foi exposto acerca do sacramento do matrimônio, é possível afirmar de forma resumida que o fundamento da lei matrimonial é o amor, isto é, Deus mesmo, "porque Deus é amor" (1Jo 4, 8). Para os esposos cristãos, conscientes dessa realidade, decorre uma conduta de vida que manifeste tal amor, seguros do combate a enfrentar, para o qual já foram preparados pelo batismo (quando no peito ou em outras partes do corpo foi derramado o óleo dos catecúmenos, símbolo da força do Cristo), preparando-os para o combate da fé com a força, a sabedoria e as virtudes divinas[60].

O Catecismo ensina que a graça do sacramento do matrimônio destina-se, antes de tudo, "a aperfeiçoar o amor dos cônjuges" (CIC, n. 1641). O amor deve ser entendido e assumido à maneira como revelou o Cristo Senhor, o amor total, pleno, doação, que se alcança não de forma repentina, mas cotidianamente, com perseverança e paciência, desenvolve-se até chegar à perfeição (Mt 5, 48). É necessário querer amar e deixar-se ser amado, de modo que ao dizer a

[59] MARCEL, Gabriel. *Homo viator: Prolégomènes à une métaphysique de l'espérance*. Paris: Aubier-Montaigne, 1944, p. 63.
[60] Conferir RITUAL ROMANO. *Ritual do Batismo*. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1999.

alguém - eu amo você, expresse realmente - eu me sacrifico por você, não de forma unilateral, mas reciprocamente.

Isso realmente supõe e exige a fé cristã, sobretudo, se for considerado o mundo hodierno com as grandes mudanças na consciência moral, caracterizadas pelo secularismo, subjetivismo, relativismo, materialismo e imediatismo,[61] dos quais surgem desafios para os casais cristãos, principalmente, quando a opção fundamental de um dos cônjuges não é Jesus Cristo ou quando lhe falta uma consciência do que a vida matrimonial exige para sua realização plena.

Na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco (2016) oferece uma reflexão, fruto do Sínodo dos Bispos, sobre a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo (2015), acerca da vivência do amor cotidiano no matrimônio, partindo do hino à caridade escrito por São Paulo aos fiéis de Corinto. Com base no comentário do Papa ao texto 1 Co 13[62], alguns elementos são destacados para iluminar como a lei do amor pode ser vivida no dia a dia.

O amor é paciente: A paciência não é dom dado a uns e negado a outros, mas é uma virtude a ser cultivada, contrária à impulsividade e à agressão perante as fraquezas ou erros dos outros. "Ter paciência não é deixar que nos maltratem permanentemente, nem tolerar agressões físicas, ou permitir que nos tratem como objetos," de forma que o problema surge quando "exigimos que as relações sejam idílicas, ou que as pessoas sejam perfeitas, ou quando nos colocamos no centro esperando que se cumpra unicamente a nossa vontade. Então tudo nos impacienta, tudo nos leva a reagir com agressividade," e a família se tornará um campo de batalha.

O amor é prestativo: É próprio de quem ama mostrar sua bondade nas ações, de forma que o amor beneficia e promove os outros. Assim, "o amor não é apenas um sentimento, mas deve ser entendido no sentido que o verbo 'amar' tem em hebraico: *'fazer o bem'*" Fazer o bem com intenção reta e gratuita e, não, por conveniência.

O amor não é invejoso: "O verdadeiro amor aprecia os sucessos alheios, não os sente como ameaça, libertando-se do sabor amargo da inveja". A inveja e o ciúme são contrários ao amor, pois "no amor, não há lugar para sentir desgosto pelo bem do outro".

---

[61] Essas mudanças são elencadas e comentadas por Borobio, para avaliar a repercussão que as mudanças na consciência moral têm na celebração litúrgica e na formação e transformação da consciência e da vida moral do povo de Deus. (Conferir em BOROBIO, Dionisio. *Pastoral dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 101-103).

[99] Nas pp.42 a 46 trata-se do comentário do Papa Francisco em *Amoris Lætitia.* nns. 92 a 119

O amor não é arrogante e nem orgulhoso: O orgulho ou vanglória conduz a pessoa "ao desejo de se mostrar superior para impressionar os outros com atitude pedante um pouco agressiva. Quem ama não só evita falar muito de si mesmo, mas, porque está centrado nos outros, sabe manter-se no seu lugar sem pretender estar no centro". Já a arrogância ou ostentação refere-se ao engrandecimento pessoal diante dos outros e, não apenas isso, "é pior: perde-se o sentido da realidade, a pessoa considera-se maior do que é, porque se crê mais 'espiritual' ou 'sábia'". Desse modo, a "atitude da humildade aparece aqui como algo que faz parte do amor, porque, para poder compreender, desculpar ou servir os outros de coração, é indispensável curar o orgulho e cultivar a humildade."

O amor não faz nada de inconveniente: "Amar é também tornar-se amável." Nesse sentido, as atitudes estúpidas, rudes, inconvenientes, ásperas não manifestam a amabilidade. O amor é agradável em seu modo, palavra e gestos: sereno e amável, capaz de dizer palavras de incentivo para reconfortar, estimular, fortalecer e consolar, abraçar com ternura. "Ser amável não é um estilo que o cristão possa escolher ou rejeitar: faz parte das exigências irrenunciáveis do amor, por isso 'todo ser humano está obrigado a ser afável com aqueles que o rodeiam'."

O amor não é interesseiro: Quem ama não busca seu próprio interesse e, por isso, é desprendido, é gratuito, é livre, não espera nada em troca. Dessa maneira, "deve-se evitar dar prioridade ao amor a si mesmo, como se fosse mais nobre do que o dom de si aos outros".

O amor não se irrita: A irritação, raiva, ódio ou cólera dizem respeito "a uma reação interior de indignação provocada por algo exterior. Trata-se de uma violência interna, uma irritação recôndita que nos põe à defesa perante os outros, como se fossem inimigos molestos a evitar." Nesse sentido, provocada por algo exterior, cabe a quem ama discernir e decidir o que fazer a partir da irritação: uma coisa é sentir, outra é consentir. "A indignação é saudável, quando nos leva a reagir perante uma grande injustiça; mas é prejudicial, quando tende a impregnar todas as nossas atitudes para com os outros". Atitudes cruéis e trágicas surgem da dominação da raiva no coração humano, quando não discernida e iluminada pelo amor.

O amor não guarda rancor: "Se permitirmos a entrada de um mau sentimento no nosso íntimo, damos lugar ao ressentimento que se aninha no coração." A queda de uma pessoa pode gerar feridas. Enquanto não forem devidamente curadas, todas as vezes que alguém tocar insensivelmente nelas, poderá causar dor. Quando, porém, elas forem curadas e desaparecerem ou se tornarem cicatrizes. deixarão as marcas da queda na pessoa e o toque na cicatriz não mais provocará dor. O rancor é sinal de ferida aberta. O perdão é remédio para a ferida, "perdão fundado em uma atitude positiva que procura compreender a fraqueza alheia e encontrar desculpas para a outra pessoa". Assim, "qualquer erro ou queda do cônjuge pode danificar o

vínculo de amor e a estabilidade familiar. O problema é que, às vezes, atribui-se a tudo a mesma gravidade, com o risco de tornar-se cruel perante qualquer erro do outro". A melhor opção de quem ama será sempre o perdão, que cura e restaura, e não o ressentimento e a vingança, que adoece e destrói a vida.

O amor não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade: Alegrar-se com a injustiça refere-se a uma atitude venenosa de quem se alegra, no seu íntimo, ao ver o fracasso dos outros. Regozijar-se com a verdade, por sua vez, refere-se à alegria "com o bem do outro, quando se reconhece a sua dignidade, quando se apreciam as suas capacidades e as suas boas obras". Alegrar-se com as vitórias dos outros "é impossível para quem sente a necessidade de estar sempre a comparar-se ou a competir, inclusive com o próprio cônjuge, até o ponto de se alegrar secretamente com os seus fracassos". Força poderosa é o amor, capaz de enfrentar qualquer coisa que possa ameaçá-lo e, sobremaneira, de restaurar as relações por alguma razão afetadas negativamente.

O amor tudo desculpa: "É diferente de 'não ter em conta o mal', porque este termo [*panta stégei*] tem a ver com o uso da língua; pode significar 'guardar silêncio' a propósito do mal que possa haver em outra pessoa. Implica limitar o juízo, conter a inclinação para se emitir uma condenação dura e implacável." Está relacionado a não difamar. "Os esposos, que se amam e se pertencem, falam bem um do outro, procuram mostrar mais o lado bom do cônjuge do que as suas fraquezas e erros. [.] O amor convive com a imperfeição, desculpa-a e sabe guardar silêncio perante os limites do ser amado."

O amor tudo crê: Este crer não está para o sentido teológico, mas refere-se ao sentido comum de confiar. O amor confia. "É precisamente esta confiança que torna possível uma relação em liberdade. Não é necessário controlar o outro, seguir minunciosamente os seus passos, para evitar que fuja dos meus braços. O amor confia, deixa em liberdade, renuncia a controlar tudo, a possuir, a dominar." Uma desconfiança doentia, infundada, sem razão de ser, poderá corroer paulatinamente a relação conjugal e familiar e impedirá uma vivência livre e autêntica, sufocando o amor.

O amor tudo espera: Diz respeito à "esperança de quem sabe que o outro pode mudar; sempre espera que seja possível um amadurecimento, um inesperado surto de beleza, que as potencialidades mais recônditas do seu ser germinem algum dia". É belo e salutar esperar no amor, pelo amor e com amor. Não significa esperar que alguém mude tudo de si conforme exigências pessoais de outrem, "implica aceitar que nem tudo acontece como se deseja, mas talvez Deus escreva certo por linhas tortas e saiba tirar algum bem dos males que não se consegue vencer nesta terra". É esperar no Senhor.

O amor tudo suporta: Suportar não significa simplesmente tolerar aquilo que incomoda, "significa que suporta, com espírito positivo, todas as contrariedades. É manter-se firme no meio de um ambiente hostil". Amar é um desafio e um exercício real e concreto. Na vida conjugal e familiar, "é preciso cultivar esta força do amor, que permite lutar contra o mal que a ameaça. O amor não se deixa dominar pelo ressentimento, o desprezo das pessoas, o desejo de se lamentar ou de se vingar por alguma coisa. O ideal cristão, precisamente na família, é amor que, apesar de tudo, não desiste".

Guardini, compreende a importância do relacionamento humano dentro da Igreja e da sociedade. Isso é fruto e dom de Deus para a humanidade. De fato, não se explica com fatores simplesmente humanos, mas vai além disso e toca o sobrenatural. Os acontecimentos da vida não dependem somente de forças humanas e biológicas, mas do Espírito Santo, que age em nós e por nós. O matrimônio e a família estão chamados a essa missão no mundo, ser transmissores da graça e da liberdade dos filhos de Deus.

> Outras relações se formam pelas próprias exigências da vida. Assim, por exemplo, o filho procede da vida dos pais e por isso está ligado a eles e aos irmãos. Esta forma de pertencer não deriva de nenhum encontro, mas da própria formação. Esse vínculo pode parecer algo natural e necessário, mas não o é, porque os pais e os filhos, o irmão e a irmã são pessoas dotadas de liberdade. Em certo sentido, essas relações, para serem autênticas, precisam ser assumidas e reafirmadas livremente. Isso significa que esse vínculo possui a mesma insegurança interior que a mencionada a propósito do encontro. Por conseguinte, toda pessoa com a qual possuímos algum vínculo também nos é "dada", e por isso devemos agradecer a sua existência. [.]. Assim, o homem compreende que as coisas e os acontecimentos dependem de um poder superior, de forma que as leis naturais e os planos humanos são simples normas externas de ordenação, e possuem, por isso, o caráter de "graça". Tudo quanto acontece, realiza-se segundo as leis da natureza e do espírito, mas essas leis são apenas um instrumento nas mãos livres e criadoras de Deus e a expressão da firmeza dessa criação. Tudo o acontece nos é dado como um dom, e, por isso, podemos e devemos dar graças por tudo[63].

Essas considerações contribuem significativamente à reflexão acerca da vivência do amor matrimonial, não a partir de uma visão romantizada e ingênua, mas a partir da vivência do amor cristão, exigente e humilde. A celebração do matrimônio se realiza num ato litúrgico em que o casal recebe orações e bênção do ministro. Nesse momento, os noivos marcam seu compromisso de amor mútuo, consciente e comprometido assumindo a graça recebida pelo sacramento. A celebração não se fixa no espaço e no tempo. Reverbera-se o efeito da graça especial de Deus recebida. Num propósito comum, o casal vive de acordo com seus preceitos e compartilhar a lei suprema: o amor. Enfim, casal dá seu testemunho de vida no dia a dia para

[63] GUARDINI ROMANO. *Introdução à vida de oração.* São Paulo: Cultor de livros, 2018, p. 84.

outras pessoas. no testemunho do dia a dia. É a ‘igreja doméstica’ e é um sinal da aliança de Cristo com a Igreja.

1.6 Sexualidade matrimonial

Ao mostrar que a lei do sacramento do matrimônio é o amor, dentro do matrimônio, se intui que seja um amor de obras, afetos, emoções e, sobretudo, entrega generosa um ao outro. Ao se falar do amor se pensa, também, na sexualidade matrimonial, onde marido e mulher se unem sexualmente, buscando a comunhão de corpos, mente e coração, para a geração dos filhos. Enfim, a finalidade do ato conjugal é a união do casal e geração da prole. A genitalidade atinge seu sentido pleno na comunhão de amor recíproco (casamento). É importante falar da sexualidade além, simplesmente, da genitalidade, ampliar o que seja a sexualidade na relação conjugal. A sexualidade envolve o ser humano integralmente, corpo e alma unidade, sendo essencial para a afetividade, a capacidade de amar e a comunhão. Pela sexualidade, dom de Deus, define a identidade de cada um, ser homem ou mulher, identidade única criada por Deus, que se complementam para o amor e comunhão não apenas para gerar os filhos, mas para o amor maduro e desinteressado levando-os à santidade mútua. É uma vocação ao amor, que está na essência do ser humano pela doação e comunhão raízes do matrimônio que refletem o amor criador de Deus.

No contexto recém falado, o amor toma um sentido grandioso. O Papa Francisco, na Exortação *Amoris Laetitia*, aborda de maneira pastoral, teológica e prática e procura orientar questões e reflexões sobre o tema sobre como a Igreja deve ver a sexualidade e a educação sexual. Enfatiza sempre que é “um dom maravilhoso de Deus.” Destacam-se alguns aspectos são tocados como por exemplo a banalização da sexualidade, o valor do prazer sexual reconhecendo a dimensão erótica do amor matrimonial, a questão sobre ideologia de Gênero e a necessidade de um acompanhamento pastoral nas “situações complexas” que apresentam realidades que não estão de acordo com a doutrina tradicional. É importante observar que o Papa Francisco fala sobre os sentimentos na sexualidade, e essa perspectiva será desenvolvida no decorrer do texto, pois o amor amplo deve estar envolvido.

Para aplicar a doutrina do matrimônio no cotidiano requer amor. Um amor que é exclusivo, indissolúvel e criador. Dentro do matrimônio como sacramento existe o amor conjugal, um bem essencial. Esse amor de um para o outro está previsto nos mandamentos de Deus. Porém, o amor conjugal envolve a sexualidade e um carinho particular pedido por Deus, ao mesmo tempo apoiado pela Igreja. A promessa de amor mútuo passa pela valorização do

outro e tem uma dimensão sexual natural que absorve a pessoa por inteiro. Paulo de Tarso fala a respeito da natureza do amor verdadeiro no hino à caridade (1Cor 13, 4-7) e das virtudes associadas a ele. O amor é paciente, prestativo, generoso, perdoador; o amor não é invejoso, não se ostenta nem se irrita.

Dentro de um contexto antropológico, a diferença entre homem e mulher, como seres sexuados, ajuda no conhecimento pessoal e mútuo para que haja um desenvolver adequado no relacionamento. As diferenças sexuais entre homem e mulher são fatores contribuintes no desenvolvimento do matrimônio. Sem dúvida, a diferença gera diversidade, que deve ser superada no diálogo e compreensão. Na opinião do Cardeal Angelo Scola, diálogo e compreensão são elementos importantes no entendimento da sexualidade matrimonial, que passa pelo relacionamento interpessoal e, assim, se conseguir superar a diversidade e os conflitos[64].

Em *Amoris Laetitia* do Papa Francisco se encontra a fundamentação sobre a sexualidade matrimonial, como algo querido por Deus, um verdadeiro dom para o matrimônio. O que vem de Deus deve ser respeitado e honrado.

> Contrariamente àqueles que proibiam o matrimônio, o Novo Testamento ensina que "tudo o que Deus criou é bom e nada deve ser rejeitado." (1 Tim 4, 4). O matrimônio é um "dom" do Senhor (1 Cor 7, 7). Ao mesmo tempo que se dá esta avaliação positiva, acentua-se fortemente a obrigação de cuidar deste dom divino: "Seja o matrimônio honrado por todos e imaculado o leito conjugal" (Heb 13, 4). Este dom de Deus inclui a sexualidade: "Não vos recuseis um ao outro" (1 Cor 7, 5) (AL, n. 61).

"Amar é também tornar-se amável." Os seus modos, as suas palavras, os seus gestos são agradáveis; não são ásperos, nem rígidos. "A cortesia é uma escola de sensibilidade e altruísmo." Assim, "quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração" (AL, n. 99). Não ter em vista os próprios interesses, mas tenham os interesses dos outros (Fl 2, 4). O verdadeiro amor deveria nos levar a um esvaziamento dos nossos interesses, pois é um ato de Deus no interior da pessoa que a faz mais amar do que ser amada. A alegria verdadeira que irrompe nos corações dos casais brota dessa forma de dedicação total ao outro, expressão da conjugalidade e da indissolubilidade matrimonial[65]. "O ser mais próprio da caridade querer amar

---

[64] Conferir em SCOLA, Angelo. *Matrimonio e famiglia tra antropologia ed Eucaristia. Note in vista dell'Assemblea Straordinaria del Sinodo dei Vescovi sulla Famiglia.* Angelo Scola, Arcivescovo di Milano, p. 2. Matrimonio e famiglia tra antropologia e Eucaristia. Acesso em: 17 ago. 2025.

[65] Conferir em DE ALMEIDA, André Luiz Boccato. Santo Tomás de Aquino na Amoris Laetitia: repropondo uma antropologia teológica da alegria. *Revista Perspectiva Teológica,* Belo Horizonte, v. 50, n. 1, jan./abr. 2018, p. 141. DOI: https://doi.org/10.20911/21768757v50n1p135/2018. Disponível em: Vista do SANTO TOMÁS DE

do que ser amado e que de fato as mães, que são as que mais amam, procuram mais amar do que ser amadas" (TOMÁS, S. Th. II-II, q. 27, art. 1, ad. 2).

A caridade conjugal se encontra no vínculo profundo de atração na força de união. A força de união, *vis unitiva* é presente no próprio ser de Deus. Mas, tudo isso é fruto do Espírito Santo infundido nos corações dos esposos. Além do mais, nada na vida vem sem a cruz e o sofrimento, e o casal para alcançar a caridade deve passar pela dor[66].

> Com efeito, este amor forte, derramado pelo Espírito Santo, é reflexo da aliança indestrutível entre Cristo e a humanidade que culminou na entrega até ao fim na cruz." Assim, "o Espírito, que o Senhor infunde, dá um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem como Cristo nos amou. O amor conjugal atinge assim a plenitude para a qual está ordenado, a caridade conjugal (AL, n. 120).

Também, em *Amoris Laetitia*, fala-se do verdadeiro sentido da sexualidade matrimônio, vivida por amor e doação. Por isso, a sexualidade dos esposos é canal de graça e benção do Senhor. Não se trata somente de algo fisiológico, mas da fecundidade da graça em toda vida conjugal. Assim, o casal é capaz de invocar a Deus em todas as suas atividades.

> Vivida de modo humano e santificada pelo sacramento, a união sexual é, por sua vez, caminho de crescimento na vida da graça para os esposos. É o "mistério nupcial." O valor da união dos corpos está expresso nas palavras do consentimento, pelas quais se acolheram e doaram reciprocamente para partilhar a vida toda. Estas palavras conferem um significado à sexualidade, libertando-a de qualquer ambiguidade. Mas, na realidade, toda a vida em comum dos esposos, toda a rede de relações que hão de tecer entre si, com os seus filhos e com o mundo, estará impregnada e robustecida pela graça do sacramento que brota do mistério da Encarnação e da Páscoa, onde Deus exprimiu todo o seu amor pela humanidade e Se uniu intimamente com ela (AL, n. 74).

"No matrimônio convém cuidar da alegria do amor" (AL, n. 126). A alegria é capaz de dilatar a amplitude do coração. "A alegria matrimonial implica aceitar que o matrimônio é uma combinação necessária de alegrias e fadigas no caminho da amizade que impele os esposos a cuidarem um do outro, prestam-se recíproca ajuda e serviço" (AL, n. 126). Se a moral é um processo de autorrealização, ela dá medida que a alegria seja uma experiência ligada ao amor. (TOMÁS, S. Th. II-II, q. 169, art. 3, ad. 3.) A alegria do amor está relacionada a esta necessária condição humana de refazer as forças interiores. O prazer se tornando alegria, dilata o coração enchendo-o de sentido, e, alegrando, também, a vida matrimonial (TOMÁS, S.Th. I-II, q. 31, art. 3, ad. 3.) Alegria renova-se no sofrimento. Quanto mais grave foi o perigo no combate,

AQUINO NA AMORIS LAETITIA: REPROPONDO UMA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA DA ALEGRIA. Acesso em: 30 jul. 2021.

[66] Conferir em DE ALMEIDA, 2018, v. 50, p. 142-143.

tanto maior é o gozo no triunfo[67]. A vida matrimonial é *Amoris Laetitia* à medida que se assume a experiência da caridade cuja fonte está em Deus e no bem do homem e da mulher:

> Depois de terem sofrido e lutado unidos, os cônjuges podem experimentar que valeu a pena, porque conseguiram algo de bom, aprenderam alguma coisa juntos ou podem apreciar melhor o que têm. Poucas alegrias humanas são profundas como quando duas pessoas que se amam conquistaram, algo que lhes custou um grande esforço compartilhado (AL, n. 130).

A preocupação integral pela pessoa humana deve estar presente no amor conjugal. Separar as dimensões do amor conjugal pode ser de ruína para o matrimônio. No casal não pode somente existir sacrifício, deve conter também a alegria de se viver.

> O Concílio Vaticano II ensinou que este amor conjugal "compreende o bem de toda a pessoa e, por conseguinte, pode conferir especial dignidade às manifestações do corpo e do espírito, enobrecendo-as como elementos e sinais peculiares do amor conjugal." (GS, n. 49). Deve haver qualquer motivo para um amor sem prazer nem paixão se revelar insuficiente a simbolizar a união do coração humano com Deus: "Todos os místicos afirmaram que o amor sobrenatural e o amor celeste encontram os símbolos que procuram mais no amor matrimonial do que na amizade, no sentimento filial ou na dedicação a uma causa. E o motivo encontra-se precisamente na sua totalidade." Sendo assim, por que não determos a falar dos sentimentos e da sexualidade no matrimônio? (AL, n. 142) [68].

A amizade descrita no matrimônio leva à união conjugal profunda, e isso passa também pela sexualidade. O encontro do humano com o divino leva o casal a estarem abertos à vida pela sexualidade. Grande é o sinal de amizade ao compartilhar momentos felizes, inclusive sensivelmente.

> Além disso, o matrimônio é uma amizade que inclui as características próprias da paixão, mas sempre orientada para uma união cada vez mais firme e intensa. Com efeito, "não foi instituído só em ordem à procriação", mas para que o amor mútuo "se exprima convenientemente, aumente e chegue à maturidade." (GS, n. 50). Esta amizade peculiar entre um homem e uma mulher adquire um carácter totalizante, que só se verifica na união conjugal. E precisamente por ser totalizante, esta união também é exclusiva, fiel e aberta à geração. Partilha-se tudo, incluindo a sexualidade, sempre no mútuo respeito. Isto mesmo expressou o Concílio Vaticano II ao dizer que, "unindo o humano e o divino, esse amor leva os esposos ao livre e recíproco dom de si mesmos, que se manifesta com a ternura do afeto e com as obras, e penetra toda a sua vida (AL, n. 125).

A amizade, o conhecer-se do casal dá a base de carinho, respeito e doação mútua para se atingir a intimidade da sexualidade vivida de maneira plena e digna. Deus criou a

---

[67] Conferir em SANTO AGOSTINHO. *Confissões.* São Paulo: Paulus, 2015, Confissões, VIII, 3, 7.
[68] "Todos os místicos afirmaram que o amor sobrenatural [.]", equivale a obra: SERTILLANGES, Antonin. *L'amour chrétien*. Paris: Gabalda, 1919, p. 174.

sexualidade, e a colocou, de modo natural, para o casal dentro do matrimônio. Deve-se considerar a sexualidade de maneira natural onde o prazer vivido no relacionamento conduz a algo positivo, saudável que eleva e une o casal. Enfim, é chegar a plenitude do sublime, do sagrado, do eterno. É importante enfatizar que não é o prazer pelo prazer fora da união não encontra sentido pleno, podendo até ter um sentido de satisfação, mas não de plenitude de vida.

> Tudo isto nos leva a falar da vida sexual dos esposos. O próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para as suas criaturas. Quando se cultiva e evita o seu descontrole, fazemo-lo para impedir que se produza o "depauperamento de um valor autêntico." São João Paulo II rejeitou a ideia de que a doutrina da Igreja leve a "uma negação do valor do sexo humano" ou que o tolere simplesmente "pela necessidade da procriação." A necessidade sexual dos esposos não é objeto de menosprezo, e "não se trata de modo algum de pôr em questão aquela necessidade" (AL, n. 150).

As catequeses de São João Paulo II, marcadas na *Amoris Laetitia*, ajudam a discernir o amor dentro da sexualidade conjugal. O sexo, além de ser uma dimensão de procriação, visa a união do casal, um erotismo saudável disposto na lei de Deus para o matrimônio. Esse erotismo, vai além do amor físico, pois considera o respeito e admiração alheia. As paixões e impulsos do casal servem para que possam ajudar-se mutuamente e ter mostras de carinho.

> A quantos receiam que, com a educação das paixões e da sexualidade, se prejudique a espontaneidade do amor sexual, São João Paulo II respondia que o ser humano "é também chamado à plena e madura espontaneidade das relações," que "é o fruto gradual do discernimento dos impulsos do próprio coração." É algo que se conquista, pois todo o ser humano "deve, perseverante e coerentemente, aprender o que é o significado do corpo." A sexualidade não é um recurso para compensar ou entreter, mas trata-se de uma linguagem interpessoal onde o outro é tomado a sério, com o seu valor sagrado e inviolável. Assim, "o coração humano torna-se participante, por assim dizer, de outra espontaneidade." Neste contexto, o erotismo aparece como uma manifestação especificamente humana da sexualidade. Nele pode-se encontrar o "significado esponsal do corpo e a autêntica dignidade do dom." Nas suas catequeses sobre a teologia do corpo humano, São João Paulo II ensinou que a corporeidade sexuada "é não só fonte de fecundidade e de procriação," mas possui "a capacidade de exprimir o amor: exatamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom." O erotismo mais saudável, embora esteja ligado a uma busca de prazer, supõe a admiração e, por isso, pode humanizar os impulsos (AL, n. 151).

O casal precisa ter uma visão realista e positiva da sexualidade. Por isso, é necessário que haja o domínio e controle dos impulsos e paixões para que pela reta razão e pela fé saibam redimensionar a sexualidade. Somente se há de cuidar com a excessiva força dos impulsos para que as ações sexuais sejam naturais e não machuquem física e psicologicamente.

> No contexto desta visão positiva da sexualidade, é oportuno apresentar o tema na sua integridade e com um são realismo. Pois não podemos ignorar que muitas vezes a sexualidade se despersonaliza e enche de patologias, de modo que "se torna cada vez

> mais ocasião e instrumento de afirmação do próprio eu e de satisfação egoísta dos próprios desejos e instintos" (EV, n. 23). Neste tempo, também a sexualidade corre grande risco de se ver dominada pelo espírito venenoso do "usa e joga fora." Com frequência, o corpo do outro é manipulado como uma coisa que se conserva enquanto proporciona satisfação e se despreza quando perde atrativo. Podem-se porventura ignorar ou dissimular as formas constantes de domínio, prepotência, abuso, perversão e violência sexual que resultam duma distorção do significado da sexualidade e sepultam a dignidade dos outros e o apelo ao amor sob uma obscura procura de si mesmo? (AL, n. 153)[69].

Respondendo à pergunta do Papa Francisco em *Amoris Laetitia*, é preciso combater o egoísmo que envolve o coração humano, que gera impulsos desordenados. Isso pode acarretar dificuldades visíveis dentro do matrimônio. O ato conjugal deve ser humano, não de qualquer forma, pois pode ferir a dignidade humana e ser motivos de enfermidades. A ausência dos atos conjugais deve ser de comum acordo, desde que não gere afastamento do casal, e por motivos aceitáveis: idade, convalescência, espaçamento dos filhos ou doenças.

> Nunca é demais lembrar que, mesmo no matrimónio, a sexualidade pode tornar-se fonte de sofrimento e manipulação. Por isso, devemos reafirmar, claramente, que "um ato conjugal imposto ao próprio cônjuge, sem consideração pelas suas condições e pelos seus desejos legítimos, não é um verdadeiro ato de amor e nega, por isso mesmo, uma exigência de reta ordem moral, nas relações entre os esposos" (HV, n. 13). Os atos próprios da união sexual dos cônjuges correspondem à natureza da sexualidade querida por Deus, se forem vividos "de modo autenticamente humano" (GS, n. 13). Por isso, São Paulo exortava: "Que ninguém, nesta matéria, defraude e se aproveite do seu irmão" (1 Ts 4, 6). E, não obstante ele escrevesse numa época em que dominava uma cultura patriarcal, na qual a mulher era considerada um ser completamente subordinado ao homem, todavia ensinou que a sexualidade deve ser uma questão a discutir entre os cônjuges: levantou a possibilidade de adiar as relações sexuais por algum tempo, mas "de mútuo acordo" (1 Cor 7, 5) (AL, n. 154).

A doação do casal, um pelo outro, jamais pode ser identificada com o erotismo, mesmo que seja humano e saudável. A vida conjugal está repleta de sacrifício e renúncias por amor. Reduzir o amor ao erotismo sem a oblação é perigoso para o matrimônio, pois a vida é feita de dificuldades, e os momentos bons preparam as ocasiões complicadas do relacionamento.

> Entretanto a rejeição das distorções da sexualidade e do erotismo nunca deveria levar-nos ao seu desprezo nem ao seu descuido. O ideal do matrimónio não pode configurar-se apenas como uma doação generosa e sacrificada, onde cada um renuncia a qualquer necessidade pessoal e se preocupa apenas por fazer o bem ao outro, sem satisfação alguma. Lembremo-nos de que um amor verdadeiro também sabe receber do outro, é capaz de se aceitar como vulnerável e necessitado, não renuncia a receber, com gratidão sincera e feliz, as expressões corporais do amor na carícia, no abraço, no beijo e na união sexual. Bento XVI era claro a este respeito: "Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animalesca, então espírito e corpo perdem a sua dignidade" (DCE, n. 5). Por esta razão, "o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblativo, descendente. Não pode

[69] Conferir em PAULO VI. *Carta encíclica Humanae Vitae. Roma: 1968.* Disponível em: Humanae Vitae (25 de julho 1968) | Paulo VI. Acesso em: 30 jul. 2025.

> limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom" (DCE, n. 7). Em todo o caso, isto supõe ter presente que o equilíbrio humano é frágil, sempre permanece algo que resiste a ser humanizado e que, a qualquer momento, pode fugir-nos de mão novamente, recuperando as suas tendências mais primitivas e egoístas (AL, n. 157).

Quando se trata da comunicação, "o diálogo é uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar" (AL, n. 136). O tempo para aprender é longo. "Homens e mulheres, adultos e jovens têm maneiras diversas de comunicar, usam linguagens diferentes, regem-se por códigos distintos" (AL, n. 136). Nem tudo se deve constatar como óbvio na vida, "o modo de perguntar, a forma de responder, o tom usado, o momento escolhido e muitos outros fatores podem condicionar a comunicação. Além disso, é sempre necessário cultivar algumas atitudes que são expressão de amor e tornam possível o diálogo autêntico" (AL, n. 136).

A abertura entre o casal e com a família é condição da autenticidade do amor, porque não há amor verdadeiro que seja tão exclusivo, que se feche aos outros. Seria a negação do amor, egoísmo a dois. No amor particular a esta pessoa concreta, o ser humano experimenta o que é o amor como tal. Percebe que ele não é egoísmo nem é autoafirmação, que esse amor não pode ser uma desculpa para não amar a outros, mesmo que o ser humano seja limitado e não possa amar a todos com a mesma intensidade e da mesma maneira. O amor ao próximo é dívida infinita que o ser humano tem. O matrimônio é o começo concreto do pagamento, não dispensa do mesmo[70].

O matrimônio exige exclusividade indissolúvel, que se expressa no projeto estável de partilhar e construir juntos à existência. Quem vive a alegria de se casar não pensa em algo passageiro. Na natureza do amor conjugal, existe a abertura ao definitivo (AL, n. 135). Assim, prometer um amor que dure para sempre se é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos, que nos sustenta, ou seja, doar o futuro inteiro à pessoa amada. "Sem um amor fidedigno, nada poderia manter verdadeiramente unidos os homens" (LF, n. 57).

Para atravessar as provações e manter-se fiel, requer-se o dom da graça que o fortalece. O fato de um só homem se unir com uma só mulher num vínculo indissolúvel, de modo que não possam separar-se, sejam quais forem as dificuldades, e mesmo quando se perdeu a esperança da prole, isso não pode acontecer sem um grande mistério[71].

No matrimônio, a questão da fecundidade, o gerar filhos, é um ponto fundamental do sacramento, pois deve estar aberto à vida. Ela é válida, haja vista que o amor, expressado na

[70] Conferir em TABORDA, 2005, p. 24.
[71] *Ibidem.*

forma conjugal, não tem um amor em si mesmo, mas transcende ao casal, gerando vida, na colaboração da criação de Deus (GS, n. 50).

O que se quer elucidar é que estar aberto à vida é algo mais amplo do que a própria sexualidade do casal, num âmbito restrito e negativo, limitada ao intercurso sexual, o ato biológico em si. Mas o ato sexual em si mesmo é mais do que um ato reprodutor. "A sexualidade humana possui várias dimensões que vão além desta percepção, ela é física, emocional, psicológica, espiritual e relacional" (KUZMA et al., 2015, p. 29). A união sexual justa e amorosa cria e nutre o amor, a própria essência do discipulado cristão. O amor conjugal se realiza de maneira singular pelo ato próprio do matrimônio. "Os atos pelos quais os cônjuges se unem íntima e castamente são honestos e dignos" (KUZMA et al., 2015, p .29). "Quando realizados de maneira humana, testemunham e desenvolvem a mútua doação pela qual os esposos se enriquecem com o coração alegre e agradecido" (KUZMA et al., 2015, p. 29). "Do fato de ser Deus o autor do sexo e de ser bom tudo o que Ele faz, segue-se que o sexo é algo bom". Pela relação essencial com Deus, que participa no ato procriador, o sexo não é somente um ato bom, mas sagrado no sacramento do matrimônio[72]. Para dizer algo "da realidade humana do matrimônio, é preciso falar da sexualidade". Sendo assim, "esta não é o mesmo que genitalidade. A sexualidade é uma característica do ser humano enquanto todo". A pessoa humana só existe sexuada, sua existência é marcada pelo sexo. "A genitalidade diz respeito à base biológica da sexualidade, o âmbito dos instintos genitais. A forma genital é uma forma de viver o sexo, mas não a única"[73].

> A sexualidade humana tem, pois, sempre uma dupla dimensão, unitiva e procriativa. O desenvolvimento progressivo dos dois aspectos é indicador da maturidade sexual, quanto mais distante da etapa infantil, mais vão confluindo os dois elementos na descoberta do outro sexuado como um tu a ser amado, com quem se deseja união. A maturidade psicossexual plena só pode ser vivida com sentido de oblatividade[74].

Na visão positiva da sexualidade é oportuno apresentar o tema na sua integridade e realismo. Muitas vezes a sexualidade se despersonaliza e entra no campo de patologias, de modo que se torna uma ocasião de satisfação egoísta dos desejos e instintos. A sexualidade corre risco de deixar de fazer parte de uma relação amorosa, coração, mente, corpo, de entrega de si ao outro. Em verdade, pode se transformar em luxúria onde há o domínio da satisfação do próprio

[72] Conferir TRESE, Leo. J. *A fé explicada.* 7a.ed. São Paulo: Quadrante, 1999, p. 425-426.
[73] TABORDA, 2005, p. 17
[74] *Ibid.*, p. 19.

prazer não se incomodando com a felicidade do outro, em outras palavras, se consome e se descarta. O corpo do outro é manipulado para dar satisfação enquanto é desprezado quando perde a atração, tudo isso atinge a dignidade da pessoa humana (AL, n. 153).

> O risco da sexualidade marcada pelo pecado é que no desejo não me fale o outro, mas eu mesmo. Então não se respeita mais a ordem da diferença e acaba-se devorando o outro, coisificando-o, tornando-o mero objeto do desejo. Ao se libertar para o outro, o Evangelho de Cristo não nega a sexualidade humana, pelo contrário a torna enfim possível[75].

Quando a sexualidade não exprime amor, não significa doação. Reduz-se a sexualidade à genitalidade e não se faz mais diferença entre humano e animal. O encanto, o maravilhar-se, o mistério da sexualidade fica destroçado, porque a sexualidade é despersonalizada. Daí sem relação interpessoal, o sexo se torna objeto de consumo[76].

"A necessidade sexual dos esposos não é objeto de menosprezo, também não se trata de colocar em questionamento a necessidade da procriação" (AL, n. 150). "O erotismo saudável, embora ligado ao prazer, supõe a admiração e pode humanizar os impulsos" (AL, n. 151). Os atos da união sexual dos cônjuges correspondem à natureza da sexualidade querida por Deus e devem ser de modo humano. "Nesse assunto, ninguém prejudique ou lese o irmão" (1 Ts 4, 6). "Na lógica do domínio, o dominador acaba negando a sua dignidade, também deixa de identificar-se com o próprio corpo, porque tira o significado. Vive o sexo como evasão de si mesmo e renúncia à beleza da união" (AL, n. 155).

É difícil ter os mesmos sentimentos na vida inteira, mas se pode ter um projeto comum estável, comprometer-se a viver unidos até que a morte os separe. No curso de tal caminho, o amor celebra cada etapa nova (AL, n.163). "Na história do casal, a aparência física muda, mas isso não é motivo para que a atração amorosa diminua. Um cônjuge gosta da pessoa inteira, não apenas pelo corpo, mesmo no desgaste do tempo, nunca deixe de expressar o que cativou o coração".

Desenvolver uma análise sobre a sexualidade matrimonial, como a Igreja orienta, não é tão fácil. A Igreja defende que, dentro do matrimônio, a sexualidade é dom ofertado por Deus que santifica os cônjuges, promovendo o bem do casal, fortalecendo a comunhão e, quando exercida com amor, existe prazer e responsabilidade. As duas finalidades, a unitiva e a procriadora são complementares, mas, quando uma não acontece, a outra pode se compensar

[75] TABORDA, 2005, p. 21.
[76] *Ibidem*., p. 25-27.

com adoção ou a vivência da paternidade e maternidade de forma mais ampla. Viver a sexualidade conjugal de forma humana, ou seja, aberta à vida, gera conflitos com os meios de controle artificiais da natividade. A medicina veio para servir o ser humano, não para que o homem e a mulher fiquem dependentes dela. Na realidade, o que a Igreja propõe, mostra sua preocupação e cuidado com a pessoa humana, dotado de corpo e alma, capaz de se conectar com o próximo, consigo mesmo e com Deus. Enfim, o Pontifício Conselho para a Família (PCF) no documento "Sexualidade humana: verdade e significado" aborda a sexualidade como dom e afirma:

> O amor, que se alimenta e se exprime no encontro do homem e da mulher, é dom de Deus; é, por isso, força positiva, orientada à sua maturação enquanto pessoas; é também uma preciosa reserva para o dom de si que todos, homens e mulheres, são chamados a realizar para a sua própria realização e felicidade, num plano de vida que representa a vocação de todos. O ser humano, com efeito, é chamado ao amor como espírito encarnado, isto é, alma e corpo na unidade da pessoa. O amor humano abarca também o corpo e o corpo exprime também o amor espiritual (PCF, 1996, n. 3).

1.7 Educação dos filhos

O filho, dentro do matrimônio, é um dom de Deus e uma benção para a família. Caso Deus conceda esse dom ao casal é importante a educação segundo os valores da fé cristã-católica, como de fato se comprometeram na cerimônia do matrimônio. Não basta colocar filhos no mundo, é preciso acompanhá-los na vida e na fé. Um dos maiores legados de um pai e uma mãe é ter seu filho educado na liberdade e nos valores do evangelho:

> Dando a vida, os pais cooperam com o poder criador de Deus e recebem o dom de uma nova responsabilidade: a responsabilidade não só de alimentar e satisfazer as necessidades materiais e culturais dos seus filhos, mas sobretudo de lhes transmitir a verdade da fé vivida e de os educar no amor de Deus e do próximo. Tal é o seu primeiro dever no seio da 'igreja doméstica' (PCF, 1996, n. 5).

É preciso meditar sobre o amor fecundo na família. Sempre se pensa que a prioridade do sacramento do matrimônio é a procriação. O fecundar é algo físico, mas vai além. A família se torna criadora ao expandir o amor que nasce na doação de amor a cada momento.

> O amor sempre dá vida. Por isso, o amor conjugal não se esgota no interior do próprio casal. Juntamente com o amor conjugal, bem essencial do matrimônio, existe a procriação da espécie humana. Os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além

> de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe (AL, n. 165).

Na cultura atual, os filhos podem parecer um estorvo. Pela índole natural do homem e mulher, a sexualidade, vivida de forma humana, está voltada para a felicidade do casal e a procriação.

> O matrimônio é, em primeiro lugar, uma "íntima comunidade da vida e do amor conjugal" (GS, n. 48) que constitui um bem para os próprios esposos; e a sexualidade "ordena-se para o amor conjugal do homem e da mulher." (CIC, n. 2360). Por isso, também "os esposos a quem Deus não concedeu a graça de ter filhos podem ter uma vida conjugal cheia de sentido, humana e cristãmente falando" (CIC, n. 1654). Contudo, esta união está ordenada para a geração "por sua própria natureza." (GS, n. 48). O bebé que chega "não vem de fora juntar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio coração deste dom mútuo, do qual é fruto e complemento." (CIC, n. 2366). Não aparece como o final dum processo, mas está presente desde o início do amor como uma característica essencial que não pode ser negada sem mutilar o próprio amor. Desde o início, o amor rejeita qualquer impulso para se fechar em si mesmo, e abre-se a uma fecundidade que o prolonga para além da sua própria existência. Assim nenhum ato sexual dos esposos pode negar este significado, (HV, n. 11-12) embora, por várias razões, nem sempre possa efetivamente gerar uma nova vida (AL, n. 80).

É importante o filho nascer num ambiente de amor e acolhida. Para o matrimônio as duas coisas vão juntas, o amor conjugal e a transmissão da vida, esses dois itens não são separados, pois o casal é uma só carne.

> O filho pede para nascer, não de qualquer maneira, mas deste amor, porque ele "não é uma dívida, mas uma dádiva," (CIC, n. 2378) que é "o fruto do ato específico do amor conjugal de seus pais." (DV, n. 8). Com efeito, "segundo a ordem da criação, o amor conjugal entre um homem e uma mulher e a transmissão da vida estão ordenados reciprocamente. Deste modo, o Criador tornou participantes da obra da sua criação o homem e a mulher e, ao mesmo tempo, fê-los instrumentos do seu amor, confiando à sua responsabilidade o futuro da humanidade através da transmissão da vida humana" (SÍNODO DOS BISPOS, 2015, n. 63; AL, n. 81).

O casal que precisa regularizar a natalidade, por diversas questões, pode aprender esses métodos, desde que continuem abertos à vida no ato conjugal. Há de se louvar as famílias que se abrem à vida e tem condições para acompanhar os filhos nas diversas etapas da vida. Muitas vezes o casal tem dificuldade em ter filhos, por isso, a adoção pode ser um caminho de amor que exprime também fecundidade no matrimônio.

> Os Padres sinodais referiram que "não é difícil constatar como se está espalhando uma mentalidade que reduza geração da vida a uma variável dos projetos individuais ou dos cônjuges." A doutrina da Igreja "ajuda a viver de maneira harmoniosa e consciente a comunhão entre os cônjuges, em todas as suas dimensões, juntamente com a responsabilidade geradora. É preciso redescobrir a mensagem da Encíclica *Humanae vitae* de Paulo VI, que sublinha a necessidade de respeitar a dignidade da pessoa na avaliação moral dos métodos de regulação da natalidade (.). A escolha da adopção e

> do acolhimento exprime uma fecundidade particular da experiência conjugal." Com particular gratidão, a Igreja apoia as famílias que acolhem, educam e rodeiam de carinho os filhos deficientes (AL, n. 82).

Segundo o Papa Francisco, é necessário combater a cultura da morte. A família deve acolher o dom que Deus oferece e proteger a vida e, simplesmente, amar. É importante para quem trabalha em hospitais e em casas para atenção dos recém-nascidos tenha aguçada a sua consciência moral para ajudar casais que rejeitam seus filhos. Esses casais precisam ser orientados a não descartar os filhos, mas dar atenção oportuna, mesmo com sacrifícios. Os filhos são algo maravilhoso, mas exigem sacrifício (AL, n. 83).

Em *Amoris Laetitia* o Papa Francisco conversa sobre a importância do papel por parte dos pais na educação dos seus filhos. Os pais precisam se empenhar em educá-los para o amor. Esse dever não pode ser transferido a ninguém. Pela índole do amor fecundo, os pais que geram devem também educar, pois possuem as melhores ferramentas naturais para isso. A Igreja, como mestra das nações, pode auxiliá-los com os valores, desse modo poderão levar seus filhos às celebrações, à catequese. O Estado também pode ajudar nessa tutela dos valores dos filhos, porém**,** sem tomar conta da educação, pois os pais são portadores dessa tarefa (AL, n. 84).

Pelo matrimônio os pais são portadores da educação dos filhos. Falando em concreto do papel da Igreja, essa precisa promover condições e subsídios para auxiliá-los nessa missão. Há diversos modos de ajudar e apoiar os pais no cumprimento do direito-dever fundamental de educar os seus filhos para o amor. Há a necessidade de uma catequese voltada aos valores humanos, sem esquecer a fé (AL, n. 85).

Existe a tendência de priorizar o desejo natural de procriar, fazer uma descendência vinda de sua própria carne. Mas acima de tudo, a obediência a Deus conta, nesse caso a humildade prevalece como o exemplo de Ana no Antigo Testamento (1Sam 1, 9-20). Afinal de contas, um filho é dom de Deus. Obediência significa em última análise que eu escute bem dentro de mim e, descubra a voz de meu coração, a voz de meu si mesmo. Nessa voz, Deus me fala. Nela reconheço a vontade de Deus, que concorda com minha própria vontade. A vontade de Deus consiste entrarmos em contato com o desejo de nosso coração, com o nosso verdadeiro cerne, que nos tornemos totalmente o que fomos planejados por Deus[77].

O Papa Francisco diz que existem diversas maneiras de manifestar o amor de Deus presente no sacramento do matrimônio. A maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica, mas expressa-se de várias formas. A realidade à adoção favorece aqueles que não

[77] Conferir em GRÜN, Anselm; SCHWARZ, Andrea. *Chamados a viver o Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 106-107.

podem ter filhos biológicos. Quando se fala de filhos adotivos há o fecundar do amor, pois a criança adotada recebe da mesma forma o amor dos pais. “A adoção é um caminho para realizar a maternidade e a paternidade de uma forma generosa, e desejo encorajar os que não podem ter filhos a alargar e abrir o seu amor conjugal para receber quem está privado de um ambiente familiar adequado. Nunca se arrependerão de ter sido generosos” (AL, n. 179).

Os pais idosos precisam de cuidados como se assim fossem crianças. É interessante que dessa forma, os filhos veem a realidade deles mesmos em futuro envelhecimento. A falta de memória histórica é um defeito grave da nossa sociedade. É a mentalidade imatura do já está ultrapassado. Hora de perceber como seus pais foram importantes para a formação de si mesmos e como devem respeitá-los, pois se tornarão idosos também. “Por isso, numa civilização em que não há espaço para os idosos ou onde eles são descartados porque criam problemas, tal sociedade traz em si o vírus da morte, porque se separa das próprias raízes” (AL, n. 193).

Como é fundamental na família aprender a ser irmão. Os pais devem ter consciência que se faz necessário amar cada novo membro que vai chegando à família e demostrar esse amor para que a família como um todo saiba partilhar não somente coisas materiais e sim, amor. Saber dosar e ver a necessidade de cada pessoa. Aos pais cabe sentir as carências de cada filho, olhá-lo como se fosse único e, entre os irmãos, também de zelar uns pelos outros, cuidar e ser cuidado de forma harmoniosa (AL, n. 195).

> Se, para espaçar os nascimentos existem motivos sérios, derivados das condições físicas ou psicológicas dos cônjuges ou de circunstâncias exteriores, a Igreja ensina que então é lícito ter em conta os ritmos naturais, imanentes às funções geradoras, para usar do matrimônio só nos períodos infecundos (HV, n. 16).

“Em direito romano, o *pater* é aquele que se designa a si mesmo como pai de uma criança por adoção, que a conduz pela mão” (ROUDINESCO, 2003, p. 22). Como consequência a filiação biológica, genitor, é desconsiderada caso não se siga da designação pelo gesto ou pela palavra. “Desse ritual resulta a posição de comando do pai no seio da família, bem como a sucessão dos reis e dos imperadores no governo da cidade” (ROUDINESCO, 2003, p. 22). “Sem abolir a paternidade adotiva, o cristianismo impõe o primado de uma paternidade biológica à qual deve corresponder uma função simbólica” (ROUDINESCO, 2003, p. 22). Deus, o pai é visto como a encarnação terrestre de um poder espiritual que transcende a carne. Mas, não deixa de ser uma realidade corporal submetida às leis da natureza. Portanto, a paternidade não decorre, como no direito romano, da vontade de um homem e sim**,** da vontade de Deus, que criou Adão para gerar uma descendência. “Só é declarado pai aquele que se submete à legitimidade sagrada do matrimônio, sem o qual nenhuma família se integra”

(ROUDINESCO, 2003, p. 22). Por conseguinte, “o pai é aquele que toma posse do filho, primeiro porque seu sêmen marca o corpo deste, depois porque lhe dá seu nome. Transmite ao filho um duplo patrimônio, o do sangue, que imprime uma semelhança, e o do nome, que confere uma identidade” (ROUDINESCO, 2003, p. 22).

Os pais influenciam na educação moral e religiosa dos filhos, por isso é bom aceitar de forma positiva essa missão, a influência deles é inevitável. O acompanhamento dos pais**,** sobretudo**,** nos primeiros anos de vida e na adolescência é fundamental, a ausência pode deixar marcas negativas (AL n. 256).

> Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores [.]. Mas, é sobretudo, na família cristã, ornada da graça e do dever do sacramento do Matrimônio, que devem ser ensinados os filhos desde os primeiros anos, segundo a fé recebida no batismo a conhecer e a adorar Deus e a amar o próximo; é aí que eles encontram a primeira experiência quer da sã sociedade humana quer da Igreja; é pela família, enfim, que eles são pouco a pouco introduzidos no consórcio civil dos homens e no Povo de Deus (GE, n. 3).

O processo evolutivo de comportamentos é fundamental na infância. A repetição de determinados bons hábitos de conduta forma a personalidade, acrescentando valores pessoais ao longo da vida. Importante que a criança entenda o porquê de se ter um hábito, alinhando ações com propósitos de vida, ou seja, em toda ação há consequências positivas ou negativas. Existe um sofrimento pelo mal cometido e existe uma alegria pelo bem realizado. É necessário que a criança repare o malfeito ao próximo, pedindo desculpas ou devolvendo o que se pegou do outro (AL, n. 266). Na forma de educar os filhos o controle absoluto não faz bem. O segredo está no acompanhamento dos filhos deixando o tempo para o desenvolvimento e o espaço adequado. Eles mostram grande capacidade de interagir com o mundo e as pessoas (AL, n. 261). A restrição da educação dos filhos é necessária, pois limita e dá segurança na vida. As normas são para ajudar na vida, a limitação bem direcionada os salva de muitos perigos. É preciso disciplinar a vontade contra as paixões desordenadas. Os filhos devem aprender nos pequenos atos que o sacrifício vale a pena. Com o andar da vida, sem dúvida, virão sacrifícios de maior porte, é um aprendizado constante onde terão que evitar padrões prejudiciais, assumir o controle dos atos, enfim, manifestar o fortalecimento da vontade. Na vida nem sempre se ganha tudo de graça. A vida também é luta e esforço. “Além de colaborar com Deus na obra da geração, juntamente com o pai, a mãe forma não somente um ser humano biológico, mas também a personalidade do filho. O pai faz parte da educação quando reconhece na esposa o papel de mãe, geradora do amor, isso se torna educativo para o filho” (GSa, n. 16).

A catequese em família e na Igreja desempenham papel crucial na fé dos filhos. A fé se transmite de pessoa a pessoa, mas também é vivida em comunidade. A doutrina da Igreja e do evangelho se transmite de forma serena e livre. A missão é lenta e requer dedicação, ninguém dá aquilo que não tem. Para dar a catequese é preciso tê-la no coração e disposição para anunciar com as palavras, gestos e a própria vida. “A catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, que compreende especialmente o ensino da doutrina cristã (.)” (CIC, n. 5). Esperar que a Igreja faça tudo não é o caminho. A Igreja colabora na catequese enquanto conteúdo, mas também a família é fundamental no desenvolvimento da doutrina católica nos filhos. Trata-se de viver o que a catequese ensina na Igreja e se possível incrementá-la em casa. Através de um relacionamento de acolhida, responsabilidade e testemunho, os pais mostram o caminho e conduz os filhos a conhecerem, amarem e seguirem Cristo formando cristãos para serem novos membros da Igreja, fazerem parte do Corpo Místico e anunciarem o Evangelho. A catequese apresentada na igreja e vivenciada na família.

Papa Francisco ao falar sobre a piedade popular afirma que pensa na fé firme das mães ao pé da cama do filho doente, que se agarram a um terço ainda que não saibam elencar os artigos do Credo. Ou também, na carga imensa de esperança contida numa vela que se acende, numa casa humilde, para pedir ajuda a Maria. Ou, numa oração em família onde se aspira Deus, ficar diante dele ou permanecer aberta a dialogar, presença sentida de Deus. Simples atitudes religiosas realizadas pelos pais inspiram os filhos a buscarem permanecer com Deus. Os pais procuram proteger sua prole de ser tentada a abandonar sua fé ou de se desviar do caminho que agrada a Deus. Como base para se formar a família, têm-se a presença e a orientação de Deus por meio da oração, leitura da palavra e vida em comunidade. A família é onde a fé é vivida, ensinada e cultivada no dia a dia. A graça de Deus age através dos pequenos gestos de amor, ternura e cuidado.

O amor conjugal e familiar deve ser incentivado, de forma concreta, para que Deus continue abençoando de forma maravilhosa o casal e os filhos. Amor que se multiplica na sexualidade mostra como o matrimônio é uma vocação ao serviço e à generosidade. Assim, se entende a educação dos filhos nos valores de Deus, pois sem sacrifício não aparecem os frutos. Quantos casais acolhem a vocação matrimonial e familiar com zelo e alegria dando o melhor deles e, assim, os filhos agradecem para toda vida.

Enfim, “Casar-se no Senhor” significa compartilhar a mesma fé e no momento do sacramento de o matrimônio, sinal sensível da graça recebida, colocar Deus no centro. Em outras palavras, ambos os cônjuges buscam honrar a Deus juntos e se deixam ser guiados em todos os aspectos de sua vida a dois, pois assumiram um compromisso eterno com Deus.

Naquele momento perpetuaram uma aliança sagrada feito publicamente diante de Deus, que se torna a testemunha central da união. A união não é apenas física, mas uma conexão espiritual, emocional e de alma, onde os dois se tornam "uma só carne" (Gn 2, 24).

Na verdade, a união do casal é vista como uma representação do relacionamento de Cristo com Sua igreja, com propósitos divinos para a glória de Deus e a felicidade. Já foi estabelecido dessa forma pela Igreja com fundamentação na Sagrada Escritura. A naturalidade no qual o matrimônio está constituído, e que, muitas vezes foi esquecida, é base sólida e humana para o matrimônio ser entre um homem e uma mulher. Disso deriva a unidade e indissolubilidade matrimonial, onde o amor se expressa de forma exclusiva e para sempre no tempo. Quando existe perpetuidade, existe, também, Deus agindo e, esse reconhecimento é fruto da vocação e espiritualidade.

O casal escolhe servir a Deus. O casal e os filhos caminham juntos na fé, ou seja, a família como primeiro ministério. Na simplicidade de rezar juntos, ambos os parceiros buscam a força da fé para estreitar os laços amorosos entre si, a família e Deus. Sai de casa para fora, testemunha o amor de Deus, expandindo sua missão para a comunidade eclesial e para a sociedade. Nesse espaço de amor encontramos Jesus Cristo e segue-se os seus ensinamentos para a vida familiar onde amor, respeito, fidelidade e perdão estão presentes.

O exemplo de Cristo, que é verdadeiro homem sem deixar de ser Deus, mostra que a graça vai educando a pessoa. Para que a graça de Deus seja eficaz, a colaboração humana da família e Igreja é indispensável. Tomara que os filhos cresçam, também, em sabedoria e graça diante Deus como Jesus: "Terminando de fazer tudo conforme a Lei do Senhor, voltaram à Galileia, para Nazaré, sua cidade. E o menino crescia, tornava-se robusto, enchia-se de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele" (Lc 2, 39-40).

2. PERCURSO HISTÓRICO DO MATRIMÔNIO

Após uma abordagem sobre a sacramentalidade do matrimônio, vem o percurso histórico. Importante, como foi dito anteriormente, saber o que é o sacramento, o que é o matrimônio e, logo compreender melhor a naturalidade da criação de Deus, suas propriedades e finalidades. Falar sobre a naturalidade da criação de Deus é fundamental para a união física, mental, psicológica e espiritual do casal. Falar sobre as propriedades, a unidade e indissolubilidade matrimonial, é dizer que matrimônio tem estabilidade e permanência no amor. Falar sobre as finalidades do matrimônio: buscar o bem integral dos cônjuges e a procriação/educação dos filhos, é meditar na importância do ser humano para a Igreja e sociedade. Todos esses elementos essenciais do matrimônio, que foram abordados, interferem positivamente na reflexão sobre a consolidação da sua celebração litúrgica.

Ao se falar de percurso histórico do matrimônio, entende-se o desenvolvimento dos elementos essenciais do matrimônio e algumas considerações sobre a celebração do matrimônio ao longo da história, ambos com suas variações e circunstâncias. Em relação às considerações litúrgicas da celebração sacramental, o sacramento do matrimônio foi se aperfeiçoando e se definindo ao longo do tempo como obrigatório. A ênfase maior será sobre o consentimento, benção das alianças e benção nupcial: elementos essenciais dentro de uma celebração litúrgica, sem descuidar as demais partes da cerimônia. Ao longo do percurso, esses elementos irão aparecer apesar dos abusos e exageros, por parte das pessoas. Considera-se que a principal causa da estabilidade do sacramento se deve à liturgia, pois apesar dos abusos e exageros, por meio do rito se manteve a celebração como algo a se valorizar e viver. Ou, melhor, pode-se afirmar que a reflexão sobre a naturalidade, finalidades e propriedades do matrimônio contribuiu para a elaboração do rito da celebração.

No percurso histórico se falará sobre a intervenção de Deus no matrimônio, isso se fará com uma reflexão e análise do Antigo Testamento: Gênesis, Oséias e Cântico dos Cânticos. Sem a base firme da Sagrada Escritura não se compreende como é possível a Igreja determinar certas questões a respeito do matrimônio, especialmente, a naturalidade da criação, que favorece a conexão total entre marido e mulher, além da reflexão sobre a fidelidade e misericórdia para valorização do matrimônio.

No Novo Testamento, com Jesus e Paulo, se fala da unidade e indissolubilidade matrimonial, confirmando, sobretudo com Jesus, o que Deus uniu, não se separa. Segundo Paulo, essa união entre os esposos é muito forte, como Jesus e a Igreja, sua esposa. Na reflexão histórica da Antiguidade da Igreja sobre o matrimônio, observa-se bastante sobre as finalidades

do matrimônio: o bem integral dos cônjuges e a procriação/educação dos filhos. Na Idade Média, o matrimônio se consolida como sacramento, ou seja, como uma realidade sagrada, não somente jurídica. Na Idade Moderna, o matrimônio se estabelece sua forma canônica, onde as questões pastorais deviam ser adaptadas e esclarecidas para uma melhor celebração do matrimônio. Na Idade Contemporânea, mais especificamente na segunda metade do século XX, nos anos 60, as transformações globais são intensas, o matrimônio deve ser mantido diante do divórcio e tendências contrárias. Sem dúvida, ocorreram adaptações. As mudanças mais profundas, tanto teológicas quanto litúrgicas foram realizadas, sobretudo, no período pós Concílio Vaticano II, na transição dos anos 160 para 1970. O CVII pediu que o rito fosse enriquecido para expressar melhor a graça especial do sacramento e os deveres dos esposos, enquanto o Catecismo enfatizou o amor conjugal, a aliança e a indissolubilidade sacramento.

A visão de Romano Guardini sobre a liturgia, no livro sobre a - *Formação litúrgica* - ajuda na compreensão no percurso histórico do sacramento do matrimônio. Existem momentos na história onde se valorizava mais os sacramentos. Por isso, voltar às origens e a certos conceitos, que antes de estarem defasados, ajudam no entendimento das celebrações litúrgicas, especialmente do matrimônio.

2.1 Matrimônio na criação: intervenção de Deus

Quando se fala da criação de Deus, a sua providência marca os seres criados. O traço do criador reside na criação. Ao criar o homem e a mulher Deus os fez a sua imagem e semelhança. O poder e risco da liberdade para amar marcam o itinerário da união entre o homem e a mulher dentro do matrimônio. Ao analisar essa união do casal se deve retornar ao projeto de Deus e com o bom uso da liberdade alcançar essa projeção na história pessoal.

Quando se fala do Gênesis vem à mente o fator natural e complementário do homem e mulher, fundamentais para o matrimônio, especialmente para geração e educação dos filhos. Quando se fala do Profeta Oséias o pensamento vai para a fidelidade de Deus com Israel, como prefiguração da fidelidade entre homem e mulher no matrimônio. Por fim, ao se falar do Cântico dos Cânticos, se evoca o amor sensível, não somente físico, mas de ternura e compreensão.

As diversas interpretações dos textos do Gênesis, Oséias e Cântico dos Cânticos ajudam no realismo antropológico dessa descoberta. Na criação do ser humano, descrita no Gênesis, a ênfase vai na intervenção de Deus e na naturalidade da relação e conexão entre homem e mulher, que de fato é fundamental para a concepção do matrimônio. Podemos dizer que a primeira celebração do matrimônio foi mesmo Deus que arquitetou e formulou.

O texto sacerdotal de Gênesis 1, 27s entende o ser humano não como realidade genérica, mas como homem e mulher. Como sexuados, são imagem de Deus e como tais, homem e mulher são iguais. Alguns representantes da teologia rabínica, entendiam que só depois do matrimônio, da união numa só carne, o ser humano aparece como tal na sua totalidade. O texto Javista de Gênesis 2, 18-25 supõe o matrimônio patriarcal com a correspondente superioridade do homem sobre a mulher, pois o homem é criado primeiro, dá nome à mulher, proclama seu domínio. A lógica da revelação vai romper com esse condicionamento cultural. Em Gênesis 3, 16 acentua que a superioridade do homem considerada fruto da criação recebeu pelo pecado um peso negativo[78].

São os relatos da criação que nos revelam um Deus criador em relação ao matrimônio. A criação do primeiro homem Adão-Eva, conforme o Gênesis, é obra exclusiva de Deus. Em comparação com o contexto cultural e a literatura ambiental, o Deus do matrimônio no Gênesis não aparece como um Deus de mitos e ritos que sacralizam o matrimônio, a sexualidade e a fecundidade como nos mitos mesopotâmicos; nem como um Deus que receia a grandeza, o poder do homem no Mito do Andrógino, narrado por Aristófanes em o *Banquete de Platão*; mas, sim, como um Deus que cria *barah* a humanidade como realidade boa e digna em sua totalidade,[79] "Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom" (Gn 1, 31a), como a imagem mais perfeita de sua própria grandeza, "Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou" (Gn 1, 27).

Deus criador do matrimônio ou do ser a dois em feminino e masculino, aparece como Deus de comunhão no amor, desde a igualdade e diversidade entre Adão-Eva. No caso de Eva não só é a companheira de que necessita o homem para superar sua solidão; mas, também é o osso de seus ossos e a carne de sua carne, que leva à plenitude a própria humanidade de Adão. Assim, Adão reconhece na mulher uma parte de si mesmo, o tu com o qual é possível dialogar, a possibilidade de ser homem. Este ser com o outro tem sua máxima expressão em uma só carne; mediante tal frase se confirma que os dois serão uma só pessoa, pois a totalidade humana consiste somente no estar a dois, masculino e feminino. Deus cria o homem, não só como varão, mas como homem e mulher *ish e ishshah*. A própria imagem da costela, "e do lado que tomara do homem, o Senhor Deus formou a mulher e a trouxe ao homem" (Gn 2, 22), é recurso literário para indicar que o homem e a mulher coexistem no mesmo nível de pessoa humana,

[78] TABORDA, 2005, p. 33-34.
[79] Conferir em PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. Deus no matrimônio. IN: R. de Vaux. Instituciones del Antiguo Testamento. Barcelona: Herbert, 1976, p. 49-73. *Dicionário teológico o Deus Cristão.* São Paulo: Paulus, 2014, p. 819-820.

têm a mesma origem, dignidade e igualdade. O homem que Deus cria não é Deus solitário, mas relacionado com o outro tu e comunitário, na igualdade e diversidade complementares. Se este é o homem criado à imagem de Deus, este mesmo tem que ser Deus cuja imagem se revela no homem[80].

Mas, também, existe a dimensão humana do matrimônio. Esta instituição não é exclusiva do cristianismo, ela existe em diversas formas, em todas as tradições, "é muito anterior à instituição de um sacramento por Cristo" (SESBOUÉ, 2001, p. 304). Em termos cristãos, esta instituição está ligada à intenção criadora de Deus do homem e da mulher. É significativo que a tradição bíblica nos fale do matrimônio nas suas primeiras páginas, ao abordar a criação. Ao lermos esses textos, prescindamos das representações historicamente falsas, para podermos descobrir o *bonus* humano das afirmações que aí se encontram. "A Bíblia não nos descreve modalidades do começo do mundo, isso é do domínio da ciência, ela nos revela o sentido da sua origem" (SESBOUÉ, 2001, p. 304).

É notável que a menção do homem, imagem de Deus, seja antes ilustrada pela diferença sexual. Existe uma indicação de que a alteridade sexual é uma imagem da alteridade misteriosa existente entre as pessoas divinas. A outra tradição do relato da criação, numa linguagem mítica, já que não há testemunhos históricos da criação do mundo, insiste nesta diferença entre homem e mulher, diferença necessária para que seja possível um verdadeiro amor. Entre o homem e a mulher tudo é semelhante e tudo é diferente, desde a constituição da célula elementar até as formas mais altas da vida afetiva e espiritual. Adão é criado a partir do barro pelo sopro de Deus (Gn 2, 7) é ao mesmo tempo carne e espírito. Logo a seguir, Deus diz: "E o Senhor Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só, vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda" (Gn 2, 18). Eva é criada, também, ela, a partir da costela de Adão, para sublinhar a sua solidariedade original. E Adão exclama: "Então o homem exclamou: Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porque do varão foi tomada" (Gn 2, 23). Esta união de origem é o fundamento da união conjugal como lei geral da humanidade: "Por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão uma só carne" (Gn 2, 24). O amor conjugal é superior ao amor filial. O matrimônio é a vocação inscrita na condição humana original. Ele transforma a relação sexual animal numa relação autenticamente humana de amor e de aliança. Ele é orientado para a perpetuação da humanidade. Adão e Eva têm como missão

[80] PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. Deus no matrimônio. IN: O. BOROBIO. Matrimonio, em D. BOROBIO (org.). La celebración de la Iglesia II. Sacramentos. Salamanca: Sígueme, 1988, p. 497ss. *Dicionário teológico o Deus Cristão.* São Paulo: Paulus, 2014, p. 820.

povoar a terra (Gn 1, 28). Na palavra bíblica se encontra o que é uma instituição humana antes de ser sacramento (Ez 16, 8).

O Antigo Testamento fala do matrimônio como uma aliança sagrada (Ez 16, 8), celebrada com uma bênção, seja de forma pública, como o matrimônio de Rebeca e Isaac (Gn 24, 60), seja privadamente, no caso de Tobias e Sara (Tb 84, 8). Com relação a história de Tobias e Sara percebe-se um Casamento firmado na fé, na oração e na obediência a Deus, podendo vencer as adversidades e o mal, no Senhor que encontram força, direção e proteção para a vida conjugal.

"É objeto de uma legislação precisa: o adultério é tido como uma ofensa à lei de Deus e pode ser objeto de uma punição pública" (SESBOUÉ, 2001, p. 305-306). O matrimônio com estrangeiros é objeto de restrições severas, por ser um atentado à santidade do povo. E na literatura profética, a analogia do matrimônio expressa as relações do amor entre Deus e o seu povo. A fidelidade de Deus e a sua ternura são cantadas com imagens nupciais, no caso do profeta Oséias, mas também os pecados do povo de Israel são comparados ao adultério ou à prostituição. Essas mesmas imagens serão retomadas no Novo Testamento para as relações entre Cristo e a sua Igreja (SESBOUÉ, 2001, p. 305-306).

A Bíblia descreve a origem do homem e da mulher como casal para constituir o matrimônio e formar uma família. Porém, essa doutrina se quebra no decorrer da história do povo de Israel[81].

> Essa é a revelação da realidade do amor: os diversos aspectos da sexualidade não estão dissociados, mas integrados, a fim de constituir a perfeição de um amor interpessoal, sobre a base da igualdade e com a dinâmica da fecundidade. A sexualidade humana não fica sacralizada pelo recurso a mitos ou ritos, mas adquire sua consistência própria por ser obra do criador[82].

"Então, Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom" (Gn 1, 31). É necessário recordar as sombras, estas são apresentadas pelo redator Javista. O casal humano ideal sofre o drama do pecado. Desse dramatismo vai participar o amor e a sexualidade humana. "A bondade fundamental da sexualidade humana vai se ressentir dessa ruptura original. O redator bíblico faz referência às repercussões que essa ruptura fundamental tem no mundo do casal"[83]. O tema do pudor marca a diferença entre o antes e o depois da queda. Antes do pecado, "ambos, o

[81] Conferir em FERNÁNDEZ, Aurelio. *Teología moral II: moral de la persona y de la familia.* 3a. ed. Burgos: Gesedi, 2001, p. 238.
[82] VIDAL, Marciano. *O matrimônio:* entre o ideal cristão e a fragilidade humana. 2a. ed. Aparecida: Santuário, 2007, p. 16.
[83] *Ibidem.*

homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam" (Gn 2, 25), depois do pecado, "então os olhos de ambos se abriram, e reconheceram que estavam nus" (Gn 3, 7). "Esse mistério de luz e de sombra vai se concretizando ao longo da história humana. Na história de Israel encontramos casais que realizam o ideal de amor descrito no Gênesis e casais que repetem o drama de desunião do paraíso"[84].

Convém mostrar a interpretação do matrimônio no livro do profeta Oséias, onde tem uma profundidade teológica e simbólica bastante adequada. Oséias utiliza sua própria experiência conjugal como um símbolo da aliança de Deus com o povo de Israel, revelando aspectos fundamentais sobre o amor, a fidelidade e a misericórdia divina. Oseias é chamado por Deus a se casar com uma mulher chamada Gomer, descrita como uma mulher prostituta (Os 1, 2). Este matrimônio simboliza a relação entre Deus e Israel. Assim como Gomer foi infiel a Oseias, Israel foi infiel a Deus, adorando outros deuses e rompendo a aliança com o esposo Deus. O matrimônio é apresentado como sinal da aliança, que é ferida pela infidelidade, mas sustentada pelo amor misericordioso. Oséias mostra que, mesmo diante da traição, o amor de Deus é paciente e misericordioso. Deus não abandona o seu povo, mas busca sua reconciliação. O matrimônio, segundo Oséias, é mais do que um contrato: é uma aliança de amor, que inclui fidelidade, compromisso e perdão. O amor de Deus é descrito como um amor esponsal, que sofre, mas que também cura e restaura. Oséias denuncia a idolatria, infidelidade espiritual, e convoca Israel ao arrependimento, oferecendo a esperança de um recomeço. Isso reflete, também, a vida conjugal, onde as feridas podem ser curadas pelo perdão e pela misericórdia, pela conversão mútua e pela renovação dos votos de amor.

Eis um texto de Oséias que resume o coração de Deus e Israel, e a relação de esposo e esposa: "Eu te desposarei a mim para sempre; eu te desposar na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei a mim na fidelidade, e conhecerás a Iahweh" (Os 2, 21-22). Aqui o matrimônio se torna sinal não só de compromisso, mas de ternura, fidelidade, misericórdia e amor restaurado, que são pilares também da teologia do matrimônio cristão.

Cabe, também, analisar o que o Cântico dos Cânticos fala sobre o matrimônio, é uma exaltação da beleza, da paixão e do amor entre um homem e uma mulher. Ele descreve o amor conjugal com grande sensibilidade, ternura, desejo, alegria e busca mútua. O amor não é apresentado como algo meramente funcional ou reprodutivo, uma vertente sexual-fisiológica, mas como um dom, uma comunhão de pessoas, que envolve corpo, alma e espírito. O livro expressa um amor que é: exclusivo: "Eu sou do meu amado e o meu amado é meu, o pastor das

[84] VIDAL, 2007, p. 16.

açucenas" (Ct 6, 3); forte e indestrutível: "Ponha-me como um selo sobre o seu coração, como um selo sobre o seu braço, porque o amor é forte como a morte [.]. Suas brasas são fogo ardente, são labaredas do Senhor" (Ct 8, 6); desejoso de comunhão: os amantes buscam continuamente a presença um do outro. Esse amor reflete a dimensão essencial do matrimônio: doação total, fidelidade, desejo de comunhão e permanência no amor.

A tradição judaica e cristã sempre viu, além da beleza do amor humano, uma dimensão mística no Cântico dos Cânticos: o amor dos esposos é imagem do amor entre Deus e seu povo, contido no Antigo Testamento. No cristianismo, é visto como símbolo do amor entre Cristo e a Igreja e, de forma mais ampla, entre Deus e cada alma fiel. Assim, o matrimônio não é apenas uma realidade humana, mas é elevado à dignidade de sinal da própria relação de Deus com a humanidade. "Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço; porque o amor é forte como a morte [.]. Suas chamas são fogo ardente, labaredas divinas" (Ct 8, 6). Aqui se expressa a profundidade do amor conjugal como algo que ultrapassa o simples sentimento e se torna aliança, uma marca indelével, um compromisso que tem algo de sagrado. O Cântico dos Cânticos apresenta a linguagem corporal, da beleza, dos sentidos, das flores, dos perfumes, da natureza em que o sensível é exaltado e explorado dando margem a imaginação. Isso resgata a visão bíblica de que a sexualidade e o desejo fazem parte do plano de Deus, ou seja, são dons e devem ser vividos na harmonia do amor conjugal.

Apesar das várias falhas e fragilidades, inclusive com o pecado original, o casal criado por Deus está chamado a cumprir seu projeto. Homem e mulher foram criados iguais, mas diferentes na sua composição. Assim, unidos no amor, mas as formas de manifestá-lo são diferentes. Essa descoberta de amor conjugal faz parte do desígnio de Deus para o casal. Unindo o projeto de Deus, no Gênesis, Oseias e Cântico dos Cânticos, com o de Cristo, o casal se caminha na vida com maior certeza de que a felicidade realmente existe. Pode-se concluir que a intervenção de Deus passa por meios humanos, mas se deve manter na estabilidade que se criou. Não se trata de inventar o que é o matrimônio, mas fazer uma leitura das disposições internas do ser humano. Mas, podemos falar com o Gênesis que o amor é natural, com Oséias, que o amor é fidelidade, e com Cântico dos Cânticos, que o amor é ternura.

2.2 Matrimônio no Novo Testamento: Jesus e Paulo

Realizada a fundamentação bíblica no Antigo Testamento, para que exista um percurso histórico adequado sobre o matrimônio e a família, é necessária completá-la com o Novo Testamento em concreto. Deus e os seres humanos são autores da Sagrada Escritura. Por isso,

ouvir a Deus na Bíblia ajuda ter um acesso espiritual do matrimônio e a família dentro da Igreja. Ao mesmo tempo, ouvir o autor humano, inspirados pelo Espírito Santo torna o matrimônio e a família acessíveis aos parâmetros da Igreja e da sociedade.

Enquanto no Gênesis a abordagem era sobre o carácter da criação do homem e mulher, como fundamentação para a convivência da realidade matrimonial, na doutrina de Cristo e de Paulo emergem a unidade e a indissolubilidade. Essas propriedades se consolidam no decorrer da história, com muito sentido pastoral e tendo em conta a fragilidade humana. Por isso, quando se fala da celebração do matrimônio, os fatores das propriedades do matrimônio são essenciais. Os relatos da celebração do matrimônio nesse tempo são escassos, porém, já se tem uma ideia de como era pelas exigências do Novo Testamento.

Os dados sobre a instituição familiar e o matrimônio são abundantes no Novo Testamento. Os textos decisivos de Gênesis e Deuteronômio gozam da interpretação autêntica, pois o mesmo Jesus faz uma exegese dos textos. Por isso a Igreja vê nisso as propriedades essenciais do matrimônio e elabora a sua doutrina através da história dos tempos[85].

Deus fez o homem e a mulher para que fossem uma só carne, e expressa a vocação e destino para permanecerem unidos. Esta unidade, que supõe a fidelidade, nem sempre se realizou de forma ideal. Poligamia no próprio Israel, na época dos Patriarcas, com frequência foi rompida pela lei que permitia o repúdio da mulher, podendo despedi-la e tornar a casar-se (Dt 24, 1-3). Essa realidade não deixou de gerar conflitos, porque se opunha ao ideal da criação, como se manifesta nas diversas ocasiões em que os inimigos de Jesus lhe perguntam a esse respeito. A resposta de Jesus explica a lei de Moisés “por causa da dureza do vosso coração, vos permitiu repudiar vossas mulheres;” (Mt 19, 8) reivindica a vontade originária de Deus na criação: não lestes que o Criador, desde o princípio vos fez homem e mulher: por isso o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne? De modo que já não são dois, mas uma só carne. O que Deus uniu o homem não separa (Mt 19,4-6). Jesus adota atitude antidivorcista, e em defesa da unidade matrimonial. O matrimônio cria unidade entre marido e mulher, que não pode ser suprimida pela lei dos homens, esta é a vontade de Deus. As situações diversas podem desqualificar o ideal, mas não há renúncia ao mesmo. Deus é uno e permanece uno, assim como o matrimônio, em fidelidade e sem fissuras[86].

Em Marcos 10, 6-9 e paralelo em Mateus 19, 4-6 encontra-se o texto de Jesus mais importante sobre o matrimônio. Para responder à pergunta sobre a sexualidade a liceidade do

[85] Conferir em FERNÁNDEZ, 2001, p. 256.
[86] PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. Deus no matrimônio. *Dicionário teológico o Deus Cristão.* São Paulo: Paulus, 2014, p. 822-823.

repúdio da mulher por parte do marido, Jesus remete à vontade originária do criador. A lei de Moisés, citada pelos fariseus, se opõe à vontade primeira de Deus pela dureza do coração humano. A intenção de Deus é mostrada através de dois textos do Gênesis 1, 27 e 2, 24, aos quais acrescenta um comentário exortativo[87].

Ao citar Gênesis 1, 27, Jesus põe em relevo que a diferenciação de sexos pertence à vontade originária de Deus e à estrutura antropológica fundamental. Sexualidade humana é vista como um dom, uma graça onde se define a identidade de cada um, homem e mulher criados por Deus que se completam por sua sexualidade para o amor e a comunhão, não apenas procriação, mas uma completude corpo e alma, afetividade, doação voluntária de amor, pessoa integral. Na mensagem de Jesus não há lugar para um pessimismo dualista no tocante à sexualidade. O sexo se relaciona com o fato de os humanos serem a imagem de Deus. A experiência de alteridade vivida no sexo recebe seu sentido da experiência da alteridade de Deus. A citação de Gênesis 2, 24 mostrará a sexualidade como possibilidade e maturação, da passagem da idade infantil à adulta: homem e mulher deverão deixar a segurança e dependência da família para iniciarem nova realidade familiar[88].

Jesus não se casou, inclusive foi objeto da piada difamatória de eunuco. A isso, Ele responde dizendo que a sua situação não tem a origem naquilo que os seus adversários julgam, mas por Ele mesmo desejar ser eunuco pelo Reino dos Céus, como muitos outros. E acrescenta: "Quem tiver capacidade para compreender, compreenda!" (Mt 19, 12), mostrando que se trata de uma escolha misteriosa que em nada melindra a dignidade do matrimônio (SESBOÜÉ, 2001, p. 306)

Jesus fala de si mesmo como do esposo. Responde à acusação de que os seus discípulos não jejuam, afirmando: "Jesus responderam-lhes: 'Acaso podeis fazer que os amigos do noivo jejuem enquanto o noivo está com eles?' Dias virão, porém, em que o noivo lhes será tirado e naqueles dias jejuarão" (Lc 5,34-35). Na parábola das dez virgens, compara-se ao esposo que tarda em vir (Mt 25, 5-60). Essas indicações mostram a aliança antiga em que Deus se comportava como um esposo amoroso e até ciumento de Israel. Jesus expressa o amor de Deus pela humanidade em termos conjugais, esse amor se traduz pelo compromisso irrevogável que tomou a nosso respeito, fazendo-se homem, e pelo dom total de si mesmo até a morte. Jesus, tanto na vida como na morte, é a nova aliança, entre Deus e a Igreja, essa aliança gera uma

[87] TABORDA, 2005, p. 49.
[88] *Ibidem*., p. 49-50.

união perfeita, e respeita a alteridade da esposa. Jesus é o fundamento do sacramento do matrimônio[89].

Jesus intervém com a sua palavra para confirmar o matrimônio como sacramento, que foi instituído por Deus na criação. Nesse sentido, a Igreja mantém o que Jesus confirma. Interrogado pelos seus malévolos adversários que lhe queriam pôr uma armadilha, Ele confirmou o matrimônio como uma instituição divina. De fato, Ele vai muito além da Lei de Moisés, para chegar ao Gênesis e recordar que o matrimônio foi querido por Deus desde a Criação. E lembra-lhe a indissolubilidade absoluta (Mc 10, 1-10). "Portanto, o que Deus uniu, não o separe o homem" (Mt 19, 6b). "Ele disse: Moisés, por causa da dureza do vosso coração, vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas desde o princípio não era assim" (Mt 19, 8). Nessa passagem, reafirma a indissolubilidade do matrimônio contra a concessão feita por Moisés ao permitir ao marido repudiar a sua esposa[90].

O ensinamento de Jesus está a serviço e no contexto da pregação do Reino. Deixar que Deus, o Senhor domine em nossa vida, também quando essa vida é a dois, é levar o amor-dom de Deus até o fim. O matrimônio indissolúvel corresponde ao amor pregado por Jesus, pois sua indissolubilidade é feita de perdão mútuo e da concessão de novas chances. Mas para a práxis de Jesus esse ensinamento tem ainda outro significado que adquire relevância na pregação do Reino: o matrimônio indissolúvel era expressão da predileção de Jesus pelos mais fracos. A mulher, antes desprotegida na sociedade, é elevada à dignidade, protegida do arbítrio do marido e de ser simples objeto entre o prazer do primeiro marido e o do segundo, pois a divorciada era obrigada a casar para se manter na sociedade de então[91].

> A moral matrimonial é aprofundada, por isso, não apenas as relações com a mulher do próximo são condenadas, mas também o mau desejo. Tanto no trecho de Mateus como em outros textos, são indicados os fatos em que terminar um matrimônio seria uma leviandade. Haverá homens que por causa do Reino de Deus se absterão do matrimônio voluntariamente. Sobre o problema da monogamia ou poligamia Jesus não se pronunciou, o que é muito natural, visto que no tempo do Novo Testamento a monogamia era considerada normal; no judaísmo posterior a poligamia era mais rara. Em seguida, exigiu-se que autoridades eclesiásticas e diáconos, depois da morte da sua esposa, se abstivessem de um segundo relacionamento[92].

Paulo é um testemunho importante de todas as primeiras comunidades cristãs, tanto no que se refere à doutrina como à prática do matrimônio. Nas suas cartas, o matrimônio é uma realidade santa que deve ser contraída no Senhor. Na sua longa exortação sobre o matrimônio,

---

[89] SESBOÜÉ, 2001, p. 307.
[90] *Ibidem.*
[91] Conferir em TABORDA, 2005, p. 53.
[92] BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia.* Petrópolis: Vozes, 1977, p. 960.

na primeira carta aos Coríntios, ele dá uns conselhos muito precisos: “Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo e por algum tempo, para que vos entregueis à oração; e depois disso, voltai a reunir-vos, a fim de que Satanás não vos tente mediante a vossa incontinência” (1Cor 7, 5). E lembra a lei da indissolubilidade: “Quanto aqueles que já estão casados, ordeno, não eu, mas o Senhor: a mulher não se separe do marido – se, porém, se separar, ou, então, reconcilie-se com o marido - e o marido não repudie a sua mulher” (1Cor 7, 10-11). O Novo Testamento vê no matrimônio o fundamento de uma família que habita uma casa, considerada como uma pequena Igreja local, que tem a responsabilidade, de transmitir a fé que provém do batismo[93].

Em 1 Cor 7 se encontra a exposição mais extensa de Paulo e de todo o Novo Testamento sobre a sexualidade, o matrimônio e o celibato. Este capítulo parece ser dominado pela expectativa paulina do retorno de Cristo glorioso. Outra influência sobre as ideias de São Paulo pode ter sido precedida pelos novos movimentos ascéticos que tinham como cenário a cidade de Corinto, que exigiam uma total abstinência sexual inclusive dos casados. À luz do iminente retorno de Cristo, Paulo valorizava o celibato acima do matrimônio; o tempo já era muito escasso, e seu desejo era ver os coríntios livres de preocupações diferentes. Paulo rejeitava a afirmação daqueles ascetas zelosos, para os quais o matrimônio era um pecado e exigiam dos casados uma completa abstenção das relações sexuais. Se marido e mulher decidem de comum acordo abster-se da relação carnal e entregar-se à oração, deverá ser apenas por certo tempo. Reconhece ainda que uma prolongada abstinência pode levar à tentação, por isso, Paulo aconselha manter regularmente relações carnais dentro do matrimônio[94].

A afirmação de Efésios 5, 23 de que o marido é cabeça da mulher, não pertence somente ao plano natural ou cultural, é modificado ao dizer que ele o homem é cabeça, como Cristo é cabeça da Igreja. Cristo é cabeça como salvador, como aquele que se entrega pela Igreja, que a cuida. Vale dizer: pondo-se a serviço da esposa, como Cristo. Isso modifica a afirmação natural do caráter de cabeça, próprio ao varão. A atitude de Cristo é que julga se o marido, está sendo cabeça, não o dado cultural da superioridade, mas o marido é cabeça quando se torna o primeiro servidor de sua esposa (1Cor 11, 3).

O matrimônio para os cristãos é esposar apenas no Senhor (1Cor 7, 39b). Embora a fé cristã não imponha mudar a estrutura terrena para formar um matrimônio cristão, no entanto o fato de vivê-lo como cristão trará um novo espírito ao amor e até terá repercussão nas realizações concretas. Se o matrimônio humano recebeu uma iluminação nova ao passar a ser,

[93] SESBOÜÉ, 2001, p. 307.
[94] Conferir em VIDAL, 2007, p. 26-27.

na pregação dos profetas, imagem das relações de Deus com seu povo, agora, na revelação cristã essa clareza é plenificada, ao entrar no âmbito da aliança de Cristo com a Igreja. Em Efésios 5, 22-23, a aliança de Cristo com a Igreja, de cuja realidade é mistério grande, ilumina, com nova luz, a passagem de Gênesis 2, 24 conforme a teologia da tradição paulina a realidade do amor conjugal. Nessa passagem se encontrará o apoio para ver o caráter sacramental do matrimônio cristão. O matrimônio entra no âmbito da fé, do qual recebe a possibilidade de ser vivido como cristão[95]. A carta aos Efésios demonstra uma contribuição adequada para a Revelação da Igreja sobre o matrimônio entre os batizados, pois só assim se entende esse maravilhoso escrito na relação de fé em Cristo com a Igreja[96].

O Novo Testamento confirma a instituição divina do matrimônio na criação e confere-lhe uma dimensão eclesiológica. O Antigo Testamento dizia que o matrimônio estava vinculado à criação e só assim encontra o seu desígnio. O Novo Testamento diz-nos que Cristo faz parte integrante de todo o matrimônio entre batizados. "O matrimônio é uma imagem do amor incondicional de Cristo a sua Igreja"[97]. Existe uma especificidade no matrimônio cristão com relação ao matrimônio dentro da humanidade, que não é só de ordem ética, porém por ser uma participação, pela graça do Espírito de Deus, na nova criação no corpo de Cristo. É por isso que o matrimônio é um sacramento[98].

> Toda a vida cristã tem a marca do amor esponsal entre Cristo e a Igreja. Já o batismo, entrada no povo de Deus, é um mistério nupcial: é, por assim dizer, o banho de núpcias que precede o banquete das bodas, a Eucaristia. O matrimônio cristão, por sua vez, torna-se sinal eficaz, sacramento da aliança de Cristo com a Igreja. E uma vez que significa e comunica a graça desta aliança, o matrimônio entre batizados é um verdadeiro sacramento da nova aliança (CIC, n. 1617).

Tanto Jesus quanto Paulo apresentam o matrimônio de acordo ao desígnio de Deus no Gênesis. No caso de Jesus, suas palavras, gestos e obras foram salvíficos e estão contidos no evangelho; por isso o matrimônio e a família foram tocados também por Cristo para serem santificados. De fato, Cristo elevou o matrimônio a sacramento. Não o fez por "decreto' e sim, ao longo de seu ministério, por suas ações e ensinamentos, onde, principalmente, reafirma a indissolubilidade do vínculo e ao infundir o amor conjugal com a graça divina.

Também, Paulo, inspirado pelo próprio Espírito Santo, em suas cartas, compara o amor esponsal ao amor de Cristo pela Igreja (Efésios 5, 31-32), associando-o diretamente ao termo grego '*mysterion*', traduzido como 'sacramento'. Assim, o São Paulo, Apóstolo reforça a ideia

[95] VIDAL, 2007, p. 25-26.
[96] Conferir em FERNÁNDEZ, 2001, p. 286.
[97] SESBOUÉ, 2001, p. 308.
[98] *Ibidem.*

de sacramento: “por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe, se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne. Grande é este mistério: eu me refiro a Cristo e à Igreja” (Ef. 5, 31-32).

2.3 Matrimônio na Igreja Antiga

Analisados os relatos de Jesus e Paulo no Novo Testamento, onde se fala sobre a unidade e indissolubilidade do matrimônio, observa-se que com Jesus se confirma o que foi dito aos antigos sobre o matrimônio e com Paulo se confirma a união forte de marido e mulher, como Cristo e a Igreja. Vemos que na Igreja Antiga, há influência da cultura romano (direito romano) e as diferentes culturas da época, nas quais a Igreja deveria se adaptar. O enfoque principal, e os Santos Padres [99]ajudaram, fazer uma síntese na Igreja dos bens do matrimônio: bem integral dos cônjuges e a procriação/educação da prole; e, das propriedades do matrimônio: a unidade e indissolubilidade. Nesse período começa a tomar forma as bênçãos e orações litúrgicas.

Por Igreja Antiga se entende fundação da Igreja com Jesus Cristo e os Apóstolos, em torno do ano 30 d. C., até o fim da Antiguidade, com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d. C. Alguns autores estendem até o Concílio de Calcedônia, em 451 d. C., ou até Gregório Magno, em 604 d. C., como marco da transição para a Idade Média. É importante colocar esse marco para elaborar a reflexão sobre o matrimônio nesse período, especialmente sobre a sua celebração. O matrimônio era visto como uma instituição natural, querida por Deus desde a criação (Gn 2, 24). Nos tempos do cristianismo primitivo, o matrimônio ainda não tinha uma formulação teológica plena como sacramento, mas já era considerado santo, bom e querido por Deus, um caminho de santidade e vocação cristã.

“É conveniente fazer um percurso histórico na Igreja para melhor se compreender a evolução da celebração e doutrina do matrimônio através dos tempos.”[100] Esse percurso mostra como a Igreja lidou com doutrina e as novas prescrições que as necessidades pastorais. Para o matrimônio, a Igreja está atenta aos costumes da sociedade global devendo adaptar a sua disciplina aos tempos e aos momentos da história[101].

---

[99] Os Santos Padres (ou Padres da Igreja) são os grandes mestres, teólogos e pastores dos primeiros séculos do cristianismo. Eles foram responsáveis pela transmissão da fé apostólica, pela defesa da doutrina cristã contra as heresias, pela formação da teologia, da liturgia e da vida espiritual da Igreja.
[100] SESBOUÉ, 2001, p. 309.
[101] *Ibidem.*

Por séculos o acordo conjugal preservou sua natureza como um evento familiar, comemorado na presença dos chefes de família, sem a intervenção do ministro ordenado. Não é possível provar a existência de um ritual de bênção dos cônjuges até o século IV, mesmo existindo alguns textos da missa para os cônjuges e da bênção dos noivos. Antes do século XI não se confirma nenhum traço na liturgia da celebração do sacramento do matrimônio. Não se afirma a existência de um ritual litúrgico do matrimônio próprio na Igreja ocidental com a necessária intervenção do clero, antes do século XI. Na Igreja Antiga, os cristãos se casavam de acordo com as leis e os usos comuns. Os cristãos da Palestina usaram os costumes Judeus, os da região greco-romana usavam os usos praticados nessas culturas, e evitavam tudo o que era incompatível com a fé e demandas morais do cristianismo. Eram exemplos de discernimento e inculturação da fé: "Discerni tudo e ficai com o que é bom. Guardai-vos de toda a espécie de mal" (1Ts 5, 21-22).

> Quando se converteram a essa religião, os pagãos já estavam na maior parte casados. Nesse período, o matrimônio não apresentava muitos problemas especiais para a Igreja, pois quando os pagãos eram convertidos e batizados, a Igreja reconhecia o matrimônio deles. O Concílio de Elvira de 300 a 306 também aceitou como ponto de partida que os matrimônios de cristãos batizados fossem celebrados como os dos pagãos não batizados. A Igreja aceitou a sujeição de seus membros à legislação romana, e as causas matrimoniais também eram levadas ao tribunal civil. Porém, a Igreja cercou de cuidado pastoral os matrimônios civis e familiares dos fiéis que desejavam protegê-los das influências pagãs, especialmente dos deuses falsos[102].

Valorizar o que era consentimento para o direito romano, ajuda na compreensão na formação, depois, mais adiante, para o direito canônico da Igreja,

> O direito romano considerava ser o consentimento mútuo a entrada dos esposos no estado conjugal. É a concepção consensual do matrimônio como contrato. Não era exigida nenhuma forma de celebração: o Estado não intervinha diretamente, embora protegesse o matrimônio e impusesse certas condições. A publicitação do matrimônio fazia-se por meio de festas e cerimônias de natureza familiar, previstas pelos costumes muito rigorosos que incluía uma inscrição nas tábuas nupciais, uma espécie de arquivo familiar. Os historiadores julgam hoje que os cristãos faziam o mesmo. Casam-se como toda a gente e geram filhos, mas não se desfazem dos recém-gerados[103].

"A Epístola a Diogneto comprova que o matrimônio cristão era bem parecido com o dos pagãos. Como regra geral, os cristãos deviam conformar-se com o padrão da vida da sociedade na qual viviam, tanto nessa esfera da vida social quanto em outros aspectos."[104].

---

[102] DE ALMEIDA, Maria Nilsa. *O que Deus não uniu o homem pode separar*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 23.
[103] SESBOUÉ, 2001, p. 309.
[104] DE ALMEIDA, 2010, p. 24.

"Entretanto, há dois textos que, deram origem a uma interpretação contraditória. Inácio de Antioquia fala aos que se casam, esposos e esposas, devem contrair o seu matrimônio com a aprovação do bispo, para que o seu matrimônio seja segundo o Senhor" (SESBOUÉ, 2001, p. 310). Nesse texto *Epístola a Policarpo*, no capítulo VI, Santo Inácio de Antioquia coloca claramente os deveres do rebanho cristão à obediência à autoridade da Igreja - estar na presença de Deus: "Preste atenção ao bispo, para que Deus preste atenção a vós. Minha alma esteja pelos que se submetem ao bispo, aos presbíteros aos diáconos, e que minha porção esteja com eles em Deus!"[105]. Tertuliano falará da felicidade do matrimônio que é unido pela Igreja, confirmado pela oblação eucarística, selado pela bênção, anunciado pelos anjos e ratificado pelo Pai. Porém, o texto de Inácio não diz respeito à celebração e o de Tertuliano alude à santificação do matrimônio por meio da vida cristã (SESBOUÉ, 2001, p. 310).

> Doutrinalmente, julgava-se que o matrimônio tinha para os cristãos um valor santo pelo fato do seu batismo e da sua fé em Cristo: Tertuliano, Clemente de Alexandria, e que adquiria toda a sua dimensão através da participação na eucaristia. O matrimônio era uma realidade segundo o Senhor, mesmo sem ser celebrado na Igreja. A doutrina cristã não tinha problemas em fazer sua a concepção consensual do direito romano: a decisão mútua de se casarem é o que constituía o matrimônio. Os cristãos obedeciam a determinadas regras: matrimônios desaconselhados ou proibidos, impedimentos prescritos; indissolubilidade, sinal que contrastava com os pagãos; a esterilidade atribuída à mulher não justificava em caso algum a separação nem um novo matrimônio; privação da comunhão para os divorciados recasados; reconhecimento do direito ao matrimônio por parte dos escravos[106].

A partir dos séculos IV e V, conforme as regiões, introduziu-se o costume de convidar um clérigo para a celebração familiar. Também, consta que se evitavam as orgias pagãs. Na África, convidava-se o bispo a fazer a inscrição nas tábuas nupciais. "Em certos lugares, pedia-se ao clérigo para abençoar os esposos nas suas primeiras núpcias. Este rito vai evoluir para uma liturgia pública: os esposos serão conduzidos à bênção pelo padre que, a princípio, tem lugar no átrio da igreja"[107]. No século VI aparece o formulário de uma missa para os esposos e uma fórmula de bênção. Com o tempo, essa torna-se obrigatória e se torna um assunto puramente eclesiástico. No século IX, as cerimônias civis do matrimônio vão se aproximando do edifício da igreja de tal forma que a longo prazo, os costumes populares tornam-se assunto da Igreja e ações litúrgicas. Por volta do ano 1000, passa para o poder jurisdicional da Igreja.

---

[105] INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Tradução de Paulo Evaristo Arns. São Paulo: Paulus, 2023
[106] SESBOUÉ, 2001, p. 310-311
[107] *Ibidem.*

Para casar-se perante a Igreja válida e legitimamente era preciso submeter-se ao ato litúrgico da Igreja[108].

Agostinho dá a entender que entre os povos fiéis, o casamento é contraído, celebrado e protegido com bênção, mostrando que a celebração do matrimônio começa a ter aspecto litúrgico oficial e que conta com o auxílio da graça. Hoje, por matrimônio se entende a união legítima do homem e da mulher com a finalidade de viverem em profunda unidade, formar uma família, procriar, formar e educar os filhos. "O termo matrimônio, do latim, *matrimonium*, sua raiz deriva da palavra *mater*, mãe" (AGOSTINHO, 2015, p. 17), porque, como é afirmado por Agostinho no *Contra Faustum*, o objetivo de conduzir uma mulher às núpcias é o de torná-la mãe. Agostinho insiste sobre o valor social da união entre homem e mulher e sintetiza a bondade do matrimônio ou os bens em três itens: o bem da prole, o bem da fidelidade recíproca e o bem da indissolubilidade (AGOSTINHO, 2015, p. 17).

Agostinho usa muitas vezes o termo *sacramentum* referindo-se ao matrimônio, mas num sentido que ainda não é o do septenário. Serve-se dessa palavra para incluir o matrimônio numa lista de ritos cristãos. Fá-lo a partir da carta aos Efésios: "Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da Igreja" (Ef 5, 32)[109]. João Crisóstomo completa a expressão de São Paulo numa de suas homilias:

> Que quer dizer isto? Assegura que é grande mistério, uma vez que o bem-aventurado Moisés, ou melhor o próprio Deus, sugeriu algo de grande e admirável. De fato, diz: Refiro-me à relação entre Cristo, visto que ele, tendo deixado o Pai, desceu, veio para junto da esposa, e se tornaram um só espírito: Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito. E diz de forma bela: É grande este mistério, como se dissesse: Mas a alegoria não arruína o amor (JOÃO CRISÓSTOMO, 2015, p. 485).

Pode-se dizer que, para São João Crisóstomo, o matrimônio é uma imagem da união de Cristo com a Igreja, e, portanto, é acompanhado de oração, de bênção e de louvor a Deus. Nisso, o autor mostra a união forte, que necessita da confirmação de Deus em nome da Igreja, pois o mistério está associado em Cristo, o esposo, e a Igreja, sua esposa.

É nesse texto de São João Crisóstomo o qual Agostinho vai buscar o simbolismo. Para ele, o termo sacramento tem dois sentidos quando se trata do matrimônio, não sem interferências de um no outro. O sacramento é uma união sagrada que está inclusa no terceiro aspecto da trilogia dos três bens que o matrimônio contém: os filhos, *protes*, a fidelidade, *fides*, que exclui todo o adultério, e o compromisso indissolúvel *uramentum*. O sacramento é um sinal sagrado,

[108] SESBOUÉ, 2001, p. 310-311
[109] Conferir em SESBOUÉ, 2001, p. 311.

signum que dirige o crente em direção ao mistério da unidade de Cristo e da Igreja; é o sacramento sinal de uma realidade superior. Agostinho e depois a escolástica aproximaram as duas ideias: é por ser sinal deste mistério que o matrimônio, já união sagrada em nível natural, é indissolúvel. "Desse modo o sacramento-sinal põe o sacramento-união em relação com o mistério de Cristo"[110].

> O pensamento de Agostinho sobre a sexualidade e sobre o matrimônio marcou a tradição cristã; a tal ponto que a doutrina agostiniana sobre esses aspectos foi identificada, com a postura cristã em geral. O pensamento de Agostinho introduz uma profundidade maior em temas matrimoniais; isso se vê no tratamento que ele faz do valor moral do ato conjugal[111].

"A procriação dos filhos é o fim último do matrimônio; o ato conjugal não é pecaminoso, embora Agostinho não encontre nenhum outro ato humano que sirva de ocasião para que se transmita o pecado original, um ato legítimo e honroso."[112]. O ato conjugal é um dever. Como o alimento e o estudo, que são necessários para garantir alguns bens, como a saúde e o saber, o ato conjugal é bom enquanto se encaminha para o fim ao qual está naturalmente ordenado. A experiência pessoal pecaminosa que Agostinho viveu em sua própria sexualidade pesou muito, na atitude que adotou diante dessa dimensão da vida humana. Em seus argumentos para combater os erros do pelagianismo, estão refletidas suas antigas tendências maniqueístas, que desse modo se infiltraram no pensamento cristão. Mas também, que os pensadores posteriores utilizaram a teologia agostiniana com um critério seletivo, centrando-se em seus aspectos pessimistas. Por esse caminho se chegou a identificar o prazer sexual como uma consequência da queda do homem e um pecado[113].

Para destacar algo sobre o matrimônio e da família na história antiga, vem à tona o Concílio de Calcedônia,[114] 4º ecumênico, em 451 se esclarece o conceito de indissolubilidade matrimonial inclusive diante de calamidades, guerra e prisão. A celebração do matrimônio na Igreja passa a ser um momento de fé para os cônjuges. As palavras de entrega, fidelidade e generosidade passam a ter um enorme impacto na vida deles. Na Carta *Regressus ad nos,* ano 458 se estabelece:

> Como, porém, sabemos que está escrito que a mulher é unida ao homem por Deus (Pr 19, 14) e também aprendemos a ordem que o homem não separe o que Deus uniu (Mt

[110] Conferir em SESBOUÉ, 2001, p. 311.
[111] VIDAL, 2007, p. 39.
[112] *Ibidem.*
[113] *Ibidem.*, p. 40.
[114] Conferir em DENZINGER, Heinrich; HUNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.* São Paulo: Loyola, 2007, p. 111.

> 19, 6) , devemos crer que os pactos de núpcias legítimas devem ser reintegrados e que, uma vez afastados os males que a guerra causou, seja restituído a cada um o que legitimamente tinha e se providencie com toda solicitude que cada um receba o que lhe pertence (DH, n. 311).

Pode-se afirmar que a doutrina católica sobre a indissolubilidade matrimonial se estendeu ao longo dos Padres da Igreja que de forma clara trataram e aprofundaram o tema. Somente em algumas localidades não se aclarou o tema devido às influências negativas contrárias à fé católica. Isso diz muito da Igreja primitiva e antiga, pois preservou o que Cristo ensinou e que está contido no evangelho[115]. "A partir do reinado de Luís o Piedoso de 814 a 840, a Igreja pôde introduzir na realidade social a prática geral da monogamia e da indissolubilidade dos matrimônios, proibindo totalmente o divórcio dos cônjuges"[116].

A Igreja, nos primeiros séculos, aproveitou a normativa do direito romano para estabelecer a celebração do matrimônio. Contudo, a legislação romana dava demasiada ênfase a lei. A graça vem através de Jesus Cristo e passa pela Igreja. Por isso surge o representante da Igreja dentro do ritual do matrimônio para que a graça passe pelo canal espiritual. A doutrina e pastoral na Idade Antiga da Igreja mostram uma parceria para unir as diferentes culturas da época: no caso o Império Romano, os Bárbaros e os Helenos. Adaptação a essas realidades não foi fácil para a Igreja. Mas, Agostinho e demais autores formularam uma síntese dos bens e propriedades do matrimônio que orientou a celebração do matrimônio na Igreja Antiga. De maneira particular se coloca em destaque como a indissolubilidade do matrimônio protege os bens do matrimônio e fortalece a família cristã.

Na Antiguidade da Igreja, foram grandes os desafios encontrados no início do cristianismo respeito ao matrimônio. Têm-se influência de culturas pagãs, que valorizavam menos a fidelidade e permitiam divórcios e poligamia. Também, houve o crescimento de heresias que depreciavam o corpo, o sexo e o matrimônio, como o gnosticismo e o maniqueísmo, levando a Igreja a reafirmar o matrimônio como bom, santo e querido por Deus. É importante ponderar que não obstante ainda uma obrigatoriedade de celebração religiosa, começaram a surgir, especialmente do século III em diante, orações e bênçãos nupciais dadas pelos bispos ou presbíteros sobre os casais cristãos. Nota-se a importância da celebração litúrgica e o matrimônio.

[115] Conferir em FERNÁNDEZ, 2001, p. 350.
[116] DE ALMEIDA, 2010, p. 25.

2.4 Matrimônio na Idade Média

Após a apreciação na história da Igreja Antiga, respeito ao matrimônio, onde a síntese dos bens essenciais contribui para a celebração mais bem estruturada, chega-se, então, à Idade Média. Nesse período, a estrutura da celebração do matrimônio se consolida. A partir do século XII, fortalece-se a prática de celebrar o matrimônio com a bênção da Igreja, de preferência na porta da igreja e depois dentro da Missa. Na Idade Média, o matrimônio foi gradualmente assumido pela Igreja como uma realidade sagrada. É interessante situar no século XVI dos teólogos respectivamente Melchior Cano e Roberto Bellarmino que abordaram o tema sacramento do matrimônio com diferentes posições. Pode-se resumir a posição de cada um, Melchior Cano considerava o casamento como um dos sete sacramentos. Defendia que é um sacramento instituído por Cristo, que o eleva do contrato natural a uma dignidade maior, tendo uma sobrenaturalidade e, dessa forma, caracterizando-o com a indissolubilidade e a graça santificante. Para Roberto Bellarmino, mesmo a Igreja Católica reconhecendo que o matrimônio envolve um consentimento mútuo, que pode ser entendido em termos de um acordo ou 'contrato' natural (o *consortium totius vitae* - consórcio de toda a vida), este contrato é a matéria que é elevada à forma de sacramento quando realizado entre cristãos batizados. Em outras palavras, a dimensão contratual, que estabelece o vínculo humano, é inseparável da dimensão sacramental na visão católica, o que significa que, para os batizados, o contrato válido é, por si mesmo, sacramento.

O grande pensador, que faz uma síntese sobre o matrimônio, é Tomás de Aquino, que explica os sacramentos na Suma Teológica. Em primeiro lugar, o autor enfatiza que é necessário que haja as palavras, forma desse sacramento, para expressar o consentimento matrimonial. Em segundo lugar, que o sacramento do matrimônio é realizado pelo ato daquele que provê esse sacramento, ou seja, os ministros da Igreja. Somente o ministro do sacramento, aquele que possui o ministério sobre o verdadeiro corpo do Cristo, dá a graça. Depois, até o século XI, o casamento era, em muitos lugares, tratado sobretudo como um ato civil e familiar, relacionado a alianças entre famílias, com pouca participação litúrgica. A partir dos séculos XI e XII, a Igreja foi consolidando a compreensão do matrimônio como um sacramento, culminando no Concílio de Latrão IV (1215) e, depois, no Concílio de Florença (1439), que definitivamente incluiu o matrimônio entre os sete sacramentos.

A Idade Média tem início em 476 d. C., com a queda do Império Romano do Ocidente e tem fim em 1453 d. C., com a queda de Constantinopla, ou 1492, com a descoberta da América, ou ainda 1517 d. C., com a Reforma Protestante (dependendo da linha histórica

adotada). Durante a Idade Média, o matrimônio passou por uma transformação profunda, deixando de ser apenas um contrato civil ou familiar, como no direito romano, e passando a ser reconhecido e vivido claramente como um sacramento, um sinal da graça de Deus, instituído por Cristo.

A evolução doutrinária e disciplinar sobre o matrimônio e a família, na Idade Média, merece uma consideração cuidadosa. Em primeiro lugar, parece evidente como a doutrina do matrimônio, na sua unidade, é obrigada a mediar diferentes tradições culturais, jurídicas e até mesmo naturais. Há uma longa elaboração, que dura alguns séculos, que tenta compatibilizar a leitura do matrimônio como consentimento, típica da tradição romana, com aquela que o lê como coito do casal, típica dos povos, que veio para Roma do Norte. A síntese, que o conhecimento teológico e jurídico fará, surge nas Universidades de Paris e Bolonha, a partir do século XII. Esta síntese, oferecerá uma poderosa mediação histórica, combinando no mesmo ato a validade do consentimento e a indissolubilidade por consumação.

O pensamento de Tomás, sobre o matrimônio e a família, ajuda entender a Idade Média. Refere-se à consideração da vida conjugal como amizade *maxima amicitia* e da instituição matrimonial como bem civil *officium civilitatis*. Foi Tomás quem fez notar que o matrimônio é uma máxima amizade. Na Suma contra os gentios, livro III, trata-se a questão do matrimônio dentro dos preceitos da lei referentes à conservação da espécie (cc. 122-126). Ao analisar a propriedade da indissolubilidade (c.123) ele alude, entre outras razões, ao motivo da amizade enquanto estrutura da vida conjugal. A amizade, quanto maior é, mais firme e duradoura será. É conveniente que o matrimônio seja totalmente indissolúvel. Ao tratar da propriedade da monogamia, um com uma (c.124), volta a aludir à razão da amizade. Amizade se fundamenta sobre certa igualdade. Tomás retoma o motivo da amizade ao justificar que o matrimônio não deve acontecer entre familiares: para que, ao se reconhecerem unidos, mais fervorosamente se amem (c.125)[117].

Numa primeira fase, a família, dita tradicional, serve acima de tudo para assegurar a transmissão de um patrimônio. Os matrimônios são então arranjados “entre os pais sem que a vida sexual e afetiva dos futuros esposos, em geral unidos em idade precoce, seja levada em conta”[118]. A célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino[119]. Portanto, através da doação do nome, e pelo viés da visibilidade de uma semelhança,

[117] Conferir em VIDAL, 2007, p. 51-52.
[118] ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem.* Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 26-27.
[119] Conferir em ROUDINESCO, 2003, p. 19.

"o pai se torna na Idade Média um corpo imortal. Muito embora sua carne esteja fadada à morte, prolonga, no nome que será carregado por seus descendentes, a lembrança de seus ancestrais,"[120] que igualmente perpetuaram a memória da imagem original de Deus Pai.

Desde meados do século VIII, nas igrejas orientais, o matrimônio entre cristãos era considerado legítimo se celebrado na igreja na presença do padre e com a benção do matrimônio. Na Igreja Ocidental o matrimônio comemorava *in facie ecclesiae*, isto é, diante da porta da igreja, depois diante do altar era testemunhado por muitos rituais do matrimônio elaborados nos séculos XI e XII. Surge muita ênfase no consentimento dos cônjuges, considerado o elemento fundador do matrimônio.

Concílio de Latrão IV (1215) é o ponto de virada na Idade Média, pois estabeleceu que, para evitar casamentos secretos e ilegítimos, fosse obrigatória a proclamação dos esponsais nas igrejas antes da celebração e, também, definiu que o matrimônio deveria ser celebrado diante do sacerdote e de testemunhas.

> Uma vez que a negligência dos superiores tem dado lugar a muitos desregramentos no estado matrimonial, estabelecemos que, quando se projetar um matrimônio, ele seja anunciado publicamente nas igrejas pelos sacerdotes, por três domingos ou festas sucessivas, a fim de que, se houver algum impedimento legítimo, este seja manifestado. Após isso, então, com a bênção do sacerdote, seja realizado o matrimônio na presença da Igreja. Proibimos absolutamente casamentos secretos, e ordenamos que o sacerdote que os celebrar não apenas seja suspenso de seu ofício, mas também privado de seu benefício. Da mesma forma, declaramos nulos os matrimônios contraídos clandestinamente, se houver impedimentos canônicos. Além disso, ninguém se atreva a unir parentes por laços de matrimônio sem consultar previamente o bispo local[121].

De acordo com Schillebeeckx,[122] no ano de 1274, no segundo Concílio de Lyon, "pela primeira vez na Igreja Católica são mencionados os sete sacramentos, incluindo explicitamente o matrimônio,"[123] embora acreditasse que desde o início do cristianismo essa verdade era implícita. Teólogos "como Tomás de Aquino e Duns Scotus tiveram participações decisivas nessas reflexões"[124]. No Concílio de Trento foi reconhecido como um dos sete sacramentos instituídos por Cristo e ganhou formulação jurídica. "O sacramento do matrimônio elevou ao plano sobrenatural a instituição natural. O fato de um homem e uma mulher se unirem e

---

[120] ROUDINESCO, 2003, p. 26-27.
[121] CONCÍLIO DE LATRÃO IV. Cânon 51 (1215). In: DENZINGER, Heinrich. *Enchiridion Symbolorum*. 43. ed. Freiburg: Herder, 2012. p. 345.
[122] Edward Schillebeeckx (1914–2009) foi um teólogo dominicano belga, um dos mais influentes do século XX, especialmente no contexto da teologia católica pós-Concílio Vaticano II.
[123] DE ALMEIDA, 2010, p. 25.
[124] *Ibidem.*

procriarem é algo natural, porque é considerado um ato da natureza humana"[125]. Existe desde o início da humanidade.

Até o final do século XI e início do XII a celebração do matrimônio ocorreu em duas fases distintas: a fase conjugal e depois de alguns meses, o do matrimônio. Os esponsais, do latim *sponsalia*, significa, desposar, compromisso formal, não uma mera promessa, de caráter público e sagrado, estipulado entre as duas famílias com vista ao matrimônio ainda futuro. Nesta primeira fase, acontecia o gesto de segurar a mão direita e a entrega do anel, como penhor que o noivo oferecia à noiva. Depois de um tempo vem o matrimônio. Os noivos marcam o início da convivência. Eles celebram com uma grande festa e o acompanhamento da noiva até a casa do noivo.

> O primeiro pai do gênero humano, por inspiração do Espírito Santo, proclamou o vínculo perpétuo e indissolúvel do matrimônio, quando disse: Isto, sim, é osso dos meus ossos e carne de minha carne. Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e se apegará a sua esposa, e serão dois em uma só carne (Gn 2, 23). O Cristo Senhor ensinou que por este vínculo somente dois se podem associar e unir, quando ao citar: Assim já não são dois, mas uma só carne (Mt 19, 6) , e a seguir confirmou o vínculo, proclamado Adão: Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe (Mc 10, 9). Ora, A graça que levou à perfeição o amor natural, confirmou a unidade indissolúvel e santificou os cônjuges, o próprio Cristo, que instituiu e levou à perfeição os sacramentos a mereceu para nós por sua paixão. Paulo acenou: Varões, amai vossas esposas, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela (Ef 5, 25). É grande este sacramento, eu o digo, porém, em Cristo e na Igreja (Ef 5, 32). Como o matrimônio na lei do evangelho por meio de Cristo supera em graça os antigos matrimônios, os Santos Padres, os Concílios e a tradição da Igreja ensinaram que deve ser contado entre os sacramentos da nova lei (DH, n. 1797, 1798, 1799, 1800).

O texto da carta aos Efésios teve um papel de relevância para a inscrição do matrimônio no septenário sacramental. A Idade Média refletiu sobre o matrimônio incluindo-o na categoria de sacramento. O matrimônio como sacramento consistiria, na celebração litúrgica do consentimento, e é precisamente por isso que seria considerado como mistério. O Oriente e o Ocidente tomarão duas orientações diferentes: o Oriente vê o sacramento no ministério e na bênção do padre; o Ocidente o vê no consentimento dos esposos. Por isso que os esposos são os ministros do sacramento do seu matrimônio[126].

"No século XII, recusa-se a reconhecer o matrimônio uma eficácia no âmbito da salvação"[127]. O matrimônio não é necessário para a salvação e nem é um acontecimento de todos os cristãos. Não corresponde à definição de sacramento que já tinha sido estabelecida. Somente no século XII esse sacramento é reconhecido como eficácia da graça, tal como aos

[125] DE ALMEIDA, 2010, p. 25.
[126] SESBOUÉ, 2001, p. 312.
[127] *Ibidem.*

outros. Mas a opinião dominante dos teólogos distingue, a esse propósito, o contrato e o sacramento: para os cristãos o contrato matrimonial é o sacramento do matrimônio. Acordou-se em reconhecer que os matrimônios clandestinos, proibidos pela Igreja, são, apesar disso, válidos[128].

O Concílio de Florença na Bula *Exsultate Deo*, em unidade com os armênios, ano de 1439, fala sobre o matrimônio e a família. Por ser um Concílio com força ecumênica tem especial valor. Ao abordar os sacramentos chega até o sacramento do matrimônio e coloca os bens derivados dele.

> Atribui-se ao matrimônio um bem tríplice. O primeiro consiste em aceitar a prole e educá-la para o culto de Deus; o segundo, na fidelidade que um cônjuge deve observar em relação ao outro; o terceiro, na indissolubilidade do matrimônio, porque esta significa a união indissolúvel de Cristo e da Igreja. De fato, se bem que, por motivo de fornicação, seja permitido a separação de cama, não é permitido, porém, contrair outro matrimônio, pois o vínculo do matrimônio legitimamente contraído é perpétuo (DH, n. 1327).

Na Idade Média, com a síntese de Tomás de Aquino e os Concílios, especialmente de Latrão IV e Florença, o matrimônio evoluiu de uma prática social para uma compreensão plenamente sacramental dentro da vida da Igreja. A partir dos séculos XII e XIII, o casamento deixou de ser apenas um acordo civil entre famílias e passou a ser visto, celebrado e vivido como sacramento que comunica a graça e reflete a aliança de Cristo com a Igreja, com ênfase na publicidade, indissolubilidade e dignidade do amor conjugal.

2.5 Matrimônio na Idade Moderna: a forma canônica

Após a compreensão e reflexão sobre a legislação do matrimônio, como sacramento, especialmente com os Concílios, chega-se a sua forma canônica. Isso influencia positivamente na celebração litúrgica do matrimônio. Ocorre no período da Idade Moderna, especialmente a partir do Concílio de Trento,[129] em resposta à Reforma Protestante[130] e às dificuldades pastorais dos chamados casamentos clandestinos, realizados sem testemunhas nem ministro da Igreja. É

[128] SESBOUÉ, 2001, p. 312.
[129] Concílio de Trento (1545-1563): Principal marco doutrinário da Igreja sobre o matrimônio na Idade Moderna. O Concílio respondeu fortemente às críticas da Reforma Protestante, especialmente às ideias de Lutero e Calvino sobre o casamento.
[130] Reforma Protestante: Início em 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero afixou suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha.

a forma exigida pela Igreja para que o matrimônio seja válido. Estabelece que o matrimônio dos fiéis deve ser celebrado, que deve ser diante do pároco (ou de outro sacerdote ou diácono autorizado) e na presença de duas testemunhas.

A Igreja Católica vive um período de grandes desafios e transformações na Idade Moderna. Ela, tem início por volta de 1453 d. C. (queda de Constantinopla) ou 1492 d. C. (descoberta da América) e termina em 1789 d. C., com a Revolução Francesa, ou até 1815 d. C., com o Congresso de Viena. Reformas religiosas marcam esse período e o deixa bastante instável: Reforma Protestante, Concílio de Trento, e como consequência a Contrarreforma Católica.[131] Também as mudanças culturais, filosóficas e políticas (Renascimento, Iluminismo) estão presentes, juntamente, com a expansão missionária para outros continentes. No caso do matrimônio, dentro do Concílio de Trento, acontecem as seguintes atuações: a liturgia matrimonial começa a ser mais formalizada, a bênção nupcial, que já existia na Idade Média, passa a ter formas mais universais e, enfim, o matrimônio, de modo progressivo, é celebrado mais frequentemente dentro da Santa Missa, especialmente nas regiões influenciadas pelas reformas tridentinas.

A principal preocupação doutrinal de Trento é mostrar que o matrimônio é um sacramento. Isso é um dos pontos simbólicos que distinguiam os católicos dos protestantes. A instituição divina do matrimônio como união perpétua e indissolúvel em Gn 2, 23-24, cuja proclamação é atribuída a Adão. “Cristo citou essas palavras como pronunciadas por Deus e confirmou a solidez dessa união” (SESBOUÉ, 2001, p. 314).

A instituição é duas vezes divina, pois Cristo confirmou que o matrimônio é um sacramento, Ele instituiu e levou à perfeição os veneráveis sacramentos. No matrimônio cristão há uma novidade em relação aos matrimônios da antiga lei. Essa novidade consiste num sinal, o sinal do amor de Cristo à sua Igreja segundo Ef 5, 32 (SESBOUÉ, 2001, p. 314).

A sacramentalidade do matrimônio não é algo novo, que se acrescenta à instituição matrimonial, como algo separado. É a união plena da natureza íntima da união conjugal. Tal plenitude é atingida pelo fato de os contraentes serem batizados e estarem inseridos em Cristo. A natureza adquirida em Cristo faz com que o homem e a mulher, que realmente se entregam no matrimônio, realizam uma união que, sem perder sua virtualidade natural, se torna sacramento da Igreja[132].

---

[131] Contrarreforma Católica: Foi o movimento de renovação interna da Igreja Católica, que respondeu aos desafios da Reforma Protestante, corrigindo abusos e reafirmando sua doutrina. Foi, ao mesmo tempo, uma reforma espiritual, pastoral, doutrinal e disciplinar.

[132] Conferir em HORTAL, Jesús. *O que Deus uniu:* lições de direito matrimonial canônico. São Paulo: Loyola, 2016, p. 32.

O Concílio de Trento faz aqui uma referência generalizada aos Padres da Igreja, aos concílios e à tradição universal. Como sacramento que é, o matrimônio está sujeito à jurisdição da Igreja, que possui o direito de estabelecer normas disciplinares que são os chamados impedimentos, ensina que mesmo uma vida em comum tornada insuportável, não é possível se desfazer o matrimônio. Em caso de adultério, não se proíbe um regime de separação física (de "leito e habitação"), mas o vínculo matrimonial não pode ser desfeito, ou seja, mesmo o esposo inocente não pode voltar a casar enquanto viver o seu cônjuge. A redação do texto foi sutilmente corrigida, porque o Concílio não queria condenar a prática ortodoxa que autoriza o cônjuge inocente a casar-se novamente[133]. Assim, sua decisão justifica a prática católica, sem chegar ao fundo do problema. Com efeito, não abordou a prática ortodoxa sobre o cônjuge inocente de forma direta, mas sim de maneira indireta e condenatória, ao reafirmar a indissolubilidade do matrimônio católico. A Igreja defende firmemente a sua competência sobre o sacramento, sem dar atenção à dos poderes civis[134].

"O texto conciliar começa com a famosa concessão que deu o nome ao decreto. Embora, *tametsi*, os matrimônios clandestinos anteriores sejam válidos, a Igreja abomina-os e considera-os interditos"[135]. O texto continua a descrever os prejuízos pastorais criados pelo costume dos matrimônios clandestinos e chega a uma decisão jurídica. Constará de uma forma litúrgica que conterá uma interrogação dos nubentes relativa ao seu consentimento e as palavras do padre onde diz que lhe une em matrimônio, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Esse padre deverá ser o pároco da paróquia da celebração ou um outro devidamente delegado por ele e deverá haver duas ou três testemunhas. O pároco fará um registro com o nome dos esposos e das testemunhas, bem como com o dia e o local do matrimônio. Os que se casarem de outra maneira serão tidos pelo concílio inábeis para contrair matrimônio. Esses matrimônios são como tais, inválidos e nulos. O Concílio recomenda a confissão e a comunhão antes do matrimônio. "Esse decreto será aplicado com grande rigor. Contribuirá para tornar o matrimônio um assunto eclesiástico" (SESBOUÉ, 2001, p. 316).

> Todavia, como o santo Sínodo observa que aquelas proibições, devido à desobediência dos homens, já não adiantam e pondera os graves pecados que têm origem nesses matrimônios clandestinos, principalmente daqueles que permanecem em estado de condenação, enquanto, abandonando a esposa anterior com a qual haviam contraído às escondidas, contraem publicamente com outra e vivem com ela em perpétuo

[133] Conferir em PANI, Giancarlo. *Concílio de Trento não condenou a prática oriental sobre o matrimônio.* Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2014. Reportagem de Andrea Tornielli. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/535874-o-concilio-de-trento-nao-condenou-a-pratica-oriental-sobre-o-matrimonio. Acesso em: 28 dez. 2020.
[134] SESBOUÉ, 2001, p. 314-315.
[135] *Ibid.*, p. 316.

> adultério; como a Igreja, que não julga sobre o oculto, não pode remediar a esse mal, a não ser empregando um remédio mais eficaz, por estas razões, seguindo as pegadas do sagrado [IV] Concílio do Latrão celebrado sob Inocêncio III, ordena que no futuro, antes que se contrair matrimônio, seja publicamente proclamado três vezes, pelo pároco próprio dos contraentes, em três dias festivos subsequentes, na Igreja, durante a celebração da Missa, entre quem deverá ser contraído matrimônio; feitas as proclamas, se não se apresenta nenhum impedimento legítimo, proceda-se à celebração do matrimônio em presença da Igreja, na qual o pároco, interrogados o varão e a mulher e entendido seu mútuo consentimento, diga: Eu vos uno em matrimônio, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo", ou use de outras palavras, segundo o rito aceito em cada província (DH, n. 1814).

As decisões do Concílio de Trento são claras e não dão margem a dúvidas a respeito das posições da Igreja sobre a matéria matrimonial. A doutrina clássica é retomada, quase que integralmente, e reafirmada numa manifestação de nítida reação à proposta da Reforma. Essa doutrina reproduz a ideia indiscutível de que o matrimônio é uno. O Concílio afirma o princípio da monogamia e da indissolubilidade do matrimônio (DH, n. 1807). A regra segundo o qual *matrimonium facit partium consensus*, o consentimento das partes for o matrimônio, é alterada pelo Concílio, sem que se alterasse a natureza contratual do matrimônio (CDC, cân. 1057).

"Na interpretação do texto da carta aos Efésios, Lutero segue o pensamento de Erasmo: trata-se do mistério de Cristo e da Igreja" (SESBOUÉ, 2001, p. 313). O matrimônio é um estado divino por ser sinal do mistério da união entre Cristo e a Igreja, e pertence ao âmbito da fé, mas ele não é um sacramento. A partir de 1520, Lutero ensina que o matrimônio não é um sacramento, porque nele não se verifica a definição: uma promessa de graça, um sinal e a instituição divina por Cristo (SESBOUÉ, 2001, p. 313).

"Lutero tem uma visão pessimista do matrimônio que o julga corrompido pelo pecado e não passa de um remédio para a concupiscência. Põe como condição de validade o consentimento dos pais" (SESBOUÉ, 2001, p. 313). Ele julga que o matrimônio depende da disciplina do Estado o qual goza de uma espécie de delegação da autoridade parental. Essa posição de Lutero, unida à sua concepção do matrimônio como realidade terrena, é estranha aos debates posteriores acerca da autoridade do Estado e da Igreja nessa matéria, mas deixa o caminho em aberto. Lutero aceita que o divórcio é um pecado, porque a indissolubilidade é um apelo evangélico e do âmbito da fé. Mas a lei pode regulamentá-la para reprimir os abusos. Permite um novo matrimônio para o esposo inocente, devido à exceção que vem no evangelho de Mateus: exceto em caso de união ilegal, impudicícia, adultério. Mas, Lutero insiste na publicação do compromisso matrimonial. As Igrejas protestantes serão levadas a estabelecer uma disciplina eclesiástica do matrimônio:

> Este ponto será, no século XVI, será objeto de uma polêmica entre católicos e protestantes. Lutero lembrará que o casamento pertence ao âmbito da criação, embora deduza daí que não pode ser sacramento. Segundo ele, o matrimônio é um mandato divino desde a criação do mundo e, portanto, uma realidade mundana. Por isso, não depende da Igreja, já que lhe é anterior. Existe uma obrigação geral para o matrimônio, exceto para os inaptos e para aqueles que Deus isenta mediante um dom sobrenatural[136].

A liturgia não é essencial para existir matrimônio, mas ela é moralmente obrigatória para aqueles que querem viver o matrimônio cristão[137].

Um passo importante na Idade Média é o conceito do matrimônio como sacramento. Isso já existia, mas não foi decretado de forma explícita. As circunstâncias da Reforma de Lutero contribuíram para a formulação dos sete sacramentos, entre eles o matrimônio. Sobre o batismo, fala-se de um reconhecimento mútuo das igrejas cristãs na atualidade, capaz de introduzir os fiéis nos demais sacramentos, em concreto o matrimônio. É notável ver os cristãos recebendo o batismo e se inserindo na comunidade cristã para depois receber o matrimônio[138].

A Reforma favorece também a compreensão ecumênica da Eucaristia. As igrejas cristãs chegaram a um acordo de modo que facilite a união entre seus membros em torno da mesa sagrada, para que que o sacramento do matrimônio fosse inserido nela. Algumas igrejas cristãs celebram o matrimônio e os cônjuges comungam da Eucaristia. Existe, portanto, uma conexão muito forte entre a Eucaristia e o Matrimônio, pois é alimento e união fraterna[139].

Por fim, a Reforma contribuiu do ponto de vista ecumênico para o desenvolvimento do ministério ordenado. De fato, quem geralmente preside o matrimônio é o ministro sagrado, que tem o dever de reconhecer ou atestar que a bênção de Deus caia sobre os cônjuges; ou receber o consentimento. Desse modo, os cônjuges recebem o aval da igreja para o matrimônio. "O reconhecimento mútuo das Igrejas e dos seus ministérios implica uma decisão da parte das autoridades e um ato litúrgico a partir do qual a unidade será manifestada publicamente."[140] É

---

[136] SESBOUÉ, 2001, p. 304.
[137] *Ibidem.*
[138] Conferir em IECLB E CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Batismo, Eucaristia, Ministério – Convergência na fé*, n. 15. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/batismo-eucaristia-ministerio-convergencia-da-fe-7. Acesso em: 28 dez. 2020.
[139] *Ibidem.*, n. 32.
[140] IECLB E CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Batismo, Eucaristia, Ministério – Convergência na fé,* n. 55. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/batismo-eucaristia-ministerio-convergencia-da-fe-7. Acesso em: 28 dez. 2020.

um dado importante esclarecer essa união, pois o matrimônio está relacionado aos seus ministros, que muitas vezes fazem o acompanhamento do casal[141].

"Quanto à família conjugal restrita, tal como a conhecemos no Ocidente, trata-se de uma longa evolução, do século XVI ao XVIII, durante a qual o núcleo pai-mãe-filho" (ROUDINESCO, 2003, p. 18), destacou-se do que outrora constituía as famílias: "um conjunto, uma casa, um grupo, que incluía os outros parentes, as pessoas próximas, os amigos, os criados" (ROUDINESCO, 2003, p. 18). Contudo, essa estrutura de base parece ter existido na Europa da Idade Média, antes de tornar-se o modelo dominante da época moderna[142].

"A família dita moderna torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX. Fundada no amor romântico,"[143] ela sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnais por intermédio do matrimônio. Mas valoriza também "a divisão do trabalho entre os esposos, e faz do filho um sujeito cuja educação, sua nação é encarregada de assegurar"[144]. A atribuição da autoridade torna-se motivo de uma divisão entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro[145].

"Na época moderna, a família ocidental deixou de ser conceitualizada como o paradigma de um vigor divino ou do Estado"[146]. Retraída pelas debilidades de um sujeito em sofrimento, foi sendo cada vez mais dessacralizada, embora permaneça, a instituição humana mais sólida da sociedade[147].

Ninguém punha outra coisa em discussão em sociedades moralmente cristãs. Quando, "após a Revolução Francesa, começou a mudar o clima cultural e social, a Igreja começou a intervir contracorrentes liberais e laicistas,"[148] impregnadas pelo pensamento e pela ação da maçonaria, que punham em discussão a forma e a substância do matrimônio cristão. Acaba a disputa teológica da relação, no matrimônio, entre contrato e sacramento[149].

---

[141] Conferir em IECLB E CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Batismo, Eucaristia, Ministério – Convergência na fé*, n. 55. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/batismo-eucaristia-ministerio-convergencia-da-fe-7. Acesso em: 28 dez. 2020.
[142] ROUDINESCO, 2003, p. 18
[143] *Ibidem.*, p. 19.
[144] *Ibidem.*
[145] *Ibidem.*
[146] *Ibidem.*, p. 20.
[147] *Ibidem.*
[148] BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.
[149] Conferir em BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.

É nesse período que o processo de secularização começa e que dura até os dias atuais, especialmente nas sociedades ocidentais e que consiste em uma descristianização progressiva da sociedade. O principal arquiteto desse processo de secularização foi e é o racionalismo sob suas diversas formas de aplicação no vasto campo do conhecimento: desde o filosófico primeiro, o jurídico, o científico e o técnico, à aplicação política das premissas ideológicas imbuídas de racionalismo. A descristianização progressiva do pensamento, também atinge costumes da sociedade. Mas também existiram avanços na sociedade com o racionalismo, nem tudo foi ruim. A parte intelectual da fé ficou mais bem elaborada, graças a ferramenta que Deus nos deu, a mente humana. A liberdade de fazer as coisas sem imposição melhorou as decisões pessoais.

A partir do final "do século XVIII, o ideal romântico, gerado e difundido a partir das transformações sociais e encampado pela literatura, exerceu influência,"[150] sobretudo nos grupos burgueses. Essas ideias promoveram mudanças nas relações conjugais, introduzindo o amor ao matrimônio. Desse modo, aspectos econômicos e sociais perdem força como fatores conjugais determinantes. A difusão das ideias de amor romântico no século XIX, ligada a ideias de liberdade, autorrealização pessoal e valorização das emoções, tornou-se elemento fundamental para o matrimônio. Esse "passou a ser uma forma de relacionamento onde a compatibilidade psicológica era importante e considerava-se que um cônjuge"[151] completa um ao outro, privilegiando-se o amor sublime em detrimento da sexualidade, relegada a um segundo plano. Os homens desfrutavam da possibilidade de buscarem a realização sexual fora do matrimônio[152].

Decerto, o Estado juntamente com a Igreja deve velar pela ordem e não tornar a sociedade promíscua, porém nem sempre é possível controlar de forma absoluta a liberdade humana. A moral de Afonso, bispo e doutor da Igreja, fundador da congregação do Santíssimo Redentor, ajuda a esclarecer que a sexualidade está orientada ao matrimônio e à família, de modo que a procriação fique garantida. Nesse sentido, o Estado se vê beneficiado pela Igreja pois existe uma moral cristã orientando esses aspectos.

"Na moral afonsiana do matrimônio há dois elementos de importância que parecem chocar-se contra orientações procriativistas da tradição anterior e posterior"[153]. 1) A procriação não é um fim essencial do matrimônio; ela é apenas um fim intrínseco acidental. À luz dessa

[150] DE ALMEIDA, 2010, p. 42.
[151] *Ibidem.*
[152] Conferir em DE ALMEIDA, 2010, p. 42.
[153] VIDAL, 2007, p. 67-68.

afirmação, teríamos de rever algumas compreensões procriativistas do matrimônio e da vida conjugal. 2) O matrimônio é lícito e válido mesmo que sejam excluídos os dois fins intrínsecos acidentais, o remédio da concupiscência e a procriação, desse modo contraíram seu matrimônio Maria e José[154].

Afonso afirma a ausência de pecado e a bondade objetiva na interpretação em contrair matrimônio pelo remédio da concupiscência. Isso tem duas vertentes: 1) A postura afonsiana foi decisiva para que o texto paulino fosse interpretado não como uma concessão, e sim como a afirmação de um valor da vida conjugal. 2) Afonso considera como bom e carente de culpabilidade objetiva o exercício da vida conjugal enquanto remédio da concupiscência. Desse modo, adota-se uma nova perspectiva para valorizar de forma mais personalista as relações intraconjugais e a instituição matrimonial[155].

A prioridade da pessoa dentro do matrimônio e da família é de suma importância dentro da relação Igreja e Estado. Afonso contribui para isso, ao colocar a pessoa no centro sem desligá-la das finalidades próprias do matrimônio. Nessa perspectiva, o Estado deveria tutelar tanto a pessoa como os fins do matrimônio. Essa parceria de Igreja e Estado faz com que se completem as funções, mesmo ao ter em conta o ensinamento do Evangelho: "Responderam: De César. Então lhes disse: Devolvei, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus" (Mt 22, 21). A Igreja não se deve fechar ao poder civil. Mas existem temas que não se negociam, sobretudo quando atingem a dignidade do matrimônio e da família. Contudo, quando a lei humana é justa deve ser cumprida e obriga a consciência (TOMÁS. ST Th I-IIa. q. 96, art. 4). No campo do matrimônio e da família existem temas que não se negociam, contudo se pode abrir o diálogo. Mesmo porque tanto a Igreja quanto o Estado visam pelo bem integral do matrimônio e da família.

Nos tempos modernos, a forma canônica reafirma que o matrimônio não é um simples contrato privado, mas um ato litúrgico, público e eclesial, além do mais, é testemunhado pela comunidade e pela Igreja. Esta disciplina, nascida no Concílio de Trento, permanece vigente, protegendo a sacramentalidade, a dignidade e a estabilidade do matrimônio cristão. Na realidade, projeta-se o homem e a mulher unidos em um vínculo sagrado.

[154] VIDAL, 2007, p. 67-68.
[155] *Ibidem.*, p. 69-70.

2.6 Matrimônio na Época Contemporânea

A Igreja e Estado têm algumas coisas em comum sobre o matrimônio, especialmente os valores trazidos pela vida matrimonial para a sociedade. Além do mais, a tutela dos bens e propriedades devem emergir como garantia de uma Igreja e sociedade estável. Por isso, foi falado da forma canônica para o matrimônio, onde a celebração fica mais bem organizada.

A Época Contemporânea é marcada por profundas transformações sociais, culturais, políticas e tecnológicas. Processos como a industrialização, urbanização, modernização e globalização influenciaram as relações humanas e familiares. Houve o surgimento de novos modelos de família e desafios à concepção tradicional do matrimônio. Com o Concílio Vaticano II, os rituais foram reformados e atualizados. No matrimônio e na liturgia o documento do Vaticano II que sobressai é a *Sacrosanctum concilium* , sendo promulgado em 4 de dezembro de 1963 pelo Papa São Paulo VI) , abriu os trabalhos documentais do Concílio. Eis os principais documentos da Igreja sobre o matrimônio e a família: *Arcanum divinae sapientiae* (Leão XIII) em 1880, mostra a defesa do matrimônio cristão contra as ideias liberais e modernistas; *Casti connubii* (Pio XI) em 1930, falando sobre reafirmação da santidade do matrimônio e condenação do controle de natalidade artificial; *Familiaris Consortio* (João Paulo II) em 1981, falando sobre o matrimônio como caminho de amor e missão na Igreja e no mundo moderno; *Amoris Laetitia* (Francisco) em 2016, fazendo uma reflexão pastoral sobre a família, desafios atuais e misericórdia.

É importante dizer que há alguns pontos que ligam esse documento com a *SC*. Inicialmente, a *Amoris Laetitia* reforça a ideia colocada no VII sobre a família como “Igreja doméstica”, lugar de vivência da fé no dia a dia, refletindo a Trindade. O Papa Francisco busca uma “eclesiologia’ com foco no discernimento pastoral da mesma forma que o Concílio Vaticano II queria aproximar a Igreja das diferentes realidades existentes num mundo em transformação.

Outro aspecto fundamental consiste em que a *Sacrosanctum Concilium* (SC) procura uma liturgia renovada visando uma participação maior dos fiéis integrando os membros do seu Corpo Místico. Igualmente, a *Amoris Laetitia* preocupa-se em acolher todos, os diferentes modelos de família, sem restrições, que surgiram no decorrer das mudanças nas sociedades, incluindo as "irregulares", tendo uma abordagem misericordiosa, onde predomina o amor, na graça e na integração.

Destaca-se em *Amoris Laetitia* a reflexão sobre a necessidade de um acompanhamento pastoral aos casais nas dificuldades que surgem na vida matrimonial. Percebendo a necessidade

de uma contínua atenção ao sacramento do matrimônio, sempre enfatizando o sentido pastoral, o Papa Francisco, após a *Amoris Laeticia* solicitou o documento Itinerários catecumenais para a vida matrimonial - publicado pelo Dicastério para leigos, a família e a vida (2022).Assim, fechou-se o ciclo iniciado por *Amoris Laetitia* considerada uma continuação da "hermenêutica de renovação" do Concílio Vaticano II, aplicando seus princípios à moral familiar e sexual com ênfase na misericórdia e no acompanhamento pastoral.

A Idade Contemporânea tem início em 1789 d. C., com a Revolução Francesa. Vai até os dias atuais. A Igreja enfrenta um mundo em transformação, marcado por: secularização, perda de influência política e, também, o surgimento de Estados laicos e ideologias contrárias à fé, além de perseguições, guerras, ateísmo, modernismo e desafios culturais. Ao mesmo tempo, a Igreja se renova, promove grandes missões, reformula sua ação pastoral e reafirma sua presença espiritual no mundo. Este é o contexto atual vivenciado pela Igreja e em consequência, onde se situa o sacramento do matrimônio.

Existem duas linhas de raciocínio que se desenvolveram neste século sobre o matrimônio católico, com o objetivo de defender a dignidade diante do secularismo. A primeira, de ordem filosófico-jurídica, contempla matrimônio-família como uma instituição natural independente em suas leis essenciais da vontade dos cônjuges. A outra linha é de tipo teológico, retornando às fontes bíblicas e patrísticas, um tanto quanto esquecida, em que apresenta a família-matrimônio como comunidade eclesial com identidade própria, uma família doméstica[156].

Desde o final do século XIX, notáveis mudanças psicossociais marcaram o matrimônio. “Esse processo mediante análise de correspondências amorosas no final do século XIX à segunda metade do século XX. Nesse estudo, o autor destaca três momentos nos quais ocorre progressiva mudança”[157] no projeto amoroso do casal. “O momento ocorre nos anos 1860 a 1920, período no qual o casal se posiciona como continuação da família de origem em relação a esse pertencimento” (DE ALMEIDA, 2010, p. 44-45). Na fase que vai de 1920 a 1960, os cônjuges adquirem uma autonomia no tocante às famílias de origem e a relação amorosa torna-se parte de um projeto comum entre os parceiros. Segundo DE ALMEIDA (2010, p. 44-45) “a importância para os casais passa a ser a manutenção da relação em função de suas afinidades afetivo-sexuais e intelectuais”, muito mais do que viver de acordo com papéis pré-estabelecidos, embasados em vínculos institucionais, sociais e religiosos. Ainda, segundo DE ALMEIDA (2010, p. 44-45), “no terceiro momento, de 1960 a 1988, atenção se desloca do laço amoroso

[156] Conferir em LIGIER, Louis. *Il matrimonio, questioni teologiche e pastorali*, Roma: Città Nuova, 1988, p. 203.
[157] DE ALMEIDA, 2010, p. 44-45.

do casal para os desejos", que são quase sempre individuais. Nesse momento a valorização das necessidades individuais ganha destaque na relação. "O vínculo conjugal é estabelecido a partir dos desejos de cada parceiro, não mais por convenções sociais ou tradicionais" (DE ALMEIDA, 2010, p. 44-45). Numa visão antropologia teológica, esses três momentos mostram a progressiva valorização das necessidades individuais na relação conjugal e a diminuição da ênfase institucional do matrimônio[158].

"A família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalcadas" (ROUDINESCO, 2003, p. 21). Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, e transparece um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX[159].

A grande tradição medieval, mediada com autoridade pelo Concílio de Trento, assume, com a encíclica *Arcanum Divinae Sapientiae* de Leão XIII em 1880, o novo problema da competência eclesial que consiste na reivindicação de competência dos Estados modernos sobre matrimônio, próprio do século XIX. Todos os temas fundamentais, típicos de toda a tradição anterior, são assim filtrados por este novo e dramático problema. Nesta encíclica se desenvolvem as formas de pensamento e de ação que serão posteriormente adotadas pelo Código de Direito Canônico de 1917[160].

O Direito Matrimonial Canônico era composto por normas jurídicas que buscavam a justiça divina. Normas que sob o conteúdo divino, além de serem formadas por humanos e serem, portanto, mutáveis, neste caso, tornam-se imutáveis. Ao lado dessas normas superiores havia também as leis com disposições meramente humanas, as quais abrangiam, também os costumes, ou seja, práxis da Cúria Romana[161]. Baseando-se no Concílio Vaticano II, o novo Código Canônico foi revisado e colocado à disposição da Igreja:

> Por favor, permita-me prefaciar a minha resposta à sua pergunta com um princípio básico do Direito Canônico. O Papa João XXIII surpreendeu a muitos ao anunciar, em 1959, que desejava convocar um sínodo para a Diocese de Roma e um concílio ecumênico; este segundo evento, por sua vez, levaria à revisão do Código de Direito Canônico então em vigor. A Comissão que revisou o Código de 1917 iniciou os trabalhos em 1965 com o Papa Paulo VI lembrando os seus membros que eles

[158] DE ALMEIDA, 2010, p. 44-45.
[159] *Ibidem.*
[160] Conferir em BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.
[161] Conferir em LOMBARDIA, Pedro. *Lições de Direito Canônico.* São Paulo: Loyola, 2008, p. 13.

> deveriam desenvolver uma nova forma de pensar (*novus habitus mentis*). Este processo concluiu-se com a promulgação do presente Código em 1983[162].

Pio XI com a Encíclica *Casti cannubii* abordou um tema particular, como o da contracepção, como chave para compreender o matrimônio e a família. Traduz-se a norma de uma sexualidade puramente objetiva, quase purificada da subjetividade e regulada apenas naturalmente pelo próprio Deus. "Num abraço entre a graça e a natureza que, a longo prazo, corre o risco de se sufocar e polarizar cada vez mais a relação com a cultura civil"[163] e o seu inevitável desenvolvimento responsável. A identificação de Deus com o natural e do homem com o artificial criou uma polarização crescente, que não só não trouxe clareza, mas que, a longo prazo, turvou mentes e corações. Assim, aquele tema da natureza, que para a tradição teológica era garantia do diálogo com a razão, tornou-se o princípio de confronto e oposição à cultura contemporânea[164].

> Nessas elucubrações, uns atribuem ao matrimônio um determinado fim primário, outros, outro; por exemplo, a complementaridade e aperfeiçoamento pessoal dos cônjuges por meio da total comunhão de vida e atuação; o mútuo amor e a união dos cônjuges que é fomentada e aperfeiçoada pela entrega psíquica e corporal da própria pessoa; e muitos outros neste estilo (DH, n. 3838)[165].

Finalmente, a partir dos anos 1960, impõe-se "a família dita contemporânea ou pós-moderna, que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual"[166]. A transmissão da autoridade se torna cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam[167].

Gaudium et Spes, promove a dignidade do matrimônio e da família. Definiu o matrimônio como comunidade de vida e amor, e coloca o amor no centro da família. O verdadeiro amor entre marido e mulher, implica na mútua doação de si mesmo, igualmente, inclui, integra a dimensão sexual e a afetividade, correspondendo ao desígnio divino (GS,

---

[162] KASLYN, Robert J. *Matrimônio, Papa Francisco, Direito Canônico: 21 perguntas para um jesuíta canonista.* Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2015. Entrevista concedida a Sean Salai. Disponível em: Matrimônio, Papa Francisco, Direito Canônico: 21 perguntas para um jesuíta canonista - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 08 mai. 2021.

[163] BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.

[164] Conferir em BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.

[165] DENZINGER, Heinrich; HUNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola, 2007.

[166] ROUDINESCO, 2003, p. 19.

[167] *Ibidem.*

n.46-52). “Além disso sublinha o enraizamento dos esposos: Cristo Senhor vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do matrimônio e permanece com eles” (AL, n. 67). “O exercício responsável da paternidade implica que os cônjuges reconheçam os próprios deveres para com Deus, para consigo próprios, para com a família e para com a sociedade, numa justa hierarquia de valores” (AL, n. 68).

Com os textos que encontramos em *Gaudim et Spes*, citados na referência acima, testemunhamos alguns fenômenos de grande importância. O matrimônio e a família são unificados e pensados na categoria de problemas mais urgentes, porém não mais apologeticamente e, sim, com abertura, misericórdia e diálogo. A interação e o diálogo cultural tornam-se um terreno promissor para o desenvolvimento comum e para o reconhecimento do bem do matrimônio e da família, como escola de enriquecimento humano. Propõe-se uma leitura personalista, que de forma alguma exclui a manutenção das estruturas disciplinares e doutrinais, mas, que se releiam com novas lentes: a santidade familiar, o amor conjugal e a fecundidade entendidos como parte da missão eclesial. Sem dúvida, a Igreja assumiu sua herança deixada por Cristo: santificar os fiéis. O Catecismo da Igreja Católica (CIC) menciona que a Igreja é “depositária dos meios de salvação” e é nela que “adquirimos a santidade pela graça de Deus”. Refere-se, igualmente, à missão de santificar como algo realizado através dos sacramentos e dos dons hierárquicos e carismáticos (CIC n. 824-825).

Assim, destacamos os seguintes aspectos com relação ao vínculo matrimonial, por exemplo, a abordagem feita pelo Catecismo sobre a missão de levar os casais à santidade principalmente nos parágrafos referentes ao Sacramento do Matrimônio e à "Igreja Doméstica" (números 1601 a 1666). Ainda, segundo o CATECISMO (CIC, n. 1655-1657), se define o lar cristão como “Igreja doméstica”, um lugar onde se exerce o “sacerdócio batismal” do pai, da mãe e dos filhos, através da oração, da graça e do “testemunho da santidade de vida”. Enfim, no número 1642, há a explicação do amor conjugal, pois quando é assumido pelo amor de Cristo a relação matrimonial se enriquece com a participação contínua na Igreja pela força do sacramento, elevando, dessa maneira, os esposos a um “caminho de santidade”.

Apesar da mudança parcial de linguagem introduzida pelo Concílio Vaticano II e do caminho para uma personalização do matrimônio e da família, que certamente encontram uma afirmação de grande importância na *Gaudium et Spes*, ainda em 1968, percebemos amplos vestígios nas “*Humanae Vitae* de Paulo VI do cenário que remonta a *Arcanum divinae*

sapientiae e *Casti connubii*: o matrimônio e a família, como lugares únicos"[168] para o exercício da sexualidade. De fato, são inteiramente predeterminados por Deus, deixando ao homem um espaço de responsabilidade tão pequeno que muitas vezes é quase fictício e sempre muito formal e, em qualquer caso, apreendido pelas teorias do consentimento contratual. A possibilidade de uma geração responsável torna-se um tema abstrato, que não corresponde a práticas e disciplinas realistas. Porém, a solução ineficaz depende de uma forma de pensar o matrimônio e a família em contraste com a cultura civil moderna. O matrimônio e a família ainda podem ser usados como baluartes antimodernistas e reservas de competência eclesiástica. Considerados dessa maneira, o matrimônio e a família acabam por sofrer também mortificações e reduções progressivas, que paralisam o pensamento e a prática eclesial, isolando-os e marginalizando-o da cultura comum. A paternidade responsável torna-se um espaço de reflexão sobre o mundo e de autorreflexão sobre a Igreja, tendo em vista uma compreensão diferente da relação entre união e geração[169].

Papa João Paulo II dedicou atenção à família, através das suas catequeses sobre o amor humano com a Teologia do corpo,[170] a carta às famílias *Gratissimam sane* e sobretudo com a Exortação Apostólica em 1981 a *Familiaris Consortio*, fruto dos trabalhos do Sínodo dos Bispos de 1980 (a V Assembleia Geral Extraordinária). João Paulo II definiu a família caminho da Igreja; ofereceu uma visão de conjunto sobre a vocação ao amor do homem e da mulher; propôs as linhas fundamentais para a pastoral da família e para a presença da família na sociedade. "Ao tratar da caridade conjugal, descreveu o modo como os cônjuges, no seu amor mútuo, recebem o dom do Espírito de Cristo e vivem a sua vocação à santidade" (AL, n. 69).

Embora, dentro de uma forte continuidade com a linguagem do século anterior, *Familiaris Consortio* faz duas mudanças importantes: "por um lado introduz, ainda no título, a expressão *familiaris*, que é nova no magistério, de que sempre tratou de matrimônio, não de

[168] BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.
[169] Conferir em BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.
[170] Teologia do Corpo: comporta o pensamento que o Papa João Paulo II desenvolveu nas Audiências de Quarta-feira de 5 de setembro de 1979 a 28 de novembro de 1984, com algumas interrupções. Estas catequeses se dividem em quatro ciclos, em que o Papa desenvolveu vários temas, começando pela exegese dos primeiros capítulos do livro do Gênesis, terminando na análise da *Humanae vitae* de Paulo VI, passando por análises psicológicas, sobre a corporeidade do homem, sobre o matrimônio e a eminente racionalidade da pessoa. (Nota da IHU On-Line). Conferir em DEBERNARDO, Francis. *Potência transformadora e conservadorismo num mesmo ato*. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2016, p. 45. Entrevista concedida a João Vitor Santos. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao483.pdf. Acesso em: 03 jul. 2020.

família"[171]. O precedente aqui é certamente o Concílio Vaticano II e seu repensar eclesial da família. O segundo passo decisivo é o reconhecimento aberto de uma diferenciação da sociedade, que agora parece evidente também para a Igreja. Não existem apenas famílias regulares, mas também irregulares, que já não são automáticas e *ipso facto* excomungadas. O documento de João Paulo II não faz muito mais do que esta admissão: é o início de uma pequena revolução. A lógica da oposição à sociedade civil, inaugurada por *Arcanum divinae sapientiae* em 1880, cem anos depois já não se sustenta no plano prático e operacional, mesmo que teoricamente ainda possa dar um pouco de conforto. A oposição frontal deve ser substituída pela conciliação na diferenciação. É apenas uma tarefa, indicada e não realizada, mas claramente reconhecida. Isso abre o campo para uma evolução primeiro da práxis e depois também da teoria[172].

Depois de uma longa preparação surge o novo código de direito canônico para iluminar a vida dos que seguem a Cristo e a Igreja. Efetivamente, segundo o site da Pontifício Instituto Superior de Direito Canônico, podemos resumir como um complexo sistema de leis que organiza a Igreja quanto sua organização e atuação, assegura a validade e dignidade dos sacramentos e regula sua administração, Estabelece as obrigações e direitos dos leigos, clérigos e religiosos, como acesso aos sacramentos, liberdade de consciência e participação na vida da Igreja, Organiza o funcionamento dos tribunais para causas como nulidade matrimonial e questões disciplinares, Orienta a gestão e responsabilidade sobre os bens temporais da Igreja, Serve como ferramenta para a missão de levar a misericórdia de Deus e a salvação, servindo à visão da Igreja. João Paulo II fez um discurso de apresentação do novo código em 1983. O tema do matrimônio e da família na Igreja se encontra no *munus* de santificar.

> Como já vimos (n. 274) , *munus* não se pode confundir com o poder; portanto, a função *munus* de santificar da Igreja não se esgota nos sacramentos (c. 840) e nos outros atos litúrgicos, como os sacramentais (c. 1166) , em cuja prática se exerce o poder de santificação, mas abrange toda a vida do cristão e em virtude do batismo, exerce seu sacerdócio com a recepção dos sacramentos, com a oração e o agradecimento, com o testemunho de uma vida santa, com a penitência, com a abnegação e a caridade operosa, coisas todas com as quais é enraizado e corroborado o Reino de Cristo e se contribui para a salvação do mundo[173].

[171] BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.
[172] Conferir em BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.
[173] GHIRLANDA, Gianfranco. O Direito na Igreja: mistério de comunhão: compendio de direito eclesial. Aparecida-SP: Santuário, 2003, p. 311.

O Papa Francisco convocou dois Sínodos para refletir sobre matrimônio e família e já estamos ante outra mudança de passo, ao menos no que se conhece pelo título. Já se passaram 35 anos desde o texto de Karol Wojtyla. "Não é mais algo de arcano da divina sapiência, como para Leão XIII, argumento sobre o qual a discussão quase não era admitida,"[174] não é um consórcio como para João Paulo II, mas é amor, força e potência do Evangelho, o que mais vale no matrimônio e na família[175].

No Pontificado do Papa Francisco o conceito de família toma um dinamismo de amor, que se traduz em acolhida e misericórdia. De fato, essas características é de que estamos precisando na atualidade. Nos pontificados anteriores se necessitava mais regras e normas, agora estamos precisando de teologia aplicada à família.

> O Papa afirma que a família é um centro de amor, onde reina a lei do respeito e da comunhão, capaz de resistir aos ataques da manipulação e da dominação dos centros de poder mundanos. A família é o refúgio dos seus membros: Na casa familiar, a pessoa se integra natural e harmonicamente em um grupo humano, superando a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. No seio da família, ninguém é descartado: tanto o idoso como a criança são bem-vindos. A cultura do encontro e o diálogo, a abertura à solidariedade e à transcendência têm nela o seu berço. O Papa Francisco também disse que a família é uma grande riqueza social, citando o Papa Emérito Bento XVI. Além disso, sublinhou que a família oferece à sociedade dois elementos importantes: a estabilidade e a fecundidade. O núcleo familiar é uma escola de amor fiel e duradouro: 'As relações baseadas no amor fiel, até a morte, como o matrimônio, a paternidade, a filiação ou a irmandade, aprendem- se e se vivem no núcleo familiar.' As relações familiares formam o tecido da sociedade: Quando estas relações formam o tecido básico de uma sociedade humana, dão-lhe coesão e consistência. 'Pois não é possível formar parte de um povo, sentir-se próximo, ter em conta os mais distantes e desfavorecidos, se no coração do homem estão quebradas estas relações básicas, que lhes oferecem segurança em sua abertura aos demais, escreveu o Papa'[176].

Diante dos desafios que a Época Contemporânea coloca, a Igreja deve dar uma resposta atualizada da doutrina de Cristo. Dar respostas às pessoas e à sociedade não é tarefa fácil, mas é preciso ter em conta que a família atual se alargou. Os dados são alarmantes e a Igreja deve mudar a estratégia de evangelização. Diante de tantas transformações e desafios atuais a Igreja não pode renunciar a sua doutrina perene. Na tentativa de atualizar a doutrina na pastoral a Igreja foi às vezes muito rígida nas colocações e isso afetou o matrimônio e a família, mas em

---

[174] BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.

[175] Conferir em BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.

[176] DÍAZ, Ary Waldir Ramos. *O que é a família para o Papa Francisco?* Aleteia, 2014. Disponível em: O que é a família para o Papa Francisco?. Acesso em: 09 mai. 2021.

outras ocasiões fortaleceu os laços familiares. Nunca se chegam às decisões perfeitas. A celebração do matrimônio teve algumas variações na história, mas manteve a desígnio original do criador para o homem e a mulher. A rigidez da doutrina se mostrava na regularização excessiva das normas, contudo graças à essa rigidez que a celebração ficou bem estabelecida e contribuiu para o desenvolvimento pastoral do casal na Igreja e sociedade. Também, graças a essa rigidez que a Igreja pode manter estáveis certos princípios que não são negociáveis. A colaboração humana foi fundamental nesse processo de atualização da doutrina à pastoral, porém a graça vem através do Senhor Jesus.

O matrimônio enfrenta inúmeros desafios sejam sociais, sejam culturais, por exemplo, a secularização e a mudança nas estruturas familiares. Porém, a Igreja Católica mantém a visão tradicional do matrimônio como sacramento indissolúvel, fonte de graça e vocação à santidade, atualizando sua pastoral para melhor acompanhar as famílias e promover a beleza do amor conjugal no mundo atual.

Apesar de tantas transformações e mudanças no curso da história, o matrimônio e a família seguem em pé. Deus segue abençoando essa instituição muito antiga, na qual a Igreja mantém como seu patrimônio espiritual e seu estandarte de valores. Mesmo, às vezes, tendo sido cruel a história, o matrimônio e a família se mantiveram firmes nos seus princípios e valores. Assim vai continuar sendo um apoio e fundamento para Igreja e para sociedade civil. Além do mais, graças ao matrimônio e a família grandes civilizações foram forjadas, enquanto se contribuiu muito para a humanidade. Ao ver o percurso histórico sobre o matrimônio e da família se pode concluir que Deus é o Senhor da história. Por isso, “e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16, 18).

3. A CELEBRAÇÃO DO MATRIMÔNIO: ANÁLISE DO RITO E SUA TEOLOGIA

Mudanças na Igreja foram realizadas com a ascensão do Concílio Vaticano II, e a formulação e revisão do Código de Direito Canônico, os rituais da Igreja ficaram mais acessíveis, do ponto de vista pastoral, inclusive o ritual do matrimônio. Por isso, convém explorar, de modo metódico, alguma forma desses rituais do matrimônio para refletir e analisar, juntamente com sua teologia, dando respostas mais concretas à Igreja, sociedade e aos que se preparam para o sacramento. Podemos dizer que toda a reflexão e análise desse percurso histórico falando sobre a naturalidade, as finalidades e as propriedades do matrimônio indicam o caminho da celebração litúrgica do matrimônio na Igreja.

"A família é uma instituição milenar pré-cristã e *cellula mater* da sociedade que percorre o tempo e traz evolução em sua conceituação. Formada por seres humanos, com suas necessidades, angústias, alegrias e fracassos"[177]. A Igreja ainda considera a família como a primeira sociedade natural. "As formas de família que se apresentam atualmente sofreram inúmeras modificações ao longo da história"[178]. Percebe-se uma crescente mutação nas relações familiares que saíram de um modelo patriarcal, matrimonializado e patrimonialista, para um modelo de família fundado no afeto, ou seja, de um modelo de família numerosa para a formada apenas por pai, mãe e um ou dois filhos e filhas, e a transcender à família pós-nuclear onde as relações importam mais que a forma. As transformações vigentes, a dinamização das forças produtivas, a competitividade, as novas tecnologias, a redefinição dos papéis do homem e da mulher, a urbanização e as novas relações de trabalho, entre elas a entrada da mulher no

[177] FAMÍLIA EM QUESTÃO. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 47, n. 131, p. 7, jan./abr. 2015. DOI: https://doi.org/10.20911/21768757v47n131p7/2015. Disponível em: Vista do FAMÍLIA EM QUESTÃO. Acesso em: 17 mai. 2021.
[178] FAMÍLIA EM QUESTÃO, 2015, p. 7.

mercado, impõem desenhos múltiplos. “Muitos dizem não à função mais tradicional da família, a procriação, para manter a liberdade e a autonomia”[179]. De fato, há casais que descartam o matrimônio e pessoas do mesmo sexo que oficializam suas uniões e adotam filhos e filhas. No Brasil, na metade dos lares não existe mais o modelo clássico, com pai, mãe e filhos do mesmo matrimônio. Pessoas moram sozinhas, avós ou tios criam netos, casais decidem não ter filhos, outras têm produções independentes. O número de divórcios triplicou e o de matrimônios de papel passado diminuiu. “O modelo tradicional de família está em crise, não a instituição familiar em si”[180]. A família representa um refúgio atraente, a ponto de os filhos já adultos permanecerem mais tempo na casa dos pais. E em alguns casos, retornarem para lá depois de uma separação ou uma crise financeira. Um quarto dos lares do Brasil reúne três gerações, geralmente sustentadas pelos parentes mais velhos[181].

Assim, observam-se transformações na família e na sociedade. Igualmente, ocorreram mudanças na Igreja com a ascensão do Concílio Vaticano II, e a formulação e revisão do Código de Direito Canônico. Os rituais da Igreja ficaram mais acessíveis, do ponto de vista pastoral, inclusive o ritual do matrimônio. Por isso, convém explorar, de modo metódico, alguma forma desses rituais do matrimônio para refletir e analisar, juntamente com sua teologia, dando respostas mais concretas à Igreja, sociedade e aos que se preparam para o sacramento. Podemos dizer que toda a reflexão e análise desse percurso histórico falando sobre a naturalidade, as finalidades e as propriedades do matrimônio indicam o caminho da celebração litúrgica do matrimônio na Igreja.

Dissertar sobre a doutrina da Igreja referente ao matrimônio e à família, nos dirige ao texto do Papa João Paulo II na publicação do Catecismo da Igreja Católica. Efetivamente, com relação ao CV II, o Catecismo consegue de forma resumida apresentar as principais conclusões teológicas, litúrgicas e pastorais do Concílio interpretadas sob o olhar da Tradição e traduzidas em normas de vida da Igreja. Observando a relação do Catecismo como Direito Canônico, pode-se dizer que há uma complementariedade onde enquanto o Catecismo ensina a fé, a doutrina o Direito Canônico orienta como viver essa fé e moral de maneira comunitária, ou seja, o agir cristão. Enfim, um dos objetivos do Catecismo era fazer o compêndio da renovação conciliar de maneira contínua, harmoniosa tornando-a acessível a uma catequese para o Povo de Deus.

Essas verdades do matrimônio católico contidas no Catecismo compõem definições valiosas e devem ficar explícitas na vida da Igreja e da mesma vida familiar. A primeira delas

[179] FAMÍLIA EM QUESTÃO, 2015, p. 7.
[180] *Ibidem.*
[181] *Ibidem.*

é unidade matrimonial: significa, também, comunhão total e exclusiva entre homem e mulher; além do mais, superação da poligamia, infidelidade e qualquer mostra de divisão.

> O amor dos esposos exige, por sua própria natureza, a unidade e a indissolubilidade da comunidade de pessoas que engloba toda a sua vida: "de modo que já não são dois, mas uma só carne" (Mt 19, 6). Eles são chamados a crescer continuamente nesta comunhão, através da fidelidade cotidiana à promessa matrimonial de doação total e recíproca. A unidade do matrimônio é claramente afirmada pelo Senhor: "Quem repudia sua mulher e se casa com outra comete adultério contra a primeira; e se a mulher repudia seu marido e se casa com outro, comete adultério" (Mc 10,11-12). A união matrimonial é uma comunhão profundamente pessoal, que, da mesma forma que exige a fidelidade, exclui qualquer tipo de poligamia (CIC, n. 1644-1645).

Outra verdade é a indissolubilidade matrimonial. Significa que o amor é definitivo e fiel, que se apoia no amor fiel de Deus pelo seu povo e que se sustenta na graça de Deus:

> O amor conjugal exige dos esposos, por sua própria natureza, uma fidelidade inviolável. Isto é a consequência da doação recíproca que eles se fazem. O amor quer ser definitivo. Não pode ser 'até nova ordem'. Esta íntima união, enquanto doação de duas pessoas, assim como o bem dos filhos, exige a fidelidade dos cônjuges e sua indissolúvel unidade. "A motivação mais profunda reside na fidelidade de Deus à sua Aliança, de Cristo à sua Igreja. Pelo sacramento do Matrimônio, os esposos são capacitados e, como que consagrados, para serem fiéis, no mesmo grau que Deus é fiel. Pode parecer difícil, até impossível, unir-se para toda a vida a um ser humano. É por isso que é indispensável anunciar a boa nova de que Deus nos ama com um amor definitivo e irrevogável, que os esposos são associados a este amor, que os sustenta e lhes permite, com sua fidelidade, permanecer fiéis. Reconhece que há situações em que a vida conjugal se torna praticamente insustentável, mas, mesmo nesses casos, o vínculo sacramental permanece, e os separados são convidados a viver na fidelidade. Os divorciados recasados civilmente estão numa situação que contradiz objetivamente a lei de Deus, mas não estão separados da Igreja e são chamados à conversão e à vida cristã, embora não possam comungar sacramentalmente (CIC, n. 1646-1650).

Outra verdade do matrimônio é a fecundidade e abertura à vida. O amor conjugal é orientado geração e educação de filhos: "Pela sua própria natureza, a instituição do matrimônio e o amor conjugal destinam-se à procriação e à educação dos filhos, e é neles que encontram a sua coroação (GS, n.48). Os filhos são o dom mais excelente do matrimônio e contribuem sobremaneira para o bem dos próprios pais" (CIC, n. 1652). Ao gerar filhos os pais se tornam colaborados de Deus na Igreja e no mundo: "A fecundidade é um dom, uma finalidade do matrimônio, pois o amor conjugal tende por sua natureza a ser fecundo. O amor conjugal dos esposos exige, portanto, que os cônjuges estejam prontos para acolher os filhos e educá-los" (CIC, n. 2366). Ter filhos não é posse, mas dom de Deus: "O filho não é um direito, mas um dom. O 'dom mais excelente do matrimônio' é uma pessoa humana. Não se pode admitir como moralmente lícito 'o desejo de ter um filho a qualquer custo', como, por exemplo, por meio de técnicas que dissociem a procriação do ato conjugal" (CIC, n. 2378). Existe também a

maternidade e paternidade espiritual: “Os cônjuges cristãos, além disso, por sua fidelidade ao amor e à castidade conjugal, são chamados a serem sinal do amor de Deus, não apenas pela geração física, mas também pela fecundidade espiritual: educar na fé, testemunhar, evangelizar, construir a Igreja” (CIC, n. 1653). Por fim, o casal que não pode ter filhos se convida a doação e serviço na Igreja e na sociedade:

> O Evangelho mostra que a esterilidade física não é um mal absoluto. Os esposos que, depois de terem esgotado os recursos legítimos da medicina, sofrem de infertilidade, unem-se de maneira especial à cruz do Senhor. Podem manifestar fecundidade conjugal de outra maneira: a adoção, a generosa disponibilidade ao serviço de outros, o sacrifício voluntário, são expressões preciosas de fecundidade (CIC, n. 2379).

Outra verdade contida no Catecismo é o bem dos cônjuges, ou seja, o bem dos esposos. Trata-se de uma verdade fundamental do matrimônio, onde se cuida da parte humana, espiritual, moral e psicologia da esposa ou do esposo.

> A aliança matrimonial, pela qual um homem e uma mulher constituem entre si uma íntima comunhão de vida e amor, foi fundada e estruturada pelo Criador e dotada de leis próprias. Por sua própria natureza, esta união ordena-se ao bem dos cônjuges, bem como à geração e educação da prole; foi elevada entre os batizados à dignidade de sacramento (CIC, n. 1601).

Zelar pelo bem do cônjuge no matrimônio inclui comunhão e unidade profunda de vida:

> O amor conjugal comporta uma totalidade, na qual entram todos os elementos da pessoa – apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade. Este amor visa uma unidade profunda, uma unidade que, além de unir, leva à doação de si mesmo. O amor dos esposos exige, por sua própria natureza, a unidade e a indissolubilidade da comunidade de pessoas que engloba toda a sua vida: de modo que já não são dois, mas uma só carne (Mt 19, 6). Eles são chamados a crescer continuamente nesta comunhão (CIC, n. 1643-1644).

Enfim, unir a dimensão de zelar pelo bem do cônjuge e ter/educar os filhos se faz necessário: “A união dos esposos realiza o duplo fim do matrimônio: o bem dos cônjuges e a transmissão da vida. Estes dois significados, união e procriação, não podem ser separados sem que o matrimônio seja atingido na sua verdade mais íntima” (CIC, n. 2363).

Aplicar a doutrina sólida do sacramento do matrimônio e da família matrimonial à realidade pastoral do cotidiano é um grande desafio da evangelização na Igreja. Ação pastoral é o conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza a sua missão de continuar a ação de Jesus Cristo junto a diferentes grupos e realidades. Os capítulos seguintes mostram as inúmeras tentativas da Igreja de se preocupar com o matrimônio e com a família. O sacramento do

matrimônio é tutelado pela liturgia e pelo rito sacramental. Já a família matrimonial é tutelada pela ética e sexualidade familiar.

Preliminarmente, é oportuno definir em que consistem os termos *rito*[182] e *ritual*[183]. Rito designa "uma ação simbólica, constituída por gestos e palavras, com uma estrutura pré-formada e institucionalizada, de caráter tradicional, que favorece a participação comum e a repetição"[184]. Trata-se, como já exposto acima, da linguagem simbólico-sacramental por meio da qual a relação homem e Deus se manifesta. Em se tratando do caráter repetitivo do rito, Augé comenta sobre sua dimensão memorial ou comemorativa:

> A repetição no rito cristão como no hebraico é memorial ou comemorativa. Mediante o conjunto das ações simbólicas ritualizadas, com as quais são constituídas as suas celebrações, a Igreja proclama que Deus opera, no ato litúrgico, o efeito salvífico das ações históricas passadas das quais ela faz a comemoração. Naturalmente no contexto cristão, no centro do rito memorial está o acontecimento Cristo[185].

A celebração litúrgica é a vivência do rito que, por meio de sua linguagem composta de sinais sensíveis e eficazes (simbólico-sacramental), comunica a graça de Cristo aos fiéis. Acerca disso, Bucciol pondera:

> Usa-se a palavra rito/ritos, muitas vezes, para indicar "liturgia". A liturgia, de fato, tem muito de ritualidade, com sua linguagem feita de gestos e ações muito em sintonia com a cultura de um povo e que nos ajudam a exprimir o que sentimos e celebramos. Hoje, para evitar a compreensão do rito como algo puramente exterior ou cerimonial, prefere-se usar as palavras "celebração" ou "ação litúrgica", como indicou a Sacrosanctum Concilium[186].

O rito também designa a pertença a um estilo concreto de liturgia. No caso do Brasil, o rito em vigor é o latino, em concreto, o rito latino romano, porque existem várias modalidades de ritos. Quando se fala do rito do matrimônio se encaixa nessa jurisdição do mesmo modo se fala do rito do batismo, rito da confirmação e rito do matrimônio, pois existe um padrão de conduta nas palavras, gestos e símbolos aderentes à história, cultura e modo de proceder de determinados lugares.

---

[182] Acerca da etimologia do termo rito, Bucciol afirma: "O *rito* é uma ação programada. A palavra vem de uma raiz indo-europeia *R'tam*, que significa 'ordem' (da mesma raiz provêm: arte, aritmética, ritmo). O *rito* é uma ação já definida; por isso, dá segurança, protege contra imprevisto; age no inconsciente humano." (BUCCIOL, Dom Armando. *Sinais e símbolos, gestos e palavras na Liturgia*: para compreender e viver a liturgia. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 170).

[183] Ritual, com inicial em maiúscula, sempre que se referir ao livro litúrgico.

[184] AUGÉ, Matias. *Liturgia*: história, celebração, teologia, espiritualidade. 4. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013, p. 112.

[185] AUGÉ, 2013, p. 111.

[186] BUCCIOL, 2018, p. 173.

Ritual, por sua vez, consiste no conjunto de orações, leituras, gestos e cerimônias para realizar uma celebração[187]. O Ritual é o livro litúrgico para o uso nas celebrações cuja publicação é competência da Sé Apostólica, bem como a revisão e a confirmação das adaptações aprovadas pelas Conferências Episcopais[188].

Dentro da disciplina litúrgica, é conveniente que o ritual seja aprovado pela autoridade eclesiástica e tenha um esquema lógico para mostrar a importância do sacramento do matrimônio. Por isso, analisando o processo oral ao processo escrito, as conclusões são maravilhosas.

> O Ritual do Matrimônio possui uma trajetória específica, em razão da cristianização de suas formas, por outro, compartilha com as demais celebrações cristãs a estrutura do culto divino e da disciplina sacramental, regulados pelos chamados "roteiros litúrgicos", manuais estabelecidos pela Santa Sé e traduzidos pelas Conferências Episcopais, que determinam: i) normas gerais para preparar e realizar a celebração; ii) textos eucológicos, bíblicos, admonitórios etc. a serem empregados; iii) gestos corporais, procissões, incensações a serem realizados; iv) atribuições para os sujeitos participantes, denominados de "ministérios", como o de presidente, leitor, salmista etc.; v) normas específicas para a seleção e para a execução de determinados textos ou atos litúrgicos[189].

Para conhecer e compreender melhor a celebração do matrimônio, é indispensável o exercício de análise do próprio rito e sua estruturação. Para tanto, serão apresentados os ritos iniciais da celebração, passando pelos elementos da liturgia da Palavra e do rito sacramental até os ritos finais. De acordo com Taborda, esse método de análise da celebração explicita a lógica da celebração tal como se apresenta hoje e no decorrer de sua exposição é apresentada a conexão entre os sucessivos momentos e sua progressividade[190].

---

[187] Conferir em BUCCIOL, 2018, p. 173.

[188] Com o *motu proprio Magnum Principium* (2017) , o Papa Francisco modificou o cân. 838 do Código de Direito Canônico sobre a preparação e a aprovação dos livros litúrgicos. Os parágrafos segundo e terceiro do cân. 838 indicam que "[.] § 2. É da competência da Sé Apostólica ordenar a sagrada liturgia da Igreja universal, publicar os livros litúrgicos, rever as adaptações aprovadas segundo a norma do direito da Conferência Episcopal, assim como vigiar para que as normas litúrgicas sejam fielmente observadas em toda a parte. § 3. Compete às Conferências Episcopais preparar fielmente as versões dos livros litúrgicos nas línguas correntes, convenientemente adaptadas dentro dos limites definidos, aprová-las e publicar os livros litúrgicos, para as regiões de sua pertinência, depois da confirmação da Sé Apostólica." (FRANCISCO. *Magnum Principium. Carta Apostólica em forma de "motu proprio" com a qual modificou o cân. 838 do Código de Direito Canônico.* 3 set. 2017. Brasília: Edições CNBB, 2017).

[189] SANTA ROSA MATOS, Marcos Paulo. "Oralidade e escritura no ritual do Matrimônio." *Revista Letrando*. Paripiranga, v. 4, p. 42, jan. /jun. 2016. Disponível em: D07.Marcos.pdf (revistaletrando.com.br). Acesso em: 12 jun. 2024.

[190] Conferir em TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor:* ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2015, p. 17.

A constituição *Sacrosanctum concilium* pediu a reforma do Ritual Romano de 1614 e indicou alguns critérios que deviam ser considerados na celebração do Matrimônio. Atualizar a liturgia fazia parte também do projeto do Concílio Vaticano II[191].

> A fim de indicar mais claramente a graça do sacramento e inculcar os deveres dos cônjuges, reveja-se e enriqueça-se o rito do Matrimônio que vem no Ritual romano. "É desejo veemente do sagrado Concílio que as regiões, onde na celebração do Matrimônio se usam outras louváveis tradições e cerimônias, as conservem." Concede-se à competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o art. 22 § 2 desta Constituição, a faculdade de preparar um rito próprio de acordo com o uso dos vários lugares e povos, devendo, porém, o sacerdote que assiste pedir e receber o consentimento dos nubentes. Celebre-se usualmente o matrimônio dentro da missa, depois da leitura do Evangelho e da homilia e antes da "Oração dos fiéis." A oração pela esposa, devidamente corrigida a fim de inculcar que o dever de fidelidade é mútuo, pode dizer-se em vernáculo. Se o Matrimônio não for celebrado dentro da missa, leiam-se no começo do rito a epístola e o evangelho da "Missa dos esposos" e nunca se deixe de dar a bênção nupcial (SC, n. 77-78).

Efetivamente, dentro da uma verbalização para dar significado à celebração do matrimônio, o texto de modalidade oral para a modalidade escrita é algo a se considerar dentro do ritual.

> O Ritual do Matrimônio é fruto de um longo processo de retextualização, no sentido proposto por Marcuschi (2001), isto é, passagem de um texto da modalidade oral para a modalidade escrita e refacção do texto em uma mesma modalidade, que parte das tradições orais romanas e bárbaras, passa pelas diversas fórmulas dos sacramentários medievais e pela forma unificada do *Rituale Romanum,* e chega às duas edições do *Ordo Celebrandi Matrimonium.* Em cada um desses momentos, os textos litúrgicos foram reproduzidos de modo a atender determinados propósitos institucionais, como a oficialização, a uniformização e, mais recentemente, a flexibilização e a diversificação; mas em todos eles um elemento permaneceu constante: os ritos nupciais são escritos para serem oralizados, isto é, a escritura é um roteiro (script) a ser seguido na encenação oral[192].

O *Ritual do Matrimônio* usado para analisar o rito corresponde à tradução portuguesa para o Brasil da segunda edição típica. Essa tradução foi aprovada pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos em 19 de março de 1990, junto com Rito Adaptado do

---

[191] Conferir em OLIVEIRA, Luís. A Celebração do Matrimónio no actual Rito Romano. Novellae Olivarum Lisboa, n. 31, p. 38-49, 2005. Disponível em: http://monsenhorpereiradosreis.pt/textos/a-celebracao-do-matrimonio-no-actual-rito-romano/. Acesso em: 27 jan. 2021.

[192] SANTA ROSA MATOS, 2016, p. 45. A sigla OCM se refere à obra: RITUALE ROMANUM. *Ordo Celebrandi Matrimonium*. Editio typica altera. Typis Vaticanis, 1991. Este é o livro oficial da Igreja Católica que contém a forma litúrgica autorizada para a celebração do matrimônio, conforme a segunda edição típica aprovada pela Santa Sé e impressa no Vaticano em 1991.

Matrimônio com ou sem celebração eucarística, aprovado pela CNBB[193] na 29ª Assembleia Geral, em 1991. Foi, ainda, confirmado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos em 11 de março de 1993, cuja promulgação se deu em 30 de maio de 1993, pelo então Presidente da CNBB, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, desde então em vigor, composto da seguinte estrutura[194]:

Introdução Geral (n. 1-44)

Capítulo I – Celebração do matrimônio dentro da missa (n. 45-78)

Capítulo II – Celebração do matrimônio sem missa (n. 79-117)

Capítulo III – Celebração do matrimônio diante de um assistente leigo (n. 118-151)

Capítulo IV – Celebração do matrimônio entre uma pessoa católica e outra catecúmena ou não-cristã (n. 152-178)

Capítulo V – Vários textos a serem usados no rito do matrimônio e na missa "pelos esposos" (n. 179-250)

APÊNDICES:

I – Fórmulas para a oração dos fiéis (n. 251-252)

II – Rito para a bênção de noivado (n. 253-271)

III – Bênção dos esposos em aniversário de casamento, dentro da missa (n. 272-286)

IV – Rito adaptado da celebração do matrimônio dentro da celebração eucarística (n. 1-40)

V – Rito adaptado da celebração do matrimônio sem celebração eucarística (n. 1-44)

O rito de referência da análise está no Capítulo II - *Celebração do matrimônio sem missa*. Serão feitas algumas considerações pertinentes e relevantes para destacar algumas mudanças em relação ao uso do rito dentro da missa e, com isso, oferecer uma base para pensar as outras

[193] CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. É o organismo oficial que reúne os bispos católicos do Brasil, tendo como objetivo principal promover a comunhão, a unidade, a colaboração e a ação pastoral conjunta da Igreja no Brasil, em sintonia com o Magistério da Igreja e em comunhão com o Papa.

[194] A estrutura corresponde ao Ritual do Matrimônio.

formas oferecidas pelo Ritual. A preferência da celebração é que seja na Missa, indicando o uso fora da missa por razões pastorais[195].

À guisa de verificação panorâmico-esquemática, segue a estrutura do rito:

Capítulo II – Celebração do matrimônio sem missa
Ritos iniciais
- Procissão de entrada - Sinal da cruz - Saudação ao povo - Alocução aos noivos e aos presentes - Oração do dia
Liturgia da Palavra
Segue como de costume – verificar o Capítulo V (RM, n. 179-222) [196]
Rito sacramental do matrimônio
- Alocução aos noivos - Diálogo antes do consentimento - Consentimento - Aceitação do consentimento

[195] Conferir em CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário.* 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 29. Concernente a isso, o Catecismo ensina: "No rito latino, a celebração do Matrimônio entre dois fiéis católicos normalmente ocorre dentro da Santa Missa, em vista do vínculo de todos os sacramentos com o mistério pascal de Cristo. Na eucaristia se realiza o memorial da nova aliança, na qual Cristo se uniu para sempre à Igreja, sua esposa bem-amada, pela qual se entregou. Portanto, é conveniente que os esposos selem seu consentimento de entregar-se um ao outro pela oferenda de suas próprias vidas, unindo-o à oferenda de Cristo por sua Igreja, que se torna presente no Sacrifício Eucarístico, e recebendo a eucaristia, a fim de que, comungando no mesmo Corpo e no mesmo Sangue de Cristo, eles 'formem um só corpo' nele" (CIC, n. 1621).

[196] RITUAL ROMANO. *Ritual do Matrimônio*. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1993, n. 179-222.

- Bênção e entrega das alianças - Prece dos fiéis - Bênção nupcial - Sagrada Comunhão - Oração pós-Comunhão
Conclusão da celebração
- Bênção dos esposos e do povo - Assinatura da ata do casamento

As mudanças realizadas, ao longo da história, no ritual do matrimônio, mostram as bases da Tradição e do Magistério da Igreja:

> A edição atual, de 1990, por seu turno, atende ao novo Código de Direito Canônico, promulgado em 1983, às deliberações do Sínodo dos Bispos e da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (1981), sobretudo procurando equiparar o valor do aspecto litúrgico (celebrativo) ao jurídico (validade e licitude do consentimento) e concedendo poder às Conferências Episcopais para introduzir adaptações culturais ao ritual romano. As Preliminares *(praenotanda)* foi a parte do Ritual Matrimonial que mais transformações sofreu, passando de 18 para 44 artigos, distribuídos em 4 seções (Importância e dignidade do sacramento do matrimônio; Ofícios e ministérios na pastoral e celebração do matrimônio; A celebração do matrimônio; Adaptações que competem às Conferências Episcopais)[197].

Podemos dividir as alterações no ritual do matrimônio em várias partes, nível teológico, pastoral e litúrgico. Cada nível marca uma riqueza para a Igreja e para os noivos. A primeira das mudanças se refere à teologia, pois é preciso compreender as razões da fé:

> Mudanças teológicas – o matrimônio é associado à História da Salvação e ao sacramento do batismo e da Confirmação (porque "supõe e exige a fé"), bem como ao amor e à unidade entre Cristo e a Igreja. Por fim, afirma-se uma dimensão pneumatológica do matrimônio - Preliminares e epicleses da Bênção Nupcial – (RM, n. 9, 74, 242, 243) e reforça-se a imposição das mãos "sobre os esposos", na bênção nupcial e a igualdade de obrigações entre eles[198].

A segunda mudança é a novidade pastoral. Essa novidade é de suma importância para aproximar os noivos da Igreja. Dado que a Igreja tem a missão de entrar em diálogo com as pessoas, nada melhor que estabelecer o roteiro de ensinamento:

> Novidades pastorais – insiste-se na necessidade de preparação para o sacramento e dedicam-se 14 artigos na fixação dos objetivos, tipos de catequese, temas básicos e aspectos complementares, e as etapas de preparação. Sugere-se que a escolhas dos textos alternativos dê-se pela escolha dos noivos juntamente com o sacerdote (personalização cerimonial), por meio de um diálogo catequético. Prevê-se a possibilidade de realização comunitária de matrimônios e permite a celebração matrimonial durante a Missa Dominical, bem como autoriza a designação de leigos para assistir o matrimônio em lugar de um ministro ordenado, prescrevendo um ritual específico para esse caso. Estabelece-se, ainda, roteiros celebrativos para a bênção de noivos e de esposos em aniversário matrimonial e propostas combinadas de leituras bíblicas, homilias e músicas. De modo geral, a reforma procurou extirpar diferenças classistas e econômicas nessa celebração sacramental[199].

---

[197] SANTA ROSA MATOS, Marcos Paulo. "Yo los declaro marido y mujer": reflexiones sobre el discurso heteronormativo en el ritual matrimonial de la Iglesia Católica. *Nómadas. Critical Journal of Social and Juridical Sciences*, *35* (3), 375-426, 2013. DOI: https://doi.org/10.5209/rev_NOMA.2012.v35.n3.42208. Disponível em: Vista de "Yo los declaro marido y mujer": reflexiones sobre el discurso heteronormativo en el ritual matrimonial de la Iglesia Católica. Acesso em: 21 jul. 2024.

[198] SANTA ROSA MATOS, 2013, p. 375-426. Quando se fala de Pneumatologia refere-se à ação do Espírito Santo.

[199] *Ibid.*

A terceira mudança é litúrgica. Essa novidade visa estabelecer os critérios litúrgicos da celebração do matrimônio. Inclusive introduz elementos importantes de glorificação a Deus pelo casamento:

> Modificações litúrgicas – distinguem-se duas situações celebrativas principais (dentro e fora da Missa) e três formulários opcionais para cada situação. Deixa-se claro a omissão do ato penitencial e da oração Libera nos Domine após o Pai-Nosso. Altera-se parcialmente o texto da monição antes do consentimento e a fórmula de recepção desse consentimento – que ganhou uma alternativa mais bíblica –, que poderá ser seguida de atos de glorificação a Deus. Ampliou-se o repertório de textos alternativos para quatro fórmulas de bênção nupcial, três para bênção final, cinco para expressão do consentimento, dois novos modelos de oração universal, e conservaram-se os três prefácios da primeira edição[200].

Observando a práxis do sacramento, numa visão particular, é importante colocar que dentre as mudanças ocorridas no ritual do matrimônio foi a novidade pastoral que mais impactou, pois com a exigência de um itinerário catecumenal passou o matrimônio de evento social a ser formação cristã, além de se tornado uma celebração comunitária dentro da Missa, onde foi dado abertura aos noivos escolherem as leituras, orações e, mesmo os cantos, havendo possibilidade de adaptações locais tais como a bênção nupcial e a aceitação de ritos simbólicos (como a troca de alianças e o uso de véu) , permitindo que a liturgia se adapte ao gênio do povo. Tudo isso alterou drasticamente o jeito como o sacramento é vivenciado nas paróquias hoje.

3.1 Ritos Iniciais

Os ritos iniciais têm caráter de exórdio, introdução e preparação cuja finalidade é fazer com que os fiéis, reunindo-se em assembleia, constituam uma comunhão, disponham-se para ouvir atentamente a Palavra de Deus e, com atenção especial aos noivos, celebrar o matrimônio. Existe muita espiritualidade e sobretudo teologia envolvida dentro do rito sacramental. É importante ressaltar que os ritos iniciais são realizados de um modo próprio, conforme as normas do livro litúrgico, mesmo quando for celebrado com a missa[201]. É importante a reunião do povo de Deus, inclusive para a celebração do matrimônio, onde todos exercitem a fé em Deus e no sacramento. “Assembleia litúrgica é muito mais do que um simples aglomerado de

[200] SANTA ROSA MATOS, 2013, p. 375-426.

[201] A natureza e a finalidade dos ritos iniciais são encontradas na Instrução Geral do Missal Romano, e, em relação à celebração do matrimônio, esses ritos mantêm sua função, porém são realizados de um modo próprio. (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário.* 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 46).

pessoas. Assembleia é antes um povo convocado por Deus para responder à sua palavra em atitude de fé"[202].

Os ritos iniciais já cumprem a função de preparar para a escuta da Palavra e para a celebração do sacramento, sendo questionável o uso de *refrãos orantes*[203] ou outros elementos acrescentados após os ritos iniciais e antes da liturgia da Palavra com o objetivo de preparar a assembleia para aquilo que os ritos iniciais já o fizeram – exceto a possibilidade de um breve comentário explicativo, conforme previsto pelas orientações gerais[204]. Assim, torna-se desnecessário incluir a entrada de alguém que leve a Bíblia enquanto se canta um refrão orante ou um canto catequético sobre a Bíblia, muitas vezes dispondo-a em uma estante paralela ao ambão, lugar litúrgico do anúncio da Palavra [205].

Inicia-se a celebração com a procissão de entrada; sinal da cruz e saudação ao povo, como de costume; alocução aos noivos e aos presentes, que se trata de uma introdução à celebração do sacramento (chamado de comentário) ; e oração do dia.

---

[202] BERCKHÄUSER, Frei Alberto. *Símbolos Litúrgicos*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 25.

[203] Tratam-se de pequenos textos, cantados em repetição, favorecendo a oração e meditação dos fiéis. Não se trata da mesma realidade e natureza do *mantra*, que consiste em frase curta ou sílaba encantatória sustentada durante a meditação, produzindo períodos longos de som vocal sagrado com extraordinária amplitude sônica, conforme apresenta a definição no dicionário científico *Grove Music Online* (Conferir em MARIN, Stephen. *Sacred Music in America: religion, music and public culture.* Urbana and Chicago: University of Illinois, 2003, p. 3).

[204] No Apêndice do Ritual do Matrimônio, para a celebração do matrimônio com e sem missa, encontra-se um comentário breve e explicativo que introduz a assembleia à liturgia da Palavra. Essa ocorrência está de acordo com o que a Introdução ao Lecionário da Missa indica para a liturgia da Palavra, a saber: "Na Liturgia da Palavra, antes das leituras, e especialmente antes da primeira, podem-se fazer algumas admoestações breves e oportunas. É preciso levar muito em consideração o gênero literário destas admoestações. Convém que sejam simples, fiéis ao texto, breves, bem preparadas e adaptadas em tudo ao texto, ao qual servem de introdução" (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Introdução ao Lecionário da Missa*: *preliminares.* Disponível em: Lec_preliminares.pdf. Acesso em: 17 mar. 2025, n. 15), e mais adiante explicita que "[.] Estas admoestações poderão ser de grande ajuda para que a assembleia escute melhor a Palavra de Deus, já que promovem a fé e a boa vontade. [.]." IL, n. 42). Alberto Beckhäuser, ao comentar o n. 35, 3, da *Sacrosanctum Concilium*, sobre breves esclarecimentos nas celebrações litúrgicas, pondera: "A terceira expressão do serviço pastoral pela Liturgia é a catequese litúrgica que precede a celebração, sobretudo, dos sacramentos. Também na própria celebração poderão ser feitas pequenas didascálias, comentários explicativos das cerimônias e dos ritos em geral. [.] Estas intervenções explicativas são mais apropriadas por ocasião de alguma celebração maior, em assembleias pouco iniciadas na fé cristã. Quanto mais uma Comunidade de fé crescer na compreensão e vivência dos mistérios celebrados menos importantes se tornam os comentários explicativos" (BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium*: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012b, p. 57).

[205] No Rito Adaptado, encontra-se a indicação para a entrega da Bíblia após a proclamação das leituras, antes da homilia. A rubrica apenas indica que um dos familiares ou uma das testemunhas *pode* levar a Bíblia, que o sacerdote entrega aos noivos os quais a tomam nas mãos e a beijam (Conferir em RM, Apêndice IV, n. 8, Apêndice V, n. 17).

3.1.1 Procissão de Entrada

O Ritual apresenta dois modos possíveis para a procissão da entrada dos noivos e dos demais ministros. O cortejo nupcial é costume muito antigo e mostra a importância do que se há de realizar. Nesse sentido, especialmente para os noivos tem um sentido profundo de união: os noivos entram separados no cortejo e saem da Igreja, casados e juntos. "O cortejo nupcial [.] observado em todos os rituais antigos, e manteve-se praticamente inalterado até hoje. Trata-se do translado dos noivos da porta da Igreja para o altar da celebração, e normalmente constitui-se o momento de maior pompa, ao longo de toda a celebração" [206].

Verdadeiramente se trata de uma procissão, à maneira como normalmente é feita nas celebrações eucarísticas, com a peculiaridade própria da natureza da celebração do matrimônio, cujos noivos são os ministros do sacramento. É importante salientar que os ministros do sacramento são os indivíduos que casam e não o sacerdote ou o assistente eclesiástico. Isso mostra a grandeza e responsabilidade dos que vão se casar, pois um confere ao outro o sacramento, e no caso, o assistente eclesiástico recebe o consentimento. "O Ritual do Matrimônio, roteiro litúrgico empregado pela Igreja Católica na celebração de casamentos, é *sui generis* porque diz respeito ao único sacramento que não é conferido por um sacerdote, mas pelos próprios indivíduos que o recebem" (SANTA ROSA MATOS, 2016, p. 42; CIC n. 1623).

O *primeiro modo* ocorre da seguinte maneira: "À hora marcada, o sacerdote, de alva ou sobrepeliz e estola branca ou festiva, ou se desejar, pluvial (ou dalmática para o diácono) da mesma cor, dirige-se com os ajudantes para a porta da Igreja, onde acolhe os noivos e cordialmente os saúda, mostrando que a Igreja participa da sua alegria" (RM, n. 80).

Assim, "a preparação exterior se soma à preparação interior." Por isso, o "sacerdote deve vestir as vestes litúrgicas antes de se aproximar do altar." Desse modo, "a sensibilidade natural ensinou aos fiéis que se deve ao comparecer à celebração litúrgica usando roupas melhores" (PRESBITERAL, 2008, p. 341).

Quando, por qualquer motivo, o casamento for celebrado sem missa, também o diácono segue esse rito (PRESBITERAL, 2008, p. 341). É dever também do diácono, que recebeu a faculdade do pároco ou do Ordinário do local, presidir à celebração do Sacramento, sem excluir a bênção nupcial sigla (CDC, cân. 1111). É preciso especificar que, além do presbítero, o diácono é constituído a um grau na ordem sacerdotal (CIC, n. 1570).

---

[206] SANTA ROSA MATOS, 2013, p. 375-426.

O primeiro dado posto é a hora marcada em que o sacerdote[207] com os ajudantes se dirigem para a porta da Igreja, onde acolhe os noivos. A hora marcada não raro é motivo de tensão e estresse seja dos ministros ordenados ou, por vezes, dos convidados à espera normalmente – mas não só – da noiva com o tradicional, supersticioso, "charmoso" ou acidental atraso, seja qual for a razão. A grande expectativa inicial é a chegada da noiva com seu vestido e demais ornamentos. Disso decorre a incidência de elementos inoportunos para incrementar a sua chegada, como fechar a porta da Igreja para que a noiva se prepare para a entrada e não seja vista, sendo a porta aberta ao som de um canto ou música instrumental, clarinada triunfal, preparada para essa entrada, antecedida por entradas com várias plaquinhas que indicam sua chegada.

Voltando à lógica do rito, o sacerdote, de alva ou sobrepeliz e estola branca ou festiva, ou com a capa pluvial da mesma cor,[208] se dirige para a porta da Igreja e aí encontrando os noivos, acolhe-os e saúda-os. O rito não traz um texto modelo para essa acolhida, mas orienta que a saudação manifeste que a Igreja participa da alegria dos noivos. Trata-se de uma acolhida cordial e espontânea, orientada a essa finalidade de caráter antropológico e eclesiológico. Esse elemento é um resquício da forma da celebração do matrimônio realizado *in facie ecclesiæ*,[209]

---

[207] Para a análise, faremos a opção pelo uso do "sacerdote" para indicar o ministro assistente oficial, tendo em conta que, conforme o Ritual, pode ser o diácono e, no caso previsto, um assistente leigo.

[208] A forma da celebração considerada é sem missa, portanto cabe o uso da sobrepeliz e da capa pluvial (conferir em RITUAL ROMANO. *Ritual do Matrimônio*. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1993, n. 80). O pluvial, ou capa de asperges, é usado pelo sacerdote nas procissões e outras funções sagradas, segundo as rubricas próprias de cada rito (conferir em CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 341). Se o matrimônio for celebrado sem missa, não se usa casula, uma vez que esta é veste litúrgica própria da Missa, cuja exceção se dá apenas na Sexta-Feira Santa para a Celebração da Paixão do Senhor (conferir em MR, p. 254; conferir em CERIMONIAL DOS BISPOS. São Paulo: Paulus, 1988, n. 315a; 316). O Ritual do Matrimônio orienta: "[.] o sacerdote, de alva ou sobrepeliz e estola branca ou festiva, ou, se desejar, pluvial (ou dalmática para o diácono) da mesma cor, dirige-se com os ajudantes para a porta da Igreja [.]" (RITUAL ROMANO. *Ritual do Matrimônio*. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1993, n. 80). Note-se que para o diácono, indica-se o uso da dalmática. Para aprofundar sobre o pluvial e seu uso, indicamos o estudo de PACI, Sara Piccolo. *História das vestes litúrgicas*: forma, imagem e função. São Paulo: Loyola, 2021, p. 356-362.

[209] Adrien Nocent acerca do matrimônio *in facie ecclesiæ* relata: "Se nem sempre um ministro da Igreja estava presente à conclusão do matrimônio [celebrado nas casas, muitas vezes sem a presença do sacerdote, op. cit. p. 356], a Igreja, por seu lado, constantemente se mostrou preocupada com assegurar a liceidade canônica do matrimônio e desejosa de ser informada da celebração. Mas como garantir a publicidade do matrimônio? Nem a bênção nem a celebração da missa e menos ainda a bênção *'in thalamo'* assegurava essa publicidade. No Sínodo da província de Ruão, em 1012, sob a presidência do arcebispo João de Avranches, essa situação é claramente apresentada*: Item, ut nuptiae in occulto non fiant, neque post prandium; sed sponsus et sponsa ieiuni a sacerdote in monasterio benedicuntur, et antequam copluentur, progenies utrorumque diligenter inquiratur.* (Que o casamento não seja feito na clandestinidade, nem após o almoço; mas o noivo e a noiva estejam em jejum e sejam abençoados por um sacerdote em jejum no mosteiro; e antes da sua união diligentemente se investigue sobre as famílias de ambos). A partir desse momento, o lugar da bênção, como também do matrimônio, será a igreja. A obrigação de jejuar indica a hora da missa celebrada de manhã [.]. Um conjunto de ritos era celebrado '*in facie ecclesiae*', isto é, diante da porta da igreja, como a *benedictio arrhae*, a *benedictio anuli*; aí se fará o último proclama do matrimônio e desta vez o consentimento dos noivos se realizará espontaneamente através da interrogação pública do sacerdote e perante toda paróquia. Terminada a missa, celebram-se os ritos particulares e

completamente arrogado na forma atual, restando apenas a acolhida que pode ser realizada na porta da Igreja.

Após essa acolhida, "faz-se a procissão até o altar. Vão primeiro os ajudantes, depois o sacerdote, e finalmente o noivo e a noiva, que poderão ser conduzidos ao menos pelos pais e duas testemunhas, segundo o costume do lugar. Canta-se, então, o canto da entrada" (RM, n. 81). Note-se que os pais e as testemunhas poderão acompanhar honorificamente os noivos na procissão de entrada até o lugar que lhes foi preparado.

A procissão até o altar é descrita da mesma forma como para a missa. Embora sejam os ministros que vão ajudar na celebração, o sacerdote e os noivos, que poderão ser conduzidos pelos pais e duas testemunhas, a procissão é expressão de toda assembleia que se põe em marcha para o altar, símbolo do Cristo, manifestando o encontro com o sagrado. Bucciol afirma que as "procissões manifestam o desejo e o empenho de viver a nossa vocação cristã, a nossa fidelidade a Jesus, junto com toda a Igreja 'que caminha nas estradas do mundo rumo ao céu, cada dia renovando a esperança de chegar junto ao Pai, na sua paz'"[210].

A procissão evoca algo de sublime no ser humano, o caminhar para Deus. Nada mais belo que caminhar na vida, e, muito mais, quando se trata da caminhada dos noivos ao altar. Também se pode falar da caminhada dos que acompanham aos noivos na celebração do matrimônio. Guardini coloca em evidência o caminhar como sinal sagrado:

> O autêntico caminhar é algo nobre. Livre e, não obstante, cheio de uma bela disciplina, ligeiro e forte, descontraído e firme, pausado e cheio de força conquistadora. E, conforme o caminhar seja de homem ou de mulher, denotará um vigor marcial ou um encanto grácil, trairá um fardo de preocupações interiores ou um mundo de transparente serenidade. E como é belo caminhar assim quando o fazemos piedosamente! Pode chegar a ser um autêntico ato de culto a Deus, por exemplo quando entramos numa igreja, que é a sublime casa do Soberano Senhor, e avançamos com respeito sob o seu olhar. Ou quando se trata de acompanhar a Deus numa procissão. Pensemos no modo como tantos se acotovelam, se arrastam apaticamente ou se esticam todos, cheios de curiosidade. No entanto, escoltar Senhor pelas ruas da cidade ou pelos campos, "sua propriedade", deveria ser uma ocasião de festa e alegria, e que todos ali orassem no seu coração, os homens avançando com passo decidido, as mulheres com a dignidade própria das mães, as moças com a graça pura e alegre da juventude, os rapazes cheios de vitalidade contida[211].

Quando se usa o *Rito adaptado da celebração do matrimônio sem celebração eucarística*, indicado especialmente para a celebração do matrimônio de noivos bem-preparados

locais como a bênção do pão e do vinho e a *benedictio thalami*." (NOCENT, Adrien. *O matrimônio cristão.* In: NOCENT, Adrien et al. *Os Sacramentos*: teologia e história da celebração. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 383-384).

[210] BUCCIOL, 2018, p. 149.

[211] GUARDINI, Romano. *Os sinais sagrados*. São Paulo: Quadrante, 1993, p. 12-13.

e participantes da comunidade eclesial, há duas maneiras propostas: a entrada do noivo e da noiva em separado e a entrada do noivo e da noiva em conjunto[212].

Independente da forma usada, procissão ou entrada em separado, é preciso cuidar para que as entradas, em especial em separado, não se transformem em desfiles. Além dos noivos, dos pais e das duas testemunhas, é comum entrarem mais casais, chamados popularmente de 'padrinhos'. Na forma canônica, não há padrinhos de casamento como se indica para o sacramento do batismo (CDC, cân. 872, 873, 874) e da crisma, (CDC, cân. 892, 893), e sim testemunhas, exigindo-se que sejam duas (CDC, cân. 892, 893).

Quando todos entram em caráter de procissão, é conservado o sentido do rito. Atualmente o que se percebe é que a entrada se transformou em um desfile, feito pausadamente, casal por casal, em que, muitas vezes, cada casal entra ao som de uma música distinta e realiza uma parada para ser fotografado, tornando a entrada um momento demasiadamente longo, tudo isso sendo orientado e ordenado, na grande maioria das vezes, pelos cerimonialistas. Seria de grande valor rever a maneira como se organizam essas entradas e ordená-las ao espírito da liturgia.

Ao chegarem ao altar, todos lhe fazem uma reverência e, naturalmente, dirigem-se aos seus lugares. O sacerdote, tendo feito a reverência, beija o altar e se dirige à sua cadeira, (RM, n. 82) de onde preside os ritos iniciais.

O *outro modo* (RM, n. 83-85) descrito para a entrada prevê outro lugar onde o sacerdote acolhe os noivos, já não mais à porta da Igreja, mas dentro da Igreja, no lugar preparado para eles. Assim, o sacerdote se dirige com os ajudantes para o lugar preparado para os noivos e, quando os noivos chegarem ao seu lugar, o sacerdote os acolhe, conforme as mesmas indicações do primeiro modo, depois faz reverência ao altar, beija-o e dirige-se para sua cadeira.

---

[212] Na Apresentação da segunda edição típica do Ritual do Matrimônio, Dom Clemente José Carlos Isnard, OSB, então responsável pela Linha 4 da CNBB (dimensão litúrgica) , explica a gênese e a razão do Rito Adaptado e a quem se destina: "A novidade deste volume é que contém também o Rito Adaptado do Matrimônio, elaborado por liturgistas brasileiros e aprovado pela 29ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e, posteriormente, confirmado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, com a recomendação de que não fosse impresso separadamente, mas em conjunto com o Rito Romano. Trata-se de um Rito Opcional, cujo uso é permitido a todos. Conservando as linhas gerais do Rito Romano, esse Rito Opcional, que poderíamos chamar de Rito Brasileiro, é mais rico em seu conteúdo pastoral, pois a celebração do Matrimônio envolve muitas pessoas, chamadas a participar, e também a Assembleia, em geral passiva e distraída. [.] O Rito Opcional é mais longo, e, talvez por isso, alguns relutarão em usá-lo. Mas é muito flexível, permitindo, conforme as circunstâncias, omitir certos acréscimos. Acredito que, usado com uma conveniente preparação dos noivos, representará uma grande bênção para a família brasileira. Como diz a Introdução, 'esse Rito será usado especialmente na celebração do Matrimônio de nubentes bem preparados e participantes da comunidade eclesial'." (MISSAL ROMANO. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1992, p. 7). A sigla MR equivale ao documento citado. Desse modo, o Rito Adaptado não é exclusivo para noivos bem-preparados, mas é permitido para todos, supondo que sejam casais cristãos. Como esse rito é mais rico em seu conteúdo pastoral, envolvendo mais pessoas na atuação durante a celebração, exige-se que haja uma preparação adequada para a celebração, não só dos noivos, mas especialmente deles, como daqueles que exercerão funções.

Beijar o altar, antes da Missa, mas também, caso se celebre o matrimônio sem Missa, indica respeito e reverência. Além disso, o altar é lugar de sacrifício onde as duas vocações se definem como vítimas para o sacrifício: sacerdócio e matrimônio. O sacerdote se oferece em sacrifício. O casal no matrimônio se oferece em sacrifício um pelo outro diante do altar. Guardini mostra a grandeza do altar, especialmente destinado ao sacrifício, como algo sublime:

> O que há de mais profundo na nossa alma é justamente essa capacidade para o sacrifício. Existe no mais íntimo do nosso ser um santuário cheio de silêncio e de uma translúcida clareza, do qual sobe para Deus o odor do sacrifício. O altar material é justamente a imagem visível desse santuário mais íntimo e mais silencioso de onde nasce toda a força do homem. Está colocado no lugar central da igreja, elevado e separado da nave, que por sua vez se encontra separada desse mundo onde se exerce toda a atividade humana. Está segregado de tudo o que é exterior, à semelhança do santuário da alma[213].

Trata-se, também, de ficar atentos aos desfiles das várias pessoas da cerimônia do matrimônio, músicas não litúrgicas da celebração ou atrasos da noiva. Essas intercorrências afetam de forma negativa a celebração litúrgica do matrimônio. Quando existe um desfile excessivo se perde o foco que os noivos são importantes para a celebração do matrimônio; também se fomenta a vaidade dos convidados/as dentro de um lugar sagrado, como é uma Igreja. O intuito do desfile, geralmente, não é produtivo, trata-se de uma repetição que não enriquece a cerimônia. Respeito ao que é repetitivo na liturgia deve ter um sentido, no caso do desfile nos casamentos, tornarem-se um transtorno, parecendo um desfile de modas, em alguns casos. Tomar consciência, também, com os fotógrafos para não interferirem no andamento da celebração, inclusive alguns atrapalham o assistente em momentos importantes.

Quando as músicas não são apropriadas para a celebração litúrgica, o ambiente de oração e da presença de Deus ficam comprometidos, pois a real intenção de casar-se na Igreja é ter a benção do Senhor. Depois, quando há atraso da noiva ou dos convidados, seja de propósito ou falta de programação, afeta na cerimônia, porque a Igreja tem um tempo dedicado à celebração do matrimônio; além do mais, quem se atrasa, a não ser por motivos razoáveis, manda um recado indireto que a cerimônia não tem a devida importância na vida do casal e não valoriza tanto a presença dos convidados e assistente da celebração.

Sobre a música litúrgica em geral, Joseph Ratzinger comenta sobre a aproximação dessa com a palavra, ou seja, reforça que existe o primado do *Logos* sobre *ethos*, a vontade antecede a razão. Assim, a objetividade da palavra precede o que se dirá na música. Na celebração do matrimônio, a música deveria se ater ao que está sendo celebrado. De fato, em

---

[213] GUARDINI, 1993, p. 45.

uma de suas obras sobre a liturgia, Ratzinger cita Guardini, para se referir ao *Logos* de todo culto cristão.

> A vontade precede a razão. E a música é a expressão mais original da existência humana; a expressão pura, que antecede a razão, da vontade que cria o mundo. Por isso a música não deve se sujeitar à palavra, e somente em casos excepcionais deve se ligar a ela. Visto que ela é só vontade, é mais original que a razão e nos conduz, antes dela, à verdadeira causa primeira do real. Vem à mente a reformulação goethiana do prólogo de João: não mais "No princípio era a Palavra", mas "No princípio era o ato." Em nosso século, esse processo continua na tentativa de substituir a "ortodoxia" pela "ortopráxis": não existe mais nenhuma fé comum (porque a verdade é inatingível), mas resta apenas uma práxis comum. Para a fé cristã, porém, permanece verdade aquilo que Guardini soube sublinhar com bastante clareza em sua obra-prima. O espírito da liturgia: o primado do *Logos* sobre o *ethos*. Quando esse primado é derrubado, o cristianismo como tal resulta desequilibrado. Contra o duplo deslocamento de eixo que a modernidade opera na interpretação da música - a música como pura subjetividade e a música como expressão da pura vontade - está o caráter cósmico da música litúrgica: nós cantamos com os anjos. Esse caráter cósmico se fundamenta, porém, na referência ao Logos de todo o culto cristão. Lancemos, pois, um último e breve olhar no presente. A dissolução do indivíduo, que hoje experimentamos juntamente com as formas radicais de subjetivismo, conduziu ao desconstrutivismo, à teoria anarquista da arte. Tudo isso pode, talvez, ajudar a superar a desmedida exaltação do indivíduo e a reconhecer novamente que é exatamente a relação com o *Logos* que está no princípio, aquilo que salva o indivíduo, isto é, a pessoa, e a reconduz à sua verdadeira relação com a comunidade: aquela relação que, em suma, se fundamenta no amor trinitário[214].

Cabe a cada sacerdote junto com os agentes de pastoral responsáveis pela pastoral litúrgica, em diálogo com os noivos, decidir a melhor maneira de realizar a procissão de entrada, considerando o espaço celebrativo e os costumes de cada lugar. Por isso, as paróquias devem dar as orientações para o andamento da celebração: espaço, tempo, músicas, ou seja, dar as diretrizes aos que irão participar do matrimônio.

3.1.2 Sinal da cruz e saudação ao povo

Feito o sinal da cruz, o sacerdote saúda o povo. Este momento do rito manifesta a reunião da assembleia, corpo místico de Cristo, congregada na fé em Deus Trindade.

O sinal da cruz consiste simultaneamente num gesto e diálogo, em que toda assembleia o faz, de pé, enquanto o sacerdote diz: "Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo", e a assembleia responde: "Amém!." Nesse pequeno diálogo orante está contida a fé elementar da Igreja (*lex orandi, lex credendi*) no Deus Uno e Trino e no Mistério Pascal de Cristo.

---

[214] RATZINGER, Joseph (Bento XVI). *Introdução ao Espírito da Liturgia*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 129-130.

A lei da oração é a lei da fé, ou, pode-se dizer: a maneira como se ora reflete aquilo que se crê. Essa máxima expressa uma verdade fundamental da tradição cristã: a oração (*lex orandi*) da Igreja, especialmente na liturgia, não está separada da doutrina (*lex credendi*), mas a expressa e molda a fé do povo cristão. Ou seja, a forma como a Igreja reza (suas orações, liturgia, ritos e celebrações) é um testemunho vivo daquilo que acredita e ensina. A liturgia é, portanto, uma fonte importante para entender a fé, porque o culto público e comunitário revela os conteúdos essenciais da crença cristã.

> Esse sinal resume os dois mistérios fundamentais da fé: a Unidade e Trindade de Deus – Pai e Filho e Espírito Santo – e o mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus Cristo. É sinal de pertença, dado no dia do batismo, e define a identidade do cristão. Como para dizer: "eu sou batizado, eu sou da família de Jesus, Ele é o meu Salvador, a cruz de Cristo dá sentido à minha vida"[215].

Considerando o caráter dialogal, não se prevê que todos rezem ou cantem juntos, cabendo ao povo responder firmemente com o *Amém*, confirmando a fé professada no sinal da cruz. É preciso cuidar da linguagem dessa profissão de fé que remete à fé em Deus Uno e Trino recebida no batismo, de forma que se deve questionar adaptações e acréscimos no texto que alteram o sentido da profissão de fé, à guisa de exemplo o texto que se canta: *em nome do Pai, em nome do Filho, em nome do Espírito Santo estamos aqui.* A teologia ensina que Pai e Filho e Espírito Santo não são nomes de Deus, mas Pessoas em Deus. Deus é Pai e Filho e Espírito Santo. A comunidade se reúne em nome de Deus Uno e Trino[216].

A tendência que se observa é que, para dar "caráter de festividade" à celebração, começa-se cantando o sinal da cruz, não o rito cantado, mas adaptações em que a linguagem não corresponde à fé da Igreja. Além disso, em algumas adaptações cantadas, o sinal da cruz é repetido, às vezes complementado com outros textos, gestos e coreografias. Do ponto de vista do sinal litúrgico que é eficaz, isto é, que realiza o que significa: Qual o sentido de repeti-lo? Não seria uma repetição inútil?[217].

> "Sê tu uma bênção!", disse Deus a Abraão no início da história da salvação (Gn 12,2) . Em Cristo, filho de Abraão, esta palavra foi plenamente cumprida. Ele é uma bênção;

---

[215] BUCCIOL, 2018, p. 21.

[216] Para aprofundar a respeito da doutrina da Trindade, conferir em MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática católica*: teoria e prática da teologia. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 297-338.

[217] Em dois momentos, a *Sacrosanctum concilium*, tratando da harmonia dos ritos e da revisão do Ritual da Missa, chama a atenção para as repetições de sinais: "Os ritos brilhem por sua nobre simplicidade; sejam claros e breves, evitando repetições inúteis; estejam ao alcance da compreensão dos fiéis, para evitar a necessidade de muitas explicações" (SC, n. 34) e "[.] os ritos sejam simplificados sem perder sua substância; suprimam-se todos os acréscimos inúteis ou duplicados, que foram colocados com o passar dos tempos [.]" (CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição conciliar Sacrosanctum Concilium.* Roma: 1963, n. 50. Disponível em: Sacrosanctum Concilium. Acesso em: 20 jul. 2025).

> bênção para a criação inteira e para todos os seres humanos. A cruz, que é o seu sinal no céu e na terra, tornou-se o verdadeiro gesto de bênção para os cristãos. Façamos em nós o sinal da cruz e entremos, assim, no poder bendizente de Jesus Cristo; tracemos esse sinal sobre as pessoas para as quais desejamos a bênção; tracemos também sobre as coisas que nos acompanham na vida e que queremos receber novas pela mão de Jesus Cristo. Por meio da cruz podemos nos tornar bendizentes uns para os outros. Pessoalmente, nunca esquecerei com que devoção e fervor interior meu pai e minha mãe nos marcavam, ainda crianças, com a água benta, traçando em nós o sinal da cruz na testa, na boca e no peito, se tínhamos de sair, especialmente quando se tratava de uma ausência particularmente longa. Essa bênção era um gesto de acompanhamento pelo qual nos sentíamos guiados: o fazer se visível da oração dos pais que nos acompanhava e a certeza de que essa oração era sustentada pela bênção do Redentor. A bênção era também uma advertência para que não saíssemos do espaço dessa bênção. Abençoar é um gesto sacerdotal: naquele sinal da cruz percebíamos o sacerdócio dos pais, a sua particular dignidade e a sua força. Penso que esse gesto de abençoar, como plena e benévola expressão do sacerdócio universal de todos os batizados, deve voltar com força a fazer parte da vida cotidiana e impregná-la com a energia do amor que vem do Senhor[218].

A *saudação ao povo* não consiste numa saudação social cotidiana com boas-vindas, mas trata-se verdadeiramente de uma saudação litúrgica que expressa à comunidade reunida a presença do Senhor, de forma que "[.] essa saudação e a resposta do povo exprimem o mistério da Igreja reunida" (IGMR, n. 50).

O Ritual apresenta duas saudações possíveis, que também são encontradas no Missal Romano, de forma que é possível usar as outras fórmulas propostas no Missal, observando eventuais peculiaridades próprias do conteúdo da saudação. As duas fórmulas para a saudação propostas pelo Ritual são:

Saudação ao povo[219]	
Primeira fórmula	*Segunda fórmula*
A graça e a paz de Deus, nosso Pai, e de Jesus Cristo, nosso Senhor, estejam convosco! *Povo responde:* Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.	A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco! *Povo responde:* Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Nas duas saudações, deseja-se graça, paz, amor e comunhão da parte de Deus à assembleia, que responde bendizendo a Deus que a reuniu no amor de Cristo. É clara a sua

[218] RATZINGER, 2013, p. 153.
[219] Conferir em RITUAL ROMANO. *Ritual do Matrimônio*. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1993, n. 86.

finalidade: expressar a presença do Senhor à comunidade reunida. A respeito disso, Taborda comenta:

> A saudação expressa o desejo da presença e da ação de Deus nos fiéis presentes. Não é mera saudação vulgar, cotidiana ("Bom dia") , pois *não é uma saudação do presidente como indivíduo* que dá boas-vindas às pessoas casualmente reunidas naquele espaço. O presidente saúda a assembleia expressando que não nos reunimos por nós mesmos, mas convocados por Deus, e o faz em nome de quem nos convocou, exercendo sua função presidencial, dirigindo-se à assembleia da parte de Deus, que a constitui como ἐκκλησία. A assembleia compreende bem de que se trata, quando à saudação trinitária responde com uma bênção que é, ao mesmo tempo, uma profissão de fé: "Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo." A saudação fala, portanto, da Igreja convocada pela Trindade à imagem da unidade trinitária, que é unidade na diversidade, e fala também de que a convocação é graça e dela necessitamos para celebrar os grandes feitos de Deus[220].

É preciso cuidar para que não se introduzam adaptações à saudação, no que diz respeito à linguagem, que desviem de seu sentido, como por exemplo, a menção da Bem-Aventurada Virgem Maria, que não é pessoa da Trindade. A devoção pessoal à Nossa Senhora não é critério para sua livre inserção nos textos litúrgicos.

3.1.3 Alocução aos noivos e aos presentes

A alocução é um pequeno comentário com tom catequético dirigido aos noivos (*N.* e *N.*) [221] e aos presentes, cuja finalidade é predispô-los e introduzi-los à celebração. O lugar próprio desse "comentário" não é antes de começar a celebração, mas após a saudação, assim como para a missa, pois nesse momento a assembleia litúrgica já está constituída (IGMR, n. 50).

Pelo costume, que tem suas razões históricas, de fazer o comentário antes das celebrações, parece estranho fazê-lo no lugar indicado pelos livros litúrgicos. Acontece que antes da celebração um ministro procede com a leitura da introdução à celebração (comentário) e, após a saudação, o sacerdote faz a leitura da introdução prescrita no livro litúrgico, de forma que são feitas duas alocuções com o mesmo conteúdo, embora com palavras distintas, mas com a mesma finalidade.

O Ritual orienta que o sacerdote "fará uma breve alocução aos noivos e aos presentes, predispondo-os à celebração do Matrimônio, com estas ou outras palavras" (RM, n. 87). Não é obrigatória a leitura das introduções à celebração apresentadas pelo Ritual, mas elas podem

[220] TABORDA, 2015, p. 169.
[221] Sempre que aparecerem indicadas as letras *N.* e *N.*, devem ser ditos os nomes dos noivos.

servir de inspiração para a elaboração de outro texto, talvez mais condizente à realidade dos noivos e da comunidade, considerando a finalidade própria da alocução.

Introdução à celebração (RM, n.87-88)	
Primeira fórmula	*Segunda fórmula*
Para a celebração deste casamento, meus irmãos e irmãs, felizes aqui nos reunimos na casa do Senhor, no dia em que estes nossos amigos *N.* e *N.* resolveram estabelecer o seu novo lar. Para eles este momento é de suma importância! Por isso, vamos acompanhá-los com a nossa amizade e nossa oração fraterna. Unidos a eles, ouviremos atentamente a Palavra que hoje Deus nos dirige. E depois, juntamente com a Santa Igreja, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, vamos pedir a Deus Pai que acolha, abençoe, e mantenha sempre unidos estes noivos, seus servos e nossos irmãos.	*N.* e *N.*, a Igreja participa da vossa alegria e vos recebe de coração, assim como a vossos pais, parentes e amigos, neste dia em que, diante de Deus, nosso Pai, ireis firmar entre vós uma aliança para toda a vida. Que o Senhor vos ouça neste dia de tanta felicidade, e vos mande o auxílio celeste, e assim vos conserve por muito tempo, e vos conceda muitas graças, segundo o vosso coração, e vos realize todas as vossas aspirações.

Os dois textos conservam a brevidade, o tom catequético, o afeto e a alegria pela celebração do matrimônio na vida dos noivos. A primeira fórmula orienta o desenvolvimento do rito, enquanto a segunda manifesta o desejo da Igreja diante da aliança que os noivos vão celebrar. Essas mesmas introduções estão previstas para o matrimônio celebrado dentro da missa (edição típica).

A forma da execução e a estrutura dos comentários muda na forma adaptada da celebração, devido a forma das entradas em separado ou em conjunto (Apêndice – rito adaptado da celebração).

Em suma, a introdução à celebração não é momento da biografia dos noivos, nem de mini homilia, mas essencialmente para ajudar a todos a entrarem conscientes na celebração.

3.1.4 Oração do dia ou Oração coleta

É apresentada uma *oração do dia*, também chamada de *oração coleta*, cuja orientação imediata indica que outras orações podem ser usadas em sua substituição (RM, n. 89). Essas orações, como nenhuma outra oração da celebração, não são de criação espontânea do sacerdote ou elaboradas por cerimonialistas, os quais não têm direito e nem competência para isso. As outras orações coletas que podem ser usadas em substituição encontram-se no Capítulo V do Ritual (RM, n. 223-228) , somando seis opções,[222] sendo que uma delas é aquela disposta no Capítulo II, a saber:

Oração do dia (RM, n. 89, 225)
Atendei, ó Deus, as nossas súplicas e derramai as vossas bênçãos sobre *N.* e *N.*, para que, unindo-se em Matrimônio diante do vosso altar, sejam confirmados na caridade. Por Cristo, nosso Senhor. R/. Amém.

Existem outras orações que evocam a união entre homem e mulher criados a imagem e semelhança de Deus, orações que falam sobre aliança conjugal e orações que mostram a união entre Cristo e a Igreja no casal (PRESBITERAL, 2008, p. 342-343). Em todas elas há de se cuidar do que mais ajude ao casal para a vivência do matrimônio.

Esta é uma oração concisa, constituída de uma invocação simples (*ó Deus*), que expressa o louvor sem desdobramento por uma oração relativa em que recorda alguma ação concreta de Deus na História da Salvação, seguido do breve pedido (*atendei. derramai.*), implora que Deus conceda o benefício aos noivos (*unindo-se em Matrimônio*) e evoca o caráter eclesial-sacramental da celebração (*diante do vosso altar*), finalizando com o objetivo da súplica (*sejam confirmados na caridade*). A oração é dirigida a Deus Pai e concluída de forma

[222] A escolha das orações deve ser feita com atenção ao seu conteúdo, considerando o rito e os noivos. Nesse sentido, o Ritual do Matrimônio orienta que a primeira oração do dia (RM, n. 223) não deve ser usada juntamente com a primeira fórmula da bênção nupcial (RM, n. 74; 105), sendo indicadas as outras fórmulas de bênção nupcial (RM, n. 242; 244), evitando a repetição do conteúdo eucológico das orações. O cuidado com o conteúdo da oração em relação à condição dos noivos (se já forem de idade avançada, por exemplo) deve ser atentado na quarta opção de oração do dia (RM, n. 226), em que suplica aos noivos que enriqueçam de filhos a Igreja, ao modo do que orienta a bênção nupcial na omissão do trecho da bênção em que suplica "sejam eles fecundos em filhos" (RM, n. 105).

breve (*Por Cristo, nosso Senhor*), afirmando a mediação do Filho, seguida da aclamação do povo (*Amém*) [223].

Após o convite à oração *Oremos,* indica-se que todos se conservem em silêncio por um momento, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos (IGMR, n. 54), sendo necessário que realmente se deixe um tempo conveniente para a oração silenciosa individual e, por isso, não é momento adequado para falar as intenções do sacerdote ou dos fiéis. Concernente à oração coleta, Augé escreve:

> As coletas são formulários de grande intensidade em sua concisão, que já aparecem no *Sacramentário Veronense*, com o nome *oratio*. Provavelmente deva ser considerada uma oração pessoal dos fiéis que, convidados pela admoestação "oremus", se recolhem e a sua oração é concluída depois justamente pela "coleta", que reúne de algum modo a oração pessoal de cada um. Trata-se de uma oração de quem preside. O texto da oração geralmente é dirigido ao Pai e faz menção da festa do dia[224].

Acerca do matrimônio celebrado dentro da missa, nos dias em que se permitem as missas rituais, usa-se o formulário da missa pelos esposos,[225] caso contrário, se for missa com o casamento celebrado em dia de domingo e participada pela comunidade paroquial, tome-se a missa do dia com suas leituras próprias, conservando a bênção nupcial e, se for oportuno, a fórmula própria da bênção final (IGMR, n. 34, n. 54).

Concluída a oração coleta, encerram-se os ritos iniciais e, então, a assembleia e os noivos foram devidamente preparados para ouvirem a palavra de Deus e celebrarem o sacramento do matrimônio.

3.1.5 Considerações sobre o ato penitencial e o Glória

Como se nota, o *ato penitencial* e o *Glória* não constam na celebração do matrimônio sem missa. Quando o matrimônio for celebrado dentro da missa, indica-se expressamente, após a introdução à celebração, que o ato penitencial seja omitido (RM, n.53). Em relação a isso, a Instrução Geral do Missal Romano orienta: "Em certas celebrações que se ligam com a Missa, de acordo com as normas dos livros litúrgicos, omitem-se os ritos iniciais ou são realizados de um modo próprio" (IGMR, n. 46). No caso da celebração do matrimônio, em todas as suas formas, sendo ela um ambiente festivo, convém omitir o ato penitencial, pois o perdão de Deus

[223] As seis orações apresentadas no Capítulo V são concluídas de forma mais longa com a conclusão trinitária por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo, em especial para o matrimônio na missa.
[224] AUGÉ, 2013, p. 164-165.
[225] Assim apresenta o Missal Romano, p. 800, *missa pelos esposos* (conferir em MISSAL ROMANO. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1992). O Ritual do Matrimônio usa a expressão *missa de casamento*, p. 27 (conferir em IGRM, n. 34), sendo equivalentes.

já veio antes, por meio do sacramento da penitência. O sacramento do matrimônio se celebra num clima de festa no Senhor.

Segundo Jungmann (2009, p. 353), "diferentemente do *Kyrie*, o Glória era, desde o início, um canto, mas um canto da comunidade, não de um grupo particular de cantores." Isso mostra o teor comunitário do Glória, que aos poucos na história foi introduzido na Missa. Por isso, caso o matrimônio venha a se celebrar com Missa, o Glória é cantado, dado que o matrimônio é um ato público da Igreja, que celebra a vida conjugal do casal.

No que diz respeito ao Glória, está previsto na missa ritual pelos esposos, conforme a terceira edição típica do Missal Romano,[226] assim como para as missas dominicais, como de costume, conforme ordena a norma litúrgica:

> O *Glória* é um hino antiquíssimo e venerável, pelo qual a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro. O texto deste hino não pode ser substituído por outro. [.] Se não for cantado, deve ser recitado por todos juntos ou por dois coros dialogando entre si. É cantado ou recitado aos domingos, exceto no tempo do Advento e da Quaresma, nas solenidades e festas e ainda em celebrações especiais mais solenes (IGMR, n. 53).

Considerando o matrimônio na missa dominical, omitido o ato penitencial, antes do Glória pode ser cantado o *Senhor, tende piedade*,[227] que, nesse caso sozinho, não constitui ato penitencial, sendo aclamações que os fiéis dirigem ao Senhor e imploram a sua misericórdia[228].

3.2 Liturgia da Palavra

A Introdução Geral do Ritual do Matrimônio afirma que a liturgia da Palavra é um dos principais elementos da celebração, que "encarece a importância do Matrimônio cristão na história da salvação, bem como sua tarefa de promover a santificação do casal e dos filhos" (IGRM, n. 35).

Assim, a proclamação das leituras bíblicas é de grande relevância para a catequese que se deve fazer sobre o sacramento do matrimônio e os deveres conjugais, por meio delas é revelado à assembleia dos fiéis o mistério da redenção e da salvação e é oferecido alimento espiritual. "A rigor, sempre lemos Cristo, lemos esse livro vivo que é Cristo Jesus, a Palavra pessoal que Deus nos. E é ele mesmo que, como aos discípulos de Emaús, nos explica as

---

[226] "*Actus pœnitentialis omittitur. Dicitur* Glória in excélsis" (MISSALE ROMANUM. Editio Typica Tertia. Typis Vaticanis, MMVIII, p. 1023).

[227] Quando a Liturgia das Horas é celebrada dentro da missa, indica-se o mesmo: "[.] Após a salmodia, omite-se o ato penitencial e, se parecer oportuno, o *Senhor, tende piedade*. Recita-se depois o *Glória*, segundo as rubricas [.]" (Conferir em LITURGIA DAS HORAS SEGUNDO O RITO ROMANO. 2ª edição típica. V. 1. Tempo do Advento e Tempo do Natal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, n. 94).

[228] Conferir em CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 35.

Escrituras, o que dele dizem os profetas e, também, os salmos do AT" (ALDAZÁBAL, 2002, p. 408).

> Mediante as leituras é preparada para os fiéis a mesa da Palavra de Deus e abrem-se para eles os tesouros da Bíblia. Por isso, convém observar a disposição das leituras bíblicas pela qual se manifesta a unidade dos dois Testamentos e da história da salvação; nem é permitido trocar as leituras e o salmo responsorial, constituídos da Palavra de Deus, por outros textos não bíblicos (IGMR, n. 57).

A importância da ordem na liturgia da Palavra não é por acaso. "Encontramos logo os elementos desta ordem, de forma palpável, na liturgia da comunidade cristã" (JUGMANN, 2009, p. 387)[229]. Os elementos dispostos na liturgia da Palavra são muito antigos, remontam a Justino, que na descrição da Missa dominical, coloca a seguinte sequência: leituras, homilia do presidente e a oração comunitária da assembleia[230]. Por isso, na celebração do matrimônio, essa ordem deve ser executada para instrução do casal e para passar a mensagem ao povo de Deus. É o momento em que Deus fala e seus filhos e filhas escutam.

Pelo menos até agora, no Brasil, não há um lecionário próprio que contenha as leituras bíblicas para as celebrações dos sacramentos, e, por isso, é utilizado o próprio Ritual para a proclamação da Palavra de Deus. Em vista da dignidade própria da Palavra de Deus, não convém que as leituras sejam proclamadas de folhetos ou simples livretos.

> Os livros de onde se tiram as leituras da Palavra de Deus, assim como os ministros, as atitudes, os lugares e demais coisas, lembram aos fiéis a presença de Deus que fala ao seu povo. Portanto, é preciso procurar que os próprios livros, que são sinais e símbolos das realidades do alto na ação litúrgica, sejam verdadeiramente dignos, decorosos e belos. [.] os livros das leituras que se utilizam na celebração, pela dignidade que a Palavra de Deus exige, não devem ser substituídos por outros subsídios de ordem pastoral, por exemplo, pelos folhetos que se fazem para que os fiéis preparem as leituras ou as meditem pessoalmente (IL, n. 35, 37).

As leituras bíblicas dispostas para a celebração inserem o matrimônio na história da salvação, colocando-o em relação ao ordenamento originário da criação e unindo-o à aliança nupcial de Cristo com a Igreja. Nesse sentido, Matias Augé comenta:

> O matrimônio celebrado é, portanto, criação de Deus; faz parte do grande projeto que brotou do amor de Deus. O matrimônio é também colocado na moldura da aliança: a aliança é uma iniciativa que parte do amor gratuito de Deus, que no matrimônio convida exatamente para o amor. O caminho salvífico da aliança "Deus-povo" atinge sua síntese expressiva na aliança "Cristo-Igreja" e, portanto, também o matrimônio

[229] Aprofundar: linhas de ligação são apresentadas em Baumstark, *Liturgie comparée,* 47-50. – Sobre a leitura das escrituras na Igreja primitiva em geral, conferir em NIELEN, Johannes Maria. *Gebet und Gottesdienst im Neuen Testament.* Freiburg: Herder, 1937, 177-182.
[230] *Ibidem.*

> realiza plenamente a si mesmo quando exprime de fato a união esponsal entre Cristo e a Igreja[231].

Para a celebração do matrimônio com missa, o Ritual orienta: "'Poderá haver três leituras, sendo a primeira do Antigo Testamento; mas no Tempo pascal, do Apocalipse' (RM, n. 179-222). Escolha-se sempre ao menos uma leitura que fale claramente do Matrimônio" (RM, n. 55).

A Liturgia da Palavra está orientada para a Liturgia Eucarística, onde se encontra a sua plenitude, e, de fato, a Palavra antecede o Pão, mas trata-se sempre de alimento. Para o casal, que é católico, os dois alimentos são necessários, no caso de não católico o alimento da Palavra é importante. Com isso, a escolha das leituras atesta certa afinidade ao se alimentar de Deus. "Apesar de toda veneração respeitosa com a qual a Igreja trata a Palavra da Escritura, nós a administremos com certa liberdade, na consciência de que, afinal, é sua tarefa partir aos fiéis o pão da Palavra de Deus."[232].

Para a celebração do matrimônio sem missa, indica-se que a liturgia da Palavra siga como de costume, propondo as leituras bíblicas do Capítulo I, (RM, n. 90) que "exprimem mais peculiarmente a importância e a dignidade do Matrimônio no mistério da salvação" (RM, n. 56), a saber: 1ª leitura (Gn 1,26-28.31a); Salmo responsorial (Sl 127 (128) ,1-2.3.4-5ac e 6a); 2ª leitura (Ef 5,2a.25-32); Aleluia e versículo antes do Evangelho, para os tempos fora da Quaresma (Sl 133 (134), 3) e no tempo da Quaresma (1Jo 4,16b.12.11 – R/. Sl 80,2); Evangelho de Mt 19,3-6. Ou ainda podem ser tomadas outras leituras bíblicas indicadas no Capítulo V[233].

Quando não se celebra a missa ritual, mas, sim, a missa do dia, cujas leituras são próprias, pode-se usar uma das leituras para a missa pelos esposos, a não ser que ocorra um dos dias assinalados na Tabela dos dias litúrgicos (IGMR, n.1-4). É importante ressaltar que sempre, ao menos se escolha uma leitura que fale claramente sobre o matrimônio (PRESBITERIAL, 2008 n. 343), entendendo - leitura - como as leituras na Liturgia da Palavra como um todo: leitura, salmo e evangelho.

Não obstante a celebração ocorra sem missa, poderão ser proclamadas as três leituras. Nesse caso, o elenco das leituras é regulado pelo Ritual e, não, pelas indicações da distribuição

---

[231] AUGÉ, 2013, p. 235.
[232] JUNGMANN, 2009, p. 396.
[233] Conferir em RITUAL ROMANO. *Ritual do Matrimônio*. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1993, n. 90; 179-222.

das leituras aos domingos e solenidades e aos dias de semana referentes à missa (RB, n.48)[234]. A preferência é pela proclamação das três leituras, embora, por motivos pastorais, podem ser feitas apenas duas leituras, conforme decisão da CNBB na XI Assembleia Geral, em 1970[235].

Assim, a sequência da liturgia da Palavra se apresenta como primeira leitura, salmo responsorial, segunda leitura, aleluia e versículo antes do Evangelho, Evangelho e homilia.

Vejamos o elenco de leituras bíblicas proposto no Capítulo V – Vários textos a serem usados no rito do matrimônio e na missa "pelos esposos" (RM, n. 179-222), que não configura um lecionário tipicamente ordenado, com primeira leitura seguida do respectivo salmo e versículo próprio antes de cada Evangelho. A apresentação das perícopes das leituras (primeira, segunda e Evangelho) será acompanhada de um comentário breve, introdutório e genérico sobre seu conteúdo.

3.2.1 Primeira leitura

A primeira leitura é escolhida do Antigo Testamento, exceto no tempo pascal que deve ser usada a leitura do livro do Apocalipse (RM, n.5). O Ritual propõe nove leituras e orienta que seja sempre escolhida ao menos uma leitura que fale claramente sobre o matrimônio, assinalando tais leituras com um asterisco. Por isso, coloca-se a seguir o quadro de leituras do Antigo Testamento e do Apocalipse para a devida escolha:

Leituras do Antigo Testamento (fora do tempo pascal)	
*Gn 1,26-28.31a	*Deus os criou homem e mulher* O texto destaca a criação do casal na unidade, como imagem e semelhança de Deus, e seu chamado a colaborar com a obra da criação.
*Gn 2,18-24	*E eles serão uma só carne* Expressa a igualdade entre os dois sexos e sua complementaridade, de forma que a união sexual pode ser compreendida nesse texto relacionada ao seu arquétipo divino: Cristo-Igreja.

[234] "[.] A sucessão de leituras propostas para as demais partes do *Elenco das Leituras da Missa*, tais como a série de leituras para as celebrações dos santos, para as missas rituais ou por diversas necessidades, ou as votivas, ou as missas de defuntos, rege-se por normas próprias" (IL, n. 65). É possível verificar na celebração de batismo sem missa que a liturgia da Palavra é regida por norma própria, indicando-se também três leituras.

[235] "Nas missas em que se propõem três leituras é preciso fazer efetivamente as três. Não obstante, se a Conferência Episcopal, por motivos pastorais, permitir que em alguma parte se façam somente duas leituras, a escolha entre as duas primeiras deve ser feita de modo que não se desvirtue o projeto de instruir plenamente os fiéis sobre o mistério da salvação" [.] (IL, n. 79).

*Gn 24,48-51.58-67	*Isaac tanto amou Rebeca que foi consolado pela morte da mãe* Salienta o amor humano e relata que foi o Senhor quem deu a Isaac a sua esposa.
*Tb 7,6-14	*Que o Senhor do céu vos faça felizes, meu filho, e vos conceda misericórdia e paz* Trata-se da descrição da cerimônia do matrimônio de Tobias e Sara.
*Tb 8,4b-8	*Que cheguemos, juntos, a uma idade avançada* A perícope apresenta a oração de Tobias e Sara na primeira noite de núpcias cujo conteúdo expressa uma teologia da união matrimonial e suplica a misericórdia de Deus para que cheguem até o fim da vida, juntos.
*Pr 31,10-13.19-20.30-31	*A mulher que teme ao Senhor, esta sim, merece louvor* De caráter sapiencial, o texto apresenta a mulher temente ao Senhor como forte e mais valiosa do que as joias a que confia plenamente seu marido, resultando numa vida próspera e alegre.
Ct2,8-10.14.16a; 8,6-7ª	*O amor é forte como a morte* O texto pode contribuir para tratar da problemática do erotismo contemporâneo e do amor que não deve ser passageiro.
*Eclo 26,1-4.16-21	*Como o sol que se levanta nas alturas, assim é o encanto da boa esposa na casa bem-ordenada* O texto é de caráter poético e sapiencial, enumerando qualidades que a noiva deve ter.
Jr31,31-32a.33-34a	*Concluirei com a casa de Israel e a casa de Judá uma nova aliança* Expressa a nova aliança desejada por Deus entre a casa de Israel e de Judá onde se pode fazer a relação do arquétipo do matrimônio.
Leitura do Apocalipse (no tempo pascal)	
Ap 19,1.5-9ª	*Felizes são os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro* A relação com o matrimônio pode ser feita a partir da imagem das núpcias do Cordeiro, o Cristo, com sua Esposa, a Igreja, vestida de linho brilhante e puro, significando suas obras justas.

3.2.2 Salmo responsorial

O salmo responsorial faz parte da antiga tradição da Igreja. Sua colocação nas diversas cerimônias da Igreja é unânime. "Em tempos de Santo Agostinho era um dos elementos preferidos da liturgia da palavra: ele mesmo em suas homilias o cita com frequência, e às vezes o converte em seu tempo principal."[236].

A finalidade do salmo é de contemplação e interiorização da palavra dentro da celebração, especialmente aos noivos. Um modo de fazer penetrar a palavra de Deus nos corações.

> (.) o salmo prolonga poeticamente a mensagem da primeira leitura, que assim é aprofundada, entre as estrofes do salmista e a resposta, de preferência cantada, da comunidade. O salmo quer ajudar a interiorizar a palavra, à qual faz eco (.) sobretudo com o canto[237].

Após a primeira leitura segue o salmo responsorial, que é parte integrante da liturgia da Palavra. Esse favorece a meditação da Palavra de Deus, sendo de grande importância litúrgica e pastoral (IGMR, n. 61), devendo ser cantado ou recitado do ambão ou de outro lugar adequado (IGMR, n. 61; IL, n. 22). Nesse sentido, não cabem salmos de meditação ou cantos de meditação, como o "Sonda-me", substituindo o salmo responsorial.

Salmos responsoriais	
Sl 32 (33) ,12 e 18.20-21.22	R/ (5b): *Transborda em toda a terra a sua graça!*
Sl 33 (34) ,2-3.4-5.6-7.8-9	R/ (2a): *Bendirei o Senhor Deus em todo tempo.* Ou 9a: *Provai e vede quão suave é o Senhor!*
Sal 102 (103) ,1-2.8 e 13.17-18a	R/ (8a): *O Senhor é indulgente, é favorável.* Ou (cf. 17): *O amor do Senhor Deus por quem o teme é de sempre e perdura para sempre.*
Sl 111 (112) ,1-2.3-4.5-7a.7bc-8.9	R/ (cf.1): *Feliz de quem anda na lei do Senhor.* Ou: *Aleluia.*
*Sl 127 (128) ,1-2.3.4-5	R/ (cf.1): *Felizes os que temem o Senhor.*

[236] ALDAZÁBAL, 2002, p. 415. Sabemos que às vezes se proclamava este salmo do ambão, e outras vezes do estrado ou degrau. Daí seu nome de "salmo gradual." No rito hispânico o canto equivalente, depois da primeira leitura, é o *psallendum*"

[237] ALDAZÁBAL, 2002, p. 415-416.

	Ou (4): *Será assim abençoado todo aquele que teme o Senhor*[238].
Sl 144 (145) ,8-9.10 e 15.17-18	R/ (9a): *O Senhor é muito bom para com todos.*
Sl 148,1-2.3-4.9-10.11-13ab.13c-14a	R/ (13a): *Louvem todos o nome do Senhor.* Ou: *Aleluia.*

No Capítulo V, apesar de não se indicar precisamente qual salmo deve ser usado em cada leitura, não se pode inferir que qualquer salmo pode servir a qualquer uma das leituras, de modo aleatório, pois orienta-se que ele corresponda a cada leitura (IGMR, n.61). Considerando essa organização, a edição típica do Lecionário III (1972) do Missal Romano,[239] dispõe um ordenamento, conforme segue:

Lectionarium III – In celebratione matrimonii[240]	
Primeira leitura	**Salmo responsorial**
Gn 1,26-28.31ª	Sl. 32,12 e 18.20-21.22 (R. 5b)
Gn 2,18-24	Sl. 148,1-2.3-4.9-10.11-13 (R. cf. 12c)
Gn 24,48-51.58-67	Sl. 144,8-9.10 e 15.17-18 (R. 9a)
Tb 7,9c-10.11c-17	Sl. 32,12 e 18.20-21.22 (R. 5b)
Tb 8,5-10	Sl. 102,1-2.8 e 13.17-18a (R. 8a)
Ct 2,8-10.14.16a; 8,6-7ª	Sl. 127,1-2.3.4-5 (R. 4)
Eclo 26,1-4.16-21	Sl. 33,2-3.4-5.6-7.8-9 (R. 2a)
Jr 31,31-32a.33-34ª	Sl. 111,1-2.3-4.5-7a.7bc-8.9 (R. cf. 1).
Ap 19,1.5-9a (tempo Pascal)	*Sem indicação*

A edição típica latina do Lecionário III indica nove textos bíblicos para a primeira leitura, considerando o livro do Apocalipse indicado para o tempo Pascal. São as mesmas indicações que aparecem no *Ordo Lectionum Missæ de 1981 (editio typica altera) ,*[241] *exceto as seguintes alterações: em Tb 7, 9c-10.11c-17 para Tb 7,6-14, e Tb 8,5-10 para Tb 8,4b-8,*

[238] Note-se que há uma pequena variação no refrão do mesmo salmo disposto no Capítulo I: *Será assim abençoado, quem teme o Senhor*; e o acréscimo de um versículo na terceira estrofe: [6a]*Para que vejas prosperar Jerusalém e os filhos dos teus filhos.*
[239] Conferir em MISSALE ROMANUM. *Lectionarium III – Pro missis de sanctis, ritualibus, ad diversa, votivis et defunctorum.* Editio Typica. Typis Polyglottis Vaticanis: MCMLXXII.
[240] Conferir em MISSALE ROMANUM, MCMLXXII, p. 542-552.
[241] Conferir em MISSALE ROMANUM. *Ordo Lectionum Missæ*. Editio typica altera. Libreria Editrice Vaticana: MCMLXXXI.

correspondendo às indicações das leituras no Ritual do Matrimônio na segunda edição típica aqui utilizada. O Ordo Lectionum Missæ apresenta o elenco de leituras, sem indicar qual salmo deve ser usado à respectiva primeira leitura, essa é organização apresentada propriamente no Lecionário. A leitura de Pr 31,10-13.19-20.30-31 indicada na segunda edição típica brasileira do Ritual do Matrimônio não aparece no elenco de leituras do *Lectionarium III (*1972) nem no *Ordo Lectionum Missæ (1981).*

3.2.3 Segunda leitura

Normalmente, a ocorrência de uma segunda leitura dá-se em missas dominicais ou solenes, de modo que o povo reunido seja alimentado mais abundantemente pela escuta da Palavra. O Ritual do Matrimônio diz que "Poderá haver três leituras, sendo a primeira do Antigo Testamento," (RM, n. 55). de modo que, havendo a segunda leitura, seja tomada do Novo Testamento. São quatorze opções.

Leituras do Novo Testamento	
Rm 8,31b-35.37-39	*Quem nos separará do amor de Cristo?* É possível pôr em evidência a solidez da ligação entre os noivos e do seu amor recíproco, por causa do amor de Cristo.
Rm 12,1-2.9-18 (mais longa) Ou Rm 12,1-2.9-13 (mais breve)	*Oferecei-vos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus* A leitura faz referência ao culto espiritual e enumera as atitudes do cristão diante dos outros, que podem ser aplicadas à oferta recíproca dos noivos, em sua aliança matrimonial, imagem da aliança Cristo-Igreja.
Rm 15,1b-3a.5-7.13	*Acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo vos acolheu* Exorta que ninguém deve buscar a própria satisfação, mas deve procurar agradar ao próximo para o bem e edificação, tendo Cristo como modelo. Exorta-se a acolhida mútua.
1Cor 6,13c-15a.17-20	*Vosso corpo é santuário do Espírito Santo* A liberdade do cristão não pode ser confundida com má conduta, pois ele pertence ao Senhor, de modo que o verdadeiro casal, conforme os princípios cristãos, pode usar legitimamente o corpo.
1Cor 12,31-13,8ª	*Se eu não tiver caridade, não sou nada*

	Enumeram-se as qualidades do amor, que se referem não apenas aos noivos, mas a todos os cristãos.
Ef 4,1-6	*Há um só corpo e um só Espírito* Exorta a viver na unidade, com humildade e mansidão, suportando uns aos outros com paciência e amor. Não se refere apenas aos noivos, mas a todos os cristãos, podendo fazer destaque à vocação matrimonial.
*Ef 5,2a.21-33 (mais longa) Ou Ef 5,2a.25-32 (mais breve)	*Este mistério é grande, e eu o interpreto em relação a Cristo e à Igreja* Essa leitura favorece a relação do amor e aliança Cristo-Igreja, sinal sacramental na aliança do casal esposo-esposa.
Fl 4,4-9	*O Deus da paz estará convosco* O texto convida à alegria e à paz em Deus, não se inquietando com coisa alguma, mas apresentando a Deus as necessidades em orações e súplicas, acompanhadas de ação de graças.
Cl 3,12-17	*Sobretudo, amai-vos uns aos outros, pois o amor é o vínculo da perfeição* O texto não é exclusivo aos noivos, mas a todo cristão, de forma que, no contexto do matrimônio, pode-se recordar as qualidades do amor.
Hb 13,1-4a.5-6b	*O matrimônio seja honrado por todos* Destaca o amor fraterno de forma geral, exorta à honra do matrimônio e à vida matrimonial e enfatiza a ação da providência divina.
*1Pd 3,1-9	*Sede todos unânimes, compassivos e fraternos* A mensagem do texto se aplica a todos os cristãos e a todas as ocasiões, mas pode ser relacionado de forma mais concreta à vivência conjugal.
1Jo 3,18-24	*Amemos com ações e de verdade* Indica um amor concreto, que passa pelas atitudes. Pode servir de exortação para toda a comunidade, contextualizando aos noivos.
1Jo 4,7-12	*Deus é amor*

	O texto afirma que a procedência do amor é Deus e exorta ao amor mútuo para todo cristão, podendo ser realçado no contexto da vocação matrimonial.
Ap 19,1.5-9ª	*Felizes são os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro* A relação com o matrimônio pode ser feita a partir da imagem das núpcias do Cordeiro, o Cristo, com sua Esposa, a Igreja, vestida de linho brilhante e puro, significando suas obras justas.

Em algumas celebrações, pela observação pastoral, constata-se que a liturgia da Palavra não é devidamente preparada e celebrada, com toda a sua dignidade e importância.

Na preparação, deve-se prestar atenção a alguns aspectos que, em geral, ocorrem: não se escolhem as leituras com os noivos (IGMR, n.29); os leitores escolhidos nem sempre têm o devido preparo para o exercício do ministério (IGMR, n.101), por isso é necessário cuidar para que sejam chamadas pessoas preparadas para exercer o ministério do anúncio da Palavra; não se pensa no livro para a proclamação da Palavra, podendo ser usado o próprio Ritual, que, para não gerar inconveniente, poderiam ser dois, um para o sacerdote e outro para deixar no ambão, ou ainda usar o lecionário dominical, por exemplo, marcando previamente as leituras indicadas.

Ainda sobre a celebração, outros aspectos devem ser observados para serem evitados ou mesmo corrigidos: pela falta de livro próprio ou mesmo com Ritual, faltando consciência, há leitores que levam seu próprio folheto para proclamar a Palavra[242]; quando há atrasos, ocorrem cortes na liturgia da Palavra, mantendo apenas o Evangelho; por vezes, mesmo, os noivos se distraem com as fotos, enfim, a própria assembleia se dispersa com conversas paralelas ou conectada às redes sociais, postando em tempo real a realização da celebração.

[242] Concernente a isso, Boselli comenta o sentido espiritual desse momento, partindo do texto bíblico de Lc 4,16-17: "Como prevê o rito sinagogal, o rolo é dado ao leitor Jesus para que o leia diante da comunidade. O servente o entrega em suas mãos, porque não é de sua propriedade; por isso, terminada a leitura – diz o texto – Jesus 'fechou o livro, entregou-o ao ajudante' (Lc 4,20). O rolo não é seu, mas da comunidade, dela recebe e a ela o devolve, porque a comunidade é a sua única guardiã autorizada. Também nas assembleias litúrgicas cristãs, o leitor recebe da Igreja o livro contendo os textos canônicos para serem lidos. Não é seu (do leitor) , mas da Igreja que, colocando-o sobre o ambão, idealmente o entrega em suas mãos. Terminada a leitura, o leitor não leva o livro consigo embora, mas o deixa na assembleia, porque o livro é da comunidade que o guarda como aquilo que, ao lado da eucaristia, tem de mais caro" (BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 63).

3.2.4 Aleluia e versículos antes do Evangelho

O *Aleluia*[243] ou outro canto estabelecido pelas rubricas antes da proclamação do Evangelho constitui um rito e tem uma finalidade. Assim orienta a Instrução Geral do Missal Romano:

> Após a leitura que antecede imediatamente o Evangelho, canta-se o *Aleluia* ou outro canto estabelecido pelas rubricas, conforme exigir o tempo litúrgico. Tal aclamação constitui um rito ou ação por si mesma, pelo qual a assembleia dos fiéis acolhe o Senhor que lhe vai falar no Evangelho, saúda-o e professa sua fé pelo canto. É cantado por todos, de pé, primeiramente pelo grupo de cantores ou cantor, sendo repetido, se for o caso; o versículo, porém, é cantado pelo grupo de cantores ou cantor (IGMR, n. 62).

Sendo a aclamação um rito ou ação por si mesma, é encontrada no próprio livro litúrgico. Trata-se de uma aclamação por meio da qual os fiéis acolhem, saúdam e professam sua fé no Senhor que lhes falará no Evangelho. De fato, os versículos antes do evangelho devem ajudar o momento de júbilo, pois trata-se da boa nova anunciada ao casal e ao povo de Deus que presencia o momento de alegria. Assim, os relatos dos versículos são antigos e fazem parte da preparação ao evangelho. "Para o versículo do Aleluia, não existia, desde o início, principalmente nos formulários dos domingos, nenhum vínculo fixo com determinados salmos. Contudo, Alamário admoesta a escolher versículos que expressem a alegria da Igreja ou o louvar a Deus"[244].

A aclamação não é um canto que fala sobre a Bíblia ou que descreve o que vai acontecer no rito, assim como também não é qualquer canto que contenha a palavra *Aleluia* que constitui a aclamação ritual. No tempo da Quaresma, as aclamações ao Evangelho expressam claramente que Cristo é a Palavra de Deus, louvada, honrada e aclamada pela assembleia, por isso a música seja vibrante, forte, jubilosa, solene conforme o calendário litúrgico.

---

[243] "Aleluia significa 'Louvem o Senhor'. Louvemos o Senhor, irmãos, com a vida e os lábios, com o coração e a boca, com a voz e a conduta. Deus quer que nós digamos o Aleluia, sem que tenha discordância naquele que canta. [.] Cantemos agora o Aleluia, no meio das nossas preocupações, a fim de poder, um dia, cantá-lo na maior calma" (SANTO AGOSTINHO *apud* BUCCIOL, 2018, p. 30).

[244] JUNGMANN, 2009, p. 425. Conferir também em Alamário, *Liber off*. III. (Hanssens II, 301).

O Ritual apresenta duas fórmulas no Capítulo I e quatro fórmulas no Capítulo V.

<table>
<tr><th colspan="2">Aleluia e versículo antes do Evangelho</th></tr>
<tr><td>Capítulo I</td><td>Capítulo V</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Cf. Sl 133 (134),3
R/. Aleluia, aleluia, aleluia!
V/. Que o Senhor te abençoe de Sião,
o Senhor que fez o céu e fez a terra!
R/. Aleluia, aleluia, aleluia!</td><td>1Jo 4,7b
Todo aquele que ama,
é nascido de Deus,
e conhece a Deus</td></tr>
<tr><td>Cf. 1Jo 4,8b e 11
Deus é amor, caridade.
Se Deus nos amou deste modo,
também nós nos devemos amar.</td></tr>
<tr><td rowspan="2">para o tempo da Quaresma
Cf. 1Jo 4,16b.12.11 (R/. Sl 80,2)
R/. Exultai no Senhor, nossa força!
V/. Deus é amor,
amemo-nos uns aos outros,
como Deus nos amou.
R/. Exultai no Senhor, nossa força!</td><td>1Jo 4,12
Se nós nos amarmos, irmãos,
Deus fica habitando em nós,
e em nós seu amor é perfeito.</td></tr>
<tr><td>1Jo 4,16
Quem permanece no amor
em Deus permanece, e Deus nele.</td></tr>
</table>

No Capítulo V, apenas se indicam os versículos, de modo que se subtende o uso de aleluia ou de outra aclamação apropriada, como no tempo da Quaresma, conforme apresentado na segunda opção do Capítulo I. As aclamações para o tempo da Quaresma podem ser escolhidas dentre as que se encontram nos lecionários. Note-se ainda que, pela natureza da aclamação, aleluia ou a aclamação apropriada poderá ser repetida, por exemplo: Aleluia, Aleluia, Aleluia. É interessante comparar o versículo de aleluia com a liturgia das horas. No rito hispânico seu equivalente é o canto das laudes, aleluia e um versículo[245].

O versículo bíblico que segue a aclamação, resume e prepara ao Evangelho a ser proclamado, por isso não se deve omitir o versículo, cantando apenas a aclamação, ou ainda usar um versículo que não se relacione ao conteúdo do Evangelho. Nesse sentido, também se encontra indicado na edição típica do Lecionário (1972) o versículo apropriado para cada Evangelho, conforme segue:

[245] Conferir em ALDAZÁBAL, 2002, p. 416.

Lectionarium III – In celebratione matrimonii[246]	
1	Versículo antes do Evangelho: cf. 1Jo 4,8b.11 Evangelho: Mt 5,1-12ª
2	Versículo antes do Evangelho: 1Jo 4,12 Evangelho: Mt 5,13-16
3	Versículo antes do Evangelho: 1Jo 4,16 Evangelho: 7,21.24-29 (longo) ou 7,21.24-25 (breve)
4	Versículo antes do Evangelho: 1Jo 4,7b Evangelho: Mt 19,3-6
5	Versículo antes do Evangelho: cf. 1Jo 4,8b.11 Evangelho: Mt 22,35-40
6	Versículo antes do Evangelho: 1Jo 4,7b Evangelho: Mc 10,6-9
7	Versículo antes do Evangelho: 1Jo 4,12 Evangelho: Jo 2,1-11
8	Versículo antes do Evangelho: 1Jo 4,16 Evangelho: Jo 15,9-12
9	Versículo antes do Evangelho: cf. 1Jo 4,8b.11 Evangelho: Jo 15,12-16
10	Versículo antes do Evangelho: 1Jo 4,12 Evangelho: Jo 17,20-26 (longo) ou Jo 17,20-23 (breve)

3.2.5 Evangelho

O Evangelho é o ápice da liturgia da Palavra, devendo todos, pela aclamação e escuta atenta, prestar-lhe a devida honra. No sentido de ordem hierárquica o evangelho, em muitos casos, era lido no final. “São eles que contêm a Boa Nova por excelência, o cumprimento de tudo que aconteceu e o ponto focal para todos os tempos vindouros”[247].

> A proclamação do Evangelho constitui o ponto alto da Liturgia da Palavra. A própria Liturgia ensina que se lhe deve manifestar a maior veneração, uma que vez a cerca,

[246] Conferir em MISSALE ROMANUM. *Lecionarium III,* 1972, p. 560-567.?
[247] JUNGMANN, 2009, p. 432.

> mais do que as outras leituras, de honra especial, tanto por parte do ministro delegado para anunciá-la, que se prepara pela bênção ou oração, como por parte dos fiéis que, pelas aclamações, reconhecem e professam que o Cristo está presente e lhes fala, e que ouvem de pé a leitura ou ainda pelos sinais de veneração prestados ao Evangeliário (IGMR, n. 60).

O Guia Litúrgico-Pastoral da CNBB, ao destacar a presença de Cristo na liturgia da Palavra pela ação do Espírito Santo, afirma que em decorrência disso os leitores devem ter uma atitude espiritual, pois estão "sendo porta-voz de Deus que fala ao seu povo," (CNBB, 2017c, p. 41) exigindo preparação espiritual e técnica, como "postura do corpo, tom de voz, semblante, a maneira de aproximar-se da mesa da Palavra, as vestes" (CNBB, 2017c, p. 41).

"Também, na própria liturgia encontramos cedo a tendência a destacar o evangelho ao máximo possível. Não era o leitor que devia lê-lo, era um diácono ou um sacerdote. Em dias de festa com frequência era o bispo que pessoalmente lia o evangelho."[248] É importante ressaltar que quando a celebração é presidida pelo ministro ordenado, a proclamação do Evangelho é seu dever ministerial, seja diácono, padre ou bispo, e não se delega a um dos noivos, por exemplo. Acerca disso, vale recordar a Exortação da Instrução *Redemptionis Sacramentum*, a saber:

> A leitura do Evangelho, que "constitui o ápice da liturgia da Palavra", é reservada, segundo a tradição da Igreja, na celebração da sagrada liturgia, ao ministro ordenado. Portanto, não é permitido a um leigo, mesmo que religioso, proclamar o Evangelho durante a celebração da Santa Missa nem nos outros casos em que as normas não o permitam explicitamente (RS, n. 63).

O Ritual apresenta dez perícopes evangélicas, a saber:

Evangelhos	
Mt 5,1-12ª	*Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus*. As bem-aventuranças são propostas para todos os cristãos e, de forma especial, sejam os noivos encorajados a vivê-las.
Mt 5,13-16	*Vós sois a luz do mundo*

[248] JUNGMANN, 2009, p. 432. Assim segundo *Ap. Const. II,57,7* (Quasten, Mon., 182). O diácono é mencionado em Jerônimo, Ep 147,6 (PL22, 1200). – Segundo Sozômeno, *Hist. Eccl. VII,* 19 (PG 67, 1477A) , na época dele, o evangelho era reservado em muitos lugares para o sacerdote, em Alexandria para o arcediago, em outros lugares para o diácono.

	Aplicado ao contexto matrimonial, os noivos devem ser luz para os outros, sinal da realização da aliança de Deus com seu povo e de Cristo com sua Igreja.
Mt 7,21.24-29 (mais longo) Mt 7,21.24-25 (mais breve)	*Construiu sua casa sobre a rocha* Pode ser destacada a necessidade de se construir o matrimônio sobre sólido fundamento capaz de resistir às tempestades, sendo o Cristo, a rocha em que o casal unido está edificado.
*Mt 19,3-6	*O que Deus uniu, o homem não separe* Jesus retoma o projeto da criação e o resgata, assim sendo edificada pelo próprio Senhor, a união do casal é indissolúvel.
Mt 22,35-40	*Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse* O texto evoca o mandamento do amor a Deus e ao próximo, orientado a todos os cristãos e, com maior força, aplica-se aos noivos.
*Mc 10,6-9	*Já não são dois, mas uma só carne* Trata da unicidade do matrimônio, retomada do Gênesis e afirmada por Cristo.
*Jo 2,1-11	*Este foi o início dos sinais de Jesus. Ele o realizou em Caná da Galileia* A perícope narra o casamento em Caná onde Jesus realiza seu primeiro sinal, manifestando o vinho novo da alegria, sinal da sua presença transformadora entre o povo. O sacramento do matrimônio pode fazer dos noivos, futuros esposos, "vinho", transformando-os um para o outro.
Jo 15,9-12	*Permanecei no meu amor* Permanecer no amor de Cristo que une os esposos é uma condição para a felicidade do matrimônio e sua fidelidade.
Jo 15,12-16	*Este é o meu mandamento: Amai-vos uns aos outros* O mandamento é para todos os cristãos e, com maior razão, torna-se exigência para os esposos.
Jo 17,20-26 (mais longo)	*Que assim eles cheguem à unidade perfeita*

Jo 17,20-23 (mais breve)	A perícope narra a oração de Jesus pela unidade daqueles que o Pai lhe confiou. A unidade entre os cristãos, e particularmente entre os esposos, é imitação da unidade entre as Pessoas da Santíssima Trindade.

3.2.6 Homilia

O Ritual orienta que, após a proclamação do Evangelho, "o ministro exponha, partindo do texto sagrado, o mistério do Matrimônio cristão, a dignidade do amor conjugal, a graça do sacramento e os deveres do casal, levando sempre em conta a situação das pessoas" (RM, n. 91). Dessa maneira, são quatro aspectos que o sacerdote poderá destacar na homilia, tendo como referência basilar a liturgia da Palavra, servindo como catequese e alimento espiritual aos fiéis, em particular aos noivos[249].

"Homilia vem no grego '*homilien'* que significa uma 'prática familiar'[250], trata-se de irmão – nesse caso um ministro que preside a celebração em nome de Cristo e da Igreja – que dirige sua palavra a outros irmãos na fé" (ALDAZÁBAL, 2002, p. 418). O próprio Jesus no evangelho explica a Palavra de Deus. Isso se encaixa com a homilia aos noivos, onde se explica a realidade do matrimônio. Segundo Jungmann (2004, p.444), "A leitura sabática da Bíblia na sinagoga, [.], um discurso explicativo, era para o Cristo o Senhor a ocasião principal onde ele podia tomar a palavra diante dos seus ouvintes dispostos a ouvir e a anunciar o Reino de Deus"[251]. Além do mais, a homilia segue a leitura das Escrituras, que para os noivos tem carácter de orientação na celebração. "Assim é natural que, também no culto cristão, a homilia se associasse desde o início à leitura das Escrituras" (JUGMANN, 2002, p. 444)[252].

Sobre a finalidade da homilia, Dom Armando Bucciol sopesa:

> Resumindo, podemos dizer que a *finalidade* da homilia é colaborar com Deus para que a sua Palavra se encarne no hoje da vida dos fiéis; ajudar o povo reunido em assembleia e o próprio homiliasta que celebram os mistérios de Cristo, a darem uma resposta à Palavra ouvida na fé, na esperança e na caridade; na celebração e na vida; levar à conversão permanente, que consiste em se voltar cada vez mais para Deus e para o próximo no amor; recolher os motivos de ação de graças; despertar as atitudes

[249] Biscontin oferece uma reflexão atinente à homilia na celebração do matrimônio, indicando algumas pistas. (Conferir em BISCONTIN, Chino. *Pregar a Palavra. A ciência e a arte da pregação*. Brasília: Edições CNBB, 2015, p. 285-292).
[250] Se o grego "logos" e o latim vêm designar de preferência um gênero "de discurso", os termos "homilia" e "sermo" refletem um tom mais fraterno de conversação e prática.
[251] Para melhor compreensão ler: Lc 4, 16ss; Mc 1, 21 e paralelos.
[252] Conferir em Justino, Ap. I,67; Irineu em Eusébio, Hist. eccl V, 20,6.

> do sacrifício de Cristo, do seu Corpo dado e do seu Sangue derramado, levar ao compromisso de viver de acordo com a Palavra ouvida e os mistérios celebrados[253].

A homilia consiste em um diálogo que atualiza a Palavra de Deus na vida da comunidade e, no caso do matrimônio, na vida dos noivos. O Diretório Homilético explica: "A homilia não é um sermão sobre um tema abstrato [.] não é nem mesmo um puro exercício de exegese bíblica [.] nem sequer um ensinamento catequético, mesmo se a catequese seja uma dimensão importante [.] não deve ser empregada como tempo de testemunho pessoal do pregador" (DHo, n. 6).

Uma recomendação da Congregação para o Culto Divino[254] indica que não é oportuno, antes ou depois da homilia, convidar os fiéis a fazer o sinal da cruz ou saudá-los, dizendo, por exemplo: "Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo", nem conservar tais costumes onde eventualmente existam. Esses costumes foram introduzidos quando o sermão era feito fora da missa. Essa recomendação recorda também que a homilia é parte da liturgia e que os fiéis já fizeram o sinal da cruz e foram saudados no início da celebração[255].

3.3 Rito sacramental do matrimônio

Este é o momento central da celebração do matrimônio, consistindo nos ritos que realizam o sacramento na vida dos noivos. Augé recorda a realidade sacramental inserida na história da salvação, cujo centro é o Cristo, e afirma:

> O matrimônio é, antes de tudo, uma parte da realidade da criação e como tal é reconhecido e apreciado pela Bíblia. Mas no Novo Testamento o matrimônio é também considerado "mistério", em relação à união de Cristo com a Igreja (Ef 5,12) e isso quer dizer que a união do homem e da mulher, estabelecida pelo Deus da criação, é figura da união de Cristo com a Igreja. Ao constituir-se o matrimônio como "imagem e participação na aliança de amor do Cristo e da Igreja" (GS n. 48), é emanada uma ordem e confiada uma missão: o matrimônio cristão deve se tornar sinal e, portanto, anúncio vivido do amor de Cristo para com os homens[256].

A primeira indicação do Ritual é a possibilidade da ocorrência de dois ou mais matrimônios na mesma celebração e orienta à maneira de proceder as partes que devem ser feitas casal por casal (as perguntas antes do consentimento, o consentimento e a sua aceitação) e aquelas que podem ser realizadas de uma só vez para todos (o restante do rito, inclusive a

---

[253] BUCCIOL, 2018, p. 114.
[254] Conferir em SACRA CONGREGATIO PRO CULTO DIVINO. *Notitiæ*, 83, maio, V. 9. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 1973, p. 178.
[255] Conferir em BISCONTIN, 2015, p. 18-19, a respeito de saudações ou fórmulas para iniciar e concluir homilia.
[256] AUGÉ, 2013, p. 229.

bênção nupcial) , cabendo ao sacerdote a adaptação da linguagem ao plural. Quando celebrado dentro da missa, o rito sacramental segue essa mesma orientação. Nas ocasiões em que é celebrado o matrimônio com grande número de casais, os chamados - matrimônios comunitários - deve-se prever o tempo necessário para celebrar o rito de maneira devida.

As partes do rito sacramental são: alocução aos noivos; diálogo antes do consentimento; consentimento; aceitação do consentimento; bênção e entrega das alianças; preces dos fiéis; bênção nupcial; Sagrada Comunhão.

É importante destacar que durante esses ritos, de modo especial no consentimento e na entrega das alianças, não se executa canto ou música instrumental, sendo inoportunos e, por isso, dispensáveis os "fundos musicais." A respeito disso, a Instrução *Musicam Sacram* ensina: "Calem-se quando o sacerdote ou o ministro pronunciam em voz alta algum texto, por força de sua função própria" (MS, n. 64). Assim, toda vez que a palavra deve ser ouvida pela assembleia, em respeito à palavra, cale-se qualquer canto ou instrumento.

3.3.1 Alocução aos noivos

As rubricas orientam que todos estejam de pé e as testemunhas se coloquem em lugar adequado (RM, n. 93). Além de todas as demais vezes marcadas pelo ritual de se colocar de pé, o fato de colocar-se de pé no início da alocução tem um caráter importante. O estar de pé mostra também respeito diante de Deus, e muito domínio de si mesmo, são esses fatores necessários diante do matrimônio. Guardini mostra a importância do estar de pé nos sacramentos, nomeando também os noivos:

> Pomo-nos de pé, na Santa Missa, quando se proclama a Boa Nova no Evangelho. Estão de pé, numa cerimônia de batismo, os padrinhos que prometem em nome da criança conservar a fé. Estão de pé as crianças quando renovam essa promessa batismal na Primeira Comunhão. Estão de pé os noivos quando se unem em casamento diante do altar por meio da palavra de fidelidade. [.]. O fato de rezarmos de pé também pode ser uma vigorosa expressão do que se passa no íntimo de cada um de nós. Os primeiros cristãos faziam-no com gosto. As Catacumbas conservam a imagem da "Orante", dessa figura que ora de pé, com os braços estendidos, envolvida numa túnica de amplas pregas que descem nobremente até o chão. Mostra-se assim livre e ao mesmo tempo cheia de uma serena disciplina, escutando serenamente a palavra e ao mesmo tempo disposta a pô-la em prática com alegria. Às vezes, não estamos com disposição para ajoelhar-nos, pois nos sentiríamos tolhidos. Nesses casos, faz-nos bem ficar de pé, pois sentimo-nos livres. Mas estar de pé corretamente! Sobre os dois pés, sem apoiar-nos, sem fletir desleixadamente os joelhos. Erguidos significa donos de nós mesmos. Assim se disciplina a nossa oração e ganhamos liberdade, uma liberdade penetrada ao mesmo tempo de reverência e decisão[257].

[257] GUARDINI, 1993, p. 10-11.

Normalmente, desde o início as testemunhas já ocupam um lugar previamente preparado, podendo aí permanecerem, a não ser que o sacerdote considere melhor fazê-lo diferente, evitando muita movimentação. Em seguida, procede à alocução, que consiste numa breve exortação feita pelo sacerdote aos noivos, introduzindo-os ao rito sacramental, que pode ser o texto previsto no ritual ou inspirar-se nele[258]. O Ritual apresenta a seguinte alocução:

Alocução aos noivos (RM, n.93)
Caros noivos, *N*. e *N*., viestes a esta igreja, para que, na presença do sacerdote e da comunidade cristã, a vossa decisão de contrair Matrimônio seja marcada por Cristo com um sinal sagrado. Cristo abençoa com generosidade o vosso amor conjugal. Já vos tendo consagrado pelo batismo, vai enriquecer e fortalecer-vos agora com o sacramento do Matrimônio, para que sejais fiéis um ao outro por toda a vida e possais assumir todos os deveres do Matrimônio.

A alocução recorda que os noivos foram à igreja para que o matrimônio que eles decidiram viver fosse um sacramento, isto é, "marcado por Cristo com um sinal sagrado"; em seguida, faz menção sobre a bênção de Cristo sobre o amor conjugal dos noivos; por fim, recorda a ligação entre o batismo e o matrimônio que será celebrado e que selará o amor e a fidelidade dos noivos, aludindo a consagração batismal.

Conforme o catecismo, "os que já foram consagrados pelo batismo e pela confirmação para o sacerdócio comum de todos os fiéis podem receber *consagrações* específicas," (CIC, n. 1535) sendo o sacramento do matrimônio uma dessas consagrações, conforme expõe a *Gaudium et Spes*: "[.] os esposos cristãos são fortalecidos e como que consagrados para os deveres e dignidade de seu estado por um sacramento especial" (GS, n. 48).

Em seguida, são realizados os ritos em torno do consentimento, isto é, do pacto conjugal mútuo e irrevogável, de caráter jurídico-sacramental, que realiza o matrimônio. O diálogo antes do consentimento é parte introdutória do rito sacramental; o consentimento é o rito central que realiza o sacramento; e a aceitação do consentimento é a conclusão solene do rito, seguindo da bênção e entrega das alianças como rito explicativo.

[258] No rito adaptado, com ou sem missa, indica-se um comentarista para fazer um comentário explicativo das partes que vão acontecer, se for oportuno (conferir em RM, Apêndice, IV, n. 20; V, n. 19), mantendo a alocução do sacerdote.

3.3.2 Diálogo antes do consentimento

Os dois noivos são interrogados quanto à liberdade, condição intrínseca aos filhos e filhas de Deus, à vontade de serem fiéis um ao outro e de sua disposição a terem filhos e os educarem na fé cristã. Esses são elementos essenciais para a validade e vivência do matrimônio, sem os quais o matrimônio, que tem sua legislação própria, pode ser nulo. O diálogo consiste nas seguintes questões:

Diálogo (RM, n. 94)
Sacerdote: *N.* e *N.*, viestes aqui para unir-vos em Matrimônio. Por isso, eu vos pergunto perante a Igreja: É de livre e espontânea vontade que o fazeis? *Cada um dos noivos responde*: Sim! *Sacerdote*: Abraçando o Matrimônio, ides prometer amor e fidelidade um ao outro. É por toda a vida que o prometeis? *Cada um dos noivos responde*: Sim! *Sacerdote*: Estais dispostos a receber com amor os filhos que Deus vos confiar, educando-os na lei de Cristo e da Igreja? *Cada um dos noivos responde*: Sim!

Orienta-se que a terceira e última interrogação sobre a prole possa ser omitida, se as circunstâncias aconselharem, como a idade avançada dos noivos.

É de significativa relevância que os noivos se atentem à seriedade do que estão se dispondo a viver a partir do sacramento. O rito comunica a realidade que os nubentes pedem e se comprometem a viver.

3.3.3 Consentimento

O sacerdote dirige-se aos noivos, convida-os a manifestar o seu consentimento, dizendo: “Para manifestar o vosso consentimento em selar a sagrada aliança do matrimônio, diante de Deus e de sua Igreja, aqui reunida, dai um ao outro a mão direita” (RM, n. 95). Segue o consentimento, que pode ser realizado de duas maneiras, a saber: o noivo declara sua vontade de receber como esposa a noiva e a noiva faz o mesmo ou, por razões pastorais, cada um dá seu consentimento, respondendo às perguntas feitas pelo sacerdote, conforme segue:

Declaração dos noivos (RM, n. 96)	**Interrogação do sacerdote** (RM, n. 97)
Noivo: Eu, *N.*, te recebo, *N.*, por minha esposa e te prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.	*Primeiro ao noivo*: *N.*, queres receber *N.* por tua esposa e lhe prometes ser fiel, amá-la e respeitá-la na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da tua vida? *Noivo responde*: Quero!
Noiva: Eu, *N.*, te recebo, *N.*, por meu esposo e te prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.	*Em seguida, à noiva*: *N.*, queres receber *N.* por teu esposo e lhe prometes ser fiel, amá-lo e respeitá-lo na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da tua vida? *Noiva responde*: Quero!

Observe-se que após a declaração não há ocorrência de nenhuma aclamação ou resposta da parte dos noivos, como por exemplo, *Amém!* Em se tratando da forma por interrogação, após cada pergunta (*queres*) , cada noivo responde simplesmente com o verbo da pergunta (*quero*).

Na forma da declaração, seria de grande valor que os noivos ensaiassem e aprendessem o consentimento, de forma que apareçam eles mesmos dirigindo a declaração, e não o sacerdote falando a declaração para que eles a repitam. O ensaio ajudaria a guardar a fórmula do consentimento. Como trata-se de um momento singular e intenso para os noivos, às vezes, a ansiedade e o nervosismo podem ocasionar diversas reações, como o esquecimento da fórmula, que, nesse caso, pode ser ajudado pelo sacerdote, que poderá segurar o Ritual para que os noivos enunciem a declaração um ao outro.

O consentimento é acompanhado do gesto da união das mãos, conforme o convite do sacerdote "dai um ao outro a mão direita." Esse gesto, chamado *dexterarum coniunctio,* é testemunhado desde o século I a.C. e foi acrescentado aos costumes romanos (pagãos) da cerimônia do noivado, sendo posteriormente integrado ao ritual das núpcias, considerado muito importante[259]. A união das mãos também passa a fazer parte dos costumes cristãos no matrimônio, que do século IV ao X, no Ocidente, era celebrado nas casas, até sem a presença do sacerdote, realidade que muda a partir do matrimônio *in facie ecclesiæ*, século XI em diante.

[259] Nocent apresenta o gesto da *dexterarum coniunctio* na cerimônia de noivado e problematiza a sua ocorrência no matrimônio: seria repetido também no matrimônio? (Conferir em NOCENT, 1989, p. 339, 341).

> A *dexterarum coniunctio* está também representada num sarcófago do ano 382 de Vila Torlônia (ex-Vila Albani) em Roma. Vêem-se dois esposos que se dão a mão direita, tendo atrás de si não uma divindade, mas sim o Cristo. O marido segura na mão esquerda o documento do dote, mas diante dos dois esposos, numa estante, acha-se o evangeliário aberto. [.] Não se nota a presença de bispo ou de sacerdote na *dexterarum coniunctio*[260].

À guisa de exemplo, na realização do matrimônio *in facie ecclesiæ*, testemunha-se o gesto da união das mãos na *benedictio super sposum et sponsam*, conforme encontra-se no *Ordo III: Ex ms. Pontificali monasterii Lyrensis, annorum 600*, manuscrito do século XII, aproximadamente, de Dom Edmundo Martène, relatado por Nocent.

> Primeiramente vão para a porta da igreja, à presença de muita gente, os que vão unir-se em casamento; um sacerdote solicita de ambos o consentimento e se faz a recapitulação do dote da mulher e se coloque no meio certa soma para ser repartida com os pobres e enfim a moça é entregue pelo pai ou por seus amigos; o noivo a recebe na fé de Deus e na sua para conservá-la na saúde e na doença enquanto viver, e dê-lhe a mão direita, enquanto o sacerdote começa assim com as orações[261].

A união das mãos permanece no rito atual, como foi apresentado acima, e conserva seu sentido de entrega e de recebimento, enquanto os noivos declaram seu consentimento, estabelecendo a aliança conjugal.

É significativo que os noivos manifestem o consentimento olhando um para o outro, e não para o sacerdote, daí segue a relevância de aprender a fórmula do consentimento, evitando manter o olhar para o sacerdote, especialmente quando ele fala o consentimento para os noivos repetirem.

O fato de o matrimônio realizar-se pelo consentimento dos esposos faz deles mesmos os verdadeiros ministros do sacramento, de forma que o sacerdote, diácono ou leigo delegado pelo Bispo que assiste à celebração é a testemunha principal, qualificada para acolher o consentimento dos esposos em nome da Igreja e dar-lhes a bênção da Igreja (CIC, n. 1623, 1630).

---

[260] NOCENT, 1989, p. 356.

[261] *Ibidem.*, p. 384-385. *Ante omnia veniat ad ianuas ecclesiæ sub testimonio plurimorum, qui thoro maritali coniungendi sunt et requiratur consensus utriusque a sacerdote, et fiat recapitulatio de dote mulieris, et ponantur denarii aliquid in medium pauperibus dividendi, et tunc demum detur femina a patre vel amicis suis, quam vir recipiat in fide Dei et sua sanam et infirmam quamdiu vixerit servandam, et per manum dexteram teneat eam, sacerdote inchoante hoc modo.*

3.3.4 Aceitação do consentimento

O sacerdote, assistente autorizado [262], recebe o consentimento manifestado perante a Igreja e pede que Deus o confirme e o abençoe, concluindo com o voto: "Ninguém separe o que Deus uniu." Esse momento expressa o testemunho eclesial da aliança indissolúvel e fecunda, celebrada entre o homem e a mulher e deles com Deus. São duas as fórmulas apresentadas pelo Ritual:

Declaração de aceitação (RM, n.98)	
Primeira fórmula	*Segunda fórmula*
Deus confirme este compromisso que manifestastes perante a Igreja e derrame sobre vós as suas bênçãos. Ninguém separe o que Deus uniu!	O Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, o Deus que abençoou os nossos primeiros pais no paraíso confirme e abençoe em Cristo este compromisso que manifestastes perante a Igreja. Ninguém separe o que Deus uniu!

A primeira declaração de aceitação do consentimento é mais concisa e direta. A segunda, por sua vez, recorda Deus na História da Salvação como o Deus de nossos primeiros pais no paraíso, Adão e Eva, primeira família humana, e de Abraão, nosso pai na fé, e de sua descendência, da qual participam também os esposos.

Não consta no livro litúrgico a fórmula "Se alguém tem alguma coisa contra que fale agora ou cale-se para sempre. Eu vos declaro marido e mulher. Podem se beijar." Essa declaração, costumeiramente, de algum modo, vista em filmes e novelas quando há cerimônias de casamento, não faz parte do rito católico, assim como é demasiadamente simplista e desprovida de caráter teológico-litúrgico comparada às fórmulas propostas no Ritual[263].

---

[262] "Somente são válidos os matrimônios contraídos perante o Ordinário local ou o pároco, ou um sacerdote ou diácono delegado por qualquer um dos dois como assistente, e além disso perante duas testemunhas, de acordo porém com as normas estabelecidas nos cânones seguintes, e salva as exceções contidas nos cânones CDC, 144, 1112, § 1, 1116 e 1127, §§1-2". Vale ressaltar que em casos de matrimônios mistos ou com disparidade de culto, caso aconteçam na Igreja Católica, apenas o ministro católico pode pedir e receber o consentimento. Assim, não podem ser realizados casamentos "ecumênicos", em que o assistente católico e o ministro não-católico solicitam o consentimento de sua parte (CDC, cân. 1127, §3).

[263] Antes da renovação do Ritual do Matrimônio ordenado pelo Concílio, o Ritual anterior, de São Pio V, indicava que o sacerdote concluía o consentimento com a confirmação da Igreja, dizendo: "Eu vos declaro unidos em Matrimônio, em nome do Pai e do Filho ✠ do Espírito Santo. Amém." (SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. Ritual de Sacramentos e Sacramentais: texto oficial. Rio de

A respeito da questão de alguém conhecer algo contra o casamento que declare ali ou cale-se para sempre, devem-se considerar os proclamas canônicos e outros meios de investigação que são feitos antes da celebração na forma devida prevista pelo Direito (CDC, cân. 1067). A respeito do beijo, também visto em filmes e novelas, presente já no imaginário do povo quase como elemento essencial da celebração do matrimônio, sem o qual perde o romantismo, a edição típica do Ritual não faz nenhuma menção; o rito adaptado (Apêndice), por sua vez, indica o *ósculo nupcial* após a bênção nupcial (RM, Apêndice IV, n. 35, V, n. 32). Não se encontra orientação no Ritual para usar no rito típico elementos do rito adaptado. Inclusive, tem a possibilidade de os pais cumprimentarem o casal, como algo previsto no rito adaptado. Nesse sentido, pode se perder o foco da celebração com os cumprimentos antes do término. O que seria mais adequado deixar o ósculo nupcial e os cumprimentos para o final da cerimônia.

Desse modo, imediatamente após a aceitação do consentimento, o sacerdote convida a todos para o louvor de Deus com uma aclamação. O Ritual prevê a seguinte: o sacerdote diz "Bendigamos ao Senhor!" e todos respondem "Graças a Deus!" (RM, n. 99), orientando a possibilidade de ser usada outra fórmula de aclamação. Também o rito adaptado mantém a aclamação e orientação. Deve-se ter em conta que não é momento para canto de louvor, mas de uma aclamação que expresse o louvor a Deus, a qual poderá ser cantada, considerando seu caráter de aclamação.

3.3.5 Bênção e entrega das alianças

A Introdução Geral do Ritual do Matrimônio orienta: "Além do que se requer para a celebração da Missa, se o Matrimônio for dentro da missa, preparam-se no presbitério o Ritual do Matrimônio e as alianças para os esposos. Preparam-se também, se oportuno, a água benta com aspersório e um cálice de tamanho suficiente para a Comunhão sob as duas espécies" (IGRM, n. 38).

O efeito da água benta é lembrar o batismo e a conversão. Quando oportuno, nos rituais, ela deve ser usada para recordar a regeneração em Cristo pelo batismo e o seguimento de Cristo. Aplicada ao casal, a água benta das alianças, após o consentimento, significa que os frutos vão acontecer, desde que sejam fiéis às promessas. Guardini fala da água benta como fecundidade em Deus:

Janeiro: CNBB, 1965, p. 190, 207). Trata-se de uma conclusão breve, simples, caracterizada pela união sacramental em nome da Trindade.

> Misteriosa é a água. Pura e simples; "casta", chamou-lhe São Francisco. Totalmente despretensiosa, como se não tivesse nenhum significado em si mesma. De certo modo desinteressada, porque só existe para servir, para purificar e fecundar. Mas já a observamos alguma vez, parada e silenciosa nos remansos profundos, e deixamos a nossa alma submergir-se nela? Não percebemos nesses momentos como é misteriosa a profundidade? Não nos pareceu que havia ali embaixo um mundo de maravilhas, atraentes ou estremecedoras? Ou já escutamos alguma vez a sua voz, quando ferve na torrente, e continuamente flui e murmura, flui e murmura? Ou quando se emaranha, brame e nos captura nos seus redemoinhos? Dela pode elevar-se então um magnetismo tão poderoso que o coração dificilmente conseguirá arrancar-se ao espetáculo [.][264].

No que diz respeito às alianças, não se prevê uma entrada (tampouco feita por animais de estimação) e nem um canto que a acompanhe. As alianças devem estar no presbitério (IGMR, n.295),[265] certamente na credência (lugar onde se colocam os objetos litúrgicos que serão usados na celebração) ou numa mesinha colocada num lugar conveniente. Trata-se de uma organização prática, funcional, não envolvendo uma solenização com procissão. Nesse sentido, o próprio noivo pode trazer consigo as alianças e, na hora da bênção, ele as apresenta ao sacerdote, como já ocorre em algumas celebrações.

É interessante pensar que existe mais do que uma simbologia nas trocas de aliança, há sim, uma aliança do casal com Deus e entre si, existe um valor profundo, em que a bênção de Deus recaia sobre eles e sobre o povo. Por isso se fala que o matrimônio é algo para o povo e para a sociedade. "Entre casal e aliança há um vínculo intrínseco, [.] que um se exprime por meio de símbolos do outro. O casal é a situação em que viceja a aliança de Deus com os homens, e a aliança de Deus como o povo que deverá desenvolver-se com a intensidade da comunhão vigente do casal" (BORSATO, 1995, p. 50).

A forma como se procederá com a bênção dependerá do espaço e das circunstâncias, cabendo ao sacerdote verificar a melhor forma de realizá-la. São três fórmulas para a bênção das alianças. Uma delas disposta no Capítulo II (a mesma do Capítulo I) do Ritual e as outras duas no Capítulo V (RM, n.100, 229-30). O sacerdote profere a bênção à qual todos respondem *Amém.*

Bênção das alianças		
Bênção I	*Bênção II*	*Bênção III*
Deus abençoe ✠ estas alianças que ides entregar um	Ó Deus, que fizestes aliança conosco, abençoai ✠	Ó Deus, abençoai ✠ estes vossos filhos e

[264] GUARDINI, 1993, p. 27.
[265] "O presbitério é o lugar onde se encontra localizado o altar, onde é proclamada a Palavra de Deus, e nele o sacerdote, o diácono e os demais ministros exercem seu ministério [.]".

ao outro em sinal de amor e fidelidade. R/. Amém.	as alianças de *N.* e *N.*, para que estes vossos filhos permaneçam fiéis um ao outro e amem-se mutuamente em vossa paz. Por Cristo, nosso Senhor. R/. Amém.	santificai-os no seu amor: que estas alianças, sinal de fidelidade, recordem a *N.* e *N.* a sua promessa. Por Cristo, nosso Senhor. R/. Amém.

A *bênção I* é direta: invoca Deus, suplica a bênção sobre as alianças que são sinal do amor e da fidelidade declarados no consentimento. A *bênção II* desenvolve um pouco mais a oração de bênção, recordando a aliança de Deus com o povo, nomeia os noivos aos quais pertencem as alianças e suplica que eles permaneçam na fidelidade e no amor, manifestando o mesmo sentido do sinal da aliança. A *bênção III* invoca Deus e pede que os noivos sejam abençoados e santificados no amor, explicitando as alianças como sinal de fidelidade que deve recordar aos noivos, nomeados na oração, a promessa que fizeram no consentimento (*prometo-te ser fiel, amar-te e respeitar-te*). Note-se que os anéis, chamados especificamente aliança, são sinais exteriores do consentimento e significam o amor e a fidelidade prometida, de modo que o seu uso deve recordar aos esposos sua promessa de viver a aliança conjugal.

A bênção, nas três fórmulas, quando feita pelo sacerdote ou diácono, é acompanhada do sinal da cruz sobre as alianças (RM, n. 134)[266]. A aspersão da água benta sobre as alianças não é obrigatória (*se for oportuno*). Como indicou a Introdução Geral, caso haja aspersão, a água já deve estar abençoada para o uso (IGMR, n.38).

Após a bênção, o sacerdote asperge as alianças e entrega-as aos esposos. Elas são colocadas no dedo anelar. As rubricas não precisam em qual mão seja, se esquerda ou direita, mantendo-se, assim, o costume de colocar a aliança na mão esquerda. Primeiro, o esposo coloca a aliança no dedo da esposa e, em seguida, a esposa o faz com seu esposo. Enquanto a aliança é colocada no dedo, cada esposo diz: "*N.*, recebe esta aliança em sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (RM, n. 101). Não há a aclamação *Amém*. As palavras da entrega da aliança reforçam o significado que elas têm (amor e fidelidade) e são concluídas em nome de Deus Uno e Trino, que acompanhará com sua graça a aliança matrimonial dos esposos os quais deverão ser, em sua vivência, sinais do amor, da

[266] Quando se trata de um assistente leigo, a bênção é pronunciada sobre as alianças sem fazer o sinal da cruz.

comunhão, da fidelidade e da unidade da Santíssima Trindade. Dessa forma, o rito da bênção e entrega das alianças possui um caráter exterior e explicativo do consentimento[267].

O Ritual, tanto a edição típica quanto a adaptação para o Brasil, não orienta nenhum outro gesto que acompanhe essa entrega, como, por exemplo, o envolvimento das mãos dos esposos com a estola, um costume da Alemanha[268]. Há alguns costumes locais que podem ser assumidos e adaptados para a celebração do matrimônio, ao cargo da Conferência Episcopal, e dispostos no livro litúrgico com a devida aprovação e reconhecimento da Santa Sé, que não é o caso, para o Brasil, do envolvimento das mãos dos esposos com a estola.

> A união das mãos – é um costume certamente não-cristão, mas não se sabe certamente se sua origem é romana ou teutã. É um gesto ligado à tradição romana da *dextrarum inunctio*, e, maioria dos povos germânicos, constituía-se como uma espécie de juramento na qual era comum também a participação do sacerdote, que enrolava sua estola nas mãos dos noivos, e pronunciava palavras de ratificação. Esse gesto acompanha o juramento nupcial e, em muitas culturas, está associado a uma série de ritos que manifestam a união dos nubentes – como a colocação de um *pallium* sobre os noivos, ou um de um laço envolvendo-os[269].

O uso de anel é testemunhado por Plínio (séc. I) desde os costumes romanos na cerimônia de noivado em que o futuro marido enviava um anel de ferro, sem pedras preciosas. Tertuliano em seu *Apologeticum* (por volta de 197) fala em anel de ouro que o noivo enviava à noiva, antes do casamento. O uso do anel no noivado é testemunhado por Gregório de Tours (+594) e por Isidoro de Sevilha (início do século VII) que lhe atribuiu o significado de fidelidade dos noivos e indicou que fosse colocado no quarto dedo da mão esquerda, porque nele há a veia que conduz o sangue ao coração, mantendo a entrega de um só anel[270]. A partir do século XI, o matrimônio, que era celebrado nas casas, passa a ser celebrado diante da porta da Igreja (*in facie ecclesiæ*) na presença do povo, seguida da missa e, ao terminar, celebravam-se os ritos particulares. Na porta da Igreja aconteciam os ritos do matrimônio dos quais a bênção e entrega do anel faz parte, conforme se constata na *Benedictio super sponsum et sposam* (citada ao tratar do consentimento), que relata a bênção do anel após o consentimento e descreve sua entrega:

> Então o noivo recebe o anel e junto com o sacerdote coloque-o em três dedos da mão direita da esposa, dizendo ao colocar no primeiro: Em nome do Pai; ao colocar no

[267] Na forma típica do rito, não se indica beijo na aliança. No rito adaptado, indica-se o beijo na aliança, seguida de uma manifestação de fé ou de aceitação às exigências do matrimônio, com fórmulas previstas e, só então, é colocada a aliança. (Conferir em RM, Apêndice, V, n. 28).
[268] Anselm Grün comenta acerca desse costume na Igreja alemã. (Conferir em GRÜN, Anselm. *El matrimonio*: *bendición para la vida en común.* Madrid: San Pablo, 2002, p. 26-27).
[269] SANTA ROSA MATOS, 2013, p. 31.
[270] Conferir em NOCENT, 1989, p. 339; 350; 357-358.

> segundo: E do Filho; ao colocar no terceiro: E do Espírito Santo. E depois coloque o anel num dedo da mão esquerda e deixe-o aí para que a noiva doravante o leve na mão esquerda, à diferença do grau episcopal, no qual o anel deve ser usado publicamente na mão direita em sinal da castidade plena e íntegra [.][271].

É possível que o uso de abençoar dois anéis que os esposos trocarão entre si tenha surgido na Alemanha, conforme testemunha um ritual de Hamburgo do final do século XI. A partir do século XIV-XV, muitas vezes a bênção e a entrega do anel liga-se à menção do dote. Após o Concílio de Trento, registra-se a bênção do anel que o noivo coloca no dedo da noiva[272]. Percebe-se, com o passar do tempo, que o gesto da entrega das alianças sofre alterações, chegando à forma com a qual é realizado atualmente, conservando basicamente o significado original do uso da aliança[273].

> A troca de anéis – foi aceita pela Igreja na época carolíngia e, em sua forma romana original, parece ter sido uma arra ou prenda dada pelo noivo durante os esponsais, como garantia do futuro cumprimento da promessa feita naquela ocasião. Posteriormente, confundiu-se com o costume germânico dos "dons matutinos" – um intercâmbio feito entre os esposos depois das bodas, transferidas para as núpcias propriamente ditas. Em alguns lugares, a troca dos anéis entre os nubentes passou a significar uma garantia de fidelidade, e foi esse o significado que foi preservado até a atualidade. O modo de realização dessa troca também sofreu inúmeras variações, e hodiernamente os esposos fazem-na colocando o anel no dedo anelar esquerdo do parceiro (pelo fato de haver nele uma veia que se prolonga até o coração, conforme antigos autores cristãos como Plínio e Macróbio). Segundo alguns autores, ele representaria também o antigo costume das arras matrimoniais, o dote (ouro ou prata) que se pagava pela noiva ao pai ou tutor – pois o casamento era uma transferência do direito de custódia da mulher – e depois se transformou num presente dado à própria nubente[274].

Após a bênção e entrega das alianças, o Ritual prevê um hino ou canto de louvor (RM, n. 102). Nocent relata que no Ritual do Matrimônio de 1614, pós Concílio de Trento, após a bênção e entrega dos anéis, previa que fossem rezados alguns versículos de salmos e uma oração conclusiva[275].

---

[271] NOCENT, 1989, p. 385. *Hic accipiat sponsus anulum, et una cum sacerdote in tribus digitis dextrae manus sponse imponat, dicens ad primum digitum*: In nomine Patris. *Ad secundum:* Et Filii. *Ad tertium*: Et Spiritus sancti. *Et sic imponat in unum digito sinistrae manus eundem anulum: et ibi relinquat, ut eum deinceps in sinistra ferat, ad differentiam gradus episcopalis, ubi anulus in signaculum integrae et plenae castitatis in dextra manu publice est portandus [.]*

[272] *Ibidem.*, p. 392-394.

[273] Nocent comenta: "Vemos esse fato com relação à bênção dos dois anéis e sua troca e à bênção da esposa que agora é dada também ao esposo. O anel único não quer dizer que só a mulher esteja ligada ao marido sem que esteja visivelmente ligado a ela na fidelidade. Mas até o séc. XI mais ou menos, e até muito mais tarde na Normandia, por exemplo, a bênção de um único anel colocado pelo marido no dedo da esposa, longe de corresponder a uma concepção do marido como superior à mulher, significou, ao contrário, a aliança que Cristo confere à sua Igreja, sua esposa adornada com sua glória. Se é Cristo que outorga a aliança, isto não significa que a esposa seja inferior ao marido, mas ela recebe dele, como a Igreja recebe de Cristo, a aliança na unidade." (NOCENT, 1989, p. 402).

[274] SANTA ROSA MATOS, 2013, p. 29.

[275] Conferir em NOCENT, A., 1989, p. 394.

3.3.6 Preces dos fiéis

Após a entrega das alianças, seguem-se as preces dos fiéis, como de costume, referindo-se mais especificamente ao contexto do matrimônio. As rubricas remetem aos dois formulários que estão no Apêndice do Ritual (RM, Apêndice, I, n. 251-252). As intenções pedem pelos noivos, por todo povo cristão, pelos casais presentes, pelos pais, parentes e amigos, pelos jovens que se preparam ao matrimônio e por todos os que são vocacionados a outro estado de vida, pelas famílias do mundo, pelos falecidos, pela unidade dos cristãos. É possível elaborar outras preces, em substituição àquelas dos formulários, desde que "[.] sejam sóbrias, compostas de sábia liberdade e breves palavras e expressem a oração de toda a comunidade" (IGMR, n. 71) e que estejam "em sintonia com a bênção nupcial, sem, contudo, repetir as mesmas intenções" (RM, n. 103b).

Do mesmo modo que a liturgia da Palavra tem lugar privilegiado, assim "a oração que lhes seguia, abstração feita da própria eucaristia, era desde antigamente também a oração mais privilegiada, a oração da Igreja por excelência" [.] "Justino informa em suas descrições da missa dominical,[276] que depois da fala do bispo todos nós nos levantamos juntos e dizemos orações" (JUGMANN, 2009, p. 466)[277].

No caso da Missa, as preces têm função de preparar para a Eucaristia, e assim a assembleia se prepara para receber o Corpo e Sangue de Cristo. Já no caso do casal, eles se preparam para o momento da comunhão, se o rito não for com a Missa "[.] essa oração universal, por um lado, é fruto do ouvir a palavra e, por outro, preparação para passar à Eucaristia: Dessa forma, recolhendo o fruto da liturgia da palavra, a assembleia poderá passar mais adequadamente para a liturgia eucarística" (ALDAZÁBAL, 2002, p. 422)[278].

Concernente à natureza das preces dos fiéis, chamada também de oração universal, a Instrução Geral do Missal Romano orienta: "Na oração universal ou oração dos fiéis, o povo responde de certo modo à Palavra de Deus acolhida na fé e, exercendo a sua função sacerdotal, eleva preces a Deus pela salvação de todos" (IGMR, n. 69). Sobre a maneira de como proceder ritualmente, cabe ao sacerdote, da cadeira presidencial, dirigir a oração à qual ele introduz com uma breve exortação, convidando os fiéis a rezarem e depois a conclui. As preces podem ser proferidas por um leitor ou fiel leigo do ambão ou de outro lugar apropriado e, se for oportuno,

[276] JUNGMANN, 2009, p. 466. Conferir em Justino, Apol. I, 67 – As grandes linhas da história do desenvolvimento das intercessões até as formas no nosso Missal Romano são descritas em: B. Capelle, *L'intercession dans da messe romaine: Revue Bénéd* 65 (1955), 181-192.
[277] Conferir em Justino, Apol. I, 65.
[278] Para melhor compreensão ir em: MISSALE ROMANUM. *Ordo Lectionum Missæ*, n. 30.

podem ser cantadas, tanto as intenções quanto a resposta, respectivamente pelo leitor e pelo grupo de cantores com o povo, ressaltando que também a introdução e a conclusão poderão ser cantadas pelo sacerdote (MS, n. 30).

O Ritual indica que se na celebração não houver distribuição da Sagrada Comunhão, após as preces, segue-se o *Pai-nosso* e a bênção nupcial. Caso haja distribuição da Sagrada Comunhão, à conclusão das preces, o sacerdote procede com a bênção nupcial. Na celebração do matrimônio dentro da missa, após as preces se reza o *Creio*, se as rubricas o exigirem (IGMR, n. 68),[279] e procede-se à liturgia eucarística.

3.3.7 Benção nupcial

A partir do século IV aparecem as fórmulas da bênção nupcial, constatadas nos sacramentários Veronense, Gelasiano e Gregoriano Adriano[280]. Considerando que o matrimônio é realizado pelo consentimento, de caráter jurídico, a bênção nupcial expressa e assegura a sacramentalidade do matrimônio. Tratando a respeito do valor da bênção nupcial em relação ao caráter jurídico do consentimento, Nocent pondera os testemunhos da história:

> Ivo de Chartres insiste fortemente no *consensus* como fundamento do matrimônio. Mas num texto que com certeza é da sua época, sem talvez ter sido escrito por ele, parece augurar que se realize um gesto particular de bênção para assegurar a sacramentalidade do matrimônio. Para Guilherme de Paris o matrimônio sem a bênção não possui nem a sacramentalidade nem a graça que lhe é intrínseca. Na época do concílio de Trento e também mais tarde, continua-se a considerar do mesmo modo a importância da bênção. A redação dos diversos títulos do ritual poderia ser indício de uma preocupação particular com a sacramentalidade do matrimônio. Hildeberto de Tours, no século XIII, vê no *consensus* a essência do matrimônio, mas, por outro lado, compara o sacramento do matrimônio com o batismo: assim como a água batismal é consagrada e adquire eficácia sacramental, assim a bênção do sacerdote une os que desejam casar-se[281].

Até antes do Concílio Vaticano II, a oração de bênção era destinada unicamente à esposa. Nesse sentido, Nocent comenta:

> De fato, o Sacramentário Gelasiano, na sua fórmula de bênção, dirige-se unicamente à esposa, mas depois traz uma oração sobre ambos os esposos. A bênção sobre a esposa era uma honra que lhe era tributada e a consagrava para a função. Que a

[279] "O *símbolo* deve ser cantado ou recitado pelo sacerdote com o povo aos domingos e nas solenidades; pode-se também dizer em celebrações especiais de caráter mais solene."
[280] Nocent apresenta um estudo detalhado acerca da bênção nupcial, problematizando e verificando a possibilidade de sua ocorrência antes do século IV e apresentando os textos dessas bênçãos encontrados nos sacramentários antigos, depois do século IV. (Conferir em NOCENT, A., 1989, p. 341-356; 375-382).
[281] NOCENT, 1989, p. 391.

> consagração das virgens se tenha inspirado nesta bênção ou que tenha sido o contrário, isto não faz senão reforçar o significado profundo dessa bênção[282].

Após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, a bênção nupcial é dirigida aos esposos e acontece da seguinte maneira: os esposos se ajoelham e o sacerdote, de mãos postas, convida os fiéis à oração (*Caros fiéis, roguemos a Deus.*) e todos rezam por algum tempo em silêncio; em seguida, o sacerdote, voltado para o casal, de braços abertos, profere sobre eles a oração da bênção. Cabe ressaltar que o fato de se ajoelhar mostra a grandeza de Deus e a humildade do homem e da mulher. Isso também constitui adoração. No caso do ajoelhar-se, conforme orienta o rito, mostra que o casal precisa da graça divina, especialmente dos sacramentos, para seguir os compromissos assumidos. Romano Guardini sintetiza a importância de se colocar de joelhos na presença de Deus, sobretudo numa Igreja:

> Ele é o Deus excelso, que existia ontem como existe hoje, e que existirá durante centenas e milhares de anos, porque é Eterno. Ele preenche esta casa e a cidade, o vasto mundo e o espaço estelar incomensurável. Tudo diante d'Ele é como uma partícula de poeira. Ele é a Santidade, a Pureza, a Justiça, a infinita Majestade. Como é grande! E como eu sou pequeno! Tão pequeno que jamais poderei comparar-me com Ele: na sua presença, sou um nada. Quando tomamos viva consciência disso, espontaneamente "abaixamos-nos". Mais ainda, quereríamos encolher toda a nossa figura, para que não se erguesse com tanta arrogância. Eis que oferecemos a metade da nossa altura: dobramos o joelho. E se isto ainda não bastar ao nosso coração, o próprio corpo pode inclinar-se. Então essa figura inclinada diz: "Meu Senhor, Vós sois o Deus excelso, ao passo que eu não sou nada." Quando dobrarmos o joelho, não seja este um gesto apressado, vazio e maquinal. Imprimamos-lhe uma alma, e, com o corpo, inclinemos também interiormente o coração, com uma profunda reverência. Com essa reverência que só podemos demonstrar a Deus, porque o adoramos. Quando entrarmos numa igreja ou dela sairmos, ou passarmos diante do altar em que está o Santíssimo Sacramento, dobremos o joelho profundamente, lentamente, pois todo o nosso coração deve dizer: "Meu Senhor e meu Deus!" [.]. Este gesto revelará então humildade e verdade, e, de cada vez que o praticarmos, fará um grande bem à nossa alma[283].

O Capítulo II do Ritual apresenta uma fórmula da bênção, indicando outras fórmulas para o convite (RM, n. 104, 73, 241) e oração de bênção, (RM,105, 242, 244), onde se indica que deve ser proferida de mãos estendidas sobre os esposos. São formas pelas quais a gestualidade indica a oração de bênção, sendo possível o sacerdote escolher uma delas: braços abertos ou mãos estendidas.

Em relação ao texto da bênção, a título de verificação, segue a fórmula apresentada no Capítulo II.

---

[282] NOCENT, 1989, p. 402.
[283] GUARDINI, 1993, p. 7-8.

Bênção nupcial (RM, n.105)
Ó Deus todo-poderoso, vós criastes todas as coisas e desde o princípio ordenastes o universo; criando o ser humano à vossa imagem, quisestes que a mulher fosse para o homem uma companheira inseparável, de modo a já não serem dois, mas uma só carne, ensinando-nos assim a nunca separar o que criastes na unidade. *Ou*: Ó Deus, santificastes misteriosamente a união conjugal, desde o princípio, a fim de prefigurar no vínculo nupcial o mistério do Cristo e da Igreja. *Ou*: Ó Deus, vós unis a mulher e o marido e dais a esta união estabelecida desde o início a única bênção que não foi abolida nem pelo castigo do pecado original, nem pela condenação do dilúvio. Volvei o vosso olhar de bondade sobre estes vossos filhos, que, unidos pelo vínculo do Matrimônio, esperam ser fortalecidos pela vossa bênção: enviai sobre eles a graça do Espírito Santo, para que, impregnados da vossa caridade, permaneçam fiéis na aliança conjugal. O amor e a paz permaneçam no coração da vossa filha *N.;* e ela busque o exemplo das santas mulheres, exaltadas com louvores nas Sagradas Escrituras. Nela confie o seu marido; e saiba honrá-la com a devida estima, reconhecendo-a companheira e coerdeira da vida divina e amando-a com aquele amor com que Cristo amou a sua Igreja. Nós vos pedimos, ó Pai, que estes vossos filhos permaneçam firmes na fé e amem os vossos mandamentos; que se conservem fiéis um ao outro e sejam para todos um exemplo. Animados pela força do Evangelho, sejam entre todas verdadeiras testemunhas de Cristo. (*Sejam eles fecundos em filhos, pais de comprovada virtude, e possam ver os filhos de seus filhos).* Enfim, após uma vida longa e feliz, alcancem o reino do céu e o convívio dos santos. Por Cristo, nosso Senhor. R/. Amém.

O texto da bênção recorda o significado do matrimônio no plano da salvação, evoca a bênção sobre a mulher, sobre o homem e, enfim, sobre os dois. As três opções de invocação (MR, p. 811),[284] dirigidas a Deus Pai, expressam um conteúdo anamnético, que recorda a ação

[284] Como se nota, as três opções não devem ser recitadas juntas, mas deve-se escolher apenas uma delas. O Ritual expressa bem quando indica as opções pela conjunção "ou." Quando se usa o próprio Missal Romano, segunda edição típica para o Brasil, na ocorrência do matrimônio dentro da Missa, indicam-se as opções por meio de um (*) asterisco ao início de cada invocação, nos formulários A e B (conferir em MR, p. 803-804, 807-808) , pois o formulário C traz apenas uma invocação.

divina na história da salvação, com destaque à primeira, que recorda o homem e a mulher no plano da criação de Deus, chamados à unidade; em seguida, suplica sobre os esposos a graça do Espírito Santo (dimensão epiclética) para viverem com fidelidade a aliança conjugal, expressando, com isso, que é o Espírito Santo quem realiza a obra de comunhão entre os esposos, em Cristo, e colocando o matrimônio em profunda relação e sintonia com os sacramentos da iniciação; expressa os deveres da esposa e do esposo; segue outra súplica, pedindo ao Pai que seus filhos, os esposos, permaneçam firmes na fé, amem os seus mandamentos, conservem-se na fidelidade mútua e sejam exemplo para todos; sejam ainda testemunhas de Cristo, tendo o Evangelho como motivação de onde emana a força para o testemunho e, se as circunstâncias forem oportunas, deseja que os esposos tenham filhos, sejam pais virtuosos e possam ver seus netos, sua descendência (RM, n.105) [285]. O final possui uma beleza singular de caráter escatológico, pois roga sobre os esposos que, após uma vida longa e feliz, entrem na glória do céu.

A bênção é algo do próprio Deus, e é de forma gratuita. No caso, da bênção ao casal, significa que Deus está presente na vida deles. Mesmo que o consentimento seja a parte essencial, a bênção mostra que Deus está abençoando o casal e seguimento seus passos. Nesse sentido, é a primeira bênção que o casal recebe como marido e mulher, casados no Senhor. Guardini mostra como a bênção vem de Deus para ajudar o ser humano, especialmente com os Sacramentos:

> O que na ordem natural não passa de um símbolo, torna-se realidade na ordem sobrenatural. O que atua e flui na bênção real é a própria vida de Deus. Deus abençoa com o seu próprio ser; ao abençoar, dá-se a si mesmo e faz-nos participantes da natureza divina (2 Pe 1, 4). É a graça, dom de Deus puramente gratuito, que nos é concedido em Cristo. Eis por que a bênção é dada em forma de cruz. Deus concede este poder de abençoar à maneira divina aqueles que o representam. Pelo mistério do matrimônio cristão, dispõem dele o pai e a mãe; pelo mistério da ordenação, dispõe dele o sacerdote; pelo mistério do batismo e da confirmação, essa força foi dada àquele que ama a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças, e ao próximo como a si mesmo (Mt 37-39). Deus concedeu a todos estes o poder de abençoar com a sua própria vida a cada um de um modo diverso, conforme a missão que lhe cabe. Abençoa-se com a mão. Na Confirmação e na ordenação sacerdotal, as mãos são colocadas sobre a cabeça, para que por seu intermédio jorrem impetuosamente os dons do Espírito Santo. A mão traça o sinal da cruz sobre a fronte ou sobre o corpo, para que através dela se derrame em abundância a plenitude de Deus. Pois a mão que distribui os favores de Deus: ela cria, modela e dá. Enfim, abençoa-se com o Santíssimo, com o corpo de Cristo no altar. Com que respeito e com que consideração pelo mistério devemos acompanhar a cerimônia![286].

[285] O Ritual orienta que no "último parágrafo da oração podem omitir-se as palavras entre parênteses, quando as circunstâncias o aconselharem, como a idade avançada dos esposos."
[286] GUARDINI, 1993, p. 54-55.

A bênção nupcial nunca deve ser omitida (RM, n. 72, 103d). É preciso atenção quando se celebra o matrimônio dentro da missa, pois a bênção não é dada após as preces, mas após o pai-nosso. Assim, omitindo o embolismo (*Livrai-nos de todos os males*), os esposos aproximam-se do altar, ou permanecendo em seu lugar, ajoelham-se. O sacerdote convida os presentes à oração e, depois de um tempo de silêncio, profere a oração de bênção. Após a bênção, omitida a oração *Senhor Jesus Cristo, disseste a vossos apóstolos* (pela paz), o sacerdote dirá imediatamente *A paz do Senhor esteja sempre convosco* e, sendo possível, ao convite do sacerdote, poderão manifestar o dom da paz uns aos outros (RM, n. 72-75).

Cabe ressaltar que em nenhum momento orienta-se que seja colocado sobre os esposos o pluvial ou estola para a bênção e, portanto, esse gesto não é inerente ao rito[287]. A gestualidade que acompanha a bênção é o ajoelhar-se dos esposos e a imposição das mãos do sacerdote. O Rito adaptado para o Brasil prevê que o pai e a mãe dos neo-esposos possam impor as mãos sobre os filhos em sinal de bênção, enquanto o sacerdote, de braços abertos, profere a bênção nupcial (RM, Apêndice IV, n. 34, V, n. 31). O gesto de imposição das mãos é uma invocação ao Espírito Santo. Realmente, esse gesto da imposição das mãos é algo bíblico e está presente tanto no Antigo como Novo Testamento. "Assim, na Liturgia a imposição das mãos constitui fundamentalmente um gesto de bênção, significando a transmissão do Espírito Santo"[288].

3.3.8 Sagrada Comunhão

A Introdução Geral expressa que "a Comunhão eucarística dos noivos e fiéis, cujo efeito principal é alimentar a caridade e nos fazer chegar à comunhão com Deus e com os irmãos" (RM, n. 35). Com isso, recorda-se o valor da Eucaristia, "sinal de reconciliação e vínculo de união fraterna" (MR, p. 500), na vida de todo o povo de Deus, em especial dos esposos, e destaca seu efeito principal: o alimento da caridade e viver em comunhão.

Na realidade, o alimento espiritual que o católico precisa é a Eucaristia. Isso se manifesta, mais precisamente, na comunhão. Por isso ela é recomendada ao casal a fim que seja sustento espiritual necessário para viver o amor entre o casal e mantê-los unidos. De fato, para

[287] O Ritual do Matrimônio, segunda edição típica em vigor, para a Igreja dos Estados Unidos da América possui um rito complementar, para uso de acordo com os costumes locais, a ser feito antes da bênção nupcial. Trata-se da bênção e imposição da grinalda de casamento (*lazo*) ou do véu. No caso do véu, é colocado sobre a cabeça da esposa e os ombros do esposo, simbolizando o vínculo que os une. (Conferir em THE ROMAN RITUAL. *The Order of Celebrating Matrimony*. Second Latin Typical Edition. Collegeville (Minnesota) : Liturgical Press, 2016, n. 71B).

[288] BERCKHÄUSER, 2010, p. 23. Conferir também no seguinte para aprofundar LURKER, Manfred. *Wörterbuch biblischer Bilder und Symbole*. München: Kösel-Verlag, 1973.

uma união permanente e duradoura, o católico se serve da comunhão do corpo e sangue de Cristo. Além do mais, a Eucaristia significa doação e entrega. Guardini expressa muito bem na simbologia do pão e vinho eucaristizados:

> O pão é alimento por excelência, alimento sólido e substancioso, que nunca cansa. O pão é "bom", no sentido mais profundo da palavra. E ao assumir essa aparência, Deus faz-se alimento vivo para os homens. Santo Inácio de Antioquia escreve aos fiéis de Éfeso: "Partimos um pão que é para nós penhor de imortalidade." É um alimento que nutre todo o nosso ser com o Deus vivo e faz com que estejamos n'Ele e Ele em nós. O vinho é bebida, mas uma bebida que não se limita a matar a sede, pois para isso basta a água. O vinho vai mais longe. Diz a Escritura que alegra o coração do homem (Sl 103, 15). É alegria e plenitude transbordantes. Como é belo o meu cálice inebriante, diz o Salmo (Vg., 22, 5). Entendemos o que significam estas palavras? E que a palavra "inebriante" significa aqui muito mais do que libações sem fim.? O vinho é beleza resplandecente, aroma e força que tudo dilata e transfigura. Sob a espécie do vinho, Cristo dá-nos o seu sangue divino, não como uma bebida prudente e comedida, mas como excesso da magnificência divina. *Sanguis Christi*, inebria me – "Sangue de Cristo, embriaga-me", rezava Santo Inácio de Loyola, o homem de coração cavalheirescamente ardente. Santa Inês fala do Sangue de Cristo como de um mistério de amor e de beleza: "Bebi leite e mel dos seus lábios, e o seu sangue tornou bela a minha face", afirma-se nas orações da sua festa. Cristo converteu-se para nós em pão e vinho, em alimento e bebida. Podemos comê-lo e bebê-lo. O Pão é firmeza e fidelidade perseverantes. O Vinho é audácia, uma alegria superior a todas as alegrias terrenas, aroma e beleza, amplidão e generosidade sem limites, ebriedade de vida, de posse e de doação [.].[289].

O casal que irá receber a comunhão deve estar em estado de graça (CIC, n.1861),[290] ou seja, sem pecado grave, e em jejum, sem ter consumido alimento ou bebida em determinado período (CDC, n. 919, 1)[291]. "Além do estado de graça, foi exigida já cedo uma outra condição, tanto para o sacerdote quanto para os fiéis: ficar em jejum antes do recebimento do sacramento" (JUNGMANN, 2009, p. 807).

O Ritual indica que "se a sagrada Comunhão for distribuída dentro do rito, terminada a bênção nupcial, o ministro vai ao sacrário, traz a âmbula, coloca-a sobre o altar e faz a genuflexão. Introduz, então, a oração do Pai-nosso" (RM, n. 108-109).

Especificando sobre a celebração do matrimônio dentro da missa, vale a pena matizar que "na missa romana, o *Pater noster* encabeça os ritos de preparação para a comunhão,"[292] desse modo a preparação imediata do casal à comunhão começa com o Pai nosso, momento importante onde marido e mulher recebem Jesus Eucarístico.

---

[289] GUARDINI, 1993, p. 42-43.
[290] O pecado mortal é uma possibilidade radical da liberdade humana, tal como o próprio amor. Tem como consequência a perda da caridade e a privação da graça santificante, ou seja, do estado de graça.
[291] Quem vai receber a santíssima Eucaristia, abstenha-se, pelo espaço de ao menos uma hora antes da sagrada comunhão, de qualquer comida ou bebida, exceto água ou remédios.
[292] JUNGMANN, 2009, p. 729.

É apresentada uma fórmula de convite que introduz o Pai-nosso, indicando a possibilidade de ser feita com palavras semelhantes[293]. Segue a oração, que não prevê ao final o "amém", podendo ser feito, logo em seguida, o convite para a saudação da paz em que os fiéis, por meio do gesto, manifestam uns aos outros a paz e a caridade (RM, n. 109-110).

No contexto da missa, deve-se observar que após o Pai-nosso, omitido o embolismo (*Livrai-nos de todos os males*), segue a bênção nupcial, omite-se a oração da paz, mas pode ser feita a saudação, seguindo o *Cordeiro de Deus* e a distribuição da comunhão, indicando que "o casal, seus pais, testemunhas e parentes, poderão receber a Comunhão sob as duas espécies" (RM, n. 76). "A comunhão com ambas as espécies, pão e vinho, não se faz para solenizar a celebração, mas para dar-lhe expressividade sacramental" (ALDAZÁBAL, 2002, p. 459).

Terminada a saudação da paz, caso tenha sido feita, ou imediatamente após o Pai-nosso, o sacerdote "*faz a genuflexão, toma a hóstia sobre a âmbula, eleva-a um pouco e diz*: Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. *E os que vão comungar*: Senhor, eu não sou digno (a) de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo (a)" (RM, n. 111). Em seguida, o sacerdote se aproxima dos que vão comungar e distribui a Sagrada Comunhão, como de costume.

As rubricas não indicam que apenas os esposos recebem a Comunhão, mas entende-se que, dentre os presentes, pode comungar "todo católico batizado, que não esteja impedido pelo direito" (RS, n. 91). A comunhão é distribuída pelo sacerdote, ao que se deve observar a seguinte instrução da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos: "Não é permitido aos fiéis 'pegarem por si e muito menos passarem entre eles de mão em mão' a sagrada hóstia ou o cálice sagrado. Além disso, a esse respeito, deve ser abolido o abuso de os esposos, durante a missa nupcial, distribuírem reciprocamente a santa comunhão" (RS, n. 94).

3.3.9 Oração após a Comunhão

De acordo com a Instrução Geral do Missal Romano, "para completar a oração do povo de Deus e encerrar todo o rito da Comunhão, o sacerdote profere a oração depois da Comunhão, em que implora os frutos do mistério celebrado" (IGMR, n. 89). Nesse sentido, a oração tem a finalidade de encerrar o rito da Comunhão e, em seu conteúdo, pedem-se a Deus os frutos da celebração na vida dos fiéis.

[293] O sacerdote pode tomar como referência e inspiração os convites ao Pai-nosso do Missal Romano (conferir em MR, p. 500) e da Liturgia das Horas. (Conferir por exemplo, no Volume 1, Fórmulas facultativas introdutórias ao Pai-nosso, Apêndice, p. 1448).

A índole da oração após a comunhão é de agradecimento pela celebração eucarística, mais concretamente pela comunhão recebida. Para o casal isso é relevante, pois se agradece a graça do sacramento, onde Deus foi bondoso e misericordioso com eles. A gratidão a Deus abre portas para a graça dentro do matrimônio. "Já as explicações mais antigas da missa não esquecem de acrescentar, depois de ter falado da comunhão à qual os fiéis são convidados, a admoestação para a oração de agradecimento"[294]. "Agostinho que [.] divide a celebração da missa em quatro partes, considera como última delas a *gratiarum actio*, ação de graças depois da comunhão"[295].

Após a distribuição da Comunhão, orienta-se um momento de silêncio para que os fiéis louvem e rezem a Deus no íntimo do coração (IGMR, n.45). Nesse sentido, que o silêncio seja verdadeiro, sem necessidade de ser acompanhado por música ('fundo musical') com o sacerdote coordenando, motivando, conduzindo a oração de todos. No entanto, é possível o silêncio ser acompanhado por uma música instrumental, caso não haja canto pós-Comunhão (IGMR, n. 86). Em seguida, após a Comunhão, e respeitando o devido silêncio, procede-se com a oração.

O Ritual apresenta três fórmulas no Capítulo V, sendo que a segunda fórmula aí encontrada, é antecipada no Capítulo II (RM, n. 115), o qual se refere à celebração do matrimônio sem missa.

Oração depois da comunhão (RM. n. 245-247)		
Primeira fórmula	*Segunda fórmula*	*Terceira fórmula*
Oremos. Fortificai, ó Deus, por este sacrifício, a união conjugal que instituístes na vossa providência, para que se tornem um só coração e uma só alma os que unistes em matrimônio (e alimentastes com o mesmo	Oremos. Tendo participado da vossa mesa, nós vos pedimos, ó Deus, que *N.* e *N.*, unidos em Matrimônio, sempre vos sigam e anunciem a todos o vosso nome. Por Cristo, nosso Senhor.	Oremos. Concedei, ó Deus todo-poderoso, que a graça do Matrimônio atinja a plenitude neste casal, e possamos todos colher os frutos do sacrifício que oferecemos. Por Cristo, nosso Senhor.

[294] JUNGMANN, 2009, p. 854. Conferir em Cirilo de Jerusalém, *Catech, myst.* V,22 (Quasten, Mon. 110; acima 469) – Teodoro de Mopsuéstia, *Sermones catech,* VI (Rucker, 38): *Permanes (in ecclesia), ut cum omnibus laudes et benedictiones secundum legem Ecclesiae persolvas*.
[295] JUNGMANN, 2009, p. 854-855. Conferir em Agostinho, *Ep.* 149, 16 (CSEL 44, 363).

pão e o mesmo cálice). Por Cristo, nosso Senhor.		

O conteúdo da primeira e da terceira fórmula faz referência na celebração, especialmente dentro da Missa, quando expressa *por este sacrifício* e *colher os frutos do sacrifício que oferecemos*, referindo-se ao momento que os noivos comungaram o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo. Reforça a unidade espiritual entre o casal que passa a compartilhar a mesma fé a mesma vida eucarística e a mesma aliança com Deus. Nesse sentido, entende-se o porquê de o Ritual apresentar no Capítulo II precisamente a segunda fórmula, sem mencionar as outras duas fórmulas. Note-se também que a primeira fórmula faz referência ao sacramento do matrimônio e da eucaristia, sendo que a menção sobre o sacramento da eucaristia pode ser supressa (indicada pelos parênteses em vermelho) , se, por alguma razão, os esposos não comungaram, uma vez que se refere especificamente a eles (*os que unistes em matrimônio e alimentastes com o mesmo pão e o mesmo cálice*).

Tratando-se do matrimônio celebrado dentro da missa, observem-se as orações próprias do formulário usado, conforme a missa celebrada, caso não seja a missa de casamento.

3.3.10 Conclusão da celebração

Após a oração depois da comunhão, procede-se ao encerramento da celebração, com a bênção final sobre os esposos e o povo e a assinatura da ata. Caso não haja distribuição da Comunhão, terminada a bênção nupcial, o sacerdote conclui a celebração com a bênção simples sobre todos os presentes: “E a todos vós, aqui reunidos, abençoe-vos o Deus todo-poderoso, Pai e Filho ✠ e Espírito Santo” (RM, n. 106) e procede-se à assinatura da ata.

Tratando sobre o contexto da celebração eucarística e a função dos ritos finais, Taborda comenta que o “[.] rito de conclusão fecha e conduz para fora, para a vida cotidiana, para que nela o cristão se manifeste como sacrifício vivo, oblação espiritual, Rm 12,1 cujo sentido se refere também à celebração dos outros sacramentos” (TABORDA, 2015, p. 178).

3.2.11 Bênção dos esposos e do povo no fim da celebração

A oração sobre o povo após a Missa tem um sentido teológico forte, que também pode ser aplicada ao casal, visto que é também enviado em missão e tem o desejo de permanecerem unidos:

> A missa termina com a oração de agradecimento depois da comunhão, e a assembleia pode se desfazer. No entanto, o senso para forma e ordem do ser humano da Antiguidade não teria suportado por muito tempo que esse ato de se desfazer acontecesse de modo informal; portanto, formou-se um determinado procedimento. Somou-se isso uma segunda força [.], foi a consciência de que as comunidades cristãs tinham da união para a qual tinham sido congregadas em Cristo a acabarem de ser congregadas de novo justamente na celebração litúrgica: ainda que a comunidade se separasse, ela ficava unida através das forças santificadoras que estavam vivas na Igreja. Não é de se admirar que se deseja ver essas forças atuarem uma vez mais, antes de se separar. Por isso, o anúncio formal do fim da celebração é vinculado com uma última benção, com a qual a Igreja envia seus filhos e filhas para o mundo. Ao longo dos séculos, a benção assume forma diferenciada, vai definhando e se formando novamente, com força dupla e tripla, e passa para os últimos agradecimentos e pedidos que depois desembocam na oração privada[296].

Conforme o Guia Litúrgico-Pastoral da CNBB, a bênção final manifesta que "[.] o mistério celebrado na ação ritual se prolonga na vida cotidiana do povo em todas as suas dimensões" (CNBB, 2017c, p. 46). Ela é expressão da presença do Senhor que acompanha seu povo e resume a graça mediada pela celebração como um todo. Taborda comenta:

> [.] Tem, portanto, um caráter próprio conforme o sacramento [.]. As *bênçãos solenes*, compostas de três votos a que a assembleia adere com o amém, e adequadas a cada tempo litúrgico e a cada tipo de celebração, explicitam de forma especial a graça que se alcançou na celebração e que levamos para a vida. À graça assim resumida responderá à vida do participante (*lex orandi – lex agendi*: a oração litúrgica é norma do agir)[297].

Taborda descreve acerca da estrutura e da raiz histórica da bênção final solene, a saber:

> A bênção solene está dividida em três membros constituídos por períodos gramaticais elegantemente construídos. A cada um o povo responde amém. Esse estilo de bênção era usado nas missas pontificais antes da comunhão, inicialmente, para santificar o comungante; pouco a pouco se transformou em substitutivo da comunhão. Teve sua origem na Gália, de onde passou para as regiões do norte da Europa, onde é testemunhada na carta do Papa Zacarias a Bonifácio no ano 751. Entretanto, a bênção desse estilo foi muitas vezes transferida para o final da missa, o que foi reprovado, aparentemente sem êxito duradouro, pelo cânon 18 do IV Concílio de Toledo, de 633. De fato, até o séc. XVI e mesmo até o séc. XX, em alguns lugares esse tipo de bênção solene se encontrava em uso. A reforma do Vaticano II deu-lhe um lugar adequado, deixando seu uso a critério do ministro que preside a celebração[298].

O Ritual orienta que, caso haja distribuição da Comunhão e concluída com a oração, o rito é encerrado com a bênção simples, apresentada acima (RM, n. 106) ou com uma das

---

[296] JUNGMANN, 2009, p. 861. A consciência disso, desperta hoje novamente em FIEDLER, Emil. *Christliche Opferfeier:* Gedanken zum Mysterium der Messe. Munique: Ars sacra, 1937, p. 90: o cristão devia se sentir "como se precisasse apertar a mão de todos os que deixam com ele a Casa de Deus, como de bons amigos." Também as liturgias orientais criaram geralmente ainda outros ritos ou orações de benção, além da oração de inclinação que é comum a todas elas. Isso vale especialmente para as liturgias egípcias; conferir em Brigtman, 187s. 243s.
[297] TABORDA, 2015, p. 179.
[298] *Ibidem.*

fórmulas mais solenes, indicadas no Capítulo V (RM, n. 248-250). Apresenta-se o texto das bênçãos, sem descrever como proceder, de forma que é feita como de costume, podendo ser convidado o povo para recebê-la com o corpo inclinado, igualmente como se orienta para a Missa:

> O sacerdote, estendendo as mãos, saúda o povo, dizendo: *O Senhor esteja convosco*, e o povo responde: *Ele está no meio de nós*. E o sacerdote, unindo novamente as mãos, acrescenta logo, recolhendo a mão esquerda sobre o peito e elevando a mão direita: *Abençoe-vos Deus todo-poderoso*, e traçando o sinal da cruz sobre o povo, prossegue: *Pai, e Filho, e Espírito Santo*. Todos respondem: *Amém.* Em certos dias e ocasiões, essa bênção é enriquecida e expressa, conforme as rubricas, pela oração sobre o povo ou outra fórmula mais solene. O Bispo abençoa o povo com fórmula apropriada, traçando três vezes o sinal da cruz sobre o povo (IGMR, n. 167).

Há três fórmulas (RM, n. 248-250) apresentadas pelo Ritual, a saber:

Bênçãos finais solenes		
Primeira fórmula	*Segunda fórmula*	*Terceira fórmula*
Sacerdote: Que Deus, vosso Pai, vos conserve no vosso amor, para que a paz de Cristo habite em vós e permaneça em vossa casa. *R/.* Amém. *Sacerdote:* Que Deus vos dê a bênção dos filhos, o apoio dos amigos e a paz com todos. *R/.* Amém. *Sacerdote:* Sede no mundo um sinal do amor de Deus, abri vossa porta aos pobres e infelizes, que um dia vos receberão, agradecidos, na casa do Pai. *R/.* Amém.	*Sacerdote:* O Deus todo-poderoso vos conceda a sua alegria e vos abençoe em vossos filhos. *R/.* Amém. *Sacerdote:* O Filho de Deus vos acompanhe com solicitude na alegria e na tristeza. *R/.* Amém. *Sacerdote:* O Espírito Santo derrame, sem cessar, a caridade em vossos corações. *R/.* Amém. *Sacerdote*: E a todos vós, aqui reunidos, abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai e Filho ✠ e Espírito Santo.	*Sacerdote:* Jesus, que assistiu às bodas de Caná, derrame suas bênçãos sobre vós e vossos parentes e amigos. *R/.* Amém. *Sacerdote:* O Cristo, que amou a sua Igreja até o fim, derrame continuamente o seu amor nos vossos corações. *R/.* Amém. *Sacerdote:* O Senhor vos faça testemunhas da sua ressurreição e vos a esperar com alegria a felicidade prometida. *R/.* Amém.

Sacerdote: E a todos vós, aqui reunidos, abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai e Filho ✠ e Espírito Santo. *R/*. Amém.	*R/*. Amém.	*Sacerdote*: E a todos vós, aqui reunidos, abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai e Filho ✠ e Espírito Santo. *R/*. Amém.

A primeira fórmula estrutura o conteúdo da bênção com súplicas dirigidas a Deus Pai, pedindo que Ele conserve em seu amor os esposos, para que vivam na paz do Cristo (dimensão sacramental) ; depois suplica o crescimento da família com a geração dos filhos, expressão e fruto da bênção de Deus, o apoio dos amigos e a paz com todos (dimensão antropológica) ; por fim, roga exortando-os a serem sinal do amor de Deus (dimensão sacramental) e ao cuidado com os pobres e infelizes de modo que, assim procedendo, os esposos serão acolhidos no céu (dimensão escatológica) , que recorda a exortação de Jesus (Mt 25,31-40). Ao final, dirige-se a todos os presentes, suplicando que Deus Trindade os abençoe.

Note-se que onde se suplica que Deus dê a bênção dos filhos, é expresso um desejo, ao modo verbal presente do subjetivo, e não se supõe e nem se refere aos filhos que eventualmente os esposos já tenham; nesse sentido, embora as rubricas não indiquem, a sensibilidade pastoral será critério para a escolha da bênção a ser usada, quando, por exemplo, forem esposos idosos. A bênção final solene não é destinada para enfeitar e deixar mais pomposa a conclusão da celebração. Ela comunica uma verdade de fé e expressa uma realidade para ser vivida em decorrência da ação litúrgica celebrada.

A segunda fórmula é estruturada de forma trinitária, sendo que em cada súplica destaca-se uma Pessoa da Trindade. A primeira súplica pede que Deus todo-poderoso, o Pai, conceda aos esposos a alegria e a geração dos filhos, que também pode-se considerar a mesma circunstância acima descrita na primeira fórmula para a escolha da bênção; a segunda roga que o Filho, Jesus Cristo, esteja presente e acompanhe a vida dos esposos em todos os momentos, realçando a promessa *na alegria e na tristeza*; a terceira, suplica ao Espírito Santo para que derrame continuamente a caridade, isto é, o amor vivido concretamente, no coração dos esposos. Ao final, todos os presentes recebem a bênção em nome de Deus Trindade.

A terceira fórmula é constituída por súplicas dirigidas a Jesus com referência a seus títulos “Cristo e Senhor” e a suas ações. O primeiro pedido recorda a presença de Jesus nas bodas de Caná e roga que Ele derrame suas bênçãos sobre os esposos, parentes e amigos presentes; o segundo, recorda o amor perene de Cristo por sua Igreja, cujos esposos são sinais,

e pede que Ele derrame seu amor em seus corações, fortalecidos pela bênção para viverem sua vocação no amor de Cristo; o terceiro, por sua vez, recorda Jesus, o Senhor ressuscitado, para que Ele faça dos esposos testemunhas da sua ressurreição e lhes dê a esperança de viver a felicidade prometida; por fim, como nas duas fórmulas anteriores, suplica sobre todos os presentes a bênção em nome de Deus Trindade. O conteúdo dessa fórmula não faz menção acerca da geração dos filhos.

É significativo, portanto, a bênção final solene, pois realça o mistério celebrado a ser vivido na vida dos esposos, manifestando em seu conteúdo, na forma de súplica, os deveres que lhes são inerentes, assumidos no sacramento realizado. Assim, a *lex orandi* torna-se *lex agendi* (a norma da oração torna-se a norma da ação) e a liturgia, verdadeiramente, realiza o que significa na vida dos esposos, os quais, por sua vida e vocação, oferecem a Deus um verdadeiro culto em espírito e verdade.

É importante considerar que quando a assistência da celebração é feita por um ministro leigo, a forma da bênção não corresponde às que foram supracitadas. Ele traça o sinal da cruz sobre si, dizendo: "Deus nos cumule de alegria e de esperança na fé. A paz de Cristo esteja em nossos corações, e o Espírito Santo nos enriqueça de seus dons" (RM, n. 150). Trata-se de uma forma simples e direta, com uma linguagem adaptada para o ministro leigo, o qual se inclui na súplica de bênção, usando o pronome na primeira pessoa do plural.

3.3.12 Assinatura da ata

O Ritual indica que "Terminada a celebração, as testemunhas e o ministro assinam a ata do casamento, na sacristia ou diante do povo, mas nunca sobre o altar" (RM, n. 117).

A razão dessa proibição taxativa justifica-se pelo fato de a assinatura da ata não ser parte constitutiva da celebração litúrgica, tratando-se de um registro jurídico-canônico do acontecimento da celebração (CDC, cân.1121, §1)[299]. O Ritual, porém, tem o cuidado de orientar sua realização. A assinatura deve acontecer na sacristia ou perante os fiéis presentes, sendo, neste último caso, realizado numa mesa em algum lugar da igreja previamente preparado para isso. Sendo assim, nunca deve ser feita a assinatura sobre o altar.

A mesa do altar, pela sua própria natureza, não admite assinaturas de documentos que não estejam intimamente ligados à ação litúrgica. Situação distinta à ata do matrimônio, por

[299] "Celebrado o matrimônio, o pároco do lugar da celebração, ou quem lhe faz as vezes, ainda que nenhum deles tenha assistido ao mesmo, registre o mais depressa possível no livro de casamento os nomes dos cônjuges, do assistente, das testemunhas, o lugar e a data da celebração do matrimônio, segundo o modo prescrito pela conferência dos Bispos ou pelo Bispo diocesano".

exemplo, ocorre na celebração da profissão perpétua de religiosos e religiosas, em que o próprio rito recomenda que o neoprofesso, tendo lido a fórmula da profissão, escrita previamente de próprio punho, assine a carta da profissão em cima do altar, caso seja possível fazê-lo com facilidade (CB, n. 760)[300]. O sentido teológico dessa ação litúrgica manifesta a consagração perpétua do neoprofesso ao Cristo Senhor (Altar) a ser levado a termo na vivência dos conselhos evangélicos (pobreza, castidade e obediência) e no carisma próprio de sua família religiosa. A celebração do matrimônio também é uma consagração a Cristo, mas a assinatura da ata não é sinal de tal consagração, como ocorre na profissão perpétua dos religiosos e religiosas.

Nesse sentido, dada a natureza e a dignidade do altar, é relevante recordar o que ensina a Instrução Geral do Missal Romano, a saber: o altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da Missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia. (IGMR, n. 296).

O Ritual de Dedicação de Igreja e de Altar, em seu Capítulo IV, sobre a dedicação de um altar, ensina: "Pelo fato de o memorial do Senhor se celebrar no altar e ali se entregar aos fiéis seu Corpo e Sangue, os escritores da Igreja foram levados a vê-lo como sinal do próprio Cristo; e daí tornar-se comum a afirmação: 'O altar é Cristo'" (RDIA, n. 4) , e assegura: "Toda a dignidade do altar está em ser a mesa do Senhor" (RDIA, n. 5).

Acerca das coisas que podem ser colocadas sobre o altar, a Instrução afirma:

> Sobre a mesa do altar podem ser colocadas somente aquelas coisas que se requerem para a celebração da Missa, ou seja: o Evangeliário, do início da celebração até a proclamação do Evangelho; desde a apresentação das oferendas até a purificação dos vasos sagrados, o cálice com a patena, o cibório, se necessário, e, finalmente, o corporal, o sanguinho, a pala e o Missal. Além disso, se disponham de modo discreto os aparelhos que possam ajudar a amplificar a voz do sacerdote (IGMR, n. 306).

Esses elementos dizem respeito à missa. Quando há outros ritos celebrados dentro da missa, devem ser observadas as prescrições de cada rito. Embora não se proíba expressamente a assinatura da ata de casamento no ambão, também este não é o lugar adequado, uma vez que é o lugar do anúncio da Palavra de Deus, reservado apenas para isso (CB, n. 309).

Enfim, ao concluir a reflexão e análise sobre o rito do matrimônio sem missa, nota-se a riqueza da liturgia da Igreja. Cada momento é importante para os noivos e depois casados. Do início ao fim da celebração, o objetivo é não fixar os sentidos no externo desviando muitas

[300] Conferir também em: RITUAL DA PROFISSÃO RELIGIOSA. In: PONTIFICAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2000., n. 78 se refere ao documento citado.

vezes o pensamento, a atenção para o fora e sim, ter experiência da presença de Deus, o mistério como a própria origem da palavra sacramento. Através dos sinais sacramentais Cristo se faz presente, encontro pessoal e comunitário com Ele. Ao receber a bênção os noivos selam a união conjugal, no caso dos noivos, receber a bênção para a união conjugal. O sacramento do matrimônio é uma união entre três: o homem, a mulher e Deus. Isso significa fazer tudo de acordo as diretrizes da Igreja, pois é na Igreja que acontece a bênção do Senhor, por meio do assistente designado. Os pontos essenciais da celebração são o consentimento, bênção das alianças e bênção nupcial: esses aspectos não podem faltar, do contrário, a celebração do matrimônio não tem sentido. Quando se têm a compreensão do rito segundo o Ritual aprovado a celebração fica carregada de espiritualidade e favorece o encontro com Deus, especialmente para os noivos e para os convidados do casamento. Existe muita espiritualidade e sobretudo teologia envolvida dentro do rito sacramental. Cada passo é importante e tem um significado para o casal e para a comunidade de fé que acompanha o matrimônio cristão que nasce.

Agora, para favorecer o andamento da celebração, conforme a Igreja orienta para o matrimônio, convém explorar melhor a formação litúrgica. A seguir, se tratará da formação litúrgica e o matrimônio. De forma que o sacerdote, a paróquia (secretaria, sobretudo) , os agentes de pastorais (liturgia, especialmente) possam educar-se no sentido litúrgico adaptado ao matrimônio. Logo, os benefícios serão enormes, tanto para a preparação aos noivos, quanto aos casados e, também, a todo o povo de Deus.

4. A FORMAÇÃO LITÚRGICA E O MATRIMÔNIO

Depois de uma explicação completa do rito da celebração do matrimônio (sem Missa), onde se explanou a sua teologia envolvida, faz-se necessário conectar essa formação litúrgica ao matrimônio. Além do conhecimento e seguimento do rito do matrimônio para uma celebração adequada e frutuosa, é preciso ampliar essa conexão com a liturgia em geral, sobretudo os demais sacramentos e sacramentais da Igreja. A Igreja como instituição deve favorecer essa integração, bem como o próprio casal precisa compreender a necessidade da adesão. O fruto disso é de benefício para o casal, que se prepara ou está vivenciando o matrimônio.

Graças ao Concílio Vaticano II e ao movimento litúrgico, o conceito da liturgia mudou na Igreja. Começou a dar um sentido teológico "primeira e indispensável fonte na qual os fiéis podem haurir o genuíno espírito cristão" (SC, n. 11). O fato de fazer teologia, por meio da liturgia, tornou-se um caminho de experiência e reflexão sobre a fé cristã na Igreja. Mudou-se o conceito de comunidade sacerdotal. Em concreto, com a *Desiderio desideravi,* o Papa Francisco mostra que "não pode sair dessa linha de redescoberta do valor teológico da liturgia"[301].

São várias as ações que a Igreja pode manter para cuidar do matrimônio, como patrimônio institucional e espiritual. O próprio termo diz reflexões teológicas significando levar a Igreja a ações concretas a serem adotadas no desenvolvimento da pastoral. Fazer teologia dentro da liturgia. Aqui se compreende a necessidade de conectar os ritos com a formação litúrgica e depois aplicá-la ao matrimônio num contínuo agir do Espírito Santo sobre a família, casal e filhos, Igreja.

Este capítulo liga a formação litúrgica ao sacramento do matrimônio e à família, o casal e filhos. Mas não se exclui a formação litúrgica aos batizados e pessoas de boa vontade. Com efeito, o último documento pontifício sobre família foi a *Amoris Laetitia*. O núcleo desse documento não foram as controvérsias sobre os divorciados e recasados, nem sobre a confissão e comunhão a eles, mas o amor na família. Uma forma de resgatar os aspectos positivos da *Amoris Laetitia* é a formação litúrgica, aprendizado e experiência. O âmbito da liturgia toca as esferas das pessoas, e particularmente do casal e dos filhos: convite a uma experiência do divino na própria vida e a descoberta do amor de Deus.

[301] GRILLO, Andrea. A liturgia e o desejo de comunhão: sobre "Desiderio desideravi" do Papa Francisco. *Instituto Humanitas Unisinos.* São Leopoldo, 2022. Disponível em: A liturgia e o desejo de comunhão: sobre "Desiderio desideravi" do Papa Francisco - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 06 mar. 2024.

Um elemento importante na formação litúrgica é o símbolo. O casal e os filhos precisam conhecer os símbolos da liturgia para penetrar no mistério de Deus. Olhar além dos símbolos é transcender. Faz-se necessário ter uma visão com olhos diferentes para adentrar nos mistérios da fé. O estar e o fixar a atenção nos momentos litúrgicos, ou seja, nos sacramentos ministrados trazem consequências na formação do ser humano.

Guardini explora com tanta lucidez e, sobretudo mostra o fascínio, a atração que os elementos litúrgicos exercem sobre os que são partícipes do sacramento do matrimônio e a família matrimonial. O autor foi um dos primeiros que tomou consciência dos paradoxos modernos da liturgia, da formação e de suas ligações. Paradoxos modernos como: a vivência litúrgica em comunidade, a união de alma e corpo nas celebrações litúrgicas, o cumprir os ritos estabelecidos etc. Foi o que melhor definiu verdadeiramente a formação pela liturgia e as autênticas possibilidades formativas da ação litúrgica existentes:

> A liturgia é a conduta religiosa da humanidade renascida. Nela, a Igreja - e o indivíduo, enquanto membro da Igreja - se põe defronte a Deus. Mas Igreja e indivíduo encontram-se um ao outro, de modo vivo, na comunidade paroquial concreta com suas relações e tarefas historicamente determinadas. E a comunidade cristã, a Igreja, ora, oferta e se renova na liturgia e assim também faz o indivíduo, enquanto integrante da assembleia eclesial. A comunidade humana cristã existe verdadeiramente desde quando, em Pentecostes, o Espírito Santo desceu e o anúncio que trazia, da salvação em Cristo, tornou-se compreensível a todos os povos pela boca dos apóstolos. Duas vezes essa comunidade tornou-se vivamente consciente disso: nos primeiros séculos de cristianismo e na Idade Média[302].

Enfim, Guardini foi além dos símbolos, percebendo o poder formativo da liturgia, que exige do ser humano o melhor de sua humanidade, especialmente sua unidade fundamental entre alma encarnada e corpo animado. Além disso, destacou a elegância expressiva relacionada aos objetos que prolongam o dinamismo da liturgia e seu enraizamento comunitário.

Como base para este capítulo se usará a estrutura da carta apostólica *Desiderio desideravi* do Papa Francisco sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Esse escrito do Papa Francisco vem a contribuir nas reflexões sobre a liturgia, no Concílio Vaticano II, especialmente no documento *Sacrosanctum concilium.* Nesse documento pontifício, existem várias citações de Romano Guardini. Além disso, os conceitos e reflexões da *Desiderio desideravi* são parecidos aos de Guardini. Primeiro, apresentaremos o que é o matrimônio para Guardini; ele se deteve no ponto de vista ético; com as devidas conexões com o âmbito litúrgico dos sacramentos e sacramentais. Depois, trataremos da estrutura da *Desiderio desideravi* com as aplicações e reflexões teológicas ao matrimônio. No final, faremos aplicações práticas para o

[302] GUARDINI, Romano. *Formação Litúrgica.* Curitiba: Carpintaria, 2023, p. 127-128.

matrimônio e a liturgia, seguindo a estrutura da *Desiderio desideravi*. Os títulos em questão da carta apostólica mostram os temas importantes a serem aplicados e refletidos, desde o ponto de vista teológico, dentro do matrimônio.

4.1 Matrimônio e ética em Romano Guardini

O tema do matrimônio em Romano Guardini está descrito no livro *Ética: lecciones en la Universidad de Munich*, na parte onde se fala do ordenamento civil e religioso. Assim, o matrimônio é analisado sob uma perspectiva das suas ações na ética cristã. A importância dessa abordagem mostra o matrimônio como algo fundamental para a Igreja e para a sociedade. Por isso, tendo compreendido o valor ético do matrimônio se pode refletir e aplicar à liturgia, especialmente para a preparação, celebração e depois na vivência desse sacramento.

"Desde a antiguidade, o matrimonio foi tido, na Igreja, como uma realidade importante, tanto do ponto de vista social ou comunitário como do ponto de vista espiritual" (SESBOÜÉ, 2005, p. 280). O impacto positivo no mundo tem muito a ver com a influência do matrimônio e da família. Guardini, tendo uma noção própria de pessoa humana, consegue manter uma abordagem personalista dentro da teologia moral. Isso serve para, no momento oportuno, fazer o diálogo com a liturgia, particularmente com o sacramento do matrimônio. O conceito de pessoa, inserida em uma comunidade ou grupo, é chave para elaborar reflexões sobre a liturgia. Ao mesmo tempo, é preciso analisar como essa ética se manifesta no contato com simbolismo litúrgico. Por conseguinte, a liturgia faz com que a ação moral do ser humano toque o seu máximo esplendor. No entanto, pareceria que a ação moral e a liturgia nada teriam em comum, pois não existe praticidade, ou seja, não acarreta a utilidade: "Existe algo na liturgia que afasta toda as naturezas voltadas para a ação moral, para a atividade prática: é a sua posição típica em face da ordem moral" (GUARDINI, 1942, p. 101). Entretanto, a união da ação moral com a liturgia é real e acontece: "Todavia, é apenas aparentemente que a liturgia se preocupa tão pouco com as atividades, aspirações, com a situação moral do homem. Na realidade ela sabe muito bem que quem nela vive possui a verdade, a saúde moral e a liberdade na sua mais íntima essência" (GUARDINI, 1942, p. 112).

Na verdade, a ação moral e a liturgia no sacramento do matrimônio se envolvem, não de maneira intrínseca. Primeiramente, existe a intenção do compromisso moral de realizar uma aliança de amor fiel e indissolúvel. Ambos decidiram livre e conscientemente assumirem o chamamento de Deus para vocação matrimonial. Pode-se falar que a ação moral dos noivos precede e fundamenta a liturgia. Mas percebe-se que o casal assume publicamente um compromisso moral (ação moral) e a sua vivência quotidiana. A celebração ela mesma não se encerra na liturgia nela mesma, mas existe o reverberar na realidade do casal, enfim, da família que irá constituir. Uma entrega um pelo outro para toda a vida, ato moral que torna a união válida – consentimento. Há o desejo de entrega um pelo outro buscando o bem mútuo e a santificação do casal, ou seja, nas alegrias, adversidades, sofrimentos um suportar o outro, se ajudarem no caminho da salvação. Não apenas o casal, porém todos que estão ao seu redor. Exemplo de 'igreja doméstica' para seus filhos e para a comunidade. Ambos assumiram também a missão de estarem abertos para receber e educar os filhos para Deus - compromisso ético fundamental.

A ação moral dos noivos precede e fundamenta a liturgia. A liturgia é entendida como expressão da ação moral. Durante a celebração, a ação moral dos noivos é ritualizada e validada pela Igreja. Existem dois momentos mais marcantes: o consentimento mútuo e a bênção nupcial. Ao proferirem o 'sim' de forma livre e pública, eles expressam a sua vontade interna e o seu compromisso moral de união e de comunidade de vida e amor - igreja doméstica. Com relação a bênção nupcial, o sacerdote, sendo o porta-voz da Igreja invoca a ação do Espírito Santo e a graça especial do sacramento é dada sobre o casal para que possam cumprir o compromisso moral e viver santamente sua missão. Existe o desejo natural dos noivos na união conjugal.

Com efeito, a celebração litúrgica conduz a forma natural a sacramentalidade. Pelo ato litúrgico se resgata o matrimônio da forma natural e o eleva ao estado de sacramento. Na realidade quotidiana existe a vida pós-litúrgica como continuação da moral, ou seja, a celebração marca o início de um caminhar conjugal que foi assumido. A ação moral vem a ser no dia a dia reflexo do ato litúrgico realizado, resposta da graça recebida no sacramento. O pacto divino-humano permanece, presença viva de Deus sustentando a vocação matrimonial. A relação baseada no diálogo, gentileza e respeito mútuo é reflexo da ação moral. Há a vivência da fidelidade e superação das dificuldades. Enfim, tudo isso ocorre tendo como fonte a oração, a Palavra de Deus e nos sacramentos experenciados a cada momento da vida pelo casal e família. A liturgia do matrimônio torna válida e sacraliza a ação moral do casal. Compromisso assumido no altar, ação litúrgica, sacramento recebido que simboliza o amor de Deus e o amor humano.

A visão da ética de Guardini passa pelo matrimônio e pela família na Igreja, permeia a união do homem com a mulher, no sentido mais amplo dentro da sociedade, marcada por elementos como individualismo, a rapidez e a mentalidade do descartável. Do ponto de vista guardiniano, o matrimônio é algo objetivo, tem leis e normas para se seguir, que se resume no bem dos cônjuges, em ter filhos e de viver em sociedade. Igualmente, a subjetividade do matrimônio, que visa a valorização dos sentimentos dos interessados, é importante, pois o ser humano é dotado de emoções e impressões, mas, passa pela ordem objetiva dos fatos: o matrimônio é indissolúvel e a perpetuidade dos filhos, tudo isso por cima do poder civil, mas apoiado por ele. Enfim, ao analisar a ética matrimonial e familiar em Guardini, dá-se a impressão de que as coisas são colocadas em seu devido lugar, especialmente, a tendência sexual do homem e da mulher, algo constitutivo do matrimônio e da família, que visa o bem do casal e dos filhos.

> Para ter um discurso adequado na visão da ética de Guardini é preciso ir à fundamentação: matrimônio foi instituído por Deus. Foi Ele mesmo, que criando o homem e a mulher, criou também a união conjugal: Legitimamente contraído, o matrimônio constitui uma união saída do próprio Deus. Uma só carne vinda de Deus, não são dois, mas um. Tudo que afeta a um, diz respeito ao outro. Fica sempre a critério do homem e da mulher se unirem em matrimônio: mas se o faz, Deus confere ao novo laço um caráter que excede o absoluto aos esposos, algo que se trata de um caráter sobre-humano e que pode fazer ou não do matrimônio um bem-aventurado mistério, situado na paz e alegria, acima de todas as dificuldades e que pode conduzir a um pesado destino. Desse modo, o matrimônio deve envolver um conteúdo profundo, seja aquela obra maravilhosa estruturada por forças naturais e sobrenaturais, que Cristo fez[303].

Na vinculação do indivíduo ao grupo, o matrimônio entra na lista de Guardini, sendo importante para o desenvolvimento da sociedade e da Igreja. Ao ser o matrimônio elevado pelo Cristo à dignidade de sacramento, o casal e a família se tornaram Igreja doméstica onde se aprende e vivencia a fé. É o primeiro local de catequese, fazem-se a formação das virtudes cristãs e amor ao próximo. Torna-se uma comunidade de graça e oração, célula da sociedade e sinal da Santíssima Trindade. Assim, pode-se dizer que o matrimônio e a família é uma pequena sociedade. Em realidade, a diversidade dentre os indivíduos, dentro do matrimônio e da família, mostra a importância do indivíduo para se agregar a um grupo.

> Quanto à sua forma e aos conteúdos concretos específicos, podem ser relações complementares, tal como acontece com as diferenças de sexo e idade, condições de caráter, características de pessoas e etnia; ou de formas de vínculo como encontro, amizade íntima ou superficial, camaradagem, casamento, liderança; ou vários modos

[303] GUARDINI, Romano. *Sentido de la Iglesia.* San Sebastián: Dinor, 1958, p. 85. Conferir também no seguinte livro para aprofundar: GUARDINI, Romano. *The Lord.* Washington, DC: Gateway Editions, 1996, p. 319-320

> de relacionamento que visam alcançar certos propósitos ou a realização de um determinado significado vital, tais como comunidade pessoal, comunicação de mestre a discípulo, grupos de trabalho[304].

Existe uma ordem básica da vida ética afetiva e sexual do homem e da mulher, que é o matrimônio. Efetivamente, esse sacramento, não surge como uma fase da vida, "mas é querido como uma iniciativa"[305]. Essa missão, conforme avança, faz com que duas pessoas decidam viver uma vida em comum, é preciso que seja "querida, desenvolvida e protegida constantemente"[306]. Convém refrescar a memória que o matrimônio deve ser respeitado por aqueles que estão fora do seu recinto. Sendo algo privado, surge o dever de se tratar com "um respeito, uma confiança e cortesia que, como algo natural, produz algo reservado,"[307] porque se trata de duas pessoas que convivem.

> Somente com as forças naturais, que impulsionam o matrimônio, não podem ser configuradas como a individuação dos dois em Deus; como uma comunidade que reduz a mera soma das duas partes. Bem antes, constitui algo mais elevado, imagem do reino de Deus; como fertilidade regulada em todos os sentidos. Isso pressupõe uma força radical de afirmação e entrega, mas, ao mesmo tempo, uma dependência da mesma natureza justamente no que diz respeito ao sexual[308].

Por mais que seja algo privado, o matrimônio, somente com uma fundamentação objetiva, pode marcar a base "humana e histórica"[309] do mundo. A objetividade do matrimônio para Guardini é algo marcante. Além de deixar de lado o que é simplesmente erótico, que não se compromete com o relacionamento, implica ter filhos e viver em sociedade, dando continuidade à vida no mundo. Assim, as formas canônica e civil são importantes ao contrair o matrimônio para que exista "construção e persistência"[310]. A objetividade que se refere Guardini está na sua essência como uma realidade sagrada e transcendente. Essa vai juntar-se com a subjetividade, que é valorização dos sentimentos dos interessados. A tendência na atualidade é de considerar o matrimônio como algo vulgar, que reprime os sentimentos e a sensibilidade, e tira o sentido de liberdade pessoal. Do mesmo modo que se fala do matrimônio como algo privado, observa-se que as instituições se intrometem respeito aos seus fins. Existem, então, dois problemas que o matrimônio está envolvido, elevá-lo a algo subjetivo e deixá-lo à mercê das opiniões externas.

---

[304] GUARDINI, Romano. *El contraste:* ensayo de una filosofía de lo viviente-concreto. Madrid: BAC, 1996, p. 158-159.
[305] GUARDINI, Romano. *Ética:* lecciones en la Universidad de Munich. Madrid: BAC, 2010, p. 510.
[306] *Ibidem.*, p. 511.
[307] *Ibidem.*
[308] GUARDINI, 1958, p. 85.
[309] GUARDINI, Romano. *Ética:* lecciones en la Universidad de Munich. Madrid: BAC, 2010, p. 511.
[310] *Ibidem.*

Segundo Guardini a essência do matrimônio consiste em ser um sacramento que santifica o amor humano e faz a comunhão com Deus. Não é à toa que o presente trabalho apresenta a ideia de "matrimônio como símbolo do amor de Deus e do amor humano". Assim, para reforçar a essência do matrimônio, convém analisar os matrimônios bons e que dão certo. Os matrimônios que não dão certo é porque buscam uma felicidade pessoal, desenvolvimentos subjetivos ou configuração da própria vida. No caso, esses matrimônios, carecem da forma objetiva que consiste é no bem dos cônjuges e no cuidado dos filhos além de ter o aval civil e canônico dos direitos e deveres próprios. Diz que o matrimônio é algo, "por natureza, indissolúvel,"[311] ou seja, precisa que dure para sempre pela dinâmica do amor e da geração e educação dos filhos. Por isso, a vontade pessoal, ou seja, a liberdade individual tem de se adequar à ordem estabelecida e para a qual o matrimônio foi feito. Sem o real uso da liberdade, o ser humano vira egoísta: "É para a liberdade que Cristo nos libertou. Ficai firmes e não vos deixeis amarrar de novo ao jugo da escravidão" (Gl 5, 1).

O pensamento moderno diz que não existe felicidade sem fazer o que se quer dentro da vida, especialmente, dentro do matrimônio. Esse pensamento confunde os casais que querem estabelecer um lar, pois sem entrega, serviço e doação não existe matrimônio cristão. No Estado, inúmeras vezes, o que se pode encontrar são argumentos para a separação. O Estado, com o poder civil, dificilmente consegue gerar valores dentro do matrimônio, quanto mais valores religiosos, que na verdade não é dever direto do Estado. Portanto, "não podemos considerar o Estado como uma máquina que funciona às cegas"[312]. Logo, a Igreja, como instituição, deve velar pelo matrimônio e a família para que o coletivo não se sobreponha sobre o que é próprio ao casal.

Em sua obra *As Idades da Vida*, Romano Guardini coloca sua preocupação com relação às "intromissões" do Estado na vida privada das pessoas. O autor defendia uma visão do Estado que respeitasse a dignidade da pessoa humana e a sua vocação para a transcendência. Guardini enfatizava que: "Deem, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22, 20). Enfim, ele opunha-se a qualquer forma política que coerção buscando totalizar a existência humana e anular a responsabilidade individual. O casal cristão deve descobrir, sobretudo com o suporte da Igreja, o seu valor como célula originária da sociedade. O casal e sua família com autoridade, a estabilidade e a qualidade das relações tornam-se a base para a liberdade, segurança e fraternidade da sociedade. Expressam o Amor de doação, dedicação, valores que quando vividos modificam as vidas das pessoas ao seu redor.

---

[311] GUARDINI, 2010, p. 512.
[312] GUARDINI, Romano. *Cartas de formação*. Lisboa: Editorial Aster, 1960, p. 153.

A conduta sexual do casal é importante. Nos tempos modernos, a sexualidade parece ter um aval muito permissivo. Isso gera entre os casais que formam o matrimônio um desconforto e desvalorização da castidade pré-matrimonial e pós-matrimonial. Sem a verdadeira descoberta da castidade, a erotização negativa toma conta. Na realidade, a erotização exacerbada não ajuda para que o matrimônio seja indissolúvel, ou seja, que não se dissolva por elementos humanos. É preciso buscar seu fundamento dentro dele mesmo e na Igreja. A sexualidade deve ser vista como constitutiva da pessoa e das relações conjugais. Efetivamente, influencia o ser humano, na sua totalidade. O amor esponsal pleno, fiel e exclusivo que abrange do casal todas as componentes corpo, instinto, sentimento, espírito. Ser humano, ser corpo e espírito que se falam, se tocam como o orar e dialogar chegando a Deus. Ato de intimidade afetiva e emocional, estão juntos e expressão de aceitação, de doar-se, sim, amor capaz de querer o bem-estar e a felicidade do parceiro, não é à toa que existe a expressão 'fazer amor'. Neste ato de amor que interagem com o amor de Deus, chegam, atingem o céu e a eternidade, ao divino sendo cocriadores dando vida aos seus filhos, fazendo parte da criação. Dom abençoado por Deus destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum do cuidado da criação: "Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a" (Gn 1, 28). "Se o matrimônio é entrega confiada, recíproca e perfeita entre duas pessoas," ter filhos é algo incomensurável (GUARDINI, 2010, p. 513).

Por isso, a sexualidade orientada ao casal e para ter filhos é a melhor fusão. Os filhos são educados para a vida, por isso, não se admite o divórcio, como perspectiva de vida matrimonial. A ideia do matrimônio se desfazer é algo sem fundamento, na realidade pode acontecer como fatalidade ou questões particulares, mas que seja algo determinado, isso não rege dentro da sociedade, nem na Igreja, e nem sequer na dinâmica interna do matrimônio. Portanto, é possível dizer que o matrimônio une a parte subjetiva do amor e sexualidade com a parte de objetiva do compromisso e entrega. Para que isso aconteça, é necessário buscar o fundamento no próprio matrimônio e nos valores da Igreja. Quando se trata da atração por duas pessoas para formar o matrimônio existe a fase do *eros.* A pessoa esteve no ambiente familiar e aos poucos constrói a própria vida. Tudo isso se vê plasmado na construção da própria liberdade: "Ser livre significa não ser violado de fora; ser capaz de escolher, segundo a própria vontade, entre diversas possibilidades" (GUARDINI, 1958, p. 54). Com efeito, a liberdade permeia a condição matrimonial e familiar, por isso, ela deve ser mais forte que os condicionamentos contrários às leis de Deus.

> A liberdade consiste em o homem reagir de acordo com a plenitude de sua essência e de acordo com o caráter individual dela, determinado pela vontade divina, à verdadeira essência de sua essência, rechear; que a ideia divina do ser interior do homem e a ideia divina do mundo exterior se encontram na vida da personalidade[313].

Vive-se num mundo onde existe uma erotização das pessoas, transformando-as em coisas. "Uma civilização das 'coisas' e não das 'pessoas'; uma civilização onde as pessoas se usam como se usam as coisas. No contexto da civilização do desfrutar, a mulher pode tornar-se para o homem um objeto, os filhos um obstáculo para os pais" (PCF, 1995, n. 11). Para que isso não aconteça dentro da sexualidade é preciso que "na vivência erótica o indivíduo se encontre com o outro indivíduo,"[314] apareça uma atração, que inclua a totalidade de ambos. Consequentemente, vê-se importante ponderar o valor da outra pessoa. O *eros* se dirige ao outro em concreto. Pode ser que depois do encantamento se note algo de negativo no outro. Assim, vendo o que é essencial se descobre o verdadeiramente o poder do *eros.* Dentro do matrimônio, para descobrir o valor do *eros* é preciso analisar o poder da ética e o conjunto do encantamento. As fantasias podem servir, os sentimentos podem auxiliar, mas é bom ver tudo isso com o realismo e quais são os elementos do verdadeiro amor. Em primeiro lugar dentro do amor matrimonial é o conhecimento para depois acontecer a familiarização com os estados de ânimo dos indivíduos que vão casar-se, de modo que possam decidir por toda a vida a tal querida união conjugal.

> O matrimônio não é apenas a realização do amor imediato que reúne o homem e a mulher, mas a sua lenta transformação pela experiência comum. No seu início, o amor não vê esta realidade. A força dos sentidos e do coração impede uma tomada. de consciência dela, vela-a e envolve-a de uma atmosfera de sonho e de eternidade. Se a pouco e pouco ela dissipa essa bruma, quando cada um vê os hábitos quotidianos, as insuficiências, as defecções do outro. Se o aceita então tal como ele é, sempre de novo e através de todas as decepções; se transportam juntos as alegrias e as penas da vida quotidiana como os grandes acontecimentos da vida, perante Deus e com a força de Deus, desenvolve-se então a pouco e pouco o segundo amor que é o verdadeiro mistério do casamento. Excede o primeiro tal como a maturidade excede a juventude e tal como o coração que sabe renunciar excede o coração que apenas sabe abrir-se e dar. Algo maior é aí produzido, mas como fruto de muitos sacrifícios e muitas renúncias. É preciso no casamento muita energia, uma fidelidade profunda, um coração corajoso, para se não cair nas paixões ilusórias, na cobardia, no egoísmo, no desejo de dominar[315].

Depois de algum tempo, podendo ser anos, meses ou semanas, pode desaparecer o encantamento sexual pela pessoa, o *eros* vai diminuindo. Por isso a castidade é importante, ela "é a afirmação cheia de alegria de quem sabe viver o dom de si, livre de toda a escravidão

[313] GUARDINI, 1958, p. 54
[314] GUARDINI, 2010, 515.
[315] GUARDINI, 1996, p. 322-323.

egoísta" (PCF, 1995, n. 17). Convém viver o dom de si, que nem sempre se manifesta em algo sensível. Nesse momento entra a disposição do casal de crescer em família, antes que uma pretensão individual de felicidade se apresente. Para que o casal dure no tempo requer estabilidade. No começo, as mudanças são muitas, por isso é preciso constância. Trata-se de construir o que dura para sempre. Para estar juntos por muito tempo, somente o sentimento e emoção não bastam. É preciso "querer e aprender, com disciplina e fidelidade"[316]. O que permanece é o filho ou a filha, além do amor mútuo. Assim, os filhos devem ser objeto de constante atenção e cuidado de parte dos pais. Inclusive, pode ser mais importante esse cuidado do que a atenção à própria fidelidade. Decerto, a possibilidade de fidelidade aumenta na medida que se assume essa exigência.

O que dura é o centro vital chamado família. O fio condutor da história mostra que o lar se mantém firme diante do Estado e organizações sociais e científicas. Aqui se fala de coisas distintas a da felicidade individual, fala-se de uma ordem objetiva da felicidade. A percepção da felicidade individual deve se aceitar. Uma exigência se coloca, aceitar a realidade do outro. Depois que passa o primeiro encantamento, a imagem do outro muda, o *eros* vai diminuindo. Com isso, refere-se sobretudo aos defeitos da pessoa podendo obscurecer o encantamento primeiro. No decorrer dos dias do matrimônio e da família os defeitos e qualidades vão aflorando na vida do casal. Tudo isso pode ser motivo de frustração e engano. "A realização do matrimônio consiste em que cada um aceite o outro como é, que não se exija do outro mais do ele pode dar"[317]. Tudo isso deve ser feito várias vezes, principalmente, nos momentos de crise e nos ritmos certos da existência humana. Em vista disso, convém repensar as exigências que se faz ao outro. Diante do primeiro amor, que entrou profundamente na alma, deve-se algo a mais do que isso, sem exigir mudanças drásticas, pois pode gerar as frustrações da vida. Existe uma missão importante dentro do matrimônio que é "saber-se conhecido pelo outro,"[318] dentro da ética matrimonial isso é fundamental. Esse conhecimento mútuo não é analisar a parte negativa, mas olhar com amor para os defeitos dos outros. É necessário aceitar as exigências que brotam de tal conhecimento mútuo no matrimônio, sendo assim, quanto mais profundo esse conhecimento, melhor surge um convencimento do amor. Outro elemento fundamental dentro da ética matrimonial é a paciência. Atitude que se torna pesada de se lidar dentro do matrimônio é a paciência um pelo outro. O foco dentro do matrimônio é mesma paciência que se faz tenaz e heroica. A perseverança na paciência faz o matrimônio perdurar, fomenta o espaço para a

[316] GUARDINI, 2010, p. 516.
[317] *Ibidem.*
[318] *Ibidem*., p. 517.

liberdade e cortesia. "Segundo o ensinamento do qual os esposos devem continuamente ganhar o amor um do outro e cuidar um do outro com mútua paciência e afeto" (PCF, 1995, n. 31).

Aos poucos vai surgindo uma forma de amar mais profundo. Sobretudo no início, o amor erótico que existe no matrimônio vai se alargando. A princípio, é muita fantasia e sentimento, mas a realidade é outra, que deve ser entendida como algo novo, ou seja, o verdadeiro amor conjugal. Para que esse amor conjugal seja profundo, sem estar diretamente fundado na parte física e anímica, é necessário falar de "caráter, força de vontade, de realização, fidelidade no que acontece, coragem e paciência"[319].

Existem dois tipos de amores dentro do matrimônio. O primeiro é algo espontâneo, algo impactante; convém a mente e vontade controlem o que está acontecendo. O primeiro impulso erótico é interiorizado pela preocupação efetiva com o outro. "Por isso ajuda muito os empenhos objetivos que implica a família: o que traz o nascimento, cuidado e a educação dos filhos, formação, atenção e manutenção desse pequeno mundo que é o lar"[320]. Os filhos devem ser queridos como bênção, em qualquer momento da vida do casal.

> Um desses deveres, e talvez o principal, é a plena aceitação da criança por nascer, e daí deriva a importância fundamental do matrimônio legítimo e da sua abertura incondicional para a vida. Crianças nascidas fora do casamento ou não queridas o bebê veio cedo demais, não queríamos ter mais um filho, mas o método não funcionou, sofrem necessariamente pela vida fora as consequências dessa rejeição pré-natal[321].

O segundo amor, no entanto, o amor conjugal, a força de vontade tem de ser querida como algo ético. Assim, deve existir a predisposição de entrega, generosidade, prática do bem e da fidelidade. O casal se relaciona numa amizade e busca-se a ajuda mútua onde a expressão da sexualidade ou do erotismo visa a dignidade do ser humano e da outra pessoa envolvida, evitando a objetificação – é um querer bem:

> Quando o amor é vivido no matrimônio, ele compreende e ultrapassa a amizade e realiza-se entre um homem e uma mulher que se dão na totalidade, respectivamente segundo a própria masculinidade e feminilidade, fundando com o pacto conjugal aquela comunhão de pessoas na qual Deus quis que fosse concebida, nascesse e se desenvolvesse a vida humana. A este amor conjugal, e somente a este, pertence a doação sexual, que se realiza de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até a morte. O catecismo da Igreja católica recorda: No matrimônio a intimidade corporal dos esposos torna-se sinal e penhor de comunhão espiritual. Entre os batizados, os laços do matrimónio são santificados pelo sacramento (PCF, 1995, n. 10).

---

[319] GUARDINI, 2010, p. 518.
[320] *Ibidem.*, p. 519.
[321] GUARDINI, Romano. *As idades da vida:* o seu sentido ético e pedagógico. São Paulo: Quadrante, 1990, p. 15.

Enquanto o primeiro *eros* está relacionado diretamente a outra pessoa, mesmo que de forma sensível, o amor conjugal está relacionado à dimensão do lar: família, trabalho, enfim diversas preocupações como enfermidade, saúde, momentos bons e ruins. Porém, mesmo assim, a realização pessoal do homem ou mulher é cumprida. Tendo em conta a força da emoção e do sentimento, o que vem depois no relacionamento conjugal é a fidelidade. Para concluir, necessita-se de uma abordagem forte, contra as leis humanas, que pregam o desejo sexual como algo máximo dentro do matrimônio. De fato, existem outros valores a serem cultivados, nos quais se fundamenta uma verdadeira relação conjugal.

A liturgia em geral fortalece a compreensão e vivência da unidade e indissolubilidade matrimonial. A unidade é algo interno, do próprio cônjuge, mas, também, a unidade existe dentro do casal. Existem questões que o casal e os filhos precisam estar unidos para responder e a liturgia favorece a isso. Deveras, quanto mais frequentes às celebrações litúrgicas, gera mais unido o casal fica entre si e com Deus. Por exemplo, o frequentar às missas, confissões e celebrações na Igreja, e na sua própria casa, o rezar juntos gera unidade e comunhão entre o casal e os filhos. A força entre eles é maior, juntos num mesmo ideal.

Do mesmo modo, tratando-se da indissolubilidade matrimonial, quanto maior a vivência litúrgica, mais firme e estável fica a relação conjugal e familiar. Nesse sentido, Deus é eterno e sua misericórdia é infinita, seu amor dura para sempre. Tendo em conta que o matrimônio deve durar no tempo, convém o empenho do casal para estabelecer laços fortes na espiritualidade litúrgica. Tomar consciência da necessidade da vivência litúrgica ajuda bastante no desenvolvimento das finalidades próprias do matrimônio. O casal descobre que as dificuldades são superadas com Deus e com empenho do mesmo casal. Pensar que, por exemplo, que a missa favorece o encontro com Deus, consigo mesmo e com o próximo: nela se pede perdão, se acolhe o próximo, se oferece a oferta da própria vida e da família, se comunga como fortalecimento espiritual, se agradece os dons recebidos, se reza pelos falecidos e pelos vivos. Esse é o verdadeiro sentido de gerar unidade e indissolubilidade dentro de um matrimônio.

O fim principal do matrimônio é o bem integral dos cônjuges. Pensar no bem-estar integral do outro que compartilha a vida é investimento para si mesmo, pois são uma só carne. Na realidade, é preciso permanecer em Deus, não só de pão vive o homem, mas da palavra de Deus. O ser humano, e com maior razão os casados, precisam se alimentar de Deus, além do mais, sendo cristãos precisam dos sacramentos e sacramentais. As celebrações e ritos da liturgia favorecem o encontro com Deus e saciam a sede de espiritualidade, onde a saúde espiritual faz

parte do bem integral do ser humano. Pensar numa missa, numa confissão ou oração bem-feita, pode-se alcançar a paz do coração.

O segundo bem precioso do casal é a procriação e a educação dos filhos. Os sacramentos e a oração educam a sexualidade matrimonial, vista com algo positivo, que exige controle e generosidade. A valorização da pessoa concreta dentro da liturgia mostra como a sexualidade além de ter uma convivência prazerosa, implica fidelidade e compromisso. A pessoa concreta está inserida na comunidade eclesial e tem um valor único e irrepetível. Os ritos e as cerimônias vão dando a pauta de fé e razão para que a afetividade e o ato conjugal sejam abertos à vida e de forma natural. A fé e racionalidade ritual vão exercendo uma função de moldar a personalidade de cada um dentro do matrimônio. O casal melhora a compreensão da sua missão de pais diante de Deus com a vivência litúrgica. O casal se abre à vida e educa corretamente os filhos que Deus mandar. Dentro das cerimônias e orações dos sacramentos e sacramentais é possível ensinar os filhos a terem paciência, esperar, agradecer, louvar, pedir perdão, silêncio. Tudo isso acontece com as diversas formas de interação com a liturgia.

Os valores do matrimônio se aprimoram no contato com a liturgia. Por exemplo, o fato de o matrimônio ser algo natural, entre homem e mulher, que tem o seu desenvolvimento na criação de Deus, descrita no gêneses. Valorizar a naturalidade dos fatos e dos eventos mostra o toque de Deus ao criar todas as coisas, especialmente o homem e a mulher a sua imagem e semelhança. Isso acontece com a participação cheia de fé das celebrações litúrgicas, na Igreja e na casa, que mostram como Deus fez todas as coisas boas com bondade infinita. Quando o casal reza e frequenta assiduamente a liturgia atesta como essa naturalidade divina está presente em suas vidas. Tudo que o que for forçado ou sujeito à violência não vem de Deus. A naturalidade da liturgia, com a disciplina que lhe caracteriza, sem desequilíbrio ou desinteresse, ajuda a tese da naturalidade do matrimônio.

Colocar em ordem o matrimônio significa ver a objetividade dos fatos e a conexão com a vivência litúrgica. Segundo Guardini, a expressão vivência litúrgica significa uma experiência de fé viva que se concretiza na participação consciente e ativa na ação da Igreja. A celebração realizada no sacramento do matrimônio para ser percebida, é necessário que o casal penetre os signos materiais e ritos sagrados para alcançar mistério espiritual. Existe uma comunicação entre o material e o espiritual. O autor convida a redescobrir mais profundamente o significado dos gestos, objetos e ritos simples como meios da espiritualidade e da graça. Cada sacramento experienciado deixa sua marca para que o casal cresça em fé e se capacite para realizar sua missão.

A partir da fé assumida nos sacramentos, o casal é levado a realizar as obras para o Reino de Deus. Pode-se aprofundar mais ainda na "fé", aumentando na "fé", adentrando nos sacramentos, ou seja, indo mais fundo nestes mistérios de Deus. O casal é chamado à santidade, ser imagem e semelhança de Deus, ser sal da terra e luz do mundo, buscar à perfeição[322].

Isso para Guardini é fundamental ao se tratar de um sacramento, onde duas pessoas, homem e mulher, constroem um lar, geralmente com os filhos. Dentro da reflexão ética de Guardini se relaciona com as propriedades do matrimônio: unidade e indissolubilidade; também, o vínculo com fins específicos do matrimônio: bem integral do casal, educação e geração dos filhos. Além disso, do conceito inicial de algo natural, criado e redimido por Deus, o matrimônio é elevado a sacramento, onde pela bênção recebida pela Igreja, os noivos assumem uma experiência de fé viva que se concretiza na participação consciente e ativa na ação da Igreja, superando a mera 'cultura religiosa' superficial. Eles modificam a realidade existente ao se redor ajudando a Igreja e sociedade. Por fim, os valores humanos e espirituais ressoam na explanação de Guardini: fidelidade, generosidade e durabilidade. Todos os conceitos da ético se valorizam e se intensificam ao encontrarem em contato com a espiritualidade litúrgica. No matrimônio é compatível ter propriedades e fins éticos específicos, e ao mesmo tempo frequência e vivência litúrgica. Aliás, parece que a liturgia bem vivida pelo casal e filhos se torna fundamental para ter uma família mais fortalecida nos valores. Enfim, para ter uma vivência litúrgica é preciso uma formação para que os féis, de maneira geral, e no caso do matrimônio, o casal compreenda e participe de forma ativa dos atos litúrgicos permitindo que a fé se orne parte integrante e fundamental da vida quotidiana.

4.2 Formação litúrgica segundo *Desiderio desideravi*

4.2.1 A liturgia: o hoje da história da salvação acontece na vida matrimonial

Antes de entrar na aplicação dos conceitos da *Desiderio desideravi* ao matrimônio convém definir o que é a liturgia na Igreja. A liturgia é a participação do povo de Deus na obra de Deus. É o exercício do sacerdócio de Cristo, onde Ele mesmo continua a nos salvar por meio de sinais visíveis e eficazes (CIC, n.1069).

[322] Conferir em Gn 1, 26-30; Mt 5,13-16; Mt 5, 46-48.

Não há como se falar dos conceitos de Guardini sobre o matrimônio sem refletir sobre a liturgia, preparação, celebração e na vivência do sacramento, desde o ponto de vista teológico. A vivência dos sacramentos, dentro dos ritos e do ensinamento prático, mostra a valorização desses conceitos éticos do matrimônio mostrados por Guardini. O que dizer sobre as propriedades, fins e valores do matrimônio, sem a graça de Cristo? Sem Deus, o matrimônio cristão perde sentido e razão de ser. Na liturgia é onde o matrimônio, marido e mulher, e os filhos se nutrem da ação da graça. Tanto Guardini como o Papa Francisco, afirmam a importância da formação para a liturgia e pela liturgia, em outras palavras, a vivência da liturgia para a transformação interior do ser. Há a necessidade de uma formação séria e vital (seja teológica, litúrgica ou sapiencial) para que os casais compreendam e vivam a profundidade do mistério que assumem, e não fiquem apenas nas formalidades externas. O matrimônio não se trata apenas de uma união humana e, sim, algo a mais, sinal sagrado e eficaz que simboliza o amor incondicional de Cristo por sua Igreja. Destaca-se a visão que ambos possuem quanto ao sacramento do matrimônio com a liturgia e o mistério pascal de Cristo. Por isso, se vê na história da salvação, como Deus quer salvar seu povo, de modo especial, sobretudo o matrimônio por meio da liturgia. No dia da celebração do matrimônio, o hoje da bênção de Deus se mostrou firme. Também, o hoje da vivência do matrimônio se faz presente em continuidade, levando a sério a mesma celebração, de forma particular as promessas feitas.

É preciso meditar na liturgia como "dimensão fundamental para a vida da Igreja" (DD, n. 1). Muitas vezes, a liturgia foi esquecida ou reduzida na vida da Igreja. A obra em questão retoma a questão da importância da formação litúrgica e coloca novamente a liturgia como reflexão teológica e espiritual para a Igreja. Ao tratar-se de reflexões, na Carta Apostólica *Desiderio desideravi*, o Papa Francisco cita Guardini foca amplamente na importância da formação litúrgica e no assombro pelo mistério pascal, que se torna presente nos sinais sacramentais, incluindo o matrimônio, onde o casal e a família vivenciando a liturgia recebem a fonte da vida espiritual.

A história da salvação começa com o desejo de amor de Deus para todos os humanos. Esse amor se traduz em Jesus Cristo, que se encarnando se faz presente no meio de mundo e, estando no meio das pessoas, Cristo deseja que todos se salvem. Essa salvação, apesar de ter tantos canais, ela se dá por meio da liturgia, especialmente pelos sacramentos da Igreja. E na liturgia sacramental, o amor uno e trino se faz presente para a salvação de todos. Assim, o evangelista diz com palavras de Cristo: "Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes de padecer" (Lc 22, 15). Na *Desiderio desideravi,* o Papa Francisco declara com o

pensamento do evangelho: “As palavras de Jesus, com que se abre a narração da última ceia, são a fresta através da qual nos é dada a surpreendente possibilidade de intuir a profundidade do amor das pessoas da Santíssima Trindade para conosco” (DD, n. 2).

O desejo de Deus de se encontrar com o casal e os filhos é grande. Isso pode ser a chave para o matrimônio e a família fazer a experiência do amor de Deus na liturgia. “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes de padecer” (Lc 22, 15). Essas são as palavras de Jesus na última ceia, onde se nota a profundidade do amor trinitário para todos os humanos. Pode-se perceber o anelar da Santíssima Trindade. O desejo de Deus de comunhão com a humanidade, o de Cristo com sua igreja e, o do Espírito Santo, que através de sua força leva o casal, a viver a sua união como dom e serviço mútuos, a participar do único e eterno sacrifício de Cristo.

Os preparativos, por parte de João e Pedro, é uma imensa preparação para a ceia, faz parte da história da salvação da humana, que antes de tudo é um convite de Deus, Ele nos conduz, nos atrai. É um dom que por pura misericórdia é dado aos apóstolos e distribuído a todos.

Esse dom é ofertado de acordo ao projeto originário de Deus “de todas as tribos, línguas, povos e nações,” (Ap 5, 9) todos estão chamados a alimentar-se do corpo e sangue de Cristo na Páscoa definitiva no reino dos céus. Essa concepção da liturgia como dom deve ser explorada na vida, “ninguém ganhou um lugar na última ceia” (CIC n. 1067). Por isso, pode-se dizer que a liturgia é atualização da criação de Deus e do mistério pascal de Cristo na humanidade,[323] onde se mostra o amor de Deus pelo ser humano. Todos os casais, tanto em preparação quanto na vivência, podem se aproximar da liturgia, e na medida do possível dos sacramentos para que tenham um encontro verdadeiro com Cristo.

Ao longo da história da salvação a liturgia veio em alcance do matrimônio e da família. A liturgia faz parte existencial na obra da redenção do casal e dos filhos. Não somente na Eucaristia, mas em todos os sacramentos, a liturgia nos possibilita o encontro com o Senhor Jesus Deus e de sermos tocados pelo poder de sua Páscoa. A liturgia é muito mais do que uma sequência de ritos e celebrações. Liturgia é o espaço privilegiado onde Cristo se encontra com a sua Igreja, onde Ele se faz presente, fala, age, alimenta e transforma. Para o casal cristãos, a liturgia é o lugar por excelência do encontro com Cristo que ilumina, sustenta e molda a vida conjugal. Na constituição sobre a liturgia do Concílio Vaticano II, *Sacrosactum concilium*, fala sobre a revelação como história da salvação segundo um discurso já amplamente usado na

[323] Conferir em WINTERS, Michael Sean. Desiderio desideravi. A nova carta apostólica do Papa Francisco é mais do que “guerras litúrgicas” - Instituto Humanitas Unisinos - IHU.06.07.2022. Acesso em: 23 jul. 2023.

"teologia bíblica," trata-se da chave para compreender toda liturgia. Quando se fala de Tradição, o conceito se encaixa na transmissão do mistério de Cristo e da Igreja, sobretudo ao matrimônio e à família. Já se falou sobre atualizar a tradição dentro do Magistério da Igreja, mas, quando se trata de atualizar em tempos e nos vários lugares da terra, através do rito, fala-se de liturgia. Essa revelação é manifesta no antigo e no novo testamento tem seu ápice em Cristo.

Devemos pensar na evangelização. Cristo quer a colaboração na obra da redenção para que mais e mais pessoas possam participar da ceia do Senhor, no sentido que, mais pessoas possam fazer uma experiência de Deus ou entrar no recinto da Igreja pelos sacramentos. A obra da redenção precisa ser atualizada na vivência cotidiana. Existem muitas pessoas que ainda não fazem parte da ceia do Senhor, e isso deve ser motivo de avançar e preparar formas de evangelizar. De maneira toda especial aos casais que ainda não encontraram a Deus, ou que estão buscando.

É importante colocar em evidência o que Papa Francisco diz sobre a evangelização na *Evangelii gaudium*. Ele explica muito bem o que significa Igreja em saída diante de uma ação missionária. Além do mais, ele resgata o que outros Papas falaram sobre a ação missionária na Igreja. Isso se pode aplicar para a liturgia, que ela seja evangelizadora por essência, saiba atingir as pessoas pela força santificadora, de maneira particular aos casais em vista do matrimônio.

> Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de saída e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos bispos da Oceânia, toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial (EG, n. 27).

A gratuidade do amor de Deus se vê claramente no dia de Pentecostes. A efusão do Espírito Santo mostra como Deus ama seu povo de forma concreta. Esse dom maravilhoso é derramado na liturgia e sobretudo em cada sacramento. O Espírito Santo é fonte de graça no mistério pascal, no qual, em cada sacramento se manifesta até o fim dos tempos. Para o casal que se prepara ou tem a vivência do matrimônio, a presença do Espírito de Deus Santo toma um aspecto importante, dentro da confiança para cumprir os desígnios de Deus para o casal.

> No dia do Pentecostes, pela efusão do Espírito Santo, a Igreja foi manifestada ao mundo. O dom do Espírito inaugura um tempo novo na dispensação do mistério: o tempo da Igreja, durante o qual Cristo manifesta, torna presente e comunica a sua obra de salvação pela liturgia da sua Igreja, "até que Ele venha" (1Cor 11, 26). Durante este tempo da

> Igreja, Cristo vive e age, agora na sua Igreja e com ela, de um modo novo, próprio deste tempo novo. Age pelos sacramentos e é a isso que a tradição comum do Oriente e do Ocidente chama economia sacramental. Esta consiste na comunicação (ou dispensação) dos frutos do mistério pascal de Cristo na celebração da liturgia sacramental da Igreja (CIC, n. 1076).

De momento, a Páscoa na terra é feita pela Eucaristia, onde "são convidados para o banquete das núpcias do cordeiro" (Ap 19, 9). Para ter acesso à Eucaristia, basta ter fé na escuta da palavra (Rm 10, 17), e assim ter a veste lavada no sangue do cordeiro (Ap 7, 14). Para isso, para ter esse tipo de acesso é preciso adaptação "com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação" (EG, n. 27). Sobre a atração do amor de Jesus é notório afirmar quando vamos à Missa somos atraídos por Jesus pelo desejo que Ele mesmo colocou no coração de cada pessoa.

As pessoas perguntam e, não são poucas vezes, o porquê buscar os sacramentos e ir, sobretudo, à santa Missa. Chega ao ponto de nós mesmos nos questionarmos. O ir ao encontro de Deus na igreja vem de um desejo. Inicialmente, sim, tem-se vontade. Mas, inconscientemente, é um convite de Deus. Ele nos conduz, nos atrai. Desta forma, a própria vontade se une à vontade de Deus (DD, n. 6).

Na Eucaristia, existe o corpo oferecido e o sangue derramado pelos pecados do mundo inteiro e por todos os humanos, celebra-se a paixão, morte e ressurreição. Cristo ensina como enfrentar a cruz, dar fruto no sofrimento para se chegar à glória. Como é importante isso para o matrimônio, que um ao outro se oferece em sacrifício por amor. O amor conjugal implica sacrifício e renúncia para se chegar à felicidade e aos frutos. A glória da ressurreição se chega somente com a cruz. A obediência mútua e respeitosa entre casal leva a santidade de ambos (DD, n. 7).

Trata-se da última ceia, onde a morte de Cristo toma uma dimensão de ressurreição na Eucaristia. Essa mesma vida deve reger o matrimônio e família, onde a morte, entendida como ruída e negatividade, não tem a última palavra. Depois do sofrimento e sacrifício, de experiências vividas, o casal deve ter consciência que tudo é feito por amor, o Amor está presente. Por isso existe a superação, é sempre o renovar na vida do casal, santificando-se mutuamente chegando juntos, como família, à eternidade. É um contínuo compromisso de amor e diálogo. Consiste numa relação não superficial, mas vai ao fundo, pois envolve as pessoas de maneira inteira não ficando apenas uma ligação espiritual ou afetiva vai além envolvendo o espírito, o corpo, o amor, a sexualidade, a liberdade, a personalidade.

A redenção de Cristo foi uma vez por todas e para sempre, assim como declara a carta aos Hebreus. O impacto da eternidade da salvação se aplica ao matrimônio e a família, que nunca pode desconfiar do amor de Deus em suas vidas. Nesse sentido, os termos - uma vez por todas e para sempre - originam o termo hoje na história da salvação atribuída a paixão, morte e ressurreição de Cristo.

Como ser santos? Sabe-se que é vocação de todo cristão. É o que acontece se observarmos a família, ou seja, a vida familiar como Caminho de santificação. Pode-se dizer que o casal e os filhos vivem o exemplo de sacrifício de Cristo ao se inspirar no amor de doação total de Cristo na cruz. Existe um caminho diário de entrega, serviço, perdão e santificação, onde cada membro contribui para a salvação e aperfeiçoamento espiritual do outro. Da mesma maneira que Cristo na cruz fez um ato de amor livre, desinteressado e redentor, os esposos se doam um para o outro e ambos para os filhos. Amor sacrificial como modelo se revela no amor conjugal. No dia a dia, haverá exigências e desafios onde terão oportunidades de todos os membros da família colocar em prática virtudes cristãs como a caridade, a humildade e o perdão. A graça especial da vocação matrimonial recebida no sacramento reverbera na vida familiar. Ao se empenharem nas virtudes, há uma ajuda mútua para crescerem na graça de Deus, se santificando. Decerto, há a purificação e o aperfeiçoamento do amor conjugal e família, capacitando-os a comportamentos e relacionamentos positivos. A vida em família passa a ser reflexo do mistério pascal (morte e ressurreição de Cristo). Há o ‘morrer’ ao eu, ao individualismo e o ‘renascer’ ao nós, onde sobrepõe o amor e o serviço ao outro.

A experiência do amor de Deus se dá de forma individual, porém, de forma comunitária. Agora, essa vivência não é abstrata e sim concreta. A pessoa de Cristo se faz presente no mundo de muitas formas, sobretudo, na liturgia e nos sacramentos, onde os gestos e palavras de Cristo se fazem presentes.

Para o casal em preparação ou que já recebeu o sacramento, esse encontro com Jesus é fundamental para seguir seus passos na Igreja. Cristo age, ora, agradece, pede estar na Igreja, na Comunidade. Assim, cada pessoa é valorizada e interage com Deus dentro do grupo eclesial. O matrimônio encontra na comunidade uma forma de integrar o que vive no lar com a Igreja que lhes acolhe. O matrimônio é um acontecimento interpessoal, porque implica numa relação da pessoa com o “tu” porque implica uma relação à dois. Da mesma forma, consiste em um acontecimento social, pois sai da relação do casal, sai do “tu” e vai ao encontro do “nós”. Esse relacionamento não fica limitado aos cônjuges. De fato, o sacramento do matrimônio transforma a vida de todos que estão envolvidos, do casal à formação da comunidade familiar e igualmente da comunidade social, política e religiosa a qual vive, a qual pertence, por tudo

isso, pode-se dizer que é um sacramento que afeta a existência fundamental do ser humano, seu ser, seu ser com os outros, seu ser com o mundo, ser para com Deus.

> Se tivéssemos chegado a Jerusalém depois do Pentecostes e tivéssemos sentido o desejo não só de ter informações sobre Jesus de Nazaré, mas também de ainda o poder encontrar, não teríamos tido outra possibilidade a não ser a de procurar os seus para escutar as suas palavras e ver os seus gestos, mais vivos do que nunca. Não teríamos tido outra possibilidade de um verdadeiro encontro com Ele a não ser a daquela comunidade que celebra. Por isso a Igreja sempre guardou como o seu tesouro mais precioso o mandato do Senhor: fazei isto em memória de mim (DD, n. 8).

Quando as pessoas compreendem que a liturgia e os sacramentos não são uma representação, aí sim, realmente acontece o encontro com Cristo. Nessa caminhada para Jesus, o olhar e a intercessão de Maria têm um aspecto importante. Muitas vezes, com ela, o casal volta a frequentar a Igreja ou se prepara melhor para o grande passo que é o matrimônio. Ela acompanha a igreja e o casal para revelar Cristo. Assim, percebe-se que é Cristo está vivo e se doa a sua Igreja pelos sacramentos (DD, n. 9).

Esse encontro com Cristo se dá em comunidade, e no tesouro mais precioso da sua entrega, fazei isto em memória de mim. Todos esses gestos e palavras de Jesus, a Igreja entendeu que passou para os Sacramentos, em concreto, para a celebração deles[324]. O casal e os filhos, participando da eucaristia, fazem a experiência do amor de Jesus, que é doação e entrega no matrimônio e na família.

Quando se declara que o hoje da salvação acontece na vida matrimonial, está se afirmando que o matrimônio cristão não é apenas um contrato social, mas um sacramento: um sinal visível da graça invisível de Deus. Lembrar que os esposos se tornam ministros da graça um para o outro, eles administram a graça de Deus um para o outro em todos os momentos de suas vidas. O amor conjugal é sinal do amor entre Cristo e a Igreja, tendo essa motivação e apoio é preciso viver dessa forma no hoje da vida. A vida cotidiana do casal se torna, de certa forma, uma liturgia vivida, uma expressão concreta da presença de salvação de Deus.

Em cada celebração litúrgica, momento único, há a manifestação do Cristo vivo. Com efeito, o sacerdote se coloca como presença viva de Cristo atualiza a salvação. Os mistérios dos sacramentos que foram deixados por Jesus, para levar aos que participam cada vez mais à perfeição, à santificação para enfim, chegar e estar definitivamente com Deus na eternidade. Atualizar a redenção no hoje da celebração é um dom, e uma responsabilidade para cada casal

[324] Conferir em LEÃO MAGNO, *Sermões*. São Paulo: Paulus, 1996, 72, 2, 1. O trecho se refere ao sermão da Ascenção do Senhor.

e filhos. O matrimônio que ama a Igreja e quer fazer a experiência do amor de Deus em suas vidas vai zelar pela participação ativa e consciente na liturgia.

4.2 Liturgia: o lugar do encontro com Cristo na vida conjugal litúrgica

Depois de ver a importância do hoje na atualização da salvação dentro da liturgia, especialmente para o matrimônio, se faz necessário volver o olhar sobre o encontro com Cristo. Aliás, sem o encontro com Cristo, a liturgia perde seu valor. Uma celebração litúrgica que não leve a Cristo é vazia. Por isso, cada celebração litúrgica deve favorecer esse encontro com Cristo, sobretudo, para quem vive ou se está preparando para a celebração do matrimônio. Sendo Jesus o centro da vida matrimonial, nada melhor que Ele seja o protagonista da história do casal e dos filhos. Por isso, o casal prepara de forma adequada a celebração religiosa do matrimônio, para que de verdade seja um encontro com Deus. Além do mais, na vivência constante do sacramento do matrimônio o encontro com Deus se faz necessário com orações e ações de caridade.

A liturgia é um encontro com Cristo vivo, já não está morto, ressuscitou, nisso se define a poderosa beleza da liturgia (DD, n.10). Quando alguém se encontra com Cristo vivo e ressuscitado muda de vida, ou seja, existe uma verdadeira conversão. Não se segue a Cristo morto, mas sim ressuscitado, mesmo que Ele tenha morrido, Ele está vivo. A liturgia mostra que Cristo atua no coração de cada um e na Igreja. Para o casal cristão isso é de suma importância, dado a necessitado do encontro com Cristo para dar sentido ao próprio matrimônio.

No encontro com Cristo se faz a Páscoa, que reside na liturgia da Igreja, essencialmente nos sacramentos, por exemplo, na Eucaristia e nos sacramentos é possível encontrar a Cristo pelo dinamismo na Páscoa. De fato, o mesmo Jesus continua perdoando, curando e sobretudo amando, pois, sede do amor dos homens e mulheres, como declarou na cruz (Jo 19,28). O casal que se encontra com Cristo por meio da liturgia da Igreja faz a experiência da Páscoa do Senhor. Por isso, a participação do casal há de ser ativa na Igreja, especialmente na missa. O encontro com Cristo gera comunhão e participação, sobretudo na família, isso é atestado pelos encontros das pessoas com Cristo relatadas no evangelho.

Por isso cada um está na liturgia, na santa missa e, nos demais sacramentos. A liturgia é a epifania da nossa fé. É a revelação daquilo que se acredita. Você está e sempre estará com Ele, pois professa a fé católica:

> A liturgia garante-nos a possibilidade desse encontro. Não nos basta ter uma vaga recordação da última ceia: nós precisamos de estar presentes nessa ceia, de poder ouvir a sua voz, de comer o seu corpo e beber o seu sangue: precisamos d'Ele. Na eucaristia e em todos os sacramentos é-nos garantida a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pela potência da sua Páscoa. A potência salvífica do sacrifício de Cristo, de qualquer das suas palavras, de todos os seus gestos, olhares, sentimentos alcança-nos na celebração dos sacramentos. Eu sou Nicodemos e a Samaritana, o endemoninhado de Cafarnaum e o paralítico em casa de Pedro, a pecadora perdoada e a hemorroíssa, a filha de Jairo e o cego de Jericó, Zaqueu e Lázaro, o ladrão e Pedro perdoados. O senhor Jesus, que "foi imolado sobre a cruz, mas não morrerá jamais; foi morto, mas agora vive para sempre" (MR, 1992, p. 471), continua a perdoar-nos, a curar-nos, a salvar-nos com a potência dos seus sacramentos. É o modo concreto, pela via da encarnação, com que nos ama; é o modo com que sacia aquela sede de nós que declarou na cruz (DD, n. 11).

A presença de Cristo significa estar com a Trindade Santíssima. Pode-se perceber que os sacramentos são sinais visíveis da manifestação de Deus. De fato, são os mistérios de Deus revelados por Jesus Cristo vivo na realização de cada um dos sacramentos:

> Na verdade, é digno e justo, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar, Senhor, Pai santo, criador do mundo e fonte de toda vida. Nunca abandonais a obra da vossa sabedoria, mas, em vossa providência, continuais agindo no meio de nós. Com braço estendido e mão forte, guiastes o vosso povo de Israel pelo deserto. Agora, com a força do Espírito Santo, acompanhais sempre a vossa Igreja, peregrina neste mundo, e a conduzis pelos caminhos da história até à felicidade perfeita em vosso reino por Jesus Cristo, Senhor nosso (ORACÃO EUCARÍSTICA PARA AS DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS II - MR., p. 620).

O primeiro encontro com mistério pascal de Cristo acontece no Batismo, que é muito mais do que uma decisão ética. É o sepultar-se com Cristo para ser uma criatura nova. No batismo, os filhos do casal cristão entram e começam a fazer parte da Igreja. Os pais e padrinhos estão presentes no sacramento com a incumbência de educarem na fé e nos valores de Deus. A meditação dos compromissos batismais ajuda o casal a viver o matrimônio de forma mais plena, pois graças ao batismo, que foram incorporados à Igreja (DD, n. 12).

A imersão na água, dentro do contexto batismal gera uma mudança de vida em Cristo, onde o cristão é lavado dos pecados. A própria bênção da água no batismo mostra que foi criada para a purificação e regeneração em Cristo. O símbolo da água no batismo mostra a realidade da incorporação da vida de um novo cristão.

> É comovedor o modo como isto acontece. A oração de bênção da água batismal (MR, p. 315-316) revela nos que Deus criou a água precisamente em vista do batismo. Quer dizer que ao criar a água Deus pensava no batismo de cada um de nós e que este pensamento o acompanhou no seu agir ao longo da história da salvação todas as vezes que, com desígnio bem determinado, se quis servir da água. É como se, depois de a ter criado, a tivesse querido aperfeiçoar para chegar a ser a água do batismo. E assim a quis encher do movimento do seu Espírito que pairava sobre ela (Gn 1, 2) para que contivesse em germe a força de santificar; usou-a para regenerar a humanidade no dilúvio; (Gn 6, 1-9, 29) dominou-a, separando-a para abrir um caminho de libertação no mar vermelho; (Ex 14) consagrou-a no Jordão nela imergindo a carne do verbo

> repleta de espírito (Mt 3, 13-17; Mc 1, 9-11; Lc 3, 21-22). Por fim, misturou-a com o sangue do seu Filho, dom do Espírito inseparavelmente unido ao dom da vida e da morte do cordeiro imolado por nós, e do lado trespassado a derramou sobre nós (Jo 19, 34). É nesta água que fomos submergidos para que pelo seu poder pudéssemos ser enxertados no corpo de Cristo e com Ele ressuscitar para a vida imortal (Rm 6, 1- 11) DD, n. 13).

Em verdade, existe uma síntese entre a sagrada escritura, tradição e liturgia na Igreja. A Igreja não é algo abstrato, mas provém do mesmo Jesus, que com gestos e palavras se faz presente, especialmente na liturgia. O matrimônio e a família, através da participação dos sacramentos acabam por vivenciar a presença de Cristo no seu dia a dia e acabam por refletir a relação do Cristo com a Igreja, sua esposa. Seguramente que a história da salvação, de maneira particular, para o casal e os filhos continua na liturgia, especialmente pelos sacramentos. Deus, em Cristo e na Igreja, quer salvar seu povo, e coloca os meios necessários para o ser humano consegui-la. Cremos firmemente que a graça de Deus pode transformar o agir humano, tornando-nos capazes de realizar atos de amor verdadeiramente, a fim de chegarmos à união com Ele já nesta vida.

Consciência da manifestação de Deus é necessária. Antes mesmo de irmos aos sacramentos, no cotidiano, Deus confirma, sua presença na vida de cada um, pois há uma necessidade da criatura em busca do Criador. Sim, há um chamamento, um impulso que se começa mesmo antes da decisão de ir à missa ou o entrar na igreja, antes do ato litúrgico, propriamente dito, na celebração. Há um desejo. Enfim, há um ritual, ainda que não sacramental, um ritual ordinário, escolher a roupa.um preparar-se fora e mais ainda, um preparar-se dentro. Afinal é um ato de amor a Deus: “Que alegria quando ouvi que me disseram: Vamos à casa do Senhor! E agora nossos pés já se detêm, Jerusalém, em tuas portas” (Sl 121).

O momento da santa Missa é o encontro com Deus, encontro de intimidade, de diálogo com Deus através de seu filho Jesus, o interlocutor desta relação: “Naquele tempo, disse Jesus à multidão: Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o atrai. E eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 44). É o desejo de Deus de dar a oportunidade da nova aliança, concretizada por seu Filho, como sacrifício para redimir todo pecado do mundo. É pela Trindade Santíssima, pelo sinal da cruz que começa o caminhar à Jerusalém à Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Enfim, o Mistério da Revelação.

> E a Missa começa com o sinal da cruz. A oração inteira move-se, por assim dizer, no espaço da Santíssima Trindade, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, que é espaço de comunhão infinita; tem como origem e fim o amor de Deus Uno e Trino, manifestado e doado a nós na cruz de Cristo. Com efeito, o seu mistério pascal é dom

> da Trindade, e a Eucaristia brota sempre do seu coração trespassado. Portanto, fazendo o sinal da cruz, não só recordamos o nosso batismo, mas afirmamos que a prece litúrgica é o encontro com Deus em Jesus Cristo, que por nós se encarnou, morreu na cruz e ressuscitou glorioso[325].

Nós somos impulsionados pelo Espírito Santo para aceitar o convite de Deus para a celebração, não importa qual seja o sacramento. Sempre a presença do Espírito Santo. Ele faz movimentar a Igreja e dá a graça presente em cada sacramento ministrado pelos sacerdotes em cada ato litúrgico: "O agir do Espírito Santo é a 'dispensação do mistério', dos frutos do Mistério Pascal de cristo na celebração da liturgia 'sacramental' da Igreja" (CIC, n. 1076).

Há o desejo e, é de cada um, que se dirige à Celebração Eucarística. Cada um que entra começa uma preparação individual para o ápice da Santa Missa – a Consagração. Há um momento de silêncio uma oração individual, a busca de uma maior intimidade. Ele reconhece cada um, cada ser humano e o chama pelo próprio nome, busca cada um em sua grande misericórdia e bondade. Em cada oração inicia-se com a presença da Trindade Santíssima - presença concebida como auxiliar, eficaz e dinâmica.

O sacerdote além do sinal da cruz a expressão em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, tanto a expressão como o gestual têm um significado no ato litúrgico. Até mesmo a expressão em nome tem diferentes significados, por exemplo, da parte de, enviado por, em benefício de, por causa, em favor de entre outros, levando a pensarmos no papel que o sacerdote realiza na celebração. Tudo tem um sentido, não é feito por acaso. Segundo Pe. Luiz Cechinato:

> Essa expressão em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, tem um sentido bíblico. Não quer dizer apenas o nome, como para nós, ocidentais. Nome, em sentido bíblico, quer dizer a própria pessoa. Isso significa que nós iniciamos a Missa colocando a nossa vida e toda a nossa ação nas mãos da Santíssima Trindade[326].

Ainda, segundo o mesmo autor, a expressão colocada no início da celebração juntamente com o sinal da cruz nos remete ao Sacramento do Batismo:

> Esse sinal lembra o nosso batismo, quando o padre nos chamou cada um pelo nome e nos disse: Nós te recebemos com grande alegria na comunidade cristã. Nosso sinal é a cruz de Cristo. Por isso, eu, teus pais e padrinhos, te marcamos agora com o sinal do Cristo Salvador. Em seguida faz o sinal da cruz na frente do batizado. Precisamos fazer corretamente o sinal da cruz. É uma coisa muito significativa. Quer dizer nós colocamos a nossa vida debaixo da proteção de Deus e passamos agir com o poder do pai, do Filho e do Espírito Santo[327].

---

[325] FRANCISCO, Papa. *A Santa Missa*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 29.
[326] CECHINATO, Luiz. *A Missa parte por parte*. São Paulo: Editora Vozes, 2015, p. 35-36.
[327] *Ibidem.*

Há a necessidade, desejo do encontro, o indivíduo, de fato, criatura que tem sede e anseia o Deus vivo, como se refere *Desiderio desideravi*:

> Essa busca por Deus já é em si uma oração. É um esforço dirigido a Deus, um desejo de entrar na sua intimidade, é ansiar, estar junto Dele, viver em comunhão com Ele e participar de sua vida. Conta a lenda que, quando São Tomás de Aquino concluiu uma parte importante da Suma Teológica, dedicada a verdade divina, teve uma visão de Cristo, que lhe disse: Tomás, escreveste bem sobre mim. Que queres que te dê?, ele teria respondido: Tu mesmo, Senhor[328].

Desse modo se chega à santificação pela graça de Deus, pois Jesus abriu novamente os céus ao se dar como sacrifício perpétuo nos renovando toda a criação:

> Irmãos, o primeiro homem, Adão, foi um ser vivo. O segundo Adão é um espírito vivificante. Veio primeiro não o homem espiritual, mas o homem natural; depois é que veio o homem espiritual. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; o segundo homem vem do céu. Como foi o homem terrestre, assim também são as pessoas terrestres; e como é o homem celeste, assim também vão ser as pessoas celestes. E como já refletimos a imagem do homem terrestre, assim também refletiremos a imagem do homem celeste (1Cor 15, 45-49).

Jesus na cruz diz: Tenho sede! De fato, é sede de salvação do gênero humano. Pode-se pensar que cada um está ali por si, o auto manter-se. Preocupações, trabalho, família, cada um tem o seu existir, sua rotina, seu cotidiano. Igualmente, há petições, súplicas e agradecimentos tão particulares, que estão no coração, uma oração pessoal que se transforma numa ação de todos para uma celebração litúrgica:

> A oração pessoal contrapõe-se com a oração litúrgica. O correto seria dizer ação litúrgica ao invés de oração litúrgica, visto que as raízes da liturgia estão na ação sagrada, sobretudo na Santa Missa, que cumpre o que o Senhor ordenou na última ceia aos apóstolos: Fazei isto em memória de mim. Essa ação constitui o ponto de partida das orações, exprime-as e aprofunda-as. O mesmo ocorre com os sacramentos, que são essencialmente uma ação que procede de Deus e se realiza nos homens e por meio dos homens. A partir dos homens, a ação litúrgica estende-se pelo mundo, principalmente através das diversas bênçãos e ritos sagrados que penetram toda a existência. Todo o seu núcleo central é também uma ação, e nela se apoiam as orações que são rezadas[329].

O matrimônio como sacramento litúrgico não é apenas uma bênção ou um contrato religioso. É sacramento, ou seja, liturgia celebrada e vivida no cotidiano. "Os esposos cristãos, em virtude do sacramento do matrimônio, significam e participam do mistério de unidade e amor fecundo entre Cristo e a Igreja" (CIC, n. 1617). Desse modo, o encontro com Cristo não

---

[328] GUARDINI, Romano. *Introdução à vida de oração.* São Paulo: Cultor de livros, 2018, p. 61.
[329] *Ibid.*, p. 178.

acontece apenas no altar no dia do casamento, mas continua na vida matrimonial, nos gestos do amor conjugal, na fidelidade, no perdão, na abertura à vida, na partilha cotidiana.

A vida conjugal é marcada por inúmeros eventos. Existem momentos de cruz, momentos de comunhão profunda, mas também momentos de ressurreição, como reconciliações, nascimento dos filhos, conquistas em comum. O casal precisa de Deus para vivenciar tudo isso. Cristo está presente, encontrando os esposos, santificando o amor deles, conduzindo-os para a comunhão mais plena com Ele.

A ressurreição é o motivo pelo qual a liturgia é lugar do encontro com Cristo. Se Cristo não ressurgiu dos mortos, vã é nossa fé. Agora, para o casal e os filhos irem às celebrações, especialmente à Missa atesta um significado importante, que é participação numa Igreja viva. Uma das maiores provas que Jesus vive é a Eucaristia e os demais sacramentos, além do encontro com o próximo, rosto humano de Cristo na terra. Aprendizado contínuo estar com Cristo nos sacramentos, pois o casal vai percebendo e vai tendo consciência da liturgia viva em suas vidas. Assim, concretizam promessa feita no dia da celebração do sacramento – colocar Deus no centro de suas vidas.

São diversos modos do casal se encontrar com Cristo na liturgia: na celebração dos sacramentos, como já foi dito, especialmente a Eucaristia; na escuta da palavra, que ilumina os desafios da vida conjugal; na oração conjugal; na oração comunitária, geralmente na Paróquia; a vida familiar, onde se torna um prolongamento da liturgia.

Enfim, o lar cristão é chamado de Igreja doméstica, onde o se reza, se educa na fé, se ama com o amor de Cristo e se vive a liturgia do amor no cotidiano. Quando a família vive centrada em Cristo pela liturgia, o amor cresce, amadurece e se torna sinal do Reino. A liturgia não é um intervalo na vida conjugal, mas é o coração da vida conjugal cristã (CIC, n. 1656).

4.3 Liturgia: sacramento do corpo de Cristo e a importância de permanecer com Cristo na vida matrimonial

É importante introduzir o capítulo esclarecendo que a celebração do sacramento do matrimônio pode ser realizada com Missa ou sem missa. O fato de ocorrer de uma maneira ou doutra depende das circunstâncias vivenciadas por cada casal. Há, sem dúvida, uma tendência crescente na atualidade de ser realizado o sacramento matrimonial sem missa. Uma opção que tem se tornado mais comum, especialmente quando os casais desejam uma cerimônia mais curta, intimista ou, mesmo, quando são casais que vivem situações variadas seja um processo de nulidade já finalizado, seja por casamento misto. Observa-se que se trata de uma escolha

cuja decisão foi amadurecida e tomada entre o casal e o sacerdote celebrante. São realidades que estão presentes no dia a dia de uma comunidade que devem ser acolhidas e orientadas para uma maior integração pastoral.

Isso não significa que Jesus não esteja presente na celebração. Jesus está presente na celebração do matrimônio, mesmo sem a missa. Na teologia católica, a presença de Cristo no sacramento do matrimônio não depende da celebração eucarística, mas sim do consentimento dos noivos, da Palavra de Deus e da oração da Igreja. O próprio sacramento é o mistério da união de Cristo com a Igreja. Ao ser realizado o sacramento o casal diz "seu sim" perante Deus e a Igreja, onde há um encontro com Deus e um ato de espiritualidade. Jesus é o 'convidado' central de cada boda, para abençoar e santificar a união, em "Caná". Assim, não significa que tenha menor valor, pois é uma forma válida e completa, mesmo sem a missa (Liturgia Eucarística), o rito inclui a Liturgia da Palavra, as orações, a bênção nupcial e, muitas vezes, a oração dos fiéis e o Pai Nosso.

Enfatizo que há a possibilidade de ser realizada a comunhão mesmo sem a Liturgia Eucarística. Sim, o Corpo de Jesus está presente mesmo na celebração do Matrimônio sem missa, caso seja realizada a comunhão com hóstias previamente consagradas. Na celebração com missa ocorre a consagração do pão e do vinho, ou seja, ocorre transubstanciação. Por outro lado, na celebração sem missa, o foco está na Liturgia da Palavra e no consentimento dos noivos. O rito permite a distribuição da Sagrada Comunhão (Corpo de Cristo), trazido do sacrário, selando a união do casal com a presença real de Jesus. Portanto, o casal pode receber o Corpo de Cristo para nutrir a nova união, mesmo que a celebração não inclua a missa inteira. É um momento de profunda graça onde Cristo fortalece e santifica a nova família. Novamente, observo que em ambas a celebração Cristo está presente abençoando a nova família e, que as duas formas de celebração são perfeitamente aceitas.

Na participação na liturgia, o casal vive uma experiência real e concreta, não é algo abstrato e idealizado. Ao viverem a união prometida no sacramento como dom recíproco e serviço mútuo participa do eterno sacrifício de Cristo, que se faz presente e atuante na vida da família pela ação do espírito Santo. O amor - sacrifício de Cristo celebrado na Eucaristia se torna modelo do amor marital num "sacrifício" vivido na vida quotidiana. A participação ativa na Eucaristia dá força e capacita o casal numa entrega para enfrentar as dificuldades juntos.

Após constatar que a liturgia é um encontro com Deus, onde o próprio Cristo se revela de forma especial para o casal e os filhos, é preciso esclarecer onde se pode encontrar esse Deus misericordioso. Do lado aberto de lança jorrou sangue e água, trata-se da prefiguração dos

sacramentos da Igreja. Assim, os filhos e filhas da Igreja são gerados por Cristo na sua paixão, morte e ressurreição. Por isso, se diz que os sacramentos são canais de graça do próprio Jesus. Quem participa e recebe os sacramentos participa e recebe o mesmo Cristo. Não se trata de algo utópico, mas de uma realidade espiritual, que mesmo no mistério, tem seu efeito maravilhoso na alma dos que buscam e se deixam encontrar por Deus. O matrimônio é também redimido por Cristo dentro dos sacramentos que emanam do lado aberto da cruz. O matrimônio, preparado e celebrado dentro da liturgia da Igreja, e vivenciado no dia a dia, mostra como faz parte dessa comunhão com Cristo, recebendo as graças do Senhor.

> Como nos recordou o Concílio Vaticano II, citando a Escritura, os Padres e a liturgia, as colunas da verdadeira Tradição, "foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja." (SC, n. 5). O paralelismo entre o primeiro e o novo Adão é surpreendente: tal como Deus tirou Eva do lado do primeiro Adão, depois de ter feito cair sobre ele um sono profundo, assim do lado do novo Adão, adormecido no sono da morte, nasce a nova Eva, a Igreja. O espanto para nós reside nas palavras que podemos pensar que o novo Adão faça suas, olhando para a Igreja: "Desta vez é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2, 23). Por ter acreditado na Palavra e termos descido à água do batismo, nós tornamo-nos osso dos seus ossos, carne da sua carne (DD, n. 14).

A constituição sobre a liturgia do Concílio Vaticano II fala sobre a salvação do mundo por meio de Jesus Cristo. Essa salvação se dá sobretudo por meio da liturgia. A forma primordial de Jesus santificar, redimir e salvar a humanidade acontece especialmente pela liturgia. Na mediação de Jesus, se sucede algo maravilhoso, pois Ele, sendo o único mediador, consegue interceder diante de Deus pela humanidade. Isso acontece com maior razão para o casal que precisa de redenção e que pode encontrar em Cristo um caminho seguro para Deus.

> Deus, que "quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade," (1Tim. 2,4) "tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas," (Hb 1,1) quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, (Is 61,1; Lc 4,18) como médico da carne e do espírito, (INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1901, p. 218) mediador entre Deus e os homens (1 Tim. 2,5). A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação. Por isso, em Cristo se realizou plenamente a nossa reconciliação e se nos deu a plenitude do culto divino. Esta obra da redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus, prefigurada pelas suas grandes obras no povo da Antiga Aliança, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão, em que morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo restaurou a nossa vida. Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja (SC, n. 5)[330].

[330] CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição conciliar Sacrosanctum Concilium.* Roma: 1963. Disponível em: Sacrosanctum Concilium. Acesso em: 20 jul. 2025. A obra completa de INÁCIO, citada no texto, se encontra em: SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Carta aos Efésios*. Capítulo 7. Versículo 8. Patres Apostolici, I. Tubinga: Franz Xaver Funk, 1901, p. 218. Para melhor compreensão ler do texto citado: SACRAMENTÁRIO DE

É interessante perceber os dois sentidos que existem na palavra Corpo. Inicialmente, pode-se pensar em Seu Corpo, Eucaristia, mas, igualmente, alimentando-se a sua mesa, torna-se Igreja, o Corpo Místico de Cristo:

> Pela comunhão eucarística, a Igreja é consolidada igualmente na sua unidade de corpo de Cristo. A este efeito unificador que tem a participação no banquete eucarístico, alude S. Paulo quando diz aos coríntios: "O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão" (1Cor 10, 16-17). Concreto e profundo, S. João Crisóstomo comenta: "Com efeito, o que é o pão? É o corpo de Cristo. E em que se transformam aqueles que o recebem? No corpo de Cristo; não muitos corpos, mas um só corpo. De facto, tal como o pão é um só apesar de constituído por muitos grãos, e estes, embora não se vejam, todavia estão no pão, de tal modo que a sua diferença desapareceu devido à sua perfeita e recíproca fusão, assim também nós estamos unidos reciprocamente entre nós e, todos juntos, com Cristo. A argumentação é linear: a nossa união com Cristo, que é dom e graça para cada um, faz com que, n'Ele, sejamos parte também do seu corpo total que é a Igreja. A Eucaristia consolida a incorporação em Cristo operada no Batismo pelo dom do Espírito" (EE, n. 23)[331].

Com certeza, a presença, o estar na celebração é de cada um, mas, é necessário aprender o coletivo, os irmãos na fé formando um só corpo celebrante. Uns e outros se ajudam na mesma experiência de salvação, pois não se conhece o que vai no coração, na mente, porém, juntos se ora:

> Sem esta incorporação não há possibilidade de viver a plenitude do culto a Deus. De fato, há apenas um ato de adoração, perfeito e agradável ao Pai; ou seja, a obediência do Filho, cuja medida é sua morte na cruz. A única possibilidade de poder participar de sua oferta é tornar-se filhos no Filho. Este é o presente que recebemos. O sujeito que atua na liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo (DD, n. 15).

Guardini, igualmente, reforça essa ideia quando diz a vida litúrgica caminha paralela à vida particular de oração de cada um:

> A consciência do 'eu' tem de se ampliar para um eu-comunitário, até que se tenha em mente o grande nós como sujeito da oração e do sacrifício. O interesse próprio deve abrir-se até ter aprendido a tomar como seu o conteúdo de vida dos outros, sua preocupação com a salvação, seu sofrimento, sua aflição[332].

VERONA. (Leoniano): ed. C. Roma: Mohlberg, 1956, n. 1265, p. 162. O Prefácio Pascal I no Missal Romano é recitado durante o Tempo Pascal, que se estende da Vigília Pascal até a Vigília da Ascensão. Este prefácio celebra o mistério pascal, a paixão, morte e ressurreição de Cristo, e é uma expressão de louvor e gratidão pela obra redentora de Jesus.

[331] Conferir também em: 1Cor 12, 13.27.

[332] GUARDINI, 2023, p. 146.

A assembleia reunida ora a Deus e celebra, cada um de acordo com os seus dons e ofícios diversos participa desta liturgia. Este povo, nascido das águas do batismo é um povo sacerdotal, sendo ele o protagonista do mistério celebrativo. Todos estão imbuídos no mesmo objetivo – o diálogo amoroso com Deus Pai Criador.

Neste diálogo, o sacerdote é o interlocutor. De fato, o papel do sacerdote vai além. Ele conduz os fiéis à presença de Deus, como a um pai conduzindo uma criança para conhecer, vivenciar, participar do banquete proporcionado pelo Pai para a salvação. Igualmente, vem a imagem do pastoreio. O pastor conduzindo suas ovelhas ao Caminho, para estarem salvas. O caminhar - ao ouvirem a voz do pastor cada ovelha segue e todas se tornam um só rebanho, integração, pastor e ovelhas, onde todos se oferecem. Assim, o pastor faz essa oração que de fato deve ser concretizada em ação, ato de amor.

Assim, se começa a grande oração – a Santa Missa. De fato, o itinerário para a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Para os fiéis é ter a chance, momento único de experienciar a presença de Deus e mais, sentir a maravilha de tudo que Deus realiza na vida de cada um – privilégio, de sermos mais do que nunca filhos adotivos pela condução de Cristo, pois Ele se torna amigo e irmão nos ensinando uma relação íntima com Deus Pai.

> O Concílio Vaticano II veio recordar que a celebração eucarística está no centro do processo de crescimento da Igreja. De facto, depois de afirmar que 'a Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus," (LG, n. 3) querendo de algum modo responder à questão sobre o modo como cresce, acrescenta: "Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, no qual Cristo, nossa Páscoa, foi imolado," (1 Cor 5, 7) realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (1 Cor 10, 17) EE, n. 21).

O sacerdote ao se encaminhar ao altar, ao se ajoelhar diante do sacrário, nos leva com ele, juntos onde Jesus Cristo espera para encontrar-nos e se oferecer por nós, como objetivo final, é o Filho do homem e, também, sacrifício imolado, agente da paixão e morte.

Enfim, é o subir à Jerusalém, à nova Jerusalém. Presença de Deus, Uno e Trino, faz-se o sinal da cruz chamando para o momento e o tempo, eternidade para um passear, um dialogar, um bate papo, se despojando, se colocando plenamente neste diálogo, sinceridade entre um filho e o Pai:

> Fazemos o sinal da cruz; façamo-lo bem. Não um sinal precipitado, disforme, que ninguém sabe o que significa, mas um sinal da cruz bem-feito, lento, amplo, da fronte até o peito, de um ombro ao outro. Sentimos como nos envolve completamente? Concentremo-nos por inteiro. Concentremos todos os nossos pensamentos e todas as nossas disposições neste sinal, enquanto o traçamos. Será então que o sentiremos:

> sentiremos que nos abraça o corpo e a alma, que nos recolhe, consagra e santifica. Porquê? Porque é o sinal d'Aquele que é tudo - e é o sinal da nossa salvação. Na cruz, o Senhor redimiu a humanidade inteira. Por meio da cruz, Ele santifica o homem, totalmente, até a mais íntima fibra do seu ser. Por isso fazemo-lo antes de rezar, para que nos ordene e concentre os nossos pensamentos, coração e vontade em Deus. Depois de rezar, para que permaneçam em nós as graças recebidas. Na tentação, para que nos fortaleça. No perigo, para que nos proteja. Na bênção, para que a plenitude da vida divina penetre na alma e nela fecunde e consagre tudo. Pensemos nisto de cada vez que fizermos o sinal da cruz. É o sinal mais santo que há, o sinal de Cristo. Façamo-lo bem: lentamente, amplamente, com esmero. Pois este sinal envolve todo o nosso ser, figura e alma, os nossos pensamentos e vontade, os nossos sentidos e espírito, as nossas atividades, e nele tudo se fortalece, define e consagra pela força de Cristo, em nome do Deus uno e trino[333].

Observa-se que essa integração, esse laço de amor refeito entre todos os partícipes da liturgia é, igualmente, denominado de outra forma – esposa de Cristo, pois Jesus que se apresentou esposo da Igreja. Pois o próprio Senhor se definiu como o "Esposo" (Mc 2, 19), que amou a Igreja, unindo-a a si por uma aliança eterna. Ele entregou-se a Si mesmo por ela, para a purificar com o Seu sangue, "para a tornar santa" (Ef 5, 26), e fazer dela mãe fecunda de todos os filhos de Deus. Enquanto a palavra corpo evidencia a unidade da cabeça com os membros, o termo esposa evidencia o pacto de amor em que Cristo se entregou por ela, uma relação pessoal de intimidade, fidelidade e submissão entre os fiéis e Jesus Cristo. Ele é o noivo que nutre cuida e protege sua noiva.

Portanto, somos partícipes do banquete da Eucaristia, para ouvir a voz do Senhor, por meio de seu sacerdote consagrado e escolhido por Ele, alimentar-nos do seu Corpo e do seu Sangue, após a consagração realizada pelo ministro da celebração. "Do mistério pascal nasce a Igreja. Por isso mesmo a Eucaristia, que é o sacramento por excelência do mistério pascal, está colocada no centro da vida eclesial" (EE, n. 3).

Henri de Lubac mostra uma perspectiva teológica na liturgia que pode agregar muito. Ele fala do mistério eclesial da liturgia e do amor humano. Sua ênfase é a liturgia como expressão da Igreja, corpo místico de Cristo, e como lugar de comunhão. Aplicação ao matrimônio resulta em que este sacramento tem uma dimensão eclesial essencial. O casal se insere no mistério da Igreja enquanto comunhão, tende sempre agregar algo na sociedade. Sua obra de maior relevância para nosso estudo é Catolicismo: Os aspectos sociais do dogma[334]. "O catolicismo é essencialmente social. Social, não apenas pelas suas aplicações no âmbito das instituições naturais, mas acima de tudo em si mesmo, na essência da sua dogmática"[335]. De

---

[333] GUARDINI, Romano. *Os sinais sagrados*. São Paulo: Quadrante, 1993, p. 3-4.
[334] Conferir em DE LUBAC, Henri. *Catholicisme:* les aspects sociaux du dogme. Paris: Éditions Spes, 1938.
[335] RATZINGER, Joseph. Henri de Lubac e a Igreja do "nós." Artigo de Joseph Ratzinger. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2022. Disponível em: Henri de Lubac e a Igreja do "nós." Artigo de Joseph Ratzinger - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 07 jul. 2025.

Lubac preza muito pela unidade e comunhão, que a liturgia visa nas celebrações, por sua vez o matrimônio a unidade e comunhão, que congrega a família em Cristo.

> Por serem os sacramentos os meios de salvação, devem ser compreendidos como instrumentos de unidade. Realizando, restabelecendo ou reforçando a união do homem com Cristo, realizam, restabelecem ou reforçam, por sua vez, a sua união com a comunidade cristã. E este segundo aspecto do sacramento, aspecto social, está tão intimamente ligado ao primeiro, que se pode às vezes muito bem dizer, e em certos casos se deve dizer, que o cristão se une a Cristo por sua união com a comunidade[336].

A liturgia é o espaço por excelência onde o mistério de Cristo se torna presente. No centro da liturgia está a Eucaristia, onde Cristo oferece seu corpo real e sangue como alimento espiritual para a salvação do mundo. O corpo de Cristo na Eucaristia é memorial da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Ao comungarmos, nos unimos não só com Cristo, mas também com os irmãos, formando um só corpo, a Igreja. “Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos do único pão” (1Cor 10, 17). O corpo místico de Cristo é a Igreja onde todos os batizados estão unidos a Ele como membros de um único organismo espiritual. Portanto, a liturgia edifica esse corpo, tornando visível a comunhão eclesial.

A importância do corpo na vida matrimonial é o próprio sacramento. O matrimônio cristão é um sacramento que revela, em linguagem corporal e espiritual, o amor de Cristo por sua Igreja. São João Paulo II desenvolveu a teologia do corpo, afirmando que o corpo humano, masculino e feminino, tem uma linguagem própria. O amor conjugal, vivido no corpo, é sinal visível do amor invisível de Deus. O corpo do cônjuge torna-se sinal sacramental do dom total de si. No gesto conjugal ou relação íntima sexual, marido e mulher renovam, com seus corpos, os votos matrimoniais. O corpo é, portanto, lugar de comunhão e doação, imagem do amor trinitário.

Portando, existe unidade entre o corpo, liturgia e matrimônio. A liturgia nos ensina a viver no corpo a dimensão do dom. A Eucaristia forma os esposos cristãos a viverem seu amor como oferta, perdão, fidelidade e comunhão. O corpo, longe de ser algo meramente biológico, é sinal e instrumento da graça. No matrimônio, assim como na liturgia, o corpo torna-se lugar de encontro com Deus.

A força do mistério pascal de Jesus chega até o ser humano tornando vários herdeiros do reino de Deus, e no matrimônio não é diferente. A fé cristã nos leva a essa certeza e, se assim

---

[336] DE LUBAC, Henri. *Aspectos sociales del dogma.* Disponível em: Chapter 7: Capítulo III: Los Sacramentos - Catolicismo: Aspectos sociales del dogma. Acesso em: 07 jul. 2025.

não fosse, não existiria encontro e comunhão. Desta forma, o revestimento de Cristo é pela graça e pela salvação. Para assumir o papel da salvação pessoal e para o casal no matrimônio é necessário que os fiéis compreendam o que de fato está acontecendo no momento da celebração litúrgica. É possível que os benefícios da paixão, morte e ressurreição de Jesus cheguem para o casal, que vive o matrimônio como a Igreja pede.

4.4 Sentido teológico da liturgia para o matrimônio

Pouco se fala da teologia dentro das celebrações litúrgicas, especialmente dentro do sacramento do matrimônio. Quando se discorre sobre a necessidade da reflexão teológica dentro da liturgia, não se pode falar somente da compreensão dos ritos na sua funcionalidade, mas há a explicação profunda, motivo e fundamentação bíblica, da tradição e do magistério da Igreja. Desse modo, não se esgota a riqueza teológica, ao contrário, se abre como um panorama teológico para atualizar a doutrina do matrimônio dentro da pastoral da Igreja. As demandas do casal variam muito, sendo necessário uma adaptação sem ferir ou deixar de lado os ensinamentos da Igreja sobre a preparação, celebração e vivência do matrimônio.

O sentido teológico da liturgia é profundo e possui muitas facetas, pois está no coração da vida da Igreja e da sua relação com Deus. A palavra liturgia vem do grego que significa serviço público, ação do povo, mas na tradição cristã ela ganha o sentido mais pleno de ação de Cristo e da Igreja em louvor a Deus e santificação do mundo. O matrimônio possui um profundo significado teológico, sobretudo quando compreendido à luz da liturgia, que é o lugar por excelência do agir de Deus em favor do seu povo. A liturgia dá forma, sentido e sustento à vida matrimonial, inserindo-a no mistério pascal de Cristo e na vida da Igreja.

No Antigo Testamento, Deus se reinventava para entrar em contato com o homem, conversa com os patriarcas, se dirige aos profetas. Deus usa de todos os recursos humanos para se chegar ao povo escolhido. Em suma, instituiu uma relação pactual entre o Criador e a criatura pacto Divino-humano. Deus é o centro, é protagonista. Na Santa Missa, hoje em cada Eucaristia, faz-se presença viva de Cristo, Trindade Santa, faz-se uma nova aliança, com você e sua família. Deus não precisa de nada. Ele zela por nós, aliança de amor e misericórdia.

Muitas vezes não percebemos Deus, nem na vida e nem, propriamente, no instante da celebração litúrgica. Fica-se desatento, pois a aflição de cada um impede de perceber a relação presença divina. Quando a presença de Deus? Como perceber os prodígios de Deus em você e na sua vida? Muitas vezes somos autossuficientes, esquecendo haver uma relação de dependência. A tendência é o ser humano pensar em Deus distante e que nos abandona.

A ideia de Deus distante e punitivo concepção negativa, impede de estar na presença de Deus-Pai acolhedor, preocupado com cada um, capaz de zelar, de criar laços de intimidade e ver cada um com olhos perfeitos. Deus espera e somente pergunta: 'O que queres?' E conclui: 'A tua fé te salvou'. A opinião de si mesmo tão pecador, indigno da misericórdia de Deus, também, impede de perceber que o ato litúrgico que provém de Deus e tem como centro Deus para sua realização e, sobretudo, nossa salvação, tudo graça divina.

"Temos dificuldades em aceitar a misericórdia de Deus, porque na verdade temos pouca confiança no perdão de Deus. [.] Deus nos perdoa, mas nós somos incapazes de nos perdoar"[337]. Um dos efeitos deste encontro com Deus é minimizar a ideia que cada um faz de seu problema. O poder de Deus se faz sentir terrível e se torna para cada um a fonte de vida. Não somente na Santa Missa, mas, também nos outros sacramentos.

Deve-se dar a importância e ter o cuidado nas celebrações litúrgicas para que através de sinais visíveis se possa perceber, que, de fato, há um efeito dos sacramentos, ação de graça que está ocorrendo naquele momento, reverberando em cada pessoa presente. Mas, a liturgia não é apenas uma sequência de ações, há dentro do coração uma reflexão e o que se pode compreender de todos os elementos presentes em um ato litúrgico.

> Geralmente, enquanto se executa o cântico de entrada, o sacerdote com os outros ministros chega processionalmente ao presbitério, e aqui saúda o altar com uma inclinação e, em sinal de veneração, beija-o e, quando há incenso, incensa-o. Porquê? Porque o altar é Cristo: é figura de Cristo. Quando fitamos o altar, olhamos precisamente para onde está Cristo. O altar é Cristo. Estes gestos, que correm o risco de passar despercebidos, são muito significativos, porque exprimem desde o início que a Missa é um encontro de amor com Cristo o qual, oferecendo o seu corpo na cruz [.] se tornou altar, vítima e sacerdote. Com efeito, sendo sinal de Cristo, o altar é o centro da ação de graças que se realiza com a Eucaristia, e toda a comunidade em volta do altar, que é Cristo; não para olhar na cara, mas para fitar Cristo, porque Cristo está no centro da comunidade e não longe dela[338].

A liturgia utiliza-se de distintos elementos para rememorar, atualizar o que acontecera quando Jesus peregrinava na terra rumo ao momento da sua glória na terra como no céu. Não existe maior sinal que o próprio Cristo na hóstia sagrada e maior intimidade que tocá-lo, pegá-lo na comunhão. Busca-se nesse momento, nos atos litúrgicos realizados, trazer Cristo presente em sua Igreja. Tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz, igualmente, sobretudo, sob as espécies eucarísticas. Sua força é sentida em cada sacramento realizado pelo sacerdote, de tal maneira

[337] PHILIPPE, Jacques. *A verdadeira misericórdia.* São Paulo: Quadrante, 2016, p. 15.
[338] FRANCISCO, 2018, p. 28. O Prefácio Pascal V destaca o mistério da Páscoa de Cristo, celebrando sua morte e ressurreição como a fonte da salvação para a humanidade.

que quando alguém batiza é Cristo mesmo que batiza. Jesus é um mistagogo. Ele proporciona uma experiência para a compreensão do seu Mistério. Jesus está presente. Ele vai preparando o caminhar e, ensina. Ensinamento como o que fez aos discípulos de Emaús, narrando a escritura e explicando aos que O acompanhavam.

Na Santa Missa, Jesus também o faz. Prepara a assembleia para vivenciar a sua Paixão. Por esta razão, há primeiramente, Palavra, é a liturgia da palavra, parte da missa, podendo ser o Antigo Testamento, ou atos dos apóstolos, dependendo do momento do calendário litúrgico; em seguida, salmodiamos em resposta à leitura, seja, para alegrarmos, para chorarmos, louvarmos Deus; segunda leitura, a igreja como testemunha do querigma.

Na explicação do evangelho ou homilia ouve-se com viva fé a explicação de sua doutrina. Proclama-se a Palavra, é com mais força, Jesus se colocando aos discípulos - pois o Antigo Testamento dá ao Novo seu lugar. Ele que prometeu: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles" (Mt 18, 20). No Credo rezando nos dias determinados, conclui-se a liturgia da palavra, com essa profissão de fé assim assistida.

Toda a liturgia é o subir a Jerusalém. Ir caminhando e conversando, preparação, o ápice de sua vida pública, de sua existência no mundo e na eternidade. Dispõe pouco a pouco, a nossa alma para Ele e nos comunica profundo conhecimento e alta compreensão do mistério de Cristo. Enfim, é linguagem amorosa, laços de amor entre cada um e Ele, atados pelo amor e libertos do pecado pelo sacrifício, o doar-se até a morte.

Concentração no espaço e tempo, desvia os olhos de tudo que deixou fora para adentrar no mistério da presença de Deus. É o corte que existe entre o *Cronos* e o *Kairós.* A celebração litúrgica nos leva adentrar no Mistério Pascal nos leva a sermos participantes, não apenas espectadores, no caminhar de Jesus, o espaço físico é absorvido pelos sentidos e toda a percepção do que está representada pelo ritual nos faz transportar para a vida e a glória de Jesus, do visível ao invisível, do físico ao espiritual.

Sobre a participação dos fiéis na sagrada liturgia, recomenda-se uma participação consciente, ativa e frutuosa. Isso não significa que devem fazer sempre algo na liturgia. Às vezes, simplesmente a participação é física, mas intensa e presente no que está acontecendo. Outras vezes, essa participação é mais de movimento, ajudando e realizando ações dentro da liturgia. Outras vezes é participando muito, devido às demandas da Igreja. Agora, sempre esse convívio litúrgico se desenvolve no ambiente de respeito, compreensão e caridade. Para o casal isso é conveniente, pois o fato de ir às celebrações e vivenciar a graça sacramental recebida na própria família mostra como as características da participação podem se desenvolver de forma harmônica.

> Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão (2Cor 6,1). Por conseguinte, devem os pastores de almas vigiar para que não só se observem, na ação litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, ativa e frutuosamente (SC, n. 11).

O documento sobre a liturgia fala de educação litúrgica, pois a reforma somente terá sentido se todos, clero e leigos se adentrem no mistério e na vivência da liturgia. Isso provem do batismo. Todos somos povo de Deus, e ingressamos nele pelo santo batismo. O matrimônio que Deus concede o dom dos filhos há de se aprofundar na vivência do batismo e favorecer aos filhos esse dom grandioso para que possam participar do povo de Deus na Igreja. E assim, continuar a caminhada aos demais sacramentos por meio da liturgia.

> É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige e que é, por força do batismo, um direito e um dever do povo cristão, "raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido" (1Ped 2, 9; 1Ped 2, 4-5). Na reforma e incremento da sagrada liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena e ativa participação de todo o povo porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão. Esta é a razão que deve levar os pastores de almas a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida educação. Mas, porque não há qualquer esperança de que tal aconteça, se antes os pastores de almas se não imbuírem plenamente. do espírito e da virtude da liturgia e não se fizerem mestres nela, é absolutamente necessário que se providencie em primeiro lugar à formação litúrgica do clero (SC, n. 14).

Os elementos práticos e úteis apresentados na liturgia nos dão meios para vivenciarmos o sobrenatural, o fluir da presença viva de Cristo. Assim, esses elementos fazem a ligação entre mente e o coração. O abandonar-se, ser dócil ao Espírito Santo, pois é Deus que vai nos habituar a enxergar de maneira nova todas as coisas.

O importante que quem está no centro é nosso Senhor. O sol, o Rei que ilumina e faz a órbita de cada um. Tudo, elementos que fazem a liturgia, e todos, em corpo e alma, giram ao redor de Cristo. Os outros, tu, eu, nós. Ele está no presente, em cada segundo do girar. Celebrar o povo de Deus. Existem vidas, histórias que se tornam um só corpo numa união com o vinho e o pão para serem consagrados e celebrar a vida – uma harmonia e beleza- simplesmente uma obra de arte. Há a união e a preparação de cada detalhe, tendo cada qual seu significado sejam flores para enfeitar, sejam velas para iluminar. Tudo enfim faz parte do momento experienciado neste ato litúrgico.

É interessante como a criação como um todo está presente neste momento. O criador deu aos seres humanos a sensibilidade e a inteligência para conectar os sentidos, juntamente com a matéria e a mente realizando ligações entre os sinais – a leitura do símbolo em que o

caminho da percepção do espiritual sempre e apenas se faz através do material, existe uma complementariedade. Mas, não se deve ficar apenas em nível da prática, sequência dura de ações e do intelecto. Apesar de ser concreta, direta onde existem momentos específicos que não devem ser mudados, há envolvimentos corpóreo e da alma, o ser em unidade, dos que participam das celebrações sacramentais. Tem um interagir uma coerência entre os elementos apresentados e a relação dos fiéis presentes.

Aprender a ler os sinais que levam a se aproximar de Deus e aumentar sua intimidade. Os sentidos estimulam o intelecto. Tudo que se é captado através dos sentidos, visão, audição, tato, olfato, paladar nos conduz ao pensamento. Há uma reação. Novamente, observa-se como Deus usa uma linguagem imagética para concretizar, se fazer entender ao homem. Não é à toa que Jesus utiliza as parábolas para que seus discípulos pudessem tocar as coisas de Deus. Jesus por meio de exemplos, coisas vivenciadas, presentes na realidade, busca passar o ensinamento aos seus discípulos. A didática de Jesus é simples, concretiza através dos sentidos humanos as coisas que se referem ao Reino de Deus. Vem à tona todo o amor de Deus por todos um presente na liturgia. Muitas vezes, como os apóstolos, não se conseguem penetrar nas coisas de Deus, há um vão que Jesus preenche para chegarmos à profundidade desse amor.

Entra neste contexto a presença do Espírito Santo que vem com sua luz trazer inspiração e o fogo do amor de Deus a todos, ao coração de todos, sacerdote como dos fiéis. É uma linguagem por um lado a ser ensinada e por outro lado a ser reaprendida, decifrada por um homem que perdeu a capacidade de ver além da concretude. O sentido teológico da liturgia evoca o Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade. Com a iluminação de Deus as reflexões teológicas são feitas e aproveitadas para a Igreja. No caso do matrimônio, a teologia feita e aplicada serve para os teólogos, sejam leigos ou clérigos, mas também para os que aplicam a preparação ao matrimônio dentro das dioceses e paróquias. Nada melhor que uma boa teologia, amparada pela Igreja, para dar o seu devido fruto na vida dos casais e dos filhos.[339]

[339] Alexander Schmemann fala de uma perspectiva ortodoxa, sendo a liturgia como experiência total de salvação. Sua ênfase é a liturgia como sacramento do Reino, centro da vida cristã, que dá sentido ao tempo e à existência. Essa orientação teológica levada ao matrimônio busca ver a liturgia que transforma o amor humano em caminho de transfiguração, orientando o casal para a eternidade e perspectiva do Reino de Deus. Sua obra principal que toca o tema da liturgia e sacramentos é *For the Life of the World.* No capítulo V do livro fala sobre o mistério de amor em geral. Ele aborda o tema do matrimônio não como algo privado, mas público, pois o amor deve irradiar ao seu redor, especialmente aos seus familiares. O papel de Maria, mãe de Jesus, com enfoque na maternidade, dentro do matrimônio, é enfatizado como obediência ao designo de Deus. Schmemann, sendo um autor ortodoxo, revela algo interessante sobre o matrimônio, que não é apenas uma instituição ou contrato e sim, é uma liturgia da vida, uma entrada sacramental no Reino. Conferir seguinte livro para aprofundar: SCHMEMANN**,** Alexander. *For the Life of the World:* Sacraments and Orthodoxy. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1973.

O matrimônio nasce da liturgia, basta ver a celebração ritual. O matrimônio se sustenta pela liturgia, é expressão viva do que nela se celebra. A liturgia revela o matrimônio como sacramento do amor de Cristo e o insere no mistério salvífico da cruz e ressurreição. A vida conjugal, vivida em comunhão com a liturgia da Igreja, torna-se espaço privilegiado de santificação, missão e testemunho. O matrimônio é liturgia encarnada: uma celebração contínua do amor de Deus no coração da vida cotidiana.

4.5 A liturgia como antídoto contra o veneno da mundanidade espiritual que ataca o matrimônio e a família

Após a explanação sobre a importância da teologia para a liturgia de modo geral, mas, focando no sacramento do matrimônio, passe-se a indagar alguns problemas relacionados do mundo atual. Na liturgia, o fato de ir além do humano é fundamental, já o mundanismo, onde tudo gira em torno ao que se vê e se sente, dificulta o mecanismo espiritual proposto pela liturgia. O casal e os filhos devem lutar ardentemente para que isso não aconteça, sobretudo contra o individualismo. Aliás, com a liturgia, o casal deve combater qualquer influência, sempre no sentido negativo das propostas nocivas do mundo, dando um sentido sobrenatural aos eventos da vida matrimonial e familiar

O mundanismo espiritual é uma dificuldade que pode assolar a preparação, celebração e vivência do sacramento do matrimônio. O remédio para isso é a liturgia bem celebrada e consciente da sua importância para quem se prepara, se casa e vive conforme a Igreja sugere. Na era da superficialidade, do individualismo e da relativização dos valores, o matrimônio e a família cristãos sofrem um ataque constante e silencioso: a mundanidade espiritual. Papa Francisco define essa realidade como o pior mal que pode acontecer à Igreja, pois disfarça-se de religiosidade enquanto esvazia o evangelho de sua força transformadora. A liturgia, vivida autenticamente, é um antídoto eficaz contra esse veneno que ameaça corromper o coração da vida conjugal e familiar.

A liturgia mostra a história da salvação de todo gênero humano, singularmente ao matrimônio e à família. Deus se ocupa do seu povo. Essa história é repleta de predileção por parte de Deus. Porém, o mundo, no sentido negativo, não facilita o encontro com Deus, sobretudo ao casal e aos filhos. A falta de conexão com Deus, fruto do mundanismo, ou seja, de viver somente para questões materiais, sem transcender, atesta essa dificuldade.

No texto: O fim dos tempos modernos, Guardini analisa que "a angústia dos tempos modernos"[340] deve-se, dentre muitos fatores "ao sentimento de não ter nem um lugar simbólico nem um refúgio de que se esteja imediatamente seguro; e, à experiência sempre renovada de não encontrar no mundo nenhum lugar para a existência e que satisfaça a sua necessidade."[341] Para o homem moderno, os símbolos são um "mundo perdido,"[342] uma maneira de conhecimento "que era evidente para o homem medieval."[343]. Existe um enorme desafio para o matrimônio e a família, inseridos nesse mundo atual, encontrar-se com os símbolos, pois parecem ter ficado para atrás, e, isso afeta o contato do casal e filhos com a liturgia da Igreja. Um possível caminho para a experiência com Deus são os símbolos litúrgicos.

Louis-Marie Chauvet mostra sua interpretação litúrgica sobre sacramentalidade como mediação simbólica. Sua ênfase é a sacramentalidade como modo de existência cristã. O símbolo litúrgico não é apenas representação, mas presença eficaz. Aplicada à teologia sacramental do matrimônio, mostra o amor conjugal é vivido como símbolo eficaz do amor de Deus, quando inserido na lógica sacramental da Igreja. Sua obra principal sobre a liturgia é Símbolo e Sacramento: uma releitura sacramental da existência cristã. Não se sustenta o matrimônio como sacramento fora da estrutura eclesial e litúrgica: "Fora da expressão ritual e litúrgica que a Igreja realiza em sua celebração nada pode ser dito da graça sacramental" (CHAUVET, 2023, p. 400). Chauvet explica abaixo como o símbolo deve existir em algo concreto do dia a dia. Isso para o matrimônio é fundamental, pois o ele é símbolo do amor de Deus e do amor humano no cotidiano. O pacto feito por amor na celebração do matrimônio mostra que as ações do dia a dia hão de acompanhar o casal.

> O símbolo não existe eficazmente senão onde introduz alguma coisa para além da vida, qualquer coisa como um juramento, um pacto, uma lei sagrada, alguma coisa que, como a palavra, obriga a integrar a referência ao antepassado, a Deus ou ao ausente no pacto que alimenta a relação entre os vivos. É enquanto testemunha deste lugar vago de outro que o símbolo junta os seres num mundo significante e, no seio desse mundo, impõe uma lei de reconhecimento recíproco entre os sujeitos[344].

Clauvet fala de colocar os significados reais ao símbolo. No caso da liturgia é importante, pois o pão e vinho se transformam no corpo e sague de Cristo. No matrimônio o

---

[340] GUARDINI, Romano. *O fim dos tempos modernos.* Lisboa: Livraria Morais Editora, 1964, p. 52.
[341] *Ibidem.*
[342] *Ibidem.*, p. 94.
[343] GUARDINI, 1964, p. 65.
[344] COSTA, Manuel Joaquim. Ritualidade simbólica e encarnação da fé. *Theologica*, Braga, 42 (1) , p. 54, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.34632/theologica.2007.1301. Acesso em: 07 jul 2025; CHAUVET, Louis-Marie. *Symbole et sacrament :* une relecture sacramentelle de l'existence chrétienne. Paris: Les editions du CERF, 1990, p. 125.

consentimento, entrega das alianças e bênção nupcial se tornam pacto, aliança e fidelidade para o casal. De fato, é disso que o mundo moderno precisa sentir falta.

> O real nunca se nos torna presente senão de forma mediada, isto é, construída através da base simbólica da cultura que nos molda. Esta ordem simbólica designa o sistema de relações entre os diversos elementos e os diversos níveis (económico, social, político, ideológico, ético, filosófico, religioso…) de uma cultura, sistema que forma um todo coerente permitindo ao grupo social e aos indivíduos a orientação no espaço, perspectivação no tempo, situação no mundo de modo significante, enfim, identificação num mundo que tem sentido, mesmo que, como diz Lévi Strauss, resta sempre um resíduo informe de significantes flutuantes aos quais não chegamos a atribuir significados adequados[345].

O mundanismo espiritual, que assola tanto leigos quanto clérigos, ocorre "quando se deixa fascinar pelas seduções do efêmero, pela mediocridade e pela rotina, pelas tentações do poder e da influência social." Também, "pela vanglória e pelo narcisismo, por intransigências doutrinais e por esteticismos litúrgicos", tudo isso são "formas e modos em que o mundanismo,"[346] onde "se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja", porém, certamente, visa "buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal" (EG, n. 93).

Esse fenômeno é o pior perigo para a liturgia da Igreja. Ele se manifesta como gnosticismo e neopelagionismo. O primeiro gera conceitos subjetivos da realidade, confiando na razão ou no sentimento e o segundo gera confiança excessiva em si mesmo, contra a graça de Deus. Para o casal, também, confiar somente na razão, no sentimento, até mesmo confiar somente nas próprias forças, pode dificultar em muito fazer uma experiência do divino na sagrada liturgia (DD, n. 17).

Pior de tudo é que o mundanismo espiritual se esconde com diversas formas de religiosidade. Muitas vezes, a pessoa se considera religiosa, mas se trata de aparências. Para o casal, dentro do matrimônio, precisa-se confiar mais em Deus e na graça, buscando a glória somente de Deus. Nada de aparentar algo que não é, que na realidade limita ação divina na alma. *Evangelii gaudium* mostra como no evangelho, Jesus exorta buscar a glória de Deus.

> O mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal. É aquilo que o Senhor censurava aos fariseus: 'Como vos é possível acreditar, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória

[345] COSTA, Manuel Joaquim. Ritualidade simbólica e encarnação da fé. *Theologica*, Braga, 42 (1), p. 56, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.34632/theologica.2007.1301. Acesso em: 07 jul 2025.
[346] FRANCISCO. *É preciso lutar contra o mundanismo espiritual e o clericalismo.* Carta do Papa Francisco aos presbíteros de Roma. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo: 2023. Disponível em: "É preciso lutar contra o mundanismo espiritual e o clericalismo." Carta do Papa Francisco aos presbíteros de Roma - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 19 jan. 2024.

> que vem do Deus único?' (Jo 5, 44) É uma maneira subtil de procurar "os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo." (Fl 2, 21). Reveste-se de muitas formas, de acordo com o tipo de pessoas e situações em que penetra. Por cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecados de domínio público, pelo que externamente tudo parece correto. Mas, se invadisse a Igreja, "seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral" (EG, n. 93).

O subjetivismo é uma das vertentes do gnosticismo. O critério é sempre a própria razão ou um sentimentalismo exagerado. Isso acarreta a ser egocêntrico. Para a vida da Igreja isso é nocivo, pois o girar em torno da pura razão, do sentimentalismo, faz fechar-se a Deus, ou seja, não se busca a liturgia como canal de benção. Assim começam as críticas de todo gênero a fé alheia, pois o critério é muitas vezes individualista. O casal, que preza pelos sentimentos, mas também se guia pela fé, cresce no amor a Deus e entre si no matrimônio. *Evagelii gaudium* exorta:

> Este mundanismo pode alimentar-se sobretudo de duas maneiras profundamente relacionadas. Uma delas é o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. A outra maneira é o neopelagianismo auto-referencial [.] de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar. Em ambos os casos, nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente. São manifestações dum imanentismo antropocêntrico. Não é possível imaginar que, destas formas desvirtuadas do cristianismo, possam brotar um autêntico dinamismo evangelizador (EG, n. 94).

O mundanismo na Igreja traz consequências e parece ocupar espaço no ambiente eclesial. Nesse sentido, o casal deve buscar para o seu matrimônio evitar o exibicionismo, tendo como sua referência Deus e a Igreja. Muitas vezes o autorreferencialíssimo acarreta distanciamento da fé, ou uma fé subjetiva dentro da própria Igreja.

> Este obscuro mundanismo manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de dominar o espaço da Igreja. Nalguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história. Assim, a vida da Igreja transforma-se numa peça de museu ou numa possessão de poucos. Noutros, o próprio mundanismo espiritual esconde-se por detrás do fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou numa vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, ou numa atracção pelas dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial. Também se pode traduzir em várias formas de se apresentar a si mesmo envolvido numa densa vida social cheia de viagens, reuniões, jantares, recepções. Ou então desdobra-se num funcionalismo empresarial, carregado de estatísticas, planificações e avaliações, onde o principal beneficiário não é o povo de Deus, mas a Igreja como organização. Em qualquer um dos casos, não traz o selo

> de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, encerra-se em grupos de elite, não sai realmente à procura dos que andam perdidos nem das imensas multidões sedentas de Cristo. Já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio duma autocomplacência egocêntrica (EG, n. 95).

É necessário perceber que muita programação e perfeccionismo não é saudável na Igreja. O dinamismo da Igreja precisa de uma abertura ao Espírito Santo. O casal, dentro do matrimônio, precisa se sentir em casa, a casa da Igreja, onde se desenvolve, reflete e sai ao encontro dos mais necessitados. *Evangelii gaudium* declara:

> Neste contexto, alimenta-se a vanglória de quantos se contentam com ter algum poder e preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados dum batalhão que continua a lutar. Quantas vezes sonhamos planos apostólicos expansionistas, meticulosos e bem traçados, típicos de generais derrotados! Assim negamos a nossa história de Igreja, que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho fadigoso, porque todo o trabalho é suor do nosso rosto. Em vez disso, entretemo-nos vaidosos a falar sobre o que se deveria fazer – o pecado do deveriaqueísmo – como mestres espirituais e peritos de pastoral que dão instruções ficando de fora. Cultivamos a nossa imaginação sem limites e perdemos o contacto com a dolorosa realidade do nosso povo fiel (EG, n. 96).

Nunca desmerecer quem questiona ou reflete para edificar na Igreja. Favorecer as virtudes nunca é demais, sobretudo o perdão e a misericórdia. Aliás, dentro da vivência do matrimônio, também pode se dizer matrimônio em saída, sair ao encontro dos membros da Igreja. A vivência litúrgica e dos sacramentos pode ser um canal para o desenvolvimento do casal. Por fim, a mesma *Evangelii gaudium* mostra as consequências concretas do mundanismo espiritual:

> Quem caiu neste mundanismo olha de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, faz ressaltar constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência. Circunscreveu os pontos de referência do coração ao horizonte fechado da sua imanência e dos seus interesses e, consequentemente, não aprende com os seus pecados nem está verdadeiramente aberto ao perdão. É uma tremenda corrupção, com aparências de bem. Devemos evitá-lo, pondo a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres. Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho (EG, n. 97).

A liturgia, de maneira especial vivenciada no matrimônio se torna para a família uma defesa aos ataques do mundo. Ao sair de uma ação litúrgica o casal leva consigo o remédio para combater e cria imunidade para os males do mundo que surgem no dia a dia da vida conjugal, como no caso o mundanismo. É necessário sair dos átrios da Igreja depois dos sacramentos fortalecidos com a presença de Deus. A dinâmica da liturgia permite o desenvolvimento integral

do ser humano, sobretudo com os ritos, somos formados pela liturgia como fica evidente no pensar do Papa Francisco em a *Desiderio desideravi:*

Com o individualismo a figura da comunidade fica ofuscada. Quem é responsável disso é o gnosticismo que gera uma autorreferência em si mesmo colocando o 'eu' acima do 'nós' na Igreja. Por isso, a liturgia é antídoto contra o gnosticismo, pois a Igreja preza pela comunidade, onde o casal é inserido, além do mais, com maior razão, com a chegada dos filhos no matrimônio.

A liturgia, especialmente aquela sacramental, é gratuita, o amor de Deus é sempre gratuito. Quando se enfoca no puro esforço humano, sem ou com pouco contato com a graça de Cristo, a gratuidade do amor de Deus fica a parte. O ser humano necessita da graça e da misericórdia de Deus. A liturgia faz com que o amor de Deus seja valorizado e experimentado. Desse modo, se conclui a liturgia: o antídoto contra o veneno da mundanidade espiritual, com a iniciativa vinda de Cristo para que o homem e mulher possam ser salvos:

> Se o neopelagianismo nos intoxica com a presunção de uma salvação ganha com as nossas forças, a celebração litúrgica purifica-nos proclamando a gratuidade do dom da salvação acolhida na fé. Participar no sacrifício eucarístico não é uma conquista nossa como se disso nós pudéssemos gloriar perante Deus e os irmãos. O início de cada celebração recorda-me quem sou, pedindo-me para confessar o meu pecado e convidando-me a suplicar à bem-aventurada Virgem Maria, aos anjos e santos e a todos os irmãos e irmãs que roguem por mim ao Senhor: porque não somos dignos de entrar na sua casa, precisamos de uma palavra sua para sermos salvos (Mt 8, 8). Não temos outra glória a não ser a Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo (Gl 6, 14). A liturgia não tem nada a ver com um moralismo ascético: é o dom da Páscoa do Senhor que, acolhido com docilidade, faz nova a nossa vida. Não se entra no Cenáculo a não ser pela força de atração do seu desejo de comer a Páscoa conosco: '*Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar*' Lc 22, 15 (DD, n. 20).

Dentre os desafios derivados do mundanismo espiritual, existem derivações, contidas direta e indiretamente na *Desiderio desideravi*, são de especial atenção: além do individualismo já mencionado, há o relativismo e crises de fé. São desafios atuais que assolam os matrimônios e as famílias. Quando se fala do individualismo é muito comum pensar que é algo extremamente valioso, pelo dom da liberdade em questão. Porém, levado a um extremo, prejudica a convivência matrimonial e com os filhos, pois família é comunhão, interação, partilha, ajuda mútua: isso é próprio da vivência litúrgica. O fato de o matrimônio unir pessoas contribui a estabelecer laços dentro da sociedade. Dentro da Igreja, o pensamento é parecido, pois a Igreja é comunidade de pessoas, com suas histórias e projetos, conviver com isso nos faz mais humanos e solidários.

Outro desafio atual e que afeta o matrimônio e a família é o relativismo. Nesse sentido, tudo é relativo, inclusive as regras não são absolutas. "O relativismo prático consiste em agir

como se Deus não existisse, como se os pobres não existissem, como se os outros não existissem, como se os que ainda não receberam o anúncio não existissem" (EG, n. 80). Existe algo bom a se valorizar quando as coisas são relativas à pessoa que acolhe e percebe a realidade, especialmente no âmbito da ética. Mas, para a matrimônio e a família, o relativismo levado a um extremo de não ter normas a serem seguidas, pode acarretar desagregação no convívio, além de afetar a moral cristã. O relativizar os valores entra também o âmbito litúrgico, que está repleto de normas e regras a serem seguidas. O então Cardeal Ratzinger alertava sobre o perigo, que se pode aplicar ao matrimônio e à família:

> Hoje, tendo uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, é frequentemente rotulado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, ou seja, deixar-se levar "aqui e ali por qualquer vento de doutrina," parece a única atitude à altura dos tempos atuais. Está-se construindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que tem como medida última apenas o próprio eu e os seus desejos[347].

Nesse documento, rejeita-se o relativismo, defendendo a existência de verdades morais e doutrinais objetivas, acessíveis à razão humana e reveladas por Deus, em Cristo. Essa postura se manifesta com ênfase na proteção da dignidade humana, da verdade e da fé, no matrimônio e na família. O relativismo enfraquece a base do matrimônio cristão, ao negar a verdade objetiva sobre o amor conjugal, a sexualidade criada por Deus, a fidelidade entre o casal e a indissolubilidade.

Por último, um grande desafio é a crise de fé, que afeta o matrimônio e a família. Documento de Aparecida resume bem o momento atual: "Estamos diante de uma grave crise espiritual e cultural, uma crise da fé que afeta profundamente a vida das pessoas e das famílias" (CELAM, 2007, n. 37). Falando sobre o fator unitário da Igreja, mas aplicado ao matrimônio e a família, a posição do Papa Bento XVI é interessante:

> Enquanto nos tempos passados era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente aceite no seu apelo ao conteúdo da fé e aos valores inspirados por ela, hoje não parece que seja mais assim na maior parte da sociedade, por causa duma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas (PF, n. 2).

Essa crise invade também o matrimônio e família. A consideração do Papa Francisco sobre a fé em sentido privado, mas como existe uma crise da fé pública: "A fé também enfrenta hoje desafios provocados por um secularismo agressivo que, em nome da liberdade e da razão, marginaliza a religião para o âmbito privado e gera uma profunda crise de sentido" (EG, n. 61)

---

[347] RATZINGER, Joseph. *Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger decano do Colégio Cardinalício.* Roma: 2005. Disponível em: Missa pro eligendo pontifice. Acesso em: 09 jun. 2025.

. A falta de fé leva a não participação da liturgia da Igreja, pois sem fé pouco se vive e se compreende do mistério litúrgico. Sem a fé, não se vê o sobrenatural nem a dinâmica de Deus na vida litúrgica da Igreja. Muitos matrimônios e famílias perderam a fé ou por suas escolhas, ou por influências negativas, mas a vivência litúrgica pode resgatá-los ou dar uma orientação adequada.

Decerto, a ausência de fé vem do desconhecimento das regras básicas dos valores, mandamentos e regras que Deus e a Igreja colocam: "A crise da fé e o abandono da vida cristã não raramente têm sua origem na ignorância dos conteúdos fundamentais da fé"[348]. Assim, a crise de fé tem profundas repercussões no matrimônio cristão, pois afeta não apenas a compreensão da vocação matrimonial, mas também a vivência concreta do amor, da fidelidade, da abertura à vida e do compromisso diante de Deus. Enfim, a crise de fé abala a vida inteira.

O combate espiritual está repleto de espiritualidade, que se pode encontrar na liturgia. A própria participação das celebrações da Igreja combate as forças do mal, especialmente a participação na vida comunitária da Igreja. O mundanismo tem várias correntes: gnosticismo e neo-pelagianismo, que derivam em individualismo, relativismo e crise de fé. O casal e os filhos não estão sozinhos nessa batalha contra o mal, assim chamado mundanismo espiritual. A própria preparação e celebração do matrimônio na Igreja já é uma mostra que o casal quer colocar bases profundas do amor de Deus. Do mesmo modo, a vivência sacramental, na Igreja, e em casa com os sacramentais,[349] para o casal e os filhos, se tornam importantes nesse combate contra o mundanismo.

A liturgia é capaz de descentralizar o *ego* e recentrar as coisas em Deus. A liturgia ensina o dom de si com total desapego, fundamento do matrimônio cristão, sendo ele serviço e entrega a Deus e ao próximo. Através da liturgia, purifica-se o coração do amor distorcido e das falsas seguranças que o mundo oferece. Ao se pensar no matrimônio e família participantes ativos da vida litúrgica, a liturgia sustenta a fidelidade e a missão familiar. Assim, o amor se purifica, a fé amadurece e a mundanidade perde seu poder.

---

[348] CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Nota sobre alguns aspectos da evangelização*. Roma: 2007. Disponível em: Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização. Acesso em: 10 jul. 2025.

[349] Para melhor compreensão sobre a diferença ir em: QUAL A DIFERENÇA ENTRE SACRAMENTOS E SACRAMENTAIS. Formação - Canção Nova. Disponível em: Qual a diferença entre sacramentos e sacramentais?. Acesso em: 29 abr. 2025.

4.6 Redescobrir a cada dia a beleza da verdade da celebração litúrgica na vivência matrimonial

Após falar de como se combate o mundanismo espiritual com a liturgia, especialmente com as celebrações dos sacramentos bem celebradas, é o momento de esclarecer os conceitos, mesmo que pareçam ser abstratos, de verdade e beleza. Sendo o conceito de verdade e beleza objetivos e aos mesmos subjetivos, se necessita redescobri-los e aplicá-los ao matrimônio. Nada mais verdadeiro e belo que um casal que decide estabelecer um novo lar cristão, educando nos valores seus filhos que Deus mandar.

O matrimônio cristão é mais do que uma união civil ou afetiva: é um sacramento, uma vocação e um verdadeiro caminho de santidade. No coração dessa vivência está a liturgia, que não é apenas um rito inicial do matrimônio, mas uma fonte contínua de graça e inspiração. Dia após dia, redescobrir a beleza e a verdade da celebração litúrgica é essencial para que o casal viva sua união à luz de Cristo, com profundidade e fidelidade.

Além da estrutura própria da *Desiderio desideravi*, no livro de Guardini - Espírito da Liturgia - há um capítulo que se dedica a esse ponto. Guardini deixa claro que a verdade vem antes da beleza, mas o belo é porta para o que é verdadeiro. A ordem dos fatos na liturgia mostra as coisas verdadeiras e belas, pois onde está Deus existem essas características.

Trata-se realmente de redescobrir a beleza da liturgia nos pequenos detalhes de cada celebração. O mistério pascal ensina que a beleza está atrelada à salvação de Cristo. Por isso, o casal dentro do matrimônio há de buscar os sinais sensíveis para captar a beleza de cada celebração litúrgica, de modo particular, com os sacramentos.

Os sacramentos não são apenas realizados pelo sacerdote e para ele, e sim para a assembleia. A liturgia é capaz de realizar uma mudança naqueles que participam das celebrações, afinal graças especiais são derramadas em cada sacramento. O Papa Francisco usa a expressão formação litúrgica e mais especificamente a formação a partir da liturgia. O sacerdote se forma e nos ensina como chegar a Deus. Ao fazer a ação litúrgica, dá indícios do como chegar, com maior intimidade a Deus e recebermos as graças proporcionadas nos mistérios de Deus. Enfim, o sacerdote de fato se transfigura igualmente pela, com e na Comunhão e nós nos moldamos, nos transfiguramos (DD, n. 21).

No documento do Concílio Vaticano II fala-se muito dos sinais dos sacramentos, de modo particular do batismo, pois é a porta dos demais sacramentos. Por meio dos sinais sensíveis, Jesus renova sua obra redentora no mundo. A Igreja tem uma função fundamental nisso, pelo fato de ser dispensadora das graças de Cristo, especialmente pelos sacramentos. Com

maior razão, o matrimônio deve estar ligado a essa fonte de graça dentro da Igreja. O matrimônio há de interagir com os sinais sensíveis, que são verdades dentro da celebração litúrgica.

Entrando em outra perspectiva teológica sobre a liturgia, encontra-se Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI). É interessante observar como Guardini influenciou em vários aspetos o pensar litúrgico tanto do Papa Francisco como no do Papa Bento XVI. Sabe-se Ratzinger explora o tema da liturgia como teologia do amor pascal. Também, se sabe que o tema relacionado sobre a - verdade - na visão de Ratzinger tem grande importância. A ênfase da orientação é a liturgia como encontro com Cristo, na cruz e a glória, onde a beleza manifesta a verdade. A verdade da paixão, morte e ressurreição de Cristo mostra sua beleza espiritual. Ao se pensar nessa linha teológica, na cruz que leva à glória, é possível conectar o matrimônio ao amor esponsal entre Cristo e a Igreja, celebrado na liturgia, que é modelo da união conjugal. A obra de maior destaque na liturgia de Ratzinger é - *Introdução ao Espírito da Liturgia*, onde também mostra a conexão com o matrimônio como símbolo do amor de Deus e do amor humano: "A aliança é interpretada na imagem do noivado e do casamento como laço do amor de Deus com o ser humano, e do ser humano com Deus" (RATZINGER, 2013, p. 119). Quando se fala de vida eterna, antecipada na terra, e depois da morte no pós-vida, pode ser um reflexo do amor conjugal, que passa por tribulações, mas chega à gloria, essa é verdade que mostra a beleza. A beleza litúrgica que leva à verdade mostra como o matrimônio e as diversas celebrações são belas.

> Há ainda um aspecto nessa teoria do jogo que merece ser mencionado e nos aproxima da essência particular da liturgia: a brincadeira das crianças parece, sob inúmeros aspectos, uma espécie de antecipação da vida, um treinamento para aquilo que será a

> sua vida que virá, sem, todavia, incluir todo o seu peso e a sua seriedade. Do mesmo modo, a liturgia lembra que todos nós, diante da verdadeira vida, que desejamos alcançar, somos no fundo como crianças, ou que deveríamos sê-lo; a liturgia, então, seria uma forma completamente diferente de antecipação, de exercício preliminar: prelúdio da vida futura, da vida eterna, da qual Agostinho afirma que, ao contrário da vida presente, aquela não será feita de necessidades e de obrigatoriedades, mas inteiramente da liberdade do oferecer e dar. A liturgia seria, então, a redescoberta de nosso autêntico ser criança dentro de nós, da abertura para a grandeza que temos diante dos olhos, ainda não realizada com a vida adulta; ela seria uma forma bem definida da esperança, que antecipa a verdadeira vida, que nos introduz na vida autêntica - a da liberdade, da proximidade com Deus e da total abertura recíproca. Assim, ela imprime também na vida real cotidiana os sinais precursores da liberdade, que derrubam as barreiras e deixam transparecer o céu na terra[350].

Redescobrir a beleza da celebração cristã não é apenas o cuidado rubrical, vai além. A parte estética do rito dentro na liturgia é importante, principalmente num ambiente de falta de regras e normas. Mas, ir além da rubrica e estética, encontrando um sentido motivacional, espiritual e teológico mostra a grandeza da liturgia, como experiência do amor de Deus para o casal e os filhos.

Importante deixar na assembleia o que lhe é devido. A celebração litúrgica é bela devido aos sinais sensíveis. De fato, é isso que atrai as pessoas para o convívio da comunidade. Os gestos, palavras e ações são parte essencial da celebração. Isso é atestado, sobretudo no matrimônio, onde o casal e os filhos, quando interagem com a liturgia experimentam a beleza da verdade, dentro da celebração cristã.

> Entendamo-nos: todos os aspetos do celebrar devem ser cuidados (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, vestes, canto, música.) e todas as rubricas devem ser observadas: bastaria esta atenção para evitar subtrair à assembleia aquilo que lhe é devido, isto é, o mistério pascal celebrado na modalidade ritual que a Igreja estabelece. Mas mesmo que a qualidade e a norma da ação celebrativa estejam garantidas, isso não bastaria para tornar plena a nossa participação (DD, n. 23).

O maravilhar-se com o mistério de Cristo, dentro do simbolismo litúrgico, faz com que o casal e os filhos combatam o mundanismo, que afeta a transcendência. O perigo do subjetivismo e neo-pelagianismo mostram como o ser humano é imanente, o ser imanente acarreta algo negativo para o matrimônio e família. O casal e os filhos precisam responder aos anseios mais profundos do ser, com a liturgia, esse desejo fica saciado, tem-se um verdadeiro encontro com Deus, que se manifesta na liturgia da Igreja.

Tanto santo Agostinho quanto santo Tomás de Aquino identificam a beleza com o Bem, ademais da igualdade, do número, da proporção e da ordem: estas caraterísticas de fato são

[350] RATZINGER, 2013, p. 12.

reflexos da própria beleza de Deus. Os termos beleza e o bem levam Guardini a refletir sobre a verdade:

> Deus não é apenas a realidade total; é também o bem absoluto. Quando pronunciamos a palavra verdade, exprimimos a sua plenitude que tudo abrange e a sua transparência de espírito. Justiça, pureza e ordem são termos que utilizamos para nos referir a Ele. A palavra beleza não é, fundamentalmente, um conceito, mas um nome que pertence plenamente a Deus. O valor - aquilo que é bom, verdadeiro, nobre e belo - faz com que um ser tenha direito à existência. Mas, Deus não quer apenas o valor, não só o alcança e possui, Ele é o valor por excelência, de modo que todos os valores criados são apenas reflexos seus. Por esse motivo, a sua realidade está, por assim dizer, justificada em toda a parte. Só Ele tem, por essência e por si próprio, o direito de existir. A simples existência é obscura e penosa; o valor ilumina-a[351].

Apesar de esforços, o ser humano é limitado no saber. Com os sentidos, o poder e a criatividade não se percebem facilmente a presença de Deus, ou seja, não se toca o sobrenatural. Faz-se necessário vontade, disciplina, perseverança, simplesmente, ficar e olhar. Quando se fala em beleza não se pode reduzir o termo a algo externo, ao *glamour* de pompas, roupas sofisticadas e brilho. Deve-se pensar na beleza do mistério celebrado. O que brota da fé é a presença de Deus, vivo e verdadeiro. A liturgia tem como finalidade levar a experiência do mistério por meio de algo concreto e acessível os símbolos presentes no rito litúrgico, ou seja, a liturgia a serviço do mistério, auxilia o aprender a ver os sinais sagrados na Igreja.

Que seja uma experiência concreta e verdadeira, que o ritual seja percebido, apreciado, degustado com todos os detalhes trabalhados pelos sentidos. Não se pode assistir de longe ou se apegar em detalhes secundários que nos tiram o foco do mistério. Todos necessitam da experiência litúrgica para descobrir o belo e verdadeiro na criação de Deus e na própria vida. Nessa linha, os sentidos internos e externos, devidamente orientados pela fé e a reta razão, ajudam a alinhar os anseios do coração humano. Os conceitos de belo e de verdadeiro devem fazer parte da preparação, celebração e vivência do matrimônio.

Redescobrir diariamente a beleza e a verdade é colocar Cristo como centro na vida matrimonial. Voltar ao coração do amor cristão, que é Cristo crucificado e ressuscitado. Jesus é caminho, a verdade e a vida. Desse modo é preciso permitir que a liturgia forme os gestos, palavras e atitudes do casal, por isso muita atenção às celebrações; também, ter gestos palavras e atitudes de valores dentro do matrimônio e da família. É a liturgia viva, na vida conjugal e familiar. É a graça recebida nos sacramentos que se integra ao ser humano levando-o a ser reflexo do próprio Cristo em seu agir após participar das celebrações. Fazer da vida conjugal

[351] GUARDINI, 2018, p. 65.

uma celebração contínua da graça de Deus, pois em cada gesto, palavra, decisão está presente a ação e força do Espírito Santo, orientando o casal para o amor maior, o aceitar-se, o doar-se do casal e da família, nisso consiste a verdade e beleza do matrimônio. Quem ama a liturgia aprende a amar melhor. E quem ama melhor, transforma sua casa num pequeno altar, e sua família, numa verdadeira e bela igreja doméstica.

4.7 Assombro pelo mistério pascal no matrimônio: parte essencial do ato litúrgico

Aplicar a beleza e a verdade da liturgia ao mistério pascal se torna algo indispensável. O casal, na preparação e na celebração do matrimônio, deve experimentar o estupor do amor de Deus. Morto e ressuscitado por amor, para a salvação humana, Cristo está presente na vida matrimonial. Isso se torna essencial na concepção do mistério pascal.

O matrimônio cristão, como sacramento, é inseparável da liturgia da Igreja. O matrimônio está profundamente enraizado no mistério pascal de Cristo: sua paixão, morte e ressurreição. Para viver plenamente essa realidade, é essencial cultivar uma atitude interior de assombro, ou seja, um profundo maravilhamento diante do mistério de amor que se realiza. Na paixão de Cristo, o casal se une a Cristo pela capacidade de sofrer pelo outro, carregar as cruzes da vida diária. Na morte de Cristo, o casal se une a Cristo pelas renúncias diárias e constantes, no morrer para si mesmo por amor a Deus e ao próximo. E na ressurreição de Cristo, o casal se renova na constância do amor, na esperança que vence o cansaço, no perdão que recria a unidade. Celebrar o matrimônio na liturgia é unir a história do casal à história de salvação de Cristo.

Sobre o encontro com Deus dentro do matrimônio, o assombro toma uma estrada diferente. Colocar Deus dentro do matrimônio já é questão de necessidade no mundo cheio de indiferença. O assombro mostra como Deus é visto pelo casal e pela Igreja. A visão do casal e do povo de Deus em geral é de se fixar nos detalhes do amor de Deus em cada celebração litúrgica. Na realidade se trata de um dom, dom precioso de Deus para quem consegue reconhecê-lo.

> Se viesse a faltar o assombro pelo mistério pascal que se torna presente no concreto dos sinais sacramentais, poderíamos verdadeiramente correr o risco de ser impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração. Não bastam os esforços, ainda que louváveis, em prol de uma melhor qualidade da celebração e nem sequer um apelo à interioridade: também esta corre o risco de se reduzir a uma vazia subjetividade se não acolher a revelação do mistério cristão. O encontro com Deus não é fruto de uma individual busca interior d'Ele mas é um acontecimento dado:

> podemos encontrar Deus pelo fato novo da Encarnação que na última Ceia chega ao extremo de desejar ser comido por nós. Como poderá acontecer-nos a desgraça de nos subtrairmos ao fascínio da beleza deste dom? (DD, n. 24).

O assombro diante do mistério de Deus não é algo tipo desmaio ou incompreensão do que está acontecendo na celebração litúrgica. Mas o maravilhar-se diante do fato de que o mistério pascal chega até hoje para nós. É atualizado em cada celebração da Santa Missa, ou seja, a ação litúrgica que se vivencia. O assombro não permite que as celebrações virem uma rotina, ao contrário, possibilita o vislumbrar-se com a beleza da liturgia, tocando o espírito. Maravilhar-se com o amor de Deus em ação, que se entrega na Eucaristia nesse plano fantástico de salvação por cada um de nós. O assombro depende fundamentalmente da recepção do que está acontecendo na celebração – olhos para ver, ouvidos para ouvir, a fé como complemento do participar ativo desse caminhar ao encontro com o Ressuscitado. Cada celebração litúrgica, mesmo que não seja assim, nos leva à adoração a Deus em espírito e verdade. A presença de Deus dentro do matrimônio deve ser algo tocante ao mistério. As maravilhas de Deus devem ser valorizadas e levadas à celebração litúrgica, de modo a ajudar na penetração do mistério de Deus (DD, n. 25).

O mistério Pascal é o modo de Deus interagir com a humanidade, segundo a concepção cristã-católica: paixão, morte e ressurreição de Cristo. Mistério significa também, assombro diante do divino que se faz presente, e que se torna acessível. O assombro é, sem dúvida, parte essencial do ato litúrgico, nesse sentido, é uma atitude de quem se depara com gestos simbólicos. Redescobre-se a beleza da liturgia e de sua linguagem simbólica que precisa ser cuidada e respeitada. A força do símbolo deve levar a uma experiência do mistério invisível de Deus e Seu amor, ou seja, os ritos e símbolos litúrgicos elevam as realidades terrenas às realidades celestes. Une-se o casal à realidade celebrada de acordo com sua compreensão e história de vida. Dessa forma, essa ligação criada pode fortalecer a vivência da graça recebida no sacramento no desenvolver da vida matrimonial (DD, n. 26).

O assombro, ou como o Papa Francisco coloca mais precisamente, o termo estupor leva a vários significados dependendo do contexto empregado. Assim, pode-se falar no significado na medicina é um estado de falta de resposta profunda, em que a pessoa só pode ser despertada por um estímulo físico vigoroso; na psicologia com a falta de resposta em que não é possível despertar a pessoa e em que os olhos permanecem fechados, mesmo quando ela é estimulada.

Ficaremos com o sentido empregado na bíblia "é o que desperta a palavra de Jesus, a sua ação, os seus milagres, o seu fim como novo início"[352].

Verdadeiramente é o que acontece na Santa Missa. Caminhamos com Jesus, inicia-se o percurso. Acredito que consigamos perceber Jesus à frente e seus discípulos o seguindo, cabeça e corpo. Desde o momento que o sacerdote vai em direção ao altar até a Consagração. Tendo como ponto central a presença e manifestação de Deus, o sacerdote busca colocá-lo como protagonista no espaço e no tempo. Pode-se dizer que de certa forma é Jesus que caminha conosco neste estar com Deus, pega a nossa mão e nos leva, como o fez com seus discípulos.

É interessante como Guardini coloca em seu livro – Os sinais sagrados - o sentido do caminhar. É, em verdade, o que fazemos quando vamos à igreja, a uma celebração litúrgica:

> E como é belo caminhar assim quando o fazemos piedosamente! Pode chegar a ser um autêntico ato de culto a Deus, por exemplo quando entramos numa igreja, que é a sublime casa do Soberano Senhor, e avançamos com respeito sob o seu olhar. Ou quando se trata de acompanhar a Deus numa procissão [.]. Também uma caminhada de penitência e de súplica poderia transformar-se assim numa oração viva, encarnada! Seria uma confissão materializada das nossas culpas e misérias, mas temperada pela confiança cristã, que sabe que, tal como existe no homem uma força que vence todas as outras forças: a vontade serena e segura de si, assim também existe um poder que vence todas as misérias e culpas: o Deus vivo[353].

A liturgia existe para fazer revelar o mistério pascal, o próprio Cristo encarnado. Este é o estupor. Une-se o externo ao interno. Cada detalhe do ato litúrgico reverbera no comportamento litúrgico, a ação é encarnação visível da interioridade não é apenas alma, é a pessoa como um todo. Assim:

> Esse processo tem um duplo sentido: de dentro para fora e de fora para dentro. Significa um expressar do interior no exterior e um interpretar do interior no exterior. Significa um doar do próprio interior através do exterior e um receber do interior do outro a partir do exterior[354].

Deve haver um equilíbrio do que é apresentado para que não fique apenas no vislumbre, deixando de ir ao encontro da revelação. O sentimentalismo, algo subjetivo não é o saber da Verdade. É necessário que num movimento de correalização da comunidade dando força de expressão da fé se chegue ao mistério Pascal.

---

[352] GRILLO, Andrea. Liturgia, estupor e formação na releitura da "Desiderio desideravi." *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2022. Disponível em: Liturgia, estupor e formação na releitura de "Desiderio desideravi." Artigo de Andrea Grillo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 21 fev. 2024.
[353] GUARDINI, 1993, p. 13-14.
[354] GUARDINI, 2023, p. 70.

A missão de todos na ação litúrgica é o caminhar realmente com Cristo. Assim, desde o momento que se entra na nave, indo além ao clímax da celebração, a consagração, o Mistério Pascal até o momento da bênção final, nós seguimos a Cristo:

> Não é o homem que, pelas suas próprias forças, decide buscar o Senhor e o encontra, é o Senhor que está aqui e o chama, dizendo: Aproxima-te e fica junto de mim. Esse convite é que torna possível a oração. Por isso, quem ora deve dirigir-se a Ele, falar-lhe da sua fé, do seu amor, dos seus problemas, de tudo o que o coração sugere[355].

Do sacerdote, ele, o eu, o outro, o nós. Em torno de um objetivo comum: "É a de um corpus, de uma totalidade objetiva. No ato litúrgico, o indivíduo celebrante inclui-se nela, absorvendo aqueles que circundam o altar em sua autoexpressão"[356]. A última ceia fazemos parte dela. Somos protagonistas. O objetivo dos atos litúrgicos é exatamente fazer-nos adentrar na cena, não apenas sermos espectadores, mas participantes de cada momento celebrado na Santa Missa.

E, ao se ofertar na Santa Ceia é possível perceber Ele se doando nas ofertas da Missa - do pão e vinho, numa antevisão da própria oblação, dele, na cruz. Ao mesmo tempo é o se doar de nós mesmos colocando as misérias e as alegrias, pois o nosso ser apenas existe diante de Deus, ofertamos o que Deus nos permite ser, ter, somos nada se Ele não tivesse permitido estarmos ali diante dele – apequenar-nos. Acredito que a única coisa que podemos ofertar é o nosso sim à vontade de Deus.

Almas que anseiam a Cristo, não o tu, o eu e, sim, o nós. Há, sim, uma aliança eterna com Deus, uma união de corpo e alma:

> Não existe apenas a união do conhecimento e do amor; existe também a união do nosso ser vivente com Deus. Não são apenas a nossa inteligência e a nossa vontade que tendem para Deus, mas todo o nosso ser. A minha alma tem sede de Deus e a minha carne anela por Ti como terra árida e sequiosa, sem água, diz o Salmo 62, e o homem só se satisfará quando estiver unido a Ele na sua vida e no seu ser[357].

Romano Guardini igualmente reforça a ideia da união vital com Deus:

> Queremos chegar a ser uma só coisa com Deus, tal como o nosso corpo com o alimento e a bebida. Temos fome, temos sede de Deus. Não nos basta conhecê-lo, não nos basta amá-lo: queremos tocá-lo, segurá-lo, possuí-lo, sim digamo-lo sem temor, queremos

[355] GUARDINI, 2018, p. 125.
[356] GUARDINI, 2023, p. 221.
[357] GUARDINI, 1993, p, 41.

> comê-lo, bebê-lo, introduzi-lo em nós até nos termos saciado completamente, até estarmos completamente impregnados d'Ele[358].

Temos uma alma, identidade espiritual para reproduzir aqui na terra o amor que Deus nos tem no céu. Fomos criados para desejá-Lo, amá-Lo: Mas se é o próprio Deus quem o diz, então também nós dizemos no nosso interior: Sim, é assim que deve ser:

> Mais uma vez: este anelo não é nenhuma irreverência; não desejamos de forma alguma transpor o abismo que, como criaturas, nos separa de Deus. Mas podemos silenciar os desejos que Ele mesmo semeou no fundo dos nossos corações? E não nos alegrarmos com essa dádiva do seu excesso de bondade? Cristo diz: A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue verdadeiro bebida. [.] Quem come aminha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele [.]. E novamente: Assim como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que me come viverá por mim. (Jo 6, 55-57) [.]. Receber em nós o Deus vivo feito homem, com tudo o que tem e é como isto ultrapassa tudo o que nem em sonhos poderíamos imaginar! E, no entanto, é o que no mais íntimo nos sentimos compelidos a desejar![359]

O autor continua dizendo que este mistério encontra a sua expressão claríssima na figura do pão e do vinho.

> Meu amor está crucificado e não há em mim fogo para amar a matéria; pelo contrário, água-viva, murmurando dentro de mim, falando-me ao interior: Vamos ao Pai! Não me agradam comida passageira, nem prazeres desta vida. Quero pão de Deus que é carne de Jesus Cristo, da descendência de Davi, e como bebida quero o sangue d'Ele, que é amor incorruptível.[360]

Com essa reflexão de Santo Inácio de Antióquia se conclui o que representa a Eucaristia na vida do cristão e ainda mais no seio da família. É o pão espiritual. Alimento que dá sustentação, fidelidade e perseverança nos momentos de crise vivenciados na família, os quais tendem a desarmonizar e querer desatar laço amoroso entre marido, mulher, prole e Deus. No entanto, onde há amor fiel, único, fecundo e indissolúvel, há alegria. Há tantos elementos que integram uma relação matrimonial - desapego, doação, sorriso, elogio. Sim, o saborear a alegria do amor entre o casal e a prole filhos - a família. Assim, a família se torna a sementeira para o ser humano aprender a virtude do amor e da fidelidade. Guardini resume assim:

> Cristo converteu-se para nós em pão e vinho, em alimento e bebida. Podemos comê-lo e bebê-lo. O pão é firmeza e fidelidade perseverantes. O vinho é audácia, uma

[358] GUARDINI, 1993, p, 41.
[359] *Ibidem.*
[360] INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Carta aos Romanos,* n. 7. Disponível em: Santo Inácio de Antioquia: Carta aos Romanos. Acesso em: 23 abr. 2025.

> alegria superior a todas as alegrias terrenas, aroma e beleza, amplidão e generosidade sem limites, ebriedade de vida, de posse e de doação[361].

O assombro vivido na liturgia do matrimônio precisa se prolongar na vida cotidiana do casal. Diante da dignidade do outro, existem as palavras da consagração da Missa, este é o meu corpo, entregue por ti. Diante dos filhos, proferir que são fruto bendito da união sacramental. Diante das provações, ter paciência de onde o casal é chamado a confiar e permanecer. Diante da oração é onde o casal se reconhece que Cristo está no meio deles, pois onde dois ou mais discípulos reunidos, Jesus estará presente (Mt 18, 20). O assombro transforma a rotina em altar e o cotidiano em liturgia viva. Nunca o casal pode deixar de se maravilhar das graças e benção em suas vidas: bens, valores, filhos, recursos, tudo é graça e dom do alto.

A Páscoa é a passagem de Cristo sobre o pecado e a morte para dar ao homem e mulher a salvação. Essa experiência do amor de Deus não se dá somente de forma individual, na subjetividade. Na doação de Cristo na Páscoa é onde acontece o estupor e o assombro. Na preparação, celebração e vivência do matrimônio o casal e depois os filhos devem maravilhar-se do amor de Deus em suas vidas. Esse maravilhar-se leva ao matrimônio e à família ao compromisso, entrega e generosidade com Deus e com a Igreja, pois o matrimônio é uma vocação ao serviço um ao outro e a Deus (CIC, n. 1534).

4.8 Implicações pastorais para o matrimônio e a liturgia

4.8.1 A importância de uma séria e vital formação litúrgica para uma autêntica vida conjugal

Seguindo a estrutura da *Desiderio desideravi* mostraremos várias implicações pastorais para o matrimônio e a liturgia: formação litúrgica e a arte de celebrar, ambas voltadas à vida conjugal e familiar.

Considerando o assombro pelo mistério pascal, é necessário haver uma formação que acompanhe os nubentes, logo, convém refletir sobre a formação litúrgica. Para a preparação, celebração e vivência do matrimônio a formação deve ser séria e vital, ou seja, não é algo negociável ou de menor categoria. Geralmente se pensa que ao se tratar das coisas de Deus, tudo se crê e nada se entende e quase nada se prepara. Ao se tratar da experiência com Deus na liturgia, a abordagem há de ser confiável e segura, de modo que, o casal e os filhos aprendam e percebam o amor de Deus em suas vidas.

---

[361] GUARDINI, 1993, p. 43-44.

A liturgia não é apenas o pano de fundo para o ritual do sacramento do matrimônio ou não é mesmo um conjunto de regras a seguir, mas o lugar de encontro com Cristo que transforma a existência. Ela é forma e fonte da vida cristã, e, assim, deve permear a vida conjugal dos esposos que se uniram diante de Deus e da Igreja. Contudo, para que isso aconteça, é necessária uma formação litúrgica profunda, séria e vital. Sem ela, o casal corre o risco de viver sua vocação matrimonial de modo desconectado da fonte que o sustenta: o mistério celebrado e vivido na liturgia da Igreja. Educar e educar-se para amar a Deus, ao próximo e a si mesmo, nisso consiste a formação litúrgica.

Quando se fala de formação profunda, quer dizer que vai além da compreensão externa dos ritos e símbolos. Envolve mergulhar no mistério de Cristo, reconhecendo que a liturgia é ação do próprio Deus que nos transforma. Quando se fala de formação séria, exige estudo, comprometimento e acompanhamento. Não se limita a uma preparação técnica para a cerimônia matrimonial ou a um conhecimento superficial da Missa. É uma formação contínua, responsável e eclesial. Ao se falar de formação vital quer dizer que é experiencial, existencial e transformadora. A liturgia não é apenas aprendida, mas vivida e integrada no cotidiano. Uma formação litúrgica vital forma o coração e não só a mente, torna a liturgia fonte de vida espiritual e moral. A formação litúrgica se desenvolveu muito nos últimos tempos tanto Romano Guardini como o Papa Francisco buscaram se aprofundar no tema.

Além de se adentrar na estrutura da *Desiderio desideravi*, abordaremos o livro - *Formação litúrgica* – de autoria de Romano Guardini no qual o Papa Francisco se inspirou em vários elementos desse para ser a fundamentação da formação litúrgica do povo de Deus.

A importância do agir simbólico no casal e nos filhos reside na formação litúrgica. O ver os símbolos litúrgicos requer formação. É preciso educar na liturgia e para liturgia. O homem moderno perdeu a noção e compreensão dos símbolos, mesmo que em diferentes níveis e culturas, precisando retomar os símbolos, pois é essencial na ação litúrgica, diz a *Desiderio desideravi*:

Nesse sentido, falando da pós-modernidade, o ser humano contemporâneo não tem referências e as que têm não são lhe ajudam no desenvolvimento espiritual. Isso reflete no matrimônio. O casal precisa se basear nas referências boas, combatendo o egoísmo, nesse sentido o simbolismo é grande aliado, pois faz o ser humano sair ao encontro do símbolo e ver sua grandeza.

Nesse contexto da modernidade a Igreja com o Concílio Vaticano II e seus respectivos documentos aprimorou e apresentou de maneira mais compreensível e relevante algumas práticas da Igreja visando uma maior conexão com o “povo de Deus’. A Igreja não se esquece

de sua maior missão no mundo - levar todos ao encontro com Cristo. Nesse sentido também, o matrimônio é beneficiado. Assim, o matrimônio é chamado a ser luz mundo, pois faz parte dos sacramentos da Igreja.

> Foi com a realidade da modernidade que a Igreja reunida em Concílio se quis confrontar, reafirmando a consciência de ser sacramento de Cristo, luz dos povos, *Lumen Gentium*, pondo-se em religiosa escuta da Palavra de Deus (*Dei verbum*) e reconhecendo como suas as alegrias e as esperanças, *Gaudium et Spes*, dos homens de hoje. As grandes Constituições conciliares não são separáveis e não é por acaso que esta única grande reflexão do Concílio Ecuménico – a mais alta expressão da sinodalidade da Igreja, de cuja riqueza eu sou chamado a ser guardião, com todos vós, partiu da liturgia, *Sacrosanctum concilium* (DD, n. 29).

Como remédio contra o individualismo, o subjetivismo, o espiritualismo, as liturgias se apresentam como verdadeira escola, "primeira escola" para a vida espiritual. O Concílio Vaticano II coloca claramente como a liturgia é antídoto contra vários males da época moderna. No discurso de encerramento do concílio e promulgação da constituição *Sacrosanctum Concilium*, o Papa Paulo VI, hoje São Paulo VI, destaca a liturgia como "primeiro dom" e uma fonte de vida divina funcionando como "uma força regeneradora" para conectar a vida moderna à fé (DD, n. 30).

Os rituais dentro da igreja ajudam que a liturgia seja o ápice da ação da Igreja. Os rituais foram aprovados pelos Bispos e por vários Papas, não precisando ser questionada a autenticidade, aliás, fazem parte do patrimônio da Igreja Católica Romana. Para levar a plenitude a ação litúrgica e o que acontece aos nossos olhos é importante estar e se sentir como Igreja. Participar de uma celebração eucarística é adentrar na formação da liturgia, de fato, é um lugar privilegiado. Por isso, o matrimônio que frequenta a Missa recebe a melhor formação litúrgica, desde que se coloque em corpo e alma, ou seja, se dedique inteiramente ao momento litúrgico vivenciado. Quando não se aceita a reforma do Concílio, se vai contra a Igreja, que é mãe e busca o bem. Às vezes essa aversão é por motivos pessoais ou ideológicos.

> Não posso nesta carta demorar-me sobre a riqueza das diversas expressões desta passagem que deixo à vossa meditação. Se a liturgia é o "cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde promana toda a sua energia," (SC, n. 10) compreendemos bem o que é que está em jogo na questão litúrgica. Seria banal ler as tensões acerca da celebração, infelizmente presentes, como se de uma simples divergência se tratasse entre sensibilidades diversas em relação a uma forma ritual. A problemática é antes de mais eclesiológica. Não vejo como se possa dizer que se reconhece a validade do Concílio - se bem que me surpreenda que um católico possa ter a pretensão de o não fazer - e não aceitar a reforma litúrgica nascida da *Sacrosanctum concilium*, que exprime a realidade da liturgia em íntima conexão com a visão de Igreja admiravelmente descrita pela *Lumen Gentium*. Por isso – como expliquei na carta enviada a todos os Bispos – senti o dever de afirmar que "os livros litúrgicos promulgados pelos santos pontífices Paulo VI e João Paulo II, em conformidade com os decretos do Concílio Vaticano II, são a única expressão da *lex*

> *orandi* do Rito Romano" (TC, 1). A não aceitação da reforma, bem como uma compreensão superficial da mesma, distraem-nos da tarefa de encontrar as respostas à questão que volto a repetir: como crescer na capacidade de viver em plenitude a ação litúrgica? Como continuar a surpreendermo-nos com o que acontece na celebração diante dos nossos olhos? Precisamos de uma séria e vital formação litúrgica (DD, n. 31).

A liturgia, como diz *Sacrosanctum Concilium* deveria nos levar a um amor mais pleno e a uma caridade mais viva. Por isso, a liturgia é tão importante para o matrimônio, pois sendo o matrimônio fonte de amor e caridade, é necessário estar perto da liturgia para experimentar o amor de Deus e aplicá-lo na vida.

> Contudo, a liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Baptismo se reúnem em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor. A liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos mistérios pascais, a viverem "unidos no amor"; pede "que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé"; e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, e aquece os fiéis na caridade urgente de Cristo. Da liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja (SC, n. 10)[362].

Sacrosanctum Concilium não fala literalmente sobre "amor divino" e o "amor humano". Mas, sim, aborda o amor de Deus com relação à liturgia e a santificação. Focado na reforma litúrgica, o documento destaca como a obra da salvação, um ato do amor divino, se torna manifesto nas ações litúrgicas, fazendo uma união da assembleia com seu Senhor. Não existe maior amor de Deus para toda a humanidade que sua obra de redenção, realizada, sobretudo, no mistério pascal do Cristo. É o amor de Deus com o seu povo. Ao participarem na liturgia, o ser, o amor humano se integra ao amor divino. As ações humanas visíveis se unem a ação de graça invisível. Mais do que um ritual é um estar e permanecer num diálogo de amor. Com a Eucaristia o casal progride em santidade na intimidade com Deus e entre si, se unem ao sofrer, ao padecer de Cristo. Recebem a graça para mais se oferecerem, se sacrificarem mutualmente em união com o amor de Deus. Nesse momento de ação de graça, o casal como membros da

[362] Explicação da expressão "unidos no amor." As orações depois da Comunhão na Vigília Pascal e no Domingo da Ressurreição fazem parte da liturgia do Missal Romano. Essas orações variam conforme o dia específico e são chamadas de Oração depois da Comunhão (*Oratio post Communionem*). Explicação da frase: "que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé." Essa expressão faz parte da Oração da missa de terça-feira da Oitava de Páscoa. Esta oração reflete o espírito da Oitava de Páscoa, período de oito dias que celebra a alegria da Ressurreição de Jesus. Durante essa semana, a Igreja convida os fiéis a aprofundar sua vivência pascal, reconhecendo em Cristo ressuscitado a fonte da verdadeira liberdade e da alegria eterna.

Igreja integra a natureza humana à natureza divina. É o amor humano que coloca Deus no centro e se projeta ao amor fraterno, a todos ao redor, é o servir.

Quando se fala de Pentecostes na Igreja, logo se refere ao dia de Pentecostes, como fato histórico. Porém, esse evento da Igreja acontece em cada celebração litúrgica, especialmente nos sacramentos. O casal precisa deixar o individualismo e se inserir dentro de uma Comunidade de fiéis, onde o Espírito Santo age de uma forma mais plena. Assim, estarem dentro da comunidade paroquial ou de grupos eclesiais, sendo, em verdade, Igreja. A Eucaristia cria um laço amoroso entre os que participam deste sacramento.

Não é de forma isolada que vem a plenitude da graça, mas no contato com os irmãos e na presença de Cristo. O matrimônio deve ver nisso uma arma poderosa de entrosamento e valores comuns, que devem estar presente na comunidade dos que seguem a Deus na Igreja.

> É a comunidade do Pentecostes que é capaz de partir o Pão na certeza de que o Senhor está vivo, ressuscitado dos mortos, presente com a sua Palavra, com os seus gestos, com a oferta do seu Corpo e do seu Sangue. A partir desse momento a celebração torna-se o lugar privilegiado, não o único, do encontro com Ele. Nós sabemos que é só graças a esse encontro que o homem se torna plenamente homem. Só a Igreja do Pentecostes pode conceber o homem como pessoa, aberto a uma relação plena com Deus, com a criação e com os irmãos (DD, n. 33)[363].

A comunidade se torna algo importante, pois com a expressão formação litúrgica, entende-se o carácter comum do ato litúrgico, primeiramente a celebração eucarística, no qual os protagonistas são a Igreja e Cristo. A qualidade de batizados, que se refere a *Desiderio desideravi*, mostra uma dupla formação: na liturgia e para a liturgia,[364] que somente pode ocorrer com os livros da reforma litúrgica, não de outra forma. Os batizados também celebram, pois fazem parte do ato litúrgico, mas de maneira distinta da qual àquele que preside, ou seja, ao sacerdote; o matrimônio, com o batismo também tem um papel importante na celebração.

O Papa Francisco (2022) retoma a ideia de Guardini em que sem uma formação litúrgica as mudanças com relação à liturgia não ajudam muito. É necessário explicar e vivenciar a liturgia. Em outras palavras, a formação para a liturgia e a formação pela liturgia são complementares, pois, uma precisa da outra, sendo a segunda essencial para adentrar no Mistério realizado na Santa Missa ou em qualquer ato litúrgico

Na Carta Apostólica *Desiderio desideravi* do Papa Francisco, ele mesmo coloca que a formação litúrgica deve estar aberta a todos. Não precisa ficar o conhecimento somente para

[363] A palavra "Pentecostes' significa 50 dias após a Páscoa.
[364] GRILLO, Andrea. A liturgia e o desejo de comunhão: sobre "Desiderio desideravi" do Papa Francisco. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 2022. Disponível em: A liturgia e o desejo de comunhão: sobre "Desiderio desideravi" do Papa Francisco - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 04 mar. 2024.

algumas pessoas privilegiadas ou somente ao Clero. Nesse sentido, o matrimônio precisa ser instruído na formação litúrgica, pois com maior razão se o casal tiver filhos, porque deverão ser educados na liturgia desde pequenos. O casal e filhos devem fazer a diferença na Eucaristia e na caridade, colocando em prática a teologia, simples ou complexa que aprendem no estudo e nas celebrações. Um caminho para todos é de aprender e compreender melhor os textos litúrgicos (FRANCISCO, 2022, n. 35)

É preciso encontrar mecanismos para a formação litúrgica fora do âmbito acadêmico, que em muitas instituições é muito bom. Essa é a formação para a liturgia. Porém, existe a formação pela liturgia. Por exemplo, no participar da Celebração Eucarística já está ocorrendo a formação litúrgica. Falando do matrimônio, a Missa dominical em família mostra a reunião deles em Cristo e na Igreja. Colocar a fé litúrgica na vida e no cotidiano mostra um desafio na formação pela liturgia (FRANCISCO, 2022, n. 36).

Em verdade, essa autenticidade dentro da celebração deve se constatar fora dela, também. Os seminaristas devem ter essa formação teológica para depois colocar em prática na vida do sacerdócio. Os leigos, por mais que queiram aprofundar a teologia, e sempre se faz necessário, e muitos têm a capacidade, geralmente não dirigem uma comunidade paroquial, mas o sacerdote sim. Por isso, faz-se de grande importância que os seminaristas aprendam corretamente a disciplina da liturgia e dos sacramentos da Igreja, pois sua influência é muito forte.

Sobre o estudo nos seminários, mas também, vale para as pessoas de boa vontade e casais que queiram aprofundar a teologia na liturgia, os documentos da Igreja valorizam esse procedimento. Todo estudo é enriquecedor, mais ainda quando se trata de estudar sobre Deus e a Igreja. Contudo, esse estudo deve ser feito de maneira correta, com boa doutrina e com professores adequados.

> A sagrada liturgia deve ser tida, nos seminários e casas de estudo dos religiosos, como uma das disciplinas necessárias e mais importantes, nas faculdades de teologia como disciplina principal, e ensinar-se nos seus aspectos quer teológico e histórico, quer espiritual, pastoral e jurídico. Mais: procurem os professores das outras disciplinas, sobretudo de teologia dogmática, sagrada escritura, teologia espiritual e pastoral, fazer ressaltar, a partir das exigências intrínsecas de cada disciplina, o mistério de Cristo e a história da salvação, para que se veja claramente a sua conexão com a liturgia e a unidade da formação sacerdotal (SC, n. 16).

A formação permanente na liturgia é importante, não só nos conceitos, mas na vivência. Nunca se irá esgotar os estudos e a vivência na liturgia. É preciso que todo cristão seja humilde para se deixar envolver pelo mistério de Cristo. Diante do assombro pelo altíssimo, a mansidão

e humildade são virtudes necessárias ao desenvolvimento espiritual do ser humano. Trata-se, portanto, de um compromisso que todo cristão assume, de maneira especial, todo casal no matrimônio.

> Para os ministros e para todos os batizados, a formação litúrgica neste seu primeiro significado não é algo que se possa pensar adquirir de uma vez por todas: dado que o dom do mistério celebrado supera a nossa capacidade de conhecimento, este compromisso deverá certamente acompanhar a formação permanente de cada qual, com a humildade dos pequenos, atitude que abre ao assombro (DD, n. 38).

A experiência ritual se faz coletivamente uns com os outros, com o espaço, com o tempo. Um corte no Cronos para se viver o sagrado. O rito não é um conceito, uma ideia, ao contrário, são gestos, palavras, coisas, símbolos, há algo mais. Vivência significa mudança de consciência e, que terá consequências para a eternidade. Olhos naturais não são suficientes, é necessário o olhar da fé. Alma simples que percebe a presença de Deus. Pedir a Deus a graça para ir além dos olhos naturais, a fé. Impulsionado pelo Espírito Santo cujas asas da razão e a asa da fé permitam o equilíbrio do voo à eternidade:

O finito para o infinito, o tempo para o eterno, em cada sacramento ministrado, mistério de Deus, ocorrem graças especiais para que cada pessoa possa realizar sua missão segundo seu estado de vida em que foi chamado - leigo solteiro, consagrado ou casado, religioso consagrado ou ordenado:

A finalidade da liturgia é o louvor e ação de graças a Deus, especialmente na Eucaristia. O celebrar é a experiência do Cenáculo onde pode ajudar a se conectar com Deus pela liturgia: "exigindo docilidade ao Espírito Santo, que apareceu no Pentecostes em forma de línguas de fogo sobre a cabeça dos apóstolos"[365]. A transformação em Cristo é a consequência da participação na Eucaristia e demais sacramentos. O casal e os filhos devem ter estupor eucarístico, para assim ver a "correlação entre o dom eucarístico e a experiência eclesial"[366]. Os fiéis quando participam da celebração estão diante de Cristo nas espécies, é o mistério, é o estupor, não somente na consagração, mas em toda Missa: "para concentrar não apenas toda a atenção devota na consagração, mas também para perceber todo o 'estupor' apenas na misteriosa presença da substância do corpo e sangue de Cristo,"[367] que estão nas espécies do

[365] REESE, Tomás. Desiderio desideravi e a questão da Eucaristia: sacramento da unidade e fonte de divisão. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2023. Disponível em: Desiderio desideravi e a questão da Eucaristia: sacramento da unidade e fonte de divisão. Artigo de Thomas Reese - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 12 jul. 2023.
[366] GRILLO, Andrea. Liturgia, estupor e formação na releitura da Desiderio desideravi. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2022. Disponível em: Liturgia, estupor e formação na releitura de "Desiderio desideravi." Artigo de Andrea Grillo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 21 fev. 2024.
[367] *Ibidem.*

pão e vinho. A participação nos sacramentos é a melhor escola de evangelização dos filhos são, especialmente a Eucaristia e Confissão. E os sacramentos exigem uma compreensão dos símbolos que elevam a uma realidade espiritual de contato com Deus.

> De quanto dissemos sobre a natureza da liturgia resulta evidente que o conhecimento do mistério de Cristo, questão decisiva para a nossa vida, não consiste numa assimilação mental de uma ideia, mas numa real implicação existencial com a sua pessoa. Neste sentido a liturgia não diz respeito ao conhecimento e a sua finalidade não é primariamente pedagógica embora tenha um grande valor pedagógico, (SC, n. 33) mas é o louvor, a ação de graças pela Páscoa do Filho, cuja força de salvação alcança a nossa vida. A celebração diz respeito à realidade do nosso ser dóceis à ação do Espírito que nela opera, até que Cristo seja formado em nós (Gl 4, 19). A plenitude da nossa formação é a conformação a Cristo. Repito: não se trata de um processo mental, abstrato, mas de chegar a ser Ele. É esta a finalidade para a qual foi dado o Espírito, cuja ação é sempre e só a de fazer o Corpo de Cristo. É assim com o pão eucarístico, é assim para todos os batizados chamados a tornarem-se cada vez mais aquilo que receberam em dom no batismo, isto é, a serem membros do Corpo de Cristo (DD, n. 41).

A sagrada liturgia, além de dar glória a Deus, ela está voltada para o povo. As graças que o povo de Deus recebe dependem de Deus, porém, a atitude diante das orações e preces contam muito, pois o ser humano corpo e alma, precisa da parte corpórea. Os sinais sensíveis foram colocados por Cristo e pela Igreja para a santificação do seu povo. O objetivo de Deus é a redenção contínua do seu povo, por isso sua manifestação especial na sagrada liturgia.

> Embora a sagrada liturgia seja principalmente culto da majestade divina, é também abundante fonte de instrução para o povo fiel. Efetivamente, na liturgia Deus fala ao Seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração. Mais: as orações dirigidas a Deus pelo sacerdote que preside, em representação de Cristo, à assembleia, são ditas em nome de todo o Povo santo e de todos os que estão presentes. Os próprios sinais visíveis que a sagrada liturgia utiliza para simbolizar as realidades invisíveis foram escolhidos por Cristo ou pela Igreja. Por isso, não é só quando se faz a leitura "do que foi escrito para nossa instrução, (Rm, 15, 4) mas também quando a Igreja reza, canta ou age, que a fé dos presentes é alimentada e os espíritos se elevam a Deus, para se lhe submeterem de modo racional e receberem com mais abundância a sua graça (SC, n. 33).

A sagrada liturgia não está feita de elementos abstratos. Pelo contrário, ela é formada por coisas muito concretas da vida. "O propósito da liturgia em relação às coisas é, em grande medida, tirá-las de mãos injustas e devolvê-las a mãos retas, arrancá-las das mãos do "príncipe deste mundo" (Jo 1231) e colocá-las nas mãos do Pai (GUARDINI, 2023, p. 116)". Esses elementos dão vida espiritual, pois foram santificados por Cristo e deixados para a Igreja e trazidos até hoje para nós nas celebrações litúrgicas. Por isso, a salvação contínua se manifesta na liturgia da Igreja, sendo atual e concreta. Ninguém resiste à atração feita pela liturgia da Igreja. Cada elemento na liturgia tem seu significado de redenção. A salvação está mais perto

para aqueles que a buscam. Assim, o casal no matrimônio há de atualizar essa salvação no contato com esses elementos litúrgicos presentes nas diversas celebrações da Igreja.

Nas manifestações da criação, a liturgia é um lugar privilegiado para glorificar a Deus. Toda glória deve ser dada a Ele e o ser humano o faz ao participar da liturgia. Isso se equipara a glória que as criaturas dão a Deus na criação. Deus criou todas as coisas visíveis e invisíveis, como diz no Credo. Deus se releva ao mundo com amor, também se revela na liturgia. O matrimônio ao participar da liturgia se encontra com a criação. Portando, no contato com as coisas visíveis, o casal e os filhos se encontram com o amor de Deus. Nesse sentido, a graça divina, que não se vê com olhos físicos, torna-se visível na alma de cada um (DD, n. 43)[368].

Diante das mudanças atuais, o grande desafio do homem moderno, dentro da liturgia, particularmente, dentro da formação litúrgica, é redescobrir a linguagem simbólica do amor de Deus. Guardini se expressa como retorno aos símbolos, na qual o homem moderno, e se incluiu a mulher, perdeu a capacidade de conexão, assim fica difícil encontrar a Deus na liturgia permeada de símbolos. É necessário começar com o símbolo do próprio corpo, criado a imagem e semelhança de Deus. Notar a realidade simbólica na vida mostra uma abertura para o simbolismo da liturgia, assim, o próprio âmbito litúrgico é sinal do amor de Deus. Para o casal e os filhos, que vivem nesse mundo moderno redescobrir a força do símbolo pode ser a chave da evangelização e educação. Os filhos, dentro do matrimônio, devem aprender a valorização do próprio corpo, sem erotizá-lo, mas também sem menosprezá-lo. A criação é obra de Deus, e em certo sentido está repleta de simbolismos, incluindo o corpo humano. Valorizar e respeitar tudo isso é fazer parte da formação litúrgica também.

> Escreve Guardini: "É assim que se esboça a primeira tarefa do trabalho da formação litúrgica: o homem deve voltar a ser de novo capaz de símbolos." É uma responsabilidade para todos, ministros ordenados e fiéis. A tarefa não é fácil porque o homem moderno tornou-se analfabeto, já não sabe ler os símbolos, quase nem sequer pressente a sua existência. Isso acontece também com o símbolo do nosso corpo. É símbolo porque íntima união da alma e do corpo, visibilidade da alma espiritual na ordem do corpóreo e nisto consiste a unicidade humana, a especificidade da pessoa irredutível a qualquer outra forma de ser vivo. A nossa abertura ao transcendente, a Deus, é constitutiva: não a reconhecer leva inevitavelmente a um não conhecimento, não só de Deus, mas também de nós próprios. Basta ver o modo paradoxal como é tratado o corpo, ora cuidado de modo quase obsessivo na sequela do mito da eterna juventude, ora reduzido a uma materialidade à qual se nega qualquer dignidade. O fato é que não se pode dar valor ao corpo partindo apenas do corpo. Todo o símbolo é, ao mesmo tempo, poderoso e frágil: se não é respeitado, se não é tratado pelo que é, quebra-se, perde a sua força, torna-se insignificante (DD, n. 44).

[368] O trecho final do DD, n. 43 é de Irineu de Lião em Contra as Heresias (*Adversus Haereses*). É uma passagem teológica significativa que aborda a revelação de Deus por meio de Jesus Cristo. Irineu argumenta que, embora ninguém tenha visto Deus diretamente, o Filho, que está no seio do Pai, O revelou aos homens. Esta ideia está em consonância Jo 1,18: "Ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que está no seio do Pai, é quem O revelou" (IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias.* São Paulo: Paulus, 1996, IV, 20, 7).

Tratar de forma adequada a criação é um passo para recuperar a linguagem simbólica. São Francisco, um mestre na criação ensina como reconhecer o seu valor, no caso faz um elogio ao irmão sol, que é belo e radiante com grande esplendor, isso mostra o poder de Deus na criação. Para a liturgia, o ter perdido a capacidade de apreciar a criação dificulta muito a descoberta do amor de Deus nas celebrações. No matrimônio e na família, o fato de apreciar a criação faz que com seus membros descubram mais facilmente a Deus no âmbito litúrgico. Sendo que a matéria dos sacramentos é fruto da criação de Deus, cheia de aspectos simbólicos. O olhar de São Francisco na criação evoca um simbolismo, que nos ajuda na compreensão do simbolismo litúrgico:

> Já não temos o olhar de São Francisco que olhava para o sol, que chamava irmão porque assim o sentia, via-o belo e radiante com grande esplendor e, cheio de assombro, cantava: de Ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem. O ter perdido a capacidade de compreender o valor simbólico do corpo e de todas as criaturas torna a linguagem simbólica da liturgia quase inacessível ao homem moderno. Não se trata, contudo, de renunciar a essa linguagem: não é possível renunciar a ela porque foi o que a Santíssima Trindade escolheu para nos alcançar na carne do Verbo. Trata-se, antes, de recuperar a capacidade de utilizar e de compreender os símbolos da liturgia. Não devemos desesperar, porque no homem esta dimensão, como acabei de dizer, é constitutiva e, apesar dos males do materialismo e do espiritualismo, ambos negação da unidade corpo e alma, está sempre pronta a reemergir, como toda a verdade (DD, n. 44) [369].

Desse modo, na idade média, "o todo encontra-se reunido no homem e na sua vida, para desenvolver uma nova ordem: a dos microcosmos na plenitude dos seus graus e depois seus significados"[370]. Guardini mostra que "toda esta representação é astronomicamente refutável"[371]. Porém, não é isso que interessa, ela "exprime a imagem da visão direta; tem uma penetrante força simbólica e continua a ser exata do ponto de vista existencial"[372]. Retomar o significado do simbolismo pode mudar a visão da religiosidade do matrimônio e da família, acima de tudo no seguimento da liturgia dentro da Igreja.

---

[369] CAROLI, Ernesto. *Fonti Franciscane*. Padova: Editrice Franciscane, 2004, n. 263. Disponível em: FONTI. FRANCESCANE. Nuova Edizione. Scritti E Biografie Di San Francesco D' Assisi 2004: Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive. Acesso em: 24 abr. 2025. O Cântico das Criaturas (também conhecido como Cântico do Irmão Sol) é um texto escrito por São Francisco de Assis em 1224. Ele é um dos primeiros textos literários escritos em umbro (um dialeto italiano antigo), e é considerado um marco da literatura italiana. Na coletânea *Fonti Francescane* (Fontes Franciscanas), ele está catalogado sob o número 263. As *Fonti Francescane* são uma compilação de textos relacionados à vida, espiritualidade e ensinamentos de São Francisco e seus seguidores (CAROLI, 2004, n. 263).

[370] GUARDINI, 1964, p. 27-28.

[371] *Ibidem.*

[372] *Ibidem.*

O símbolo "aponta para o que a transcende,"[373] e ainda mais, "também se pode dizer, e mais exatamente: provém de qualquer coisa de mais alto do que ela e que está para lá dela."[374] O modo que o homem e a mulher medieval veem "não é apenas um 'quê', apesar de importante e até desejável, mas, em última análise, um como in-essencial, porque o desejo de verdade está indissoluvelmente ligado ao de forma"[375]. A saber, para Guardini, a forma não é um elemento decorativo, e dispensável, do conceito: é ela como está ali que "afirma algo acerca do mundo, e até porque a sua essência, a do mundo, pode ser expressa numa tal possibilidade de construir formas[376]". É preciso ver além do simbolismo, mas ver a grandeza do próprio símbolo, sem desmerecê-lo. Acontece que, no âmbito do casal e dos filhos, o símbolo deve ser visto, mas se deve entender o que se passa além dele. Na liturgia da Igreja isso será sempre um grande desafio.

O homem e a mulher medieval, que "vê símbolos em tudo,"[377] que Guardini contrapõe o homem e a mulher moderno. Na idade média havia "um elementar consciência do simbolismo da existência"[378]. É uma visão em que "os diferentes domínios do mundo e da vida, com os seus estágios e as suas fases, têm uns com os outros correspondências abundantemente desenvolvidas,"[379] que, em definitiva, "se referem ao eterno"[380] e, portanto, "um simbolismo universal penetra em toda a existência"[381]. Importante a análise, onde através do simbolismo se chega a transcender e dar sentido ao se está vendo. Guardini descreve como reconhecer essa estrutura simbólica[382]:

> Segundo a antiga representação, o mundo era uma grandeza limitada; o seu finito em extensão era compensado por um infinito em intensidade, se assim se pode chamar, isto é, um conteúdo simbólico absoluto que irradiava para toda a parte. O conjunto do mundo tinha a sua imagem primordial no *Logos*. Cada uma das suas partes realizava um aspecto particular desta imagem. Os símbolos particulares estavam em relação uns com os outros e formavam uma estrutura articulada e rica de conteúdo. Os anjos e os bem-aventurados na eternidade, os astros no espaço cósmico, as coisas naturais na terra, o homem e a sua estrutura interior, tal como a sociedade humana nas suas diversas camadas e funções — tudo isto apareceu como uma estrutura simbólica que tinha um significado eterno. Uma ordem igualmente simbólica dominava as diferentes fases da história que se desenrolava entre o seu autêntico começo, a Criação, e o seu fim também autêntico, o Juízo. Os atos particulares deste drama, as épocas da história, estavam

[373] GUARDINI, 1964, p. 39.
[374] *Ibidem.*
[375] *Ibidem.* p. 40.
[376] *Ibidem.*
[377] *Ibidem.* 39.
[378] *Ibidem.*
[379] *Ibidem.* p. 35-36.
[380] I*bidem.*
[381] *Ibidem.*
[382] Conferir em FERNANDES, Luis Marcio; KOLLER, Felipe Sérgio. O Símbolo em Romano Guardini. *Revista de cultura teológica.* São Paulo, Ano XXVII, n. 96, p. 208, maio/agosto 2020. DOI: https://doi.org/10.23925/rct.i96.50321. Disponível em: Vista do O simbolismo em Romano Guardini. Acesso em: 24 abr. 2025.

> relacionados uns com os outros, e no interior de cada época todo o acontecimento tinha o seu sentido[383].

Para ativar novamente a capacidade de leitura e vivência dos símbolos, não basta um conhecimento mental, apesar de servir, mas é necessário a experiência. Mas, antes disso é preciso fazer alguns questionamentos, em concreto sobre a capacidade do homem de interagir com os símbolos e saber lê-los. O conhecimento e a vivência dos sacramentos na Igreja pode ser a chave de compreensão e a resposta para essas perguntas. A liturgia se adentra nos sacramentos e deles vive. Nos sacramentos da Igreja jazem os símbolos que Deus usa para nos comunicar o seu amor. Por isso, o casal e os filhos são incentivados a participar e conhecer os sacramentos da Igreja. Não existe melhor escola para uma correta releitura dos símbolos que a própria liturgia, ou seja, o estar nos sacramentos, vivenciá-los e perceber o rito litúrgico, permite a eficácia da graça de Deus independente da fé e méritos dos que ali estão e presenciam.

Tentando responder de forma mais objetiva às questões acima, primeiro, faz-se necessário recuperar a confiança na criação de Deus, pela qual se realiza como sacramentos. Antes do âmbito litúrgico, é preciso ver a presença de Deus na criação. É importante a aprendizagem dos símbolos, não somente às crianças, mas também, aos adultos. Portanto, deve ser uma prioridade dentro da catequese da Igreja, em outras palavras faz-se necessário reorganizar a catequese para as crianças, adolescentes e adultos para se aprender o significado de cada símbolo nos sacramentos. Na liturgia as coisas de Deus não existem e não são usadas por si mesmas, existe um para quê dos elementos sensíveis em cada sacramento.

A educação na liturgia começa desde cedo, na infância. Os pais ou tutores que ensinam, de forma simples, o conteúdo católico às crianças. As crianças imitam palavras e gestos dos adultos e tal comportamento passa a fazer parte de seu agir nos momentos litúrgicos. Claro que, depois disso, é papel de o Espírito Santo conduzir sua obra na pessoa. Aos poucos com o Espírito Santo há o se envolver e o amadurecer espiritual, o entendimento das palavras e gestos passam a significar e reverberar no todo – corpo e alma. Porém, sem quem os ensine, fica realmente complicado. A forma da liturgia educa os fiéis nas boas ações da vida. A linguagem simbólica mostra sua força por si só, às vezes, não é necessária muita explicação sobre o símbolo, pois sua dinâmica o explica.

Tendo dito essas coisas, sobre a formação litúrgica, é preciso fazer um resumo do foi falado, para isso, o artigo de Andrea Grillo, que menciona a *Desiderio desideravi*, com suas citações sobre Romano Guardini, pode ser de ajuda. As considerações abaixo são importantes

[383] GUARDINI, 1964, p. 48-49.

na abordagem do tema da formação litúrgica, especialmente para ter uma autêntica experiência do amor de Deus dentro da liturgia.

> a) A liturgia deve solicitar a experiência integral do ser humano, na sua unidade de interioridade e exterioridade. b) Sem essa formação, que não é apenas formação ao ato litúrgico, mas também formação por parte da ação ritual, as reformas de textos e gestos serão de pouca utilidade. c) É a capacidade simbólica que deve ser recuperada no centro da ação ritual e eclesial. Por isso, o cristão exige uma formação específica.
> d) A arte de celebrar é uma disciplina integral, não pode se reduzir nem a formalismos exteriores nem a imediações sempre novas[384].

Viver a fé. Fé enquadrada pelos sacramentos. A liturgia é a manifestação da nossa fé. Para assumir um sacramento a fé é indispensável, sobretudo ao se tratar da relação entre matrimônio e eucaristia. A liturgia apenas existe enquanto Igreja e está a serviço do Mistério Pascal, ou seja, um só corpo celebrante e Cristo no centro da celebração, por Cristo, com Cristo, em Cristo, onde uns e outros se ajudam na mesma experiência de Redenção. Enfim, somos filhos adotados por Deus e podemos vivenciar Cristo vivo em todos os sacramentos, presença concreta Dele, Filho, mas igualmente das três pessoas na Trindade Santa.

A seguir apresentaremos uma orientação estruturada visando uma formação para e pela liturgia aos casais. Observa-se que no capítulo V da tese existe um roteiro para os noivos e recém-casados seguindo as orientações do Dicastério.

O primeiro aspecto observado consiste na participação regular na Eucaristia (especialmente aos domingos). O impacto da Missa para o casal é a centralidade de Cristo, para o dom de si e para a comunhão. Na medida do possível participar juntos da missa fortalece a unidade do casal e a identidade da família como Igreja doméstica. Quando o casal prioriza a Missa dominical aprende a estruturar sua semana em torno de Cristo, oferecendo seus trabalhos, lutas e alegrias no altar. De fato, o domingo é o primeiro dia da semana, dia da ressurreição de Cristo, no qual orienta todos os demais dias. Prestar atenção aos domingos, e em concreto, às duas solenidades mais importantes para os cristãos, que é a Pascoa e Natal, não faltar a essas celebrações, mesmo que estejam de viajem.

O segundo aspecto observado é a necessidade da celebração dos tempos litúrgicos em casa. O impacto de celebrar o tempo litúrgico em casa é grande, a união e sensibilidade para Deus aumenta. O ritmo litúrgico da Igreja (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa, Tempo Comum) pode ser vivido também no lar, dando sentido e espiritualidade ao tempo. Como exemplo

---

[384] GRILLO, Andrea. Liturgia, estupor e formação na releitura da "Desiderio desideravi." *Instituto Humanitas Unisinos.* São Leopoldo, 2022. Disponível em: Liturgia, estupor e formação na releitura de "Desiderio desideravi." Artigo de Andrea Grillo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 27 fev. 2024.

concreto, durante a Quaresma, a família pode rezar a Via-Sacra às sextas-feiras. No Advento, montar juntos a Coroa do Advento com orações semanais à luz das velas. No Natal preparar o presépio, inclusive montá-lo juntos. Na Epifania, colocar o número na porta com giz[385]. Caso não se façam Novenas na Igreja, buscar realizá-las na própria casa: novena de Natal, Pentecostes, Imaculada, Aparecida e tantas outras. Rezar em família o terço ou ler passagens da bíblia. No caso das crianças, comprar livros com histórias da Sagrada Escritura, a modo de aprendizagem lúdica para os filhos.

O terceiro aspecto observado é a importância da oração litúrgica em família: Liturgia das Horas ou Rito das Bênçãos. Decerto, tem um impacto enorme de fortalecimento dos laços espirituais da família, pois se introduz a oração comunitária, o louvor e a intercessão no cotidiano. Pode ser mais custosa, pelo fato de ser difícil de aprender. Como exemplo concreto: O casal pode rezar juntos as Laudes (manhã) ou Vésperas (noite), ou mesmo usar o Ritual das Bênçãos para celebrar aniversários, datas especiais ou momentos importantes.

O quarto aspecto observado é a renovação das promessas matrimoniais. Sem dúvida, o impacto disso é o reavivar a memória sacramental do matrimônio, ligando a experiência conjugal ao mistério celebrado. Por exemplo, no aniversário de casamento, o casal participa da Missa, recebe a bênção nupcial e renova suas promessas diante do altar, um gesto simples, mas cheio de significado litúrgico e afetivo. Igualmente se aplica ao aniversário dos filhos, sempre comemorar com a espiritualidade, além da festa externa.

O quinto aspecto observado é a celebração dos sacramentos como momentos-chave. O impacto disso é que os sacramentos marcam ritmos importantes da vida familiar: nascimento (Batismo), crescimento na fé (Primeira Comunhão), reconciliação (Confissão), doença (Unção). Por exemplo, o casal que acompanha e celebra com os filhos esses sacramentos transmite que a vida da família é guiada pela graça e não apenas por metas humanas. É necessário incentivar e levar os filhos para presenciar os sacramentos, e assim verem a obra de Deus na vida das pessoas e suas próprias vidas. Que os filhos vejam como algo natural a vivência religiosa dentro da casa, onde faz parte do quotidiano.

O sexto aspecto observado são as bênçãos e ritos simples no cotidiano. O impacto na família também é grande, quando a liturgia se torna viva no dia a dia quando se aprende a abençoar refeições, os filhos, as saídas de casa, momentos de luto ou conquista. Um exemplo concreto é ao sair para a escola, os pais fazem sobre os filhos o sinal da cruz na testa: um gesto

[385] Ver nesse site o roteiro da tradição na Epifania. SALVE A LITRUGIA. *Bênção da Casa na Solenidade da Epifania do Senhor*. Disponível em: Salvem a Liturgia!: Bênção da Casa na Solenidade da Epifania do Senhor. Acesso em: 30 jul. 2025.

litúrgico simples, mas cheio de amor e fé; também, rezar antes das refeições, ao dormir e levantar-se. Para as crianças, escolher orações simples, como a Ave-Maria, Santo Anjo e orações de fácil compreensão, inclusive orações espontâneas marcam a vida deles. Sempre que possível, também, convidar o sacerdote para abençoar a casa, e ter água benta de modo acessível.

O sétimo aspecto observado são as celebrações penitenciais em tempos fortes. O impacto disso é intenso, pois leva à reconciliação entre cônjuges e com os filhos, criando espaços de perdão, escuta e recomeço. Um exemplo concreto é participar juntos da confissão antes da Páscoa ou do Natal. Conscientes de suas faltas, buscam o perdão de Deus para que renovados e fortalecimentos pelo sacramento possam abandonar as marcas que não fazem bem para a alma O perdão é fazer a cada um uma nova criatura. Renovam-se os laços familiares. Empreende-se novamente sua missão como casal e família tendo Cristo como participante de sua vida e família.

Na preparação, celebração e vivência do matrimônio, a formação litúrgica é indispensável. Tanto a Igreja, mas de modo particular, também os noivos, casados e os filhos hão de se preocupar para ter uma séria e vital formação para a liturgia e pela liturgia. As coisas importantes da vida são preparadas e vivenciadas com profundidade, não de forma superficial, desse modo, tudo que envolve o matrimônio e a família há de ser estudado e vivenciado com grandeza. O casal e os filhos merecem o melhor em suas vidas.

A formação litúrgica não é um adorno cultural nem um conteúdo opcional da vida cristã. Ela é base formativa, espiritual e missionária. Quando casais e famílias assimilam as práticas litúrgicas da Igreja, suas vidas transfiguradas, pois a liturgia passa a ser não apenas celebrada na Igreja, mas continuada no lar.

4.8.2 Aprender da *Ars celebrandi* a celebrar o matrimônio

Nada melhor que a arte mesmo de celebrar para ter a devida formação litúrgica. Nada se aprende sem a experiência, e sobretudo a repetição das ações formam hábitos sólidos na vida. Nas celebrações litúrgicas acontece a mesma coisa, se aprende participando de forma ativa e consciente, como pede o Vaticano II.

A expressão latina *ars celebrandi*, a arte de celebrar, refere-se à atitude espiritual, teológica e pastoral com que a liturgia deve ser vivida, especialmente por aqueles que a presidem ou participam ativamente. Com relação ao casal e filhos essa arte se torna um caminho formativo e espiritual.

Ação litúrgica por excelência é a Missa. No texto da *Desiderio desideravi,* Papa Francisco enfatiza como a iniciativa da liturgia é de Deus, especialmente da Missa: "Desejei muito comer com vocês esta ceia pascal, antes de sofrer"[386]. A liturgia é a própria essência do evangelho: "isto é, manifestação ritual da revelação em Jesus de Nazaré como cumprimento das Escrituras"[387]. Sendo assim, incluindo a Missa na liturgia se deduz que "a Eucaristia não é um prêmio pelo bom comportamento, mas é a iniciativa de Deus que se doa: é o desejo de Cristo que é primordial"[388]. Para a melhor compreensão disso é conveniente que exista um só rito, que a liturgia deve ser unificada para que seja fonte de evangelização, não apenas um rito a ser cumprido. "Todos igualmente ligados à ação comum, que todos celebram, um só preside e que prevê uma articulação diferenciada de ministérios"[389].

Guardini fala da teoria do conhecimento e dos sentidos para dar o devido valor ao Epifânio, tendo como caminho o simbolismo na liturgia. O culto cristão, ou seja, a liturgia da Igreja, está moldada na experiência com Deus e "tem uma relação especial com o Epifânio, devido à sua condição de figura" [390]. Afirma Guardini, "a liturgia não trata de doutrinas e normas abstratas; tudo nela é figura visível; tudo nela é palavra audível e coisa apreensível; ela é ação, em que o homem participa realizando-a" (GUARDINI, 2001, p. 40). Nesse sentido, a participação ativa dos fiéis se torna indispensável, não sendo diferente com relação ao casal e filhos. Nessa participação, o aguçar os sentidos do conhecimento humano diante dos símbolos litúrgicos é um caminho extremamente eficaz.

O utilitarismo não é o escopo da liturgia. "Por todos os lados encontramos na liturgia coisas que não servem a uma utilidade, mas que revelam um sentido, que são símbolos" (GUARDINI, 2001 p. 40). Neles, a verdade sobrenatural se reveste de forma e figura,[391] para que se estenda a "força expressiva da palavra, do gesto, da figura material,"[392] na qual os efeitos religiosos são produzidos. "Os símbolos não se limitam a penetrar intelectualmente no

---

[386] BOVER, José María; O'CALLAGHAN, José. *Nuevo Testamento Trilíngüe.* Madrid: BAC, 2001, Mt 22, 15. "*Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar."*

[387] PRÉTOT, Patrick. *Papa Francisco fez um tratado de teologia da liturgia com Desiderio desideravi, afirma o monge Beneditino Patrick Pretot.* Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2022. Entrevista concedida a Loup Besmond de Sennellive. Disponível em: Papa Francisco fez um "tratado sobre a teologia da liturgia" com Desiderio desideravi, afirma o monge beneditino Patrick Prétot - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 29 fev. 2024.

[388] *Ibidem.*

[389] GRILLO, Andrea. O rito em "Desiderio desideravi": algumas questões. Artigo de Andrea Grillo. *Instituto Humanitas Unisinos.* São Leopoldo, 2022. Disponível em: O rito em "Desiderio Desideravi": algumas questões. Artigo de Andrea Grillo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 01 mar. 2024.

[390] GUARDINI, Romano. *El talante simbólico de la liturgia*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2001, p. 40.

[391] GUARDINI, 2001, p. 45.

[392] *Ibidem* p. 34.

entendimento ou esteticamente na imaginação e no sentimento:"[393] por isso, eles são absorvidos pelos "atos dos quais o homem mais profundamente vive: a intuição viva, o encontro concreto, a certificação interna"[394]. Nesse âmbito, os símbolos ajudam nos rituais dos sacramentos. O casal e os filhos, dentro da celebração dos sacramentos, vão compreendendo a razão mais profunda dos mistérios de Cristo. A mesma força dos símbolos é mais eloquente do que muitas explicações intelectuais, que na maioria das vezes é abstrata. Se essa explicação for orientada a compreender a razão profunda dos sacramentos pode ser de grande valia.

Desse modo, na parte simbólica, a forma é definida de tal maneira que "o seu sentido assuma diretamente àquele que a ela se aproximar"[395]. Só dessa forma é viável que "a imagem se imponha com todo seu poder ao fiel, revelando a ele seu sentido santo"[396]. Caso não aconteça, "a figura já não fala e se pede ao fiel que lhe empreste artificialmente sua linguagem"[397]. Para Guardini aqui se encontra a distinção entre símbolo e alegoria, pois o primeiro é preciso se aproximar fisicamente, enquanto, o segundo somente de modo artificial. Para o casal e os filhos, e para todo povo cristão, convém um exame da vida litúrgica dentro práxis celebrativa:[398]

> Precisamos aprender de novo a ver, a ouvir, a tocar com as mãos, a atuar com todo o ser vivo e, além disso, precisamos ver com clareza onde nosso obrar litúrgico se tornou pobre em figuras, abstrato, decorativo, e perguntar como podemos recuperar aquela plenitude de imagens e aquela força de operação que, talvez, poderia levar o homem de nossa época até a esfera da revelação, de maneira mais viva e mais humana do que a mera instrução e as exortações[399].

A situação atual do homem fica mais grave quando se constata a ausência de imagens. "Nós já não existimos dentro de imagens,"[400] constata Guardini. "As imagens intuídas foram substituídas por conceitos; as imagens personificadas, por aparatos; os ritmos viventes, por divisões mecânicas do tempo, e assim sucessivamente"[401]. Em que consiste o verdadeiro realce da questão? "Por esse caminho o homem adoece, pois, o seu ser interno não pode viver, em

---

[393] FERNANDES, Luis Marcio; KOLLER, Felipe Sérgio. O Símbolo em Romano Guardini. *Revista de cultura teológica.* São Paulo, Ano XXVII, n. 96, p. 210, maio/agosto 2020. DOI: https://doi.org/10.23925/rct.i96.50321. Disponível em: Vista do O simbolismo em Romano Guardini. Acesso em: 24 abr. 2025.
[394] GUARDINI, 2001, p. 43.
[395] *Ibidem.*, p. 45.
[396] *Ibidem.*, p. 44.
[397] *Ibidem.*
[398] Conferir em FERNANDES, Luis Marcio; KOLLER, Felipe Sérgio. O Símbolo em Romano Guardini. *Revista de cultura teológica.* São Paulo, Ano XXVII, n. 96, p. 210, maio/agosto 2020. DOI: https://doi.org/10.23925/rct.i96.50321. Disponível em: Vista do O simbolismo em Romano Guardini. Acesso em: 24 abr. 2025.
[399] GUARDINI, 2001, p. 47.
[400] *Ibidem*, p. 41.
[401] GUARDINI, 2001, p. 47.

última instância, de conceitos e aparatos, mas unicamente de imagens."[402]. Dentro do matrimônio e da família não é diferente. A mente dos filhos e do casal se forma com as imagens. Deixando-as de lado, corre o risco de uma evangelização pobre dentro das celebrações. As imagens, provenientes dos símbolos, geram sensibilidade, e, ao mesmo tempo proximidade com Deus.

No texto abaixo, Joseph Ratzinger aponta numa pequena conclusão prática sobre a importância das imagens para a liturgia. A conexão da arte com a liturgia sempre foi importante para uma experiência mais objetiva do sagrado. De fato, Deus se fez carne e veio morar conosco (Jo 1, 14), é a concretude do invisível no visível. Há a necessidade de buscar tornar mais perceptível o que ocorre numa ação litúrgica. Ao aplicar o conceito das imagens ao matrimônio e, principalmente, aos filhos, mostra a importância de uma formação liturgia mais acessível e sensível. Ver as imagens como dom de Deus para uma autêntica experiência que enriquece a família.

> Na prática, o que significa tudo isso? A arte não pode ser produzida, assim como se comercializam e produzem aparelhagens técnicas. Ela é sempre um dom. Não se pode decidir a inspiração, deve-se recebê-la - gratuitamente. A renovação da arte na fé não será alcançada nem com o dinheiro, nem com a comercialização. Pressupõe, em primeiro lugar, o dom de uma nova visão. Por isso, todos devemos preocupar-nos para atingir novamente uma fé capaz de ver. Onde isso acontece, também a arte encontra a sua correta expressão[403].

Guardini faz uma reflexão importante sobre a liturgia cristã do tempo atual. Por um lado, é verdade que "superar o desgarramento entre conceitualidade abstrata e corporalidade sensualista,"[404] retornando a pôr em evidência o humano-vivente, é uma condição prévia para uma nova práxis celebrativa,[405] também é verdade que a liturgia, uma vez que assuma a sua natureza de manifestação Epifânia, pode oferecer um caminho para que o ser humano de hoje retome a visão simbólica e, com ela, parte fundamental de sua humanidade[406]. Ao mesmo tempo, na epifania de Deus, existe grande probabilidade, do casal e dos filhos, de um retorno da compreensão dos símbolos. Através da manifestação de Deus se chega ao entendimento dos símbolos. Ao pensar na sarça ardente, que queima e não se consume, (Ex 3, 2-3) pode ser uma demonstração da epifania de Deus.

---

[402] *Ibidem.*
[403] RATZINGER, 2013, p. 114.
[404] GUARDINI, 2001, p. 47.
[405] *Ibidem.*
[406] Conferir em FERNANDES, Luis Marcio; KOLLER, Felipe Sérgio. O Símbolo em Romano Guardini. *Revista de cultura teológica*. São Paulo, Ano XXVII, n. 96, p. 211, maio/agosto 2020. DOI: https://doi.org/10.23925/rct.i96.50321. Disponível em: Vista do O simbolismo em Romano Guardini. Acesso em: 24 abr. 2025.

Dentro da formação na liturgia e para liturgia, o conhecimento e a instrução são de grande valia. Porém, o que mais fala na aprendizagem é a vivência dos sacramentos na Igreja. Para o matrimônio a liturgia se torna a arte de celebrar bem, principalmente, os sacramentos, como fonte de encontro com o amor de Deus. Por isso, vê-se de forma mais clara a importância dos símbolos, como esse resgate da conexão perdida com Deus, que o mundo atual não possui. Todos, clero e leigos, devem esforçar-se para assegurar uma liturgia adequada, que cumpra a finalidade da experiencia divina na alma. Não pode ser reduzida ao simples rito, a liturgia tem um sentido teológico:

> Um modo para conservar e para crescer na compreensão vital dos símbolos da liturgia é certamente o cuidado da arte de celebrar. Também esta expressão é objeto de diversas interpretações. Ela esclarece-se, se for compreendida, tendo como referência o sentido teológico da liturgia, descrito no número 7 da *Sacrosanctum concilium*, a que já nos referimos diversas vezes. *Ars celebrandi* não se pode reduzir à mera observância de um aparato de rubricas, e ainda menos pode ser pensada como uma fantasiosa, por vezes selvagem, criatividade sem regras. O rito é por si mesmo uma norma e a norma nunca é fim para si mesma, mas está sempre ao serviço da realidade mais alta que quer salvaguardar (DD, n. 48).

Joseph Ratzinger comenta algo muito importante sobre essa criatividade sem regras, nociva para a liturgia, e que, também, não cumpre a finalidade de formular um encontro com o sagrado. Para o matrimônio observar as regras é fundamental e, que o rito cumpra seu objetivo, ou seja, que não seja cego e nem vazio. O rito, repleto de regras, dá sentido ao que se está sendo celebrado. De fato, é o deixar-se conduzir pela ação litúrgica, manifestação do próprio Deus num encontro pessoal e verdadeiro. Nesse sentido, a liberdade é revestida de valores e o rito ajuda no encontro entre o divino e humano, vivenciar o sobrenatural no ordinário.

> Isso significa que a "criatividade" não pode ser uma autêntica categoria da realidade litúrgica. Além de tudo, esse termo cresceu na visão de mundo própria do marxismo. Criatividade significa que em um mundo, por si privado de sentido, que se desenvolveu por uma evolução cega, o homem realiza finalmente um mundo novo e melhor, a partir das suas próprias forças. Nas modernas teorias artísticas, por esse termo se entende uma forma niilista de criação: a arte não deve imitar nada; a criatividade artística é o livre espacejar do ser humano, que não se liga a nenhuma medida e a nenhum objetivo, e que não pode se submeter a nenhuma pergunta de significado. Nessas visões certamente se pode captar um grito de liberdade, que, em um mundo disposto tecnicamente, se torna um grito de socorro. A arte, assim entendida, aparece como o último refúgio da liberdade. A arte tem a ver com a liberdade, é verdade. Mas a liberdade, assim entendida, é vazia: ela não liberta, mas deixa transparecer o desespero como a última palavra da existência humana. Esse modo de criar não é da liturgia. Ela não vive das descobertas de algum indivíduo ou de algum encargo. Ao contrário, ela é a vinda de Deus, é o deixar-se encontrar de Deus em nosso mundo, e opera realmente a libertação. Somente Ele pode abrir as portas para a liberdade. Quanto mais sacerdotes e fiéis se confiarem, humildemente, a esse Seu deixar-se encontrar, tanto "mais nova" se tornará a liturgia e tanto mais será verdadeira e pessoal. Sim, pessoal, pois a liturgia se torna verdadeira e nova não através de banais invenções de palavras ou blefes, mas com a coragem de pôr-se a

> caminho rumo a algo grandioso, que por meio do rito sempre nos antecede e que nunca poderemos possuir completamente[407].

Cristo está presente na liturgia na pessoa do ministro ordenado nos sacramentos. Essa presença é tão forte que se exige o sacerdote para que haja a Missa, e se faça a transubstanciação[408]. Também, Cristo está presente no que batiza, em nome da Igreja. E por fim, Cristo está presente na liturgia na comunidade dos fiéis que se reúnem para ouvir, meditar e rezar sobre a palavra de Deus. Enfim, todo povo de Deus se reúne para celebrar o amor de Deus, isso se chama corpo místico da Igreja, assim Cristo age onde se invoca seu nome. Por isso o matrimônio, envolvido na dinâmica do corpo místico de Cristo, se beneficia da sua ação salvadora. É importante que o casal seja consciente da necessidade do batismo para seus filhos e a frequência dos sacramentos, prestando atenção em quem preside tais celebrações.

> Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro. "O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na cruz" quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja à Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles" (Mt 18,20). Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amadas, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai. Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral. Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja (SC, n. 7)[409].

A arte de celebrar dentro da Igreja é complexa. Uma das questões mais difíceis e ao mesmo tempo belas na Igreja é a liturgia. Como toda arte é preciso aprender com o exercício. Não basta saber as rubricas, ainda tocar o sentido teológico, mas, também, algo sem regras nem

---

[407] RATZINGER, 2013, p. 140-141.

[408] Transubstanciação é a mudança da substância do pão e do vinho na substância do Corpo e Sangue de Jesus Cristo no ato da consagração.

[409] "O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na cruz": O trecho mencionado refere-se ao Concílio de Trento, especificamente à Sessão XXII, realizada em 17 de setembro de 1562, que abordou a doutrina sobre o sacrifício da Missa. O documento oficial dessa sessão está registrado no volume VIII das Atas do Concílio Tridentino, publicado em Friburgo da Brisgóvia em 1919, na página 960. O trecho mencionado faz menção a Santo Agostinho, refere-se a uma passagem da obra Tratados sobre o Evangelho de São João (*In Iohannis Evangelium Tractatus*), especificamente do sexto tratado, capítulo I, número 7, conforme a edição da Patrologia Latina – PL - de Migne. (Conferir em SANTO AGOSTINHO, *In Joannis Evangelium Tractatus VI*, c. I, n. 7: PL 35, 1428. Disponível em: In Evangelium Ioannis tractatus (ed. Migne) /1 - Wikisource. Acesso em: 24 abr. 2025).

normas, como se fosse algo arbitrário. “O rito é em si mesmo uma norma e a norma nunca é um fim em si mesma, mas sempre a serviço da realidade mais elevada que ela quer preservar”[410]. Para o Papa Francisco, “o verdadeiro critério da vida litúrgica não é a conformidade com as regras, nem uma exibição cerimonial para defender a sacralidade dos ritos, [.] de anunciar o mistério de um Deus que se revelou em Jesus Cristo como um Deus de ternura e misericórdia, um Deus que ama e mostra misericórdia”[411]. Talvez, uma catequese e vivência dos pais e filhos para compreender melhor a arte de celebrar; a instrução e vivência pode ser um caminho de aproximação dos pais e filhos aos símbolos litúrgicos. Como qualquer arte, precisa de matizar alguns elementos e ter diversos conhecimentos.

A arte de celebrar requer preparação. Não se pode improvisar algo tão sublime como é a sagrada liturgia. Deve-se evitar todo individualismo e subjetivismo, pois quem improvisa tende a cair nesses defeitos. A disciplina dentro da liturgia ajuda no contato com Deus e em uma experiência profunda do amor de Deus. Andar com a Igreja é sempre a melhor opção, pois a obediência guiada pela razão e pela fé orienta a um comportamento equilibrado na liturgia. Antes de qualquer celebração litúrgica é importante escutar o Espírito Santo na oração para discernir os melhores mecanismos de ação. O matrimônio que se prepara para as diversas celebrações atesta como é frutífero esse posicionamento, muito melhor que improvisar ou chegar em cima da hora, isso gera desorganização e desatenção (DD, n. 50).

A técnica na arte da celebração ajuda muito, mas não basta, é necessário estar absorto por ela. Nesse sentido, a disciplina litúrgica, dentro da técnica, não é persuasão, nem oratória, trata-se de algo que se aprende com a vida. A disciplina dentro da Igreja educa os fiéis no seguimento de Cristo. A vida arbitrária na Igreja não traz benefícios às celebrações, nem mesmo aos que participam nos rituais litúrgicos. A liturgia por essência é comunitária e por suposto precisa de normas para regê-la. Não é uma forma subjetiva nem individual, mas uma experiência eclesial, ou seja, comunitária, pois, “não são indivíduos diante do incompreensível de um rito secreto”[412]. Para o casal e os filhos, a vida comunitária na Igreja é fundamental para o desenvolvimento da fé. E como consequência disso a disciplina regula a vida em grupo, sem

---

[410] PARANHOS, Washington. A formação para a liturgia e a formação pela liturgia. Desiderio Desideravi – FAJE. Disponível em: A formação para a Liturgia e a formação pela Liturgia – Portal FAJE (faculdadejesuita.edu.br). Acesso em: 21 fev. 2023.

[411] PRÉTOT, Patrick. *Papa Francisco fez um “tratado de teologia da liturgia” com Desiderio desideravi, afirma o monge Beneditino Patrick Pretot.* Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2022. Entrevista concedida a Loup Besmond de Sennellive. Disponível em: Papa Francisco fez um “tratado sobre a teologia da liturgia” com Desiderio desideravi, afirma o monge beneditino Patrick Prétot - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 28 fev. 2024.

[412] GRILLO, Andrea. Liturgia, estupor e formação na releitura da “Desiderio desideravi.” *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 2022. Disponível em: Liturgia, estupor e formação na releitura de “Desiderio desideravi.” Artigo de Andrea Grillo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 21 fev. 2024.

disciplina, não há vida em comunidade, assim, dentro da Igreja não é diferente. Sem essa vivência comunitária, a fé se torna algo puramente individual e, possivelmente egoísta, ficando comprometida a dimensão da convivência humana.

A disciplina dentro das celebrações mostra a unidade na Igreja. Todos respondem na mesma hora, todos fazem o mesmo gesto litúrgico, todos se sentam ou se levantam. Essas manifestações dentro da celebração corroboram com a vivência da comunidade eclesial. O corpo precisa de disciplina para o encontro com Deus. A unidade de corpo e alma se vê envolta na esfera da comunidade, onde não se presta conta do individualismo e subjetivismo, mas da unidade e caridade. Preservar a celebração dentro da disciplina também é arte de celebrar. No matrimônio, especialmente quando já vieram os filhos, essa aprendizagem e disciplina se fazem necessárias. A disciplina faz parte do ser humano e deve ser ensinada em todos os momentos da vida.

Os batizados, por excelência eles, estão chamados a descobrir na disciplina litúrgica um meio para o contato com Deus. Na realidade, é uma atitude que todos os batizados são chamados a viver. Rezar em conjunto e os gestos na assembleia, reunida na celebração, educa no sentido disciplinar:

> Trata-se, assim, de recuperar a consciência de quão amplo é o mundo da liturgia, quão grandes são sua atitude e suas formas. Porém, não basta que se fale disso: é preciso mostrar, desvendar! É necessário deixar que o indivíduo sinta a força severa de suas formas e a alegria robusta que reside na disciplina, e então a alma pura, ansiando por mais, responderá. A disciplina é fria e contida, mas arde por dentro. Ela é a força que conduz a uma maior atenção[413].

O casal e os filhos precisam da disciplina na vida, sobretudo, as crianças da família. Na vida do dia a dia, viver sem disciplina não se consegue os objetivos propostos. Para isso, a Igreja vem em alcance dos fiéis. A disciplina dentro da celebração litúrgica educa e marca um sentido de Deus na comunidade. Dificilmente se faz uma experiência de Deus de forma arbitrária na vida, muito menos no contato com o sagrado dentro da celebração litúrgica. Mesmo sozinhos, não existe liturgia individual, mas sim comunitária. Liturgia é a voz da Igreja que reza, e ao mesmo tempo, empresta sua voz para os que não rezam ou não sabem rezar (DD, n. 51).

O silêncio nas diversas celebrações é altamente recomendado. O mundo atual perdeu a noção do silêncio como fruto da vida humana e espiritual. Guardar silêncio nas celebrações litúrgicas mostra atenção e respeito ao conteúdo espiritual. Guardar silêncio não é se refugiar de forma negativa, como afastamento das pessoas, que, na verdade gera egoísmo e

[413] GUARDINI, 2023, p. 189.

individualismo. O silêncio tem uma função de recolhimento e escuta da vontade de Deus na vida, também, como discernimento das ações pessoais. No caso da Missa, o silêncio é mais que necessário, desde o início até final, como forma de escuta da palavra e da ação eucarística. Para o casal dentro do matrimônio, o silêncio nas celebrações ajuda na escuta dos valores relacionados ao próprio matrimônio. Além do mais, dentro do matrimônio, quando os filhos chegarem, o silêncio é fonte de benção e disciplina para manter atenção nas coisas de Deus e coisas humanas. Na vida do dia a dia do casal e dos filhos o silêncio é importante, Essa disciplina leva a buscar momentos de oração entre os cônjuges e em família, o ler e partilhar a Palavra e, mesmo, observar momentos de solidão em que cada um vai ao encontro de Deus, num lugar reservado, assim Jesus o fazia". No dia seguinte, antes do amanhecer, se levantou e foi a um lugar isolado para orar" (Mt 1, 35-39). Faz-se necessário, sobretudo, para escutar a si mesmo, o próximo e a Deus.

Dentre esses gestos rituais da comunidade, o silêncio ocupa um lugar privilegiado na celebração. Por isso, existem momentos da celebração onde o silêncio deve predominar. O silêncio suscita várias questões na espiritualidade individual e comunitária. É preciso valorizar e viver o silêncio na assembleia. Ensinar o casal e os filhos a aprenderem o valor do silêncio dentro da Missa e das demais celebrações na Igreja.

> O silêncio litúrgico é muito mais: é o símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda a ação celebrativa; por esse motivo muitas vezes constitui o ápice da sequência ritual. Precisamente porque é símbolo do Espírito tem o poder de exprimir a sua ação multiforme. Assim, retomando os momentos que acima recordei, o silêncio move ao arrependimento e ao desejo de conversão; suscita a escuta da palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e do Sangue de Cristo; sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito quer realizar na vida para nos conformar ao pão partido. Por isso, somos chamados a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio: é nele que o Espírito nos dá forma (DD, n. 52).

Para isso, o silêncio litúrgico, nas diversas celebrações, mostra como se faz uma autêntica experiência de Deus respeitando os momentos de silêncio nas diversas cerimônias da Igreja. No mundo atual, habituado ao ruído e demasiado afazeres, a escuta do outro torna-se fundamental para o desenvolvimento humano, pois o ser humano é sociável. A Igreja, com no seu curso de cerimônias, apresenta o lado de experiência com Deus através do silêncio, mas, também, educa a pessoa humana na disciplina para a vida quotidiana.

Sobre a adoração eucarística, convém refletir sobre sua necessidade para o matrimônio e a família. Faz-se necessário o estar e haver momentos de silêncio e recolhimento para um

diálogo íntimo com Deus. Ratzinger, ao falar sobre a liturgia, faz uma conexão interessante sobre o Eucaristia e adoração:

> Ninguém diga, então: a Eucaristia deve ser comida e não adorada. Ela não é, com efeito, um "pão comum", como sublinham sem cessar as tradições mais antigas. Alimentar-se - acabamos de afirmar - é um evento espiritual, que atinge toda a realidade humana. "Alimentar-se" dela significa adorá-la. Significa permitir que entre em mim, de tal modo que o meu eu seja transformado e se abra para o grande nós, para que nos tornemos "uma só coisa" n'Ele (Gl 3,28). Por isso a adoração não se opõe à comunhão, nem se situa ao seu lado: a comunhão só atinge a sua profundidade quando é sustentada e incluída na adoração. A presença eucarística no tabernáculo não supõe uma concepção da Eucaristia paralela ou contrária à da celebração eucarística, mas significa a sua plena realização. Essa presença, com efeito, faz com que na igreja sempre haja a Eucaristia. A igreja nunca se torna um espaço morto, mas é sempre reavivada pela presença do Senhor, que vem da celebração eucarística, nos introduz nela e nos faz participar para sempre da Eucaristia cósmica. Qual pessoa crente já não experimentou isso? Uma igreja sem presença eucarística de certo modo está morta, ainda que convide à oração. Ao contrário, uma igreja na qual a luz eterna arde diante do tabernáculo, está sempre viva, é sempre mais que um simples edifício de pedra: nela o Senhor sempre me espera, me chama, quer tornar "eucarística" a minha pessoa. Desse modo, prepara-me para a Eucaristia, coloca-me em movimento rumo ao seu retorno[414].

Cada gesto nas celebrações possui um significado rico e amplo. Os gestos não foram colocados de forma aleatória. Os movimentos e gestos do ser humano mostram quem ele é, por exemplo, na conexão com Deus, com o próximo e com si mesmo. Quando compreendemos e aplicamos adequadamente os gestos, sabemos expressar arrependimento, agradecimento, louvor; o corpo deve se manifestar para que a relação com Deus se aflore e se desenvolva. No matrimônio, os gestos tomam muita importância no desenvolvimento do casal e especialmente dos filhos. Ensinar os filhos os gestos correspondentes na celebração eucarística e outras cerimônias é educá-los na disciplina para a vida. O agir mostra o que a pessoa quer para ela, a modo de acontecimento ou bênção na vida.

Cada gesto e cada palavra contém uma ação muito específica. Se a pessoa está disposta a interagir com os gestos e palavras pode gerar um contato com Deus maravilhoso. A parte externa deve acompanhar o que se vive internamente na celebração. Os gestos e palavras não devem ser sem sentido, pois a liturgia tem uma dinâmica própria, na qual é preciso interagir com o que está acontecendo.

Cada gesto ou palavra existe um significado. Dessa forma, o matrimônio e com os filhos, com o intuito de promover o significado espiritualizado com os gestos e palavras, devem, com paciência e pedagogia, instruir e se instruir nas celebrações da Igreja. A liturgia da Igreja favorece esse significado, que, verdadeiramente, é uma das causas do encontro com Deus:

---

[414] RATZINGER, 2013, p. 79.

> Mesmo a "palavra" silenciosa, interior, em que toma forma o primeiro pensamento, já significa encarnação e, se puder se desdobrar plenamente, torna-se também palavra externa, torna-se gesto, ação, algo de físico. É a interioridade que se revela, e ao mesmo tempo a exterioridade repleta de profundidade interior, fluindo para o silêncio da intimidade.
> Ora, é certo que há atitudes religiosas que enfatizam o "espiritual", a "interioridade" como oração silenciosa, em que o homem aspira tacitamente Deus, fica diante dele ou permanece a apenas aberto e à espera. Por outro lado, a liturgia do princípio ao fim, dispõe todo o ser humano como portador de suas ações e de sua atitude. Ela será perfeita se não levar o orante a perder sua corporalidade; ao contrário, ela o tornará - nesse sentido ‣ último - cada vez mais humano. Quer dizer que, no ato litúrgico, sua corporalidade se internaliza se espiritualiza cada vez mais; e que sua alma se expressa sempre mais plenamente, se encarna. Esse processo tem um duplo sentido: de dentro para fora e de fora para dentro. Significa um expressar do interior no exterior e um interpretar do interior no exterior. Significa um doar do próprio interior através do exterior e um receber do interior do outro a partir do exterior. É a relação simbólica em seu duplo aspecto: revelar e reconhecer, dar receber[415].

Joseph Ratzinger atesta que o gesto de se ajoelhar é cristão e tem suas raízes profundas na história da Igreja. Não significa apenas algo físico e, sim, o ser humano completo, é o inclinar o coração, a alma para, enfim, reverenciar o Senhor. Não se trata de um culto indevido, mas um culto voltado a Deus, próprio dos santos e principalmente dos mártires:

> Trata-se de uma palavra especificamente cristã. Com essa observação o círculo se fecha lá onde começamos as nossas reflexões. Pode parecer verdade que o ajoelhar-se é estranho na cultura moderna - exatamente na medida em que se trata de uma cultura que se afastou da fé e que não conhece mais aquele diante do qual ajoelhar-se é o gesto correto, antes, o gesto interiormente necessário. Quem aprende a crer aprende a ajoelhar-se; uma fé ou uma liturgia que não conhecem mais o ato de ajoelhar-se estão doentes no ponto primordial. Lá onde esse gesto se perdeu, é preciso reaprendê-lo, para poder permanecer com a nossa oração em comunhão com os apóstolos e mártires, com todo o cosmos, em unidade com Jesus Cristo[416].

Papa Francisco observa sobre a *ars celebrandi* a participação tanto da assembleia quanto do celebrante. Cada qual tem seu papel a desempenhar na ação litúrgica. Quem preside a celebração tem uma missão importante. Deve envolver a comunidade eclesial de tal forma que flua de maneira harmônica o desenvolver a celebração, por exemplo, que não demore nem se apresse para celebrar. Nesse sentido, o que preside há de zelar pela demora e respeito dentro da celebração, evitando todo tipo de personalismo, que ofusca a ação da graça de Deus. Decerto, cada sacerdote tem seu estilo celebrativo, porém não deve se esquecer que o protagonista da celebração é o Cristo, o centro de ação litúrgica. A assembleia não é mera espectadora do que acontece, mas interage com o presidente da celebração. A assembleia deve participar abandonando a posição passiva que muitas vezes é expressa pelos próprios fiéis usando o temo

[415] GUARDINI, 2023, p. 69-71.
[416] RATZINGER, 2013, p. 160-161.

‘assistir’ à missa. Assim, o matrimônio, envolvido na comunidade eclesial, juntamente com os filhos, pode interagir e se beneficiar ao participar das celebrações.

Papa Francisco segue seu pensar sobre a importância do ato de presidir a aceleração e desenvolve alguns pontos com relação ao agir do celebrante. O Pontífice atesta e fala sobre a importância da homilia nas celebrações. Em verdade, a homilia deve ser bem-preparada e nunca omitida aos domingos. Isso vale a todos os ministros ordenados, especialmente para os sacerdotes. O benefício ao matrimônio de uma homilia bem-feita e mensagem atual pode mudar a percepção da própria vivência conjugal.

Quem preside a celebração tem um papel importante para conduzir a todos no simbolismo adequado, com reverência com catequese cheia do Espírito Santo. O sacerdote, sem dúvida, teve toda uma preparação de formação acadêmica de liturgia, porém ele, celebrante e, ciente de seu papel em cada celebração sacramental, pois recebeu o sacramento da ordem, é também tocado pelo Espírito Santo e se forma na própria liturgia. Trata-se de um ser humano, sujeito de qualidades e defeitos, mas que recebeu uma graça especial pelo sacramento da ordem para conduzir seu rebanho.

Diante do celebrante, o casal e os filhos devem ter uma atitude aberta e paciente. A abertura para absorver o conteúdo espiritual e paciência para compreender que se trata de um ser humano, sujeito de qualidades e defeitos. A celebração litúrgica se desenvolve com um guia, e, portanto, com um direcionamento.

Assim, prestar atenção na celebração litúrgica, sobretudo na Missa, diz respeito à autoridade da Igreja para conduzir o povo de Deus e na humildade de ser conduzido por Deus.

A celebração eucarística é cume da ação litúrgica. Ao se presidir a Missa se entra numa fornalha ardente de amor. Este amor de Deus deve penetrar no coração do presbítero e passar essa experiência aos demais fiéis que acabam por participar ativamente da celebração. Portanto, todos os gestos, palavras e atitudes do presbítero devem evocar o amor de Deus e este amor deve chegar, também, ao matrimônio.

> Para que este serviço seja bem-feito, com arte, precisamente, é de fundamental importância que o presbítero tenha, acima de tudo, uma viva consciência de ser, por misericórdia, uma especial presença do Ressuscitado. O ministro ordenado é ele próprio uma das modalidades da presença do Senhor que tornam a assembleia cristã única, diferente de qualquer outra. (SC, n. 7). Isto dá espessura sacramental – em sentido amplo – a todos os gestos e palavras de quem preside. A assembleia tem o direito de poder sentir nesses gestos e nessas palavras o desejo que o Senhor tem, hoje como na última Ceia, de continuar a comer a Páscoa conosco. O Ressuscitado é, portanto, o protagonista; não o são, seguramente, as nossas imaturidades que procuram, assumindo um papel e uma atitude, um modo de se apresentar que não podem ter. O próprio presbítero deve ser absorvido por este desejo de comunhão que o Senhor tem para com todos: é como se estivesse no meio entre o coração ardente de

> amor de Jesus e o coração de cada fiel, objeto do seu amor. Presidir a Eucaristia é submergir-se na fornalha do amor de Deus. Quando nos é dado compreender, ou até só intuir esta realidade, já não precisamos de um diretório que nos imponha um comportamento adequado. Se precisamos dele é pela dureza do nosso coração. A norma mais alta e, portanto, mais exigente, é a própria realidade da celebração eucarística que seleciona palavras, gestos, sentimentos, levando-nos a compreender se são ou não adequados à função que devemos desempenhar. É evidente que também isto não se improvisa: é uma arte, requer do presbítero aplicação, isto é, uma frequência assídua do fogo de amor que o Senhor veio trazer à terra (DD, n. 57).

A celebração litúrgica deve estar voltada para as virtudes de Cristo. Ninguém melhor que Maria para ensinar quais virtudes estão no coração de Jesus. Realmente, uma das coisas mais belas de Maria, após a ressurreição de Cristo é a união da comunidade cristã no cenáculo, todos reunidos em oração com Maria. A presença da mãe de Jesus é decisiva para animar a comunidade que nascia. Sob o olhar de Maria, a Igreja obediente ao Cristo atualiza a Santa Ceia. O sacerdote repete os gestos que Jesus pediu que os fizesse em cada celebração realizada. Portanto, a presença de Maria nas celebrações é de suma importante para adquirir as vitudes de Cristo dentro da comunidade eclesial. Para o matrimônio, que visa ter também as virtudes de Cristo, a presença e intercessão de Maria são fundamentais, especialmente na oração em comunidade.

O Espírito Santo está sempre presente na celebração litúrgica. O presbítero deve estar imbuído do Espírito Santo para ter o santo temor do Senhor ao presidir as celebrações. Meros instrumentos do agir do Espírito Santo para trazer o amor do Deus para todos reunidos em assembleia. Jamais, o presidente da celebração deve ser arrogante ou prepotente. Ser simples pecador lançando as redes “Senhor, ausenta-te de mim que sou um homem pescador” (Lc 5, 1-11) ou ser o servo sofredor (Is 42ss.). A exemplo de São Francisco de Assis é na humildade que Deus se manifesta. O matrimônio há de aprender muito sobre a humildade e mansidão nas celebrações. Tanto os bons exemplos dos que presidem, quanto os maus exemplos, devem ser motivos de reflexões e ações boas para o casal e os filhos.

O presidente de uma celebração litúrgica age com palavras e gestos e a sua vida deve corresponder ao que se está celebrando. Pensando na celebração eucarística, as palavras e gestos do presbítero são de entrega e generosidade, imitando a Jesus Cristo. Todo pai e mãe de família, dentro do matrimônio, há de buscar o exemplo de Cristo na entrega e generosidade. Na celebração da Missa devem se entregar como Cristo se entrega ao Pai, dentro da própria missão ao serviço, como no caso o matrimônio, onde um se dedica ao outro, no amor.

> É a própria celebração que educa para esta qualidade de presidência, não é, repetimo-lo, uma adesão mental, se bem que toda a nossa mente, tal como a nossa sensibilidade, esteja nela implicada. O presbítero é, pois, formado para a presidência pelas palavras

> e pelos gestos que a liturgia põe nos seus lábios e nas suas mãos. Não se senta num trono (IGMR, n. 27) porque o Senhor reina com a humildade de quem serve. Não rouba a centralidade do altar, "sinal de Cristo de cujo lado aberto correu sangue e água, nos quais encontram fundamento os sacramentos da Igreja. Seja o centro do nosso louvor e da nossa ação de graças" (PR, p. 119). Aproximando-se do altar para a apresentação dos dons, o presbítero é educado na humildade e no arrependimento pelas palavras: "De coração humilhado e contrito sejamos recebidos por Vós, Senhor. Assim o nosso sacrifício seja agradável a vossos olhos" (MR, p. 451). Não pode presumir de si mesmo para o ministério que lhe está confiado porque a liturgia o convida a pedir para ser purificado, no sinal da água: "Lavai-me, Senhor, da minha iniquidade e purificai-me do meu pecado" (MR, p. 451). As palavras que a liturgia põe nos seus lábios têm conteúdo diversos que requerem tonalidades específicas: pela importância destas palavras é exigida ao presbítero uma verdadeira *ars dicendi*. Elas dão forma aos seus sentimentos interiores, ora na súplica ao Pai em nome da assembleia, ora na exortação dirigida à assembleia, ora na aclamação a uma só voz com toda a assembleia. Com a Oração Eucarística – na qual também todos os batizados participam escutando "com reverência e silêncio" e intervindo com "aclamações" (IGRM, n. 78-79) - quem preside tem a força, em nome de todo o povo santo, de recordar ao Pai a oferta do seu Filho na última Ceia, para que esse dom imenso se torne novamente presente no altar. Nessa oferta participa com a oferta de si mesmo. O presbítero não pode narrar ao Pai a última Ceia sem participar nela. Não pode dizer: Tomai todos e comei: isto é o meu Corpo entregue por vós e não viver o mesmo desejo de oferecer o seu próprio corpo, a sua própria vida pelo povo a si confiado. É isto o que acontece no exercício do seu ministério. Por tudo isto, e por muito mais, o presbítero é continuamente formado na ação celebrativa (DD, n. 60).

A liturgia é vivida em um clima de oração. A Comunidade dos discípulos de Jesus junto à Maria ensina a importância da oração em comum. A devoção a Maria dentro do âmbito litúrgico é de suma importância. No simbolismo litúrgico dirigido a ela os fiéis se tornam filhos e filhas de uma mesma família de cristãos na Igreja. O casal que vive a devoção mariana e que leva os filhos a Maria tem suma apreço pela liturgia. Maria, que é esposa, mãe, discípula e mestra na oração e vai ensinar os seguidores de Jesus a estarem em oração em comum, os mantém unidos a sua Igreja sob a inspiração do Espírito Santo, como estavam os apóstolos no cenáculo.

Maria teve responsabilidade em manter a unidade da Igreja. Na frase "Mulher, eis aí o teu filho (e para o discípulo: "Eis aí tua mãe") dita por Jesus na Cruz (Jo 19, 26-27) é o momento de tanta emoção e espiritualidade. Despojado de tudo, o Cristo deixa o bem mais precioso que tinha na terra, confia o cuidado de sua mãe, Maria, ao 'discípulo amado', simboliza, pois, a proteção de Maria e a maternidade espiritual sobre a Igreja. Tornou-nos filhos adotivos e mãe da Igreja. Sendo Igreja, o casal e filhos tem de dar exemplo: são muitas línguas, mas uma só oração. Como Igreja unida, jamais se questiona negativamente a reforma feita pelo Concílio Vaticano II, pois nela, contém os rituais que foram aprovados e estão em vigor. O Papa Francisco reforça que pretende a unidade na Igreja por meio dessa carta sobre a liturgia, que, efetivamente, é a liturgia do rito romano, aceitando a validade do Concílio Vaticano II, na reforma litúrgica.

O Papa Francisco, no final da carta apostólica, fala sobre o assombro pela beleza da verdade cristã. Em cada celebração é momento sem igual, em que cada um tem a sua percepção do momento litúrgico vivenciado, é sempre um assombro, um maravilhar-se renovado, ou melhor, o Mistério Pascal se atualizando na vida de cada partícipe. Não podemos tocar o sagrado, mas o sagrado nos toca na alma. O concretizar-se acontece por todos os elementos sensíveis apresentados numa ação litúrgica. O sagrado age na alma quando o fiel se coloca em humildade perante Deus, restaurando-a e a agindo no silêncio. Após estarmos nos sacramentos, esquecer? não, ao contrário reconhecer: "O Poderoso fez por mim maravilhas, / e santo é o seu nome. A minha alma engrandece ao Senhor, / e se alegrou o meu espírito em Deus, meu salvado" (Lc 1,46-56) é o Magnífico canto recitado por Nossa Senhora.

Para esse reconhecimento é preciso formação litúrgica de acordo com a Igreja. Nisso, todos os batizados, ministros ordenados e leigos deveriam estar envolvidos, pois a liturgia é alma da Igreja. Nesse sentido, não existem distinções de pessoas dentro da Igreja, pois todos, pelo batismo, formam parte dela. Estão incluídos os casais do matrimônio que contemplam a beleza do amor de Deus colocando-o no centro do relacionamento.

O Papa Francisco, nos números finais da *Desiderio desideravi*, mostra uma indicação importante para todo cristão que ama a Igreja e ama a liturgia: valorizar o ano litúrgico e o dia do Senhor. Sendo isso um caminho de conversão e santidade para o matrimônio, que precisa se alimentar da palavra e da Eucaristia. "Por isso desejo deixar-vos mais uma indicação para prosseguir no nosso caminho. Convido-vos a redescobrir o sentido do ano litúrgico e do dia do Senhor: também esta é uma indicação do Concílio" (DD, n. 63).

Em todo domingo se atualiza a ressurreição do Senhor com a Missa e, a vida. A Igreja valoriza muito o ciclo litúrgico, pois é atualizar o mistério. De fato, como diz a *Sacrosanctum concilium*, onde se valoriza o domingo como dia do Senhor, além das demais solenidades. Para o matrimônio isso toma uma dimensão grande, pois o domingo deve ser valorizado com a Missa, mas, se possível, a frequência das Missas também, durante a semana e nos dias de solenidade. Recordar, lembrar e atualizar esses mistérios na liturgia pode ser canal de graça para compreender melhor o sentido da vida matrimonial, com paciência e perseverança.

> A santa Mãe Igreja considera seu dever celebrar, em determinados dias do ano, a memória sagrada da obra de salvação do seu divino Esposo. Em cada semana, no dia a que chamou domingo, celebra a da Ressurreição do Senhor, como a celebra também uma vez no ano na Páscoa, a maior das solenidades, unida à memória da sua Paixão. Distribui todo o mistério de Cristo pelo correr do ano, da Encarnação e Nascimento à Ascensão, ao Pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor. Com esta recordação dos mistérios da Redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das

> obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de os tornar como que presentes a todo o tempo, para que os fiéis, em contacto com eles, se encham de graça (SC, n. 102).

Dentro do ano litúrgico é preciso prestar atenção ao tempo da Páscoa, mistério da redenção humana. Em cada Páscoa é um novo ciclo de redenção, como se fosse o início de uma nova vida em Cristo, "enquanto esperamos em jubilosa esperança a vinda gloriosa de Jesus Cristo, nosso Salvador" (MR, p. 545). Para o matrimônio, que quem sabe viveu um ano sofrido de dificuldades, a Páscoa pode ser o momento de renovação dos votos feitos no dia da cerimônia litúrgica. Vida nova em Cristo se começa na Páscoa, que pode ser a Páscoa para o casal, morrer ao pecado e viver em Cristo, pelos sacramentos.

Muitas vezes o domingo é interpretado como dia do Senhor, por isso dia de preceito, ou seja, que é obrigatório ir à Missa, inclusive sob pena de pecado grave, quando a ausência é proposital. Isso, por um lado pode ser bom, pois se necessita de leis para educar o ser humano. Porém, é muito mais do que obrigatório é a vivência comunitária do dia do Senhor. O matrimônio pode experimentar essa experiência com a presença com outros casais e com outras pessoas da comunidade. O domingo, por ser o primeiro dia da semana, deve iluminar toda semana, ou seja, que seja uma semana iluminada em Cristo. Nada melhor que a Igreja unida na liturgia, onde depois se reflete a união matrimonial e familiar.

> No decurso do tempo feito novo pela Páscoa, em cada oito dias a Igreja celebra no domingo o acontecimento da salvação. O domingo, antes de ser um preceito, é um dom que Deus faz ao seu povo (por esse motivo a Igreja o guarda como um preceito) . A celebração dominical oferece à comunidade cristã a possibilidade de ser formada pela Eucaristia. De domingo em domingo, a Palavra do Ressuscitado ilumina a nossa existência, querendo realizar em nós aquilo para que foi mandada. (Is 55, 10-11). De domingo em domingo, a comunhão no Corpo e no Sangue de Cristo quer fazer também da nossa vida um sacrifício agradável ao Pai, na comunhão fraterna que se faz partilha, acolhimento e serviço. De domingo em domingo, a força do Pão partido nos sustenta no anúncio do Evangelho no qual se manifesta a autenticidade da nossa celebração. Abandonemos as polémicas para escutarmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, conservemos a comunhão, continuemos a maravilhar-nos pela beleza da liturgia. Foi-nos dada a Páscoa, deixemo-nos guardar pelo desejo que o Senhor continua a ter de a poder comer conosco. Sob o olhar de Maria, Mãe da Igreja (DD, n. 65).

A perspectiva da pastoral latino-americana é importante na visão teológica dentro da liturgia para colocar na prática essa vivência. Para essa orientação, a liturgia é fonte da espiritualidade popular e da missão transformadora no mundo. Para o matrimônio, dentro dessa perspectiva, a celebração litúrgica deve ser inserida na cultura e na realidade dos casais, com linguagem acessível e sentido existencial. O documento principal para abordar tal orientação é o Documento de Aparecida:

> A família cristã está fundada no sacramento do matrimônio entre um homem e uma mulher, sinal do amor de Deus pela humanidade e da entrega de Cristo por sua esposa, a Igreja. A partir dessa aliança se manifestam a paternidade e a maternidade, a filiação e a fraternidade, e o compromisso dos dois por uma sociedade melhor. Cremos que "a família é imagem de Deus que em seu mistério mais íntimo não é uma solidão, mas uma família." Na comunhão de amor das três Pessoas divinas, nossas famílias têm sua origem, seu modelo perfeito, sua motivação mais bela e seu último destino. Visto que a família é o valor mais querido por nossos povos, cremos que se deve assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda ação evangelizadora da Igreja. Em toda diocese se requer uma pastoral familiar "intensa e vigorosa" para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida, e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados. Esperamos que os legisladores, governantes e profissionais da saúde, conscientes da dignidade da vida humana e do fundamento da família em nossos povos, a defendam e protejam dos crimes abomináveis do aborto e da eutanásia: essa é sua responsabilidade. Por isso, diante de leis e disposições governamentais que são injustas à luz da fé e da razão, deve-se favorecer a objeção de consciência. Devemos ater-nos à coerência eucarística, isto é, ser conscientes de que não podem receber a sagrada comunhão e ao mesmo tempo agir com atos ou palavras contra os mandamentos, em particular quando se propicia o aborto, a eutanásia e outros graves delitos contra a vida e a família. Essa responsabilidade pesa de maneira particular sobre os legisladores, governantes e os profissionais da saúde[417].

Ao comparar a arte de celebrar na liturgia e a vida matrimonial percebe-se uma conexão. O celebrante e equipe de condução devem se preparar para as celebrações de forma a ajudar o povo de Deus. Na mesma sintonia o casal deve se preparar internamente para amar e servir a Deus e ao próximo e a si mesmo. O matrimônio e os filhos devem respeitar a dinâmica das celebrações e ter em conta que estão num espaço sagrado. Isso se intensifica quando o casal tiver filhos pequenos que demandam mais atenção.

Na liturgia, tanto o celebrante, quanto os que organizam devem favorecer clareza nos gestos e sinais sensíveis. Para a família, deve ter gestos de amor e perdão, partilha e presença. Uma forma educativa para os filhos dentro do matrimônio é na hora da Missa, no momento de o ato penitencial bater no peito como forma de arrependimento, lembrando os próprios pecados. Também, na Missa, lembrar que, mesmo que não possam receber a comunhão, os filhos se unam de joelhos aos pais que acabaram de receber Jesus na Eucaristia, fazendo assim uma bonita ação de graças.

Nas celebrações, o celebrante e equipe de condução devem ter harmonia entre palavra, canto e silêncio, de modo a ajudar o povo de Deus na celebração litúrgica. Para o casal deve existir equilíbrio entre diálogo, silêncio e oração no lar. O celebrante e a equipe litúrgica devem ser fiéis ao rito, seja sacramento ou sacramental, especialmente a Missa. No caso da família deve haver fidelidade ao cônjuge, mesmo nas rotinas e dificuldades; colocar a liturgia no dia a

[417] CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007, n. 433-436.

dia da família, o que se recebe na Igreja se aplica na casa. Os que conduzem as celebrações devem conter adoração e gratidão diante do sagrado. Já na família deve haver reconhecimento que tudo é dom, não somente pelo esforço humano.

Celebrar bem o matrimônio, os demais sacramentos e sacramentais não é apenas realizar um rito bonito na Igreja. É aprender a viver com arte, beleza e espírito sacramental todos os dias da vida a dois. Aprender da *ars celebrandi* é um caminho profundo de maturidade conjugal e espiritual. É compreender que celebrar é viver na presença de Deus com reverência, consciência e alegria, o que transforma a vida matrimonial em um verdadeiro altar.

Ao articular Guardini e *Desiderio desideravi* com outros pensadores e tradições, temos um resumo interessante das orientações da liturgia e do matrimônio. Podemos dizer que para Guardini a liturgia forma o coração das pessoas, especialmente do casal, a interioridade é moldada pela espiritualidade litúrgica; para Ratzinger a liturgia revela o amor de Cristo Esposo, de fato, o marido deve amar a mulher como Cristo amou e se entregou pela Igreja; para Schmemann a liturgia santifica o cotidiano, o casal se santifica na Igreja e em casa, nos afazeres do dia a dia; para Chauvet a liturgia media a graça por sinais, o casal encontra nos sinais sensíveis da liturgia um caminho de encontro com Deus; para de Lubac a liturgia insere o casal na Igreja, como agentes ativos de comunhão eclesial. Para a pastoral latino-americana a liturgia dialoga com a cultura viva, onde o casal está envolvido dentro da sua própria realidade.

Segundo Romano Guardini a ética matrimonial é vista como expressão concretada da existência cristã na vivência da graça sacramental. Assim, para que ela se realize, a formação litúrgica é indispensável. Tanto se fala de salvar os matrimônios dentro da Igreja, e para isso, por isso a formação litúrgica pode ser um caminho. É preciso salvar o matrimônio no hoje na redenção, atualizando a mensagem de Cristo. Convém o encontro pessoal, do casal e dos filhos com Cristo pelos sacramentos e sacramentais. É necessária a compreensão que no corpo místico de Cristo está o matrimônio e a família. É importante colher o sentido teológico da liturgia, especialmente voltado para o matrimônio. Lutar contra o mundanismo espiritual, que o Papa Francisco explicava em seus escritos e discursos, que assola os matrimônios e as famílias. Parar para redescobrir a beleza e verdade do amor de Deus em cada celebração litúrgica, isso se torna indispensável ao matrimônio. A simplicidade do assombro e estupor ao se considerar amado por Deus e ao fazer a experiência na dinâmica da Páscoa, morrendo ao que é nocivo e vivendo como criaturas novas, como matrimônios e famílias renovadas em Cristo.

A conexão da formação litúrgica com o matrimônio se faz necessária pela grandeza do sacramento mesmo em análise. Nota-se um laço extremamente forte entre a formação litúrgica com o matrimônio, sendo que um está para o outro. Não existe matrimônio na Igreja sem o

devido conhecimento e vivência da liturgia, mesmo que, as vezes bastam os conceitos fundamentais. Muitas expressões e conceitos da *Desiderio desideravi*, o Papa Francisco os toma de Romano Guardini. Lembrar os pilares da teologia e aplicá-los à liturgia, especialmente preparação, celebração e vivência do matrimônio. Decerto, a reflexão teológica não se esgota, mas a tendência é ir em profundidade. Sem dúvida, o dialogar de Guardini, e *Desiderio desideravi* se concretiza e enrique a vida do casal e filhos. Destaca-se a vivência litúrgica como meio de formação e transformação interior que acontece através da participação nos ritos e sinais sensíveis da Igreja, permitindo que a fé esteja presente na vida quotidiana. A ação litúrgica repercute nas ações do dia a dia, ou seja, é o amor-sacrifício, celebrado na Eucaristia que deve ser vivido no ‘sacrifício’ quotidiano da vida familiar. O casamento ‘casar-se no Senhor’ é uma ação litúrgica que santifica a união humana, o casal e os filhos em laços amorosos entre si mesmos e Deus. Assim, faz-se o permanecer no Senhor.

5. INICIAÇÃO AO MATRIMÔNIO: UM CATECUMENATO MATRIMONIAL

É interessante observar como foi desenvolvido todo um processo nos capítulos anteriores. Colocou-se uma fundamentação teológica, um percurso histórico da sacramentalidade do matrimônio, a importância da ação litúrgica e o rito e, sobretudo, o amor humano (doação, ternura, unidade dos cônjuges) como manifestação visível da aliança de Deus com a humanidade. Houve um afluir e desembocou nesse último ponto a ser desenvolvido - o aspecto pastoral. Foi possível seguir o fluir do pensamento do Papa Francisco, como pastor, preocupando-se com o destino do matrimônio e a família. Fiz-me ovelha e o segui em seu apostolado. A vivência e o interagir com a comunidade eclesial possibilitou toda a motivação e reflexão da necessidade de uma revitalização litúrgica e a formação na e pela liturgia de todos envolvidos no sacramento do matrimônio. Assim, fiz-me pastor.

Após conectar a formação litúrgica com o matrimônio, vendo a contribuição da liturgia em geral ao sacramento em análise, é preciso traçar um percurso matrimonial de modo claro, sólido e estruturado, de modo que os fiéis possam se encaixar devidamente nesse itinerário. Analisar e refletir sobre esse percurso na Igreja visa ajudar os noivos e os casados e, além do mais, auxiliar as dioceses e paróquias na preparação ao sacramento do matrimônio.

Um sacramento de importância como o matrimônio, no sentido de que é um sacramento para toda a vida, exige mais que uma preparação de um ou dois dias em um breve encontro (ou curso) para noivos, quando ainda é feito, cumprindo minimamente a exigência de tal preparação.

Para isso, nesse último, abordará a ‘ação pastoral’ e se falará sobre o que é caminho catecumenato matrimonial, logo se entrará nas fases.

Assim, colocaremos o esquema das diferentes fases que constituem o itinerário catecumenal:

Fase pré-catecumenal: preparação remota

- Pastoral da infância.

- Pastoral juvenil.

Fase intermediária (algumas semanas) : tempo de acolhimento dos candidatos

- Rito de ingresso no catecumenato (ao término da fase de acolhimento).

Fase catecumenal:

Primeira etapa: preparação próxima (cerca de um ano).

- Rito do noivado (ao término da preparação próxima).

- Breve retiro de ingresso na preparação imediata.

Segunda etapa: preparação imediata (alguns meses).

- Breve retiro de preparação para o casamento (a poucos dias da celebração).

Terceira etapa: os primeiros anos de vida matrimonial (2-3 anos) [418].

- *Acompanhar os casais em crise*[419].

**Encontros de preparação dos noivos para o matrimônio*[420].

A estrutura apresentada acima se seguirá ao longo do texto, pois faz parte da obra - Itinerários catecumenais para a vida matrimonial - publicado pelo Dicastério para leigos, a família e a vida (2022). Dentro dos – Itinerários – vamos encontrar textos de São João Paulo II, como a *Familiaris Consortio (*1981), e do Papa Francisco, como *Amoris Laetitia (*2015) e outros escritos do seu Pontificado. Entre as etapas de preparação próxima e imediata se colocará um roteiro de encontros dos noivos para ajudá-los concretamente na preparação ao matrimônio.

Para enriquecer a reflexão sobre a preparação: (remota, próxima, imediata), os primeiros anos de vida matrimonial, e, juntamente com o acompanhar os casais em crise, usaremos alguns trechos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – Diretório da Pastoral Familiar;

---

[418] O esquema proposto está nesta referência do documento: DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. *Itinerários catecumenais para a vida matrimonial*: orientações pastorais para as Igrejas particulares. Documento da Igreja – 68. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 24.

[419] "Acompanhar os casais em crise" não faz parte das etapas do catecumenato matrimonial, porém, é um roteiro proposto pelo Dicastério.

[420] Mesmo que não faça parte do roteiro proposto pelo Dicastério, entre a preparação próxima e imediata do capítulo, se coloca um percurso de encontros dos noivos para a preparação ao matrimônio, que termina na celebração do sacramento.

pois, a realidade do Brasil deve ser colocada em consideração. Consiste numa preocupação em toda a Igreja, pois os bispos italianos, na CEI, declaram ser preciso evangelizar, em primeiro lugar a família, assim evangelizaremos a todos.

O capítulo pretende analisar, refletir e dialogar com Romano Guardini, em concreto na obra - *As idades da vida: o seu significado ético e pedagógico* – publicado ao português em 1990. O próprio nome da obra fala por si mesma, trata-se das etapas da vida humana, e assim, vai contribuir para o percurso de catecumenato matrimonial que se visa explorar. Os conceitos de Guardini ajudam na preparação ao matrimônio. São conceitos tirados da ética e da vida espiritual que estão enraizados no mais íntimo do ser humano. Conceitos esses que correspondem ao matrimônio e a família: pessoa, bem, mal, valores, caráter, disciplina, determinação.

Para melhor compreensão das fases específicas, se destacam três elementos inerentes ao caminho de fé, na preparação ao matrimônio, a saber: a transmissão do conteúdo (doutrina), a partir de um itinerário (duração e método); a catequese que favoreça a participação ativa e consciente nos ritos da celebração matrimonial (linguagem simbólico-ritual); e a inserção do casal na comunidade eclesial (estabelecimento de vínculo)[421].

Transmissão do conteúdo (doutrina): a partir de um itinerário, (duração e método). A ideia de que a preparação para os sacramentos, incluindo o matrimônio, precisa ser um verdadeiro itinerário de fé, estruturado e progressivo, vindo diretamente da teologia do catecumenato da Igreja primitiva, recuperada pelo Concílio Vaticano II, especialmente na *Sacrosactum concilium*. Desse modo, se atesta que essa preparação não pode se resumir a encontros pontuais, mas deve ser um percurso de amadurecimento na fé, na vocação e no amor.

Catequese mistagógica: participação ativa e consciente dos ritos da celebração do matrimônio com (linguagem simbólico-ritual da celebração). Fortemente recuperada pelo Movimento Litúrgico do século XX, especialmente com Romano Guardini e pelo Concílio Vaticano II, presente, também, na *Sacrosanctum concilium*, que destaca que os sacramentos não são apenas momentos jurídicos, mas ritos carregados de significado salvífico e simbólico. O Papa Bento XVI, em *Sacramentum Caritatis* reforça a necessidade de uma catequese mistagógica, isto é, uma catequese que ajude os noivos a compreenderem a linguagem dos sinais da liturgia do matrimônio e a viverem profundamente esse mistério (SCa, n. 64). O Papa Francisco, em

[421] De alguma ou outra forma, esses conceitos estão presentes: Itinerários catecumenais para a vida matrimonial (2022); *Amoris Laetitia* (2015), *Familiaris consortio* (1981) e diretório para a catequese (2020).

Desiderio desideravi, atualiza essa urgência, mostrando que a participação nos sacramentos deve ser consciente, ativa e frutuosa, não meramente formal (DD, n. 61-65).

Inserção na comunidade eclesial: estabelecimento de vínculo da família com a comunidade pastoral – ser Igreja. O Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium* afirma claramente que os sacramentos, incluindo o matrimônio, não são atos privados, mas atos da Igreja, que inserem os fiéis na comunidade do povo de Deus. Por isso, o matrimônio não é apenas um contrato entre duas pessoas, mas uma vocação vivida dentro da Igreja e para a Igreja. Documentos como a *Familiaris Consortio* de João Paulo II, e mais recentemente a *Amoris Laetitia* e os Itinerários Catecumenais para a Vida Matrimonial (2022) reforçam que os casais devem ser parte viva da comunidade, participando da vida pastoral, litúrgica e missionária da Igreja.

Em todas as fases de formação desenvolvidas existem três aspectos que estão presentes: (itinerário, duração e método), (linguagem simbólico-ritual) e (estabelecimento de vínculo). Fica muito complicado aplicar o conteúdo sem doutrina, duração e método. Tampouco, fica inviável desenvolver uma catequese do rito matrimonial sem uma linguagem simbólica. Por fim, fica difícil inserir o casal dentro da comunidade sem um estabelecimento de vínculo.

Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Lætitia (*2016), o Papa Francisco indica que os Padres sinodais afirmaram a necessidade de "ajudar os jovens a descobrirem o valor e a riqueza do matrimônio," (AL, n. 205-206) e cita um excerto do *Relatio synodi (*2014).

Nesse contexto colocado pelo Papa Francisco duas exigências apresentadas, a saber: que as comunidades cristãs tenham um maior envolvimento na preparação dos noivos, aproveitando e privilegiando o testemunho das famílias da comunidade, e tenham um itinerário estabelecido que favoreça a preparação para o matrimônio já no tempo da iniciação cristã e sua relação com batismo e os demais sacramentos, e não simplesmente um minicurso, pouco diante das exigências do matrimônio.

Além das realidades sociais e desafios, existem algumas considerações sobre a pessoa humana analisadas e refletidas por Guardini que podem ajudar na abordagem das fases de preparação ao matrimônio. Segundo Guardini: "A existência humana pode ser considerada sob muitos pontos de vista, mas pelas suas próprias naturezas nenhum deles pode chegar a esgotá-la. Um desses pontos de vista é a tensão que existe entre permanência da pessoa a evolução dos seus

sucessivos estados"[422]. Guardini explica a importância de não somente tratar de aspectos biológicos, que de fato, dificulta bastante a vivência de cada fase da vida, ou seja, cada fase tem um toque espiritual de liberdade e ética a ser vivido: "O homem que vive todas essas fases é sempre um e o mesmo. E vive-as não apenas como um mesmo indivíduo biológico, à semelhança de um animal, mas como uma mesma pessoa, como alguém que é consciente de si próprio e se sabe responsável pela fase vital que atravessa"[423].

O teólogo Andrea Grillo coloca um ponto relevante. Ele reflete como se deve abordar o sacramento do matrimônio, ou seja, falar sobre o matrimônio de maneira na prática, atualizando a linguagem para dar respostas concretas àqueles que buscam vivenciar o sacramento. Por isso, a iniciação ao matrimônio, prevista a seguir, tem em consideração como se dirigir a esse tão belo sacramento. É necessária uma abordagem mais seleta ao se falar sobre o matrimônio nos tempos atuais:

> Os medievais e os modernos se fizeram perguntas radicais e responderam com coragem e coerência, na medida em que lhes era possível, no seu contexto, na sua cultura, no seu tempo. Mas a fineza das distinções medievais/modernas não se sustenta mais no mundo tardo-moderno. Não só por "degeneração", mas também por objetiva diversidade. Isso não significa, no entanto, que o paradigma tardo-moderno e conciliar não deve elaborar distinções igualmente finas, embora em outro título. Hoje, precisamos, acima de tudo, disto: de uma nova fineza na articulação dos direitos e dos deveres, para dar espaço ao dom da fidelidade, da fecundidade e da indissolubilidade[424].

Como momento mais específico da vida dos cristãos já iniciados na fé e que desejam a vida conjugal, a iniciação ao sacramento do matrimônio refere-se a um conjunto de ensinamentos orais sobre a doutrina e a disciplina do matrimônio cristão. Esclarece sobre a iniciação dos noivos, linguagem simbólico-ritual própria da Igreja para compreenderem a liturgia do matrimônio onde celebram sua aliança que se conclui com a celebração do matrimônio, quando os noivos passam à nova vida como esposos. Ao longo da iniciação, a comunidade é chamada a participar da preparação dos noivos por diversos meios, que contribuirão com o estabelecimento de vínculos com os casais da própria comunidade.

---

[422] GUARDINI, 1990, p. 7.
[423] *Ibidem.*, p. 10.
[424] GRILLO, Andrea. O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitas Humanae e Amoris Laetitia. *Instituto Humanitas Unisinos.* Cadernos Teologia Pública. São Leopoldo, v. 13, ano XIII, nº 111, 2016, p. 20. Disponível em: número 111 - capa.cdr. Acesso em: 18 ago. 2025.

5.1 O que é um novo caminho catecumenato matrimonial?

Diante da necessidade de uma preparação adequada, após seis anos da publicação de *Amoris Lætitia*, como fruto do ano da família *Amoris Lætitia* (19 de março de 2021 – 26 de junho de 2022), o Papa Francisco, por meio do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, apresenta os Itinerários catecumenais para a vida matrimonial: orientações pastorais para as Igrejas particulares (2022) e em seu prefácio comenta:

> Trata-se de um instrumento pastoral preparado pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, a partir de uma indicação que expressei repetidas vezes, ou seja, "a necessidade de um 'novo catecumenato' em preparação para o casamento;" (FC, n. 66) de fato, "é urgente atuar concretamente naquilo que já foi proposto na *Familiaris Consortio*," (FC, n. 66) ou seja, que assim como, para o batismo dos adultos, o catecumenato faz parte do processo sacramental, também a preparação para o matrimônio se torne uma parte integrante de todo o procedimento sacramental do casamento, como antídoto que impede o multiplicar-se de celebrações matrimoniais nulas ou então inconsistentes (DLFV, 2022, p. 9).

Romano Guardini escreveu sobre a formação e preparação interna da liturgia, colocando a base teológica e espiritual para se preparar e viver bem as celebrações e ritos. Não que Guardini tenha feito um itinerário propriamente dito para o matrimônio, mas é importante estabelecer seus conceitos a respeito, para que haja uma melhor preparação e vivência do sacramento. Enfim, como já se falou no capítulo sobre a formação litúrgica, suas orientações são valiosas, e é preciso resgatá-las. Além do mais, o pensamento do Papa Francisco e, o próprio itinerário feito pelo Dicastério, mostra uma tendência ao pensamento de Romano Guardini. Basta observar as fases e etapas da vida humana.

No livro – *As idades da vida*, Guardini traça um caminho desde o nascimento e infância, passando pela adolescência, indo a juventude, se fixando na idade adulta e chegando até a velhice. A visão guardiniana é importante para a elaboração do itinerário de preparação ao sacramento do matrimônio, pois o autor observa que os pais influenciam a vida do bebê dentro do útero, depois na infância com a educação, na adolescência com a paciência diante das crises, na juventude mostrando os valores, na idade adulta dando testemunho e na velhice cuidando. As crises na idade adulta, que a obra mostra, facilita, também, a compreensão aos casais nos primeiros anos de vida matrimonial e o acompanhamento aos casais em crise. Entre a preparação próxima e imediata, os

encontros dos noivos, que se colocam à disposição no capítulo mostram, sem dúvida, a preocupação que Guardini tinha sobre a formação e vivência litúrgica como uma experiência interna que se manifesta no exterior das ações.

Esse itinerário surge devido à séria preocupação diante de uma preparação muito superficial ao matrimônio, com o risco de os casais celebrarem um casamento nulo ou com fundamentos frágeis, incapazes de resistir às primeiras crises, afirma o Papa Francisco. Referente a esses casos em que o matrimônio termina, às vezes em um curto espaço de tempo, o Santo Padre comenta:

> Tais adversidades trazem consigo grandes sofrimentos e deixam feridas profundas nas pessoas. Elas ficam desiludidas, amarguradas e, nos casos mais dolorosos, deixam até de acreditar na vocação ao amor, escrita pelo próprio Deus no coração do ser humano. Existe, portanto, um dever de acompanhar, com senso de responsabilidade, sobretudo os que manifestam a intenção de unir-se em Matrimônio, a fim de serem preservados dos traumas das separações e de jamais perderem confiança no amor (DLFV, 2022, p. 10).

Papa Francisco mostrou várias vezes sua preocupação por uma preparação melhor dos jovens que irão casar-se na Igreja. Não basta somente falar, é preciso colocar uma estrutura convincente (DLFV, n. 1)[425].

Essas orientações não são um curso pré-matrimonial. Elas expõem "alguns princípios gerais e uma proposta pastoral concreta e abrangente, que cada Igreja local é convidada a levar em consideração na elaboração de seu próprio itinerário catecumenal para a vida matrimonial, respondendo, assim, de forma criativa, ao apelo do Papa" (DLFV, 2022, n. 2).

A atenção da Igreja para traçar um caminho de preparação matrimonial não é de hoje, mas as iniciativas mostram uma relevância grande nos tempos atuais, especialmente no Pontificado do Papa Francisco. A Igreja precisa criar estruturas de evangelização para facilitar a adesão dos fiéis, pois já está difícil trazê-los à Igreja, e sem estrutura fica inviável a evangelização.

---

[425] Nas palavras do Papa Francisco se vê a necessidade de catecumenato: "Sinto que devo reiterar a necessidade de um 'novo catecumenato' em preparação para o casamento. Acolhendo os votos dos Padres do último Sínodo Ordinário, é urgente atuar concretamente aquilo que já foi proposto na FC, n. 66, ou seja, que assim como para o batismo dos adultos o catecumenato faz parte do processo sacramental, também a preparação para o matrimônio se torne uma parte integrante de todo o procedimento sacramental do casamento, como antídoto que impede o multiplicar-se de celebrações matrimoniais nulas ou então inconsistentes" (FRANCISCO. *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*. 17 jan. 2017. Disponível em Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (21 de janeiro de 2017) | Francisco. Acesso em: 15 de mai. 2025). Conferir também em: AL, 205-211.

O Dicastério recorda que na Igreja primitiva deveria existir clara orientação cristã da vida antes de os fiéis serem admitidos ao sacramento do batismo e, de forma análoga, em tempos hodiernos, seria de grande ajuda uma formação na fé e um acompanhamento no aprendizado de um estilo de vida cristão, especificamente dirigido aos casais, tendo em vista a celebração do matrimônio (DLFV, n. 5). Existem considerações mais fortes que dizem respeito à admissão ao matrimônio por parte da Igreja. Algumas parecem ser exageradas, outras pertinentes. O que está em questão é a acolhida, formação e acompanhamento. Esses são os critérios para a admissão dos noivos ao matrimônio. Nesse sentido, considerando a pertinência do catecumenato matrimonial, o Dicastério afirma:

> De maneira semelhante ao que se fazia para o batismo na Igreja antiga, uma formação para a fé e um acompanhamento para a aquisição de um estilo de vida cristão, especificamente dirigido aos casais, seria de grande ajuda hoje, com vistas à celebração do matrimônio. O catecumenato pode, de fato, inspirar novos caminhos de renovação da fé em cada época, porque propõe um estilo de acompanhamento das pessoas, pedagógico, gradual e ritual, que sempre mantém sua eficácia. O catecumenato matrimonial [.] não pretende ser uma mera catequese, nem transmitir uma doutrina. Ele visa fazer ressoar nos cônjuges o mistério da graça sacramental, que lhes pertence em virtude do Sacramento: fazer com que a presença de Cristo viva com eles e entre eles. [.] no que se refere aos que pretendem se casar, superar o estilo de uma formação somente intelectual, teórica e genérica (alfabetização religiosa). É necessário percorrer com eles o caminho que leva a ter um encontro com Cristo, ou a aprofundar essa relação, e a fazer um autêntico discernimento da sua própria vocação nupcial, como pessoa quanto do casal (DLFV n. 5)[426].

A Igreja acredita que por meio do matrimônio e da família a evangelização do mundo possa ter bom êxito. A Igreja crê no potencial do matrimônio, não no sentido de discriminação com outras formas de vida, mas base da Igreja e da sociedade. Todas as energias devem ir na direção do matrimônio e da família, sem essa base sólida na evangelização nada pode ser feito. Às vezes, se

[426] Não se trata de lhes ministrar o Catecismo inteiro nem de os saturar com demasiados temas, sendo válido também aqui que ‘não é o muito saber que enche e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear interiormente as coisas’. Interessa mais a qualidade do que a quantidade, devendo-se dar prioridade – juntamente com um renovado anúncio do querigma – àqueles conteúdos que, comunicados de forma atraente e cordial, os ajudem a comprometer-se num percurso da vida toda ‘com ânimo grande e liberalidade’” (AL, n. 207).

foca em outras tantas iniciativas dentro da Igreja, descuidando ou não dando a devida importância à preparação ao matrimônio.

> O matrimônio, como comunidade de vida e de amor, quer como instituição divina natural, quer como sacramento, não obstante as dificuldades presentes, conserva sempre em si uma fonte de energias formidáveis, (FC, n. 43) que, com o testemunho dos esposos, se pode tornar uma boa notícia, e contribuir fortemente para a nova evangelização e assegurar o futuro da sociedade. Tais energias precisam, todavia de ser descobertas, apreciadas e valorizadas, pelos próprios esposos e pela comunidade eclesial na fase que precede a celebração do matrimónio e que constitui a preparação para ele (PCF, 1996, n. 10)[427].

O Papa Francisco se inspirou no catecumenato batismal para sugerir o catecumenato matrimonial. "Deve-se primeiro tornar-se discípulo do Senhor e depois ser admitido ao santo batismo" (BASÍLIO DE CESAREIA, De baptismo I,1)[428]. A fé e a mudança de vida são fundamentais para a recepção do batismo. De fato, o catecúmeno, no conceito inicial, na Igreja antiga, é instruído na doutrina da fé para que ele possa dar as razões da própria fé e da conversão de vida. No caso do catecumenato matrimonial é um processo de renovação do próprio reviver dos sacramentos já recebidos. Trata-se de rememorar o que eles representam e os efeitos da graça sacramental recebida em cada um deles e, sobretudo, se conscientizarão, cada pessoa e o casal, da vocação que irão assumir ao receber no sacramento matrimonial.

A intenção é fazer com que os nubentes retomem e se aprofundem numa maior presença de Cristo. Não consiste em uma catequese e sim, um acompanhamento dos casais para que se encontrem com o Cristo. Segundo o Papa Francisco "toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma" (AL, n. 54). O catecumenato é o tempo próprio preparando os envolvidos para que ao final do processo tenham o discernimento do sacramento que receberão. Esse caminhar não é solitário, está aí o papel de toda a comunidade eclesial. Elaborar e colocar em

---

[427] "É necessário [.] tornar cada vez mais eficazes os itinerários de preparação para o sacramento do matrimônio, para o crescimento não somente humano, mas sobretudo da fé dos noivos. A finalidade fundamental dos encontros consiste em ajudar os noivos a realizar uma inserção gradual no mistério de Cristo, na Igreja e com a Igreja. [.] um amadurecimento progressivo na fé, através do anúncio da Palavra de Deus, da adesão e do seguimento generoso de Cristo" (FRANCISCO. *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*. 21 jan. 2017. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (21 de janeiro de 2017) | Francisco. Acesso em: 15 de mai. 2025). Conferir em FC, n. 51.

[428] A obra completa se encontra em: BASÍLIO DE CESAREIA. Homilias sobre Lucas 12. Homilias sobre a origem do mundo. Tratado sobre o Espírito Santo. (De baptismo I,1). São Paulo: Paulus, 1999.

prática um itinerário, acompanhando os nubentes em todo o processo para se chegar ao sacramento matrimonial e ir além do momento sacramental chegando aos recém-casados. Observa-se que não é uma tarefa isolada de um membro e sim, que envolve muitas pastorais e grupos que se interligam, interagindo e ajudando o funcionar da própria Igreja.

Como já foi elaborado no início desse trabalho, o matrimônio não é um ponto de chegada, porém uma vocação que, envolve a vida e santidade das pessoas[429]. Desse modo faz sentido o acompanhamento para o discernimento vocacional para atingir a missão própria[430]. Por isso, não se trata de alguns encontros de preparação ao matrimônio, a modo de cumprir o protocolo. A Igreja dedica muitos anos de formação para o sacerdócio, porque não investir também no matrimônio[431].

Também, é preciso ter uma preparação adequada nos seminários e institutos, dioceses e paróquias, relacionada ao aspecto matrimonial e familiar[432]. Cada diocese e paróquia deve investir nesse itinerário. Ou melhor, cada pastoral ou grupo eclesial da paróquia desenvolvendo sua função para se realizar concretamente o estar com Cristo em cada momento do viver a liturgia colocada nessa preparação. O exemplo de Paulo, acompanhado por Áquila e Priscila na evangelização, mostra como celibatários e esposos podem fazer juntos apostolado e gerar comunhão (At 18, 1-3; At 18, 18-19; At 18, 26; Rm 16, 3-5; 1 Cor 16, 19).

---

[429] "[.] que os noivos não considerem o matrimônio como o fim do caminho, mas o assumam como uma vocação que os lança para diante, com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis." AL, n. 211.

[430] "Em virtude do sacramento, os esposos são investidos numa autêntica missão, para que possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja, continuando a dar a vida por ela." AL, 121. "Não se pode definir 'preparação para o casamento' três ou quatro encontros realizados na paróquia [.]. A preparação deve ser madura e leva tempo. Não é um ato formal: é um Sacramento. Mas deve-se preparar com um verdadeiro catecumenato." (FRANCISCO, Catequese sobre os Mandamentos - 11/A. 24 out. 2018. Disponível em: Audiência Geral de 24 de outubro de 2018 - Os Mandamentos 11/A | Francisco. Acesso em: 05 mai. 2025).

[431] Conferir em DLFV, 2022, n. 7.

[432] Conferir em DLFV, 2022, n. 203; Conferir em CIC, n. 1632.

Compete, especialmente aos párocos, auxiliar nessa preparação ao matrimonial, de forma personalizada, e organizar os agentes de pastorais para tal acompanhamento. Com o olhar de Cristo, amoroso e compassivo, não somente o pároco, mas toda a comunidade envolvida na formação dos casais acompanhá-los, afinal, eles esperam uma orientação para superar as dificuldades enfrentadas. A convivência leva a partilhar, de uma maneira simples, as coisas da vida, os acontecimentos da vida - cada momento - momentos de alegria seja um gesto, um sorriso, uma oração, uma bênção ou, igualmente, momentos de tristeza e sofrimento, uma lágrima, um consolo. Toda a comunidade envolvida, disponível, ou melhor, demonstra o amor, o Amor de Deus. Esse agir se expande para toda a igreja, com o Corpo Místico, sacerdote e leigos.

Existe um ponto de partida, esse, deve ser em Jesus Cristo. O caminho do catecumenato se faz com o olhar em Cristo e na Igreja. Cristo como esposo e Igreja como esposa, mostra uma fundamentação nesse itinerário matrimonial. Para isso, o mistério pascal guarda a união de Cristo com a Igreja, do mesmo modo, faz-se assim, a união entre esposo e esposa no mistério pascal.

É possível olhar a paróquia como um todo, um panorama faz-se presente. A paróquia, a grande família é como um organismo vivo onde seus membros se integram**,** fazendo que todos façam parte do Corpo de Cristo. Seus membros, cada um com seus dons, contribuem, de uma maneira ou doutra, para que haja uma harmonia entre as pastorais, formando uma trama bem tecida, fios que se entrelaçam para formar o tecido da Igreja.

Nesse projeto de ajudar e acompanhar os noivos na preparação matrimonial, os casais mais experientes podem auxiliar com exemplo e formação. Esses casais, que já passaram por muitas dificuldades e desafios, podem direcionar melhor a preparação. Além do mais, o próprio testemunho de permanecerem juntos até que a morte os separe, mostra como é possível a vivência dos compromissos para sempre nessa vida. Portanto, vê-se sacerdotes e casais na parceria de evangelização no âmbito familiar. Os leigos não têm funções de sacerdotes, mas, também, os sacerdotes deixem trabalhar os leigos dentro da esfera matrimonial e familiar[433].

[433] Conferir em DLFV, 2022, n. 10. Papa Francisco aborda o tema dos casais afastados da Igreja, que com a preparação ao matrimônio volta a ela. Trata-se de um caminho de evangelização. “Hoje, mais do que nunca, esta preparação apresenta-se como uma verdadeira oportunidade de evangelização dos adultos e, muitas vezes, dos chamados distantes. Com efeito, são numerosos os jovens para os quais o aproximar-se das núpcias constitui uma ocasião para voltar a encontrar a fé, desde há muito tempo relegada às margens da própria vida [.] eles encontram-se num momento particular, caracterizado com frequência também pela disponibilidade a rever e a mudar a orientação da própria existência. [.] pode ser um tempo favorável para renovar o seu encontro com a pessoa de Jesus Cristo, com a mensagem do Evangelho e com a doutrina da Igreja” (FRANCISCO. Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana. 21

Desde o início do pontificado do Papa Francisco, ele insiste na renovação pastoral. Na *Evagelium gaudium* o Papa enfatiza que a renovação é tarefa eminente, e que se pode aplicar à renovação conjugal[434]. Aqui se refere a três momentos: "transversalidade, sinodalidade e continuidade" (DLFV, 2022, n. 11).

Por isso convém explicar cada palavra para ter a melhor aplicação no concreto das dioceses e paróquias em vista da união conjugal. Assim - transversalidade - significa que a pastoral da vida conjugal não deve ser confinada ao estrito campo do curso de noivos, mas atravessa muitas outras áreas pastorais e nelas está sempre presente. O que significa na prática é o trabalho coordenado pelo pároco com os agentes das pastorais dos grupos afins: pastoral da infância já abordando o tema vocacional, pastoral juvenil com grupos de discernimento e pastoral familiar auxiliando na preparação específica, todas elas precisam caminhar juntas, em sinergia[435].

A expressão – sinodalidade - define o *modus vivendi et operandi* específico da Igreja. A Igreja é comunhão e realiza concretamente esse ser comunhão caminhando juntos, coordenando todos os campos pastorais e participando ativamente, com todos os seus membros, na sua missão evangelizadora[436]. Não se trata de todas as pastorais pensarem da mesma forma, mas se trata de todos apesar de pensarem diferentemente em algumas vezes caminharem juntos para uma preparação e vivência da vida conjugal e familiar. Tanto a pastoral da infância como a juvenil

---

jan. 2017. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (21 de janeiro de 2017) | Francisco. Acesso em: 05 mai. 2025). "Os santos casais cristãos [.] são obra do Espírito Santo, que é o protagonista da missão, sempre, e já estão presentes nas nossas comunidades territoriais. [.] Pensemos no trabalho pastoral do catecumenato pré e pós-matrimonial: são estes casais que devem fazê-lo e ir em frente." (FRANCISCO, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*. 25 jan. 2020. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (25 de janeiro de 2020) | Francisco. Acesso em 15 de mai. 2025).

[434] "A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: 'fez-se sempre assim'. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para os alcançar, está condenada a traduzir-se em mera fantasia" (AL, n. 33).

[435] Conferir em DLFV, 2022, n. 12.

[436] Conferir em DLFV, 2022, n. 13. Para se aprofundar no tema ver a obra: COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja.* 2 de mar. 2018, n. 6. Disponível em: A sinodalidade na vida e na missão da Igreja (2 de março de 2018). Acesso em: 05 mai. 2025.

devem caminhar juntas com a pastoral familiar e a sua vez, a pastoral familiar promover iniciativas para as crianças e jovens. Por exemplo: o acompanhamento dos casais em atividades de crianças e de jovens da paróquia ou instituição eclesial.

O termo - continuidade – significa haver um processo e não ser algo esporádico. Pode-se mesmo falar num trabalho permanente da pastoral familiar na formação de uma pessoa até a vida conjugal. Existem diversas fases de desenvolvimento, humano e na fé, onde de forma gradual a criança e o jovem se desenvolvem na vocação; é necessário, para tanto, enraizar a vocação nupcial no caminho da iniciação cristã desde a infância (DLFV, n.14; AL, n. 206). A melhor opção é sempre pela família e pelos jovens, são eixos da Igreja e da sociedade. É preciso repensar a forma de acompanhamento, especialmente após o batismo, de modo que, em todos as etapas da vida, a pessoa humana possa encontrar sentido e uma vocação específica[437]. É preciso, além dos retiros, que são esporádicos, também encontros permanentes de discernimento e formação para desenvolvimento vocacional, em todas as vocações.

A proposta apresentada pelo Dicastério não consiste em um modelo a ser imposto como único meio de preparação dos noivos, mas, sim, um modelo proposto a inspirar os itinerários de preparação das Igrejas particulares e que tenham inspiração no catecumenato pré-batismal. O Dicastério reconhece ainda que há casos em que não se poderá ou se deverá seguir o catecumenato matrimonial, mas outras formas de preparação deverão ser encontradas em vista do casamento. O projeto deve ter alguns requisitos:

> Que dure tempo suficiente para permitir ao casal uma verdadeira reflexão e amadurecimento. Que, mesmo partindo da experiência concreta do amor humano, a fé e o encontro com Cristo estejam ao centro da preparação para o matrimônio. Que seja articulado em etapas, marcadas, quando possível e apropriado, por ritos de passagem celebrados em comunidade. Que englobe todos estes elementos (sem excluir nenhum): formação, reflexão, diálogo, liturgia, comunidade, oração, festa (DLFV, n. 16).

O documento apresenta um verdadeiro plano piloto de desenvolvimento, mas adaptado a cada realidade pastoral. Será oportuno, depois de ter elaborado o seu próprio itinerário de

[437] Conferir em DLFV, 2022, n. 15. "Família e jovens não podem ser dois setores paralelos da pastoral das nossas comunidades, mas devem caminhar estreitamente unidos, porque muitas vezes os jovens são aquilo que a família lhes proporcionou durante o período do crescimento. Esta perspectiva volta a compor na unidade uma pastoral vocacional atenta a expressar o rosto de Jesus nos seus múltiplos aspetos." (FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco a Loreto.* Loreto: 2014. Disponível em: Visita a Loreto: Encontro com os fiéis (25 de março de 2019). Acesso em: 15 abr. 2025).

catecumenato matrimonial, que a diocese/ eparquia o submeta a um período de prova e experiência. Num primeiro momento, deve ser submetido só em algumas paróquias (consoante a realidade pastoral). Assim de acordo com o resultado da experiência ser expandido para as demais. Existe uma realidade pastoral, mas, é preciso sempre ter em vista a questão do acolhimento. O acolher aos casais significa analisar cada caso sendo visto de maneira única, observando as necessidades de cada qual que busca o sacramento matrimonial, pois existe uma diversidade de realidades exigindo muitas vezes uma flexibilidade para que haja resultados positivos na formação dos casais (DLPV, 2022, n. 18).

Enfim, quando se fala de preparação ao matrimônio, não é uma catequese, propriamente dita, para uma iniciação cristã de adultos marcada pelos sacramentos fundamentais como no Batismo, Eucaristia e Confirmação (Crisma). Quem sabe isso aconteça, pois os noivos ou namorados chegam bastante despreparados ou com lacunas. Ou, talvez, cheguem casais que ainda não tenham mesmo recebido os sacramentos ditos de iniciação para a vida cristã católica, sendo necessário uma adaptação do itinerário inicialmente pensado. Nesses casos já existe na Igreja o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) [438]:

> O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos pode constituir um quadro de referência geral que pode servir de inspiração. Será particularmente importante salientar que vem antes e depois do catecumenato (respectivamente, primeira evangelização mistagogia) ; fazer com que a passagem de uma fase a outra seja marcada por um discernimento, por símbolos e ritos (onde não for desaconselhável por motivos culturais) ; haver uma clara conexão entre os outros sacramentos (batismo, eucaristia, confirmação) e o matrimônio. Tudo isso sem esquecer que a pedagogia da fé implica o encontro pessoal com Cristo, a conversão do coração e da vida prática, assim como a experiência do Espírito na comunhão eclesial (DLFV, n. 19).

Não pode existir algo simplesmente burocrático na preparação ao matrimônio. Quando se fala de itinerário se pensa em algo fixo para todos, porém, nem todos estão na mesma situação ou tem a mesma formação. O catecumenato auxilia na caminhada não apenas aos noivos como também às instituições eclesiais. O teólogo Andrea Grillo mostra no breve escrito abaixo sua preocupação com relação a essa visão. Sua consideração é válida, pois o matrimônio se tornou, em alguns casos, algo meramente jurídico. De fato, o percurso pode favorecer a isso, caso não seja

[438] Ritual de Iniciação Cristã de Adultos.

preparado de forma adequada. No entanto, não se pode tirar o mérito do percurso em si mesmo e do esforço das instituições, pois às vezes a forma burocrática pode ser o único canal dos noivos para se preparem minimamente ao matrimônio.

> Toda essa dinâmica de recuperação do *"gradus ad matrimonium"*, porém, não pode se identificar simplesmente com um caminho catecumenal. Essa leitura, assimilando o matrimônio ao batismo e à ordem, perde pelo caminho as razões da diferença do matrimônio em relação ao catecumenato de iniciação cristã e à formação em vista da ordenação. Em ambos os casos, de fato, não há uma dimensão natural e civil que colabora originalmente na definição do sacramento. O justo reconhecimento do "processo" não pode ser gerido com a absolutização do ato. Aqui, a tradição matrimonial católica ainda se deixa condicionar por uma lógica jurídica de um Estado moderno. Casar-se em Cristo é diferente de fazer o pároco registrar o ato. A intuição tridentina foi superada pelos eventos, há pelo menos 200 anos[439].

O acompanhamento ao matrimônio, por parte dos sacerdotes e dos casais mais experientes, deve ser adequado. Não se trata de passar na prova para casar-se, nem de repassar simplesmente conceitos morais, nem sequer dicas para estabelecer uma coabitação. Trata-se de um sacramento, uma aliança conjugal em Cristo e na Igreja. É preciso mostrar a bondade e beleza do matrimônio, valor e dignidade do sacramento em questão. Caso for necessário o acompanhamento deve ser individual, ou seja, com cada casal, pois algumas vezes, a situação concreta dos noivos requer uma atenção dobrada. Além disso, cuidar muito a linguagem, que seja apropriada, mas firme, gerando acolhimento e firmeza.

O documento destaca que os especialistas no âmbito matrimonial e familiar devem ser expressão de Igreja acolhedora que se põe ao lado dos mais fragilizados. As diferentes idades podem influenciar no acompanhamento, visto que não se pode acompanhar o casal jovem da mesma maneira que a um casal de idade mais avançada, pois as vivências e os desafios são diferentes. As palavras-chaves são adaptação e humanização na evangelização, depois se chega ao compromisso. Igualmente, o acompanhamento visa buscar esclarecer questões que possam surgir de ordem moral e ética.

No campo da ética matrimonial, convém ter especialistas nas diversas áreas. Certamente, nem todos podem acompanhar temas complexos sobre a vida, sexualidade, filhos, análise dos métodos de todo tipo. Os problemas morais abundam e se necessita uma abordagem mais bem

[439] GRILLO, Andrea. Matrimônio, primeiro e último dos sacramentos: uma questão antiga em 10 pontos. Artigo de Andrea Grillo. *Instituto Humanitas Unisinos.* São Leopoldo, 2022. Disponível em: Matrimônio, primeiro e último dos sacramentos: uma questão antiga em 10 pontos. Artigo de Andrea Grillo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 11 ago. 2025.

apurada, pois o que for dito, pode ser a única fundamentação ética que o casal terá na vida conjugal e que terá consequências positivas ou negativas a partir das escolhas. Existem temas diversos de cunho ético e moral os quais não se sentem capazes de abordar, assim são orientados a buscarem pessoas peritas, de modo particular, pessoas de formação cristã que possam auxiliar os casais, pois algumas questões têm um caráter demasiadamente sério (DLFV, 2022, n. 21-22).

É necessário colocar ritos na formação dos casais. O que for definido como ritos nesse itinerário matrimonial tem como função delimitar o que está acontecendo ou o que há de vir, portanto marcam etapas. Os símbolos também têm uma função pedagógica na preparação ao matrimônio, sendo que eles evocam a experiência divina em contato com o humano. Além disso, a parte mais importante é o contato com Deus daqueles que se prepararão para a vida conjugal, sem Deus nada se é, nada se tem.

> Ao longo do itinerário, os ritos têm a função de marcar a conclusão de uma etapa e o início da fase seguinte, e podem ser o lugar adequado para manifestar livremente a vontade de prosseguir no caminho, ritmando assim o aprofundamento gradual do percurso. Além disso, o rito marca a compenetração gradativa entre o crescimento dos noivos na fé e no amor recíproco. Entre os ritos a serem considerados, antes de chegarem ao rito matrimonial propriamente dito, pode haver: a entrega da bíblia ao casal, a apresentação à comunidade, a bênção dos anéis de noivado, a entrega de uma "oração do casal" que os acompanhará no seu caminho. Deve-se avaliar a conveniência destes, segundo a realidade eclesial local. Cada rito pode ser acompanhado por um retiro, que pode tornar-se uma ocasião de discernimento e de decisão quanto a prosseguir ou não rumo à etapa seguinte, em diálogo espiritual com a equipe dos acompanhadores. Nos primeiros anos de vida matrimonial, pode-se sugerir a entronização de um "altar familiar", um lugar da casa onde os esposos e os filhos possam se recolher em oração (DLFV, n. 23).

O teólogo Andrea Grillo coloca alguns elementos que precisam nossa atenção na preparação e acompanhamento do matrimônio. O olhar vai dirigido às instituições eclesiais ao buscar uma melhor formulação doutrinal enfatizando o Evangelho e a Palavra de Deus. Porém, considera-se, igualmente, os noivos levando-os a refletir nas palavras do rito sacramental professadas no momento essencial da cerimônia matrimonial. Grillo sugere uma especial atenção à escuta da Palavra de Deus e a liberdade interior dos noivos:

> A linguagem da liberdade de consciência, da história do sujeito e dos seus laços e da transformação da intimidade podem se tornar, hoje e amanhã, novas obras-primas de custódia e de transmissão da Palavra de Deus sobre o matrimônio. Para que isso possa acontecer, é necessário superar a rígida e forçada contraposição entre objetividade sacramental e subjetividade do consentimento e da consumação. Acredito que só assim

> seremos capazes de servir a Palavra de Deus *"propter homines"*. De um lado, portanto, realmente precisamos retornar ao Evangelho e à Palavra de Deus, antes que à doutrina eclesial. Mas, de outro, temos uma necessidade urgente de uma melhor formulação doutrinal, para honrar verdadeiramente a Palavra de Deus nas categorias culturais a ela mais adequadas[440].

A partir desse momento serão retomadas as diferentes fases anteriormente inseridas no esquema no início do capítulo. À guisa de verificação, de forma panorâmica e esquemática, como um caminho progressivo ao matrimônio, o Dicastério apresenta a seguinte proposta:

Fase pré-catecumenal: preparação remota

- Pastoral da infância.
- Pastoral juvenil.

Fase intermediária (algumas semanas) : tempo de acolhimento dos candidatos

- Rito de ingresso no catecumenato (ao término da fase de acolhimento).

Fase catecumenal:

Primeira etapa: preparação próxima (cerca de um ano).

- Rito do noivado (ao término da preparação próxima).
- Breve retiro de ingresso na preparação imediata.

Segunda etapa: preparação imediata (alguns meses).

- Breve retiro de preparação para o casamento (a poucos dias da celebração).

Terceira etapa: os primeiros anos de vida matrimonial (2-3 anos).

- *Acompanhar os casais em crise*[441].

**Encontros de preparação dos noivos para o matrimônio*[442].

[440] GRILLO, Andrea. *Qual matrimônio e qual tradição? Artigo de Andrea Grillo.* Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2014. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/?id=537147. Acesso em: 10 ago. 2022.

[441] "Acompanhar os casais em crise" não faz parte das etapas do catecumenato matrimonial, porém, é um roteiro proposto pelo Dicastério.

[442] Mesmo que não faça parte do roteiro proposto pelo Dicastério, entre a preparação próxima e imediata do capítulo, se coloca um percurso de encontros dos noivos para a preparação ao matrimônio, que termina na celebração do sacramento.

Sobre alguns esclarecimentos na preparação ao matrimônio, emerge o fato do itinerário ser feito por casais que já vivem juntos, têm filhos e estão casados somente no civil. Para o matrimônio religioso é necessário um mínimo de fé. Por isso, a evangelização nesses casos se empenha no amadurecimento do batismo e eventuais sacramentos recebidos. A Igreja precisa pensar numa pastoral evolutiva, onde esses casais possam se preparar para o matrimônio na Igreja. O documento visa uma nova proposta respondendo às necessidades de diferentes realidades familiares que surgiram na sociedade nas últimas décadas. Casais desejosos de "Casar-se no Senhor" se aproximam da Igreja e do sacramento do matrimônio. Dado que existem ritos a serem seguidos, não obstante, nunca deve existir pressão para o matrimônio na Igreja. Os ritos estão de acordo aos tempos e lugares, onde se considera a cultura local como fonte de realismo. Mesmo sendo o matrimônio um ato público, o noivado não tem caráter de casamento. Por isso, a Igreja deve prestar atenção em não confundir ou pressionar as pessoas no itinerário matrimonial (DPLV, 2022, n. 25-26).

No documento Itinerários Catecumenais para a vida matrimonial, o Dicastério apresenta as linhas gerais que nortearão o conteúdo temático para cada fase e de que maneira poderá ser trabalhada, considerando as diversas realidades. É importante ressaltar que se trata de um modelo geral e cada Igreja particular adequará à sua realidade e poderá incrementar e adaptar conforme seu contexto local.

A fase pré-catecumenal, como preparação remota, além das atividades próprias voltadas ao seu objetivo, poderá estar em íntima relação com o tempo de catequese das crianças e dos adolescentes, onde, em tempo oportuno, no itinerário formativo poderão ser tratados os temas pertinentes ao sacramento do matrimônio e à vida familiar.

Essa iniciação ao sacramento do matrimônio de maneira catecumenal quebra paradigmas em relação ao estilo de preparação à maneira de cursos preparatórios e de curta duração. Isso exigirá uma mudança de mentalidade, sobretudo dos pastores e dos agentes de pastorais, que resultará na mudança da práxis pastoral. Desse modo, primeiramente, é preciso compreender a natureza e a metodologia do processo catecumenal para, depois, elaborar itinerários próprios e condizentes com cada realidade, contemplando as diversas situações dos casais que procuram o matrimônio cristão.

Como contribuição à fase de preparação mais imediata que visa iniciar os noivos à linguagem simbólico-ritual da celebração do matrimônio para que, entendendo bem os ritos e as preces, participem conscientes e ativamente da celebração, propomo-nos visitar e analisar o Ritual do Matrimônio, oferecendo elementos que contribuam com tal escopo.

Sempre a parte doutrinal da Igreja deve ser motivada por elementos racionais e sobretudo de fé, principalmente, indo às origens do coração humano. Não se trata de legalismo ou cumprir por cumprir, a Igreja mostra seu lado de mãe, guiada pelo Espírito Santo. A centralidade da pessoa humana deve nortear as reflexões sobre matrimônio e a família.

> A motivação doutrinal de fundo que inspira o documento-guia nasce da convicção de que o sacramento do matrimônio é um bem que tem a sua origem na Criação e que, por isso, afunda as suas raízes na natureza humana. "Não lestes como o Criador, no princípio, os fez homem e mulher? E disse: Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá com a sua mulher, e os dois serão uma só carne." (Mt 19, 4-5). Portanto, aquilo que a Igreja realiza em favor da família e do matrimônio contribui certamente para o bem da sociedade, enquanto tal, e de todas as pessoas, porque o matrimônio cristão, mesmo na sua expressão de novidade de vida, realizada pelo Cristo Ressuscitado, exprime sempre a verdade do amor conjugal e é como uma profecia que anuncia, claramente, a verdadeira exigência do ser humano: homem e mulher, chamados, desde a sua origem, a viver na comunhão de vida e de amor e na complementaridade que levam a conseguir a promoção da dignidade humana dos cônjuges, o bem dos filhos e o bem da própria sociedade, com "a defesa e a promoção da vida tarefa e responsabilidade de todos" EV, n. 91 (PCF, 1996, n. 7)[443].

O Ritual do Matrimônio explicita que é preciso uma preparação para o sacramento do matrimônio. Um processo que começa desde crianças, adolescentes chegando à fase adulta com algo mais pessoal. É importante que se faça uma assistência aos noivos, mas, igualmente, aos já casados. Assim, em outras palavras, o Ritual do Matrimônio ratifica a importância da proposta do documento *Itinerários*, pois há coincidência em alguns pontos:

> Os pastores devem zelar para que, na própria comunidade, esta assistência se preste sobretudo: 1) com a pregação, com a catequese apropriada às crianças, aos jovens e aos adultos, usando até os meios de comunicação social, pelos quais sejam os fiéis instruídos sobre o sentido do Matrimônio e o papel dos esposos e pais cristãos; 2) com a preparação pessoal para a celebração do Matrimônio, pela qual os noivos se disponham para a santidade e os deveres de seu novo estado; 3) com a frutuosa celebração litúrgica do Matrimônio, na qual se manifeste claramente que os esposos simbolizam o mistério da união e do amor fecundo entre Cristo e a Igreja, e dele participam; 4) com a assistência

[443] A Igreja entende que o sacramento do matrimônio tem origem na criação de Deus e se confirma na redenção de Cristo.

> prestada aos casados para que, guardando e defendendo fielmente a aliança conjugal, cheguem a levar, na família, uma vida cada vez mais santa e plena (RM, n. 14).

As dioceses e paróquias, sobretudo a pastoral familiar, devem incentivar esse percurso do matrimônio. Por outra parte, os casais que se preparam para o matrimônio ou que querem um melhor acompanhamento devem buscar os meios e se colocarem à disposição do catecumenato. Depois de esclarecer a importância da estrutura do itinerário matrimonial faz-se necessário aprofundar cada etapa e processo, de modo que não pareça algo forçado ou imposto, mas algo querido e meditado. O efeito positivo do percurso matrimonial vai depender da proposta das instituições eclesiais e da disposição dos casais.

5.2 Fase pré-catecumenal: preparação remota

Depois de definir o que é catecumenato matrimonial e sua importância é necessário analisar e refletir sobre a fase pré-matrimonial: preparação remota. A Igreja e o casal, como pais, precisam fazer juntos para o desenvolvimento concreto nessa fase. Todo esforço é válido, pois o que está em consideração é um sacramento cuja decisão vai mudar toda uma história de vida de uma criança ou adolescente. Enfim, os pais e a Igreja precisam estar juntos na conscientização do matrimônio. A Igreja pela pastoral da infância e a pastoral juvenil dará o suporte necessário na preparação remota.

Inicialmente, na preparação remota a pastoral da infância tem lugar fundamental, desse modo, se pode aplicar o que diz Guardini. Ele mostra um pensamento agudo com relação ao nascimento e infância da criança. Ele divide dois momentos: a vida no seio materno e o cinturão de segurança. No seio materno, o bebê depende da mãe e dos estímulos externos. O cinturão de segurança é o que a criança precisa ao nascer. Falando do ponto de vista ético, especialmente para os pais, em concreto à mãe na gravidez: "Nesta fase, os deveres éticos recaem pela sua própria natureza sobre os pais, principalmente sobre a mãe, abrangem os problemas fisiológicos, o comportamento afetivo, a entrega interior pela solicitude e pelo amor, a própria por ocasião do nascimento"[444]. Portando, a preparação remota começa no matrimônio e na família, abertos à vida

[444] GUARDINI, 1990, p. 15. O texto a seguir vêm com um comentário de nota de rodapé sobre a importância do matrimônio para os filhos: Um desses deveres, e talvez o principal, é a plena aceitação da criança por nascer, e daí deriva a importância fundamental do matrimônio legítimo e da sua abertura incondicional para a vida. Crianças nascidas fora do casamento ou não queridas ("o bebê veio cedo demais", "não queríamos ter mais filho, mas o método

e desejando o nascimento dos filhos, pois assim, se sentindo amado, terá capacidade de discernir que vocação seguir na vida. De fato, a vocação é fruto de amar e ser amado, independentemente de escolha.

Guardini explora também o cuidado ético ao recém-nascido. A criança precisa da presença dos pais: "a criança não tem sequer a noção de insegurança, porque os seus pais representam para ela toda autoridade, proteção e providência."[445]. No período da infância, a tarefa dos pais, além de cuidar da saúde de seus filhos, cuidam também do imaginário das crianças. O mundo exterior e interior se confundem. A distinção do mundo vem com o tempo. [446]. No campo da ética e dos valores, tanto os pais, quanto a Igreja, em diversas formas, devem se desenvolverem nos cursos de batismo (pais e padrinhos) e na pré-catequese, sempre buscando a própria formação e das crianças, favorecendo o lúdico às crianças. Por isso, a educação da fé e dos valores são importantes desde cedo na vida.

O primeiro passo é levar a criança para ser batizada, onde a responsabilidade direta recai, conforme as normas da Igreja (CDC, cân. 67). "O santo Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito e a porta que abre o acesso aos outros sacramentos" (CIC, n. 1213). Depois, a criança deve iniciar os sacramentos de iniciação cristã, incentiva pelos pais ou educadores: Batismo, Eucaristia e Crisma. O desenvolvimento da iniciação cristã, de pôr si, já fonte de preparação para fecundo discernimento vocacional, especialmente ao matrimônio.

Nas dioceses, nas paróquias ou nas realidades eclesiais devem ser implantadas as iniciativas de acompanhamento aos pais e aos padrinhos para o batismo de seus filhos e afilhados. Da mesma forma, no curso de noivos é necessário oferecer uma formação sobre os deveres e obrigações para os futuros pais e padrinhos na caminhada de fé e valores da criança. Aproveitando esse momento de encontro e de formação, é preciso colocar o tema do discernimento vocacional para que pais e padrinhos estejam abertos ao chamado do Senhor a seus filhos ou afilhados, incentivando-os dentro de seus lares e no ambiente familiar. Em algumas casas, encontram-se, inclusive, pequenos altares com imagens e objetos de devoção para introduzir o clima de oração. Nada mais bonito que incentivar as crianças a buscarem à oração, pedindo a Deus pelo próprio discernimento vocacional.

não funcionou") sofrem necessariamente pela vida fora as consequências dessa rejeição pré-natal.
[445] *Ibidem.*, p. 16.
[446] *Ibidem.*

Sendo a criança indefesa dificilmente irá para a Igreja sozinha, é papel dos pais padrinhos, avós e tutores levarem-na. Antes de fazer a catequese de preparação à Primeira Comunhão, é conveniente ter encontros de pré-catequese, dentro da instituição eclesial. Assim, com formadores adequados, as crianças poderão aos poucos serem introduzidas na experiência do amor de Deus e nos ensinamentos da Igreja, sempre de forma lúdica e leve, disponibilizando um material adequado para atendê-las, especialmente numa pré-catequese.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) escreve sobre a importância da preparação remota na vida matrimonial. A paróquia é uma excelente escola para a preparação remota ao matrimônio, pois evangeliza as etapas da vida. "Preparação remota: começa na primeira etapa da vida, no seio do lar. Aproveita as oportunidades que a comunidade paroquial oferece aos jovens" (CNBB, 2005, n. 264). Também, a sociedade como um todo é fonte de preparação, pois o cristão é cidadão do mundo. Essa postura, "abrange um período bastante grande da vida do ser humano como cidadão e cristão. Tem o seu início no seio da família e percorre o caminho da escola, da catequese da primeira eucaristia e crisma" (CNBB, 2005, n. 264).

É preciso que desde o início da vida exista cuidado de preparar as pessoas para o desenvolvimento integral. "Desde criança o cristão necessita encontrar na família uma motivação baseada no Evangelho, que a ajude a criar um ideal de vida fundamentado no amor e na solidariedade" (CNBB, 2005, n. 265). Desde tenra idade, o cuidado da pessoa humana reflete especialmente na afetividade e sexualidade, aspectos importantes no desenvolvimento matrimonial. "Nesse período é muito significativo criar condições para a formação integral dos adolescentes e jovens para a educação da afetividade e da sexualidade humana" (CNBB, 2005, n. 266)[447]. De fato, existem muitas feridas, causadas pelos meios de comunicação social, na idade da criança, do adolescente e do jovem que depois impede de construir um matrimônio e uma família cristã. E quem perde diante disso são as pessoas, mas, também, a Igreja e a sociedade.

> Também é importante aproveitar a oportunidade daqueles que já frequentam os movimentos e grupos de jovens da comunidade, para lhes oferecer um fundamento da preparação para o matrimônio. À luz dos ensinamentos do Evangelho e do Magistério da Igreja, formem a sua consciência crítica com relação às falsas ideias e imagens veiculadas

[447] Para aprofundar ir ao texto: PCF, 1996, n. 65-70.

> pelos meios de comunicação social: estes ferem a identidade do matrimônio e da família segundo o projeto de Deus. Nessa matéria é preciso ser claro: sem medo, colocar no seu devido lugar atitudes e mentalidades comuns no meio social, mas contrárias à lógica do Evangelho. Jesus também não foi aceito com facilidade. As suas exigências desafiavam e chocavam as pessoas de sua época (CNBB, 2005, n. 266).

Na preparação remota o discernimento vocacional se prepara desde cedo. Não se pode buscar a plenitude vocacional, seja no matrimônio, na vida religiosa ou num chamado de serviço sem o devido acompanhamento nos valores humanos e espirituais. A Igreja procura estar presente nas necessidades do indivíduo, auxiliando, orientando para que não desvie o percurso, que se mantenha com o olhar fixo em Deus, objetivo final. Usando a linguagem bem atual do amor, zelo e cuidado, a mãe Igreja está presente.

> O Papa João XXIII abriu o concílio libertando a alegria irreprimível da Igreja de ser mãe universal: *gaudet mater ecclesia*. O ícone da Igreja mãe não é apenas uma expressão de ternura e caridade, mas também possua força de ser guia e mestra. O próprio Papa associou a denominação de mãe à de mestra, pois "a esta Igreja, coluna e fundamento da verdade," (1Tm 3, 15) o seu Fundador santíssimo confiou uma dupla missão: de gerar filhos, e de os educar e dirigir, orientando, com solicitude materna, a vida dos indivíduos e dos povos, cuja alta dignidade ela sempre desveladamente respeitou e defendeu[448].

Na carta às famílias, *Gratissimam sane,* o Papa São João Paulo II coloca que o homem em seu existir segue diferentes estradas, sendo a primeira e mais importante a família. No seu existir, o homem está ligado a uma família. Desde seu nascimento, ocupa seu espaço e importância dentro de uma família. Não se pode falar em um ser humano sem família. A falta dessa prejudica o desenvolvimento psicoafetivo do indivíduo, levando a danos para toda a vida.

Assim, a Igreja sabe bem da importância da família com relação ao indivíduo e à sociedade como um todo. Por essa razão, a Igreja busca fazer um monitoramento à família, como organismo vivo, para que haja um melhor desempenho e harmonia de seus membros entre si e, em relação a sua missão na sociedade. Enfim, seu agir na família maior, a humanidade.

A Igreja tem consciência das dificuldades enfrentadas pela família. Tanto quanto os indivíduos são diferentes, a família também o é. Não há como idealizar a família, as diversas

[448] CONGREGATION FOR CATHOLIC EDUCATION. *The identity of the catholic school for a culture of dialogue*. Vatican City: 2025, n. 8. Disponível em : Instruction "The Identity of the Catholic School for a Culture of Dialogue (25 January 2022). Acesso em : 11 de mai. 2025. Para se aprofundar no tema: JOHN XXIII. Mater et magistra encyclical of Pope John XXIII on christianity and social progress. Roma: 1961, n. 1. Disponível em: Mater et Magistra (May 15, 1961) | John XXIII. Acesso em: 11 de mai. 2025.

realidades devem ser vividas e aceitas, podendo auxiliar para que haja o elemento principal em seu meio o amor de Deus.

> A preparação remota precede o itinerário catecumenal propriamente dito. Ela visa, desde a infância, "preparar o terreno" no qual poderá germinar a futura vocação à vida conjugal. Prepara-se bem o "terreno" quando se infunde nas crianças o apreço por todo valor humano autêntico; quando se cultiva a estima de si e dos outros; quando se ensina o autodomínio mesmo nas pequenas coisas, reto uso das próprias inclinações, o respeito para com as pessoas do outro sexo e a dignidade de todo ser humano em geral (DLFV, 2022, n. 27)[449].

O amor se expande em duas vertentes, amor a Deus e amor ao próximo em outras palavras, seja por amor a Deus ou a si mesmos, o casal se doa. O amor não se limita às paredes de uma casa, do santuário - a igreja, fisicamente falando, pois não há mais limites. O expandir do amor é percebido saindo do lar, onde há a comunhão da família, indo à comunidade paroquial, à sociedade, ao mundo. No caminhar do homem semeando amor em sua existência, a Igreja o acompanha: É antes de tudo a Igreja Mãe que gera, educa, edifica a família cristã, operando em favor a missão da salvação que recebeu do Senhor[450].

Numa vasta e complexa experiência relativa à família, no mundo, povos e países diversificados, a Igreja permanece sempre como via onde a família, sofrendo crises internas devido a problemas culturais, sociais e econômicas nocivos ao seu compromisso, podem se apoiar e buscar restabelecer sua estabilidade e harmonia. Ao se pensar o que significaria isso a via da Igreja, imediatamente, vem à mente a família como canal para que Deus chegue ao mundo. Mas, para isso, inicialmente a família, igreja doméstica, expressão muito utilizada, deve conhecer, ter consciência do amor de Deus, assumir que Cristo morreu para cada um e ser porta-voz de Cristo à família maior, a humana.

Portanto, a Igreja e a família, no caso, o casal assume o compromisso de levar a prole a descobrir a presença de Cristo na existência, no dia a dia, conduzindo e preparando seus filhos aos sacramentos. Torna-se um ciclo, pois, o casal antes de serem adultos e terem decidido pelo

[449] A expressão 'preparar o terreno' é educar e acompanhar as crianças, adolescentes e jovens para tomarem boas decisões quando tiverem a capacidade.
[450] Conferir em FC, n. 49.

sacramento do matrimônio foram crianças e receberam também uma orientação em suas existências.

Mais do que catequistas, pois dão ênfase aos ensinamentos da Igreja, tradição, magistério, os pais devem ser imitados. Faça o que digo, mas não faça o que faço - não. Ao contrário, os pais são exemplos para a criança. O dia a dia, o cotidiano vai pontuando a vida da criança, que em sua sensibilidade percebe palavras, gestos dos pais.

Coloca-se o exemplo da Sagrada família seu cotidiano, Maria em seus afazeres domésticos: preparo de alimentos, limpeza da casa, cuidado com os animais entre outros, enquanto José preocupava-se em prover a família com seu trabalho de carpinteiro. Jesus por sua vez foi criança, adolescente, adulto, desenvolvimento normal, humano.

O papel dos pais também é fundamental, pois ensinam como ter princípios morais e éticos. Coloco como exemplo o relacionamento de São José com Jesus – paternidade humana. Foi um exemplo de virtudes e Jesus, com certeza se inspirou em seu pai adotivo para agir. José ensinou Jesus uma profissão, assumir seu papel de ser homem. São José ensinou a Jesus o que está certo e o que é errado, o educar. José ensinou Jesus todo um contexto cultural, social a viver a realidade, as dificuldades do cotidiano, uma experiência humana para Deus. E, por sua vez, o menino Jesus apreendeu e obedeceu, escutou os ensinamentos de seu pai humano. Quantas vezes, José foi com Jesus ao templo e ensinou a fazer o sacrifício, as escrituras sagradas, o temor às coisas sagradas. Jesus, como adulto, sua parte humana, soube se colocar, teve atitudes firmes, assumiu suas obrigações.

Desde criança, o valor moral é exigido é de responsabilidade dos que já cresceram, ou seja, pais, avós, dos irmãos mais velhos, dos professores e educadores, pois a criança é um ser em crescimento.

> A preparação remota abrange a infância, a pré-adolescência e a adolescência e desenvolve-se, sobretudo, no seio da família, com a ajuda da escola, dos movimentos juvenis e dos grupos apostólicos. [.] Este período deve ser caracterizado pela transmissão, ou melhor, pela imersão de valores humanos autênticos no espírito dos jovens. Entre eles, contam-se a compreensão do valor de toda a vida humana, a responsabilidade nas relações interpessoais e sociais, a formação do caráter, o domínio de si mesmo e a aprendizagem do significado da sexualidade como dom e responsabilidade (FC, n. 66).

Na preparação remota ao matrimônio, após se falar da pastoral da infância, é preciso dizer algo, também, sobre a pastoral juvenil, que passa pelo período da adolescência. Guardini mostra de forma atenta a crise da adolescência, que é passagem da infância para a juventude. No contato

com o mundo exterior, muitas vezes se torna agressivo. “A segurança moral também vai perdendo consistência. Experiências às vezes muito precoces tornam clara para a criança a diferencia entre amigável e hostil. A prende a distinguir os padrões de comportamento úteis dos nocivos; a reconhecer objetivos e a atingi-los; a distinguir entre o bem o mal, a esforçar-se por obter o que justo, e assim por diante”[451].

São dois elementos, segundo Guardini, que causam a crise decisiva da adolescência: a autoafirmação individual e o instinto sexual. “A crise da autoafirmação propriamente dita começa com despertar da personalidade, com a consciência de se ser alguém diferente dos outros” (GUARDINI, 1990, p. 19). Tomar cuidado, nesse período da vida, com a rebelião contra a autoridade de qualquer forma, na desconfiança do que outros dizem, por pensamentos loucos e nas tendências da moda. O adolescente se torna uma pessoa livre e responsável, elabora um juízo pessoal do mundo,[452] de acordo as orientações corretas dadas pelos educadores chegando a ser “um jovem adulto preparado para assumir o seu ser pessoal.” Sem dúvida, trata-se de uma mudança interior, uma evolução profunda. A outra causa da crise é o despertar sexual. Nesse período, o instinto sexual pressupõe formas de individualidades, ou seja, de duas pessoas de sexos opostos. Também, toma forma de capacidade de procriar e conceber. Nesse momento, “os rapazes e moças são mais dificilmente acessíveis às instruções autoritárias e às influências morais e religiosas” (GUARDINI, 1990, p. 21). Além disso, a intimidade do adolescente fica em reserva, propiciando as fantasias e dissimulações. A tarefa do educador é que a realidade da vida seja respeitada e seja preservada a ordem geral das coisas, a saber, que os adolescentes se aceitem como são e que sejam regidos pela égide de honra[453], observando a dignidade, decoro e respeitando os princípios éticos e morais. Em suma, trabalho a ser realizado pelos pais, educadores e pelos próprios adolescentes Guardini aponta alguns riscos caso tudo isso não seja cumprido, trazendo consequências e atingindo diretamente o matrimônio:

> No que diz respeito a personalidade, há o perigo de o adolescente não dar o passo certo em direção à independência E continuar dependente, ou de persistir na rebelião e não aprender o que é a ordem livremente consentida. Quanto à vida sexual, o de não encontrar coragem suficiente para “atravessar o Rubição”, vindo incapaz de tornar-se pai (ou mãe) no pleno

[451] GUARDINI, 1990, p. 19.
[452] Conferir em GUARDINI, 1990, p. 20-21.
[453] *Ibidem.*, p. 21-22.

> sentido da palavra; ou ainda o de se entregar ao sexo como mero animal e não conseguir ter acesso ao verdadeiro amor, dentro dos parâmetros de honra e da responsabilidade[454].

No âmbito vocacional a distinção entre o bem e o mal ajuda tomar a decisão certa na vida. Se a consciência está bem formada, nos valores éticos e religiosos, a opção fica condicionada ao amor verdadeiro e a entrega da vida para Deus e ao próximo. Por isso os pais e a Igreja precisam ter o tato para acompanhar, desde o ponto de vista ético e religioso, para favorecer um futuro discernimento vocacional.

O tema vocacional é pouco explorado nas famílias. Os casais encaminham na vocação religiosa e sacerdotal dos filhos e filhos que Deus lhes regalou. Na realidade, descobrir a própria vocação nada mais é que ser feliz no mundo. Independentemente da vocação, o servir e doar-se a Deus e aos irmãos deve estar em questão, pois faz parte da essência do ser humano[455].

Os pais assumem seu papel de mostrar o contexto religioso. De pequenininha, os pais já levam a criança para a igreja. É bonito ver os pais mostrarem, ensinam para as crianças como cumprimentar o altar, o sacrário, já fazem o sinal da cruz. E mais, os pais as esperam repetirem os gestos. Elas observam e concretizam o mesmo gesto. No decorrer da celebração da santa Eucaristia, igualmente, eles se ajoelham, levantam-se, silenciam-se, fazendo como todos. Chegam até acompanhar os pais na fila da comunhão, e observam quando os pais comungam e perguntam: Quando vou poder estar com Jesus? Realmente, percebe-se como é importante o ir à Missa e confessar sua fé, simplesmente, exemplo.

Enfim, as crianças já não seguem o exemplo dos pais, porém de todos, a assembleia. Todos orando, sendo concelebrantes do mistério de Deus. Ao terminar a celebração, vão ao celebrante receber a água benta e novamente, as crianças vão ao encontro de Jesus, quando fazem questão de esperar o celebrante para abraçá-lo.

Observa-se a necessidade levar à criança o sacramento da Eucaristia. Decerto, a graça que é dada neste sacramento atinge não apenas a criança que vai começar uma história pessoal com Cristo, mas a todos que o recebem, aos pais que participam deste diálogo com Cristo. É o Cristo dentro da família participante de todos os momentos, o estar em família. Presença de Cristo entre

---

[454] GUARDINI, 1990, p. 22.
[455] É de grande ajuda nessa tarefa o subsídio pastoral elaborado pelo: PCF, 1995.

os membros da família, pais, filhos, avós, amigos, comunidade igreja doméstica e igreja comunidade paroquial e vai mais além, sociedade, humanidade, convida a todos a estar com Jesus vivo. Alimentar a criaturinha com o material, mas sobretudo com o alimento espiritual. sacramento que os próprios pais se utilizam para se fortalecer em sua missão ser casal, mulher-marido, mãe-pai conduzir sua família, todos ao seu redor ao Cristo.

Novamente, entram os pais para atentar em seu papel e conduzir, levar seus filhos aos sacramentos para chegar mais a Deus. Empreender o caminho, para chegar mais perto do objetivo final as coisas eternas. Nota-se que as dificuldades dos pais em levarem seus filhos aos sacramentos começa mesmo na primeira comunhão. Existe o aspecto da personalidade da criança. Porém, o que norteia todo o conflito se resume à necessidade de haver uma coerência entre o falar e o agir dos pais. No trilhar da existência, o ser humano se desenvolve físico-psicologicamente nas diferentes fases da vida, mas também, ao receber os sacramentos orientados pelos pais, há o amadurecimento espiritual da fé, de sua missão já como batizado.

Em outras palavras, do sacramento do matrimônio recebido pelo casal há uma linha que conduz aos demais sacramentos, trabalhados entre o próprio casal e, do casal com os filhos, a família na presença de Cristo. Os pais desempenham, de fato, o sacerdócio laical recebido no próprio sacramento do batismo quando no início de suas vidas. Quando chegam ao sacramento do matrimônio já experienciaram os outros sacramentos do batismo à eucaristia, da reconciliação à crisma.

Percebe-se a importância do casal, já no seu papel como pais trabalhando nesse itinerário pré-catecumenal: preparação remota. Uma vez mais, as pessoas que estão ao redor fazem toda a diferença no suportar o jovem, no sentido mais amplo de apoiar, de dar segurança e, muitas vezes, mostrar o que ele pode esperar em sua vida futura, afinal decisões que afetarão o resto da sua vida.

Passando de um sacramento a outro, passando de uma fase a outra da existência humana. Guardini situa que se passa da crise da adolescência à fase de jovem antes de se chegar ao adulto depois da crise da adolescência, ultrapassada essa crise, surge a forma vital do jovem.

> O jovem que atravessou a crise dos anos de desenvolvimento entrou em contacto com o seu próprio ‘eu’ e procura tornar-se senhor de si próprio. Posiciona-se, e a partir dessa posição que assumiu enfrenta o mundo e nele inicia o seu trabalho. Ganhou consciência

> das suas forças vitais e sente que elas contêm promessas de desenvolvimento e de experiência. Mas percebe também que contêm desafios: a tarefa de orientar essas forças segundo uma atitude afirmativa, de discipliná-las, dirigi-las e organizá-las para que o levem às realizações autênticas[456].

A adolescência é um momento da vida que o ser humano se vê com uma energia vital em expansão em que a força da personalidade está em definição e, ao mesmo tempo, há algo que restringe levando o jovem a perceber a falta de experiência da realidade. O momento em que algumas aptidões transparecem e muitas vezes, se esvaem, pois são apenas entusiasmo momentâneo, própria afirmação dessa juventude. Ou, ainda segundo Guardini:

> Este é também o período em que a poderosa sensação de incondicionalidade faz nascer a coragem de tomar resoluções que serão decisivas para o resto da vida, como por exemplo a escolha da profissão. Muitas vezes, é um verdadeiro salto no escuro, porque se dá um passo que determinará todo o futuro, num momento em que não existe ainda uma visão lúcida da realidade, quer das próprias aptidões, quer das circunstâncias ambientais; e torna-se especialmente difícil quando concorrem fatores externos que contrariam a opção desejada ou quando uma multiplicidade de aptidões dificulta a decisão interior[457].

Dessa forma, o jovem "deve, portanto, aprender a pensar e a julgar por si mesmo. Deve adquirir uma saudável desconfiança em relação às receitas prontas, teóricas ou práticas. Deve afirmar-se na sua liberdade"[458]. O jovem, quando surge o amor, precisa também de tomar decisões que afetam outras pessoas. No sentido mais amplo, não se trata de apenas uma atração física ou algo sentimental, algo que interfere no próprio existir e sim, algo que pode levá-lo a se libertar dos laços iniciais de sua célula inicial, a família e, conduzi-lo a um novo núcleo central, criado por ele mesmo.

O desafio de hoje é dar aos jovens uma educação da sexualidade e da afetividade adequada por meio de pessoas que os acompanhem, sejam especialistas, sejam pessoas de formação cristã ou com projetos de pastorais, posto que a família deixou de ser o único lugar da afetividade.

> Para os jovens, existem dois perigos: por um lado, a propagação de uma mentalidade hedonista e consumista que retira deles toda capacidade de compreender o significado belo e profundo da sexualidade humana. Por outro lado, a separação entre sexualidade e o "para sempre" do matrimônio. Os programas de educação da afetividade e da sexualidade - no horizonte de "uma educação sexual positiva e prudente", que são propostos aos jovens "à medida que vão crescendo" (AL, n. 280), não devem se limitar apenas ao horizonte do amor, já que, na interpretação cultural dominante, amor é compreendido principalmente no sentido romântico: mas devem ser inseridos em uma clara visão

[456] GUARDINI, 1990, p. 23.
[457] *Ibid.*, p. 26.
[458] *Ibid.*, p. 34.

> conjugal do amor, entendido como doação recíproca dos esposos, como um saber amar e deixar-se amar, como um intercâmbio recíproco de afeto e de acolhida incondicional, como um saber alegrar-se e sofrer pelo outro. É particularmente urgente criar ou fortalecer programas pastorais voltados sobretudo para os jovens na puberdade e na adolescência. Levando em conta os desafios de hoje, a família não pode e não consegue ser o único lugar de educação da afetividade (DLFV, 2022, n. 30)[459].

Sem dúvida alguma, a acessibilidade dos pais em falar das coisas de Deus e mostrá-las aos filhos se torna complicado, visto que os adolescentes colocam obstáculos, se fecham em si mesmos, não confiam nos pais, preferem se interagir com o grupo a que pertencem veem os pais como incapazes de compreender o mundo que estão inseridos.

No entanto, o fator mais importante é a postura dos pais. Se não há vida familiar religiosa, como levar os filhos a praticarem-na. Testemunhar a fé faz toda a diferença. A autoridade de pai se faz presente, educar é conduzir, orientar no aspecto de crescimento da fé, amadurecimento espiritual. Mas, é importante mostrar o que é ter fé e ser exemplo tal como Cristo o fez. Com relação a postura, pode acontecer não ter expectativas e não ser muito assertiva, mas há alguns pontos que são colocados pelos pais que são coerentes e que não devem abrir mão, não há negociação.

Se o casal já tem uma vivência na fé, fazendo orações em família, indo à igreja seguindo os preceitos e visitando os sacramentos da penitência, sem dúvida, os filhos perceberão a coerência no falar e no agir, comportamentos, atitudes. Se há uma contradição, ao demandar aos filhos, eles não aceitarão, em razão dos pais não serem exemplo. O agir com coerência leva os pais, como educadores, a deveres e, igualmente, aos filhos.

Guardini expõe que sendo a adolescência uma fase que o indivíduo é levado pelo impulso, pela paixão, pelas ideias e, sobretudo, por não ter conhecimento real das coisas, é prudente de se servir da experiencia alheia, como se diz popularmente escutar voz da experiência. Ademais, o autor resume da seguinte maneira: “Podemos verificar, pois, a grandeza do problema que o jovem enfrenta: deve tomar pé, com toda a segurança, no destino e na obra pessoais, e, ao mesmo tempo, utilizar a experiência alheia até que a própria se tenha tornado aos poucos suficientemente forte” (GUARDINI, 1990, p. 36).

---

[459] Para se aprofundar buscar na obra: PAULO VI. Declaração Gravissimum Educationis. Roma: 1965. Disponível em: Gravissimum educationis. Acesso em: 16 nov. 2024.

É interessante situar que alguns jovens projetam sonhos que veem desde a adolescência ou até quando criança. Algumas brincadeiras de criança já possuem indícios de seus interesses, seja o brincar de boneca das meninas, ninando e alimentando, instinto materno, se vestindo qual noiva, pensando em casar-se, ou o menino celebrando uma Missa qual sacerdote. Quando jovem se acentua este desejo antes, seja a realização de uma família, ser casal e ter uma prole, seja na possibilidade de seguir uma vida totalmente dedicada a Deus, é um caminhar da vocação religiosa que termina na consagração.

O Cardeal Angelo Scola faz uma consideração notável sobre a evangelização na família. Sempre se falou sobre a família ser objeto primordial da evangelização, porém, na verdade, ela deve ser o sujeito da pastoral e evangelização. Ser objeto remonta a algo a mais dentro da Igreja. Agora, ser o sujeito, remonta a algo permanente, onde a Igreja deve cuidar em todo momento e com todos os meios a seu dispor[460]. A família deve realizar sua missão como igreja doméstica, cuidando de todos ao seu redor e, expandindo o Reino de Deus à sociedade como um todo.

Na vida é preciso unir forças. A Igreja faz parcerias para desenvolver melhor a evangelização no mundo. A sociedade, por sua vez, se beneficia com as contribuições da Igreja para gerar uma população mais desenvolvida. Papa Francisco fala sobre as parcerias da Igreja e da sociedade, especialmente no mundo juvenil. A tarefa de criar um mundo melhor, não é somente da Igreja, mas da sociedade. A responsabilidade do criado e da criação é de todos. O papel da família na formação da criança, adolescente e jovem adulto é evidente. Existe um processo contínuo até um amadurecimento humano, espiritual que reflete no agir na sociedade. Enfim, faz-se uma orientação chegando ao discernimento vocacional – vida matrimonial ou religiosa.

De acordo com Guardini, de jovem a adulto novamente há uma linha de condução, onde há uma modificação no caráter. Assim, sem a formação do carácter, dificulta um verdadeiro amadurecimento humano para a vocação matrimonial:

> A vida ganha uma nova forma vital, que denominaremos a fase adulta ou maioridade - no sentido pessoal, não biológico ou jurídico. Caracteriza-se pelo fato de o homem ter conseguido ancorar-se na sua personalidade, nas suas próprias opiniões, bem como na realidade que o circunda, tendo descoberto o que significa ser capaz de "manter-se de pé" e mostrando-se decidido a fazê-lo. Desenvolve-se então o que se chama caráter, isto é, o fortalecimento interior da pessoa. Não se trata de inflexibilidade nem de endurecimento nos pontos de vista e nas atitudes; é, antes, uma fusão do pensamento, dos sentimentos e da vontade vivos, com o âmago do espírito. Certos valores adquirem agora um significado

[460] Conferir em SCOLA, Angelo. *«Il matrimonio e la famiglia nell'esperienza di un Vescovo»*. 17 giugno 2015. Disponível em: «Il matrimonio e la famiglia nell'esperienza di un Vescovo» - Angelo Scola. Acesso em: 15 ago. 2025.

> especial: a firmeza nos compromissos que se assumiram; a fidelidade à palavra dada; a lealdade para com aqueles cuja confiança se mereceu; a honra enquanto sentido infalível do bem e do mal, do nobre e do vulgar; a capacidade de distinguir o autêntico do inautêntico, nas palavras, na conduta, no trabalho[461].

Período que marca o descobrir o que há de mais caro na vida, por isso a recomendação da formação de hábitos que permanecem. Esses hábitos da vida vão lhe acompanhar sempre, especialmente quando tiver maior responsabilidade dentro do matrimônio e com os filhos:

> É a época da vida em que se descobre o que significa a constância, um valor que representa aquilo que, no curso do tempo, mais se assemelha ao eterno: aquilo que edifica, consolida, sustenta e leva ao arremate. É neste período que o homem aprende o que significa lançar alicerces, fundar, defender e criar tradições; que descobre como é inócuo, e também penoso, estar constantemente abandonando a trilha aberta pela ação em curso para começar tudo de novo[462].

Se na fase de criança já existem dificuldades, na fase da adolescência aumentam. O diálogo desejado pelos pais se torna cada vez mais complicado pois as gerações são diferentes e o mundo vivido fora do contexto familiar, muitas vezes, entra em choque com os valores apresentados na igreja doméstica. É importante que o casal tenha firmeza na fé e sejam testemunhas da sua participação como membros da igreja, ou melhor, assumam ser igreja.

O receber o sacramento do matrimônio é viver uma vocação especial. Vivenciar e transmitir os mistérios de Cristo - como atitude, ou seja, ser sacerdote ao administrar os sacramentos, ser profeta, proclamar sim, e ir além, encarnar um aspecto do evangelho, ser uma parte do evangelho, valores e testemunhas e, enfim, ser rei que tem tudo, mas oferece parte do seu reino para as pessoas que pode cuidar. O desafio é como fazer chegar às pessoas, superar as limitações.

O casal que vive os mesmos sacramentos que eles próprios já receberam; e que irão levar esses mesmos sacramentos a seus filhos e às pessoas que estão ao seu redor, sem dúvida, assume o compromisso de santificar a todos que estão ao seu alcance. Testemunhar diz muito sob a escuta e o olhar dos jovens.

A abertura para o diálogo tendo momentos de intimidade com seus filhos adolescentes leva, sem dúvida, que eles tenham mais confiança e segurança no falar e agir dos pais. Atenção

---

[461] GUARDINI, 1990, p. 43.
[462] *Ibidem.*, p. 44.

individual é sempre mais eficaz. O jovem sente falta de atenção. É importante ter momentos de conversas face a face para atingir a uma maior intimidade no relacionar-se. O jovem precisa de atenção. Cada filho é único diante de Deus, da Igreja e sociedade. De fato, a cura do corpo e da alma é melhor executado quando existe cuidado individual.

Assim poderá o casal fazer essa linha condutora para o sacramento que em geral se recebe nessa fase de idade - o sacramento da Confirmação. Tendo já consciência do que irão assumir os jovens passam a ser ação. Nesse sacramento terão chance de perceber a presença de Cristo nas suas vidas e a força da graça do Espírito Santo ainda recebida em novo sacramento cujos efeitos se perceberão no decorrer de suas vidas. Confirmados por esse sacramento é: "O 'carácter' aperfeiçoa o sacerdócio comum dos fiéis, recebido no batismo, e 'o confirmado recebe a força de confessar a fé de Cristo publicamente e como em virtude dum encargo oficial (*quasi ex officio*)'" (CIC, n. 1305).

O crismando recebe como no sacramento do Batismo, esse selo que é indelével, ou seja, uma vez crismado essa marca fica para sempre na vida do cristão, mesmo que ele não pratique mais a fé. Essa marca recebida significa a Deus, que está a serviço na expansão do Reino, auxiliados pelo Espírito Santo, fortalecidos pela graça recebida e pelos efeitos permanentes que imperam. Experiência de amor que levará a uma relação efetiva do crescimento humano e espiritual dando oportunidade que sigam o chamamento da vocação, seja para o matrimônio, seja para a vida consagrada.

Após a Crisma, vem um período de possível afastamento do jovem da Igreja. Por isso, as instituições eclesiais devem ficar atentas para fornecer mecanismos de acompanhamento após a Confirmação. Às vezes, a melhor maneira é organizar grupos de jovens, com atividades e dinâmicas de formação, encontro e divertimento. Mas, também, é preciso impulsionar os jovens ao serviço e à doação ao próximo, sobretudo aos mais necessitados, com algum trabalho social e de evangelização. A Igreja precisa aproveitar o potencial dos jovens e incentivá-los a trabalhar e servir, especialmente na dedicação de seu tempo e recursos ao próximo. Além disso, a generosidade do jovem faz bem para ele mesmo pois, toca o mais fundo do seu coração e preenche seus anseios de amar e ser amado de forma gratuita e desinteressada.

Dentro do discernimento para a vocação, especialmente os jovens, existe a fase do namoro, que visa o noivado e um futuro matrimônio. O texto da *Christus vivit* abaixo mostra como a cultura no improviso deve ser evitada dentro de uma preparação ao matrimônio. Isso se aplica de modo

particular ao namoro. A caminha dos jovens no namoro deve ser constante para descobrir o caminho de Deus e do casal para o casamento na Igreja. Por isso, o namoro deve durar um tempo de conhecimento e amadurecimento.

> Reina hoje a cultura do provisório, que é uma ilusão. Julgar que nada pode ser definitivo é um engano e uma mentira. Muitas vezes ouve se dizer que 'hoje o casamento está "fora de moda" […]. Na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é 'curtir' o momento, que não vale a pena comprometer-se por toda a vida, fazer escolhas definitivas […]. Em vez disso, peço-vos para serdes revolucionários, peço-vos para irdes contracorrente; sim, nisto, peço que vos rebeleis: "que vos rebeleis contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vós não sois capazes de assumir responsabilidades, crê que vós não sois capazes de amar de verdade." Ao contrário, eu tenho confiança em vós e, por isso, vos encorajo a optar pelo matrimônio (ChV, n. 264)[463].

O importante é perceber que alguns são escolhidos para fazer uma família, outros para a vida religiosa, não importa qual seja sua vida, existe-se para servir a Deus. A obra é começada e Deus vai terminá-la. O erro está em se querer ser ou delimitar a ação de Deus. Muitas vezes, se deseja se guiar a si mesmo, não se deve atrapalhar, ao contrário, deixar Deus agir e trabalhar. Deus é bom e misericordioso e mais, perfeito e estável ao contrário do ser humano. Descobrir a voz da consciência de Deus, na nossa alma, na intimidade. A tendência é buscar fora. Respostas Deus dá para que sigamos no coração. Quem sabe já falou dentro e ainda se espera resposta de fora, teorias, livros. Momento de escavar e se descobrir a si mesmo[464].

Importante fazer uma transição adequada da pastoral juvenil a pastoral familiar dentro de uma Paróquia ou instituição eclesial. O acompanhamento dos jovens por parte de adultos

---

[463] Para aprofundar ler o texto: FRANCISCO. *Encontro com os voluntários* da *XXVIII Jornada Mundial da Juventude*. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: Encontro com os Voluntários da XXVIII JMJ no Pavilhão 5 do Rio Centro (Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013) | Francisco. Acesso em: 11 de mai. 2025.

[464] Conferir em DLFV, 2022, n. 35. "O amor fiel de Cristo é a luz para viver a beleza da afetividade humana. Com efeito, a nossa dimensão afetiva é uma chamada ao amor, que se manifesta na fidelidade, no acolhimento e na misericórdia." (FRANCISCO, *Catequeses sobre os mandamentos - 11/B*. 31 out. 2018. Disponível em: Audiência Geral de 31 de outubro de 2018 - Os Mandamentos 11/B | Francisco. Acesso: 22 nov. 2024. "A fé transforma a pessoa inteira, precisamente na medida em que ela se abre ao amor; é neste entrelaçamento da fé com o amor que se compreende a forma de conhecimento própria da fé, a sua força de convicção, a sua capacidade de iluminar os nossos passos. A fé conhece na medida em que está ligada ao amor, já que o próprio amor traz uma luz. A compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para ver a realidade" (FRANCISCO. *Carta encíclica Lumen Fidei*. Roma: 2013, n. 26. Disponível em: Carta Encíclica Lumen fidei (29 de junho de 2013)| Francisco. Acesso em: 16 nov. 2024).

qualificados ajuda no discernimento vocacional, de modo que sejam livres na escolha da vontade de Deus.

> Os jovens precisam ser respeitados na sua liberdade, mas necessitam também, de ser acompanhados. A família deveria ser o primeiro espaço de acompanhamento. A pastoral juvenil propõe um projeto de vida baseado em Cristo: a edificação duma casa, duma família construída sobre a rocha (Mt 7, 24-25). Para a maioria deles, esta família, este projeto concretizar-se-á no matrimônio e na caridade conjugal. Por isso, é necessário que a pastoral juvenil e a pastoral familiar tenham uma continuidade natural, trabalhando de maneira coordenada e integrada para poder acompanhar adequadamente o processo vocacional (ChV, n. 242).

O acompanhamento visa cobrir todas as etapas da vida até o momento do noivado ou de uma decisão à vida consagrada. Esse itinerário está baseado nos sacramentos e na evolução da vida biológica, especialmente do batismo. Quanto maior a preparação aos sacramentos na Igreja, adaptando às idades da vida física, maior o comprometimento no matrimônio ou na vocação específica. Ao final das contas a decisão é livre, mas há de ser generosa. Pode-se resumir as finalidades dessa etapa nos seguintes pontos:

> Em resumo, as finalidades da preparação remota são: a) Educar as crianças para a estima de si e dos outros, para o conhecimento da sua própria dignidade e para o respeito da dos outros. b) Apresentar às crianças a antropologia cristã e a perspectiva vocacional contida no batismo que conduzirá ao casamento ou à vida consagrada. c) Educar os adolescentes para a afetividade e a sexualidade com vista a uma futura chamada a um amor generoso, exclusivo e fiel (seja no matrimônio, no sacerdócio ou na vida consagrada). d) Propor aos jovens um percurso de crescimento humano e espiritual para superar a imaturidade, os medos e as resistências, para abrirem-se a relações de amizade e amor, não possessivas ou narcisistas, mas livres, generosas e oblativas (DLFV, 2022, n. 36)[465].

Nessa fase pré-catecumenal: preparação remota, as crianças, adolescentes e jovens são instruídos nos valores que possibilitam a resposta ao chamado do Senhor. Na Igreja contamos com a pastoral da infância (crianças) e com a pastoral juvenil (adolescentes e jovens), nesse sentido, os adolescentes fazem a transição, mas a tendência é colocá-los entre os jovens. Os caminhos de Deus são providentes e cheios de mistério, onde a liberdade humana e fatores humanos podem condicionar as decisões e o devido acompanhamento por parte da Igreja, da família e da sociedade. Cada um na sua instância deve fazer a sua parte: a Igreja, com a estrutura de acompanhamento; a família, com a educação, e a sociedade, com a aprendizagem que leva a instrução humana. Muitas

[465] A preparação remota ao sacramento do matrimônio pode variar de etapas em etapas, o que foi dito do DLFV é o mais importante.

são as formas de ajudar as crianças, adolescentes e jovens no desenvolvimento vocacional. Sobretudo a família tem papel importante na educação e no acampamento dos valores humanos e religiosos. Também, a Igreja colocando à disposição o curso de preparação ao batismo (pais e padrinhos), a pré-catequese, catequese para a Eucaristia e para Crisma, além do acampamento dos jovens após a Crisma, ajuda de forma incisiva no discernimento vocacional. Lembrando sempre os conceitos de Guardini, onde a ética interna deve ir acompanhada pelas ações convenientes de acordo a cada etapa da vida humana.

5.3 Fase intermediária: acolhimento dos candidatos

Na fase pré-catecumenal: preparação remota, os anos são inúmeros, vai do nascimento e infância, passando adolescência e chega à juventude. Na fase intermediária: acolhimento dos candidatos, visa algo um pouco mais específico, dentro da juventude e idade adulta, que pode ser chamado de namoro cristão-católico. Essa fase dura algumas semanas, segundo o percurso, porém, essa duração é para decidir se os candidatos entram no catecumenato matrimonial, mas a sua preparação pode durar até mais tempo, o que é mais que aconselhável. Nesse momento do percurso, a pastoral juvenil trabalha com a pastoral familiar, de modo a dar o devido acampamento aos que pretendem desenvolver uma vocação ao matrimônio. Os que entram nessa fase já devem ter alguma noção do matrimônio cristão-católico. Por isso, é preciso desenvolver os critérios e as diretrizes da Igreja para entrar nessa fase intermediária, ao que se chama de namoro.

Na prática, as dioceses delegam às paróquias a orientação e acompanhamento aos sacramentos. No caso das orientações ao namoro cristão-católico fica realmente a cargo das paróquias ou movimentos eclesiais. As paróquias geralmente delegam essas orientações à pastoral juvenil e familiar para aplicá-las às realidades. Desse modo, deveriam se desenvolver um programa de formação aos namorados, para prepará-los de forma eficiente ao noivado. Aqui se fala de namoro cristão-católico, que se entende com oração, frequência dos sacramentos, vivência da pureza de coração, conversas sobre o futuro matrimônio e sobretudo inserção na comunidade

eclesial. Nesse sentido, dentro da própria comunidade a preparação deve ser como uma renovação de Pentecostes,[466] onde o Espírito Santo age na reunião dos fiéis da Igreja.

Os responsáveis pela formação, os que acompanham os casais de namorados, seja as equipes ou mesmo os colaboradores devem ter a capacidade de acolhê-los não importando qual seja o nível sociocultural ou mesmo, capacidades intelectuais. Decerto, não há uma duração rígida quanto à formação. Alguns casais já possuem uma experiência de comunidade eclesial, outros nem tanto. A duração da formação dependerá da vivência de cada casal, precisando de um aprofundamento catequético para aqueles casais que não têm uma vivência como igreja.

Igualmente, enfatiza-se que existem diferentes aspectos da realidade vivenciada nas conexões dos casais de namorados, realidades existentes hoje na sociedade e que devem ser consideradas, buscando adaptações sem ferir a tradição da Igreja. Ao mesmo tempo, é preciso que se dê o suporte necessário para que os casais consigam superar as tribulações do mar do mundo com orientações firmes e concretas da mãe Igreja.

O primeiro encontro precisa ser algo além de uma apresentação formal onde os formadores se apresentem, e se coloquem pertencentes a uma pastoral, quanto tempo está na pastoral numa tentativa de se identificar, se afirmar. Os formadores seriam casais jovens ou experientes na Igreja, que possam acompanhar os namorados no discernimento. Esses formadores devem ser escolhidos pela Igreja, dentro de uma pastoral ou de um movimento eclesial. É um momento propício de mostrar que a evangelização vai além de levantar uma bandeira. Às vezes, tem-se a impressão de ser um discurso bonito, aparência.

Os formadores precisam assumir a missão, se colocarem a serviço do próprio Cristo. Não terem medo, se lançarem. Às vezes podem ficar bloqueados, criam-se entraves, colocam-se ataduras para algo simples, ou seja, levantar a bandeira, o próprio nome de Cristo cuja força existe por si mesmo. É necessário se desprender de si mesmos e doar-se como o próprio Cristo.

Crer que estão ali como grupo na presença de Deus, para a missão de evangelizar, um chamamento: “Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça” (Is, 41,10). No decorrer de toda a formação, a equipe de formadores não somente anunciará a Cristo, mas trarão neles mesmos a presença de Nosso Senhor. A pessoa que chega para a formação não deseja escutar somente as

[466] Conferir em PUNTOFAMIGLIA.NET. *Come accompagnare i fidanzati al matrimonio? Un percorso che nasce dall’esperienza!* 27 apr. 2017. Disponível em: Come accompagnare i fidanzati al matrimonio? Un percorso che nasce dall’esperienza! - Punto Famiglia. Acesso em: 03 jun. 2025.

Sagradas Escrituras, o magistério, a tradição da Igreja, muitas vezes não sabem nem mesmo do que se trata. Porém, quando ela percebe que o catequista está ali e se preocupa com ela, dá atenção, a escuta e a trata com zelo e cuidado, a relação se torna mais aberta e íntima. É maravilhoso vislumbrar o que muitas vezes o próprio catequista não percebe o seu agir, que faz toda a diferença, a imitação de Cristo.

É muito bonito pregar o nome de Jesus. Na verdade, é muito simples, pois há a força do nome do Senhor, a força da evangelização ela é por si só já é forte. Mas o exemplo diz ainda, você dando um sorriso, abraçando, dizendo um bom dia, o impacto é muito maior, mais forte. Às vezes, você parar e escutar uma pessoa o que ela está ali desenvolvendo, o que ela tem que falar é um ato de caridade. Agindo dessa forma, os formadores conseguem nessa evangelização tocar os casais. Certamente, haverá frutos e todos irão longe, quiçá mudar o mundo, a sociedade se desejar.

As pessoas que estarão em contato com os casais devem pensar que estão ali para cumprir uma missão. Da mesma forma que experienciam a presença de Cristo, os formadores ou catequistas levam aos candidatos a noção do projeto de vida de quem busca o sacramento do matrimônio. Deus tem um projeto para nós, de felicidade, de missão, de salvação, de coisas boas aqui na terra. Este projeto, a formação catecumenal para a vida matrimonial, é para todos envolvidos, mas principalmente para os que buscam o sacramento do matrimônio.

A equipe de formação vai colocando aos casais a que eles vieram. Aos poucos, irão assimilando qual a importância do sacramento que receberão e, também, o estar na presença de Deus. Os que acolhem precisam estar conscientes de seu papel de levar a presença de Cristo. Cristo deu a vida para salvar a todos e, continua vivo iluminando e fortalecendo em cada momento da vida, no quotidiano.

> Não apenas o “primeiro anúncio” da fé tem caráter querigmático, mas o próprio Sacramento do Matrimônio deve se tornar objeto de um autêntico anúncio por parte da Igreja, sobretudo a respeito das pessoas sem uma experiência madura de fé e de participação eclesial. Eles devem conseguir enxergar nos já casados, e experimentar por si mesmos, que a vida conjugal é a resposta aos anseios mais profundos da pessoa humana no seu desejo de reciprocidade, de comunhão e de fecundidade, física e espiritual (AL, n. 201) (DLFV, 2022, n. 39).

Cardeal Angelo Scola, falando sobre o amor, aponta dois elementos dentro da preparação e vivência do matrimônio. O primeiro é a experiência universal do amor e o outro é o amor como via

de acesso a Deus. Os dois elementos da reflexão aplicados ao matrimônio tomam uma dimensão especial. Não há como separar essas duas dimensões. Quando se fala de amar e ser amado dentro do matrimônio se chega a uma experiência universal do amor, onde se preenche todas as dimensões da pessoa humana. De fato, significa investir energia para fazer o outro feliz. Assim, esquecer-se de si mesmo e ter olhos para ver além do eu, para chegar ao tu e ao nós como família, ou seja, ter coração para querer o bem e atendendo as necessidades do próximo. Colocar-se sempre em escuta e ao lado de quem precisa. Também, quando se fala sobre o amor como acesso a Deus, essa afirmação mostra como o amor dentro do matrimônio é canal primordial do encontro com Deus aqui na terra[467]. Em suma, para o matrimônio, o amor a Deus passa de forma necessária pelo amor ao próximo dentro do relacionamento conjugal, é doação sem reservas, é perdão sem limites, é relação que promove e faz crescer – presença viva de Deus como centro do matrimônio. Na verdade, é importante pensar na presença viva de Deus como centro não importando qual seja a fase de relacionamento, no namoro ou no noivado.

Os formadores devem estar atentos à proposta catequética do amor como caridade fraterna dentro do namoro. Talvez, uma abordagem interessante é o hino à caridade de São Paulo para mostrar as características do amor conjugal na prática. Mostrar que o sacramento matrimonial se trata de um dom, uma graça de Deus que irá ajudá-los nas exigências de um amor de doação, amizade, união e aberto à vida. Enfim, não seja visto como obrigação moral ou legal.

Situações diferentes serão vividas tanto pelos formadores, como pelos casais de namorados e iluminados pelo Espírito Santo receberão as respostas como lidar com as diferenças, a história de vida de cada pessoa participante da formação. Em cada circunstância vivida, é preciso enfrentá-la de modo que tenham frutos positivos, transformando, às vezes, algo inesperado e difícil em oportunidade de aprendizado e evangelização para harmonia e equilíbrio dos casais. Da sombra à luz o acolher com paciência e delicadeza no agir.

Além dos agentes da pastoral, dando suporte aos casais, é interessante a presença de um sacerdote, em eventuais encontros caso precisem de uma orientação, uma direção espiritual para auxiliar nas dificuldades entre os nubentes e a convivência com o grupo. O sacerdote como pastor

[467] Conferir em SCOLA, Angelo. *«Il matrimonio e la famiglia nell'esperienza di un Vescovo».* 17 giugno 2015. Disponível em: «Il matrimonio e la famiglia nell'esperienza di un Vescovo» - Angelo Scola. Acesso em: 15 ago. 2025.

pastoreando seu rebanho, zelando os casais e de todos ao seu redor, expandindo para filhos se houver, familiares, buscando trazê-los para os sacramentos necessários.

Permanecer com Deus, fazendo uma oração, devoção, buscando os sacramentos, participando da comunidade eclesial, atitudes concretas, esse é o ponto central da vida de cristão, de nubentes, esposos, programa de vida. Claro que é mais complexo, mas a partir do momento que entendermos isso terá sentido a Missa que você participa, para estar perto de Deus, por isso você puxa o terço durante a semana, você reza para estar perto de Deus, por isso você se cala apesar de não concordar, para estar perto de Deus, perto da presença de Deus. Esse é o projeto e vale tudo, realmente, vale o sacrifício para estar perto de Deus e cumprir a Sua vontade na vida. Existe um caminhar na fé e uma contínua conversão, assumindo a decisão de receber o sacramento. Passo a passo no amadurecimento passando de fase em fase do catecumenato matrimonial

Integração, inter-relacionamento, intimidade passo a passo ocorrerão e aumentarão. Os formadores poderão conduzir diferentes momentos e conhecer a realidade trazida por cada casal. Dessa forma, darão mais atenção, principalmente, àqueles casais que, apesar de batizados, ainda não têm uma vivência de igreja.

O papel dos formadores vai além de acolher e demostrar acessibilidade e lidar com as situações, pois precisam identificar quais os casais que ainda não estão amadurecidos na fé, apesar de terem os sacramentos de iniciação. Decerto, são pessoas não praticantes, porém têm o desejo de fazer o que a Igreja coloca ao receberem o sacramento matrimonial [468]. Receberam os sacramentos

[468] Aprofundar nos textos: "É bom reafirmar com clareza que a qualidade da fé não é condição fundamental do consenso matrimonial que, segundo a doutrina de sempre, só pode ser minado em nível natural. (CDC, cân. 1055 §§ 1 e 2): JOÃO PAULO II. *Código de Direito Canônico*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2013. [.], o *habitus fidei* é infundido no momento do baptismo e continua a ter um influxo misterioso na alma, mesmo quando a fé não foi desenvolvida e psicologicamente parece estar ausente. Não é raro que os nubentes, estimulados para o verdadeiro matrimônio pelo *instinctus naturae*, no momento da celebração tenham uma consciência limitada da plenitude do projeto de Deus, e só depois, na vida de família, descubram tudo o que Deus Criador e Redentor estabeleceu para eles. As faltas da formação na fé e também o erro acerca da unidade, da indissolubilidade e da dignidade sacramental do matrimônio viciam o consenso matrimonial unicamente se determinam à vontade. (CDC, cân. 1099). Precisamente por isto os erros que se referem à sacramentalidade do matrimônio devem ser avaliados muito atentamente" (FRANCISCO. *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*. 22 jan. 2016. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (22 de janeiro de 2016) | Francisco. Acesso em: 22 nov. 2024). "Pertence à doutrina tradicional dos sacramentos a convicção de que para o sacramento a ser dado se exige pelo menos a intenção de fazer o que a Igreja faz: 'Todos esses sacramentos se realizados por três elementos: das coisas, como a matéria; das palavras, como forma; e da pessoa do ministro, que confere o sacramento com a intenção de fazer o que a Igreja faz (*cum intentione faciendi quod facit Ecclesia*). Se um deles estiver faltando, o sacramento não se realiza.' De acordo com a opinião comum da teologia latina, os ministros do sacramento do matrimônio são os cônjuges, que se doam reciprocamente no matrimônio. No caso do matrimônio sacramental, se requer ao menos a intenção de realizar

e estão buscando seguir o Caminho. Sabe-se que os sacramentos permeiam a vida do cristão católico, com isso entende-se, quando se fala em aumentar a fé. Diante disso, pediram os apóstolos ao Senhor: "Aumenta a nossa fé!" (Lc 17, 5-6). A fé como complemento dos sentidos, ou seja, não se pode ver a transformação do indivíduo após a realização dos sacramentos. É o seguir a Cristo e em união com Ele (CIC, n. 1694).

Por outro lado, existem pessoas que apesar de terem os sacramentos, não estão conscientes o que os sacramentos significam. Assim, é necessário que os agentes da pastoral identifiquem àquelas pessoas que mesmo tendo recebido os sacramentos de iniciação não estão dispostas a seguir as orientações da igreja. Desse modo, não podem receber o sacramento do matrimônio. Pode ocorrer que os próprios casais pela sua história de vida e familiar não percebam conscientemente essa limitação. Cabe aos integrantes da formação o dever de fazer vir à tona a real intenção dos nubentes.

É importante, igualmente, que haja uma especial atenção para aqueles casais cujo um dos membros advém de outra religião sendo necessário uma formação diferenciada para essa pessoa. A religião em questão faz parte da vida do futuro casal. Por isso, há de identificar os casais com disparidade de culto, especialmente quando se recusa voluntariamente a fazer o que a Igreja marca para o matrimônio. "Casar-se no Senhor", resgata vários elementos do casamento humano, por isso, negar as questões da Igreja leva a sinal de alerta no acompanhamento. Não somente a modo de julgamento, mas de instrução e favorecimentos da graça de Cristo na parte não católica.

> Algumas ocasiões, cada vez mais frequentes em todo mundo, merecem uma particular atenção pastoral: trata-se dos casais em que uma parte é cristã e a outra de religião não cristã; ou em que uma parte é católica e a outra pertence a uma denominação cristã não católica. Da mesma forma, pode haver casais em que ambas as partes são católicas, mas um dos dois se recusa a seguir o percurso catecumenal. Em todos esses casos, caberá ao presbítero avaliar a melhor forma de proceder em relação à preparação para matrimônio. (DLFV, 2022, n. 46).

No desenvolvimento do itinerário, existem fases para serem vivenciadas pelos casais. Essas fases marcam o amadurecimento na decisão de realizarem o sacramento do matrimônio. É

---

um matrimônio natural. [.], o matrimônio natural, tal como o entende a Igreja, inclui como propriedades essenciais a indissolubilidade, a fidelidade e ordenação ao bem dos cônjuges e ao bem da prole. [.], se a intenção de contrair matrimônio não incluem essas propriedades, ao menos implicitamente, se dá uma carência grave na intenção, capaz de pôr em questão a própria existência do matrimônio natural, base necessária para o matrimônio sacramental." (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A reciprocidade entre a fé e os sacramentos na economia sacramental.* 2020, n. 168. Disponível em: A reciprocidade entre fé e os sacramentos na economia sacramental (2020). Acesso em: 22 nov. 2024).

interessante os ritos para marcar o caminhar, o desenvolver chegando até o momento do sacramento. Para tanto, pode-se observar as características próprias do rito, elementos visíveis são necessários para que percebam o desenvolvimento e o passar de cada fase do itinerário. O objetivo é marcar uma passagem, algo novo, desafio, aprendizagem para ser vivenciado pelos casais. É possível usar uma linguagem criativa, envolvendo o ser humano por gestos e para que se sintam participantes. É importante usar elementos cujos sentidos são explorados para que se concretize a ação, por exemplo, a visão (velas e roupas), audição (música), olfato (incenso), e tato (cumprimento).

Portanto, na fase intermediária: acolhimento dos candidatos, se deduz que o casal de namorados, que pretende assumir o compromisso matrimonial, deve estar inserido na comunidade eclesial. Essa realidade pode ser na diocese, na paróquia ou algum tipo de acompanhamento eclesial. Importante que certos temas, que não foram tratados em algum momento da preparação remota se desenvolvam no período do namoro: oração, diálogo, sexualidade, filhos. especialmente aos casais de namorados que não frequentam a Igreja ou que são de outra denominação religiosa; mesmo que não for noivado, esses temas devem ser introduzidos. O casal precisa participar da comunidade e interagir para que a graça de Deus possa entrar no coração. Desse modo o caminho e discernimento será realizado com mais veemência.

5.4 Fase catecumenal

A fase intermediária: acolhimento dos candidatos, pode coincidir com o namoro, mesmo que seja um período de discernimento e para alguns não algo definitivo, mas essa fase prepara para um outro momento. A seguinte fase é o catecumenato propriamente dito, que se divide em três etapas bem definidas e um acréscimo. Primeira etapa: preparação próxima; segunda etapa: preparação imediata; terceira etapa: os primeiros anos de vida matrimonial. Além dessas três etapas, e estreitamente relacionada ao catecumenato, está o acompanhar os casais em crise.

Para melhorar a compreensão do percurso proposto pelo Dicastério, com as junções do capítulo, propomos um pequeno quadro para nos situar no tema. Aqui está presente a fase catecumenal, a fase pré-catecumanel e a fase intermediária já foram abordadas:

<u>Fase catecumenal:</u>

Primeira etapa: preparação próxima (cerca de um ano).

- Rito do noivado (ao término da preparação próxima).

- Breve retiro de ingresso na preparação imediata.

Segunda etapa: preparação imediata (alguns meses).

- Breve retiro de preparação para o casamento (a poucos dias da celebração).

Terceira etapa: os primeiros anos de vida matrimonial (2-3 anos) [469].

- *Acompanhar os casais em crise*[470].

**Encontros de preparação dos noivos para o matrimônio*[471].

Na primeira etapa: preparação próxima, pode coincidir com o noivado, duração de 1 ano, mas a depender do casal; importante fazer o rito de bençãos aos noivos e um pequeno retiro para demarcar o começo do catecumenato. O retiro pode ser desenvolvido dos encontros aos noivos, contido nesse capítulo. Na segunda etapa: preparação imediata, pode durar alguns dias e, também, se recomenda um pequeno retiro espiritual antes da celebração do matrimônio. Na terceira etapa: acompanhamento dos primeiros anos de vida matrimonial, pode durar de 2 a 3 anos, mas vai depender do desenvolvimento e maturidade do casal para superar as dificuldades juntos. Por fim, o acréscimo da fase catecumenal é o acompanhar os casais em crise, que são mais do que se pode imaginar, e, também, está ligado ao seguimento dos primeiros anos de vida matrimonial.

Antes de passar à fase catecumenal é importante realizar a benção dos noivos, estipulada pela Igreja. A bênção prevê a presença dos pais, sacerdote, diácono ou leigo idôneo, segundo as preliminares da celebração das bênçãos. A bênção aos noivos apresente ritos iniciais (n. 195-202), a seguir, a leitura da palavra de Deus (n. 203-210), depois, a oração da bênção (n. 211-212), e enfim, a conclusão (n. 213)[472].

---

[469] O esquema proposto está nesta referência do documento: DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. *Itinerários catecumenais para a vida matrimonial*: orientações pastorais para as Igrejas particulares. Documento da Igreja – 68. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 24.

[470] Acompanhar os casais em crise não faz parte das etapas do catecumenato matrimonial, porém é um roteiro proposto pelo Dicastério.

[471] Mesmo que não faça parte do roteiro proposto pelo Dicastério, entre a preparação próxima e imediata do capítulo, se coloca um percurso de encontros dos noivos para a preparação ao matrimônio, que termina na celebração do sacramento.

[472] Conferir em CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Celebração das bençõe*s, n. 195-214, p. 57-80. Disponível em: https://www.liturgia.pt/rituais/Bencaos.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

As características principais da fase catecumenal são o acompanhamento, o cuidado e os encontros de preparação dentro da realidade eclesial. Cada Igreja local e cada paróquia ou realidade eclesial, pode estipular o modo de proceder de acordo com o tempo, à cultura e à realidade do mundo. Cada diocese há de dar um suporte às paróquias para a realização da fase catecumenal, colocando as diretrizes e orientações, porque, a vida de formação na Igreja exige disciplina, e ao mesmo tempo, perseverança.

> O catecumenato será um período de formação mais ou menos longo, que inclui a preparação próxima, a preparação imediata e o acompanhamento nos primeiros anos de matrimônio. As indicações a seguir apresentam-se como simples orientações e devem ser postas em prática com inteligência pastoral segundo as possibilidades concretas que se apresentam em cada Igreja particular. Sugere-se, [.] que a preparação próxima dure cerca de um ano, segundo a experiência prévia do casal em matéria de fé e de engajamento eclesial. Depois de tomarem a decisão de se casarem, momento que pode ser selado com o rito do noivado, pode-se começar a preparação imediata para o matrimônio, com duração de alguns meses, que deve ser estabelecida como uma verdadeira preparação para o sacramento nupcial. Deve-se adaptar à duração destas etapas, [.] tendo em conta os aspectos religiosos, culturais e sociais do ambiente em que se vive, e até mesmo as situações pessoais de cada casal (DLFV, 2022, n. 48).

Efetivamente, toda essa dinâmica de preparação visa criar uma estrutura para os casais se preocuparem com seu matrimônio e com sua família. A estrutura não é uma camisa de forças, onde não se possa adaptar as dinâmicas. Porém, essas dinâmicas precisam ser seguidas fielmente para dar os frutos necessários. A Igreja mostra os objetivos e orientações de cada etapa. Caso se desenvolva alguma iluminação para os próprios casais, eles podem mostrar as luzes espirituais ou práticas, de modo a enriquecer o caminho de catecumenato.

Dentro do programa formativo das dioceses e paróquias, de modo concreto da pastoral familiar, é importante uma instrução bem regulamentada. Os temas de abordagens devem ser: oração, diálogo, sexualidade, geração e educação dos filhos, perdão, finanças da família, liturgia própria da celebração. devem compor o itinerário de preparação ao sacramento do matrimônio. São temas que não podem faltar, mas podem ser acrescentados outros temas de relevância. Se a Igreja como instituição assume esse compromisso de ajudar os noivos, com certeza facilita a inserção deles nesse percurso formativo.

5.4.1 Primeira etapa: preparação próxima

Depois de explicar o que significa a fase catecumenal, onde as razões são maravilhosas para se ter como estrutura na Igreja, em seguida é conveniente explicar as etapas desse caminho. A primeira etapa se chama preparação próxima ao matrimônio, que equivale ao noivado, e pode durar mais ou menos tempo, a depender da maturidade do casal, o ideal seja pelo menos 1 ano. Essa etapa e a seguinte terminam na celebração do matrimônio (preparação próxima e imediata). É importante ter em consideração este elemento para desenvolver um noivado adequado. São vários os elementos que surgem na maturidade (que vão ser examinados na proposta de encontros dos noivos): Vocação ao matrimônio, psicologia e comunicação do casal, sexualidade e afetividade, o sacramento do matrimônio, fé e espiritualidade do casal, planejamento familiar e abertura à vida, dimensão social e economia do matrimônio, liturgia do sacramento do matrimônio, perdão - paciência e caminho de santidade e missa de encerramento com os noivos. Os elementos acima indicam que existe um verdadeiro noivado. A afetividade, sentimentos e castidade na idade adulta são aspectos que devem ser tratados na trajetória ao matrimônio. Guardini aponta e analisa nessa fase a definição da personalidade e formação do caráter que, sem dúvida, afeta a decisão pelo sacramento matrimonial:

> Constituem-se então "o homem" e "a mulher" personalidades masculina e feminina, marcantes e bem caracterizadas, sobre as quais a vida pode apoiar-se, pois cessaram de obedecer cegamente ao imediatismo dos impulsos e de deixar fluir ao deus-dará os sentimentos, para mergulharem naquilo que é válido e permanente[473].

A castidade vai influenciar o relacionamento entre homem e mulher, e se for necessário, tratar, de forma psicológica e espiritual, de modo a chegar mais bem ajustado à celebração do sacramento.

Os casais de noivos devem ser introduzidos na vida eclesial, fazendo com que os nubentes tenham consciência dos sacramentos já recebidos anteriormente por eles. Viver a fé que se enquadra nos sacramentos. Assumir os sacramentos ministrados pela Igreja como membros e parte da família de Deus. Assim o primeiro sacramento é ministrado o batismo e desta forma podemos dizer, enfim, somos filhos adotados por Deus. Pode-se vivenciar Cristo vivo em todos os

[473] GUARDINI, 1990, p. 44.

sacramentos, e onde está Cristo, está também a Trindade agindo. É importante sempre enfatizar que o sacramento do matrimônio é um sacramento para a missão (DLFV, 2022, n. 49).

> O catecumenato matrimonial, nessa etapa, assumirá o caráter de verdadeiro itinerário de fé, durante o qual a mensagem cristã deverá ser redescoberta e reproposta na sua perene novidade e vivacidade. Ao lado da apresentação de catequese de iniciação cristã da fé, será feita uma recante uma recapitulação dos sacramentos da iniciação cristã, Batismo, Confirmação e Eucaristia e [.] da Reconciliação. Pontos de referência constante para os casais serão as Sagradas Escrituras. Sobretudo o Gênesis, os Profetas, o Cântico dos Cânticos, que contêm textos e simbologias fundamentais para o Sacramento do Matrimônio. Os candidatos ao matrimônio [.] serão introduzidos gradualmente na oração cristã - individual, comunitária e de casal de modo que adquiram um hábito de oração, que será de grande sustento para a sua futura vida conjugal, sobretudo nos períodos de dificuldade. Nessa fase, não se deve deixar de lado a preparação para a missão específica dos esposos, dado que o matrimônio é um sacramento para a missão (DLFV, 2022, n. 49)[474].

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), auxilia com seus escritos nas etapas de preparação ao matrimônio. Na primeira etapa do percurso pode ser um momento para uma evangelização peculiar e específica. Os noivos precisam descobrir que sua vocação é ao amor, e esse chamado é para uma vocação a paternidade e a maternidade e que existe uma conexão inseparável entre a relação sexual e a abertura à vida. É preciso que os noivos aprendam a vivência da castidade, esta virtude não é um fim, mas um meio para viverem plenamente o seu futuro amor conjugal: viver a castidade é investir no amor. Ao lado dessa virtude existem outras básicas dessa

[474] Aprofundar nos textos "A decisão de 'desposar no Senhor' contém inclusive uma dimensão missionária, que significa ter no coração a disponibilidade a ser porta-voz da Bênção de Deus e da graça do Senhor para todos. [.], os cônjuges cristãos participam na missão da Igreja. [.] Para oferecer a todos os dons da fé, do amor e da esperança, a Igreja precisa também da corajosa fidelidade dos esposos à graça do seu sacramento! O povo de Deus tem necessidade do seu caminho quotidiano na fé, no amor e na esperança, com todas as alegrias e dificuldades que este caminho comporta num matrimônio e numa família" (FRANCISCO. Audiência geral. 6 mai. 2015. Disponível em: Audiência Geral de 6 de maio de 2015 | Francisco. Acesso em: 28 nov. 2024; também conferir em: FC, n. 50).
"Nos cursos de preparação para o matrimônio é indispensável retomar a catequese da iniciação cristão na fé, cujos conteúdo não deve ser considerados óbvios, ou já adquiridos pelos noivos. [.], a mensagem cristã deve ser totalmente redescoberta por quantos permaneceram ancorados nalgumas noções elementares do Catecismo, da primeira Comunhão e [.], da Crisma." (FRANCISCO. *Discurso aos participantes no curso de formação promovido pelo Tribunal da Rota Romana.* 27 set. 2018. Disponível em: Aos participantes no Curso de formação sobre matrimônio e família promovido pelo Tribunal da Rota Romana (Basílica de São João de Latrão, 27 de setembro de 2018) | Francisco. Acesso em: 28 nov. 2024). "O caminho de preparação para o matrimônio deve ser organizado [.] postando também aqui no essencial: a Bíblia, que deve ser redescoberta juntos, de modo consciente; a oração, na sua dimensão litúrgica, mas também na 'oração doméstica', vivida em família, nos sacramentos, na vida sacramental, a Confissão. na qual o Senhor vem habitar nos noivos e os prepara para se acolherem deveras um ao outro 'com a graça de Cristo'" (FRANCISCO. *Audiência geral.* 27 mai. 2015. Disponível em: Audiência Geral de 27 de maio de 2015 | Francisco. Acesso em: 28 nov. 2024).

preparação, como a simplicidade, a doação generosa e o bom relacionamento, fundamentado no respeito e na compreensão. Enfim, é um tempo para "orientá-los quanto à maturidade humana, o crescimento espiritual na profundidade da fé, animando-os para que amem a Cristo, sigam-no, anunciem-no e deem testemunho dele em suas vidas" (CNBB, 2005, n. 267).

Para isso, convém ter a realização do encontro de preparação à vida matrimonial em tempo hábil e atualizado, de acordo as exigências da Igreja e do casal. Esse encontro deve se realizar pelo menos seis meses de antecedência antes à data do matrimônio ou o tempo considerável de preparação. Os noivos, ou pretendentes ao matrimônio, "ainda terão oportunidade até para considerarem a conveniência de adiarem, contraírem ou não o matrimônio, em face das responsabilidades que o encontro venha a descortinar" (CNBB, 2005, n. 268). De fato, "trata-se de um momento de amadurecimento para a decisão final" (CNBB, 2001, p. 10, item g.). Nesse sentido, fica a cargo da Pastoral Familiar encontrar uma metodologia para esses encontros serem frutíferos, de modo que se "tornem capazes de responder, eles próprios, aos seus questionamentos e problemas" (CNBB, 2005, n. 268).

O casal deve manter diálogo entre eles e, deve fazê-lo entre eles e Deus. O silêncio antes desse diálogo:

> Sem a capacidade de silêncio, perde-se a capacidade de ouvir com quem vivemos, perdemos a capacidade de amá-las e compreendê-las A caridade nasce do silêncio. Ela procede de um coração silencioso capaz de estar atento, ouvir e acolher. O silêncio é uma condição de alteridade uma necessidade para a compreensão de si mesmo[475].

A graça de Deus é grande. Pode atingir sem dúvida os casais que se preparam para o matrimônio. Dessa forma, esses casais precisam estar envolvidos nos sacramentos e na Igreja para receber a graça de Cristo. A vivência na Igreja, seja como serviço e especialmente nos sacramentos faz com que essa graça frutifique mais profundamente. O envolvimento de tais casais na Igreja, sobretudo, na liturgia, os faz experimentar o amor de Deus e amor humano da comunidade eclesial. Os formadores como comunidade eclesial devem levar os casais a momentos de reflexões, orações e, igualmente, de convivência social, os introduzindo no ambiente da família paroquial. A parte humana da acolhida é fundamental nesse processo de formação e aprofundamento.

O diálogo na preparação próxima é de suma importância, especialmente, no tocante dos aspectos essenciais, ou seja, não ter medo de se confrontar positivamente. Refletir sobre aspectos

[475] SARAH, ROBERT. *A força do silêncio:* contra a ditatura do ruído. São Paulo: Edições Loyola, 2017, p. 41.

essenciais mostra maturidade do casal para se projetar ao matrimônio. Também, é importante ter boas atitudes com as quais se possam compreender a grandeza do casamento cristão. Dar passos seguros é conveniente, mas estar abertos a reflexão positiva para conquistar as ações é prudente.

Abraçar o matrimônio com maior consciência é um projeto de vida, onde os cônjuges se doam e se apoiam mutualmente. Quando se fala aprender com o outro, isso tem muita importância dentro da preparação ao matrimônio. Essa preparação é mais intensa no período do noivado. Os defeitos e as qualidades no noivado devem ser revelados de forma contínua entre os que irão casar-se. No noivado, o crescimento de ambos implica deixar-se conduzir um pelo outro para que esse desenvolvimento seja objetivo e não parece algo da própria cabeça. Existem regras de crescimento e elas parecem graduais no amor. Essas regras são verdade para o ser humano, mesmo que sejam difíceis de digerir, a força da motivação do matrimônio, de viverem juntos e com os filhos deve ser mais forte do que os obstáculos da própria personalidade (DLFV, n. 52).

Explorar elementos da vida dos noivos é de extrema relevância. A vida do futuro casal matrimonial não se resume em aspectos pessoais, apesar que eles são fundamentais no desenvolvimento. Questões como paternidade e maternidade estão envolvidas diretamente aos noivos e devem ser abordadas nas conversas e dinâmicas. Isso pode ser feito por casais mais experientes que já passaram por muitas provações e perseveraram no matrimônio e na família (DLFV, n. 53).

Conversas, troca de experiências entre os casais é um elemento a ser explorado na dinâmica do itinerário. No entanto, é necessário momentos de reflexão e introspeção. O aprofundar em si mesmos, pessoa e casal para se conscientizar de prováveis carências e dificuldade psicológicas e afetivas. A descoberta dessas carências pessoais pode servir para um crescimento, amadurecimento de ambos e ir ao sacramento do matrimônio com a decisão livre para assumir essa missão ao serviço, doação e despojamento de si mesmos. Ao se buscar o silêncio na oração e o auxílio dos encontros de noivado, se conhece a si mesmo e através do autoconhecimento se conhece Deus. Para constituir um matrimônio segundo a lei de Deus e da Igreja, é preciso estar bem-disposto animicamente para dar uma resposta consciente na celebração e mantê-la para sempre na vida. Além do mais, as exigências do matrimônio e da família não são fáceis de levar adiante, é preciso sempre ter as condições emotivas – equilíbrio e harmonia – para lidar com os problemas da vida.

Jesus Cristo, se retirava para lugares isolados, e sozinho, conversava com o Pai, para se fortalecer em Sua missão e, em seguida, continuava a que veio realizar no mundo. Com relação ao casal não é diferente, orar juntos, para que desempenham e trabalhem a vocação do matrimônio. É um hábito que se deve estar presente entre os dois e depois, na família, dando testemunho de vida em oração para os filhos. Simples ato de fé, citar as orações mais conhecidas: Pai Nosso, Vem Espírito Santo e Ave Maria - que têm um efeito silencioso na vida da família e, consequentemente, faz com que se estreite a relação de amizade com a família divina, Trindade Santa e Maria. Evocar Deus para uma convivência humana, para estar inserido na sua família e assim, assumir a filiação adotiva já recebida, desde o momento do sacramento do batismo.

Evocar a pessoa do Espírito Santo que quer dizer do grego o paráclito, o mediador, o defensor, o consolador. Fundamental para mover e conduzir o casal em sua missão levar a Deus para outras famílias para o mundo, fazendo aqui e agora o Reino de Deus. Antes mesmo da vida conjugal o Espírito Santo já se coloca entre os nubentes. Além de momentos de oração, é importante que os casais tenham vida de igreja. São convidados a participarem da eucaristia dominical, da confissão, de retiros, mas também de momentos de festa e de convívio. No texto em francês mostra a preocupação com a cerimônia festiva, pois o matrimônio é público e requer uma manifestação de alegria[476]. Sem dúvida, o regozijar que reverbera a toda a comunidade paroquial pois afinal são membros do Corpo Místico, a Igreja.

Na fase de preparação próxima, o casal deve ter a percepção que receber o sacramento do Matrimônio é uma tomada de decisão a partir de um discernimento, ou seja, se há uma tendência, uma vocação. Vocação ao matrimônio, sobre esse chamamento, pode-se dizer que é uma missão, implica não apenas em uma escolha ou uma tomada de decisão, vai mais longe, um testemunho de vida, ou melhor, ser uma só coisa com Cristo, realmente há um compromisso entre os cônjuges e Deus. Para tanto Jesus já falava sobre a vocação ao colocar que:

> Nem todos são capazes de compreender o sentido desta palavra, mas somente aqueles a quem foi dado. Porque há eunucos que o são deste o ventre de suas mães, há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens e há eunucos que a si mesmos fizeram eunucos que a si mesmos se fizeram por amor do Reino dos céus. Quem puder compreender, compreenda (Mt 19, 11-12).

[476] Conferir em ABCSALLES. *La préparation du mariage catholique: conseils pour organiser une cérémonie respectant les rites et les enseignements de l'Église.* Disponível em: La préparation du mariage catholique : conseils pour organiser une cérémonie respectant les rites et les enseignements de l'Église - ABC Salles. Acesso em: 03 jun. 2025.

É importante que os cônjuges tomem consciência do sim que falarão. O consentimento que o casal dará um para o outro é dentro da liberdade que Deus deu a toda criatura. Muitas vezes, o casal decide se casar por um impulso momentâneo, sem fazer qualquer reflexão da importância desse ato e das consequências. Entra no aspecto decisão, o amadurecimento humano que será primordial para uma determinação firme, consciente do que o matrimônio significa. Coloca-se em evidência o amadurecimento psicológico que envolverá não somente o homem e a mulher como seres humanos, como indivíduos, mas também como responsáveis na realização de uma família e a criação dos filhos.

> O objetivo específico dessa etapa concluir o discernimento de cada casal acerca da sua vocação matrimonial. Isso pode levar à decisão livre, responsável ponderada de contrair Matrimônio; ou pode dar lugar à decisão [.] de pôr fim ao relacionamento e não se casar. Para oferecer "matéria" de discernimento para o casal [.] será aprofundada não somente a teologia do Matrimônio, mas também muitos outros aspectos ligados à "prática" da vida matrimonial: as intenções a respeito da vontade de se comprometer por toda a vida e a respeito da prole; as eventuais incompatibilidades; as expectativas e a visão pessoal que cada um tem do amor e da vida conjugal. Trata-se de explicar a eles a diferença entre "se preparar para dia do casamento" (*preparation of a wedding*) e "se preparar para a vida matrimonial" (*preparation to a marriage*). Os futuros cônjuges serão convidados a discernir com realismo e sinceridade [.] se o caminho matrimonial corresponde àquilo que desejam e a que o Senhor os chama. Este discernimento, que deve realizar-se no âmbito do diálogo espiritual, pessoal e de casal, não deve ser subestimado, dado que a experiência dos tribunais eclesiásticos mostra a extrema fragilidade de casais que [.] carecem dos requisitos fundamentais que seriam necessários para contrair matrimônio: capacidade e vontade (DLFV, 2022, n. 55)[477].

[477] Eis um itinerário católico nos EUA sobre a documentação requerida, isso ajuda na preparação prévia. DOCUMENTS REQUIRED TO GET MARRIED IN A CATHOLIC CHURCH. Disponível em: Documents Required To Get Married In A catholic Church. Acesso em: 03 jun. 2025. A conferência dos Bispos dos EUA ajuda também nessa preparação imediata. MARRIAGE AND FAMILY LIFE MINISTRIES. *Marriage preparation.* Disponível em: Marriage Preparation | USCCB. Acesso em: 03 jun. 2025. "A preparação dos que já formalizaram o noivado, quando a comunidade paroquial consegue acompanhá-los com bom período de antecipação [.] a possibilidade de individuar incompatibilidades e riscos. Assim é possível chegarem a dar-se conta de que não é razoável apostar naquela relação, para não se expor a um previsível fracasso que terá consequências muito dolorosas. O problema é que o deslumbramento inicial leva a procurar esconder ou relativizar muitas coisas [.] limitando-se assim a adiar as dificuldades para depois. Os noivos deveriam ser incentivados e ajudados a poderem expressar o que cada um espera dum eventual matrimônio, a sua maneira de entender o que é o amor e o compromisso [.] o tipo de vida em comum que se quer projetar. Estes diálogos podem ajudar a ver que, na realidade, os pontos de contacto são escassos e que a mera atracção mútua não será suficiente para sustentar a união. Não há nada de mais volúvel, precário e imprevisível que o desejo, e nunca se deve encorajar uma decisão de contrair matrimônio se não se aprofundaram outras motivações que confiram a este pacto reais possibilidades de estabilidade" (AL, n. 209). O ius connubii (direito ao matrimônio) não constitui "uma pretensão subjetiva que deve ser satisfeita pelos pastores mediante um mero reconhecimento formal, independentemente do conteúdo efetivo da união. O direito de contrair matrimônio pressupõe que se possa e se deseje

A vida na terra é árdua. Também, a vida matrimonial e familiar parece ser difícil segui-la de forma autêntica. Não obstante, o que custa vale a pena. A beleza e a verdade da vida matrimonial e familiar falam por si só. Os ideais da vida matrimonial visam enriquecer a própria pessoa, dando um retorno maravilhoso à vida de virtudes na terra. Quando se fala de misericórdia pode vir à mente o certo permissivismo ou laxismo. Porém, misericórdia e exigências nas virtudes vão de mãos dadas no caminho matrimonial e familiar.

Com relação à virtude da castidade, às vezes a apresentação dessa virtude pode parecer negativa ou em muitas ocasiões omissa. Parece ser que se tem medo de apresentar a beleza da castidade pré-matrimonial e pós-matrimonial. Além das questões morais, a castidade ensina que o ser humano é capaz de amar, e amar significa doação. Para isso, é preciso verificar o controle e retidão dos próprios instintos, afetos e desejos. O ser humano é espiritual e precisa da reta razão para caminhar na vida, especialmente na vida matrimonial. Por isso, controle adequado e o conhecimento entre o casal de namorados e noivos pode ajudar na vivência da castidade.

> Com relação a isso, nunca deve faltar à Igreja a coragem de propor a preciosa virtude da castidade, por mais que esteja atualmente em conflito direto com a mentalidade comum. A castidade deve ser apresentada como uma autêntica "aliada do amor", não como a sua negação. É a via privilegiada para aprender a respeitar a individualidade e a dignidade do outro, sem subordiná-lo aos seus próprios desejos. A castidade ensina aos nubentes os tempos e formas do amor verdadeiro, delicado e generoso, e prepara para o autêntico dom de si, a viver durante toda a vida no matrimônio. [.], mostrar que a virtude da castidade não tem só uma dimensão negativa, que pede a todos, cada qual segundo o seu estado de vida, de abster-se do uso desordenado da sexualidade, mas possui também uma importantíssima dimensão positiva de liberdade da posse do outro – no plano físico, moral e espiritual – que, no caso da chamada ao matrimônio, é de importância fundamental para orientar e alimentar o amor conjugal, preservando-o de qualquer manipulação. [.], a castidade ensina, em todos os estados de vida, a ser fiéis à verdade do próprio amor. Isto significará, para os namorados, viver a castidade na continência e, uma vez casados, viver a intimidade conjugal com retidão moral (DLFV, 2022, n. 57)[478].

celebrá-lo realmente, portanto na verdade da sua essência tal como é ensinada pela Igreja. Ninguém pode ostentar o direito a uma cerimônia nupcial. [.], o ius connubii, refere-se ao direito de celebrar um matrimônio autêntico. [.], não se negaria o *ius connubii* no caso que fosse evidente que não subsistem as premissas para o seu exercício [.] se faltasse manifestamente a capacidade exigida para casar, ou se a vontade estabelecesse um objetivo que contrasta com a realidade natural do matrimônio" (BENTO XVI. Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana. 22 de jan. 2011. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (22 de janeiro de 2011) | Bento XVI. Acesso em: 05 dez. 2024).

[478] "É necessário lembrar a importância das virtudes. Dentre elas, resulta ser condição preciosa para o crescimento genuíno do amor interpessoal a castidade" (AL, n. 206).

Ainda é preciso falar sobre a virtude da castidade, na preparação próxima ao matrimônio, como expressão máxima do amor conjugal. A vivência da castidade abre para muitas outras virtudes, isto é, com a falta da castidade fica difícil a convivência no relacionamento, especialmente após o matrimônio. Essas virtudes podem ser cultivadas na castidade: paciência, respeito, controle, perseverança. Saber esperar a hora de Deus dentro do matrimônio mostra a abertura dos namorados ou dos noivos às virtudes, que tanto eles precisam. Atualmente, tanto se fala do respeito à liberdade da pessoa, de deixá-la se desenvolver integralmente. Portanto, a castidade propicia isso, a verdadeira liberdade e ao controle para não ferir física e emocionalmente a outra parte.

Guardini percebe a importância na disciplina respeito a ser homem e mulher, a essa ordem a Igreja chama de castidade. Mesmo sem nomeá-la se chega à conclusão que está falando indiretamente dela. Sem a castidade, será impossível viver um matrimônio e uma família como Deus quer e a Igreja pede. A ordem, a perseverança e a continuidade devem andar juntas ao desejo e impulso afetivo-sexual de formar, gerar uma vida:

> Um dos sintomas mais perigosos do nosso tempo é que a imagem dessas personalidades do "homem" e da "mulher" parece enfraquecer se cada vez mais. Segue-se daí a desintegração da família. Para que alguém possa ser realmente pai ou mãe, não suficiente que possa gerar ou dar à luz. É necessário que tenha estabilidade interior, a força silenciosa da ordem, da perseverança, da continuidade, qualidades sobre as quais se edifica o que se entende por família e lar. Se se assiste hoje à intervenção generalizada do poder público nesse setor básico, é porque aqueles que deveriam se as colunas da família muitas vezes

"A castidade é a liberdade da posse em todos os campos da vida. Um amor só é verdadeiramente tal, quando é casto. O amor que quer possuir, acaba sempre por se tornar perigoso: prende, sufoca, torna infeliz. O próprio Deus amou o homem com amor casto, deixando-o livre inclusive de errar e opor-se a Ele. A lógica do amor é sempre uma lógica de liberdade." (FRANCISCO. *Carta apostólica Patris Corde*. Roma: 2020. Disponível em: Carta Apostólica Patris corde por ocasião do 150º aniversário da declaração de São José como Padroeiro da Igreja Universal (8 de dezembro de 2020) | Francisco. Acesso em: 06 dez. 2024, n. 7). "Não pode faltar, neste período, também uma leal e corajosa educação para a castidade, para o amor como dom de si. A castidade não é mortificação do amor, mas condição de autêntico amor. De fato, se a vocação ao amor conjugal é vocação ao dom de si no matrimônio, é necessário chegar a possuir-se [.] a si mesmo para se poder doar." (PCF, 1996, n. 24). "A castidade deve qualificar as pessoas segundo os seus diferentes estados de vida: uns, na virgindade ou celibato consagrado, forma eminente de se entregarem mais facilmente a Deus com um coração indiviso: outros, do modo que a lei moral para todos determina, e conforme são casados ou solteiros. As pessoas casadas são chamadas a viver a castidade conjugal; as outras praticam a castidade na continência. [.] Os noivos são chamados a viver a castidade na continência. Eles farão, neste tempo de prova, a descoberta do respeito mútuo, a aprendizagem da fidelidade e da esperança de se receberem um ao outro de Deus. Reservarão para o tempo do matrimônio as manifestações de ternura específicas do amor conjugal" (CIC, n. 2349-2350).

> estão longe de ser verdadeiros homens e mulheres, e não têm o menos desejo de vir a sê-lo[479].

É interessante, sobretudo, que, nessa etapa, o casal consiga ver que o matrimônio é um caminho de espiritualidade permanente. Enfim, o que ocorre é um homem e uma mulher se santificando. Juntos trabalham a plenitude de amor que gerará harmonia e, sem dúvida, haverá os frutos dessa união, os filhos, que igualmente, serão participantes dessa obra de salvação. O fato de prestar atenção ao caminho permanente de santificação gera perseverança no bem. Além do mais, prestar ouvidos às atividades que emanam da Igreja serve de meios concretos na caminhada espiritual permanente.

O matrimônio é um sacramento que leva à santificação do casal e dos filhos como testemunhas, como participantes dessa união. Amor integral que entra não apenas o doar-se, mas também o receber. Faz-se necessário, uma troca constante onde um muitas vezes se anula, deixa de lado seu *ego* para uma convivência harmoniosa. Toda relação de amor há o ceder e o completar. Cada um quer a felicidade do outro. São parceiros no itinerário da vida em comum. Palavra forte, parceria. Busca-se decidir juntos, fazer juntos, em todos os campos relativos à família – uma integração. Nesse momento de preparação cada casal terá seu tempo para refletir sobre os bens próprios do Matrimônio. Jamais, então, separar-se o amor físico, espiritual e psicológico. A integração do amor dentro da preparação ao matrimônio é fundamental, seguindo, obviamente os parâmetros das virtudes assinaladas.

> Na realidade, *eros* e *ágape* - amor descendente e amor ascendente - nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade de amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral (DCE, n. 7)[480].

A Igreja preza pelo rito da bênção, pois a liturgia atualiza o mistério de Cristo. Quando acontece o rito do noivado, a bênção de Deus paira sobre o casal nessa preparação intensa. De fato, o casal precisa da bênção de Deus para continuar a caminhada rumo a celebração do matrimônio. Certamente não se trata de um matrimônio ou de algo parecido, mas de uma bênção de noivado, privada ou pública, a depender das questões pessoais dos noivos e dos familiares. Mas, também, é importante dar um reconhecimento público ao rito do noivado, pois o sacramento do matrimônio

[479] GUARDINI, 1900, p. 44-45.
[480] BENTO XVI. *Carta encíclica Deus Caritas Est.* Roma: 2005. Disponível em: Deus caritas est (25 de dezembro de 2005) | Bento XVI. Acesso em: 20 mar. 2025.

tem um carácter público, assim se pode também aconselhar o casal na caminhada e, especialmente, inseri-los na comunidade eclesial (DLFV, n. 59).

O rito do noivado tem finalidade ao matrimônio. Porém, diante do discernimento, se no caminho detetarem algo que incomoda o percurso matrimonial, diante do discernimento, é importante fazer uma pausa para reorganizar as ideias. Porém, que não seja por qualquer conflito ou desavença que cada um tome seu rumo na vida. As dificuldades são para serem enfrentadas e superadas, de modo particular dentro do noivado. Inclusive é preciso analisar os fatos humanos, ou seja, os valores humanos envolvidos dentro do noivado. A fé deve iluminar a razão para as tomadas de decisões serem mais assertivas.

O foco no rito do noivado é importante para pôr Deus dentro do matrimônio, desde o momento da preparação. As leituras e as orações do rito do noivado são apropriadas para colocar a atenção na graça em colaboração com a liberdade humana. Certamente, o rito de noivado é uma promessa ao matrimônio, lembrando que o matrimônio verdadeiro se realiza com o consentimento e consumação, como pede a Igreja e a lei natural (DLFV, 2022, n. 61).

> O rito do noivado deve ser entendido como uma "promessa de matrimônio." Desta promessa [.] não decorre de forma alguma uma obrigação legal de contrair matrimônio, e sempre se salvaguarda a liberdade do contraente de exprimir o consentimento matrimonial. [.], a celebração do rito não deve ser de forma alguma confundida com a do matrimônio. Portanto, recomenda-se nunca unir os "esponsais" (noivado, ou promessa de matrimônio) ou uma bênção particular dos noivos com a celebração da Missa. O esquema da celebração deve ser simples e sóbrio: ritos iniciais, proclamação da Palavra de Deus, oração dos fiéis, eventuais "sinais de compromisso" (p. ex., troca de alianças de noivado) , bênção e conclusão do rito. [.] recordar explicitamente o tema da vocação nupcial, e fazer com que as leituras bíblicas e orações pelos casais sejam centradas no amor conjugal, purificado, reforçado, feito estável e generoso pelo próprio amor de Deus derramado nos corações humanos (DLFV, 2022, n. 61)[481].

Abaixo, se apresenta um resumo da preparação próxima ao matrimônio, tirada do Dicastério. São as finalidades que concluem a trajetória satisfatória da preparação próxima, que coincide com o noivado:

[481] "A promessa de matrimônio, [.] chamada esponsais, rege-se pelo direito particular, que tenha sido estabelecido pela Conferência episcopal, tendo em consideração os costumes e as leis civis, se existirem" (CDC, cân. 1062).

> Em resumo, as finalidades da preparação próxima são: a) Repropor uma catequese de iniciação à fé cristã e uma aproximação à vida eclesial. b) Fazer viver uma iniciação específica ao sacramento do Matrimônio e chegar à clara consciência das suas notas essenciais. c) Aprofundar os temas ligados à relação de casal e tomar consciência das suas próprias carências psicológicas e afetivas. d) Levar a cabo uma primeira fase do discernimento do casal acerca da vocação nupcial. e) Continuar com mais decisão um caminho espiritual. (DLFV, 2022, n. 63)[482].

5.4.1.1 Encontros de preparação dos noivos para o matrimônio

Para concretizar as abordagens da preparação próxima: amor, silêncio, oração, diálogo e demais atitudes, a seguir, deixaremos um possível itinerário de encontros de preparação ao sacramento do matrimônio. Esses encontros estão voltados para os noivos, paróquias e dioceses, especialmente para a pastoral familiar. Porém, esse itinerário pode servir para os namorados, como uma abordagem mais genérica. É preciso lembrar alguns conceitos de Guardini, já mencionados no capítulo da formação litúrgica: conceito de pessoa, fonte e origem das ações humanas, de modo especial para as celebrações; e depois, o conceito de comunidade, onde a pessoa se integra e vive o mistério de Cristo com os irmãos. Esses dois conceitos norteiam os encontros dos noivos. Pois, sem a atenção devida a integrada do homem e da mulher, e sem a inserção na comunidade eclesial, seja paróquia ou comunidade de vida, fica difícil estabelecer um percurso aquedado para os noivos. A vida litúrgica é pessoal e sobretudo comunitária.

É preciso formadores competentes e disposição aberta dos noivos. A metodologia consiste em 10 encontros, duração máximo de entre 1h e 2h cada encontro. A finalidade última é a celebração, porém, o caminho dos noivos deve ser em discernimento, caso não estejam preparados, a celebração pode ser adiada. Cada encontro cujo título já apresenta o tema a ser explorado segue um esquema pré-determinado que se repete. São previstas as seguintes etapas de desenvolvimento: objetivo do encontro, acolhida e oração inicial, passagens da Sagrada Escritura, formação doutrinal, dinâmica, testemunho-vídeo, atividade-partilha (pode ser feita no encontro ou como tarefa para o dia seguinte), oração final. A pastoral familiar prepara esses encontros, além do mais deve ter o pessoal, material e ambiente adequado para a realização das atividades. Segue o roteiro resumido:

- Primeiro encontro: vocação ao matrimônio.
- Segundo encontro: psicologia e comunicação do casal.

[482] Para aprofundar ver no texto: PCF, 1996, n. 45-46.

- Terceiro encontro: sexualidade e afetividade.
- Quarto encontro: o sacramento do matrimônio.
- Quinto encontro: fé e espiritualidade do casal.
- Sexto encontro: planejamento familiar e abertura à vida.
- Sétimo encontro: dimensão social e economia do matrimônio.
- Oitavo encontro: liturgia do sacramento do matrimônio.
- Nono encontro: perdão, paciência e caminho de santidade.
- Décimo encontro: missa de encerramento com os noivos.

Primeiro encontro: vocação ao matrimônio. O objetivo desse encontro é ajudar os noivos a compreenderem que o matrimônio é uma vocação cristã, um chamado de Deus à vivência do amor e da santidade no casal. Inserir essa realidade dentro do processo do catecumenato matrimonial, como um caminho de amadurecimento humano e espiritual. Na ambientação e acolhida se coloca a oração inicial do Sl 127, depois cada casal conta sua história brevemente de como se conheceram. Na parte da reflexão bíblica se propõem duas citações: "Não é bom que o homem viva sozinho [.]." (Gn 2,18-24). "Maridos, amai cada um a vossa mulher, como também Cristo amou a Igreja [.]" (Ef 5, 25-33) logo após a leitura, se faz uma partilha das reflexões em grupos pequenos.

Na formação do primeiro encontro se abordam vários aspectos: 1) O matrimônio é uma vocação. Deve-se partir do pressuposto que Deus chama cada pessoa a uma missão específica para cada um dentro da vocação à santidade, comum a todos os batizados: vida consagrada, sacerdócio, laicato, matrimônio. Deve se tratar do amor humano que está inserido no plano da salvação. Convém falar, também, que o matrimônio é mais do que contrato social, ele é aliança, ou seja, sacramento. 2) O matrimônio como caminho de santidade. O chamado à santidade é viver amor de modo pleno, fiel, fecundo e indissolúvel, vivido no quotidiano do casal. 3) Catecumenato matrimonial: um itinerário de fé**.** A preparação não é somente para o dia da cerimônia, mas para toda vida. A preparação reside em três etapas, que mesmo não vividas intensamente é preciso passar aos filhos e conhecidos: preparação remota (infância/juventude), próxima (noivado) e imediata (antes do casamento). E por fim, falar que o casal cristão é sinal do amor de Cristo à Igreja.

Para fixar o conteúdo, sugere-se passar algum vídeo ou dar algum testemunho, de preferência algum casal. Como dinâmica lançar um questionamento para ser conversado e escrito pelos casais e ser partilhado ao final do encontro: Em que momento vocês perceberam que estavam sendo chamados a viver o amor no matrimônio? Na oração final um casal de noivos faz uma prece

espontânea, além do condutor fazer uma pequena oração a Nossa Senhora, especialmente a Sagrada Família. Recomendação nesse momento é entregar uma vela ou um cartão com um trecho da bíblia.

Segundo encontro: psicologia e comunicação no casal. O objetivo do encontro é ajudar os noivos a compreenderem aspectos psicológicos e emocionais da vida a dois, desenvolvendo a escuta ativa, a empatia e a comunicação como pilares do relacionamento saudável e maduro. Na acolhida e oração inicial se faz algo espontâneo ou já preparado por um casal de noivos. Depois fazer uma breve dinâmica em que o casal fale o que mais admira um no outro. Dentro da abordagem da Sagrada Escritura convém meditar em duas passagens: "A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho" (1Cor 13, 4). "Todo homem seja pronto para ouvir, lento para falar e lento para se irritar" (Tg 1,19). Depois de ler se faz a reflexão: Como o amor se manifesta na escuta, na paciência e na forma como nos comunicamos, convém também partilhar em geral o que é a escuta.

Dentro do conteúdo formativo são quatro pontos a serem mencionados sobre a psicologia e comunicação. 1) Bases psicológicas da relação a dois. Cada um traz uma história, feridas e experiências. Conhecer-se é pré-requisito para amar bem o outro. Você só ama o que conhece. A importância da maturidade emocional, empatia e respeito às diferenças. 2) O desafio da comunicação. Comunicação não é só falar, é principalmente ouvir com o coração. Perceber o outro, aceitar como o outro é mesmo com suas dificuldades em se expressar, o que pensa, tentar conhecer a linguagem de amor como cada um se expressa. Barreiras comuns: orgulho, silêncio agressivo, crítica destrutiva, impulsividade. Estilos de comunicação: passivo, agressivo, passivo-agressivo e assertivo. 3) Comunicação saudável no casal. Princípios: escuta ativa, linguagem do amor (palavras, gestos, tempo, serviço, toque). Importância do diálogo constante: expressar sentimentos, expectativas, frustrações. Solução de conflitos com amor e sem ofensa. 4) O perdão e a reconciliação. Conflitos são inevitáveis; o perdão é caminho de cura e crescimento. Aprender a pedir desculpas e a perdoar de verdade.

Convém passar algum vídeo ou testemunho sobre o perdão: trecho de algum filme com a ênfase em escuta e perdão ou um testemunho de um casal sobre superação de dificuldades por meio do diálogo. Em seguida, uma dinâmica, que pode ser feita no dia ou como tarefa a dois para praticar a escuta ativa. Cada noivo compartilha com o outro: um momento feliz que viveu com o outro e um medo ou insegurança sobre a vida a dois. Desse modo o outro apenas escuta, sem interromper. Repete-se o que foi ouvido, tentando demonstrar empatia. Faz-se uma reflexão conjunta: Como foi

essa experiência de escuta? O que aprenderam sobre si mesmos e sobre o outro? Na oração final rezar o Pai-Nosso de mãos dadas, pedindo por um amor paciente e comunicativo ou uma oração espontânea dos noivos ou do catequista sobre o dom da compreensão.

Terceiro encontro: sexualidade e afetividade. O objetivo do encontro é ajudar os noivos a compreenderem a sexualidade como dom de Deus e expressão do amor no matrimônio, integrando corpo e espírito, com maturidade afetiva e respeito mútuo. Na acolhida, faz-se a oração inicial e pode ser tocada uma música suave, ou uma oração: Senhor, ensina-nos a amar com todo o nosso ser, ou uma leitura breve: "Vosso corpo é templo do Espírito Santo" (1Cor 6,19-20). Dentro da passagem bíblica se pode falar de "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criaram; e viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom." (Gn 1, 27; 31a). Na continuação, Cântico dos Cânticos – poesia do amor esponsal (Ct 2, 14-17; 8, 6-7). Depois da leitura refletir sobre: o plano de Deus para o amor humano inclui o corpo e os afetos.

Dentro da formação aos noivos sobre a castidade e afetividade se tocam diversos aspectos. 1) A sexualidade como dom de Deus. A sexualidade é parte integrante da pessoa humana, não é só genitalidade. Também, é comunicação, entrega, expressão de amor e abertura à vida. Deus criou o prazer, mas dentro de um sentido: comunhão e doação. 2) Afetividade e maturidade emocional. Afetividade é o modo como se vive o amor: com ternura, respeito e empatia. A importância de amadurecer os sentimentos e dominar os impulsos. Evitar relações utilitaristas, onde usar o outro como objeto de prazer. 3) A visão cristã da castidade e da entrega no matrimônio. Castidade não é repressão, mas vivência ordenada da sexualidade. No namoro e no noivado, a castidade prepara para a entrega total do matrimônio. No matrimônio, a castidade conjugal significa fidelidade, abertura à vida e respeito. 4) O sacramento do matrimônio e a união dos corpos. A união sexual entre os esposos no sacramento é sinal visível da união invisível de Cristo com a Igreja. O amor conjugal é total, fiel, exclusivo e fecundo.

Como dinâmica se fala de como amar com o corpo todo. Dividir em pequenos grupos (homens/mulheres separados, se possível). Perguntas para reflexão: O que você entende por sexualidade madura? Como podemos viver uma sexualidade santa no casamento? Quais são os maiores desafios nessa área? Depois, retorno ao grupo maior para partilhar (opcional). Sugestão para tarefa de casa. Entregar um exercício para que os noivos reflitam juntos: Como expressamos

carinho e intimidade um com o outro? Quais são nossos medos ou expectativas em relação à vida sexual no casamento? Como podemos nos preparar espiritualmente para esse dom? Na oração final se pede pela pureza, respeito e santidade no amor conjugal. Consagração da sexualidade e afetividade do casal a Deus. Oração de São João Paulo II sobre o amor humano (inspirada na teologia do corpo): Senhor Deus, tu nos criaste à Tua imagem e semelhança, homem e mulher nos formaste, para que no dom sincero de nós mesmos encontrássemos o sentido do nosso ser. Agradecemos-te pelo dom do corpo, sinal visível do invisível, chamado a expressar o amor verdadeiro, fiel, total, livre e aberto à vida. Ensina-nos a ver o outro com pureza de coração, a amar com um amor que não usa, mas serve, que não busca possuir, mas doar-se, que espelha o amor de Cristo por sua Igreja. Purifica nossos desejos, cura nossas feridas, e fortalece-nos na castidade, para que sejamos testemunhas do Teu plano de amor neste mundo marcado por tantas falsidades sobre o amor. Maria, mulher plenamente aberta ao amor de Deus, guia-nos na vivência da nossa vocação ao amor, seja no matrimônio, na virgindade consagrada, ou no celibato pelo Reino dos Céus. São João Paulo II, servo do amor e profeta do corpo redimido, intercede por nós, para que possamos viver com alegria a verdade do nosso ser e a beleza do amor humano segundo o coração de Deus. Amém[483].

Quarto encontro: o sacramento do matrimônio. O objetivo é abordar o matrimônio como sinal da união de Cristo com a Igreja, vivido como vocação e missão. Na acolhida e oração inicial propor uma música instrumental suave e clima de reverência, e uma oração inicial: Senhor, faze do nosso amor um sacramento vivo do teu amor" ou uma citação breve: "É grande: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja" (Ef 5, 31-32). Sobre a passagem bíblica em questão para esse encontro se aborda: As bodas de Caná, (Jo 2, 1-11) no qual Jesus abençoa e transforma o amor humano. Depois se fala do amor conjugal como reflexo do amor de Cristo pela Igreja (Ef 5, 21-33). E ainda, "Ele respondeu: 'Não lestes que aquele que os fez, desde o princípio, os fez macho e fêmea,' e que disse: 'Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne?' Assim, já não são dois, mas uma só carne. 'Portanto, o que Deus uniu, o homem

[483] Como fontes da oração ver no livro: JOÃO PAULO II. *Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino.* Campinas: Ecclesiae, 2005. Referências da oração sobre o amor humano: (Catequese 1 e 2 (3 e 10 de setembro de 1979); Catequese 15 (16 de janeiro de 1980) e Gaudium et Spes 24; Catequese 19 (20 de fevereiro de 1980); Catequese 31 (8 de outubro de 1980) e Catequese 49 (18 de fevereiro de 1981); Catequeses 48–49 (1981); Catequese 78–86 (1982–1983); Catequese 70–72 (1981); Catequese 90 - 28 de novembro de 1984).

não separe'" (Mt 19,3-6). Ao final da leitura se faz a reflexão proposta: o matrimônio é mais que uma cerimônia, ou seja, é uma vocação e missão espiritual.

No conteúdo formativo se exploram diversos tópicos. 1) O que é um sacramento? O matrimônio é sinal visível da graça invisível de Deus. Os sacramentos comunicam a vida divina e fortalecem a caminhada cristã. O matrimônio é um dos sete sacramentos, celebrado entre batizados. 2) Matrimônio: vocação e missão. Matrimônio um chamado de Deus ao amor total, fiel, indissolúvel e aberto à vida. Não é apenas um compromisso civil ou afetivo, mas um sim diante de Deus e da Igreja. A vida do casal torna-se lugar da presença de Deus. 3) A matéria e a forma do sacramento. Os próprios noivos são os ministros do sacramento. O sacerdote/diácono é testemunha qualificada. A matéria são os corpos e a entrega dos noivos. A forma seriam os votos matrimoniais. 4) Efeitos espirituais do sacramento. União indissolúvel diante de Deus. Graça própria para viver a fidelidade, o perdão e o amor cotidiano. Os esposos tornam-se igreja doméstica e sinais do amor de Deus no mundo.

Propõe-se um vídeo de ilustração ou um testemunho de um casal sobre a vivência do sacramento nas alegrias e desafios da vida real. Na atividade ou dinâmica falar: Nosso sim diante de Deus. Entregar aos noivos uma cópia simplificada dos votos matrimoniais. Propor que cada um escreva uma breve versão pessoal dos seus votos, com palavras próprias. Depois, partilham (opcionalmente) ou guardam como preparação espiritual. Nas questões de partilha em grupo se propõe: O que mais te tocou ao entender que o matrimônio é um sacramento? Em que momentos você percebeu que o amor de Deus sustenta a relação? Como vocês sentem que podem viver seu casamento como missão? Na oração final se fala de uma leitura do trecho de *Amoris Laetitia*[484] ou de oração de consagração do casal a Deus: Senhor, que nos unistes no amor, fortalecei-nos na vossa graça para vivermos este sacramento com fidelidade, alegria e entrega. Amém.

Quinto encontro: fé e espiritualidade do casal. O objetivo do encontro é levar os noivos a compreenderem que a fé vivida juntos fortalece o matrimônio, constrói-se uma vida espiritual a dois sustenta nas dificuldades e transforma o lar em espaço de comunhão com Deus, Igreja doméstica. Na acolhida e oração inicial com ambiente com vela acesa ou imagem da Sagrada

[484] Conferir em AL, n. 315-316.

Família, canto: Onde reina o amor, ali está Deus; na oração inicial: invocar o Espírito Santo pedindo união, paz e fé no casal. Na bíblia se tocam as seguintes passagens: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18, 20). “Quanto a mim e à minha casa, serviremos a Iahweh” (Js 24, 15b). “Mas sobre tudo isso, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3, 14). Ao final se faz a seguinte reflexão: A fé no casal é um dom a ser cultivado, vivido e testemunhado.

Vários elementos da fé e espiritualidade do casal são falados: 1) O casal como Igreja doméstica. A família é a célula primeira da sociedade e “Igreja doméstica” (CIC, n. 1655). O lar cristão é lugar de oração, perdão, partilha e missão. 2) A importância da fé na vida do casal. A fé sustenta o amor nas crises, nas decisões e na rotina. Casais que rezam juntos, permanecem juntos com mais firmeza. A fé dá sentido ao sofrimento, ao perdão e às alegrias. 3) Elementos da espiritualidade conjugal. A oração pessoal e a dois (oração espontânea, Pai-nosso, leitura bíblica) . Participação na vida da Igreja (missa dominical, sacramentos, vida comunitária). Educação cristã dos filhos, abertura à vida e responsabilidade familiar. Espiritualidade da entrega mútua, da cruz e da ressurreição diária. 4) A missão do casal na Igreja e no mundo. Testemunhar o amor cristão no ambiente de trabalho, entre amigos, na paróquia. O lar é também lugar de acolhida, caridade e evangelização. Sugere-se escolher vídeos e testemunhos. Trecho do Papa Francisco falando sobre a oração em família (*Angelus* ou audiência sobre *Amoris Laetitia*). Testemunho de um casal: Como a oração os sustentou em momentos difíceis. Na atividade ou dinâmica falar sobre: nosso compromisso de fé. Cada casal recebe uma folha com perguntas: Como vivemos nossa fé hoje como casal? Que dificuldades enfrentamos na vida espiritual? Como gostaríamos de crescer como casal cristão? Juntos, escrever uma pequena oração do casal (livre ou guiada). A oração escrita pode ser lida pelo casal ou levá-la para casa como compromisso. Questões para partilha em grupo: Em que momentos sentiram que a fé sustentou o relacionamento? O que podem fazer juntos para crescer espiritualmente como casal? Em seguida, proposta de leitura breve: “Cada filho é um dom de Deus e uma oportunidade para renovar a nossa fé e o nosso amor” (AL, n. 222). Oração final do encontro: Senhor da vida, que nos chamaste a participar do teu amor criador, dá-nos um coração generoso, aberto e confiante. Que possamos acolher os filhos como bênçãos e conduzi-los a ti. Amém.

Sexto encontro: planejamento familiar e abertura à vida. Objetivo do encontro é ajudar os noivos a compreenderem o valor sagrado da vida, a responsabilidade da paternidade/maternidade

e a importância do discernimento no planejamento familiar à luz da fé e da doutrina da Igreja. Na acolhida e oração inicial se faz com a com imagem da Sagrada Família e uma vela acesa; a oração inicial pode ser dessa forma: Senhor da vida, ensina-nos a amar com generosidade e confiança; ou com a leitura bíblica breve: "Sim os filhos são herança de Iahweh, é um salário o fruto do ventre!" (Sl 127/126, 3). Na abordagem com a Sagrada Escritura se propõe: "E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que se move sobre a terra" (Gn 1,28). "Sim! Tu formaste os meus rins, tu me teceste no seio de minha mãe" (Sl 139/138, 13). "O ladrão só vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10, 10). Depois da leitura se reflete: a vida é dom de Deus. O casal é chamado a acolhê-la com generosidade e responsabilidade.

No sexto encontro sobre abertura à vida e planejamento familiar são tocados vários aspectos da vida conjugal. 1) Abertura à vida: sinal de amor total. O amor conjugal é por natureza fecundo. A geração da vida é participação na obra criadora de Deus. Ter filhos não é obrigação, mas uma vocação discernida com liberdade, responsabilidade e fé. 2) Planejamento familiar responsável. A Igreja reconhece o valor do planejamento familiar, quando feito com critérios éticos e generosos. Planejar não é rejeitar a vida, mas discernir com prudência e oração. Rejeita-se o egoísmo, o hedonismo e o fechamento total à vida. 3) Métodos naturais de regulação da fertilidade. Os métodos naturais respeitam o corpo da mulher e a dignidade do casal. Requerem diálogo, autodomínio e amor mútuo. São éticos, eficazes e favorecem o crescimento na comunhão do casal. Exemplo: Método Billings, Método da temperatura Basal. 4) Por que a Igreja não aprova métodos contraceptivos artificiais? Porque os métodos artificias interferem na entrega total dos esposos e dissociam amor de fecundidade. Alguns métodos podem ter efeitos abortivos. A castidade conjugal é vivida também no respeito ao ciclo natural.

Como referência doutrinal do sexto encontro podemos ver no Catecismo da Igreja Católica (CIC. n. 2366-2370), na *Humanae vitae* do Papa Paulo VI e na *Amoris Laetitia* do Papa Francisco – caps. 5 e 6. Para frisar o conteúdo pode-se passar um vídeo como testemunho, sobre abertura à vida, ou um testemunho de um casal que viveu o método natural ou superou dificuldades de fertilidade com fé. Na atividade ou dinâmica tem como tema: Nosso projeto de família. Entregar aos noivos uma folha com as perguntas: Quantos filhos gostaríamos de ter? O que significa ser

pai/mãe para mim? Como queremos educar nossos filhos na fé? Como podemos nos preparar para acolher a vida? Após o preenchimento, o casal faz uma pequena oração juntos pela família que desejam construir. Para melhorar a fixação do conteúdo se recomenda partilhar como tarefa de casa: O que significa para nós estarmos abertos à vida? Que medos ou esperanças temos sobre formar uma família? Como a fé pode nos ajudar a viver essa missão? Na oração final se coloca a leitura breve: "Cada filho é um dom de Deus e uma oportunidade para renovar a nossa fé e o nosso amor" (AL, n. 222). Oração final pode ser a seguinte: Senhor da vida, que nos chamaste a participar do teu amor criador, dá-nos um coração generoso, aberto e confiante. Que possamos acolher os filhos como bênçãos e conduzi-los a ti. Amém.

Sétimo encontro: dimensão social e economia do matrimônio. O objetivo do encontro é ajudar os noivos a compreenderem o casamento cristão como projeto de vida em comum, com responsabilidade social, partilha e boa administração dos bens tendo dimensões práticas: envolve administração responsável dos bens, partilha justa, compromisso com o próximo e testemunho social. Na acolhida, coloca-se uma música suave fazendo um ambiente simples e harmônico, inicia-se uma oração podendo ser: Senhor, ensina-nos a viver o amor com sabedoria, justiça e generosidade, ou uma leitura breve: "Quem de vós, querendo construir uma torre, não se senta primeiro para calcular as despesas e ponderar se tem com que terminar?" (Lc 14, 28-30). Como propostas de passagens bíblicas para o encontro: "Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro" (Mt 6, 24-34). "Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum" (At 2, 44-45). "Os projetos do homem diligente são apenas o lucro; para quem se apressa somente a pobreza!" (Pr 21, 5). O final da leitura se reflete sobre: a economia do casal é um campo de comunhão, justiça e testemunho cristão.

Alguns aspectos relacionados à dimensão social e economia do matrimônio serão mencionados: 1) O casamento como sociedade de vida. Matrimônio não é só amor romântico: é projeto de vida real com decisões cotidianas. A vida a dois exige diálogo, organização, trabalho e partilha de responsabilidades. 2) Economia doméstica e espiritualidade. A forma como administramos o dinheiro revela nossos valores. A economia cristã se baseia em: Planejamento, simplicidade, partilha, confiança na providência. 3) Princípios da boa administração no casal. Evitar dívidas desnecessárias, consumismo, individualismo. Ter objetivos em comum (casa, filhos, missão, poupança, doações). Valorizar o trabalho honesto e cuidar do equilíbrio entre o sustento e

o tempo em família. A importância do diálogo financeiro frequente e transparente. 4) Compromisso social do casal cristã. A família deve ser solidária, não egoísta. Praticar a caridade concreta com os mais pobres e necessitados. Ser exemplo de ética e justiça no trabalho, nas relações sociais, na paróquia e na vizinhança. São várias as referências do magistério sobre a vida social e finanças: Compêndio da Doutrina Social da Igreja, *Amoris Laetitia* (AL n. 183-186; 274-275) e Catecismo da Igreja Católica (CIC, n. 2401-2449).

Sobre o vídeo ou testemunho, buscar algo sobre a simplicidade do evangelho vivida por um casal. No dia tratar o tema: nosso plano de vida a dois, como resposta ao vídeo ou testemunho. Na atividade ou dinâmica pode ser feita no dia ou em casa. Entregar uma ficha com áreas da vida prática: Finanças, trabalho e tempo livre, solidariedade, sonhos materiais e espirituais. O casal deve discutir e anotar as decisões, os compromissos e as metas para cada área. Ao final, orar juntos pedindo o dom da sabedoria para administrar bem as dádivas que recebem. Perguntas a serem respondidas sobre esses pontos: Como lidamos hoje com o dinheiro? Somos organizados ou impulsivos? Perguntas para responder em casa: Que mudanças precisaremos fazer para vivermos a economia com equilíbrio e fé? Como podemos ajudar outras pessoas através da nossa família? Na oração final: Oração espontânea pelos casais em dificuldade financeira. Bênção final pode conter este trecho: "O amor também se expressa na administração da vida cotidiana. Ele nos leva a cuidar das pequenas coisas com grandeza de espírito" (AL, ns. 183-186; 274).

Oitavo encontro: a liturgia do matrimônio. Objetivo desse encontro é ajudar os noivos a compreenderem o significado espiritual, simbólico e comunitário do rito do matrimônio, expressão visível da graça, do compromisso e da missão do casal cristão para que celebrem com fé, consciência e participação ativa. Acolhida e oração inicial. Ambientação: cruz, bíblia aberta, velas e alianças. A oração inicial pode conter: Senhor, prepara o nosso coração para celebrarmos com fé o sacramento do amor que nos unirá para sempre em tua presença. Amém. Para iluminar o encontro com a Palavra de Deus, eis algumas passagens: Jesus nas Bodas de Caná como presença de Cristo no início da vida matrimonial (Jo 2,1-11). E, o amor entre marido e mulher como reflexo do amor de Cristo pela Igreja (Ef 5, 25-33). Oração dos esposos: confiar o matrimônio à graça de Deus (Tb 8, 4b-8).

No oitavo encontro se explica o roteiro litúrgico do matrimônio, ou seja, sua celebração. Esses pontos ajudam a uma reflexão: 1) O matrimônio é celebrado liturgicamente. A Igreja

reconhece o matrimônio como um sacramento celebrado liturgicamente (CIC n. 1621). Não é apenas um contrato ou cerimônia social, mas um ato de culto. 2) Rito do matrimônio. Os principais momentos da celebração são: a) ritos iniciais – acolhida e saudação da assembleia. b) liturgia da palavra – leitura da Sagrada Escritura, salmo, evangelho e homilia. c) rito do matrimônio: diálogo pré-nupcial, consentimento (promessas), bênção e entrega das alianças, bênção nupcial. d) liturgia eucarística (se houver missa): os noivos oferecem com Cristo. e) ritos finais e bênção sobre os esposos. O casal é ministro do sacramento – são eles que se entregam mutuamente diante de Deus. 3) Com ou sem missa? Com missa: ideal quando ambos são católicos praticantes. Sem missa: possível, especialmente em situações de disparidade de culto. 4) Escolhas litúrgicas conscientes: leituras bíblicas, cânticos litúrgicos, intenções da oração dos fiéis, forma de entrada, participação dos padrinhos, gestos simbólicos. Tudo deve refletir a fé e não apenas uma estética.

Para a reflexão guiada do oitavo encontro se deve falar: Que sentido tem para vocês celebrarem o casamento como sacramento e não apenas como cerimônia? Como pretendem preparar espiritualmente o coração para o grande dia? Para facilitar e se preparar melhor para a celebração convém os noivos mandarem juntos à celebração os noivos recebem um modelo do rito. Os noivos escolhem juntos: leituras bíblicas, salmo, santo de entrada e de comunhão, oração dos fiéis, a forma da bênção nupcial. Depois disso, podem compartilhar com outro casal suas escolhas e motivações. Oração final com as mãos dadas: consagração a Deus da futura celebração. Sugestões de vídeos ou testemunhos: trecho de uma celebração real com explicações do rito ou vídeos sobre o sacramento do matrimônio. As referências doutrinais: Catecismo da Igreja Católica (CIC, n. 1621-1624), Ritual do Matrimônio e *Amoris Laetitia* (AL, n. 213-216). Reza-se na oração final: Senhor, que abençoaste as bodas de Caná com tua presença, abençoa também nossa união. Que o dia do nosso matrimônio seja uma verdadeira celebração da fé, da esperança e do amor. Amém.

Nono encontro: perdão, paciência e caminho de santidade. Objetivo do encontro é levar os noivos a compreenderem que o matrimônio cristão é um caminho de santidade feito de reconciliação, crescimento mútuo, cruzes e recomeços, onde o perdão e a paciência são sinais concretos do amor de Deus no dia a dia. Preparar uma acolhida e oração adequada: Ambiente: cruz, imagem da Sagrada Família, e velas. Música suave de interiorização. Oração inicial pode ser: Senhor, ensina-nos a amar como Tu amas: com paciência, misericórdia e fidelidade. É possível

uma leitura: “Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão, longanimidade [.]” (Cl 3,12). Na abordagem bíblica sugere-se: “A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho” (1 Cor 13, 4). “Então Pedro chegando-se a ele, perguntou lhe: Quantas vezes devo perdoar o irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?” (Mt 18, 21). “Quem busca amizade encobre a ofensa, quem a diz e repete afasta o amigo” (Pr 17, 9). Depois da leitura refletir sobre: o amor conjugal exige reconciliação diária. Perdoar é viver o evangelho.

Eis alguns os pontos de apoio para orientar o encontro: 1) A santidade no cotidiano. A santidade no matrimônio se constrói nos gestos simples: diálogo, paciência, perdão, cuidado mútuo. Casar-se não é entrar em uma vida perfeita, mas numa caminhada espiritual a dois. 2) A importância da paciência. Ter paciência é amar com tempo, com limites e com fé. Reconhecer que o outro tem defeitos, mas também potencial de crescimento. Evitar expectativas irreais e buscar a aceitação madura. 3) O perdão: expressão máxima do amor. Todos erram e falham no amor. O perdão mantém o casal unido. Perdoar não é esquecer, mas decidir recomeçar. Evitar mágoas acumuladas, silêncios destrutivos, vinganças sutis. 4) Viver o matrimônio como caminho de santificação. O casal é chamado a ajudar-se mutuamente a crescer na fé e no amor. Nas dificuldades, confiar na graça sacramental. Buscar sempre a reconciliação e a comunhão com Deus.

As referências da bíblia são inúmeras na *Amoris Laetitia* (AL, n. 91-122) sobre a paciência, perdão e santidade conjugal, no Catecismo (CIC, n. 1641-1642) e *Gaudete et exsultate* do Papa Francisco, sobre a santidade no cotidiano. Para a sugestão de vídeos e testemunhos: Casal dando testemunho de reconciliação após crise ou vídeo com trechos de *Amoris Laetitia*, da CNBB ou da *Vatican news*. Na atividade ou dinâmica propor: Cartas de reconciliação. Cada noivo escreve uma carta ao outro com 3 partes: eu te peço perdão por., eu te agradeço por., eu me comprometo a. Trocam as cartas em silêncio e rezam juntos. Partilha opcional em pequenos grupos com perguntas para a reflexão e partilha no encontro ou em casa: Em que situações percebo minha impaciência no relacionamento? Como costumo reagir diante dos erros do outro? O que posso fazer para crescer na capacidade de perdoar e amar com mais profundidade? Oração final e encerramento pode ser com a leitura final: “Não existem famílias perfeitas. É preciso amar mesmo nas imperfeições, com paciência e perdão” (AL, n 118). Oração dos noivos ao final: Senhor, dá-nos um coração manso e humilde. Ensina-nos a perdoar como tu perdoas, a esperar como tu esperas, a amar com fidelidade

mesmo nos dias difíceis. Que sejamos santos no amor que vivemos um pelo outro. Amém. Proposta de canto de encerramento: Eu te amarei Senhor ou o amor é tudo.

Décimo encontro: missa de envio dos noivos. Objetivo do encontro é realizar uma celebração eucarística especial para abençoar os noivos e enviá-los como discípulos e missionários à vida matrimonial com fé, coragem e esperança, reconhecendo-os como membros ativos da comunidade eclesial. Preparação do ambiente com decoração simples e festiva: flores, velas, imagens da Sagrada Família, espaço reservado para os noivos e familiares próximos ou horário de missa somente para eles, música litúrgica adequada para a ocasião (hinos de amor, compromisso e envio). Importante favorecer um roteiro litúrgico adaptado para a Missa de envio dos noivos. a) Acolhida: saudações pelo celebrante, breve fala sobre o significado da missa de envio. b) Liturgia da palavra. Primeira leitura: o amor é paciente e bondoso (1Cor 13,4-7). O Salmo Responsorial pode ser: "Felizes todos os que temem a Iahweh e andam em seus caminhos! aqueles que temem o Senhor" (Sl 128/127, 1). Na segunda leitura: O mistério do matrimônio (Ef 5, 21-33). No evangelho se pode ler: "Assim como o Pai me amou também eu vos amei. Permanecei em meu amor" (Jo 15, 9). c) Homilia: mensagem breve sobre a missão do casal na Igreja e na sociedade, enfatizar que o matrimônio é vocação e serviço. d) Rito do envio: renovação das promessas dos noivos (opcional), oração especial pelos noivos e suas famílias, bênção solene do celebrante - o rito de envio pode ser feito no final da celebração ou após a homilia. e) Liturgia eucarística: participação plena na missa, oração dos fiéis: incluir intenções pelo matrimônio, famílias e vocações. f) Rito de conclusão: canto final de envio, mensagem de despedida e convite para continuidade na comunidade.

Opções de músicas para a missa de envio: a família é luz; teu amor é mais; eu me entrego a ti; vem, Senhor Jesus (canto de envio). Atividades que se podem preparar antes da missa: Ensaio com os noivos para participação no rito (se possível), preparar cartões ou lembranças com uma oração do envio para os noivos, convite para os padrinhos participarem da missa e do momento especial. Oração final da missa e do encontro (essa oração não exclui a oração da própria missa): Senhor Deus, que abençoaste o matrimônio como sinal do teu amor, envia estes noivos como testemunhas vivas do evangelho no mundo. Fortalece-os no compromisso de amor, fidelidade e esperança. Que sejam luz para a sua família e para a comunidade. Amém.

Entre a preparação próxima e imediata se propõem esses encontros dos noivos. Esse caminho serve às dioceses, paróquia e aos próprios noivos. Trata-se de um verdadeiro caminho de

fé, confiança e amor a Deus. As virtudes teologais são exercitadas nesse percurso, de modo a ajudar os noivos na preparação e vivência da sua fé matrimonial. Já falamos o que Guardini pensa sobre a formação litúrgica, vale a pena lembrar que formação do homem e da mulher começa dentro do coração, mas os ritos externos ajudam e contribuem para o desenvolvimento interno. Todos esses rituais, orações e celebrações que foram mencionados ajudam no crescimento do casal e vai mantê-los na rocha firme que é Cristo.

Após traçar um percurso de encontros dos noivos, se continua a fase catecumenal: preparação imediata. A duração da preparação imediata dura algumas semanas, a depender da data do casamento e dos pormenores práticos a resolver. Para melhorar a preparação espiritual à celebração, se indica um breve retiro, onde são colocados em questão apenas compromisso e responsabilidades matrimoniais, que podem ser extraídos do ritual. As vantagens da pausa do retiro é deixar que Deus tome conta de tudo, celebração, Igreja, convidados, festa. Porém, não se descarta um outro tipo de preparação, onde se coloque em oração, reflexão e diálogo a cerimônia e compromissos matrimoniais. Seguramente, ao meditar nas leituras e no rito do matrimônio que vão celebrar, estão meditando na vida que querem ter após a celebração da Igreja. Nesse pequeno retiro, opcional, o casal que se prepara para o matrimônio, compreende que Deus ocupa o primeiro lugar e sem Ele o matrimônio não se rege. A oração deve ser mantida após o retiro, onde eles rezando juntos compreendem que Deus está lhes acompanhando e cuidando.

Quando se fala de preparação imediata se pensa nos noivos que estão prestes a vivenciar e celebrar o matrimônio na Igreja. Por isso, essa preparação vai especialmente aos cristãos e, de modo privilegiado, aos católicos. Apesar que existem outras formas de matrimônio válidos e bem consolidados no mundo, é preciso falar que, entre os batizados, o matrimônio toma um outro sentido, é sacramento, e, portanto, em plenitude, ele se realiza na Igreja católica.

> A preparação para o matrimônio constitui um momento providencial e privilegiado para aqueles que se orientam para este sacramento cristão, e um Kayrós, isto é, um tempo no qual Deus interpela os noivos e suscita neles o discernimento da vocação matrimonial e da vida na qual introduz. O noivado inscreve-se no contexto de um denso processo de evangelização. De facto, vêm confluir na vida dos noivos, futuros esposos, questões que incidem sobre a família. Eles são [.] convidados a compreender o que significa o amor responsável e maduro da comunidade de vida e de amor que será a sua família, verdadeira igreja doméstica, que contribuirá para enriquecer toda a Igreja (PCF, 1996, n. 2).

Para Guardini, a mudança da juventude à idade adulta é o melhor período, onde a profundidade das convicções se faz presente na vida do homem e da mulher. Podemos aplicar isso à preparação imediata ao matrimônio, onde existe um vigor grande para iniciar uma nova etapa da vida. É preciso aproveitar esse momento, onde, inclusive o corpo humano contribui para estabelecer laços profundos entre o homem e mulher no matrimônio. É o momento em que o ser humano tem capacidade de assumir o compromisso matrimonial para toda vida.

> É a fase do pleno vigor. Apoia-se na viva consciência de que só existe autenticidade quando as ideias verdadeiramente bem elaboradas se conciliam com a realidade corretamente apreendida; quando as convicções absolutas se casam com os conhecimentos das complexidades, do carácter flutuante e miserável da condição humana [.]. Fisiologicamente, é a época em que o impulso da juventude se amortece, mas ao mesmo tempo se torna mais profundo e resoluto; época que as forças criadoras da natureza espiritual e vital manam da mais viva fonte. É também o período em o homem está disposto a assumir encargos, a exigir mais trabalho de si mesmo, a investir tempo e forças nas suas obras, sem se poupar em circunstâncias alguma[485].

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) mostra que a preparação imediata é importante pelo efeito mesmo da celebração na vida do casal. Por preparação imediata, nessa segunda etapa, entende-se que os casais já tenham feito "o encontro de preparação à vida matrimonial ou estejam por fazê-lo imediatamente" (CNBB, 2005, n. 269). Como ato sucessivo, assim, "nesta etapa preveem-se primordialmente um diálogo com o sacerdote e a preparação espiritual dos noivos" (CNBB, 2005, n. 269). De fato, "em muitos casos, este pode ser o primeiro encontro deles com a Igreja, após anos de afastamento." Enfim, pode ser "uma ocasião privilegiada para favorecer a eles o retorno à vida cristã prática ou à conversão" (CNBB, 2005, n. 269).

A matéria ou conteúdo do diálogo do sacerdote ou seus colaboradores deve ser efetivo, desenvolvendo-se a uma conversão verdadeira. "O conteúdo do diálogo com o sacerdote: a preparação para eventual confissão" (CNBB, 2005, n. 270). Além disso, outro ponto de abordagem nessa conversa o "esclarecimento sobre a indissolubilidade, a paternidade, maternidade responsáveis" (CNBB, 2005, n. 271). Os temas abordados na conversa com o pároco ou seu representante é referente à vida matrimonial e familiar, de modo que exista uma profundidade e seriedade na abordagem. "Nessa conversa, sejam abordados os temas referentes à fidelidade e à indissolubilidade matrimonial, bem como à tarefa sublime de comunicar a vida e de educar os filhos, à qual se comprometem os esposos" (CNBB, 2005, n. 271). Mostrar aos noivos ou

[485] GUARDINI, 1990, p. 47.

pretendentes ao matrimônio “a riqueza do sacramento e a pertença à comunidade eclesial” (CNBB, 2005, n. 272) especialmente a riqueza litúrgica na qual a Igreja os envolve. Desse modo, eles podem fazer parte de forma ativa e frutuosa nesse momento.

A preparação imediata à celebração do matrimônio deve ser pedagógica. “As três perguntas litúrgicas do matrimônio como meio pedagógico para conscientizar sobre o compromisso matrimonial” (CNBB, 2005, n. 273), exigido pelo Direito Canônico (CDC, cân. 1067), onde se pergunta sobre o sentido verdadeiro da liberdade, o sentido do amor ou fidelidade e da paternidade/maternidade responsável ou o cuidado dos filhos/filhas que Deus mandar. Fazer as perguntas e respostas a modo de pré-nupciais que podem auxiliar na preparação consciente.

Nesse momento os casais são esclarecidos sobre o que estão assumindo o momento do ato sacramental. Dentro do rito serão colocadas questões que determinam as responsabilidades e o casal precisa ter plena consciência dos compromissos afirmados livremente, não podendo ser visto como apenas proforma. É interessante haver uma catequese bem explícita sobre esse colóquio a ser feito no rito entre o casal e o celebrante.

Um homem e uma mulher que ajoelhados diante de Deus assumem um compromisso no aqui e agora, levando até à morte nos separe. Pode-se enfatizar que o amor, das três virtudes, fé e esperança, agraciadas por Deus na realidade presencial do tempo, é a única que permanece para a eternidade. Assim, está feita a aliança entre o casal e Deus em que não há ruptura e, sim, a indissolubilidade do sacramento e ainda, da relação tu e eu, presente neste consentimento, a comunhão - ato realizado e que é confirmado pela eucaristia.

É interessante retomar alguns aspectos doutrinais morais e rituais do Matrimônio, pois devido a diferentes circunstâncias pode haver casais entrando nesse momento da formação. Assim, é aconselhável que tenham encontros com a equipe pastoral de formação, seja os casais acompanhantes, seja o próprio pároco, para que se sintam zelados, cuidados, enfim, pertencentes ao todo. Nesses encontros personalizados ficaria entendido a situação de cada casal e suas dificuldades.

> Será oportuno recordar os conteúdos principais do caminho de preparação percorrido até aqui: insistir-se-á sobre as condições indispensáveis de liberdade (no casal e do casal) e de plena consciência dos compromissos que se assumem com a escolha que estão por fazer, ligados às características essenciais do matrimônio (indissolubilidade, unidade, fidelidade, fecundidade) e que serão o objeto específico das entrevistas previstas

canonicamente com o pároco (DLFV, 2022, n. 65)[486].

Dentro das dinâmicas de preparação dos noivos ao matrimônio é preciso prestar atenção às atividades espirituais. O aspecto sociológico é necessário, mas nunca sobreposto aos aspectos da espiritualidade. A palavra de Deus ocupa uma certa centralidade nas dinâmicas de casal e pessoal, pois é Deus falando com seu povo. Por meio da palavra de Deus que o casal de noivos consegue penetrar no mistério sacramental que irão celebrar. Além do mais, a participação dos sacramentos e sacramentais como casal de noivos pode incrementar o desejo de ser de Cristo, permanecer com Cristo, pois, especialmente na Eucaristia, pois gera a comunhão com Cristo e entre os noivos (DLFV, 2022, n. 66).

Nessa fase, aconselha-se que o casal busque mais do que nunca Cristo no centro da preparação da celebração. De uma certa maneira, os acompanhantes dos casais os conduzirão para ter essa experiência pessoal com Cristo, pois afinal Cristo é uma pessoa. Observa-se a dimensão da participação nos sacramentos da reconciliação e comunhão como sustento para uma relação baseada no amor, pois a graça recebida nesses sacramentos agirá na missão assumida - Igreja doméstica. No sacramento do matrimônio, igualmente, haverá a presença do Espírito Santo conduzindo o casal. O casal estará protegido das situações de pecado levando a santificação de ambos.

Participar dos sacramentos auxilia a ação do Espírito Santo. Buscar a reconciliação, pedir e ter o perdão de Deus e, assim, receber a graça santificante. Num movimento contínuo o casal irá à Comunhão, significando estar com Cristo em plenitude, juntos, aliança eterna de amor.

---

[486] É aconselhável que o conteúdo dessas entrevistas se torne objeto de uma catequese explícita, para que, quando acontecerem, não sejam vividas pelo casal como uma pura formalidade, mas como um momento de livre aceitação dos compromissos conjugais e de plena responsabilidade. Quanto a isso, tenha-se presente as palavras de Bento XVI: "Entre os meios para verificar que o projeto dos nubentes seja realmente conjugal, sobressai o exame pré-matrimonial. Este exame tem uma finalidade principalmente jurídica: certificar que nada impeça a válida e lícita celebração das núpcias. [.], jurídico não significa formalístico, como se se tratasse de uma passagem burocrática que consiste em preencher um formulário com base em perguntas rituais. [.], trata-se de uma ocasião pastoral única – que deve ser valorizada com toda a seriedade e a atenção que exige – na qual, através de um diálogo totalmente respeitoso e cordial, o pastor procura ajudar a pessoa a colocar-se seriamente perante a verdade acerca de si mesma e da própria vocação humana e cristã para o matrimônio. Neste sentido o diálogo, sempre guiado separadamente com os dois noivos – sem minimizar a conveniência de outros colóquios com o casal – requer um clima de total sinceridade, no qual se deveria acentuar o facto de que os próprios contraentes são os primeiros interessados e responsáveis em consciência para celebrar um matrimônio válido." (BENTO XVI. Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana. 22 jan. 2011. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (22 de janeiro de 2011) | Bento XVI. Acesso em: 31 dez. 2024).

> Será útil [.] reformular anúncio querigmático da redenção de Cristo, que nos salva da realidade do pecado, que sempre paira. sobre a vida do ser humano. Os esposos nunca devem se esquecer de que é o pecado, em última análise, a verdadeira ameaça do seu amor (CIC, n. 1606-1608). Bem mais grave do que qualquer carência psicológica, ou de qualquer dinâmica interpessoal imperfeita, é o distanciamento de Deus, que ativa o coração humano um circuito de fechamento e egoísmo. Atrapalhando o verdadeiro amor e impedindo abertura, e respeito e a generosidade em relação ao outro. Para poder crescer cada dia no amor recíproco, é indispensável dominar, com auxílio da graça, o pecado que "se aloja" na porta do próprio coração (Gn 4,7) e lançar mão do perdão de Deus que, no Sacramento da Reconciliação, concede o seu amor mais poderoso do que qualquer pecado (DLFV, 2022, n. 67)[487].

O doar-se sem preço de um para com o outro e, nominalmente, o nome tão importante para o identificar-se do indivíduo e consolidar um compromisso entre os nubentes e Deus. Ainda, o compromisso feito pelo casal é confirmado pelos questionamentos colocados pelo sacerdote e o consentimento expresso por palavras, dando um valor e, até mesmo, um carácter profético, pois essas palavras anunciam uma nova família e, confirmam a aliança realizada entre os cônjuges e, que Cristo elevou a sacramento. Deve-se sempre esclarecer aos noivos quem, de fato, são os ministros do sacramento, ou seja, são eles mesmos. São eles que, por meio de consentimento mútuo e de livre e espontânea vontade concedem um ao outro a graça sacramental.

Ao se aproximar do dia do casamento, é de grande importância que os casais tomem consciência de não serem espectadores, mas, em nome de Cristo, ministros da celebração do seu matrimônio. Daí a relevância de dedicar amplo espaço à preparação litúrgica dos casais, ou seja, à plena compreensão dos gestos dos significados próprios do rito matrimonial[488].

---

[487] "A celebração deste sacramento dá à vida familiar um significado particular: ao descobrirem pela fé como o pecado contradiz não só a aliança com Deus, mas também a aliança dos cônjuges e a comunhão da família, os esposos e todos os membros da família são conduzidos ao encontro com Deus 'rico em misericórdia' (Ef 2, 4), o qual, prodigalizando o seu amor que é mais forte do que o pecado, reconstrói e aperfeiçoa a aliança conjugal e a comunhão familiar" (FC, n. 58).

[488] "O sacramento não é uma 'coisa' nem uma 'força', mas o próprio Cristo, na realidade, vem ao encontro dos esposos cristãos [.]. O matrimônio cristão é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos. Quando se unem numa só carne, representam o desposório do Filho de Deus com a natureza humana. [.] Embora a analogia entre o casal marido-esposa e Cristo-Igreja seja uma analogia imperfeita, convida a invocar o Senhor para que derrame o seu amor nas limitações das relações conjugais" (AL, n. 73). "Na preparação mais imediata, é importante esclarecer os noivos para viverem com grande profundidade a celebração litúrgica, ajudando-os a compreender e viver o significado de cada gesto. Lembremo-nos de que um compromisso tão grande como este expresso no consentimento matrimonial e a união dos corpos que consuma o matrimônio, quando se trata de dois batizados, só podem ser interpretados como sinais do amor do Filho de Deus feito carne e unido com a sua Igreja em aliança de amor. Nos batizados, as palavras e os gestos transformam-se numa linguagem que manifesta a fé. [.] Às vezes, os noivos não percebem o peso teológico e espiritual do consentimento, que ilumina o significado de todos os gestos sucessivos. É necessário salientar que aquelas palavras não podem ser reduzidas ao presente; implicam uma totalidade que inclui o futuro" (AL, n. 213-214).

Além de vivenciarem os sacramentos, existe, igualmente, a necessidade de oração para que o Espírito Santo possa iluminar o casal a discernir e trabalhar a situação familiar que hão de viver. Tudo decidido entre o casal e Deus, uma comunhão. Pois, o casal ama com carinho a lei do Senhor, Deus. Quando atua pensando no que Deus faria, sendo imitadores de Cristo, se faz a justiça e o amor e, se chega à harmonia e paz. Há um engajamento entre os esposos, a família e, num crescendo se expande para a Igreja, para a sociedade, chegando ao Reino de Deus: "Entre os deveres fundamentais da família cristã estabelece-se o dever eclesial: colocar-se ao serviço da edificação do Reino de Deus na história, mediante a participação na vida e na missão da Igreja" (FC, n. 49).

Numa estrada espiritual, o casal segue no caminho – Jesus Cristo, colocando em prática a virtude que está no topo, pois é a partir do amor que as demais virtudes se desenvolvem. A imagem de Jesus Cristo, derramando seu sangue no sacrifício da cruz ofereceu-se ao Pai pelo Espírito Santo, a fim de purificar a consciência humana das obras mortas do pecado, é a maneira como o casal deve, igualmente, se oferecer, se santificar um ao outro com coração aberto e sincero:

> Como os ministros ordenados são chamados a se tornar "imagens vivas" de Cristo sacerdote, da mesma forma, os cônjuges cristãos são chamados a se tornar "imagens Vivas de Cristo esposo. Mais do que palavras, é a própria forma de viver e de se relacionar dos cônjuges que deveria tornar presente no mundo o amor generoso e total com que Cristo ama a Igreja e toda a humanidade. [.] é o testemunho extraordinário que tantos cônjuges cristãos dão ao mundo: a sua capacidade de dedicação recíproca e aos filhos, de fidelidade, de paciência, de perdão e de compaixão chegam a sugerir uma "fonte sobrenatural" na base da sua relação, um "algo a mais", não explicável humanamente. que alimenta incessantemente o seu amor, a ponto de parecer quase heroico (DLFV, 2022, n. 68)[489].

Nessa fase, é significativo que na formação dos noivos sejam repassadas as partes da celebração matrimonial e a participação do casal para a elaboração da celebração:[490] Liturgia da palavra (há 35 textos entre os quais os noivos podem escolher); consentimento dos nubentes (depois de um triplo interrogatório sobre: se são livres, se serão fiéis e se comprometem a ter e educar os filhos segundo a lei de Cristo e da Igreja); entrega das alianças, abençoadas pelo

[489] "Vem ao meu pensamento o milagre da multiplicação dos pães: também para vós, o Senhor pode multiplicar o vosso amor e concedermo-lo vigoroso e bom todos os dias. Ele possui uma reserva infinita de amor! E oferece-vos o amor que está no fundamento da vossa união, enquanto o renova todos os dias, fortalecendo-o. Além disso, torna-o ainda maior quando a família cresce com os filhos." (FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos noivos que se preparam para o matrimónio*. 14 fev. 2014. Disponível em: Aos noivos que se preparam para o matrimônio (14 de fevereiro de 2014) | Francisco. Acesso: 31 dez. 2024).

[490] MISSÃO CASAIS RESTAURADOS. *Eucaristia e matrimônio: dois sacramentos uma aliança*. 25 jun. 2016. Disponível em: EUCARISTIA E MATRIMÔNIO: DOIS SACRAMENTOS UMA ALIANÇA. – Missão Casais Restaurados. Acesso em: 31 dez. 2024.

sacerdote, sinal da sua união e fidelidade; bênção nupcial de Deus a ambos e, bênção Final. Cada momento da celebração deve ser conversado com o celebrante antes do rito para que tenham a confiança e a certeza do compromisso a ser assumido (DLFV, n. 69).

Que os casais em preparação possam responder conscientemente ao questionamento que o padre (pode ser também um bispo ou um diácono), presidente da celebração e representante da igreja na cerimônia, coloca. Questões que tem um peso pois um compromisso assumido por eles e Deus. Sem dúvida, o Espírito Santo dispersa a graça especial desse sacramento para que os cônjuges possam viver a vocação discernida em toda a formação do itinerário[491].

Nota-se que o amor presente entre os cônjuges permitiu dizerem seus sim proveniente do coração e não dá lei: "Quando então os gentios, não tendo Lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei, eles, não tendo Lei, para si são Lei" (Rm 2, 14). E ainda, os laços criados entre eles são de amor, eles, de fato, vivenciam o amor. Esse amor é conservado e amadurecido no amor maior de Deus. Nas palavras de Paulo "derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5, 5).

As palavras de Paulo reforçam o agir do Espírito Santo com a ideia da infusão proveniente da bênção concedida pelo sacerdote no ato da cerimônia. Além, do dom da fortaleza recebido pelo casal que permitirá caminharem juntos transpassando as barreiras que surgirem, graças, sim, graça recebida - a força interior que assumiram ao serem ungidos no sacramento do matrimônio: "fortalecidos em poder pelo seu Espírito no homem interior" (Ef 3,16). O Papa São João Paulo II reforça o papel do Espírito Santo no momento da celebração matrimonial, mas também no decorrer do caminhar do casal:

---

[491] "Na epiclese deste sacramento, os esposos recebem o Espírito Santo como comunhão do amor de Cristo e da Igreja. É Ele o selo da aliança de ambos, a nascente sempre oferecida do seu amor, a força pela qual se renovará a sua fidelidade." (AL, n.120). Há diversas epicleses presentes no rito do matrimônio; entre elas, podemos citar (segundo a tradução portuguesa para o Brasil da segunda edição típica do *Ordo Celebrandi Matrimonium* aprovada pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos com o decreto Prot. n. CD 2161/92 de 11 de março de 1993) ; a oração ao fim da invocação dos santos: "Infundi, Senhor, nos corações desses esposos o espírito do vosso amor, para que sejam um só coração e uma só alma, e nada possa separar os que unistes, nem afligir os que abençoastes. Por Cristo, nosso Senhor." epiclese na oração de bênção nupcial (primeira fórmula) : "Volvei o vosso olhar de bondade sobre estes vossos filhos, que, unidos pelo vínculo do Matrimônio, esperam ser fortalecidos pela vossa bênção: enviai sobre eles a graça do Espírito Santo, para que, impregnados da vossa caridade, permaneçam fiéis na aliança conjugal." na oração de bênção nupcial (segunda fórmula): "Abençoai agora estes vossos filhos, estendendo sobre eles a vossa mão protetora, e infundi em seus corações a força do Espírito Santo. Concedei a N. e N. que, pelo sacramento do Matrimônio, comuniquem um ao outro os dons do vosso amor, e, sendo um para o outro um sinal da vossa presença, se tornem um só coração e uma só alma".

> O Espírito Santo, que se infunde na celebração dos sacramentos é a raiz viva e o alimento inexaurível da comunhão sobrenatural que estreita e vincula os crentes com Cristo, na unidade da Igreja de Deus. Uma revelação e atuação específica da comunhão eclesial é constituída pela família cristã que também, por isto, se pode chamar "Igreja doméstica" (FC, n. 21).

No momento da sagrada liturgia o casal recebe a graça especial de Deus para suportar-se, num sentido mais amplo, apoiar-se um ao outro, prática somente possível graças ao amor, dispensada, mercê de Deus na união do casal. A entrega do casal se dá como Jesus o fez na cruz, por amor ao Pai disse sim por amor ao gênero humano, disse sim e ecoa a cada celebração eucarística, simples vítima por amor. Há uma dinâmica onde o amor gera amor, o amor gera respostas de amor. O amor que é Cristo presente no sacramento do matrimônio se expande para o desenvolver da vida conjugal. Não mais somente Cristo, porém a Trindade Santa, Pai e o Espírito Santo movendo a vida do casal, palavras, pensamentos e gestos.

Dado que a cerimônia religiosa deve ser preparada com esmero pelos noivos, o retiro, uns dias antes da celebração ajuda centralizar o essencial. Quando se trata em oração, os noivos devem ser especialistas, por isso optaram por caminhar no matrimônio dentro da Igreja. Rezar nunca é demais, agora, os noivos que não rezam, geralmente não encontram o essencial do matrimônio, que é a fundamentação em Deus. Além de não se encontrar consigo mesmo, arriscam de passar desapercebidos da ação divina dentro do matrimônio, onde as pessoas de oração conseguem captar. Isso tudo resumido para dizer quão importante é o retiro de preparação imediata à celebração, ponto ápice do amor conjugal e do amor de Deus pelo casal.

> Poucos dias antes do casamento, é de grande utilidade um retiro espiritual de um ou dois dias. Embora possa parecer irrealista, sendo tantas as ocupações devidas à organização do casamento, constata-se que, sempre que foi realizado, trouxe grandes benefícios. [.] a ansiedade pelas muitas tarefas práticas associadas à iminente celebração pode distrair a mente dos esposos daquilo que mais importa: a celebração do sacramento e o encontro com o Senhor que vem "habitar" o seu amor humano, enchendo-o com o seu amor divino. A ansiedade excessiva sobre "coisas para fazer" pode causar distração e risco de deixar para o segundo plano toda a preparação espiritual que vem ocorrendo há meses. [.], um breve retiro no período que antecede o casamento pode ajudar a recentrar-se no essencial, a tirar os olhos das coisas secundárias e a voltá-los para o Senhor, que vem ao encontro dos noivos e leva à plenitude a vocação para a qual os chamou. Caso um verdadeiro retiro seja impossível, uma alternativa poderia ser um tempo de oração mais curto para esse fim (por exemplo, um encontro noturno, nos moldes de uma "vigília de oração"). Na proposta concreta [.] leve-se em consideração os compromissos concretos na vida dos casais em questão e a suas reais possibilidades de fazer esse tempo de retiro antes da celebração do casamento, a fim de não tornar essa proposta inviável (DLFV, 2022, n. 70).

A Igreja é mãe e ensina o que for preciso para a família se desenvolver. São muitos anos de experiência que a Igreja mostra cuidando de um dos dons mais preciosos da humanidade. Toda família provém do matrimônio, entre homem e mulher, e, se Deus permitir, dos filhos como consequência do amor conjugal. O caminho ao matrimônio, e depois à família, não é fácil. É um caminho da cruz de Cristo, mas que mostra que o amor vence sempre, amor entendido como doação e entrega mútua.

> A Igreja conhece o caminho pelo qual a família pode chegar ao coração da sua verdade profunda. Este caminho, que a igreja aprendeu na escola de Cristo e da história interpretada à luz do Espírito, não o impõe, mas sente a exigência indeclinável de o propor a todos sem medo, com grande confiança esperança, sabendo, porém, que a boa nova conhece a linguagem da cruz. É, no entanto, através da cruz que a família pode atingir a plenitude do seu ser e a perfeição de seu amor (FC, conclusão).

Enfatiza-se que o passo a passo da cerimônia é importante, afinal é um ritual. No entanto, não se deve ficar apenas no exterior. Desde a entrada dos convidados, que todos tenham consciência do espaço sagrado. O templo onde Nosso Senhor Jesus Cristo está presente, o sacrário, o altar. Faz-se necessário não somente o social, no entanto, o poder do silenciar e interiorizar, o que, de fato, acontecerá - os sacramentos, os mistérios de Deus. Verifica-se a necessidade de algo mais, ou seja, que os nubentes precisam ter um olhar mais minucioso com relação ao sacramento propriamente dito.

Todos os participantes da cerimônia deveriam ter experiência do sagrado, vivenciar o que será celebrado. Dessa forma, observa-se que a realização do sacramento da Reconciliação seja expandida para as famílias dos noivos, as testemunhas e outras pessoas que queiram participar, por exemplo, um período antes do rito matrimonial para que possam receber a graça desse sacramento reverberando suas bênçãos aos nubentes. Todas às vezes que se participa de um sacramento há a experiência do mistério que nos leva à salvação e a libertação, pois todas as vezes que ocorre um ato litúrgico está presente o Espírito Santo. Assim, celebra-se a fé e, pela graça, Deus nos salva, nos coloca na dinâmica e na economia da salvação.

A celebração do Matrimônio não é apenas um ritual para dar satisfação aos parentes, amigos e à própria sociedade, algo exterior, mas que precisa ser entendido em sua profundidade de significado. Vai além do fora, do que se pode perceber, o visível, ocorre uma mudança dentro, o invisível, a ação da graça. Não consiste em apenas num acontecimento social, limitado aos noivos,

sai da relação do casal, sai do tu e vai ao encontro do nós. Esse relacionamento não fica limitado aos cônjuges. Indubitavelmente, o sacramento do matrimônio transforma a vida de todos que estão envolvidos, do casal à formação da comunidade familiar e, igualmente, a comunidade social, política e religiosa a qual vive, a qual pertence. Por tudo isso pode-se dizer que é um sacramento que afeta a existência fundamental do ser humano seu ser, seu ser com os outros, seu ser, com o mundo ser para com Deus. Os noivos, que compreendem essa realidade do matrimônio, como algo que impacta o âmbito social, político e religioso, prestam um grande serviço à sociedade e à Igreja. Pois, o testemunho da decisão pelo matrimônio atinge a eles e aos que estão ao redor. Os noivos, como a decisão feita em discernimento, mostram uma sociedade e uma Igreja viva e cheia de esperança [492]. Existe uma experiência concreta do sacramento, em outras palavras, só posso saber, compreender ou mesmo usufruir da graça se permitir que a realidade externa, o que acontece ao meu redor, entre em mim e se incorpore em mim.

Na realidade, a celebração do matrimônio é dos noivos, que serão marido e mulher em Cristo. Mas, também, os demais convidados participam desse grande mistério com devoção. Algumas vezes se verifica que os convidados vão à festa externa, porém, não participam da cerimônia religiosa. Especialmente os pais e parentes próximos hão de participar. E não somente participar fisicamente, mas rezar pelo matrimônio que nasce e dar bom testemunho, dando bom exemplo de vida cristã. O Papa São João Paulo II enfatiza este aspecto:

> O matrimônio cristão exige [.] uma celebração litúrgica que exprima de forma social e comunitária a natureza essencialmente eclesial sacramental do pacto conjugal entre os batizados. Enquanto gesto sacramental de santificação, a celebração do matrimônio, inserida na liturgia, cume de toda a ação da Igreja e fonte da sua força santificadora, (SC, n. 77-78) deve ser por si válida, digna e frutuosa. [.] e seja de igual modo fielmente observada a disciplina da Igreja sobre a liberdade do consentimento, os impedimentos, a forma canônica e o próprio rito da celebração. Este último deve ser simples e digno, de acordo com os princípios das competentes autoridades da Igreja, [.] - segundo as circunstâncias concretas de tempo e de lugar e em conformidade com as normas emanadas da Sé Apostólica (RM, n. 17) - assumir eventualmente na celebração litúrgica elementos próprios de uma determinada cultura, que exprimam de forma mais adequada o profundo significado humano e religioso do pacto conjugal, desde que nada contenham de menos condizente com a fé e a moral cristãs (FC, n. 67).

[492] Para aprofundar ver em: PCF, 1996, n. 53.

A seguir, temos um resumo da preparação imediata. Mesmo que os seguintes aspectos estejam em formas de objetivos, eles já foram tratados no texto. Aqui se trata de recapitular os principais pontos em forma de conclusão da preparação imediata ao matrimônio:

> Em resumo, os objetivos da preparação imediata são: a) Recordar os aspectos doutrinais, morais e espirituais do matrimônio (explicitando também os conteúdos espirituais das entrevistas canônicas prescritas). b) Viver experiências espirituais de encontro com o Senhor. c) Preparar para uma participação consciente e frutuosa na liturgia do casamento. (DLFV, 2022, n. 73)[493].

5.4.2 Terceira etapa: os primeiros anos de vida matrimonial

Abordada a preparação imediata à celebração do sacramento do matrimônio na segunda etapa da fase catecumenal e, igualmente já examinada a celebração matrimônio no capítulo terceiro, juntamente com a sua teologia, nesta terceira etapa serão observados os primeiros anos de vida matrimonial. Trata-se dos casais, mesmo na liberdade de cada matrimônio, se deixarem acompanhar, pois os primeiros anos de matrimônio trazem desafios importantes que marcam toda vida futura. Esse acompanhamento por parte da Igreja dura, segundo o Dicastério, entre 2 e 3 anos. O momento principal do casal é a cerimônia religiosa na Igreja. Verifica-se, também, um momento posterior aos casais como os desafios da convivência, que nem sempre são avaliados e superados. O entusiasmo e o encanto da cerimônia é um momento vivenciado que não se perpetua, visto que terminado esse momento, vem a realidade que será assumida pelo casal, o sacramento do matrimônio ato concreto de amor.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), também está incentivando os cuidados aos casais nos primeiros anos de vida conjugal. Acompanhar os casais nos primeiros anos do matrimônio torna-se missão indispensável para a Igreja. “A primeira década de vida conjugal constitui uma fase de grande importância na vida do casal. É o momento de ambos se conhecerem e consolidarem a sua união” (CNBB, 2005, n. n. 279). Deveras, as, “estatísticas indicam que a maior parte dos divórcios ocorre na primeira década do casamento” (CNBB, 2005, n. n. 279). Por isso, a Pastoral Familiar deve dar suporte aos casais nos primeiros anos. Convém, portanto, preparar agentes de pastoral capacitados para o acompanhamento. A comunidade eclesial deve ser viva, a

[493] Para aprofundar no tema: PCF, 1996, n. 50-58.

tal ponto que acolha os novos casais que vão surgindo. Especialmente criando laços de amizades entre os mesmos casais.

É preciso alertar o casal sobre o hedonismo que corrompe os costumes. “Diante da imaturidade e das primeiras crises do casal esse hedonismo e o caráter provisório com que [.] é encarada a relação matrimonial podem representar uma perigosa tentação ou desvio: abrem-se as portas para uma eventual separação” (CNBB, 2005, n. 281).

Portando, “ação de aproximação dos novos casais à comunidade eclesial” (CNBB, 2005, n. 282) deve ser efetiva. Muitas vezes com conversas, encontros e retiros, de modo que esses casais sejam acompanhados nos primeiros anos do matrimônio. Além disso, “a colaboração com outras pastorais e instituições educacionais” (CNBB, 2005, n. 283) pode ser de grande valia. A pastoral do batismo pode colaborar com a pastoral familiar nos primeiros anos de matrimônio: “A pastoral do batismo, em colaboração com as demais pastorais, pode aproveitar o momento em que os pais apresentam seus filhos para receber o batismo e orientá-los a aprofundarem sua pertença à comunidade que os acolhe e os envia como evangelizadores” (CNBB, 2005, n. 284).

Ainda, sobre geração e educação dos filhos, será muito útil iniciativas paroquiais e diocesanas para a “criação de centros de paternidade e maternidade responsáveis e métodos naturais” (CNBB, 2005, n. 285). Especialmente sobre as informações necessárias sobre a responsabilidade e para crescer em generosidade. Por fim, no acompanhamento nos primeiros anos de matrimônio, os seminários devem auxiliar os futuros Padres no acompanhamento de casais (CNBB, 2005, n. 285). Os seminaristas devem aprender a implantação de projetos para o desenvolvimento familiar em suas futuras missões.

Em geral, quando o casal se deixa levar apenas pelo emocional ou atração física aparecem as dificuldades de se encontrarem e estabelecer uma intimidade baseada no conhecimento e certeza.

Guardini mostra que existe uma crise do reconhecimento dos próprios limites. Ela vem após o período de pleno vigor, que se falou na preparação imediata, onde o homem e mulher estão cheios de entusiasmo pelo matrimônio. Com o passar do tempo, a convivência do casal vai se desgastando. São três elementos que se devem cuidar para não entrar numa crise matrimonial e familiar mais profunda: fadiga, rotina e tédio. Diante dos compromissos assumidos dentro do matrimônio e da família, a fadiga é onde se perde a ilusão por viver e pelas coisas. Sobre a fadiga alerta Guardini:

> Pouco a pouco, o homem vai-se perdendo de tudo isso. Enquanto anteriormente tinha uma viva consciência das reservas vitais próprias, do seu próprio vigor, da sua capacidade de

> iniciativa e de imaginação criadora, agora prevalece nele a ideia de que há um limite para esse cabedal. Faz pela primeira vez a experiência da fadiga; tem a sensação de que "é demais" e de que seria bom descansar; as reservas começam a ser consumidas, sobretudo em momentos em que o trabalho se acumula, em que as solicitações se tornam excessivas e as dificuldades parecem instransponíveis[494].

Também, quem sabe, começam a chegar os filhos nesse período, depois de alguns anos de matrimônio, gerando fadiga, rotina e tédio. O segundo perigo para a idade da vida adulta madura é a rotina, que não é algo positivo e, segundo Guardini, que é algo negativo, diferente de ter rotina na disciplina:

> Perde-se o gosto pelas descobertas e pelos novos empreendimentos. A existência adquire as feições de coisa vista. O homem sabe o que o espera e tem a sensação de que as coisas se repetem. Como é natural, nada disso é totalmente correto, pois já vimos que nada se repete; o sábio provérbio "nada há de novo debaixo do sol", também pode ser advertido para "nada até hoje aconteceu assim." Apodera-se do espírito a sensação se monotonia, do á acontecido. Em tudo se faz sentir a rotina[495].

Após fazer um panorama da crise dos limites da idade adulta, Guardini resume que prevalece a sensação de monotonia, decepção com relação às pessoas e indiferença. Assim, o autor conclui que tudo isso recai sobre o tédio, chamado pelos antigos de *taedium vitae*, que se pode aplicar para o matrimônio e a família como falta de vontade de viver, falta da virtude a esperança. O tédio, parece ser o perigo mais nocivo, Guardini alerta que se trata de uma desilusão de toda a vida e não apenas por um fato isolado:

> Na sequências dos anos, a força dessa promessa esvai-se O olhar torna-se mais agudo, o coração menos confiante. Percebe-se cada vez com mais clareza que as promessas não são cumpridas, que sempre recolhe menos que se semeou. Surge aos poucos esse grande desencanto que se instala em toda existência humana. Não só em aqueles que a vida tudo concebeu e que são considerados no seu meio como pessoas bafejadas pela sorte, homens que realizam grandes coisas. Pois o que dá verdadeiro sentido à vida não é extensão, o *quantum*, mas a intensidade, a força de uma vivência plena[496].

Ainda, de acordo com Guardini, esses três perigos ocasionam uma crise no adulto, e por seguinte, no matrimônio e atinge os filhos. Novas aventuras podem pairar sobre a cabeça do homem

---

[494] GUARDINI, 1990, p. 48
[495] *Ibidem.*, p. 48-49.
[496] GUARDINI, 1990, p. 49-50.

e da mulher. A melhor decisão, diante dessa instabilidade emocional ou espiritual, é a seriedade e fidelidade aos compromissos adquiridos no dia da celebração do matrimônio.

É preciso, pois, o seguir, no sentido próprio da palavra, ou seja, caminhar e dar continuidade e mais acompanhar os casais. Novamente, a equipe da pastoral conjugal pensa em dar sequência ao itinerário proposto a ser desenvolvido e executado. Dos namorados, aos noivos, dos recém-sasados e, mais tarde acompanhar os casais e os preparando para a chegada de mais um membro para a família de Deus. O papel da pastoral familiar é seguir nesse caminhar dando suporte aos casais não os deixando sozinhos, é a família paroquial [497].

Quando se assume uma vocação, no caso sacramento do matrimônio, fica claro todo um esforço e até mesmo, um sacrifício que vale a pena. O casal está tão envolvido no amor de Deus, que não percebe, apenas age um para o outro. O amor de Deus, dom oferecido por Ele ao ser humano, é a própria essência do ser, o homem imagem e semelhança de Deus.

Mesmo tendo a mediação de Cristo, presença concreta, na relação dos esponsais, não significa que não seja necessário um esforço, sacrifício e dor para efetivar essa virtude no dia a dia. Para a concretizar, é importante a expansão da mente, abertura de coração, a espontaneidade. A palavra-chave é sensibilizar. A graça recebida no sacramento reverbera no projeto diário de entrega e amor. O que conduz, o que move o agir é o Espírito Santo, auxiliando o casal em tudo que fazem. Da mesma forma que o Espírito Santo assiste à igreja e não seria diferente para com a igreja doméstica, a família[498].

---

[497] A aprofundar "A preparação para o matrimônio cristão pode-se classificar como um itinerário de fé, que não termina com a celebração do matrimônio, mas que continua em toda a vida familiar, e assim a nossa prospectiva não se encerra no matrimônio como ato, no momento da celebração, mas como estado permanente" (PCF, 1996, n. 16). "Maior eficácia do cuidado pastoral realiza-se onde o acompanhamento não acaba com a celebração das bodas, mas guia pelo menos os primeiros anos de vida conjugal. Mediante diálogos com cada casal e momentos comunitários, trata-se de ajudar os jovens esposos a adquirir os instrumentos e os apoios para viver a sua vocação. E isto não pode acontecer a não ser através de um percurso de crescimento na fé dos próprios casais." (FRANCISCO. *Discurso aos participantes no curso de formação promovido pelo Tribunal da Rota Romana*. 27 set. 2018. Disponível em: Aos participantes no Curso de formação sobre matrimônio e família promovido pelo Tribunal da Rota Romana (Basílica de São João de Latrão, 27 de setembro de 2018) | Francisco. Acesso em: 31 dez. 2024). "Torna-se indispensável o acompanhamento dos esposos nos primeiros anos de vida matrimonial, para enriquecer e aprofundar a decisão consciente e livre de se pertencerem e amarem até ao fim. Muitas vezes o tempo de noivado não é suficiente, a decisão de casar-se apressa-se por várias razões e, como se não bastasse, atrasou a maturação dos jovens. Assim os recém-casados têm de completar aquele percurso que deveria ter sido feito durante o noivado" (AL, n. 217).

[498] Para aprofundar ver nos textos: "A aliança de amor entre o homem e a mulher, aliança para a vida, não se improvisa, não se faz de um dia para outro [.], é preciso trabalhar sobre o amor, é necessário caminhar. A aliança do amor do homem e da mulher aprende-se e aperfeiçoa-se. Permiti que eu diga que é uma aliança artesanal. Fazer de duas vidas uma só, é quase um milagre, um milagre da liberdade e do coração, confiado à fé" (FRANCISCO. *Audiência geral*. 27 mai. 2015. Disponível em: Audiência Geral de 27 de maio de 2015 | Francisco. Acesso em: 31 dez. 2024). "A união é real, é irrevogável e foi confirmada e consagrada pelo sacramento do matrimônio; mas, ao unir-se, os esposos

A ação litúrgica, não é o término e sim, um contínuo caminhar juntos até o final da promessa feita no sim. Juntos, casal e Deus e a comunidade pastoral. Não deve haver uma ruptura entre as fases do processo de estar na Igreja. O envolvimento é contínuo e cada vez mais estreito onde o casal assume mais o papel de membro da igreja. Assim, torna-se a segunda família. A convivência vai estreitando os laços de intimidade, o escutar, o aconselhar, o estar numa relação de fraternidade, solidariedade e amor, família paroquial. O casal deve ter em mente que é importante que a família paroquial esteja sempre presente na vida do casal e que sempre busque uma paróquia para se integrar [499].

Reforçar que Cristo está entre nós. O Emanuel significa que Deus está presente em cada momento da vida do casal para ajudá-los nas dificuldades. Para isso, é necessária vida de oração e rituais que os aproximem a Jesus com muita intimidade fazendo-os capaz de voltar à confiança da providência divina.

Assim, ao acompanhar os casais nos primeiros anos de vida matrimonial devem ser tocados elementos mais concretos sobre a catequese mistagógica. Porém, ela é uma forma de catequese que visa introduzir os fiéis no mistério celebrado, especialmente nos sacramentos, ajudando-os a compreender, viver e aprofundar a experiência da graça de Deus por meio da liturgia e dos sinais sacramentais. Vem do grego *mystagogía*, que significa - conduzir ao mistério. É uma catequese pós-sacramental, ou seja, que acontece depois da celebração dos sacramentos, especialmente Batismo, Eucaristia e Crisma, para aprofundar a vivência do mistério recebido. Ajudar os cristãos a compreenderem os ritos, sinais, palavras e gestos da liturgia, para que possam viver mais plenamente a graça que receberam. De fato, na preparação próxima, assim chamada de noivado, se propõem temas que se podem repetir nos primeiros anos de matrimônio, assim, catequese

---

tornam-se [com Jesus presente em meio a eles] protagonistas, senhores da sua própria história e criadores dum projeto que deve ser levado para a frente conjuntamente. [.] O 'sim' que deram um ao outro é o início dum itinerário, cujo objetivo se propõe superar as circunstâncias que surgirem e os obstáculos que se interpuserem. A bênção recebida é uma graça e um impulso para este caminho sempre aberto. Habitualmente ajuda sentar-se a dialogar para elaborar o seu projeto concreto com os seus objetivos, meios, detalhes" (AL, n. 218).

[499] Confirmar em "É desejável que os jovens casais sejam oportunamente acompanhados, especialmente nos primeiros cinco anos de vida conjugal, por cursos pós-matrimoniais, que se desenvolvam nas paróquias ou vigararias forâneas. (PCF, 1996, n. 73).

mistagógica se mantém na vida do casal. É preciso encontrar tempo para investir na formação do casal[500].

O Papa Bento XVI afirma: "É necessário dar mais espaço à catequese mistagógica, que introduza na compreensão dos mistérios celebrados, dos sinais e dos gestos. Isto vale sobretudo para os sacramentos da iniciação cristã, mas também para o matrimônio e outros sacramentos" (SCa, n. 64). O Concílio Vaticano II também reforça a importância de uma formação que leve os fiéis a compreenderem profundamente a liturgia (SC, n.14, 59). O Papa Francisco retoma a urgência da catequese mistagógica como caminho para formar os cristãos no encontro com Cristo através da liturgia (DD, n. 61-65).

Deus nos acompanha em todos os momentos da existência e, sem dúvida, acompanha, cuida, zela e o Espírito Santo ilumina o casal no seu caminhar sacramental. Nesse momento do itinerário, é importante que o casal viva plenamente a relação entre eles para que haja o conhecer-se. O diálogo se faz presente e os assuntos abordados serão de grande valia para acordarem o que farão para a harmonia e equilíbrio do cotidiano. Os recém-casados terão tempo de vivenciar momentos de adaptação da nova vida. Em suma, aprendizagem e conhecimento entre os dois.

A formação de peritos em temas complexos sempre foi um desafio para a Igreja. De fato, vários leigos se preparam de forma exemplar, com seu tempo, recursos e qualidades para estar à altura dos tempos e lugares, onde a missão requer. Os sacerdotes deveriam ter a mesma disposição e entusiasmo pela missão, de modo que o prepara intelectual e pastoral favoreça na evangelização aos matrimônios e famílias. Faz-se necessário que os esposos tenham um suporte dos acompanhantes mostrando que a convivência harmônica e de maior intimidade acontecerão paulatinamente. Sugere-se até um "diário do matrimônio" onde os cônjuges expressarem não somete os momentos difíceis de enfrentamento das situações mais complicadas dos relacionamentos de ambos, mas também os momentos de alegria e o agir do Espírito Santo as graças alcançadas no quotidiano conjugal. Seria uma maneira de avaliar, o desenrolar da comunhão esponsal (DLFV, 2022, n. 78)[501].

---

[500] Pode se aprofundar nos seguintes escritos: CIRILO DE JERUSALÉM; AMBRÓSIO DE MILÃO. *Catequeses Mistagógicas; De Sacramentis; De Mysteriis.* (Coleção Patrística, vol. 7). São Paulo: Paulus, 2007.

[501] Aprofundas com os textos: "O caminho implica passar por diferentes etapas, que convidam a doar-se com generosidade: do impacto inicial caracterizado por uma atracção decididamente sensível, passa-se à necessidade do outro sentido como parte da vida própria. Daqui passa-se ao gosto da pertença mútua, seguido pela compreensão da vida inteira como um projeto de ambos, pela capacidade de colocar a felicidade do outro acima das necessidades próprias, e pela alegria de ver o próprio matrimônio como um bem para a sociedade." (AL, n. 220) "O olhar volta-se para o futuro, que é preciso construir dia a dia com a graça de Deus e, por isso mesmo, não se pretende do cônjuge que

Aspectos da vida conjugal já abordados anteriormente durante a formação do itinerário serão retomados em palestras feitas por especialistas para uma maior reflexão entre os noivos. Enfatiza-se que sempre haverá o acompanhamento de especialistas em cada tema. Temas como a sexualidade no matrimônio, pois um dos objetivos do sacramento é a constituição de uma família. Deverão ser tocados assuntos relacionados com a concepção e, igualmente, reforçando o assumir dos pais no zelo tanto na formação moral, ética e espiritual da prole.

É fundamental uma preparação nestes variados aspectos e, igualmente, dando oportunidade ao casal um conhecimento mútuo. Diferentes etapas serão vividas pelo casal, sendo necessário o empenho da comunidade em dar apoio aos novos casais sim, apoio dado pela comunidade paroquial, antes do matrimônio, e agora para os recém-casados. Será momento de descobrirem que não conseguiram perceber. Aprender juntos para um crescimento como ser humano, em suma, o desafio de uma vida em comum. Constatarão que, sem dúvida, há diversidade de preferências e hábitos.

Assim, os cônjuges terão uma fase de adaptação, pois a convivência é um dos elementos mais difíceis para a superação. O casal terá que perceber que não é só e sim único, "uma só carne." Mostrar quanto é fundamental trabalhar pelo diálogo e consenso, respeitando o espaço de cada um e fazendo correção fraternal. Enfim, nova realidade exige nova distribuição de responsabilidades até mesmo sobre as tarefas da casa.

Num segundo momento, haverá a prole. Uma nova criatura que acrescenta e faz a diferença na vida do casal, pois faz pai e mãe crescerem em santidade. Novo foco das atenções, a fragilidade requer todos os cuidados necessários para uma sobrevivência que vai além do prover material, é o prover espiritual, motivado pelo amor. O casal decidirá como cuidar, como criar. E, quando houver

---

seja perfeito. É preciso pôr de lado as ilusões e aceitá-lo como é: inacabado, chamado a crescer, em caminho. Quando o olhar sobre o cônjuge é constantemente crítico, isto indica que o matrimônio não foi assumido também como um projeto a construir juntos, com paciência, compreensão, tolerância e generosidade. Isto faz com que o amor seja substituído [.] por um olhar inquisidor e implacável, pelo controle dos méritos e direitos de cada um, pelas reclamações, a competição e a autodefesa. [.] tornam-se incapazes de se apoiarem um ao outro para o amadurecimento de ambos e para o crescimento da união. Aos novos cônjuges, é necessário apresentar isto com clareza realista desde o início, de modo que tomem consciência de que estão apenas a começar" (AL, n. 218). "O caminho implica passar por diferentes etapas, que convidam a doar-se com generosidade: do impacto inicial caracterizado por uma atracção decididamente sensível, passa-se à necessidade do outro sentido como parte da vida própria. Daqui passa-se ao gosto da pertença mútua, seguido pela compreensão da vida inteira como um projeto de ambos, pela capacidade de colocar a felicidade do outro acima das necessidades próprias, e pela alegria de ver o próprio matrimônio como um bem para a sociedade" (AL, n. 220).

divergências, chegar a um acordo mesmo, evitando discutir na frente dos filhos e, principalmente, apoiar a correção ao filho efetuada pelo cônjuge.

Enfim, além do casal, a participação da família como um todo, os avós poderão ajudar a receber o novo membro da família núcleo. Mudança – palavra de ordem.

> Trata-se de uma fase de "aprendizado" durante a qual serão de grande ajuda a proximidade e as sugestões concretas de casais já maduros, que partilhem com os mais jovens aquilo que aprenderam "ao longo da caminhada." A disponibilidade dos avós para cuidarem dos netos é um grande recurso. Isso permite aos esposos terem um tempo para estarem juntos. Às vezes, porém, não é possível, obrigando os esposos a acharem soluções alternativas. Tais exemplos de generosidade e ajuda aos jovens casais são maravilhosos sinais de caridade (DLFV, 2022, n. 80)[502].

Com paciência e tendo o amor como matéria-prima ambos se ajustam a cada realidade que se vai formando com o decorrer do tempo e das necessidades que surgem. Fundamental, faz-se presente o diálogo ou, melhor, o relacionamento em que Deus está presente, o Amor ágape que deixa fluir uma busca pela harmonia, não somente entre o casal, mas entre os membros da família.

Amor que é Deus, ao mesmo tempo matéria e artesão que modela o indivíduo. Um capaz de perceber o interesse do outro de renunciar a sua própria existência, pois, afinal, são uma só carne. O amor, qual unguento, curando o que é necessário nas feridas existentes, toque que suaviza as dores que possam existir e transformando o casal para que ambos possam se santificar, com a benção inicialmente dada no momento da celebração do sacramento do matrimônio. Mas, de fato, o amor guia a família num processo de aperfeiçoamento para melhor servir o Reino do Senhor. A certeza do amor de Deus, confiança e amor juntos no plasmar para a perfeição. Segundo o Papa Francisco:

> Com efeito, mesmo nos momentos difíceis, um outro volta a surpreender e abrem-se novas portas para se reencontrar, como se fosse a primeira vez; e, em cada nova etapa, tornam a "plasmar-se" um ao outro. O amor faz que um espere pelo outro, exercitando a paciência própria de artesão, que herdou de Deus (AL, n. 221).

Terão de completar o percurso iniciado durante a formação para a vida matrimonial. Muitas vezes o tempo de formação não é suficiente para a maturação. Amadurecimento palavra-

[502] Aprofundar tema: "Os esposos que têm uma boa experiência de 'treino' nesta linha, podem oferecer os instrumentos práticos que lhes foram úteis: a programação dos momentos para estar juntos sem nada exigir, os tempos de recreação com os filhos, as várias maneiras de celebrar coisas importantes, os espaços de espiritualidade partilhada. Mas podem também ensinar recursos que ajudam a encher de conteúdo e sentido tais momentos, para se aprender a comunicar melhor" (AL, n. 225).

chave para que o casal atinja o equilíbrio e harmonia. Neste aspecto, entra o ceder, o negociar. A cada nova fase, ocorrem mudanças em vários sentidos, interesses, envelhecimento, filhos, é necessário negociar aquele primeiro contrato firmado antes mesmo de se casarem. Relação bilateral, onde ambos após o diálogo são beneficiados pelo renovar-se como indivíduo e pelo todo, a família:

> Talvez a maior missão de um homem e de uma mulher no amor seja esta: a de se tornarem, um o outro, mais homem e mais mulher. Fazer crescer é ajudar o outro a moldar-se na própria identidade. Por isso o amor é artesanal e a renovação do compromisso se faz quando cada indivíduo suporta o outro dando a chance de cada um se colocando se moldando conforme as necessidades de um e outro (AL, n. 221).

O apoio dos casais da pastoral matrimonial que têm mais experiência ajudará os casais recém-casados a superar ou pelo menos amenizar as dificuldades enfrentadas. Um novo papel da pastoral, será criar vínculos onde proporá momentos de convívio. Pode-se até denominá-la como "pastoral de vínculo." Nas dificuldades que surgirem, os recém-casados terão uma base de apoio, poderão contar com pessoas da comunidade, mostrando-se como a união, o compromisso se faz entre os indivíduos e Deus. É interessante fazer a correlação da recém família formada com uma nova vida gerada. Enfim, é uma nova célula familiar que precisa ser acolhida, protegida fazendo um cinturão de segurança como se faz com uma criança que está sendo gerada. Busca-se formar um ambiente de defesa visando a preservação do compromisso matrimonial dos recém-casados para que possam chegar a um amadurecimento maior na relação conjugal. Os casais mais experientes terão papel importante nesse trabalho[503].

No sacramento do matrimônio há o anelar de estarem juntos, sem dúvida, uma aliança. A presença de Deus junto ao casal. Em cada momento vivido pelos esposos, em cada fase do itinerário Deus acompanha, cuida, vela e o Espírito Santo ilumina em todos os momentos da existência. A presença de Cristo experienciada pelo casal nos sacramentos. É importante reforçar o que foi já proposto anteriormente durante a formação do itinerário, ou seja, é essencial experienciar os

[503] Confirmar: "É preciso ajudar a descobrir que uma crise superada não leva a uma relação menos intensa, mas a melhorar, sedimentar e maturar o vinho da união. [.] Quando se assume o matrimônio como uma tarefa que implica também superar obstáculos, cada crise é sentida como uma ocasião para chegar a beber, juntos, o vinho melhor" (AL, n. 232).

sacramentos. De verdade, é permanecer em Cristo no sacramento da Eucaristia e no sacramento da Reconciliação [504].

A assim chamada espiritualidade conjugal tem diversas manifestações na Igreja. O casal que já celebrou o matrimônio pode escolher alguma delas ou várias. Importante manter sempre a chama do amor a Deus, fundamento do amor conjugal. Os grupos de reflexão e acompanhamento servem e dão perseverança no caminho matrimonial. Quando se fala em santidade, se pensa que é para poucos e alguns privilegiados. Na realidade é para todos os batizados, especialmente os casais que tiveram o matrimônio, eles precisam ser fortalecidos com a graça de Cristo.

> A constante e permanente atenção da Igreja para com os esposos pode ser realizado por vários meios pastorais: a escuta da Palavra de Deus, especialmente através da *lectio divina*; encontros de reflexão sobre questões atuais relativos à vida conjugal; o envolvimento dos casais nas celebrações litúrgicas especialmente pensadas para eles; retiros pessoais periódicos para esposos; adorações eucarísticas organizadas para esposos com meditações tiradas [.] de biografias de casais santos; direção e acompanhamento espiritual; participação em grupos familiares para desenvolver a relação com outras famílias; o envolvimento em atividades caritativas e missionárias. Os esposos precisam desenvolver uma verdadeira "espiritualidade conjugal" que alimente e apoie o caminho de santidade que percorrem na vida matrimonial[505].

Gesto simples como dar a bênção de aniversário de matrimônio na Missa pode ser um canal de renovação e faz toda a diferença no acolher do casal pela comunidade eclesial. Chamar os casados na frente, diante de todos, e pedir a bênção de Deus sobre eles incentiva a descoberta do matrimônio na comunidade paroquial. A renovação do matrimônio, de acordo às comemorações, é um meio formidável para pedir oração para que o casal persevere nos compromissos matrimoniais, e sigam educando os filhos na lei de Deus e da Igreja. É necessário mostrar a alegria de viver em família, dado que os momentos de bênção são ocasiões de alegria para o casal, os filhos

[504] Aprofundar: "A espiritualidade esponsal [.] deverá, portanto, incluir uma recuperação dos dinamismos sacramentais com um papel particular dos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia. O sacramento da reconciliação glorifica a misericórdia divina para com a miséria humana, faz crescer a vitalidade baptismal e os dinamismos próprios da Confirmação. Daqui o poder da pedagogia do amor redimido que faz descobrir com assombro a grandeza da misericórdia de Deus diante do drama do ser humano, criado por Deus e mais maravilhosamente remido. A Eucaristia, celebrando a memória da doação de Cristo à Igreja, desenvolve o amor afetivo próprio do matrimônio na doação quotidiana ao cônjuge e aos filhos, sem esquecer e deixar de atender a que 'a celebração que dá significado a qualquer forma de oração e de culto é a que se exprime na existência quotidiana da família, quando esta é uma existência feita de amor e doação." (EV, n. 93; PCF, 1996, n. 41).

[505] Para aprofundar buscar os textos: AL, n. 313-324, 227-229.; GExt, n. 14-34

e, também, para a comunidade paroquial, integração importante se fazendo "família de famílias" [506].

O acompanhamento aos casais nos primeiros anos da vida matrimonial encerra o itinerário catecumenal propriamente dito. Porém, esse percurso continua na vida comunitária. Esses casais, com tamanha experiência, podem ajudar no acompanhamento aos namorados, noivos e nos primeiros anos de matrimônio. Esse procedimento de acompanhamento visa engajar os casais que fizeram o itinerário no testemunho do evangelho, que não é egoísta, mas generoso com Deus e com o próximo. A Igreja precisa dos casais na evangelização, sem eles nada da vida da Igreja acontece de forma viva e operante. Sempre há a oportunidade de convidar novos casais que participaram da formação do itinerário para fazerem parte da equipe da pastoral matrimonial, é o renovar da igreja e, ao mesmo tempo, uma forma desses casais de firmarem sua missão de evangelizar se envolverem na comunidade paroquial.

Segundo o Papa Francisco, "os seminaristas deveriam ter acesso a uma formação interdisciplinar mais ampla sobre namoro e matrimônio, não se limitando à doutrina. Além disso, a formação nem sempre lhes permite desenvolver o seu mundo psicoafetivo" (AL, n. 203). É diferente quando ao invés de ficar apenas na teoria, ter a prática. O conhecer se dá somente se há uma experiência concreta. Não do que é falado e, sim, do que é vivenciado.

Abaixo, se apresenta um resumo da terceira etapa, onde é primordial o acompanhamento aos casais nos primeiros anos de matrimônio. Deve existir nesse acompanhamento por parte da Igreja: uma catequese matrimonial sobre os compromissos assumidos na celebração do matrimônio, melhorar a relacionamento conjugal, aprimorar as considerações sobre a sexualidade e educação dos filhos, defender - o até a morte os separe - dentro do matrimônio (vínculo conjugal) , propor uma busca constante de uma espiritualidade própria do casal e entender melhor o sentido da missão de casados na Igreja. Todos esses pontos estão elencados abaixo e, a serem seguidos o casal mostra que valoriza o esforço que a Igreja está fazendo para valorizar o matrimônio e família.

> Em resumo, as finalidades do acompanhamento nos primeiros anos de vida matrimonial são: a) Apresentar, numa "catequese mistagógica matrimonial", as consequências espirituais e existenciais do sacramento celebrado na vida concreta. b) Ajudar os casais, desde o princípio, a estabelecer de modo correto a relação interpessoal de casados. c) Aprofundar os temas da sexualidade na vida conjugal, da transmissão da vida e da educação

[506] Confirmar no texto AL, n. 87

> dos filhos. d) Infundir nos casais a firme vontade e defender o vínculo matrimonial em qualquer situação que se apresentar. e) Propor o encontro com Cristo como fonte indispensável de renovação da graça matrimonial e adquirir uma espiritualidade conjugal. f) Chamar a atenção para o sentido da missão específica dos esposos cristãos (DLFV, 2022, n. 85).

Após o resumo dos principais pontos, o Dicastério oferece algumas recomendações sobre a formação dos leigos, seminaristas e sacerdotes, para o devido acompanhamento dos casais. A paróquia oferece um canal importante de desenvolvimento para essa dinâmica, dado que todas essas realidades se encontram ali. Por certo, a paróquia se torna uma escola teórica e prática e onde se formam os verdadeiros educadores das famílias.

Sabe-se que a formação para o acompanhamento dos casais nos primeiros anos da vida matrimonial é urgente. Inclusive, os seminaristas devem ter a instrução e experiência específica para lidar com os casais e o devido preparo para acompanhá-los. A conexão entre sacerdócio e matrimônio é fundamental, dado que os dois exercem a missão de serviço na Igreja. A experiência do sacerdote no contato com as famílias é importante, pois a experiência de vida e o estudo no acompanhamento de casais conta muito para sua missão pastoral.

Segue-se abaixo alguns elementos de formação para a vida sacerdotal e vida familiar. Essas duas realidades são vocações ao serviço na Igreja. Portanto, existem elementos em comum.

> Em muitos contextos pastorais [.] é indispensável uma formação dos seminaristas e dos presbíteros mais centrada nos novos desafios da pastoral matrimonial e familiar, incluindo as questões relativas à moral sexual, conjugal e à bioética, que já fazem parte da vida quotidiana das famílias em muitas partes do mundo. Para uma participação efetiva e eficaz dos esposos como agentes da pastoral, é indispensável a compreensão do laço de complementariedade e corresponsabilidade eclesial que existe entre *ordo sacerdotalis e ordo coniugatorum*, para abrir a ação dos sacerdotes a uma maior colaboração com os leigos e as famílias, reconhecendo a estes papéis pastorais significativos nas paróquias e nas dioceses. [.] o que falta em muitas realidades locais é exatamente a possibilidade, para os esposos, de terem espaços para agir na pastoral, como esposos. [.] para exprimir o caráter missionário da pastoral do matrimônio, ao lado do acompanhamento específico dos pastores, é necessário o testemunho das famílias e dos esposos: [.] não é bom separar *ecclesia docens e ecclesia discens*, justamente por conta da rica e concreta experiência da vida conjugal e familiar que os esposos possuem (DLFV, 2022, n. 86).

A modo de conclusão do que foi analisado, se pretende cuidar do matrimônio e da família. Papa Francisco falava bastante da misericórdia de Deus e de como esse amor deve ser traduzido em obras concretas, especialmente com os mais fracos e em dificuldades. Os alertas de Guardini sobre a fadiga, rotina e tédio nos ajudam a entender os perigos do processo humano nos adultos. Isso se aplica diretamente nesse setor dos primeiros anos de vida matrimonial, onde o amor não

pode esfriar, e se esfriar, se deve aquecê-lo com oração, sacramentos, diálogo, humildade para pedir ajuda. Toda a Igreja deveria estar pendente dos casais e dos filhos. Sem o devido cuidado às famílias é muito provável que não tenhamos uma Igreja que cumpra sua missão na terra. Nas famílias se geram novos matrimônios e novas famílias, surgem vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, brotam também os futuros profissionais que o mundo precisa.

5.5 Acompanhar os casais em crise

Após a análise e reflexão da fase catecumenal: os primeiros anos de vida matrimonial, convém expor o modo de acompanhar os casais em crise e como se pode ajudá-los. Esse aspecto não faz parte da fase catecumenal propriamente dito, pois, a Igreja entende que o momento de crise não deveria existir, pelo menos na teoria. Contudo, é provável que mais e mais casos de matrimônios e famílias se encontrem em crise profunda, a ponto de cogitar a separação, divórcio ou nulidade matrimonial. Para isso, a Igreja fornece um acompanhamento específico a eles. O olhar de misericórdia de Deus e da Igreja zela sobre esses casais. Nesse apartado se disponibilizam algumas reflexões de Romano Guardini sobre a idade adulta, especialmente referente ao homem amadurecido. Também, um roteiro de encontros, bastante simples, proposto pelo Dicastério, tendo a Cristo como centro e os sacramentos como alimento.

Sobretudo, há de se evitar que a situação de crise se agrave ao ponto de ficar irrecuperável, é oportuno que a paróquia ou a comunidade estejam dotadas de um serviço pastoral de acompanhamento dos casais em crise,[507] ao qual se possam dirigir os que percebem estar passando por essa particular situação. A prevenção das rupturas, na verdade, é um fator decisivo hoje para

[507] FRANCISCO. "*Aprender a vivir los momentos de crisis."* Homilia del Santo Padre Francisco. 2 may. 2020. Disponível em: Aprender a vivir los momentos de crisis (2 de mayo de 2020) | Francisco. Acesso em: 03 jun. 2025.

evitar separações, que podem deteriorar ou danificar o vínculo de forma irreparável (AL, n. 232; AL, n. 238).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), também está preocupada com a o matrimônio e família. Nos seus documentos, várias vezes, faz seu alerta diante dos conflitos entre os casais. É preciso alertar os casais dos perigos que o matrimônio e a família correm no mundo atual. De fato, "alertar os perigos das crises conjugais e as péssimas consequências da separação" (CNBB, 2005, n. 287). Sem dúvida, a família é "uma comunidade que há de ser garantida de modo muito particular" (CNBB, 2005, n. 287). A vida moderna traz consigo uma série de desafios para a família:

> De fato, a falta de tempo, o cansaço, as crises econômicas, as desilusões, a busca individualista de realização pessoal e a competição excessiva entre os esposos podem colocar em risco o matrimônio. [.] é frequente as crises matrimoniais, em lugar de contribuírem para o crescimento do casal, desembocarem numa separação, como uma "solução" mais fácil e rápida. Nesse sentido, a cultura consumista, na qual tudo se torna descartável, atinge o comportamento humano, com graves prejuízos para a família (CNBB, 2005, n. 287).

Fala-se muito da fragilidade do vínculo conjugal, que pode ocasionar uma separação, por outro lado, com a desculpa da liberdade e do amor do casal, não se fala tanto de meios para prevenir isso. Porém, a Igreja mostra sua preocupação a respeito da consolidação do matrimônio:

> Em nosso tempo é notória a fragilidade do vínculo conjugal. Mesmo entre católicos, observa-se que muitos estão em segunda ou terceira união, com todos os problemas inerentes a esses novos começos. Desnecessário é lembrar que os filhos são os que mais sofrem. [.] no processo de separação, os pais descarregam sobre os filhos mágoas e inseguranças. Várias razões contribuem para isso. Estas vão desde a falta de preparação do casal para a vida e para o casamento, passando pela imaturidade psicológica, até à incapacidade de compreenderem o sentido de um projeto para toda a vida e má compreensão do que seja a fidelidade conjugal (CNBB, 2005, n. 288)[508].

A Pastoral Familiar pode apoiar os casais em crise, identificando as possíveis causas dessa desorientação. As causas da crise matrimonial podem variar, às vezes são causas materiais ou humanas, incluindo certos tratamentos (CNBB, 2005, n. 289). Dar suporte aos casais em crise pode salvar o matrimônio e a família. Diante disso, "a separação conjugal sempre traz graves consequências" (CNBB, 2005, n. 290). De fato, as sequelas deixadas pela separação são

[508] Para refletir no tema ver: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Campanha da Fraternidade 1994: a fraternidade e a família*. Brasília: Edições CNBB, 1994, n. 36-37.

enormes, e às vezes irreversíveis. “Raramente, tal dolorosa experiência pode contribuir para o amadurecimento de uma pessoa e lhe permitir recomeçar uma vida nova” (CNBB, 2005, n. 290). Sobra dizer a importância do diálogo para facilitar o entendimento entre os esposos e os filhos e evitar crises maiores:

> Há necessidade de mecanismos para favorecer o diálogo e o entendimento entre os esposos, para que possam superar a superficialidade, recuperar e valorizar o sentido da vida conjugal. É comum os pais se dedicarem à proteção e à educação dos filhos, descuidando do cultivo do diálogo e do projeto comum entre eles mesmos. Se o casal não tiver a suficiente maturidade, o casamento poderá se esvaziar no seu conteúdo, de forma quase inconsciente, e gerará crises após a emancipação dos filhos. A realidade testemunha uma alta porcentagem de separações e de divórcios em matrimônios que se encontram nessa situação (CNBB, 2005, n. 291).

O suporte para esses casais advém, principalmente, de casais que conseguiram superar as próprias crises, seus testemunhos serão um consolo e incentivo para buscarem uma solução. Haverá também a presença do sacerdote para orientá-los, ou seja, dar outro enfoque para o problema vivenciado[509].

Destaca-se o que foi colocado nas fases anteriores da formação do itinerário a respeito da pastoral matrimonial ser na verdade, uma pastoral onde se criaram vínculos fraternos de intimidade e afetividade, abrem-se os corações. Sim, abertos ao diálogo que sejam capazes de exporem as dificuldades. Os casais, enfim, a família consiga partilhar dores e feridas que precisam ser curadas para crescer e amadurecer no Amor com as crises vivenciadas. Novamente a presença de especialistas em diversos temas será necessária. Da mesma forma, observa-se que para que os casais acompanhantes possam, de fato, ajudar nessa situação deverão ter uma preparação prévia, sendo orientados nas diferentes possibilidades que encontrarão na diversidade das realidades existentes na paróquia.

Nos momentos das crises, por menor que sejam, lembrar de individuar o problema e ataca-lo desde o início. Desse modo não se torna tão grande a parecer que não se possa solucionar. As dificuldades se enfrentam com meios humanos e espirituais. Na maioria das vezes precisa recorrer aos meios sobrenaturais como a oração e os sacramentos, mas também, existem terapias que podem

---

509 Aprofundar FRANCISCO. *Audiência aos membros da Associação “Retrouvaille”*, 6 de novembro de 2021. Disponível em: Aos membros da Associação "Retrouvaille" (6 de novembro de 2021) | Francisco. Acesso em: 17 jan. 2025.

auxiliar no combate às dificuldades pessoais e de casal. Porém, é preciso beber o cálice amargo da cruz do relacionamento conjugal e familiar. Existem muitas pessoas que podem ajudar os casais, o fato de pedir ajuda já é um grande passo. Mas, a oração pessoal e do casal é fonte de benção na vida matrimonial. A força para enfrentar os desafios vem da simplicidade de rezar juntos, o que fortalece os vínculos e a presença de Deus no lar. Reitera-se a importância da catequese mistagógica já praticada antes do sacramento matrimonial que, por vezes, foi esquecida pelas turbulências quotidianas sofridas pelo casal.

A experiência da pessoa de Cristo através da participação dos dois sacramentos, Eucaristia e Confissão, que fortalecem a aliança do casal, espiritualidade esponsal. “Para que esse amor possa passar por todas as provações e manter-se fiel contra tudo, requer-se o dom da graça que o fortalece e eleva” (AL, n. 124).

Sem dúvida, existe uma dinâmica constante na vida matrimonial, os conflitos, as tensões que levam a um crescimento, a uma harmonia e sempre uma constante renovação no relacionamento conjugal, pode-se pensar na atualização do sacramento matrimonial, como sacrifício perpétuo, o doar-se, a incruenta renovação da morte de Nosso Senhor realizado em todas as Santas Missas da terra inteira. A vida familiar se encontra no altar de Deus, onde se doam, se imolam, trazendo a si mesmos. É um caminhar dinâmico de crescimento e realização, buscando o bem do outro e da família, o que reflete o amor de Deus. Segundo Papa Franciso, em *Amoris Laetitia*, o sacrifício de Jesus e o sacrifício de casal em seu amor conjugal estão ligados, pois ao se doaram em sua totalidade e entrega, é uma participação real no mistério do amor e sacrifício de Cristo pela sua esposa, a Igreja. É importante que o casal possa perceber o compromisso assumido no sacramento marital e vislumbrar o matrimônio como ícone do amor de Cristo (AL, n. 121).

Na *Desiderio desideravi*, o Papa enfatiza a importância da formação e participação as ações litúrgicas. Indo ao encontro e permanecendo no Senhor pela liturgia leva o casal a experiência concreta do amor redentor de Deus. A liturgia, sobretudo a Eucaristia, é o ápice da fé cristã, onde incluindo a espiritualidade conjugal, tira a força para realizar sua missão. A força do Espírito Santo para os consolar e levá-los para a santificação até a eternidade. A vivência litúrgica os leva a uma coerência na vida. O sacrifício celebrado na eucaristia vivido no sacrifício do dia a dia familiar.

Enfatiza-se a coerência no pensar do Papa Francisco com relação aos dois documentos - *Amoris Laetitia* e *Desiderio desideravi*. Inicialmente, ao escrever *Amoris Laetitia* preocupa-se em oferecer um acompanhamento pastoral mais próximo e misericordioso às famílias de hoje com suas

fragilidades e desafios enfrentados no mundo moderno. Em *Desiderio desiderave*, reforça a importância de vivenciar a liturgia plenamente pois através dela pode-se chegar aos mistérios de Deus. Os dois documentos se ligam ao colocar o sacrifício conjugal na vida concreta da família, como o próprio sacrifício de Jesus. Esse sacrifício conjugal se torna possível e sustentado pela graça sacramental e pela participação na liturgia (especialmente a Eucaristia). Trata-se da Ação litúrgica e o Matrimônio como símbolo do Amor de Deus e do amor humano.

Mais do que ofertar algo que Deus dá ao indivíduo – a vida, é oferecer a única coisa que a criatura, homem pode deixar aos pés de Deus – sua vontade. Prontidão e generosidade, binômio fundamental para àqueles que dizem sim mesmo sem esperar algo, sem saber e controlar a sua realidade. Apenas, se deixa levar pela providência divina. Atirar-se no abismo de amor gerado por Deus, simples, se entregar e deixar ser invadido pela certeza de que o Criador, quer o melhor para suas criaturas e principalmente o homem, obra-prima de sua criação. "O homem é o ponto culminante da obra da criação. A narrativa inspirada exprime essa realidade, fazendo nítida distinção entre a criação do homem e a das outras criaturas" (CIC, n. 343).

Para Guardini, o homem amadurecido deve ter aceitação e perseverança. Esses ingredientes são interessantes diante de uma crise matrimonial. Aceitação das próprias misérias e limitações da vida.

> Não abandona o trabalho: prossegue-o com toda a fidelidade, para atender as exigências da família, da profissão, da coletividade, com as quais contraiu obrigações. Realiza-o com a mesma exatidão e o mesmo cuidado de antes, apesar de todos os fracassos, porque descobriu que o sentido dos deveres revela através do seu cumprimento. Nesses seus esforços por disciplinar-se e por ajudar os outros, persevera sempre, pois sabe que o constante reinício das ações humanas, aparentemente inúteis, acaba por criar uma corrente de impulsos de ação coordenados que faz prosperar a vida humana, protegendo-a dos movimentos isolados e incontroláveis que de outro modo ameaçaram desintegrá-la pela raiz[510].

Para Guardini, além da aceitação e perseverança diante de uma crise na idade adulta, existem outros ingredientes importantes, que se aplicam ao matrimônio e a família: disciplina, renúncia e coragem. A primeira coisa que se pensa diante de uma crise é desistir, abandonar e migrar a outra missão. Disciplina pessoal equivale a fazer o que deve ser feito, sem hesitar.

[510] GUARDINI, 1990, p. 51-52.

Renúncia significa deixar de lado, abdicar o que seja importante para si e pensar mais no outro. Coragem significa muita determinação para sair das dificuldades e vencer os problemas[511].

O percurso de formação, humana e espiritual, e com maior razão, é uma vivência experiencial. Guardini nos ajuda com elementos humanos, o Dicastério nos auxilia com elementos espirituais. Nos encontros após a celebração do matrimônio, o itinerário apresenta como sugestão de uma aplicação prática, uma passagem do evangelho a ser meditada pelo casal, mais especificamente, nos discípulos de Emaús (Lc 24, 13 e 35), após a ressurreição de Cristo. Propõe-se um roteiro resumido que será apresentado em 6 etapas a serem seguidas de acordo com o documento (DLFV, n. 91).

A primeira etapa é do acolhimento: A acolhida do casal ou dos casais é especialmente necessária ao início dos encontros. "É o mesmo Jesus que sai ao encontro deles. O próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles. Primeiro encontro 'individual' de acolhimento e conhecimento" (Lc 24, 15). Momento de saber apenas "escutar" os casais, pois haverá outros encontros para começar a dinâmica de caminhar juntos. Realmente, quem acompanha deve se mostrar afável na abordagem.

A segunda etapa o casal caminha com Cristo: Ao saber que Jesus caminha com o casal, inclusive após a cerimônia, é honestidade do estado atual do casal. Por isso, "Que palavras são essas que trocais enquanto ides caminhando? Alguns encontros 'individuais' para os esposos poderem dizer a Deus e ao cônjuge o porquê do seu 'rosto sombrio'. Mesmo assim, não se trata de encontros a modo de acompanhamento psicológico, ou de terapia de casal e, sim, abrir o coração e dar espaço para o dialogar é estar na presença de Jesus, momentos de oração. Olhar o outro com olhos de Deus, ser complacente, capaz de ver simples criatura com suas limitações, desejos, frustrações.

A terceira etapa é a confiança na paixão, morte e ressurreição de Cristo: Trata-se de encarnar na própria vida do casal o mistério da Páscoa. Era necessário passar pelo calvário para chegar à ressurreição. "Lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória? Encontros 'coletivo' com vários casais para 'iluminar' as crises'. Com as experiências dos casais mais maduros na vida matrimonial, perceberão os indícios de quando se arma uma tempestade e haverá uma certa tensão. Momento de dialogar com as pessoas, de se dispor. É, sem dúvida, importante o discernir, ou seja, calar-se, o

[511] Conferir em GUARDINI, 1990, p. 52.

escutar, deixar o outro expor o que está acontecendo em seu interior. Apoiar para que não se sintam sozinhos e nem frustrados para que percebam que as crises fazem parte da vida matrimonial. A tensão também é positiva sempre com ajuda de Deus, sempre. Depois do sacrifício e sofrimento, há o ressurgir de um amor mais forte e amadurecido pela doação e entrega.

A quarta etapa é o ensinamento de Cristo e da Igreja: "E, começando por Moisés e percorrendo todos os profetas, interpretou a eles em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito. Encontros 'de grupo' tendo ao centro a Sagrada Escritura." Nesse momento, a centralidade das Escrituras se faz presente diante do casal. Escolher textos que tragam a temática do perdão e da misericórdia de Deusa. A importância da meditação e da partilha, vivenciar a Palavra na vida do dia a dia do casal. A graça recebida no sacramento possa realizar atos de perdão. O Espírito Santo nos faz a cada um uma nova criatura.

A quinta etapa é do perdão e reconciliação com Deus, com o próximo e consigo mesmo: Convém, que diante de Cristo Eucaristia, o casal possa estabelecer um diálogo cordial e sincero sobre a reconciliação. Depois, feito os passos de uma confissão frutífera, possa o casal acudir ao sacramento da Confissão. "Permanece conosco, pois cai a tarde". Ideia trabalhada durante toda a formação do itinerário, numa catequese mistagógica. A proposta é primeiramente um momento de Adoração eucarística. Colocar-se diante do Senhor buscando perdoar-se e perdoar o outro. Entra nesse conceito a ideia da virtude da humildade, é necessário ver as limitações, somos débeis e pecadores. Afastar lembranças negativas, mágoas. É difícil apagar a memória? Lembrem-se de coisas boas. Vamos lá, facilite para Jesus. Depois ir ao encontro de jesus no sacramento da reconciliação. Conscientes de suas faltas, buscam o perdão de Deus para que renovados e fortalecimentos pelo sacramento possam empreender novamente sua missão e focá-la tendo Cristo como participante de sua vida e família. Quando se está em Cristo nova criatura se transforma há um atualizar frequente (1Cor 5, 17-19).

A sexta etapa é levar o casal à Eucaristia: "Tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles, é o momento da Celebração eucarística". O casal unido ao pão celeste, tem as ferramentas do próprio Cristo para seguir adiante no matrimônio. O sacramento do corpo de Cristo e a importância de permanecer com Cristo na vida matrimonial. O Papa Francisco acrescenta: "Celebramos a Eucaristia para nos nutrirmos de Cristo, que doa a si mesmo quer na Palavra como no Sacramento do altar, para conformar-nos a Ele" (AL, n. 75).

A proposta de um ambiente festivo, no caso para o casal, sempre deixa uma boa impressão e uma esperança onde as coisas possam voltar ao seu fluxo normal. Depois do encontro com Jesus, ocorre o encontro com a comunidade, que os discípulos de Emaús deixaram. A volta à Jerusalém mostra o desejo de estar com os outros. Assim, também, o casal, após o encontro com Deus, em um acompanhamento pessoal ou de casal, deve voltar à comunidade paroquial ou de movimento que pertence. Caso aconteçam novamente as dificuldades, já sabem qual é o percurso, encontro com Cristo e depois com a comunidade. Desse modo acontece uma verdadeira renovação. As dificuldades e especialmente o abandono mostram o caminho de volta, assim como aconteceu com os discípulos de Emaús. O casal deve se unir aos sacramentos, sobretudo à eucaristia, onde se reconhece o ressuscitado ao partir o pão.

Seria bom o casal meditar no aspecto do consentimento matrimonial e a Eucaristia, como fonte do mesmo sacrifício. O Cardeal Angelo Scola faz uma reflexão interessante sobre isso, onde os dois aspectos estão inteiramente ligados. O casal que vive perto da Eucaristia entenderá melhor o significado da doação e da entrega, assim como Cristo fez por cada um de nós na Eucaristia[512]. Construir uma história juntos, deixar de pensar em si mesmo para projetar completamente no outro, de uma certa maneira é um amor incondicional, cheio de alegrias ou de lágrimas. A paixão de Cristo convida o casal a mudar um coração egoísta, de pedra num coração de carne, a ser generoso. Olhando a Eucaristia pode-se contemplar todo o Amor de Deus por cada um, no sacrifício feito por Ele na cruz. Como não se apaixonar por um Deus que a partir de todo sofrimento só demostrou carinho, ternura por cada ser humano – se sentir realmente amado. Com efeito, cada um significa a própria essência de Deus puro Amor. Ao vivenciar todo o caminhar, toda uma história se doando, se sacrificando o casal ama a Deus, vive dele e por ele, por aquilo que ele é e por aquilo que faz. Em suma, vive a misericórdia de Deus no sacramento do matrimônio. O casal é chamado a derramar no mundo o amor recebido do Senhor, a vivê-lo na Igreja, na família e na sociedade.

A sétima etapa e conclusiva é não perder a esperança: “Então seus olhos se abriram e o reconheceram [.]. Levantaram-se e voltaram para Jerusalém, a conclusão do percurso”. É preciso estar com Cristo sempre, reconhecê-lo na eucaristia, na palavra e no próximo, de maneira especial, o outro dentro do matrimônio.

[512] Conferir em SCOLA, Angelo. *Matrimonio e famiglia tra antropologia ed Eucaristia. Note in vista dell’Assemblea Straordinaria del Sinodo dei Vescovi sulla Famiglia*. Angelo Scola, Arcivescovo di Milano, p. 6. Disponível em: Matrimonio e famiglia tra antropologia e Eucaristia. Acesso em: 17 ago. 2025.

O itinerário catecumenal para a vida matrimonial é um modelo a ser seguido ou não, dependendo das circunstâncias de cada comunidade paroquial. Mas, durante todo o percurso é enfatizado aos casais, sim, a catequese querigmática. O estar perto de Deus por meio de encontros: palestras, escuta, partilha, orações, meditações. Enfatiza-se sobretudo, a contemplação diante do Santíssimo do altar, dando oportunidade do silenciar, do diálogo com Deus, o revelar-se de Deus e o conhecer-se a si mesmos.

Existe a preocupação cujo foco abrange as pessoas separadas que continuaram fiéis a ideia da indissolubilidade do sacramento esponsal, pois não constituíram novos relacionamentos maritais. Indispensável para ser desenvolvido, esse outro sistema do organismo vivo, paróquia, precisa do envolvimento de um sacerdote, para acompanhar cada caso, pois, são situações que requerem mais atenção, orientação e discernimento:

> Pastores e leigos participam, na Igreja, da missão profética de Cristo: os leigos, testemunhando a fé com palavras e com a vida cristã; os pastores, discernindo em tal testemunho o que é expressão da fé genuína e o que não corresponde originalmente à luz da mesma fé; a família, enquanto comunidade cristã, com a sua participação peculiar e testemunho de fé. Pode estabelecer-se assim um diálogo entre os pastores e as famílias. Os teólogos e os peritos em problemas familiares podem ajudar muito a tal diálogo, explicando com exatidão o conteúdo do Magistério da Igreja e o da experiência da vida em família. [.] o ensinamento do Magistério será mais bem compreendido e será aplanada a estrada para o progressivo desenvolvimento (FC, n. 73).

Em *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco coloca que mesmo com todo apoio que a Igreja pode oferecer aos casais em crise, pode acontecer de se chegar a extremos onde a separação é a solução final depois de todas as tentativas que foram realizadas (AL, n. 241).

A Igreja, e aqui se refere aos membros da Igreja, devem ajudar de todas as formas os casais em crise. Primeiro com seu testemunho, depois com sua oração e logo com os dons de acompanhamento nos encontros. Mas, a decisão é sempre individual, se um lado do casal não quer continuar, o outro fica em uma situação difícil. Existem ocasiões que, após inúmeras tentativas de reconciliação, a convivência se torna insuportável. Quando se chega à separação, divórcio ou abandono é por razões sérias. Nesses casos, a Igreja há de ajudá-los nessas situações mais complexas.

> Apesar de todo o apoio que a Igreja pode oferecer aos casais em crise, há ainda situações em que a situação é inevitável. “Por vezes, pode tornar-se até moralmente necessária,

> quando se trata de defender o cônjuge mais frágil, ou os filhos pequenos, das feridas mais graves causadas pela prepotência e a violência, pela humilhação e a exploração, pela alienação e a indiferença." (AL, n. 241). Mas "deve ser considerado um remédio extremo, depois que se tenham demonstrado vãs todas as tentativas razoáveis." (AL, n. 241). [.] "é indispensável um discernimento particular para acompanhar pastoralmente os separados, os divorciados, os abandonados. Tem-se de acolher e valorizar sobretudo a angústia daqueles que sofreram injustamente a separação, o divórcio ou o abandono, ou então foram obrigados, pelos maus-tratos do cônjuge, a romper a convivência. Não é fácil o perdão pela injustiça sofrida, mas constitui um caminho que a graça torna possível. Daí a necessidade duma pastoral da reconciliação e da mediação, inclusive através de centros de escuta especializados que se devem estabelecer nas dioceses (AL, n. 242) (DLFV, 2022, n. 93).

Quando há o rompimento dos laços matrimoniais, a comunidade precisa estar presente apoiando no que for necessário, o casal e, principalmente, não deixando os filhos desses cônjuges sem um acompanhamento. Muitas vezes as crianças sofrem silenciosamente nessas situações e entram em conflito, pois amam seus pais e não gostariam de escolher qual o lado ficar, tomar partido entre um ou outro.

A Igreja reconhece que o divórcio é um mal, mas que a Igreja deve ter consciência da realidade e tentar suavizar as consequências desse mal:

> A Igreja, embora compreenda as situações conflituosas que devem atravessar os cônjuges, não pode cessar de ser a voz dos mais frágeis: os filhos, que sofrem muitas vezes em silêncio. Hoje, "não obstante a nossa sensibilidade aparentemente evoluída e todas as nossas análises psicológicas refinadas, pergunto-me se não nos entorpecemos, também, relativamente às feridas da alma das crianças. [.]. Sentimos nós o peso da montanha que esmaga a alma duma criança, nas famílias onde se maltrata e mágoa, até quebrar o vínculo da fidelidade conjugal?" Tais experiências molestas não ajudam estas crianças a amadurecerem para serem capazes de compromissos definitivos. [.] as comunidades cristãs não devem deixar sozinhos os pais divorciados que vivem numa nova união. Pelo contrário, devem integrá-los e acompanhá-los na sua função educativa. [.] "como poderíamos recomendar a estes pais que façam todo o possível por educar os seus filhos na vida cristã, dando-lhes o exemplo duma fé convicta e praticada, se os mantivéssemos à distância da vida da comunidade, como se estivessem excomungados? Devemos proceder de modo que não se acrescentem outros pesos àqueles que os filhos, nestas situações, já têm que suportar." Ajudar a curar as feridas dos pais e sustentá-los espiritualmente é bom também para os filhos, que precisam do rosto familiar da Igreja que os ampare nesta experiência traumática. O divórcio é um mal, e é muito preocupante o aumento do número de divórcios. [.] a nossa tarefa pastoral mais importante relativamente às famílias é reforçar o amor e ajudar a curar as feridas, para podermos impedir o avanço deste drama do nosso tempo (AL, n. 246).

Sem dúvida, é importante que haja a integração dos membros da comunidade. Sem dúvida, a "pastoral de vínculo" está preocupada em oferecer amparo, proteção ou conforto aos casais em crise. Percebe-se a necessidade do acolhimento às pessoas que passam pelo sofrimento da perda de um projeto de vida familiar. Quando se pensa em perdas cada pessoa tem uma maneira de ver e

reagir a esta perda. Toda perda gera um sofrimento, e este é bem intimista, chega-se até a ser egoísta, pois cada um toma posse deste momento com muita propriedade.

É o momento de mostrar que não há culpa; circunstâncias levam a tomar decisões e ter atitudes que têm consequências. A comunidade se mostra tentando suprir as necessidades das pessoas que ficam traumatizadas após a ruptura, necessidades principalmente espirituais. O acolher com palavras de conforto, um abraço, um segurar as mãos para que essas pessoas tão carentes neste momento se sintam amadas e sintam a segurança e a certeza do amor, Cristo junto a elas.

O desafio maior é levar, incentivar as pessoas que mantiveram a postura de fidelidade matrimonial ao sacramento da Eucaristia. Novamente, buscar nos sacramentos uma experiência própria e única de Jesus vivo. Em cada eucaristia há a atualização permitindo o reacender da fé e aumenta a graça para compreender melhor o batismo que nos lavou, o Espírito que nos deu nova vida, e o sangue que nos redimiu. É a linguagem usada por Jesus para manifestar seu amor – faz a vontade do Pai e se sacrifica pelo homem. Assim, para aquela pessoa que mantém a fidelidade ao sacramento do matrimônio indissolúvel é possível carregar a própria cruz fortalecida pelo Cristo vivo presente na comunhão.

> Ao mesmo tempo, "as pessoas divorciadas que não voltaram a casar (que são muitas vezes testemunhas da fidelidade matrimonial) devem ser encorajadas a encontrar na eucaristia o alimento que as sustente no seu estado. A comunidade local e os pastores devem acompanhar estas pessoas com solicitude, sobretudo quando há filhos." (AL, n. 242). Poucos são os locais onde lhes é oferecida uma atenção pastoral. [.] alimentada pelo dom da fidelidade ao Sacramento do Matrimônio, pode constituir [.] testemunho e exemplo para os jovens casais, [.] para os sacerdotes, que podem descobrir e "ver" na vida dessas pessoas a presença constante de Cristo esposo, fiel até na solidão e no abandono: uma solidão "habitada", marcada pela intimidade com o Senhor e pelo vínculo com a Igreja e a comunidade, que se torna presente e companheira de caminhada. A dimensão nupcial das duas vocações, Ordem e se manifesta nesses casos, mais uma vez, em toda Matrimônio - a sua beleza e complementariedade. [.] é necessário descobrir também dentro da Igreja protagonismo Pastoral dos fiéis separados, que podem assumir papéis significativos na comunidade e ser, por sua vez, ajuda para os outros (DLFV, 2022, n. 94).

Antes que haja o rompimento completo dos laços matrimoniais, a comunidade precisa estar presente apoiando no que for necessário, o casal, a família. O suporte dado ao casal se evidencia na ênfase quanto a necessidade de comparecerem aos sacramentos, pois Jesus os deixou para encontrá-Lo na terra, Sua presença viva do Cristo, os ajudando a superar as dificuldades.

> A história duma família está marcada por crises de todo o género, que são parte também da sua dramática beleza. [.] descobrir que uma crise superada não leva a uma relação menos intensa, mas a melhorar, sedimentar e maturar o vinho da união. Não se vive juntos para ser cada vez menos feliz, mas para aprender a ser feliz de maneira nova, a partir das possibilidades que abre uma nova etapa. Cada crise implica uma aprendizagem, que permite [.] encontrar um novo sentido para a experiência matrimonial. É preciso não se resignar de modo algum a uma curva descendente, a uma inevitável deterioração, a uma mediocridade que se tem de suportar. [.] quando se assume o matrimônio como uma tarefa que implica também, superar obstáculos, cada crise é sentida como uma ocasião para chegar a beber, juntos, o vinho melhor. É bom acompanhar os cônjuges, [.] aceitar o desafio e atribuir-lhes um lugar na vida familiar. Os casais experientes e formados devem estar dispostos a acompanhar outros nesta descoberta, para que as crises não os assustem nem os levem a tomar decisões precipitadas. Cada crise esconde uma boa notícia, que é preciso saber escutar, afinando os ouvidos do coração (AL, n. 232).

Acompanhar os casais em crise matrimonial não é fácil para a Igreja, mas na sua índole de mãe, a Igreja deve acolher e ajudar a todos, especialmente os mais fragilizados. A separação, divórcio e a nulidade matrimonial são opções radicais. A reconciliação através da confiança é o caminho. O perdão deve ecoar mais alto. Os meios humanos e espirituais hão de ser colocados em prática. Após a crise vem o período de fecundidade. O casal sai fortalecido da crise gera mudança e melhoria no matrimônio e com relação aos filhos. Os meios humanos, marcados por Guardini devem ecoar na caminhada: aceitação e perseverança; disciplina, renúncia e coragem.

Dentro da iniciação ao matrimônio o caminho é árduo, pois implica disciplina. A Igreja deve fazer a sua parte, mas também, o casal deve se empenhar. Determinar o que significa o catecumenato matrimonial é a primeira tarefa, sem conhecimento, não existe vivência no amor do casal. Depois, compreender que a fase pré-matrimonial não é para a criança, adolescente e jovem serem privados na liberdade, mas, é preciso respeitar cada fase como diz Romano Guardini, inculcar valores plenos, que possibilitem a pessoa escolher o que Deus propõem. Na fase intermediária, os namorados hão de fazer um verdadeiro discernimento para não somente ficar (como eles se referem), mas tentar algo que dure para ter um verdadeiro conhecimento um do outro.

Iniciamos a caminhada nesse capítulo na fase pré-catecumenal: preparação remota. A pastoral infantil e a pastoral juvenil têm muita importância crucial percurso de preparação ao matrimônio. A presença dos sacramentos de iniciação cristã visa acompanhar as crianças, adolescentes e jovens no caminho de Deus e no desenvolvimento vocacional. O batismo, com forte influência dos pais e padrinhos cuidam das crianças. O sacramento da Eucaristia cuida dos adolescentes. A crisma se preocupa com os jovens. O discernimento vocacional deve começar cedo na Igreja. Nas idades da vida humana, Guardini vem em auxílio mostrando os elementos

importantes. Inclusive seu auxílio vem antes que a criança nasça e depois na infância com a forma lúdica de implantar os valores. Também, os conceitos de Guardini se faz presente na adolescência como período de superação de afirmação da personalidade e da sexualidade. Depois, os pensamentos de Guardini clareiam a juventude, onde os jovens têm muita vitalidade, mas lhes falta experiência de vida.

Em seguida, contemplamos a fase intermediária: acolhimento dos candidatos. Entre a preparação remota e o acolhimento dos candidatos ao matrimônio chamamos de namoro cristão-católico; o acolhimento dura algumas semanas, mas o tempo de preparação é longo (ao que dizemos de namoro). A Igreja recomenda atenção aos que vêm de outras denominações ou de uma caminhada afastada de Deus ou da Igreja.

Por fim, discorremos sobre a fase catecumenal formada por três etapas e um acréscimo: preparação próxima, preparação imediata e os primeiros anos de vida matrimonial. A presença da Igreja, especialmente, segundo o Papa Francisco, com *Amoris Laetitia*, se faz fundamental. A preparação próxima, ao que chamamos de noivado, inicia com a bênção dos noivos e com um pequeno retiro. Na exposição, encontramos um roteiro valioso de encontros dos noivos, onde a experiência do amor de Deus os envolve e os prepara para assumir o grande compromisso do matrimônio. A preparação imediata está marcada pelo retiro, assim o casal se centra naquilo que é importante, ou seja, a bênção de Deus e da Igreja, também meditam as palavras que serão proferidas no dia da celebração. A terceira etapa é o acompanhamento organizado pela Igreja aos casais nos primeiros anos de vida matrimonial, que, de fato, são os anos mais difíceis e a adaptação mais complexa. Enfim, o acréscimo, onde a Igreja mostra sua misericórdia e seu papel de mãe atendo aos casais em crise. O pensamento de Guardini vai permeando esse capítulo com suas colocações sobre a idade adulta, com reflexões sobre o carácter e constância na preparação próxima, sobre a valorização do vigor na preparação imediata, sobre a aceitação e perseverança nos primeiros anos de vida de matrimonial e sobre disciplina, renúncia e coragem no acompanhar os casais em crise.

Trata-se de uma verdadeira mistagogia do mistério de Cristo presente na Igreja. O que mais chama atenção nesse capítulo é a experiência do amor de Deus que as pessoas fazem por meio da Igreja. Seja o Papa Francisco e Romano Guardini atestam que essa experiência preenche toda pessoa. Precisamos de um olhar de misericórdia, cuidado e atenção com os matrimônios e famílias,

de acordo com Papa Francisco. Mas, também, necessitamos de honra, disciplina e determinação, como nos sugere Guardini.

CONCLUSÃO

Ao início falamos sobre a sacramentalidade do matrimônio, em que as noções sobre o que é um sacramento na Igreja ajudam na concepção do matrimônio. O sacramento do matrimônio é algo sagrado. Deus mesmo colocou na natureza humana as disposições para que o matrimônio fosse sagrado, não é, portanto, uma instituição meramente humana ou um contrato. Por isso, o homem e mulher devem descobrir a ação divina entre eles. É muito importante que o casal e filhos respondam ao chamado à santidade. Em verdade, a santidade não é somente para um grupo seleto de pessoas, mas, para todo batizado, incluindo o casal e os filhos, que se santificam na vida familiar. Para isso existe a espiritualidade conjugal e familiar, iluminando o caminho do casal e dos filhos no seguimento de Deus. O modo de descobrir a Deus é olhando a Cristo e refletindo o que diz a Igreja. Colocar em evidência os efeitos de um sacramento, auxiliam a perceber a graça de Deus na vida do casal e dos filhos. A Igreja é aquela que guarda e distribui esses dons, não de qualquer forma, mas com a ritualidade que lhe corresponde, e que faz parte da liturgia. Assim, seguir as orientações da Igreja é seguir a Cristo. A Sagrada Escritura, Tradição e o Magistério vêm em auxílio do matrimônio e da família, para que sejam sinal do amor de Deus e do amor humano na terra, e prefiguração nupcial da vida eterna.

Em seguida, fizemos um percurso histórico sobre o matrimônio, dando realce à sua celebração e reflexão teológica. A reflexão histórica marca como a naturalidade, as propriedades, os bens do matrimônio foram mantidos e atualizados, no conteúdo e na abordagem. Esses elementos importantes e essenciais do matrimônio foram moldando a família cristã, célula da sociedade e Igreja doméstica. Para além de toda evolução, a reflexão que se tira de tudo isso é que as celebrações estão tomando corpo seguro ao longo da história. O marco do percurso histórico é o atual, onde, depois de tantas reflexões sobre o matrimônio, se chegou à maneira pastoral de se agir. A Igreja novamente vem em socorro do povo de Deus para mostrar, com sua liturgia, que o matrimônio é importante para a pessoa humana, para a Igreja e para a sociedade. Podemos ver que nos tempos atuais, se preservam o que foi dito anteriormente, mas se atualizam os rituais e abordagens, e ao mesmo tempo que surgem novos desafios pastorais.

Ao analisar o rito sacramental do matrimônio chegamos à conclusão que é importante o seu estudo e a sua compreensão. Todo o povo de Deus precisa desse conhecimento e aprofundamento. Os noivos, porque são os ministros do sacramento do matrimônio. O assistente eclesiástico, porque tem a responsabilidade em nome da Igreja de abençoar e ser testemunha qualificada. Os bispos e os sacerdotes (especialmente os párocos) devem dominar o rito e sua teologia para orientar de forma adequada e frutífera a celebração do matrimônio. O estudo da celebração do matrimônio está relacionado a elementos que a integram e contribuem significativamente a uma melhor compreensão em vista da participação consciente e ativa. Nosso desejo é de que, a partir dessa reflexão, verdadeiramente, sejamos todos levados a repensar uma série de ideias e práticas em torno da celebração do matrimônio para cuidar de sua preparação e celebrá-la bem.

Também é necessário pensar um itinerário que realize o que o Ritual do Matrimônio pede a respeito disso, isto é, a cuidadosa preparação da celebração, que inclui a escolha dos cantos e das músicas.

Outro elemento que deve ser fomentado é a composição de cantos para a celebração do Matrimônio. Esse trabalho de composição deve ser fundamentado naquilo que já foi exposto e deve ter a aprovação da autoridade competente, ou seja, deve ter reconhecimento oficial seja da Conferência dos Bispos ou do Bispo diocesano para o uso litúrgico. Para a celebração eucarística, como podemos verificar no Hinário Litúrgico da CNBB, temos um repertório vasto, rico e conhecido porque foi difundido especialmente pelas gravações em parceria com a editora Paulus. Nesse caso, é interessante não só ter um repertório, mas possibilitar seu acesso às comunidades, considerando as pessoas que não leem partitura.

O recurso de uma lista de músicas permitidas ou proibidas para a celebração pode contribuir e até ser mais prático, mas o casal sozinho, sem ninguém para orientar não é suficiente para formar consciência. As pessoas responsáveis pela confecção dessas listas devem considerar os critérios objetivos próprios do canto e da música para a liturgia, inclusive, podendo disponibilizar a partitura e o áudio dos cantos para favorecer maior acesso ao repertório.

É necessário atentar para que os cantores e os músicos que vão atuar na celebração tenham consciência do contexto celebrativo e da natureza própria da celebração litúrgica. Pode se tornar um problema quando se contratam cantores e músicos de bandas, por exemplo, ou de outras denominações religiosas que desconhecem o rito e a ritualidade próprios da celebração litúrgica. É

preciso cuidar para que os cantores e músicos entendam que não é hora de fazer show e encantar o público, não é hora de estrelismos e de chamar atenção. É relevante também tratar do volume dos instrumentos para que seja favorecido um ambiente de oração e não ultrapasse os limites causando incômodo à assembleia com volume excessivo.

Contratam-se pessoas para cuidar do andamento e condução da celebração, os "cerimonialistas", que elaboram um roteiro, propõem cantos e músicas e, às vezes, não são pessoas que tiveram formação litúrgica e nem fazem parte da comunidade. É importante que as comunidades tenham pessoas bem formadas para ajudar nas celebrações e orientar devidamente suas partes, uma equipe litúrgica para a celebração do matrimônio, assim como há para a Missa, batismo e outras celebrações. Essa equipe poderá auxiliar os noivos a escolherem os cantos, tendo um repertório bíblico-litúrgico de referência, as leituras e ajudar no decorrer da celebração, supondo que a celebração matrimonial aconteça na comunidade dos noivos.

A liturgia não vive em tensão com a pastoral, pelo menos não teoricamente. A tensão acontece quando os gostos pessoais, práticas pastorais do passado ou criatividades do presente encontram observação contrária a partir do que a liturgia da Igreja solicita. Nesse sentido, é lamentável, mas, por falta de sinodalidade, - manda quem pode e obedece quem tem juízo - é o que às vezes se ouve. Por que não procurar crescermos juntos na fé, na ação pastoral, na formação, na unidade, na comunhão?

Assim, considerando todos esses elementos referentes à liturgia e, mais especificamente, à celebração do matrimônio, os ministros ordenados e as comunidades busquem caminhos para crescerem na compreensão e na vivência e encontrem formas eficazes e frutuosas para evangelizar.

Muito se fala em conversão (*metanoia*), termo muito familiar, que significa mudança de mentalidade, de atitude. Desde o Documento de Aparecida (2007), fala-se em *conversão pastoral*, no sentido de mudar a mentalidade e a prática do fazer pastoral, deixando uma pastoral de conservação e manutenção, para assumir uma pastoral decididamente missionária. No que diz respeito à liturgia, toca o ponto da iniciação cristã e da formação litúrgica como parte do processo de mudança de mentalidade e de atitude. É muito fácil falar de conversão pastoral, pastoral missionária, Igreja em saída e hoje ainda mais, com o risco de se tornar um termo de moda, falar da sinodalidade, caso não se saia da ideia, do discurso para a ação, para a forma de viver. Torna-se, portanto, um grande desafio, que com calma, tempo, estudo e disposição resultará em mudanças.

Efetivamente, é necessário quebrar paradigmas ao constatar a insuficiência da prática pastoral vigente, vislumbrando novos caminhos possíveis para a ação pastoral que responda de modo mais condizente às exigências do mundo hodierno. Tratando-se de quebra de paradigma e de mudança de mentalidade, deve-se considerar um processo que não ocorre imediatamente, mas que exige tempo e dedicação.

A vivência da liturgia da Igreja, a partir de uma boa compreensão e de acordo com as suas normativas, é um progresso, e não um retrocesso. Não se trata, pois, de ser retrógrado, rígido, engessado, rubricista ou fariseu. Esses rótulos manifestam mais indisposição para crescer na compreensão e no diálogo saudável que uma realidade factual. Ainda que algum desses rótulos correspondesse à verdade e estivesse subjacente à ação pastoral, seria necessário promover espaços para mergulhar na formação, como expressão do apoio do caminhar juntos, evitando simplesmente o repúdio, a ridicularização e a exclusão.

Assim, o enfoque sobre a formação litúrgica e o matrimônio é de suma importância para todo o povo de Deus, a comunidade eclesial inteira deve participar, não somente o clero. Acerca disso, sobre a formação litúrgica do povo de Deus, o Papa Francisco escreveu a carta apostólica *Desiderio desideravi* dirigida não apenas aos bispos, primeiros guardiões e promotores da vida litúrgica em sua diocese, mas também aos sacerdotes e diáconos, homens e mulheres consagrados e aos fiéis leigos. Essa atitude solicitada já desde o Concílio Vaticano II, na *Sacrosanctum concilium*, fomenta e oferece indicações preciosas para a formação litúrgica.

A formação na liturgia e pela liturgia ecoa nos ouvidos de quem compreendeu o mistério de Cristo e da Igreja. A riqueza da liturgia, ritos e celebrações, sacramentos e sacramentais, como também a simples oração em família, atesta como Deus se faz presente e, como se conhece, se ama e se segue a Jesus nessa vida. Deixar-se formar na liturgia, pelas orações, cânticos, gestos e atitudes ajuda muito na preparação e vivência do matrimônio e da família. Assim, na formação pela liturgia, não é necessário inventar nem ser rígidos demais, basta adentrar os ritos propostos pela Igreja. Ninguém ama aquilo que não conhece, isso vale para a liturgia. É urgente ações concretas de formação litúrgica para o povo de Deus: bispos, sacerdotes e leigos. No capítulo sobre o tema da formação, se colocaram à disposição elementos litúrgicos a serem feitos em casa e em família, além, é óbvio das ações próprias da Igreja em si ou sacramentos e sacramentais, que requerem uma participação física na Igreja. Efetivamente, a liturgia se vive na família, com orações e atos de

piedade concretos, como rezar e fazer novenas juntos, ter um momento de reflexão da palavra de Deus. Enfim, sendo a família, o lugar onde se passa a maior parte do tempo, nada impede de fazê-la, também, um espaço de oração, paz e diálogo, "igreja doméstica".

A contribuição de Romano Guardini é muito valiosa. O autor tem uma visão diferenciada da liturgia, ou seja, sai do simples ritualismo para o coração da vida cristã, focando espiritualidade, teologia, antropologia e arte, em seus escritos *O Espírito da Liturgia, Formação Litúrgica e Os sinais sagrados. Co*nceitos, tais como a centralidade de Deus, da pessoa humana, a vida comunitária, a disciplina, são abordados e contribuem muito para ação litúrgica, para a formação e vivência da liturgia, conceitos esses que foram resgatados pela Papa Francisco com seus escritos. O fato de Deus ocupar o primeiro lugar na liturgia mostra a eficácia da graça. Mas, a pessoa humana que capta a Deus nas celebrações, pessoa humana dotada de corpo e alma, onde existem sentimentos e emoções não está sozinha. A espiritualidade litúrgica se vive em comunidade, uns com os outros. A vida em sociedade na Igreja se chama comunidade de fé, caminhar juntos e em comunhão. Depois, sem esforço, não chega a nenhuma parte dentro da interação com a liturgia. Para participar os ritos e celebrações exige disciplina e responsabilidade. Além do mais, bem sabemos quanto Guardini valorizou o tema do simbolismo litúrgico, no qual o homem moderno não compreende e tem dificuldade de se desenvolver. A exploração do símbolo, principalmente litúrgico, deve ser captado de forma direta, pois tem uma força intrínseca e capacidade de unir o homem e mulher a Deus.

Ao expressar que os fiéis devam participar das celebrações de forma consciente, ativa (e não ativista-funcional) e piedosa (e não intimista), a *Sacrosanctum concilium* indica que o seja a partir de um bom entendimento dos *ritos e preces*. Essa é a metodologia própria indicada, que não exclui outras maneiras que contribuam com o mesmo fim. Nesse sentido, sem dúvida o tempo de iniciação cristã é de grande valor, por outro lado a ação pastoral, após o tempo de iniciação, poderá contribuir frutuosamente, organizando outros momentos formativos comunitários.

Tratando-se da formação em torno do matrimônio, urge investir na pastoral dos noivos, em um itinerário formativo no processo de preparação para a celebração do matrimônio que não seja um breve ou brevíssimo curso, mas que possa ser uma verdadeira iniciação ao sacramento do matrimônio, à maneira de um catecumenato, que promova a transmissão da doutrina sobre o matrimônio cristão e sua forma de viver, que inicie à linguagem simbólico-ritual, proporcionando uma profunda catequese mistagógica sobre a celebração do matrimônio, partindo do próprio rito e

que favoreça a criação de vínculos do futuro casal na comunidade eclesial, envolvendo-os efetivamente no tempo de preparação. A entrevista canônica com os noivos diz respeito apenas a uma parte de todo o itinerário de preparação e não poderá servir como espaço para preparar os noivos, mas como espaço para motivar e direcionar a preparação dos noivos.

Sobre o percurso matrimonial, a Igreja precisa prestar muita atenção no desenvolvimento, preparação e acompanhamento dos que irão constituir a família cristã. Como mãe, a Igreja zela pelos seus filhos e filhos, e com especial predileção pelo matrimônio e pela família. Como se escuta, às vezes, em ambientes eclesiásticos - a maior parte dos matrimônios são nulos - mas, poucos examinam as causas preliminares dos acontecimentos e tomam as devidas iniciativas. É necessário um percurso, onde os casais se preparem e vivam o mistério de Cristo e da Igreja, principalmente, pelos sacramentos. Não basta receber os sacramentos, sem atualizá-los numa catequese mistagógica, tampouco basta cumprir com a ritualidade de modo frio ou conseguir o que se quer para manter um posicionamento social. Por isso, a proposta do percurso matrimonial começa na Igreja com os sacramentos de iniciação cristão: Batismo, Eucaristia e Crisma. E vai, além disso, dentro desse seguimento pela pastoral da infância e pastoral juvenil. E, possibilitando assim, um verdadeiro e maduro discernimento vocacional, sobre o matrimônio e demais vocações dentro da Igreja. Os namorados, os noivos, os casais nos primeiros anos e os casais em crise precisam de ajuda da Igreja. Por isso, se insistiu, juntamente com o Dicastério em análise, como também, no último capítulo, sobre a fase pré-catecumenal, fase intermediária, fase catecumenal, os primeiros anos de vida matrimonial e acompanhamento dos casais em crise.

Dentro das ações concretas para melhorar a preparação, vivência e acompanhamento no catecumenato ao matrimônio, é urgente que as paróquias ofereçam os respectivos encontros, palestras, retiros e grupos de estudo ou espiritualidade, ou seja, que coloquem em prática estruturas de evangelização que facilitem a chegada e permanência das pessoas na Igreja. Por exemplo, nas pré-catequese e catequese para primeira Eucaristia ou na Crisma promover encontros vocacionais, onde se apresentem as várias vocações na Igreja, especialmente o matrimônio e sacerdócio/vida religiosa; para os namorados, preparar encontros e retiros voltamos ao discernimento e amadurecimento no caminho matrimonial. No caso dos noivos, entre a preparação próxima e imediata, a tese apresentou um roteiro de encontros rumo à celebração do matrimônio, que fica disponível nas dioceses e paróquias, para os movimentos eclesiais e até mesmo para os noivos.

Também, se disponibilizou um pequeno roteiro de acompanhamento para os casais em crise. Porém, não basta a Igreja oferecer uma estrutura de preparação e acompanhamento se as pessoas não participam. É de responsabilidade de todos acudirem ao encontro da graça por meio de sacrifícios pessoais e de reserva de tempo qualificado, pois, no fim das contas valem a pena pelo casal e pelos filhos.

A estrutura eclesial, dioceses e paróquia precisam reconsiderar as formas de evangelização. As palavras – continuidade, sinodalidade e transversalidade - ainda ecoam nos nossos ouvidos e se aplicadas à realidade de estrutura e acompanhamento na evangelização matrimonial e familiar podem dar abundantes frutos. É verdade que precisamos caminhar juntos, mas não de qualquer forma, por isso caminho do catecumenato matrimonial é exigente e faz parte requerer oração, diálogo e ação concreta da Igreja.

Quando se falou sobre (itinerário, duração e método), (linguagem simbólico-ritual) e (estabelecimento de vínculo) no acompanhamento aos casais, podemos concluir que a tarefa é árdua. Em suma, tanto a Igreja, com sua estrutura de evangelização, quanto os próprios noivos devem querer esse caminho, e mesmo assim o resultado desejado não sai conforme o esperado. Ainda bem que se considera a ação de Deus na vida e nos acontecimentos. Porém, algo há de se fazer para contribuir com a ação da graça de Cristo nos casais e nos filhos.

Na realidade, quem facilitou o catecumenato matrimonial foi Papa Francisco (depois o Dicastério colocou em prática), pois em *Amoris Laetitia* colocou as bases de uma Igreja em saída para o matrimônio e a família. A contribuição da Exortação em questão é do cuidado, acompanhamento e da misericórdia, especialmente para os que mais precisam dentro da realidade matrimonial e familiar. A Igreja deve prestar muita atenção às famílias vulneráveis e sair ao encontro com estruturas de evangelização. Mas, também, as pessoas devem tomar consciência da sua liberdade e ir ao encontro da Igreja para que Deus possa agir de forma mais plena.

Não tem como ficar indiferente. Percebo claramente o agir do Espírito Santo inspirando o Papa Francisco na sequência de publicações e diretrizes — iniciando com a exortação *Amoris Laetitia* (2016), passando pela carta apostólica *Desiderio desideravi* (2022) e culminando nos *Itinerários Catecumenais para a Vida Matrimonial* (2022). Sem dúvida, há uma reforma profunda na pastoral familiar e litúrgica da Igreja Católica. Tendo como objetivo central o renovar-se da pastoral familiar, integrando a realidade vivida das famílias com a teologia litúrgica, ou seja, zela

o casal e a família saindo de uma visão estritamente doutrinal para uma visão pastoral. Enfim, é a Igreja, como mãe, no "acompanhar, discernir e integrar" seus filhos.

Ademais, com a análise das etapas da vida humana - *As idades da vida*: o seu significado ético e pedagógico - ajuda na preparação e vivência do matrimônio e da família. Podemos dizer que o autor com o qual dialogamos mostra uma racionalidade prática, graças a sua vivência e formação. As suas contribuições são profundas e podem ser aplicadas à realidade e, principalmente, sobre a ética norteiam o acompanhar dos casais na preparação do matrimônio. Pois, é algo que precisa de paciência, honra e determinação para cumprir os objetivos e propósitos, sendo que essas metas fazem o bem enorme ao casal.

Alguns desdobramentos futuros que emergem de toda essa reflexão sobre o matrimônio e a família, sobretudo da sua celebração sacramental, é a implantação desse manual nas dioceses, paróquias e realidades eclesiais. Para isso, é preciso continuar fazendo teologia do matrimônio. Também, investir muito na formação litúrgica ao clero e aos leigos. Como todas essas reflexões podem chegar às pessoas e as estruturas eclesiais? Será que não é o caso de implantar algo definido nas dioceses, paróquias ou realidades da Igreja? Por que é tão fácil se casar na Igreja e tão difícil obter a nulidade matrimonial? Será que não é o caso de aceitar os candidatos ao matrimônio somente os que participam ativamente na Igreja, ou numa linguagem mais espiritual, os que têm fé? São perguntas que não tem respostas imediatas, pois dependem dos leigos, dos bispos e dos sacerdotes. Temos que ter um olhar de misericórdia, mas, também, ajudar a todos com estruturas de evangelização, onde todos temos deveres e responsabilidades. Porém, essa pesquisa pode gerar maior consciência em algum departamento da Igreja, não somente clerical, mas nas pastorais, grupos e movimentos eclesiais. O sacramento do matrimônio é muito importante para deixarmos de lado ou ter uma formação precária. Além do mais, toda a Igreja e a sociedade, como um todo, necessitam do matrimônio e da família para se reger na missão material e espiritual.

Chama muito atenção o fato de a família cristã ser reflexo da Santíssima Trindade. A conexão entre as três pessoas e um só Deus orientam o que se espera numa família cristã. A espiritualidade desenvolvida é bastante rica pelo fato de ser muito teológica e ao mesmo tempo ter uma incidência prática. União familiar com a diversidade de personalidades, cumprindo o mesmo designo, que é o amor. A presença do amor une as pessoas na Trindade e une também as pessoas na família, buscando o mesmo ideal, salvação do gênero humano. No caso da família, busca-se o

bem-estar físico e espiritual de todos os membros, no caso do caso da Trindade busca-se a criação, salvação e santificação de cada homem e mulher.

O papel de Maria, mãe de Deus e da Igreja, é fundamental na intercessão pelo casal e filhos. Geralmente se lê as Bodas de Caná como evangelho na celebração do matrimônio. Que Maria, que intercedeu a favor dos noivos diante de Jesus, projete e interceda também por todos os que estão se preparando ou que já estão na caminhada matrimonial e familiar. Que Maria nunca deixe faltar o vinho novo do amor entre o casal e com os filhos. Que a transformação da água em vinho, feito por Jesus, que seja uma motivação para que o casal e os filhos sempre coloquem toda sua contribuição (água) para que haja a transformação nesse vinho, que é o amor. As talhas são levadas pelos que serviam, o que diz muito da importância da Igreja, que proporciona os meios para auxiliar no caminho da realidade conjugal e familiar. Lembrando de que a mudança em nossas vidas é Deus quem realiza, sempre com apoio dos outros, e principalmente com a colaboração de cada um. Que o modelo da Sagrada Família seja guia para todas as famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, José Antonio; GARRIDO, Manuel. Iniciación a la liturgia de la Iglesia. Madrid: Editora Palavra, 1988.

ABCSALLES. La préparation du mariage catholique: conseils pour organiser une cérémonie respectant les rites et les enseignements de l'Église. Disponível em: La préparation du mariage catholique : conseils pour organiser une cérémonie respectant les rites et les enseignements de l'Église - ABC Salles. Acesso em: 03 jun. 2025.

ADNÈS, Pierre. El Matrimonio. 3ed. Barcelona: Herder, 1979.

ALDAZÁBAL, José. Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 2002.

AMIGO REVUELTO, Francisco. Los capítulos de nulidad matrimonial en el ordinamiento canónico vigente. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1987.

AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade. 4. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

BALTHASAR, Hans Urs Von. Teologia da História. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

BASÍLIO DE CESAREIA, Homilias sobre Lucas 12. Homilias sobre a origem do mundo. Tratado sobre o Espírito Santo. São Paulo: Paulus, 1999.

BECKHÄUSER, Alberto. Sacrosanctum Concilium: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012b.

BERCKHÄUSER, Frei Alberto. Símbolos Litúrgicos. Petrópolis: Vozes, 2010.

BENTO XVI. Carta apostólica Porta Fidei. Roma: 2011. Disponível em: Carta Apostólica sob forma de "Motu Proprio" Porta fidei com a qual se proclama o Ano da Fé (11 de outubro de 2011) | Bento XVI. Acesso em: 24 abr. 2025.

BENTO XVI. Carta encíclica Deus Caritas Est. Roma: 2005. Disponível em: Deus caritas est (25 de dezembro de 2005) | Bento XVI. Acesso em: 20 mar. 2025.

BENTO XVI. Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana. 22 jan. 2011. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (22 de janeiro de 2011) | Bento XVI. Acesso em: 05 dez. 2024.

BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis. Roma: 2007. Disponível em: Sacramentum Caritatis: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja (22 de fevereiro de 2007) | Bento XVI. Acesso em: 03 mar. 2025.

BENTO XVI. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Aparecida: 2007. Disponível em: Viagem Apostólica ao Brasil: Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe na Sala de Conferêncais do Santuário de Aparecida (13 de maio de 2007) | Bento XVI. Acesso em: 07 jul. 2025.

BISCHÖFLICHE GEMEINSCHAFT DER LITURGIEN (Ed.). Die Feier der Trauung: Ausgabe für Brautleute und Gemeinde. Ordo celebrandi Matrimonium (versio Germanica). Freiburg im Breisgau / Basiléia / Viena: Herder / Kath. Bibelwerk Stuttgart / Paulus Basel / Pustet Regensburg / St. Peter Salzburg, 1993 (2ª edição autêntica baseada na Editio typica altera de 1990).

BRICOUT, Hélène. Le mariage entre consentiment et bénédition: le sacrement et son ministre. Paris. Les Editions du Cerf, 2015.

BONHOEFFER, Dietrich. Gemeinsames Leben. München (Munique) : Chr. Kaiser Verlag, 1973.

BOVER, José María; O'CALLAGHAN, José. Nuevo Testamento Trilíngüe. Madrid: BAC, 2001.

BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BISCONTIN, Chino. Pregar a Palavra. A ciência e a arte da pregação. Brasília: Edições CNBB, 2015.

BOBBIO, Alberto. Igreja e matrimônio, uma história longa cinco séculos. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553377-igreja-e-matrimonio-uma-historia-longa-cinco-seculos. Acesso em: 8 mai. 2020.

BORSATO, Battista. O sacramento do matrimônio: Caminho de redescoberta. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

BOROBIO, Dionisio. Pastoral dos Sacramentos. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOSELLI, Goffredo. O sentido espiritual da liturgia. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.

BORN, A. Van Den. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOSELLI, Goffredo. O sentido espiritual da liturgia. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.

BUCCIOL, Dom Armando. Sinais e símbolos, gestos e palavras na liturgia: para compreender e viver a liturgia. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CATECISMO da Igreja Católica. Brasília: CNBB, 2013.

CAROLI, Ernesto. Fonti Franciscane. Padova: Editrice Franciscane, 2004. Disponível em: FONTI. FRANCESCANE. Nuova Edizione. Scritti E Biografie Di San Francesco D' Assisi 2004: Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive. Acesso em: 24 abr. 2025.

CECHINATO, Luiz. A Missa parte por parte. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

CERIMONIAL DOS BISPOS. São Paulo: Paulus, 1988.

CIRILO DE JERUSALÉM; AMBRÓSIO DE MILÃO. Catequeses Mistagógicas; De Sacramentis; De Mysteriis. (Coleção Patrística, vol. 7). São Paulo: Paulus, 2007.

CHAUVET, Louis-Marie. Symbole et sacrament : une relecture sacramentelle de l'existence chrétienne. Les editions du CERF, Paris 1990.

CHAUVET, Louis-Marie. Símbolo e Sacramento: uma releitura sacramental da existência cristã. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

CHIAPETTA, Luigi. Il matrimonio nella nuova legislazione canonica corcordataria. Roma: Ed. Dehoniane, 1990.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A VIDA E A FAMÍLIA CNBB. Diretório da Pastoral familiar. Documentos da CNBB – 79. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A reciprocidade entre a fé e os sacramentos na economia sacramental. Disponível em: A reciprocidade entre fé e os sacramentos na economia sacramental (2020). Acesso em: 22 nov. 2024.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja. 2 mar. 2018. Disponível em: A sinodalidade na vida e na missão da Igreja (2 de março de 2018) . Acesso em: 05 de mai. 2025.

CONCÍLIO DE LATRÃO IV. Cânon 51 (1215). In: DENZINGER, Heinrich. Enchiridion Symbolorum. 43. ed. Freiburg: Herder, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição conciliar Sacrosanctum Concilium. Roma: 1963. Disponível em: Sacrosanctum Concilium. Acesso em: 20 jul. 2025

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática Lumen Gentium. Roma: 1964. Disponível em: Lumen gentium. Acesso em: 24 abr. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral Gaudium et Spes. Roma: 1965. Disponível em: Gaudium et spes. Acesso em: 29 jul. 2025.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Guia de preparação para a vida matrimonial: encontros para noivos. Setor Família e Vida. Brasília: Edições CNBB, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Campanha da Fraternidade 1994: a fraternidade e a família. Brasília: Edições CNBB, 1994.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Guia litúrgico-pastoral. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017c.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Pastoral familiar no Brasil. Estudos da CNBB – 65. Brasília: Edições CNBB, 1993.

CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA (CEI). Evangelizzazzione e sacramento del matrimonio. Notiziario della Conferenza Episcopale Italiana a cura della Segretaria generale, 30 giugno 1975. Disponível em: Evangelizzazione.e.sacramenti_Documento_12.7.1973.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. Nota sobre alguns aspectos da evangelização. Roma: 2007. Disponível em: Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização. Acesso em: 10 jul. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. Instrução Dignitas personae. Roma: 2008. Disponível em: Dignitas Personae - Introdução sobre algumas questões de Bioética, Congregação para a Doutrina da Fé. Acesso em: 30 jul. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Diretório Homilético. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Introdução ao Lecionário da Missa: preliminares. Disponível em: Lec_preliminares.pdf. Acesso em: 17 mar. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Redemptionis Sacramentum. Roma: 2004. Disponível em: Redemptionis Sacramentum. Acesso em: 29 jul. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Pontifical Romano: dedicação da Igreja e do altar. São Paulo: Paulus, 1990.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Pontifical Romano: ordenação do bispo, dos presbíteros e diáconos. São Paulo: Paulus, 1992.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Celebração das bençãos. Disponível em: https://www.liturgia.pt/rituais/Bencaos.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

CONGREGATION FOR CATHOLIC EDUCATION. The identity of the catholic school for a culture of dialogue. Vatican City: 2025. Disponível em : Instruction "The Identity of the Catholic School for a Culture of Dialogue (25 January 2022) . Acesso em : 11 de mai. 2025.

COSTA, Manuel Joaquim. Ritualidade simbólica e incarnação da fé. Theologica, 42 (1), 2007, p. 53-65. Disponível em: https://doi.org/10.34632/theologica.2007.1301. Acesso em: 07 jul 2025.

CULLMANN, OSCAR. Christ et le temps: temps et histoire dans le christianisme primitif. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1947.

DEBERNARDO, Francis. Potência transformadora e conservadorismo num mesmo ato. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2016, p. 45. Entrevista concedida a João Vitor Santos. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao483.pdf. Acesso em: 03 jul. 2020.

DE ALMEIDA. André Luiz Boccato. Santo Tomás de Aquino na Amoris Laetitia: repropondo uma antropologia teológica da alegria. Revista Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, jan./abr. 2018, p. 135-161. DOI: https://doi.org/10.20911/21768757v50n1p135/2018. Disponível em: Vista do SANTO TOMÁS DE AQUINO NA AMORIS LAETITIA: REPROPONDO UMA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA DA ALEGRIA. Acesso em: 30 jul. 2021.

DE ALMEIDA, Maria Nilsa. O que Deus não uniu o homem pode separar. São Paulo: Loyola, 2010.

DE LUBAC, Henri. Aspectos sociales del dogma. Disponível em: Chapter 7: Capítulo III: Los Sacramentos - Catolicismo: Aspectos sociales del dogma. Acesso em: 07 jul. 2025.

DE LUBAC, Henri. Catholicisme: les aspects sociaux du dogme. Paris: Éditions Spes, 1938.

DE LUBAC, Henri. Méditation sur l'Église. Paris: Fayard (FV), 1968.

DÍAZ, Ary Waldir Ramos. O que é a família para o Papa Francisco? Aleteia, 2014. Disponível em: O que é a família para o Papa Francisco? (aleteia.org) . Acesso em: 09 mai. 2021.

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. Itinerários catecumenais para a vida matrimonial: orientações pastorais para as Igrejas particulares. Documento da Igreja – 68. Brasília: Edições CNBB, 2022.

DOCUMENTO DE PUEBLA III. Conferencia general del episcopado Latinoamericano. Puebla: 2007. Disponível em: Documento de Puebla. III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Acesso em: 07 ju. 2025.

DOCUMENTS REQUIRED TO GET MARRIED IN A CATHOLIC CHURCH. Disponível em: Documents Required To Get Married In A catholic Church. Acesso em: 03 jun. 2025.

PAULO VI. Carta encíclica Humanae Vitae. Roma: 1968. Disponível em: Humanae Vitae (25 de julho 1968) | Paulo VI. Acesso em: 30 jul. 2025.

PAULO VI. Constituição apostólica Missale Romanum. Roma: 1969. Disponível em: Missale Romanum (3 de abril de 1969) | Paulo VI. Acesso em: 24 abr. 2025.

PAULO VI. Declaração Gravissimum Educationis. Roma: 1965. Disponível em: Gravissimum educationis. Acesso em: 16 nov. 2024.

PAULO VI. Discurso do Papa Paulo VI na clausura da segunda sessão do concílio ecumênico Vaticano II. Roma: 1964. Disponível em: Solene encerramento da II Sessão do Concílio Vaticano II (4 de dezembro de 1963) | Paulo VI. Acesso em: 14 nov. 2023.

DENZINGER, Heinrich; HUNERMANN, Peter. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. São Paulo: Loyola, 2007.

D´OSTILIO, Francesco. Prontuario del codice de diritto canonico: tavole sinotiche. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994.

FAMÍLIA EM QUESTÃO. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v. 47, n. 131, p. 7-12, jan./abr. 2015. DOI: https://doi.org/10.20911/21768757v47n131p7/2015. Disponível em: Vista do FAMÍLIA EM QUESTÃO. Acesso em: 17 mai. 2021.

FERNÁNDEZ, Aurelio. Teología moral II: moral de la persona y de la familia. 3a. ed. Burgos: Gesedi, 2001.

FERNÁNDEZ CASTAÑO, José Manuel. Legislación matrimonial de la Iglesia. Salamanca: San Esteban, 1994.

FIEDLER, Emil. Christliche Opferfeier: Gedanken zum Mysterium der Messe. Munique: Ars acra, 1937.

FORNÉS, Juan. Derecho matrimonial canónico. Madrid: Tecnos, 2018.

FRANÇA, Luiz de. Manual de Redação Jurídica. São Paulo: Malheiros, 2003.

FRANCISCO. Aprender a vivir los momentos de crisis. Homilia del Santo Padre Francisco. 2 may. 2020. Disponível em: Aprender a vivir los momentos de crisis (2 de mayo de 2020) | Francisco. Acesso em: 03 jun. 2025.

FRANCISCO. Audiência geral. 14 abr. 2014. Disponível em: Audiência Geral de 29 de abril de 2015 | Francisco. Acesso em: 22 nov. 2024.

FRANCISCO. Audiência aos membros da Associação Retrouvaille. 6 nov. 2021. Disponível em: Aos membros da Associação "Retrouvaille" (6 de novembro de 2021) | Francisco. Acesso em 17 jan. 2025.

FRANCISCO. Audiência geral. 29 abr. 2015. Disponível em: Audiência Geral de 29 de abril de 2015 | Francisco. Acesso em: 22 nov. 2024.

FRANCISCO. Audiência geral. 6 mai. 2015. Disponível em: Audiência Geral de 6 de maio de 2015 | Francisco. Acesso em: 28 nov. 2024.

FRANCISCO. Audiência geral. 27 mai. 2015. Disponível em: Audiência Geral de 27 de maio de 2015 | Francisco. Acesso em: 31 dez. 2024.

FRANCISCO. Audiência geral. 24 jun. 2015. Disponível em: Audiência Geral de 24 de junho de 2015 | Francisco. Acesso em: 30 jul. 2025.

FRANCISCO. Audiência geral. 29 jul. 2025. Disponível em: Audiência Geral de 20 de maio de 2015 | Francisco. Acesso em: 29 jul. 2025.

FRANCISCO. Audiência geral. 5 ago. 2015. Disponível em: Audiência Geral de 5 de agosto de 2015 | Francisco. Acesso em: 30 jul. 2025.

FRANCISCO. Carta apostólica Patris Corde. Roma: 2020. Disponível em: Carta Apostólica Patris corde por ocasião do 150º aniversário da declaração de São José como Padroeiro da Igreja Universal (8 de dezembro de 2020) | Francisco. Acesso em: 06 dez. 2024.

FRANCISCO. Catequese (10 de junho de 2015). In: L'Osservatore Romano (edição semanal portuguesa de 11/VI/2015).

FRANCISCO. Catequese sobre os Mandamentos, 11/A: Não cometerás adultério. 24 out. 2018. Disponível em: Audiência Geral de 24 de outubro de 2018 - Os Mandamentos 11/A | Francisco. Acesso em: 05 de mai. 2025.

FRANCISCO. Carta encíclica Lumen Fidei. Roma: 2013. Disponível em: Carta Encíclica Lumen fidei (29 de junho de 2013) | Francisco. Acesso em: 16 nov. 2024.

FRANCISCO. Carta apostólica en forma de motu próprio del Sumo Pontífice Traditionis Custodes. Roma: 2021. Disponível em: Carta apostólica en forma de Motu proprio Traditionis custodes sobre el uso de la liturgia romana anterior a la reforma de 1970 (16 de julio de 2021) | Francisco. Acesso em: 23 abr. 2025.

FRANCISCO. Carta apostólica Desiderio desideravi. Roma: 2022. Disponível em: Carta Apostólica Desiderio desideravi sobre a formação litúrgica do povo de Deus (29 de junho de 2022) | Francisco Acesso em: 30 jul. 2025.

FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco ao Congresso da Diocese de Roma. Roma: 2015. Disponível em: Ao Congresso da Diocese de Roma (14 de junho de 2015) | Francisco. Acesso em: 29 jul. 2025.

FRANCISCO. É preciso lutar contra o mundanismo espiritual e o clericalismo. Carta do Papa Francisco aos presbíteros de Roma. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo: 2023. Disponível em: "É preciso lutar contra o mundanismo espiritual e o clericalismo." Carta do Papa Francisco aos presbíteros de Roma - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 19 jan. 2024.

FRANCISCO. Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana. 21. jan. 2017. Disponível em Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (21 de janeiro de 2017) | Francisco. Acesso em: 15 de mai. 2025.

FRANCISCO. Discurso aos participantes no curso sobre o novo processo matrimonial. 25 fev. 2017. Disponível em: Aos participantes no curso sobre o novo processo matrimonial (25 de fevereiro de 2017) | Francisco. Acesso em: 05 mai. 2025.

FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos noivos que se preparam para o matrimonio. 14 fev. 2014. Disponível em: Aos noivos que se preparam para o matrimônio (14 de fevereiro de 2014) | Francisco. Acesso: 31 dez. 2024.

FRANCISCO. Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana. 22 jan. 2016. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (22 de janeiro de 2016) | Francisco. Acesso em: 22 nov. 2024.

FRANCISCO. Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana. 25 jan. 2020. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana (25 de janeiro de 2020) | Francisco. Acesso em: 15 de mai. 2025.

FRANCISCO. Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana. 29 jan. 2018. Disponível em: Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal Apostólico da Rota Romana (29 de janeiro de 2018) | Francisco. Acesso em: 05 mai. 2025.

FRANCISCO. Discurso aos participantes no curso de formação promovido pelo Tribunal da Rota Romana. Roma: 2018. Disponível em: Aos participantes no Curso de formação sobre matrimônio e família promovido pelo Tribunal da Rota Romana (Basílica de São João de Latrão, 27 de setembro de 2018) | Francisco. Acesso em: 05 maio. 2025.

FRANCISCO. Exortação apostólica pós-sinodal Amoris L*æ*titia. Roma: 2016. Disponível em: "Amoris laetitia": Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família (19 de março de 2016) | Francisco. Acesso em: 04 mar. 2025.

FRANCISCO. Exortação apostólica Evangelii Gaudium. Roma: 2013. Disponível em: "Evangelii Gaudium": Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24 de novembro de 2013) | Francisco. Acesso em: 13 mar. 2025.

FRANCISCO. Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit. Loreto: 2019. Disponível em: "Christus vivit": Exortação Apostólica pós-sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus (25 de março de 2019) | Francisco. Acesso em: 16 nov. 2024.

FRANCISCO. Exhortación apostólica postsinodal Christus vivit. Loreto: 2019. Disponível em: Christus vivit: Exhortación apostólica postsinodal a los jóvenes y a todo el Pueblo de Dios (25 de marzo de 2019) | Francisco. Acesso em: 11 de mai. 2025.

FRANCISCO. Discurso na Festa das Famílias e Vigília de Oração. Filadélfia, 26 set. 2015. L'Osservatore Romano (edição semanal portuguesa de 08/X/2015).

FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco a Loreto. Loreto: 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190325_visita-loreto.html. Acesso em: 15 abr. 2025.

FRANCISCO. Encontro com os voluntários da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: Encontro com os Voluntários da XXVIII JMJ no Pavilhão 5 do Rio Centro (Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013) | Francisco. Acesso em: 11 de mai. 2025.

FRANCISCO. Exortação apostólica Gaudete et exultate. Roma: 2018. Disponível em: "Gaudete et exsultate": Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual (19 de março de 2018) | Francisco (vatican.va). Acesso em: 29 out. 2024.

FRANCISCO. Magnum Principium: carta apostólica em forma de "motu proprio" com a qual modificou o cân. 838 do Código de Direito Canônico. 3 set. 2017. Brasília: Edições CNBB, 2017.

FRANCISCO, Papa. A Santa Missa. São Paulo: Paulus, 2018.

GERHARDS, Albert; KRANEMANN, Benedikt. Introdução à liturgia. São Paulo: Loyola, 2012.

GHIRLANDA, Gianfranco. O Direito na Igreja: mistério de comunhão: compendio de direito eclesial. Aparecida-SP: Santuário, 2003.

GORDO, Jesús Martínez. Adeus à contrarreforma litúrgica. Sobre a carta apostólica "Desiderio desideravi", do Papa Francisco. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2023. Disponível em: Adeus à contrarreforma litúrgica! Sobre a carta apostólica "Desiderio desideravi", do Papa Francisco. Artigo de Jesús Martínez Gordo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 11 jul. 2023.

GRILLO, Andrea. A liturgia e o desejo de comunhão: sobre "Desiderio desideravi" do Papa Francisco. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2022. Disponível em: A liturgia e o desejo de comunhão: sobre "Desiderio desideravi" do Papa Francisco - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 06 mar. 2024.

GRILLO, Andrea. Qual matrimônio e qual tradição? Artigo de Andrea Grillo. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2014. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/?id=537147. Acesso em: 10 ago. 2022.

GRILLO, Andrea. O rito em "Desiderio desideravi": algumas questões. Artigo de Andrea Grillo. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2022. Disponível em: O rito em "Desiderio Desideravi": algumas questões. Artigo de Andrea Grillo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso 01 mar. 2024.

GRILLO, Andrea. O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitas Humanae e Amoris Laetitia. Instituto Humanitas Unisinos. Cadernos Teologia Pública. São Leopoldo, v. 13, ano XIII, nº 111, 2016, p. 2-38. Disponível em: número 111 - capa.cdr. Acesso em: 18 ago. 2025.

GRILLO, Andrea. Ritos que educam. Os sete sacramentos. Brasília: CNBB, 2017.

GUARDINI, Romano. As idades da vida: o seu sentido ético e pedagógico. São Paulo: Quadrante, 1990.

GUARDINI, Romano. El contraste: ensayo de una filosofía de lo viviente-concreto. Madrid: BAC, 1996.

GUARDINI, Romano. El talante simbólico de la liturgia. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2001.

GUARDINI, Romano. Cartas de formação. Lisboa: Editorial Aster, 1960.

GUARDINI, Romano. Ética: lecciones en la Universidad de Munich. Madrid: BAC, 2010.

GUARDINI, Romano. Formação Litúrgica. Curitiba: Carpintaria, 2023.

GUARDINI, Romano. Formazione Liturgica. Brescia: Morcelliana, 2022.

GUARDINI, Romano. Introdução à vida de oração. São Paulo: Cultor de livros, 2018.

GUARDINI, Romano. Liturgische Bildung (1923). In: GUARDINI, Romano. Liturgie und liturgische Bildung. Mainz: Matthias-Grünewald-Verlag, 1992.

GUARDINI, Romano. O Espírito da liturgia. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942.

GUARDINI, Romano. O fim dos tempos modernos. Rio de Janeiro: Livraria Morais Editora, 1964.

GUARDINI, Romano. Sentido de la Iglesia. San Sebastián: Dinor, 1958.

GUARDINI, Romano. Os sinais sagrados. São Paulo: Quadrante, 1993.

GUARDINI, Romano. The Lord. Washington, DC: Gateway Editions, 1996.

GRÜN, Anselm. El matrimonio: bendición para la vida en común. Madrid: San Pablo, 2002.

GRÜN, Anselm; SCHWARZ, Andrea. Chamados a viver o Evangelho. Petrópolis: Vozes, 2008.

HÄRING, Bernhard. Sociologia della famiglia. Roma: Edizioni Paoline, 1962.

HENRIQUES, Orlando José Guerra. Matrimónio. A sacramentalidade de um sacramento diferente. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa. Porto, 2014.

HORTAL, Jesús. Casamentos que nunca deveriam ter existido: uma solução pastoral. 16a. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

HORTAL, Jesús. O que Deus uniu: lições de direito matrimonial canônico. São Paulo: Loyola, 2016.

IECLB E CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. Batismo, Eucaristia, Ministério – Convergência na fé. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/batismo-eucaristia-ministerio-convergencia-da-fe-7. Acesso em: 28 dez. 2020.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Cartas de Santo Inácio de Antioquia. Tradução de Paulo Evaristo Arns. São Paulo: Paulus, 2023

IRENEU DE LIÃO. Contra as heresias. São Paulo: Paulus, 1996.

JOHN XXIII. Mater et magistra encyclical of Pope John XXIII on christianity and social progress. Roma: 1961. Disponível em: Mater et Magistra (May 15, 1961) | John XXIII. Acesso em: 11 de mai. 2025.

JOÃO PAULO II. Carta encíclica Ecclesia in Eucharistia. Roma: 2003. Disponível em: Ecclesia de Eucharistia (17 de abril de 2003) | João Paulo II. Acesso em: 22 abr. 2025.

JOÃO PAULO II. Carta encíclica Evangelium Vitae. Roma: 1995. Disponível em: Evangelium Vitae (25 de março de 1995) | João Paulo II. Acesso em: 30 jul. 2025.

JOÃO PAULO II. Carta às famílias - Gratissimam Sane. Roma: 1994. Disponível em: Cartas às Famílias (2 de Fevereiro de 1994) | João Paulo II. Acesso em: 16 nov. 2024.

JOÃO PAULO II. Código de Direito Canônico. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2013.JOÃO PAULO II. Código dos Cânones das Igrejas Orientais. Vaticano, 1990.

JOÃO PAULO II. Discurso do Papa João Paulo II a dois grupos internacionais de cientistas. 3 de nov. de 1979, n. 3. Disponível em: Aos membros de dois Grupos Internacionais de Pesquisas (3 de novembro de 1979) | João Paulo II. Acesso em: 04 mar. 2025.

JOÃO PAULO II. Evangelium Vitae: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Paulinas, 1995.

JOÃO PAULO II. Exortação apostólica Familiaris Consortio. Roma: 1981. Disponível em: Familiaris Consortio (22 de novembro de 1981) | João Paulo II. Acesso em: 30 jul. 2025.

JOÃO PAULO II. Exortação apostólica Vita Consecrata. Roma: 1996. Disponível em: Vita Consecrata (25 de março de 1996) | João Paulo II. Acesso em: 03 jul. 2025.

JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal Ecclesia in Oceania. Roma: 2001. Disponível em: Ecclesia in Oceania (22 de novembro de 2001) | João Paulo II. Acesso em: 20 jul. 2025.

JOÃO PAULO II. Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino. Campinas: Ecclesiae, 2005.

JOÃO PAULO II. Homilia em Córdoba (8 abr. 1987), n. 4: Insegnamenti 10/1 (1987), 1161-1162; L'Osservatore Romano (ed. portuguesa, 8/V/1987), 6.

JUNGMANN, Josef Andreas. Missarum Sollemnia. São Paulo: Paulus, 2009.

KASLYN, Robert J. Matrimônio, Papa Francisco, Direito Canônico: 21 perguntas para um jesuíta canonista. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2015. Entrevista concedida a Sean Salai. Disponível em: Matrimônio, Papa Francisco, Direito Canônico: 21 perguntas para um jesuíta canonista - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 08 mai. 2021.

KUZMA, Cesar. O sentir da ternura: o sínodo sobre a família e suas implicações teológicas e pastorais. Revista Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v. 47, n. 131, jan./abr. 2015, p. 13-36. DOI: https://doi.org/10.20911/21768757v47n131p13/2015. Disponível em: Vista do O SENTIR DA TERNURA: O SÍNODO SOBRE A FAMÍLIA E SUAS IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS E PASTORAIS. Acesso em: 30 jul. 2021.

LAURENTIN, René. Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica: vida e estruturas na Igreja. vol. IV/6. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEÃO MAGNO. Sermões. São Paulo: Paulus, 1996.

LIGIER, Louis. Il matrimonio, questioni teologiche e pastorali, Roma: Città Nuova, 1988.

LITURGIA DAS HORAS SEGUNDO O RITO ROMANO. 2ª edição típica. V. 1. Tempo do Advento e Tempo do Natal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999.

LLANO CINFUENTES, Rafael. Novo direito matrimonial canónico. Rio de Janeiro: Marcos Saraiva, 1990.

LURKER, Manfred. Wörterbuch biblischer Bilder und Symbole. München: Kösel-Verlag, 1973.

MAGISTER, Sandro. Matrimônio indissolúvel? Sim, mas para uns poucos escolhidos. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2016. Reportagem de Andrea Tornielli. Disponível em: Matrimônio indissolúvel? Sim, mas para uns poucos escolhidos - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 30 jun. 2025.

MARRIAGE AND FAMILY LIFE MINISTRIES. Marriage preparation. Disponível em: Marriage Preparation | USCCB. Acesso em: 03 jun. 2025.

MARIN, Stephen. Sacred Music in America: religion, music and public culture. Urbana e Chicago: University of Illinois, 2003.

MARSILI, Salvatore. La liturgia, momento storico della salvezza: panorama storico generale. Roma: Marieti, 1979.

MIRALLES, ANTONIO. Il matrimonio: teologia e vita. San Paolo: Cinisello Balsamo, 1996.

MISSAL ROMANO. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1992.

MISSALE ROMANUM. Editio Typica Tertia. Typis Vaticanis, MMVIII.

MISSALE ROMANUM. Lectionarium III – Pro missis de sanctis, ritualibus, ad diversa, votivis et defunctorum. Editio Typica. Typis Polyglottis Vaticanis: MCMLXXII.

MISSALE ROMANUM. Ordo Lectionum Missæ. Editio typica altera. Libreria Editrice Vaticana: MCMLXXXI.

MISSÃO CASAIS RESTAURADOS. Eucaristia e matrimônio: dois sacramentos uma aliança. 25 jun. 2016. Disponível em: EUCARISTIA E MATRIMÔNIO: DOIS SACRAMENTOS UMA ALIANÇA. – Missão Casais Restaurados. Acesso em: 31 dez. 2024.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. Dogmática católica: teoria e prática da teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

NIELEN, Johannes Maria. Gebet und Gottesdienst im Neuen Testament. Freiburg: Herder, 1937.

NOCENT, Adrien. O matrimônio cristão. In: NOCENT, Adrien et al. Os Sacramentos: teologia e história da celebração. São Paulo: Paulinas, 1989.

OLIVEIRA, Luís. A Celebração do Matrimónio no actual Rito Romano. Novellae Olivarum. Lisboa, n. 31, p. 38-49, 2005. Disponível em: http://monsenhorpereiradosreis.pt/textos/a-celebracao-do-matrimonio-no-actual-rito-romano/. Acesso em: 27 jan. 2021.

PANI, Giancarlo. Concílio de Trento não condenou a prática oriental sobre o matrimônio. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2014. Reportagem de Andrea Tornielli. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/535874-o-concilio-de-trento-nao-condenou-a-pratica-oriental-sobre-o-matrimonio. Acesso em: 28 dez. 2020.

PARANHOS, Washington. A formação para a liturgia e a formação pela liturgia. Desiderio Desideravi – FAJE. Disponível em: A formação para a Liturgia e a formação pela Liturgia – Portal FAJE (faculdadejesuita.edu.br). Acesso em: 21 fev. 2023.

PAULO VI. Declaração Gravissimum Educationis. Roma: 1965. Disponível em: Gravissimum educationis. Acesso em: 16 nov. 2024.

PAULO VI. Decreto *Apostolicam actuositatem.* Vaticano: 1965. Disponível em: Apostolicam actuositatem. Acesso em: 21 jul. 2025.

PIO XII. Carta encíclica Mediator Dei. Roma: 1947. Disponível em: Mediator Dei (20 de novembro de 1947) | PIO XII. Acesso em: 23 abr. 2025.

PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. Deus no matrimônio. In: Dicionário teológico o Deus Cristão. São Paulo: Paulus, 2014.

PHILIPPE, Jacques. A verdadeira misericórdia. São Paulo: Quadrante, 2016.

PRÉTOT, Patrick. Papa Francisco fez um tratado de teologia da liturgia com Desiderio desideravi, afirma o monge Beneditino Patrick Pretot. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2022. Entrevista concedida a Loup Besmond de Sennellive. Disponível em: Papa Francisco fez um "tratado sobre a teologia da liturgia" com Desiderio desideravi, afirma o monge beneditino Patrick Prétot - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 29 fev. 2024.

PONTIFICIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio da doutrina social da Igreja. São Paulo: Paulina, 2005.

PONTIFICIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio da doutrina social da Igreja. Disponível em: Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Acesso em: 03 mar. 2025.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. Sexualidade humana: verdade e significado. Orientações educativas em família. Vaticano: 1995. Disponível em: Sexualidade Humana: verdade e significado - Orientações educativas em família (8 de dezembro de 1995) (vatican.va) . Acesso em: 19 mar. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. Preparação para o sacramento do matrimônio. Vaticano: 1996. Disponível em: Preparação para o sacramento do matrimônio (13 de maio de 1996) (vatican.va). Acesso em 02 nov. 2024.

PUNTOFAMIGLIA.NET. Come accompagnare i fidanzati al matrimonio? Un percorso che nasce dall'esperienza! 27 apr. 2017. Disponível em: Come accompagnare i fidanzati al matrimonio? Un percorso che nasce dall'esperienza! - Punto Famiglia. Acesso em: 03 jun. 2025.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE SACRAMENTOS E SACRAMENTAIS. Formação - Canção Nova. Disponível em: Qual a diferença entre sacramentos e sacramentais? Acesso em: 29 abr. 2025.

PRESBITERAL. Ritual do Matrimonio. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

RATZINGER, Joseph. Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger decano do Colégio Cardinalício. 18 de abr. 2005. Disponível em: Missa pro eligendo pontifice. Acesso em: 09 jun. 2025.

RATZINGER, Joseph. Henri de Lubac e a Igreja do "nós." Artigo de Joseph Ratzinger. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2022. Disponível em: Henri de Lubac e a Igreja do "nós." Artigo de Joseph Ratzinger - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 07 jul. 2025.

RATZINGER, Joseph (Bento XVI). Introdução ao Espírito da Liturgia, 4ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 2013.

REESE, Tomás. Desiderio desideravi e a questão da Eucaristia: sacramento da unidade e fonte de divisão. Instituto Humanitas Unisinos. 09 jul. 2023. Disponível em: Desiderio desideravi e a questão da Eucaristia: sacramento da unidade e fonte de divisão. Artigo de Thomas Reese - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 12 jul. 2023.

RIBEIRO, Luis. A liturgia, momento da história da salvação. Fátima, 17 de setembro de 1985, p. 29-43. Disponível em: RIBEIRO_Luis_A_liturgia_momento_da_historia_da_salvacao.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

RITUAL DA PROFISSÃO RELIGIOSA. In: PONTIFICAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2000.

RITUAL DE DEDICAÇÃO DE IGREJA E DE ALTAR. In: PONTIFICAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2000.

RITUAL ROMANO. Celebrações de bençãos. Disponível em: Bencaos.indb. Acesso em: 10 dez. 2024.

RITUAL ROMANO. Ritual do Batismo. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1999.

RITUAL ROMANO. Ritual do Matrimônio. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1993.

RITUALE ROMANUM. Ordo Celebrandi Matrimonium. Editio typica altera. Typis Vaticanis, 1991.

Rocchetta, Carlo. Il sacramento della coppia, Bologna: EDB, 1996.

ROUDINESCO, Elisabeth. A família em desordem. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RUSH, Alfred C. *Death as a Spiritual Marriage: individual and ecclesial eschatology*. Vigiliae Christianae, Leiden: Brill, v. 26, n. 1-4, jan. 1972, p. 81–101.

SACRA CONGREGATIO PRO CULTO DIVINO. Notiti*æ*, 83, maio, V. 9. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 1973.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. Musicam Sacram. In: DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

SACRAMENTÁRIO DE VERONA. (Leoniano) : ed. C. Roma: Mohlberg, 1956. SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. Ritual de Sacramentos e Sacramentais: texto oficial. Rio de Janeiro: CNBB, 1965.

SALVE A LITRUGIA. Bênção da Casa na Solenidade da Epifania do Senhor. Disponível em: Salvem a Liturgia!: Bênção da Casa na Solenidade da Epifania do Senhor. Acesso em: 30 jul. 2025.

SANTA ROSA MATOS, Marcos Paulo. “Oralidade e escritura no ritual do Matrimônio.” Revista Letrando. Paripiranga, v. 4, p. 41-54, jan. /jun. 2016. Disponível em: D07.Marcos.pdf (revistaletrando.com.br). Acesso em: 12 jun. 2024.

SANTA ROSA MATOS, Marcos Paulo. “Yo los declaro marido y mujer”: reflexiones sobre el discurso heteronormativo en el ritual matrimonial de la Iglesia Católica. Nómadas. Critical Journal of Social and Juridical Sciences, 35 (3) , 375-426, 2013. DOI:

https://doi.org/10.5209/rev_NOMA.2012.v35.n3.42208. Disponível em: Vista de “Yo los declaro marido y mujer”: reflexiones sobre el discurso heteronormativo en el ritual matrimonial de la Iglesia Católica. Acesso em: 21 jul. 2024.

SANTO AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Paulus, 2015.

SANTO AGOSTINHO. Dos bens do matrimonio. A santa virgindade. Dos bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana. São Paulo: Paulus, 2015.

SANTO AGOSTINHO. In Joannis Evangelium Tractatus VI, c. I, n. 7: PL 35, 1428. Disponível em: In Evangelium Ioannis tractatus (ed. Migne) /1 - Wikisource. Acesso em: 24 abr. 2025.

SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Romanos. Disponível em: Santo Inácio de Romanos. Acesso em: 23 abr. 2025.

SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios. Capítulo 7. Versículo 8. Patres Apostolici, I. Tubinga: Franz Xaver Funk, 1901.

SÃO BOAVENTURA. Obras escolhidas. Porto Alegre: Sulina, 1983.

SARAH, ROBERT. A força do silêncio: contra a ditatura do ruído. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

SARMIENTO, Augusto Franco. El matrimonio cristiano. Pamplona: EUNSA, 1997.

SCHNEIDER, Theodor (org.). Manual de Dogmática. vol. II. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHMEMANN, Alexander. For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy. Crestwood, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 2004.

SCHMEMANN, Alexander. Pela vida do mundo. Disponível em: Pela Vida do Mundo. Acesso em: 07 jul. 2025.

SCOLA, Angelo. «Il matrimonio e la famiglia nell’esperienza di un Vescovo». 17 giugno 2015. Disponível em: «Il matrimonio e la famiglia nell’esperienza di un Vescovo» - Angelo Scola. Acesso em: 15 ago. 2025.

SCOLA, Angelo. Matrimonio e famiglia tra antropologia ed Eucaristia. Note in vista dell’Assemblea Straordinaria del Sinodo dei Vescovi sulla Famiglia. Angelo Scola, Arcivescovo di Milano, p. 1-9. Disponível em: Matrimonio e famiglia tra antropologia e Eucaristia. Acesso em: 17 ago. 2025.

SCOLA, Angelo. “Tra la fede e il matrimonio riflessione ferma da secoli. Ora é urgente ripensarla.” Entrevista de Luciano Moia. Catholica 21. 20 settembre 2015. Disponível em: Avvenire_20_09_15_Scola_tra_fede_e_matrimonio_riflessione_ferma_da_secoli_ora_e_urgente _ripensarla.pdf. Acesso em: 09 ago. 2025.

SERTILLANGES, Antonin. L'amour chrétien. Paris: Gabalda, 1919.

SESBOUÉ, Bernard. Pensar e viver a fé no terceiro milênio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2001.

SESBOUÉ. Bernard. (Org.) Os sinais da salvação: os sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria. São Paulo: Loyola, 2005.

SÍNODO DOS BISPOS. Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização: Instrumentum laboris. Vaticano, 2014. Disponível em: Instrumentum Laboris - Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização (26 de junho de 2014) . Acesso em: 18 jul. 2025.

SÍNODO DOS BISPOS. A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. *Relatório Final ao Santo Padre Papa Francisco.* Vaticano: 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html. Acesso em: 7 jul. 2025.

STEVENSON, Kenneth W. *Nuptial Blessing: A Study of Christian Marriage Rites*. Londres: Alcuin Club/SPCK, 1982.

TABORDA, Francisco. Matrimônio - Aliança - Reino: para uma teologia do matrimônio como sacramento. 2a. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

TABORDA, Francisco. O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2015.

THE ROMAN RITUAL. The Order of Celebrating Matrimony. Second Latin Typical Edition. Collegeville (Minnesota): Liturgical Press, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

TRESE, Leo. J. A fé explicada. 7a.ed. São Paulo: Quadrante, 1999.

VAGAGGINI, Cipriano. O sentido teológico da liturgia. São Paulo: Loyola, 2009.

VIDAL, Marciano. O matrimônio: entre o ideal cristão e a fragilidade humana. 2a. ed. Aparecida: Santuário, 2007.

WINTERS, Michael Sean. Desiderio desideravi. A nova carta apostólica do Papa Francisco é mais do guerras litúrgicas. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2022. Disponível em: Desiderio desideravi. A nova carta apostólica do Papa Francisco é mais do que "guerras litúrgicas" - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 23 jul. 2023.